

A PENÍNSULA IBÉRICA E O NORTE DE ÁFRICA

(séculos XV a XVII). História e Património

THE IBERIAN PENINSULA AND NORTH AFRICA

(15th to 17th centuries). History and Heritage



A PENÍNSULA IBÉRICA E O NORTE DE ÁFRICA

(séculos XV a XVII). História e Património

THE IBERIAN PENINSULA AND NORTH AFRICA

(15th to 17th centuries). History and Heritage

TÍTULO TITLE

A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património
The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage

COORDENADORES COORDINATORS

Jorge Correia, André Teixeira

AUTORES AUTHORS

Abdelatif El-Boudjay, Ahmed Boucharb, André Teixeira, Antonio Bravo Nieto, António Manuel Lázaro,
Cristóvão Fonseca, Edite Martins Alberto, Fernando Villada Paredes, Gonçalo C. Lopes, Indira Peixoto,
Joana Bento Torres, Jorge Correia, Luís Costa e Sousa, Luis Salas Almela, Maria Augusta Lima Cruz,
Sergio Ramírez González

TRADUÇÃO TRANSLATION

Armando Lucena

EDIÇÃO EDITION

CHAM – Centro de Humanidades / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Av. de Berna, 26C
1060-061 Lisboa

Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território / Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais
Campus de Gualtar
4710-057 Braga

Escola de Arquitetura
Campus de Azurém
4800-058 Guimarães



Laboratório de Paisagens,
Património e Território

COLECÇÃO COLLECTION

ArqueoArte, n.º 7

TIRAGEM

100 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

460012/19

ISBN

978-989-8492-68-5

GRAFISMO E PAGINAÇÃO GRAPHIC DESIGN

Joana Torgal / Canto Redondo

IMPRESSÃO PRINT

DPS

DATA DE EDIÇÃO FIRST PUBLISHED IN

Junho 2019 / June 2019

APOIOS SPONSORS



Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Os textos e imagens desta publicação não podem ser reproduzidos por qualquer processo digital, mecânico ou fotográfico.

Publicação subsidiada ao abrigo do projecto *Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/EPH-PAT/4174/2014).

Responsibility for the information and views set out in the articles lies entirely with the authors.

No part of this publication may be reproduced in any form or by any means, including photocopying, recording, or other electronic or mechanical methods.

The publication is subsidized by the project *Spaces and lifestyles from the Portuguese period in Northern Africa: cities and towns of the "Overseas Gharb" (15th to 17th centuries)*, financed by Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/EPH-PAT/4174/2014).

© CHAM, Lab2PT e Autores

ÍNDICE INDEX

- 05** **INTRODUÇÃO**
INTRODUCTION
Jorge Correia, André Teixeira
- 09** **A RIBEIRA DE ALCÁCER CEGUER**
ESTRUTURAS MILITARES E VIDA MARÍTIMA NOS SÉCULOS XIV-XVI
THE *RIBEIRA* OF KSAR SEGHIR
MILITARY STRUCTURES AND MARITIME LIFE IN THE 14TH TO 16TH CENTURIES
*André Teixeira, Abdelatif El-Boudjay, Gonçalo C. Lopes,
Joana Bento Torres, Cristóvão Fonseca*
- 37** **CONSTRUYENDO LA CIUDAD PORTUGUESA**
EN EL NORTE DE ÁFRICA (SIGLOS XV-XVI)
EL CASO DE CEUTA
BUILDING THE PORTUGUESE CITY
IN NORTH AFRICA (15TH-16TH CENTURIES)
THE CASE OF CEUTA
Fernando Villada Paredes
- 77** **A POLÍTICA MARROQUINA DE D. JOÃO II**
A PROPÓSITO DO EPISÓDIO DA GRACIOSA
THE MOROCCAN POLICY OF KING JOÃO II
THE GRACIOSA INCIDENT
Maria Augusta Lima Cruz, António Manuel Lázaro
- 107** **DA ARQUITETURA MILITAR DO PERÍODO**
PORTUGUÊS EM ARZILA, MARROCOS
MOMENTOS, INTERVENIENTES, SIGNIFICADOS
MILITARY ARCHITECTURE DURING THE
PORTUGUESE PERIOD IN ASILAH, MOROCCO
MOMENTS, PARTAKERS, MEANINGS
Indira Peixoto, Jorge Correia
- 139** **L'OUVERTURE D'UNE FACTORERIE À ASILAH (1520),**
D'APRÈS LE TÉMOIGNAGE DE BERNARDO RODRIGUES
THE OPENING OF A FACTORY IN ASILAH (1520),
ACCORDING TO THE TESTIMONY OF BERNARDO RODRIGUES
Ahmed Boucharb

- 151** "MELILLA, QUE ES EN LAS PARTES DE ÁFRICA"
Y LA CASA DE MEDINA SIDONIA
CONQUISTA, TENENCIA Y CESIÓN (1497-1556)
"MELILLA, QUE ES EN LAS PARTES DE ÁFRICA"
AND THE HOUSE OF MEDINA SIDONIA
CONQUEST, TENURE AND CESSION (1497-1556)
Luis Salas Almela
- 175** NAS FRONTEIRAS ENTRE O MUNDO CRISTÃO E MUÇULMANO
O CONVENTO DA TRINDADE DE CEUTA
ON THE BORDERS BETWEEN THE CHRISTIAN AND MUSLIM WORLDS
THE TRINITY CONVENT OF CEUTA
Edite Martins Alberto
- 191** LA FUNCIÓN DE LAS TORRES O FUERTES EXTERIORES
EN LA FORTIFICACIÓN DE LOS SIGLOS XVI Y XVII
EL NORTE DE ÁFRICA
ON THE FUNCTION OF TOWERS OR DETACHED
FORTS IN 16TH AND 17TH CENTURY FORTIFICATION
NORTH AFRICA
Antonio Bravo Nieto, Sergio Ramírez González
- 215** NA OUTRA MARGEM DE ALCÁCER QUIBIR
A GUERRA DOS SÁDIDAS, 1546-1613
ON THE OPPOSITE BANK OF KSAR EL-KEBIR
THE SAADI WARS, 1546-1613
Luís Costa e Sousa

INTRODUÇÃO

INTRODUCTION

JORGE CORREIA

Escola de Arquitetura, Universidade do Minho / Lab2PT, Laboratório de Paisagens, Património e Território

ANDRÉ TEIXEIRA

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa /
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores*

APRESENTAÇÃO

Este livro constitui-se como uma colectânea de estudos decorrentes e/ou inseridos em temáticas relativas ao projecto de investigação *Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, com o acrónimo ESPANAFRI, desenvolvido entre 2016 e 2019 pelo CHAM – Centro de Humanidades das Universidades Nova de Lisboa e dos Açores, e pelo Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho.

O projecto centra o seu campo de investigação no "Algarve de Além-Mar", um espaço no Norte de África assim denominado pelos portugueses em oposição à região mais meridional do seu próprio território, igualmente chamada "Algarve", ambas denominações provenientes do árabe e significando ocidente. De facto, trata-se de uma designação que ainda hoje nomeia uma região de Marrocos, correspondente às planícies a norte do rio Cebu e até às montanhas do Rif, sendo que à época consistia genericamente em todo o território a norte deste rio até ao Estreito de Gibraltar. Foi uma região estratégica ao longo da história, por servir de ligação entre o Mediterrâneo e o Atlântico, mas também entre Europa e África.

A presença portuguesa iniciou-se com a conquista de Ceuta em 1415, alargando-se ao longo do século XV a Alcácer Ceguer, Arzila e Tânger; conteve-se já no final desta centúria, quando os portugueses falharam o estabelecimento na Graciosa, no rio Loukos, começando a retrair já no século XVI, após o desastre da Mamora. Esta região foi também o ponto de partida da expansão portuguesa além-mar, funcionando como uma extensão natural da "reconquista" cristã da Península Ibérica e tendo um papel essencial na construção da história portuguesa de finais da Idade Média e inícios da Época Moderna. Foi também palco de disputas entre reinos ibéricos, que procuraram definir aqui áreas de influência, no quadro dos seus ensejos de partilha do mundo. A expansão castelhana arrancou mais tardiamente, tendo uma feição marcadamente mediterrânea, ao passo que a portuguesa se afirmou manifestamente

FOREWORD

This book is a collection of studies arising from and/or related to themes addressed in the scope of the research project *Spaces and lifestyles of the Portuguese period in North Africa: cities and towns of the "Overseas Gharb" (15th to 17th centuries)* (acronym: ESPANAFRI), developed between 2016 and 2019 by CHAM – Centre for the Humanities of the Universidade Nova de Lisboa and Universidade dos Açores, and by Lab2PT – Landscapes, Heritage and Territory Laboratory of the Universidade do Minho.

The project's field of research focuses on the "Overseas Gharb", a North African space thus named by the Portuguese in opposition to the southernmost region of their own territory, also called "Gharb", both denominations stemming from Arabic and meaning the West. In fact, it is a name which still designates a region of Morocco, corresponding to the plains located between the Cebu River and the Rif mountains; in past times, though, this region generically extended over the whole territory north of the Cebu River up to the Strait of Gibraltar. It has been a strategic region throughout history, serving as a link between the Mediterranean and the Atlantic, but also between Europe and Africa.

The Portuguese presence began with the conquest of Ceuta in 1415 and extended to Ksar Seghir, Asilah and Tangiers throughout the 15th century. This North African expansion was contained already at the end of the century, when the Portuguese failed to establish themselves at Graciosa, in the Loukos River, and started to retract already in the 16th century, after the disaster of Mamora. This region was also the starting point of the Portuguese overseas expansion, functioning as a natural extension of the Christian "reconquista" of the Iberian Peninsula and playing an essential role in the construction of the Portuguese history of the late Middle Ages and early Modern Period. Moreover, it was also the scene of disputes between the Iberian kingdoms seeking to define areas of influence, in the framework of their desire to share the world. The Castilian expansion started later on and had a markedly Mediterranean character, while the Portuguese expansion was clearly

na fachada atlântica. Naturalmente que os reinos ibéricos beneficiaram de uma conjuntura particularmente com-plexa no que toca a esta região magrebina, marcada pela extrema fragmentação do poder.

Estas realidades alteraram-se drasticamente em meados de Quinhentos, com o abandono de duas daquelas praças por parte dos portugueses e uma absoluta priorização da guerra contra os otomanos por parte de castelhanos e aragoneses, ao passo que na frente magrebina sobressai a ascensão imparável da dinastia Sádida, que acabaria por unificar todo este território. A presença portuguesa conheceu o seu epílogo em meados do século XVII, no contexto da Restauração da Independência em 1640.

Pesem embora os trabalhos pioneiros de Robert Ricard, David Lopes, Magalhães Godinho, Dias Farinha, entre outros, foi intento deste projecto ESPANAFRI fomentar uma abordagem inovadora à presença portuguesa nesta região: ler o território como fonte e documento para o conhecimento dos espaços e vivências. Com efeito, as pesquisas no domínio da história da arte, da arquitectura e do urbanismo, como também da arqueologia, são ainda reduzidas no que toca a este espaço. Além dos trabalhos que têm sido desenvolvidos com mais substância no que toca a Ceuta, bem como as investigações norte-americanas em Alcácer Ceguer, muito está ainda por fazer no que toca a estes contextos.

Em todo o caso, esta colectânea de estudos pretende ser o testemunho da investigação e da reflexão feita nestes anos sobre a paisagem urbana e seus tecidos, os vestígios construídos e arqueológicos, bem como as fontes escritas revisitadas, a fim de propor uma "cartografia" material e imaterial de cidades e territórios ocupados pelos portugueses nesta região norte-africana. A perspectiva comparativa com os estabelecimentos espanhóis coevos na região foi neste quadro considerada essencial. Seguindo esta linha de pesquisa, procurou-se fundamentalmente indagar sobre a forma de apropriação de cidades e espaços muçulmanos por parte dos novos senhores, portugueses ou espanhóis, analisando rupturas, mas também continuidades.

No que aos espaços construídos diz respeito, esta investigação passa pelo estudo da dimensão e forma das cidades, a sua disposição urbana, a evolução da arquitectura militar, os equipamentos públicos e a vida doméstica, bem como as técnicas e sistemas construtivos inerentes. Para estes temas concorrem os capítulos 'A Ribeira de Alcácer Ceguer: estruturas militares e vida marítima nos séculos XIV-XVI', 'La función de las torres o fuertes exteriores en la fortificación de los siglos XVI y XVII. El norte de África', 'Construyendo la ciudad portuguesa en el norte de África (siglo XV-XVI): El caso de Ceuta' ou 'Da arquitetura militar do período português em Arzila, Marrocos: momentos, intervenientes, significados'. Paralelamente, os capítulos 'L'ouverture d'une factorerie à Arzila (1520), d'après le témoignage de Bernardo Rodrigues' ou '"Melilla, que es en las partes de África"

directed towards the Atlantic façade. Naturally, the Iberian kingdoms benefited from a particularly complex situation with regard to this Maghrebian region, marked by an extreme fragmentation of power.

These realities changed drastically in the middle of the 1500s, with the abandonment of two of the aforementioned strongholds by the Portuguese and an absolute prioritization of the war against the Ottomans on the part of Castilians and Aragonese. On the other hand, there was an unstoppable rise of the Saadi dynasty on the Maghrebian front which eventually resulted in the unification this entire territory. The Portuguese presence had its epilogue in the middle of the 17th century, in the context of the 1640 Restauração da Independência.

Despite the pioneering works of Robert Ricard, David Lopes, Magalhães Godinho and Dias Farinha, among others, the ESPANAFRI project aimed at fostering an innovative approach to the Portuguese presence in this region: reading the territory as a source and document for the knowledge of spaces and experiences. In fact, research in the fields of art history, architecture and urbanism, as well as archaeology, is still limited when it comes to this particular space. In addition to the work that has been more substantially carried out in Ceuta, as well as the North American research in Ksar Seghir, much remains to be done with regard to these contexts.

In any case, this collection of studies is intended to bear witness to the research and reflection carried out in recent years on the urban landscape and its fabrics, the archaeological and built remains, as well as on the revisited written sources, in order to propose a material and immaterial "cartography" of the cities and territories occupied by the Portuguese in this North African region. A comparative perspective on the coeval Spanish establishments in the region was deemed essential in this context. Pursuing this line of research, the authors primarily sought to inquire into the manner of appropriation of Muslim cities and spaces by the new lords, whether Portuguese or Spanish, by analysing ruptures, but also continuities.

As far as the built spaces are concerned, this research involves the study of the size and shape of cities, their urban layout, the evolution of military architecture, the public facilities and domestic life, as well as the inherent construction systems and techniques. These subjects are addressed in the chapters 'The Ribeira de Ksar Seghir: military structures and maritime life in the 14th to 16th centuries', 'On the function of towers or detached forts in 16th- and 17th-century fortification. North Africa', 'Building the Portuguese city in North Africa (15th/16th century): the case of Ceuta' and 'Military architecture during the Portuguese period in Asilah, Morocco: moments, partakers, meanings'. Concurrently, the chapters 'The opening of a factory in Asilah (1520), according to the testimony of Bernardo Rodrigues' or '"Melilla, que es en las partes de África" and the House of Medina Sidonia: conquest,

y la casa de Medina Sidonia: conquista, tenencia y cesión (1497-1556)' procuram responder a uma reflexão atenta à metamorfose social, à logística e ao abastecimento dos conjuntos urbanos, na sua articulação com as redes mediterrânica e atlântica. Como se infere já dos títulos apresentados, esta obra decorre de uma metodologia transdisciplinar cruzando conhecimento oriundo das áreas da arqueologia, da arquitectura e da história. Na verdade, esta última joga um papel central na actualização do conhecimento em matérias do foro político, da guerra ou da religião; 'A propósito do episódio da Graciosa: a política marroquina de D. João II', 'Na outra margem de Alcácer Quibir: a guerra dos sáidas, 1546-1613' e 'Nas fronteiras entre o mundo cristão e muçulmano: o Convento da Trindade de Ceuta' procuram contribuir para uma revisão globalizante da herança cultural de origem portuguesa no Magrebe.

Todos os capítulos aparecem escritos na língua escolhida dos autores e traduzidos em inglês para uma disseminação mais lata deste conhecimento. Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores. Em suma, este livro beneficia do conhecimento adquirido nas últimas décadas por membros desta equipa (portugueses, espanhóis e marroquinos) sobre a presença ibérica no Norte de África e suas heranças, bem como de investigadores convidados. A todos reiteramos o nosso profundo reconhecimento pelo seu valioso contributo para este livro e para este projecto.

tenure and cession (1497-1556)' seek to provide an insightful reflection on the social metamorphosis, on the logistics and supply of urban areas and on their connection with the Mediterranean and Atlantic networks. As can be inferred from the aforementioned titles, this publication is the result of a transdisciplinary methodology that combines knowledge from the fields of archaeology, architecture and history. In fact, the latter plays a central role in updating knowledge in matters of politics, war or religion. 'The Graciosa incident and the Moroccan policy of King João II', 'On the opposite bank of Ksar el-Kebir: the Saadi wars, 1546-1613' and 'On the borders between the Christian and Muslim worlds: the Trinity Convent of Ceuta' seek to contribute to a comprehensive review of the cultural heritage of Portuguese origin in the Maghreb.

All chapters were written in the authors' chosen language and translated into English for the wider dissemination of this knowledge. The contents are the sole responsibility of their respective authors. In short, this book benefits from the knowledge acquired in recent decades by members of this team (Portuguese, Spanish and Moroccan), as well as by invited researchers, on the Iberian presence and heritage in North Africa. We are deeply grateful to all of them for their valuable contributions to this book and to this project.

A RIBEIRA DE ALCÁÇER CEGUER

ESTRUTURAS MILITARES
E VIDA MARÍTIMA
NOS SÉCULOS XIV-XVI

THE *RIBEIRA* OF KSAR SEGHIR

MILITARY STRUCTURES
AND MARITIME LIFE IN THE
14TH TO 16TH CENTURIES

ANDRÉ TEIXEIRA

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa /
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores*

ABDELATIF EL-BOUDJAY

Conservateur du Site Archéologique de Ksar Seghir

GONÇALO C. LOPES, JOANA BENTO TORRES, CRISTÓVÃO FONSECA

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Situado na margem Sul bordejando o Estreito de Gibraltar, no local onde desagua o pequeno rio Laksar, o sítio arqueológico de Alcácer Ceguer encontra-se bem adentro do meio aquático. Crê-se que em épocas recuadas essas características fossem ainda mais nítidas, ficando o povoado quase que como uma ilha. Se o troço final do rio se abre numa várzea com cerca de 3 km de extensão, para montante registam-se relevos acentuados, na continuidade do maciço do Rif, dificultando as comunicações com o interior do território. Mais proximamente, o sítio está circundado por relevos importantes, destacando-se a Oeste o abrupto monte do Seinal (figura 1).

Alcácer Ceguer terá sido ocupado durante a dinastia almorávida, datando do século XI a primeira referência escrita, que denomina este local como um porto de mar.

Situated on the south bank of the Strait of Gibraltar, at the mouth of the small Laksar River, the archaeological site of Ksar Seghir is clearly located in an aquatic environment. It is believed that in ancient times these characteristics were even more clear-cut, as the settlement was almost like an island. The final stretch of the river opens onto a floodplain some 3 km in length, but there are pronounced reliefs upstream, in the foothills of the Rif massif, hindering communications with the interior of the territory. The site is surrounded by important reliefs, with the abrupt mount Seinal standing out to the west (figure 1).

Ksar Seghir was probably occupied during the Almoravid dynasty. The first written reference to the site dates back to the 11th century, and refers to this location as a seaport. The site underwent a clear expansion



1. Alcácer Ceguer e o Estreito de Gibraltar em 2014, vistos de Sul.
Ksar Seghir and the Strait of Gibraltar in 2014, seen from the south.

Sob os almóadas o local conheceu claro incremento, fixando-se aqui um estaleiro de construção naval e assumindo um destacado papel nas ligações marítimas entre o Norte de África e a Península Ibérica, nomeadamente nas acções militares da dinastia; as fontes do século XII referem a presença de uma fortificação ribeirinha (Moujoud, 2012, p. 38-44). Os mais antigos achados arqueológicos, de natureza numismática, apontam também para estas centúrias (Redman, 1986, p. 129-130). Nos séculos seguintes o sítio continuou a ter esta importante função marítima de travessia para o al-Andalus, registando o cronista Ibn Abi Zar' no século XIV que as muralhas e portas da vila haviam sido erguidas no reinado de Yousouf Ibn Abd Al-Haq em 1287 (Moujoud, 2012, p. 45-47). Com efeito, atribui-se aos séculos XIII e XIV boa parte das estruturas arqueológicas militares e civis descobertas neste sítio (Redman, 1986, p. 95). No ocaso da dinastia merínida e ascensão dos oatácidas, o sítio deteve significativa autonomia política, como demonstra a recente leitura de uma epígrafe descoberta no local; esta revela também que, escassos anos antes da conquista portuguesa, se operou uma reforma do dispositivo militar, indicando que aquela era, de alguma forma, esperada (Martínez, 2016).

O aglomerado urbano foi conquistado pelos portugueses em 1458, sendo a segunda posição ocupada no Norte de África, depois de Ceuta em 1415, marcando o retomar da ofensiva no Magrebe depois do fracasso de Tânger em 1437 e do subsequente cativeiro do Infante D. Fernando (Farinha, 1990, p. 157). A posição só foi abandonada em 1550, no quadro da redefinição da política marroquina portuguesa durante o governo de D. João III (Cruz, 1997). Os 92 anos de ocupação portuguesa implicaram transformações na morfologia do espaço urbano, não apenas ao nível dos elementos arquitectónicos mais significativos, como fortificações ou edifícios religiosos, mas também dos arruamentos, habitações, espaços comerciais ou artesanais (Redman, 1986, p. 138-216; Correia, 2008, p. 150-169; Teixeira, 2016).

O local ficou abandonado após a partida dos portugueses em meados do século XVI, chegando aos nossos dias como uma ruína, que guarda no seu subsolo relevantíssima informação arqueológica. O projecto dirigido por Charles L. Redman desenvolveu aqui importantes trabalhos entre 1974 e 1981, calculando-se que tenham sido escavados 18% do sítio. As intervenções permitiram, não apenas revelar parcelas do aglomerado existente à chegada dos portugueses, como identificar extensivamente a ocupação cristã (*vide* a síntese monográfica Redman, 1986). As publicações desta equipa constituem, pois, uma fonte de conhecimento inestimável sobre a presença portuguesa no local, não esgotando contudo o potencial de informação que foi colectado naqueles anos, nem a pluralidade de interpretações que hoje, com novos ângulos de visão, podemos avançar relativamente a estes contextos.

under the Almohads, with the establishment of a shipyard, taking on a prominent role in the maritime connections between North Africa and the Iberian Peninsula, namely during the military actions of this dynasty. The 12th century sources mention the presence of a riverine fortification (Moujoud, 2012, p. 38-44). The oldest archaeological finds, of numismatic nature, also indicate this chronology (Redman, 1986, p. 129-130). In the following centuries, the site continued to have an important maritime function as a gateway to al-Andalus. Chronicler Ibn Abi Zar' states, in the 14th century, that the walls and gates of the town had been erected in 1287, during the reign of Yousouf Ibn Abd Al-Haq (Moujoud, 2012, p. 45-47). In fact, most of the military and civilian archaeological structures discovered at this site can be ascribed to the 13th and 14th centuries (Redman, 1986, p. 95). During the decline of the Marinid dynasty and the rise of the Wattasids, Ksar Seghir had significant political autonomy, as demonstrated by the recent reading of an epigraph discovered at the site, which also reveals that, a few years before the Portuguese conquest, a reform of the military structures took place, indicating that the attack was somehow expected (Martínez, 2016).

The urban settlement was conquered by the Portuguese in 1458. This was the second location to be occupied in North Africa, after Ceuta in 1415, marking the resumption of the offensive in the Maghreb, after the debacle of Tangier in 1437 and the subsequent captivity of Dom Fernando, one of the Portuguese king's sons (Farinha, 1990, p. 157). This stronghold was only abandoned in 1550, in the scope of the redefinition of the Portuguese political strategy in Morocco during the government of King João III (Cruz, 1997). The 92 years of Portuguese occupation entailed changes in the morphology of urban space, not only in terms of the most significant architectural elements, such as fortifications or religious buildings, but also regarding thoroughfares, dwellings, commercial or manufacturing facilities (Redman, 1986, p. 138-216; Correia, 2008, p. 150-169; Teixeira, 2016).

The site was abandoned after the departure of the Portuguese in the middle of the 16th century, reaching our days as a ruin, which holds very important archaeological information in its subsoil. The project led by Charles L. Redman carried out significant work here between 1974 and 1981, with an estimated 18% of the site having been excavated. The interventions allowed not only to reveal parts of the existing settlement at the time of the arrival of the Portuguese, but also to extensively identify the Christian occupation (see the monographic synthesis in Redman, 1986). The publications of Redman's team are, therefore, an invaluable source of knowledge about the Portuguese presence at the site, but they do not exhaust the information potential that was gathered in those years, nor the plurality of interpretations that we can put forward in relation to these contexts nowadays, with new angles of vision.

Assim, desde 2011 retomámos os trabalhos arqueológicos no sítio, entretanto objecto de operação de valorização (El-Boudjay, 2012), primeiro através de dois projectos financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Centre National pour la Recherche Scientifique et Technique¹, depois com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian², mais recentemente com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia³, beneficiando também do apoio da Embaixada de Portugal em Marrocos e do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (Teixeira e Correia, 2017). Os trabalhos inscrevem-se num protocolo entre a Direcção do Património Cultural, do Ministério da Cultura de Marrocos, e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Incluem a realização de novas sondagens arqueológicas, o estudo das colecções de anteriores missões e a conservação e valorização do património. A partir de 2013 a Direcção-Geral do Património Cultural, de Portugal, associou-se também à missão, bem como colegas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

O presente texto surge na sequência de um projecto na área da conservação e restauro empreendido pelo Ministério da Cultura de Marrocos, através da Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir e em colaboração com a Association du Patrimoine du Littoral Marocain Méditerranéen, com vista à identificação e recuperação de um troço da muralha urbana. Garantindo o apoio financeiro do Ambassadors Fund for Cultural Preservation, em 2014, foi desenvolvido trabalho no sector Oeste do sítio arqueológico, no troço da cerca confinante com o rio. A ocasião foi aproveitada para a realização de investigação arqueológica sobre a fortificação e a configuração geral desta área ribeirinha, no quadro do referido projecto luso-marroquino em Alcácer Ceguer.

Thus, since 2011 we have resumed the archaeological works at the site, which in the meantime has been the subject of an enhancement undertaking (El-Boudjay, 2012), first through two projects funded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia and the Centre National pour la Recherche Scientifique et Technique¹, afterwards with support from the Calouste Gulbenkian Foundation², and more recently again with funding from the Fundação para a Ciência e Tecnologia³, as well as the support of the Portuguese Embassy in Morocco and the Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (Teixeira and Correia, 2017). These works are part of a protocol between the Direction du Patrimoine Culturel of the Ministry of Culture of Morocco and the NOVA School of Social Sciences and Humanities. They include new archaeological surveys, the study of collections from previous missions as well as heritage conservation and enhancement. From 2013 onwards, the Portuguese Directorate-General for Cultural Heritage (DGPC) also joined the mission, as well as colleagues from the Faculty of Sciences of the University of Lisbon and from the Institute of Social Sciences of the University of Minho.

This text results from a conservation and restoration project undertaken by the Ministry of Culture of Morocco, through the Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir and in collaboration with the Association du Patrimoine du Littoral Marocain Méditerranéen, to identify and restore a section of the urban wall. Benefitting from the financial support of the Ambassadors Fund for Cultural Preservation (USA), in 2014 work performed in the western sector of the archaeological site, on the stretch of the urban wall bordering the river. This was also an opportunity to carry out archaeological research on the fortification and on the general layout of this riverine area, in the framework of the aforementioned Luso-Moroccan project in Ksar Seghir.

1. O primeiro denominado *Villes et architectures d'origine portugaise au nord du Maroc: Asilah et Qsar es-Sghir*, da Direction Régionale de la Culture de la Région Tanger-Tétouan e da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, dirigido por Jorge Correia e Mehdi Zouak (2010-2011), o segundo designado *O sítio arqueológico de Ksar Seghir: confluência de civilizações entre o Mediterrâneo e o Atlântico (séculos XIV-XVII)*, da Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dirigido por André Teixeira e Abdelatif el-Boudjay (2013-2014).

2. Intitulado *Espaços e vivências urbanas do período português no Norte de África: arqueologia em torno do Estreito de Gibraltar (séculos XV a XVII)*, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e dirigido por um de nós (AT), em 2015-2016.

3. O projecto de investigação denominou-se *Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, assim como do Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho, coordenado por Jorge Correia (PTDC/EPH-PAT/41174/2014).

1. The first project was titled *Villes et architectures d'origine portugaise au nord du Maroc: Asilah et Qsar es-Sghir*, headed by the Direction Régionale de la Culture de la Région Tanger-Tétouan and the School of Architecture of the University of Minho, and directed by Jorge Correia and Mehdi Zouak (2010-2011). The second project was titled *O sítio arqueológico de Ksar Seghir: confluência de civilizações entre o Mediterrâneo e o Atlântico (séculos XIV-XVII)*, headed by the Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir and the NOVA School of Social Sciences and Humanities, and directed by André Teixeira and Abdelatif el-Boudjay (2013-2014).

2. Titled *Espaços e vivências urbanas do período português no Norte de África: arqueologia em torno do Estreito de Gibraltar (séculos XV a XVII)*, headed by the NOVA School of Social Sciences and Humanities and directed by one of the authors (AT), in 2015-2016.

3. The research project was titled *Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, headed by the CHAM of the NOVA School of Social Sciences and Humanities, as well as by the Lab2PT of the University of Minho, and coordinated by Jorge Correia (PTDC/EPH-PAT/41174/2014).

OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Os dados arqueológicos aqui estudados resultam de trabalho de campo desenvolvido entre 17 de Junho e 6 de Julho de 2015, 1 e 29 de Junho de 2016, 20 e 31 de Janeiro de 2017 e, por fim, 2 e 16 de Junho de 2017, sob a direcção de dois dos signatários (AB e AT). Incidiram na zona Noroeste do perímetro muralhado (figura 2), imediatamente a Sul da parede Sudoeste do castelo, numa zona confinante com o rio Laksar, a uns 200 m da sua foz (ver a sua descrição detalhada em El-Boudjay *et al.*, 2016). Os trabalhos de limpeza da estrutura levaram à descoberta de uma interrupção do pano de muralha entre a primeira e a segunda torre circular da cerca urbana a Sudoeste do castelo. Os limites destes segmentos da muralha eram formados por grandes silhares, reconhecidos como característicos de portas portuguesas, por comparação com as demais estruturas deste tipo existentes no próprio sítio arqueológico.

Definiu-se, pois, uma primeira área de trabalho arqueológico com 6 x 8 m, abrangendo esta zona de interrupção da muralha e porções contíguas, incluindo um espaço interior (denominado E3N17) e outro exterior (E4N17) do perímetro fortificado. A escavação fez-se apenas até aos níveis de ocupação portuguesa, correspondentes à abertura da referida porta, verificando-se os seguintes estratos: C1 e C2, depósitos recentes; C3, contendo grande quantidade de pedras resultantes do colapso da referida porta e torres adjacentes.

Depois, decidiu-se fazer uma sondagem em profundidade com 2 x 2 m (designada E4N17, *quadrant nord*), no canto Nordeste daquela área, no espaço interior da cerca e confinando com o acesso à primeira torre circular da cerca a Sudoeste do castelo. Procurava-se estudar o funcionamento das estruturas militares e a sua cronologia. Verificaram-se dois níveis de ocupação: um, C4 a C6, correspondente a um aterro feito pelos portugueses, contendo essencialmente materiais merínidas; outro, C9 a C11, resultantes da colmatação da vala de fundação da muralha e preparação do piso (C7 e C8) de acesso à referida torre da cerca, contendo material almóada (figura 3).

A 12 m a Sudoeste desta sondagem foi realizada uma outra, com 4 x 4 m (E2N17), no local onde se julgava estar um troço da barbacã da vila, a cortina mais baixa e menos espessa que a muralha principal do burgo, situada no exterior e junto desta, que servia como barreira de protecção em caso de acometimento. A intervenção atingiu apenas os níveis de ocupação portuguesa, correspondentes à abertura de uma porta neste troço da barbacã, conectada com o referido acesso rasgado na muralha principal. Detectaram-se os seguintes estratos: C1 a C4, correspondentes à cobertura das estruturas portuguesas ao longo dos séculos; C5, relativa à destruição da muralha e torres da cerca após o abandono da vila pelos portugueses; C6, pavimento, e C7 e

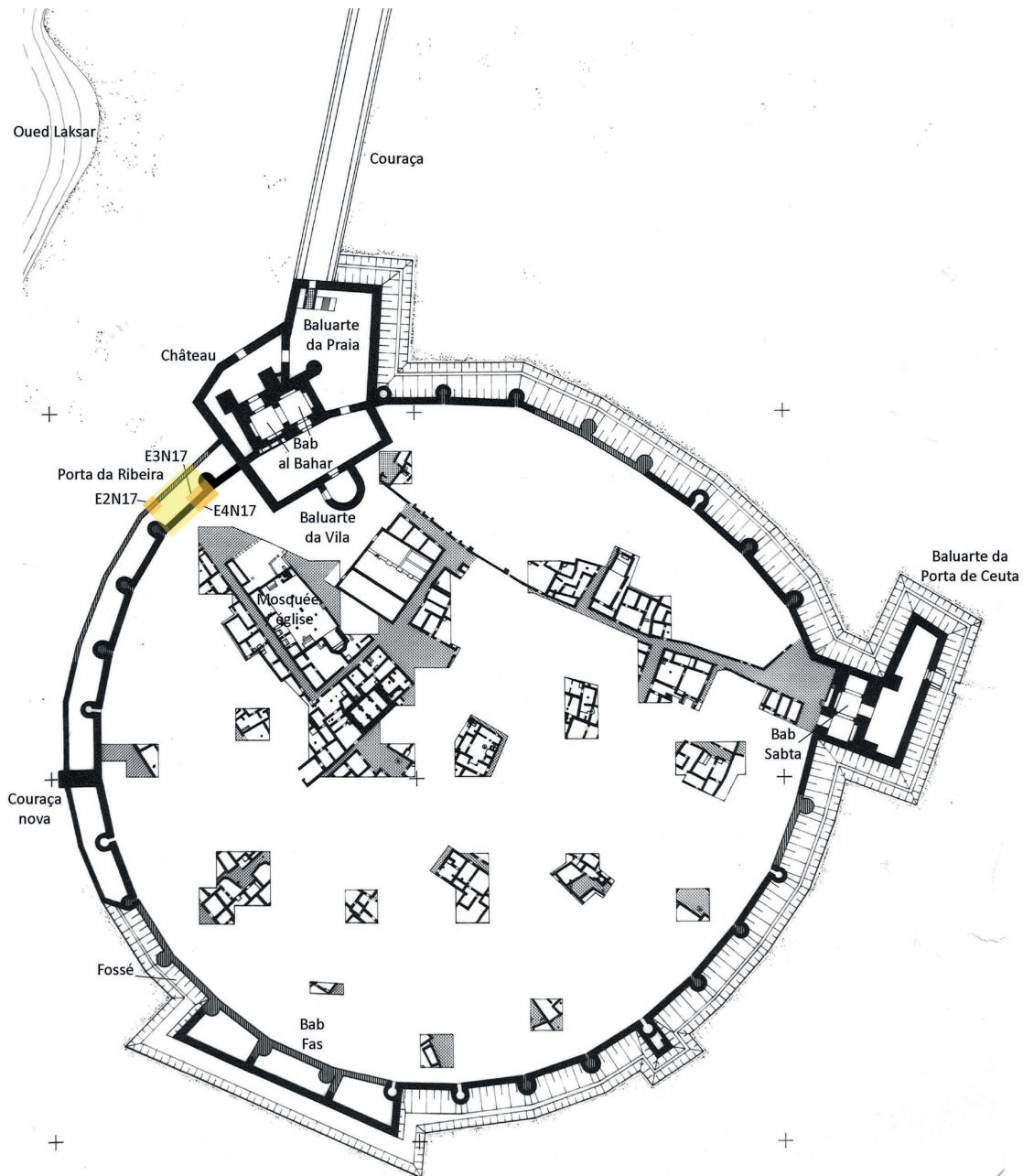
THE ARCHAEOLOGICAL WORKS

The archaeological data studied herein result from field-work performed between June 17th and July 6th, 2015, June 1st to 29th, 2016, January 20th to 31st, 2017 and, finally, June 2nd to 16th, 2017, under the direction of two of the authors (AB and AT). These interventions were carried out in the north-western part of the walled perimeter (figure 2), immediately south of the south-western wall of the castle, in an area bordering the Laksar River, some 200 m from its mouth (for a detailed description see El-Boudjay *et al.*, 2016). The cleaning of the structure led to the discovery of an interruption of the curtain between the first and second circular towers of the urban wall to the southwest of the castle. The limits of these wall sections were formed by large ashlars, recognized as characteristic of Portuguese gates, by comparison with the other structures of this type that exist in the archaeological site itself.

A first archaeological work area of 6 x 8 m was therefore defined, covering this area of interruption of the wall and the adjoining stretches, including an inner space (E3N17) and another, outer space (E4N17) of the fortified perimeter. The excavation was carried out only down to the levels of Portuguese occupation, corresponding to the construction of the above-mentioned gate; the following layers were identified: C1 and C2, recent deposits; C3, containing a large quantity of stones resulting from the collapse of the referred gate and the adjacent towers.

Afterwards, it was decided to open a 2 x 2 m deep sondage (designated E4N17, *quadrant nord*), in the northeast corner of this area, in the interior space of the wall and adjoining the access to the first circular tower of the urban wall to the southwest of the castle. The aim was to study the functions and chronology of these military structures. Two levels of occupation were identified: one, C4 to C6, corresponding to a landfill made by the Portuguese, containing mainly Marinid materials; another, C9 to C11, resulting from the clogging of the wall's foundation trench and from the preparation of the pavement (C7 and C8) giving access to the referred wall's tower; this level featured Almohad materials (figure 3).

A further 4 x 4 m sondage (E2N17) was opened 12 m to the southwest of the former, at the presumed location of a section of the town's barbican, a lower curtain less thick than the town's main wall, situated outside and next to the latter, which served as a protection barrier in case of an attack. The intervention only reached the Portuguese occupation levels, corresponding to the construction of a gate in this section of the barbican, connected to the aforementioned main wall access gate. The following layers were identified: C1 to C4, corresponding to the covering of the Portuguese structures over the centuries; C5, related to the destruction of the urban wall and its towers after the abandonment of the town by the Portuguese; C6, floor, and C7 and C8, sediment, related to a restructuring of the space



2. Indicação das áreas onde decorreram os trabalhos arqueológicos na zona ribeirinha entre 2015 e 2017, sobre planta geral do sítio arqueológico (adaptado de Redman, 1986, p. 144).
The areas where archaeological interventions were carried out, between 2015 and 2017, in the riverine area, marked on an overall ground plan of the archaeological site (adapted from Redman, 1986, p. 144).

C8, sedimento, referentes a uma reestruturação do espaço durante a ocupação portuguesa, após a abertura da referida porta.

Por fim, toda a área de intervenção foi aberta mecanicamente, numa extensão de 11 x 13 m, removendo-se os níveis referentes a depósitos recentes, segundo os dados obtidos nas sondagens precedentes. Procedeu-se, seguidamente, à escavação dos depósitos arqueológicos, nomeadamente: colapso da muralha e torres da cerca urbana após o abandono do sítio pelos portugueses, preservados em dois núcleos junto a cada uma das torres; um nível de argamassa que cobria a barbacã e a mencionada porta da barbacã, correspondente à referida

during the Portuguese occupation, after the construction of the aforementioned gate.

Finally, the entire intervention area was excavated in an extension of 11 x 13 m, using mechanical excavators to remove the levels pertaining to recent deposits, according to the data obtained in the previous sondages. The archaeological deposits were then manually excavated, namely: the collapse of the urban wall and its towers following the abandonment of the site by the Portuguese, preserved in two areas close to each of the towers; a level of mortar that covered the barbican and the aforementioned barbican gate, corresponding to the above referred Portuguese reformulation of this area; and the

reformulação portuguesa desta área; calçada que unia a porta da barbaca e a porta da cerca urbana, seguramente de época portuguesa.

Nos pontos que se seguem ensaiaremos uma análise integrada dos resultados obtidos nestas intervenções, conjugando os dados destas várias áreas de trabalho. Procuraremos seguir uma ordem cronológica, começando por analisar as realidades mais antigas e terminando por referir as mais recentes. Conjugaremos, em cada horizonte cronológico, os dados arqueológicos e pistas para a sua interpretação, concedidas por outros trabalhos desta natureza e pelas informações constantes das fontes escritas. Não analisaremos aqui os materiais arqueológicos recolhidos, objecto de outra publicação (El-Boudjay *et al.*, 2016), ou ainda em estudo.

DA FUNDAÇÃO À COLMATAÇÃO DA CERCA URBANA

A questão da origem da muralha foi estudada na sondagem em profundidade que realizámos nesta área ribeirinha de Alcácer Ceguer, denominada E4N17 / *quadrant nord*. Trata-se, pois, de uma área reduzida, mas em que os dados arqueológicos são claros. A base da muralha caracterizava-se por um espessamento da estrutura com pedras e argamassa, formando um talude, detectando-se o nível freático durante a intervenção (figura 3). Os sedimentos arenosos pouco compactos que a cobriam eram assaz homogéneos, contendo cerâmicas queimadas muito fragmentadas dos séculos XII e XIII (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 174-175), além de objectos em ferro, fauna e nódulos de carvão. Sobre eles foi criado, primeiro, um piso em ladrilho e, depois, um em argamassa muito compacta, que conduziam à torre da cerca, estando ao mesmo nível da respectiva soleira (figura 4). Assim, segundo os dados arqueológicos, é claro que em data anterior à centúria de Trezentos foi erguida a muralha e as respectivas torres, cobrindo-se as suas fundações com materiais resultantes da ocupação do povoado em época anterior.

Estes resultados vão ao encontro de indícios expressos nas fontes escritas, já mencionados. No século XI al-Bakri assinalou nesta zona um ribat, cuja localização é imprecisa e a data de fundação indefinida. Na centúria seguinte al-Idrisi referiu um “grande castelo à beira de água”, indubitavelmente correspondente a Alcácer Ceguer. Como referido, Ibn Abi Zar’ aponta que a construção da muralha e portas do burgo se deu em 1287 (Moujoud, 2012, p. 45-47). Este testemunho trecentista era já mais verosímil que o de autores mais recentes, como João Leão, o Africano, que atribuiu a sua fundação ao califa almóada Abu Ya’qub al-Mansur, tradição seguida pelas crónicas portuguesas. As portas monumentais reveladas durante a missão dirigida por Redman são também um dado cronológico evidente, porquanto pertencem, do ponto de vista das técnicas de construção e da sua morfologia, ao período merínida (Cressier, 2006, p. 468-469), balizando assim o perímetro fortificado desta época.

pavement that connected the barbican gate to the gate of the urban wall, which surely dates from the Portuguese period.

In the following sections, we will present an integrated analysis of the results of the above-referred interventions, combining the data gathered in the different work areas. We shall follow a chronological order, starting by analysing the oldest realities and ending by referring to the most recent ones. Moreover, we will combine, in each chronological horizon, archaeological data and clues for their interpretation, provided by other archaeological works and written sources. We will not analyse herein the recovered archaeological materials, as they were already published (El-Boudjay *et al.*, 2016), or are still under study.

FROM THE FOUNDATIONS TO THE CLOGGING OF THE URBAN WALL

The issue of the origins of the urban wall was addressed by means of a deep sondage (E4N17 / *quadrant nord*) carried out in this riverine area of Ksar Seghir. This is, therefore, only a small area, but the archaeological data are clear. The base of the wall featured a sloped thickening of its structure, made of stones and mortar; the water table was reached during this intervention (figure 3). The rather loose sandy sediments that covered this structure were quite homogeneous, containing very fragmented burnt ceramics from the 12th and 13th centuries (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 174-175), as well as iron objects, faunal remains and coal nodules. A tiled pavement was eventually built on top of these sediments and was later on covered by another floor, made of very compact mortar; both gave access to the tower of the urban wall, at the elevation of its sill (figure 4). Thus, and according to archaeological data, it is clear that the construction of the wall and its towers predates the 1300s, since the foundations were covered with materials originating from the occupation of the settlement in previous times.

These results are consistent with the evidence gathered from the previously mentioned written sources. In the 11th century, al-Bakri referred to a ribat in this area, but its location is imprecise and the foundation date is unknown. In the following century, al-Idrisi mentioned “a great castle on the waterfront”, undoubtedly corresponding to Ksar Seghir. As mentioned before, Ibn Abi Zar’ points out that the construction of the wall and gates of the burg took place in 1287 (Moujoud, 2012, p. 45-47). This 14th-century testimony was more plausible than that of more recent authors, such as Joannes Leo Africanus, who ascribed their foundation to the Almohad Caliph Abu Ya’qub al-Mansur, a tradition then followed by the Portuguese chronicles. The monumental gates unveiled during the archaeological mission directed by Redman are also an evident chronological fact, as their morphology and construction techniques clearly date from the Marinid period (Cressier, 2006, p. 468-469), and thus provide a timeframe for the coeval fortified perimeter.



3. Perfil Norte da sondagem E4N17, *quadrant nord*, em 2016, assinalando-se os diferentes estratos.
North section of sondage E4N17, *quadrant nord*, in 2016, showing the various layers.



4. Piso (C8) de acesso à primeira torre circular da cerca a Sudoeste do castelo, em 2016.
Pavement (C8) giving access to the first round tower of the urban wall to the southwest of the castle, in 2016.

O pendor dos soberanos desta dinastia para a construção de cidades foi já enfatizado. Neste caso, Patrice Cressier assinalou o traçado perfeitamente circular da muralha, distinto de uma construção vagamente redonda, como as que se encontram na Península Ibérica baixo-medieval. Nota também que este círculo é apoiado num triângulo equilátero formado pelas três portas do burgo, rigorosamente equidistantes. Também alude à maior monumentalidade da porta marítima, a Bab Bahar [Porta do Mar], por oposição à voltada a Este, a Bab Sabta [Porta de Ceuta], ou ao interior do território, a Bab Fas [Porta de Fez], ao contrário do que é regra na generalidade das medinas do ocidente islâmico medieval. Enfim, naquela que parece ser a proposta mais consistente até ao momento, vê nesta construção usando formas geométricas puras, eventualmente de carácter profilático, a corporização dos desígnios estratégicos dos sultões merínidas de intervenção militar na Península Ibérica, uma evocação do espírito da guerra santa que justificava ideologicamente aquele ensejo e a própria dinastia (Cressier, 2012, p. 65-79). O posicionamento de semelhante construção quase adentro de água reforçaria, seguramente, a determinação de avançar além Estreito de Gibraltar na recuperação do esplendor perdido do al-Andalus (figura 1).

Os dados arqueológicos agora obtidos reforçam esta teoria, nomeadamente a datação merínida das muralhas, afastando a hipótese de uma autoria portuguesa desta obra (Moreira, 1989, p. 123). Note-se que a cerca urbana – objecto de intervenções recentes – tem clara homogeneidade formal, além de uma curvatura idêntica, formando o referido círculo. As torres redondas que se lhe adossam são também muito similares, excepto nos casos pontuais de remodelação portuguesa, claramente documentados. Assim, a comprovação arqueológica de que a primeira destas torres a Sudoeste da Bab Bahar e o respectivo lanço de muro têm uma origem compatível com a referência documental de Ibn Abi Zar', a par da mencionada homogeneidade e geometrismo do sistema defensivo, leva-nos a concluir que esta obra de protecção do burgo com cerca e torres circulares foi executada nesta mesma época.

A acção dos portugueses neste espaço está também claramente documentada nesta sondagem arqueológica. Sobre o referido piso de acesso à torre da cerca foram depositados detritos domésticos de época merínida, nomeadamente uma série de sedimentos com grande quantidade de cerâmica de finais do século XIV e inícios da centúria seguinte, todas colando entre si, representando portanto um mesmo momento de deposição (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 177-184). Estes depósitos incluíam também pedras de pequena e média dimensão, telhas, tijolos, ladrilhos, nódulos de argamassa, carvões, uma grande quantidade de fauna, objectos em metal, enfim, vestígios de habitações que deveriam existir nas redondezas aquando da chegada dos portugueses e que foram destruídas.

The Marinid sovereigns' inclination to build cities has already been emphasized. In this case, Patrice Cressier highlighted the perfectly circular layout of the wall, quite distinct from a vaguely round construction, as compared to the ones usually found in Late Medieval Iberian Peninsula. He also pointed out that this circle is supported by an equilateral triangle formed by the three gates of the burg, which are strictly equidistant. Furthermore, this author also mentions the greater monumentality of the maritime gate, the Bab Bahar [Sea gate], as opposed to the eastward gate, the Bab Sabta [Ceuta gate], or the inland gate, the Bab Fas [Fez gate], contrary to what is the rule in most medinas of the medieval Islamic West. Finally, in what seems to be the most consistent proposal so far, Cressier sees in this construction using pure geometric forms, possibly of a prophylactic nature, the embodiment of the strategic designs of the Marinid sultans regarding a military intervention in the Iberian Peninsula, an evocation of the holy war spirit that justified, in ideological terms, such an action and the dynasty itself (Cressier, 2012, p. 65-79). The position of such a building, almost in the water, would certainly reinforce the will to advance beyond the Strait of Gibraltar in order to recover the lost splendour of al-Andalus (figure 1).

The recently obtained archaeological data reinforce this theory, ruling out the hypothesis of a Portuguese authorship of this construction (Moreira, 1989, p. 123). Moreover, the urban wall, where some cleaning interventions were recently carried out, shows a clear formal homogeneity and an identical curvature, composing the circular perimeter above referred to. The round towers adjoined to it are also very similar, excepting some very particular cases of Portuguese renovation, which are clearly documented. Therefore, the consistency between Ibn Abi Zar's documentary reference and the archaeological evidence on the origin of the first tower to the southwest of Bab Bahar and its corresponding wall section, along with the homogeneity and geometry of the defensive system, lead us to conclude that the construction of the urban wall and its round towers was executed during this particular period.

The actions of the Portuguese in this space were also clearly documented in this archaeological sondage. Domestic refuse from the Marinid period was deposited on top of the referred pavement giving access to the tower of the urban wall, namely a series of sediments with a large quantity of ceramics from the end of the 14th and the beginning of the 15th century; all shards could be refitted, thus the assemblage corresponds to a single deposition moment (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 177-184). These deposits also included small and medium sized stones, roofing tiles, bricks, tiles, mortar nodules, coals, a large amount of faunal remains, metal objects, in short, vestiges of dwellings that arguably existed in the vicinity and were destroyed when the Portuguese arrived.

The fact that the overwhelming majority of the recovered materials corresponds to the Marinid period,

O facto de a esmagadora maioria dos materiais presentes corresponder a época merínida e só muito residual e superficialmente à época portuguesa, assim como o grau de integridade do espólio islâmico, conduz-nos a pensar que esta operação de destruição dos espaços preexistentes pelos novos ocupantes terá ocorrido pouco tempo após a conquista de 1458. Não se concebe de onde poderão os portugueses ter extraído tal pacote sedimentar senão numa fase inicial da sua presença neste espaço, quando ainda havia detritos bastante íntegros dos antigos ocupantes a preencher habitações ou outros edifícios. Em unidades domésticas deste sítio arqueológico, o uso de espaços preexistentes pelos portugueses ao longo de algumas décadas acarretou que, aquando da sua colmatação para construção de novas estruturas, uma parte importante dos dejectos fosse já de época portuguesa (Teixeira *et al.*, 2016, p. 85-95).

No mesmo momento em que realizaram o alçamento desta área do espaço urbano, os portugueses preencheram o compartimento existente no nível inferior da torre da cerca, eliminando naturalmente o seu acesso, que foi bloqueado com terra e pedras. Destaque-se a este propósito a referência documental incluída no programa de construção do castelo português de Alcácer Ceguer: o regimento de 20 de Dezembro de 1508 prescrevia que “todos os torreses que o muro da dita vila tiver, se entulharão das abóbadas debaixo de terra” (Correia, 2008, p. 464). Tratava-se de uma solução destinada ao reforço das estruturas militares face à possibilidade de uso extensivo de armas de fogo pelos oponentes. O registo arqueológico não parece, contudo, permitir esta associação com a ordem régia, que será mais tardia. Na verdade, o facto do monarca português prescrever globalmente este tipo de solução nos primeiros anos do século XVI não implica que ela não fosse utilizada já em época anterior. No caso que aqui nos ocupa, o aterro pode ter sido coevo das obras de “reforma dos muros da vila de Alcácer”, empreendidas nas décadas seguintes à conquista sob a direcção dos mestres-de-obras Rui Lourenço e Rodrigo Anes, o primeiro em 1459, o segundo a partir de 1473 (Dias, 1999, p. 22).

A ABERTURA DA PORTA DA RIBEIRA

Algures durante a ocupação portuguesa de Alcácer Ceguer o troço da cerca urbana a Noroeste da vila, entre a primeira e a segunda torre circular a Sudoeste do castelo, foi descontinuado para implantação de uma nova porta no burgo, que comunicava com a orla fluvial (figura 5). Da sua moldura, constituída por silhares bem talhados, preservavam-se apenas duas fiadas, a primeira com 47,5 cm de altura (dois palmos, segundo a métrica portuguesa coeva), a segunda com 33 cm (correspondente a um pé ou palmo e meio). O acesso tinha 1,65 m de largura (uma vara e meia), mais reduzido que as outras duas portas reconhecidas da ocupação portuguesa, a do Baluarte da Porta da Vila, que ligava o

with only very residual and superficial materials from the Portuguese period, as well as the degree of integrity of the Islamic assemblage, suggests that this operation of destruction of the pre-existing spaces by the new occupants occurred shortly after the 1458 conquest. It is not conceivable how the Portuguese might have obtained such a sedimentary package if not at an early stage of their presence in this space, when there was still a significant amount of intact debris from the former inhabitants, filling the former dwellings or other buildings. Regarding the domestic units of this archaeological site, the use of pre-existing spaces by the Portuguese over a number of decades meant that, at the time of their infilling for the construction of new structures, an important part of the refuse was already from the Portuguese period (Teixeira *et al.*, 2016, p. 85-95).

When this part of the urban space was uplifted, the Portuguese also filled in the compartment located at the lower level of the wall tower, naturally eliminating its access, which was blocked with dirt and stones. In this regard, the documentary reference included in the construction programme of the Portuguese castle of Ksar Seghir should be highlighted: the December 20th, 1508 ordinance stipulated that “all the towers of the town wall must have their vaults filled in” (Correia, 2008, p. 464). This solution aimed at strengthening the military structures due to the possibility of an extensive use of firearms by the opponents. However, the archaeological record does not seem to support this association with the aforementioned regal order, probably issued afterwards. Indeed, the fact that the Portuguese monarch globally prescribed this type of solution in the first years of the 16th century does not necessarily mean that it was not used previously. In the case we are dealing with here, the landfill may have been contemporaneous with the “renovation of the walls of the town of” Ksar Seghir undertaken in the decades following the conquest, under the direction of the master builders Rui Lourenço and Rodrigo Anes, the former in 1459, the latter from 1473 onwards (Dias, 1999, p. 22).

THE CONSTRUCTION OF THE PORTA DA RIBEIRA

At some point during the Portuguese occupation of Ksar Seghir, the section of the urban wall located to the northwest of the town, between the first and the second circular towers to the southwest of the castle, was pulled down for the construction of a new gate, which gave access to the riverfront (figure 5). Only two rows of its structure, made of well-shaped ashlar, were preserved; one of the rows is 47,5 cm in height and the other is 33 cm in height. This gate was 1,65 m wide, smaller than the other two gates ascribed to the Portuguese occupation, the Baluarte da Porta da Vila [Town gate bastion], which connected the castle and the burg, and the Baluarte da Porta de Ceuta [Ceuta

castelo e o burgo, e a do Baluarte da Porta de Ceuta, o principal acesso ao exterior da posição portuguesa voltado a Leste, ambas com sensivelmente 2,20 m de largura (duas varas, ou uma braça).

A estruturação destes três acessos era, porém, muito idêntica. Deveriam todos suportar um arco de volta perfeita, que apenas se conserva no Baluarte da Vila com 3,30 m de altura (uma braça e meia, segundo Cruz, 2015, p. 135), mas que pode ser intuída pelos silhares de arcos tombados identificados no derrube desta porta ribeirinha, na sondagem E3N17-E4N17, mesmo antes de um futuro trabalho de reconstituição.

Na parte interna do acesso ribeirinho existia uma porta de batente, suportada em dois gonzos metálicos, alargando-se a sua moldura para o interior, permitindo maior abertura das duas tábuas. Pelos exemplos da Porta de Ceuta e do Baluarte da Vila, cremos que a porta ribeirinha seria travada através de uma viga de madeira, que se introduzia em dois orifícios quadrangulares existentes dos dois lados da estrutura. Na parte externa existia uma porta que corria na vertical, as denominadas “portas de alçapão”, que o citado regimento de 20 de Dezembro de 1508 preconizava para todos os novos acessos que se viessem a fazer no quadro daquela campanha de obras (Correia, 2008, p. 465). Refira-se que a Porta de Ceuta tinha ainda uma ponte levadiça, segundo o levantamento efectuado em 1514 (Farinha, 1990, III, p. 405), permitindo ultrapassar o fosso que rodeava

gate bastion], the main access to the exterior of the Portuguese stronghold, facing east; both gates were approximately 2,20 m wide.

The structure of these three gates was very identical, all of them featuring round arches. Actually, only one arch was preserved, at the Porta da Vila; it is 3,30 m high (according to Cruz, 2015, p. 135). Still, their presence can be inferred from the ashlarls belonging to fallen arches identified in the collapse of this riverfront gate, in sondage E3N17-E4N17, even prior to a future reconstitution project.

In the internal part of the riverine access there was a hinged gate, with two metallic hinges; its frame extended inwards, allowing for a wider opening of the two leafs. Judging from the examples of the Porta de Ceuta and the Porta da Vila, we believe that this riverside gate would be locked by means of a wooden beam, which was inserted into two quadrangular holes on both sides of the structure. On the external part there was a sliding gate, in the manner of a portcullis, the so-called “portas de alçapão”, which the aforementioned December 20th, 1508 ordinance prescribed for all new gates to be constructed in the scope of that series of works (Correia, 2008, p. 465). The Porta de Ceuta also had a drawbridge, according to a survey carried out in 1514 (Farinha, 1990, III, p. 405), over which the gap that partially surrounded the fortification could be crossed (Redman, 1986, p. 147). This solution was not used in the other two gates, although it had been prescribed for the Porta da Vila (Cruz, 2015, p. 123).



5. Porta da Ribeira vista de Este, após a escavação da sondagem E3N17-E4N17, em 2015.
Porta da Ribeira seen from the east, after the excavation of sondage E3N17-E4N17, in 2015.

parte da fortificação (Redman, 1986, p. 147), solução que não foi utilizada nos outros dois casos, embora tivesse sido preconizada para o Baluarte da Vila (Cruz, 2015, p. 123).

No lado externo da porta ribeirinha as molduras eram chanfradas, conservando-se no flanco Norte, junto ao solo, um elemento decorativo esculpido, eventualmente a cabeça de um animal (figura 6), numa composição datável de inícios de Quinhentos. Refira-se que também na porta do Baluarte da Vila se observa um motivo decorativo esculpido, bem diverso deste referido, mas em posição assaz idêntica. Comuns a estas duas estruturas são as marcas de canteiro, nomeadamente uma delas. Na porta ribeirinha surgem três marcas: uma geométrica, com uma elipse e uma esfera; outra com um hipotético "vº", possível abreviatura de Vasco; e, por fim, um "Pº", provável abreviatura de Pêro ou Pedro (figura 7). Esta última, embora com orientação distinta, é idêntica à que subsiste no paramento interno do Baluarte da Vila, emoldurando a bombardeira existente junto ao vértice Nordeste.

Quanto à soleira, a porta ribeirinha era revestida por pedras de pequena a grande dimensão, irregularmente talhadas e dispostas com algum desnível; a zona de impacto da porta de alçapão encontrava-se mais erodida, faltando-lhe algumas pedras. Apresentava assim uma solução construtiva mais pobre que os outros dois acessos referidos: a Porta de Ceuta era integralmente revestida por lajes bem talhadas, regularmente

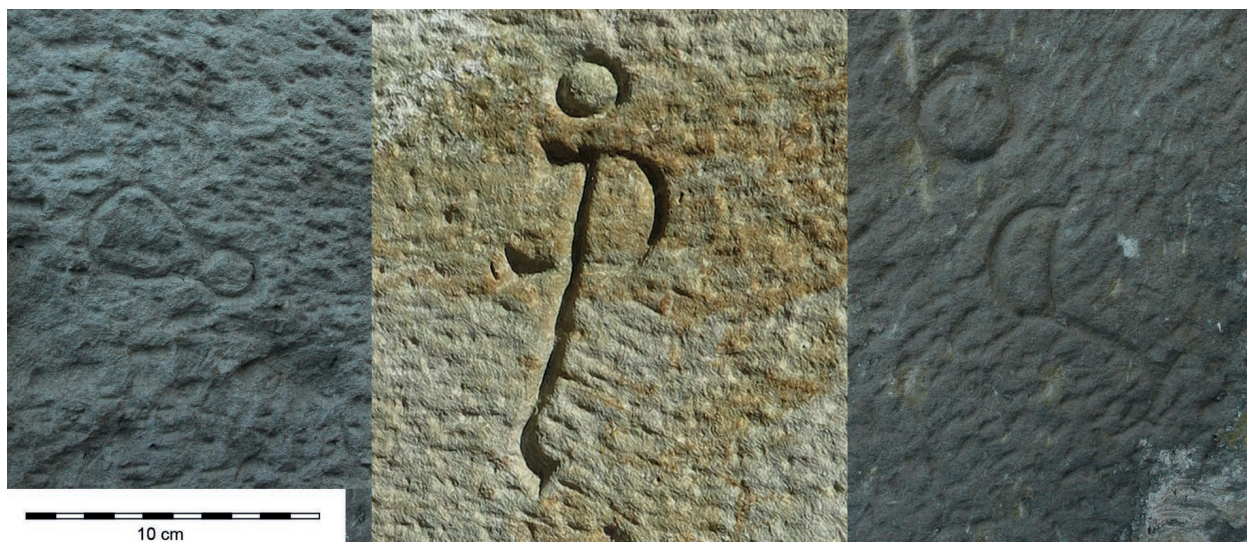
The riverine gate's frame was bevelled on the external side, and a sculpted decorative element, possibly the head of an animal, was preserved on the northern flank, close to the ground (figure 6); this composition probably dates from the early 1500s. Furthermore, the Porta da Vila also features a sculpted decorative motif, quite different from the former one, but in a quite identical position. Moreover, these structures feature mason's marks, one of which appears on both of them. Three marks can be seen on the riverine gate: a geometric one, with an ellipse and a sphere; another one with a hypothetical "vº", the possible abbreviation of Vasco; and, finally, a "Pº", probably an abbreviation of Pêro or Pedro (figure 7). The latter is identical to the one that still exists on the inner facing of the Porta da Vila, framing the gun embrasure located close to the northeast vertex.

Regarding the sill, the riverine gate was overlaid with small to large sized stones, irregularly shaped and laid in a somewhat uneven arrangement; the impact zone of the portcullis was more eroded and some stones were missing. It thus featured a poorer construction solution as compared to the two other aforementioned gates: the Porta de Ceuta was entirely overlaid by well-shaped slabs, regularly arranged, particularly homogenous in the impact zone of the portcullis; the Porta da Vila also featured more regular slabs, although with a depression in the centre, certainly intended for the drainage of rainwater.



6. Face Oeste da Porta da Ribeira, com pedra chanfrada e motivo decorativo animal esculpido, em 2017.

Western face of the Porta da Ribeira, showing the bevelled stone and the sculpted decorative animal motif, in 2017.



7. Marcas de canteiro detectadas nos escombros da Porta da Ribeira, em 2015.
Mason's marks identified in the rubble from the Porta da Ribeira, in 2015.

dispostas, particularmente homogéneas na zona de batente da porta de alçapão; a Porta do Baluarte da Vila possuía também lajes mais regulares, embora com uma depressão ao centro, certamente destinada à drenagem de águas pluviais.

Enfim, as semelhanças entre a porta agora descoberta e as outras duas já documentadas são, pois, assinaláveis, não obstante as dimensões mais reduzidas e o menor cuidado no tratamento dos materiais empregues. Ora a porta do Baluarte da Vila é uma construção ordenada pelo já citado regimento de 20 de Dezembro de 1508, executando-se nos anos imediatos (Cruz, 2015, p. 123-125). Já o Baluarte da Porta de Ceuta foi iniciado aquando da chegada do mestre-de-obras Francisco Danzilho a Alcácer Ceguer em 1511, estando no essencial construído em 1514, quando estes trabalhos foram objecto de verificação por parte do mestre-de-obras da Coroa, Diogo Boytac (Correia, 2008, p. 163-166), provável autor do caderno de encargos e responsável pelas construções então realizadas nesta região setentrional de Marrocos (Moreira, 1989, p. 122).

Do ponto de vista meramente tipológico seria, pois, tentador inserir a construção desta porta ribeirinha nesta mesma campanha de obras da primeira metade da segunda década de Quinhentos, embora a sua edificação não seja preconizada em nenhum dos documentos conhecidos. Claro que também seria sugestivo associá-la aos depósitos arqueológicos que cobria e que, como referimos acima, apontam para uma cronologia mais recuada, dos primeiros decénios da ocupação portuguesa da vila. Contudo, nada impede que os referidos aterros tenham sido depositados no processo de renovação das muralhas islâmicas pelos portugueses, abrindo-se o acesso ao rio neste flanco apenas meio século depois. De facto, a datação desta porta relaciona-se intimamente com a questão da comunicação entre o burgo e o meio aquático ao longo dos séculos, que nos ocupará nas linhas que se seguem.

Finally, the similarities between the newly discovered gate and the two previously documented gates are therefore remarkable, despite the smaller dimensions and lesser care in the treatment of the materials used in the construction of the former. The Porta da Vila was ordered by the aforementioned December 20th, 1508 ordinance and was built in the following years (Cruz, 2015, p. 123-125). The construction of the Porta de Ceuta started when the master builder Francisco Danzilho arrived in Ksar Seghir in 1511, and was essentially completed in 1514, when these works were inspected by the Crown's master builder, Diogo Boytac (Correia, 2008, p. 163-166), the probable author of the specifications and construction works that took place in this northern region of Morocco (Moreira, 1989, p. 122).

From a merely typological point of view, it would be tempting to include the construction of this riverine gate in the works carried out during the first half of the second decade of the 1500s, although its erection is not referred to in any of the known documents. Of course, it would also be suggestive to associate it with the archaeological deposits it covered and which, as we mentioned above, point to an older chronology, from the first decades of the Portuguese occupation of the town. However, the aforementioned landfills could have been deposited during the process of renovation of the Islamic walls by the Portuguese and the access to the river on this side could have only been opened half a century later. In fact, the dating of this gate is closely related to the issues concerning the communications between the town and the aquatic environment over the centuries, which we will be addressing in the following lines.

The survey of the Islamic circular wall, which as we pointed out above dates from the end of the 13th century, involved the construction of the Bab Bahar, the gate that gave access to the sea, as its name indicates (figure 8). It measured 21,5 x 14 m and consisted of two chambers, a vaulted and an open-aired one, arranged

O levantamento da muralha circular islâmica, que como apontámos acima datará de finais do século XIII, implicou a construção da Bab Bahar, a porta que assegurava a ligação ao mar, como indica a sua designação (figura 8); com 21,5 x 14 m, composta por duas câmaras, uma abobadada, outra a céu aberto, descrevendo um acesso em cotovelo, possuía um esplendor arquitectónico e decorativo assinalável (Redman, 1986, p. 55-56; Cruz, 2015, p. 75-77). No ano seguinte à conquista portuguesa, procurando obviar os constrangimentos na comunicação entre a fortificação e as armadas, começou a erguer-se uma *couraça* entre esta porta islâmica e a praia, basicamente a estrutura que ainda hoje subsiste, embora prolongada e alteada no início de Quinhentos, tendo-se provavelmente bloqueado desde logo a serventia exterior da Bab Bahar (Dias, 1999, p. 22; Cruz, 2015, p. 77 e 85-89).

A partir de 1460 a Bab Bahar foi seguramente encerrada e convertida em aposento do capitão da vila, como testemunha o lacónico relato de Zurara, colhido em Alcácer Ceguer uma década depois da tomada, mas também o mencionado regimento de 20/12/1508, que prescrevia as obras a fazer sob a direcção do mestre Pêro Vaz. O primeiro justifica que “porque naquela vila não havia casas em que ele [o capitão] se pudesse alojar, todo o mês de Setembro entendeu em mandar fazer uns paços mui nobres com que afortalezou

in an angled access, with a remarkable architectural and decorative splendour (Redman, 1986, p. 55-56; Cruz, 2015, p. 75-77). In the year following the Portuguese conquest, seeking to overcome the constraints in the communications between the fortification and the armadas, a *couraça* was constructed between this Islamic gate and the beach. It basically corresponds to the structure that still exists nowadays, although it was extended and raised in the early 1500s, probably blocking the external access of the Bab Bahar (Dias, 1999, p. 22; Cruz, 2015, p. 77 and 85-89).

From 1460 onwards, the Bab Bahar was certainly closed and converted into the quarters of the captain of the town, as evidenced by Zurara’s laconic report, compiled in Ksar Seghir a decade after the conquest, but also by the aforementioned December 20th, 1508 ordinance, which stipulated the works to be carried out under the direction of the master builder Pêro Vaz. According to Zurara, “because in that town there were no houses fit to accommodate the captain, he decided, during the month of September, to order the construction of a very noble palace, thus strengthening and embellishing the castle of the walled town” (Zurara, 1978, p. 235). The reference is imprecise and raises an unsolved issue: the possible existence of an Islamic kasbah, a walled perimeter other than the circular curtain of the medina. When referring to the first siege laid against the town by the King of Fez in the



8. Vista aérea de Alcácer Ceguer em 1977, a partir de Oeste. À esquerda vê-se a Bab Bahar circundada pelo castelo português, assim como o arranque da *couraça* marítima. Em baixo, o leito fluvial e a orla ribeirinha. © C. L. Redman, Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir
Aerial view of Ksar Seghir in 1977, from the west. Left, the Bab Bahar surrounded by the Portuguese castle and the start of the maritime *couraça*. Bottom, the riverbed and the riverfront. © C. L. Redman, Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir

e aformosou o castelo da vila” (Zurara, 1978, p. 235). A referência é imprecisa e lança uma questão nunca resolvida: a da eventual existência de uma alcáçova islâmica, perímetro muralhado distinto da cortina circular da medina. Quando refere o primeiro cerco do rei de Fez à vila, nos derradeiros meses de 1458, Zurara distingue claramente a “porta do castelo” e os “muros da vila” (1978, p. 131). A que se referiria Zurara nos anos de 1470, para mais relatando factos ocorridos logo após a conquista, quando designa o castelo de Alcácer Ceguer?

Quanto ao documento de 1508 (Correia, 2008, p. 463-464), é claro ao identificar os aposentos do capitão com a antiga Bab Bahar, ao ordenar a sua reestruturação e uma série de construções que seriam feitas em seu redor. Por um lado, deveriam entulhar-se os “arcos mouriscos sobre que o dito aposento está fundado”, para tornar a estrutura mais robusta, um enchimento que ainda hoje se atesta. Por outro, determina a construção de uma “barreira que cerque as casas do aposento do capitão”, que hoje se identifica com as cortinas que compõem o castelo. Por último, as normativas para a erecção de uma torre de menagem, que se devia fazer “da parte da *couraça* [...] afastada do dito aposento tanto que se não possa servir senão por uma ponte levadiça”, apontam também para a identificação da casa do capitão com a antiga Bab Bahar. Digase que os planos iniciais para aquela torre acabaram por ser alterados, fazendo coincidir a casa do capitão com a mencionada torre de menagem, de que não restam contudo vestígios (Cruz e Correia, 2016, p. 150).

Na sua judiciosa tese de mestrado sobre o castelo de Alcácer Ceguer, Sérgio Cruz analisa a possibilidade de ter sido aberta desde logo uma porta que assegurasse a comunicação entre este reduto defensivo e a zona fluvial, já que a *couraça* terminaria sobre o mar, ou próximo dele. Este espaço ribeirinho conduzia, aliás, a uma ponte que atravessava o rio Laksar, amiúde referida por Zurara. O portal emparedado com arco de volta perfeita, com 1,76 m de largura (8 palmos), visível nos dois flancos da muralha Oeste da *couraça* junto da zona de amarração com o castelo, poderia ter sido “uma versão inicial da Porta da Ribeira” (Cruz, 2015, p. 89). A este primitivo acesso ribeirinho ter-se-ia sucedido um outro, rasgado na parede Noroeste do perímetro do castelo português logo após a sua construção, possibilidade que aquele autor lança, embora não deixando de notar a estruturação dissonante deste acesso face aos demais abertos aquando da campanha de obras ditada pelo regimento de 1508 (Cruz, 2015, p. 135). Na verdade, esta é a área mais profundamente modificada do recinto, com restauros contemporâneos que modificaram significativamente o aparelho.

A documentação disponível não responde cabalmente à questão. Com efeito, não existe qualquer referência à Porta da Ribeira anterior a 1514, no já citado *auto de medição* das obras de Francisco Danzilho. Contudo, o regimento de 1508, quando traça o perímetro do

late months of 1458, Zurara clearly distinguishes between the “castle gate” and the “town walls” (1978, p. 131). What was Zurara referring to in the 1470s, as he described the events that took place shortly after the conquest, when he mentioned the Ksar Seghir castle?

As to the 1508 document (Correia, 2008, p. 463-464), the quarters of the captain are clearly identified as the former Bab Bahar in the instructions for its restructuring and for a series of constructions that should be built around it. On one hand, the “Moorish arches upon which the said quarters were built” should be filled with rubble, to make the structure more robust; this infill can still be seen nowadays. On the other hand, a “wall surrounding the captain’s quarters” should be built; this “wall” is currently considered to correspond to the curtain walls of the castle. Finally, the guidelines for the construction of a keep, which should be built “on the side of the *couraça* [...] away from the said quarters and only accessible by a drawbridge”, also indicate that the house of the captain was indeed the former Bab Bahar. It should be said that the initial plans for the keep ended up being changed: the house of the captain was installed in the aforementioned keep, of which, however, no vestiges remain (Cruz and Correia, 2016, p. 150).

In his judicious master’s thesis on the castle of Ksar Seghir, Sérgio Cruz analyses the possible early construction of a gate that would have ensured the communications between this defensive redoubt and the river area, since the *couraça* would end on the sea, or close to it. In fact, this riverine space led to a bridge that crossed the Laksar River, often referred to by Zurara. The walled portal featuring a 1,76 m wide round arch, visible on the two sides of the *couraça*’s western wall, close to the area where it joins the castle, could have been “an initial version of the Porta da Ribeira” (Cruz, 2015, p. 89). Another riverine access was probably built later on, in the northwest wall of the perimeter of the Portuguese castle and soon after its construction, a possibility suggested by the author, although he does notice the dissonant structuring of this access when compared to the other gates built during the works included in the 1508 ordinance (Cruz, 2015, p. 135). In fact, this is the most profoundly modified area of the enclosure, due to the contemporary restorations that have significantly modified its fabric.

The available documentation does not fully answer the question. Actually, there is no reference to the Porta da Ribeira prior to 1514, already in the aforementioned *auto de medição* of Francisco Danzilho’s works. However, according to the 1508 ordinance, the perimeter of the castle that was to be built around the former Bab Bahar “shall begin on the corner of the town’s barbican and its gate, which leads to the bridge and straight through the town wall” (Correia, 2008, p. 463). Clearly referring to the western flank of the future enclosure, this description corresponds to the nowadays clearly recognizable layout of the castle wall, with the barbican and the urban wall being superposed next to the

castelo a erguer em torno da antiga Bab Bahar, refere que ele “começará num través que a barreira da [vila] faz junto com a porta que dela sai para a ponte e corta direito pelo muro da dita vila” (Correia, 2008, p. 463). Referindo-se claramente o flanco ocidental do futuro recinto, enuncia-se um percurso hoje claramente reconhecível da muralha do castelo, sobrepondo barbacã e cerca urbana, junto da porta agora documentada. Em nosso atender este trecho do regimento aponta para a existência desta porta ribeirinha antes de 1508, até porque nenhuma das hipóteses avançadas por Sérgio Cruz para a localização do acesso ao rio é compatível com esta descrição. Note-se que isto não contraria a existência de um acesso ribeirinho a partir do muro Oeste da *couraça* logo desde 1460, como se referiu, mas reduz a consistência da realocação desta serventia no flanco Noroeste do castelo a partir de 1508, até pela natureza dissonante dos vestígios. A porta ribeirinha agora encontrada pode mais claramente ser identificada com aquelas referências documentais de inícios de Quinhentos.

No auto de medição de 1514 a Porta da Ribeira é referida a propósito da “*couraça nova*”, que consistia basicamente no prolongamento de uma torre circular da cerca islâmica em direcção ao rio, conferindo-lhe uma forma em U. Dela ainda restam vestígios, sensivelmente a meia distância entre o muro sudoeste do castelo e a Bab Fas, a antiga porta do burgo voltada àquele flanco. Naquele documento a implantação deste novo bastião é clara “entre a Porta da Ribeira e onde se acaba a cava” (Farinha, 1990, IIII, p. 412), referências mais próximas da estrutura, tanto num como noutro flanco, facilmente identificáveis. Das cinco bombardeiras do nível superior da nova estrutura, uma disparava “para uma banda, por entre a barreira e o muro e contra a Porta da Ribeira, e a outra para a outra parte” (Farinha, 1990, IIII, p. 414), ficando evidente os propósitos da nova construção de bater a liça ribeirinha do burgo. Noutra passagem também é clara a relação do achado que agora revelamos com a Porta da Ribeira: descrevendo-se o corredor que comunicava a velha *couraça* marítima e o castelo, ainda hoje preservado, refere-se uma escada que descia dele até “o outro baluarte que está contra a Porta da Ribeira”, sendo que anteriormente se aludira ao “baluarte que Francisco Danzino aí fez” (Farinha, 1990, III, p. 420). Se neste caso se referia indubitavelmente o ângulo Nordeste daquele perímetro fortificado, o Baluarte da Praia, naquele referia-se ao flanco Noroeste, que se projectava efectivamente para aquela serventia ribeirinha.

A BARBACÃ

Os dados arqueológicos obtidos para a datação da barbacã de Alcácer Ceguer são escassos. Refira-se que este é um tipo de estrutura frequente em fortificações islâmicas baixo-medievais, mas foi também erguida pelos portugueses em construções dos séculos XV e XVI (Monteiro, 1999, p. 86-92). A estrutura preserva-se entre a face exterior Sudoeste do castelo

newly identified gate. In our opinion, this section of the ordinance denotes the existence of this riverine gate prior to 1508, since none of the hypotheses put forward by Sérgio Cruz concerning the location of the access to the river is compatible with this description. Still, this does not contradict the existence of a riverine access from the western wall of the *couraça* already since 1460, as mentioned above, but diminishes the consistency of the relocation of this access on the north-western flank of the castle from 1508 onwards, even due to the dissonant nature of the remains. The newly discovered riverine gate is more consistent with those documental references from the early 1500s.

The Porta da Ribeira is referred to in the 1514 *auto de medição*, on the subject of the “new *couraça*”, which basically consisted of the extension of a circular tower of the Islamic urban wall towards the river, giving it a U-shape. Some of its vestiges still remain, roughly halfway between the south-west wall of the castle and the Bab Fas, the former town gate of this flank. In the said document, the location of this new bastion is quite clear: “between the Porta da Ribeira and the end of the moat” (Farinha, 1990, IIII, p. 412). These references are closer to the structure, on both flanks, and are easily identifiable. Of the five gun embrasures located on the upper level of the new structure, one fired “to one side, between the barbican and the wall, and at the Porta da Ribeira, and the other one fired to the other side” (Farinha, 1990, IIII, p. 414). Thus, the purposes of the new construction become quite evident: battering the area between the barbican and the urban wall. Another part of the text also clarifies the relation of the discovery revealed hereby with the Porta da Ribeira: the description of the corridor that connected the old maritime *couraça* and the castle, still existing nowadays, refers to a staircase that descended from the corridor to “the other bastion lying against the Porta da Ribeira”, with a previous allusion to the “bastion that Francisco Danzilho made there” (Farinha, 1990, III, p. 420). The latter undoubtedly refers to the northeast angle of the fortified perimeter, the Baluarte da Praia [Beach bastion], while the former refers to the northwest flank, which was indeed a projection towards that riverine access.

THE BARBICAN

The archaeological data available for the dating of Ksar Seghir’s barbican are scarce. This type of structure is frequent in early medieval Islamic fortifications, but was also used by the Portuguese in 15th and 16th-century buildings (Monteiro, 1999, p. 86-92). The barbican is preserved between the south-western outer face of the castle and the eighth circular tower of the urban wall to the south, to which it is addorsed (figure 2). This configuration perfectly matches the survey of the fortification carried out in 1514 (Farinha, 1990, III, p. 397). It is clear that the original layout of the barbican surrounded the entire

e o oitavo torreão circular da cerca para Sul, onde entesta (figura 2). Esta configuração é perfeitamente coincidente com o levantamento da fortificação efectuado em 1514 (Farinha, 1990, III, p. 397). É evidente que o percurso original da barbacã circundava todo o burgo, tendo sido derrubada aquando da construção do alambor e consolidação com pedra da contra-escarpa do fosso, obra executada entre 1511 e 1514. No exame dos trabalhos então realizados indica-se claramente que se “derribou a barreira velha sobre que se fez fundamento de se fazer a outra obra”, referindo-se ao Baluarte da Porta de Ceuta, explicitando-se adiante que “Francisco Danzino desfez [a Bab Sabta] quando desfez a barreira” (Farinha, 1990, III, p. 405-406).

A evidente anterioridade da barbacã face à construção do castelo está plasmada no paramento Sudoeste deste recinto defensivo, onde esta cortina bem como a cerca da vila estão sobrepostas e absorvidas pela fortificação portuguesa (figura 9). Um exame atento deste alçado permite ainda detectar três momentos construtivos da barbacã, ambos usando como materiais de construção pedra de pequena a média dimensão unida por argamassa com forte presença de cal, sendo os paramentos revestidos com reboco (figura 10): um primitivo, na base, composto por um muro de 90 cm de largura; outro, sobreposto ao anterior no alinhamento do paramento Oeste, com 45 cm de espessura; e, finalmente, um mais recente, que consiste no espessamento deste último muro na sua face interna, formando um talude. Não é possível, porém, no actual estado dos conhecimentos, datar estas fases da estrutura.

Os testemunhos escritos portugueses dão resposta satisfatória no que toca à origem da barbacã, já que o relato dos dois cercos do rei de Fez em 1458 e 1459 tem abundantes referências a esta estrutura. A título de exemplo, refira-se o episódio ocorrido em Novembro de 1458, quando a armada do rei de Portugal estava na baía de Alcácer Ceguer. O capitão da vila decidiu colocar “alguma gente na barreira com muitas bestas e artilharia, para quando a disposição do tempo chegasse poderem fazer dano a seus contrários”; esta estrutura existia claramente na frente marítima, porque “os mouros ficaram em meio entre os do mar e da vila” (Zurara, 1978, p. 142). Noutra passagem refere-se expressamente a “barreira da parte do mar” (Zurara, 1978, p. 161). Não é crível, pois, que os portugueses tivessem erguido este dispositivo defensivo nos dois meses que mediaram a conquista e aquele primeiro cerco, sendo ainda estranho que obra tão volumosa não merecesse menção nas crónicas, ao contrário do que sucede com trabalhos bem menores. É, pois, evidente que a barbacã, pelo menos na sua primitiva forma, foi erguida algures antes de 1458 durante o domínio islâmico, não sendo possível precisar por ora a sua data de fundação.

É evidente, igualmente, que a barbacã conheceu alterações durante o domínio português. Na sondagem E2N17, bem como na escavação em extensão

town and it was later brought down during the construction of the talus and the stonework consolidation of the counterscarp of the moat, executed between 1511 and 1514. The assessment of the works carried out at the time clearly indicates that “the old barbican was brought down and used for the foundations of another construction”, and further explains that “Francisco Danzilho demolished the Bab Sabta when he dismantled the barbican” (Farinha, 1990, III, p. 405-406).

The fact that the barbican obviously predates the construction of the castle is reflected in the facing of the south-western wall of this defensive enclosure, where this curtain, as well as the town's wall, was overlaid and absorbed by the Portuguese fortification (figure 9). A careful examination of this elevation also allows for the identification of the barbican's three construction moments, always using small to medium sized stones joined with lime-rich mortar; the walls were clad with plaster (figure 10): a primitive one, at the base, measuring 90 cm in width; a second one, 45 cm thick, overlying the previous in the alignment of the western wall; and, finally, a more recent one, which consists in a thickening of this last wall on its internal face, forming a slope. However, in the current state of our knowledge it is not possible to date these phases of the structure.

The Portuguese written testimonies provide a satisfactory answer regarding the origins of the barbican. The account of the two sieges laid by the King of Fez in 1458 and 1459 includes abundant references to the barbican. For example, the November 1458 event, when the armada of the king of Portugal was in the bay of Ksar Seghir. The captain of the town decided to place “some people in the barbican with many crossbows and artillery, so they could attack the enemy at the right moment”; this structure clearly existed on the seafront, because “the Moors were caught between the troops deployed on the sea side and those deployed on the town side” (Zurara, 1978, p. 142). In another passage the “barbican on the sea side” is expressly referred to (Zurara, 1978, p. 161). It is not plausible, therefore, that the Portuguese raised this defensive structure in the two months between the conquest and that first siege. Moreover, it is unlikely that such a sizeable construction did not deserve some mention in the chronicles, contrary to what happened with much smaller works. Thus, it is evident that the barbican, at least in its primitive form, was built sometime before 1458, during the Islamic rule, but, for the time being, it is not possible to specify its foundation date.

It is also clear that the barbican underwent changes during the Portuguese period. In the E2N17 sondage, as well as in the extensive excavation of the entire area, we detected a section of this curtain with a length of 13 m and a thickness of 1,25 m, consisting of the above referred small to medium size stone masonry joined with lime-rich mortar. In 1514, this structure was described as being made of “stone and clay”



9. A barbacã em 2017: estruturas arqueológicas, incluindo a respectiva porta, ao centro; negativo no paramento Sudoeste do castelo português, à esquerda. Ao fundo, a Porta da Ribeira.
The barbican in 2017: centre, archaeological structures, including the respective gate; left, a negative on the southwest facing of the Portuguese castle. The Porta da Ribeira can be seen in the background.



10. Negativo da barbacã no paramento Sudoeste do castelo português em 2017, vendo-se as suas duas fases de construção.
Negative of the barbican on the southwest facing of the Portuguese castle, in 2017, showing its two construction phases.

de toda a área, detectámos um troço desta cortina com 13 m de comprimento e 1,25 m de espessura, compondo-se da referida alvenaria de pedra de pequena a média dimensão unida por argamassa com forte componente de cal. Em 1514 esta estrutura foi descrita como sendo “de pedra e barro” (Farinha, 1990, III, p. 405). O seu coroamento, de que não nos chegaram vestígios, conheceu também transformações. No Verão de 1459, durante o cerco à vila, as tropas atacantes “derrubaram um pedaço do peitoril da barreira” (Zurara, 1978, p. 202). Em data anterior a 1502 a parte cimeira da estrutura foi reformulada, já que neste ano se referem obras noutro sector da vila, recomendando-se que as ameias fossem feitas “da feição das da França, como as que se fizeram na barreira da dita vila” (Correia, 2008, p. 460). O investimento na reformulação do topo da cortina deveu-se seguramente ao desejo de melhorar a protecção e a capacidade ofensiva dos defensores, construindo-se ameias de corpo largo, ao modo como então se vinha praticando no Reino (Monteiro, 1999, p. 77-78).

Paralelamente, nos níveis inferiores atingidos nesta intervenção arqueológica da barbacã, foi detectado o embasamento de uma porta (figuras 9 e 11), nomeadamente uma soleira composta por quatro pedras, duas de grandes dimensões nas extremidades laterais, duas menores ao centro, registando-se entre estas um espaço para drenagem de águas; todas as pedras eram bem talhadas e polidas superiormente pelo uso. Nas duas pedras que compunham as extremidades da base da porta observavam-se orifícios para colocação de gonzos metálicos, cuja base ainda se preservava. Era, pois, um acesso mais simples que as demais serventias da vila que referimos, uma vez que aqui não existia a estrutura vertical de porta de alçapão. A abertura desta porta na barbacã islâmica é seguramente um evento contemporâneo da criação da Porta da Ribeira supramencionada. Assim, para viabilizar a criação de uma Ribeira em Alcácer Ceguer e o seu acesso ao burgo, os portugueses terão aberto simultaneamente uma porta na cerca principal e outra na barbacã.

O mesmo sistema organizativo da muralha e barbacã registava-se noutros pontos do burgo, pelo menos logo após a conquista: num combate descrito por Zurara a maior parte dos homens de armas portugueses introduziu-se sigilosamente “na barreira”, esperando sinal para avançar, aguardando “entre as portas, juntos e bem ordenados” (1978, p. 170-171). Deduz-se que neste outro flanco da vila, provavelmente junto à Bab Sabta ou à Bab Fas, existiam duas portas, uma na muralha principal, outra na barbacã. Na segunda década do século XVI esta organização mantinha-se apenas no flanco ribeirinho, aquele que recebera menos obras por parte dos portugueses, seguramente pelo seu menor desafio militar, protegido que estava pelo meio aquático.

Por fim, deve referir-se que a escavação desta área possibilitou a identificação do piso de circulação que conectaria o rio e o burgo (figura 11). Sobre esta calçada

(Farinha, 1990, III, p. 405). Its top, of which we found no trace, also underwent some transformations. In the summer of 1459, during the siege of the town, the attacking troops “knocked down a piece of the barbican’s parapet” (Zurara, 1978, p. 202). The top of the structure was reformulated prior to 1502, since there is a reference, in this year, to works in another sector of the town, and it is recommended that the battlements be made “in the manner of the French ones, like those made for the barbican of the said town” (Correia, 2008, p. 460). The investment in the reformulation of the top of the curtain was certainly due to the desire to improve the protection and the offensive capacity of the defenders, by building broad crenellations, as was common practice by then in the Kingdom of Portugal (Monteiro, 1999, p. 77-78).

At the same time, in the lower levels reached during this archaeological intervention on the barbican, the foundations of a gate were identified (figures 9 and 11), namely a sill composed of four stones, two large ones at the lateral ends and two smaller ones at the centre, with a space for water drainage between them; all the stones were well shaped and their upper surfaces were polished by use. Both stones placed at the ends of the gate’s base feature holes for metallic hinges, whose base was still preserved. Therefore, this gate was simpler than the other accesses to the town that we mentioned before, since here there was no vertical structure for a portcullis. The construction of this gate in the Islamic barbican is certainly a contemporaneous event of the creation of the aforementioned Porta da Ribeira. Thus, to enable the creation of a Ribeira in Ksar Seghir and the corresponding access to the town, the Portuguese simultaneously opened a gate in the main wall and another one in the barbican.

The same organizational system of the wall and barbican was used in other parts of the town as well, at least right after the conquest: in a combat described by Zurara, the majority of the Portuguese men of arms were secretly deployed “in the barbican”, waiting for a sign to advance, “between the doors, close together and in good order” (1978, p. 170-171). It can be deduced that on this flank of the town, probably next to Bab Sabta or Bab Fas, there were two gates, one in the main wall and the other in the barbican. In the second decade of the 16th century this organization remained only on the riverine flank, where fewer works were carried out by the Portuguese, certainly because of its lesser military challenge, as it was protected by the aquatic environment.

Finally, the excavation of this area enabled the identification of the circulation floor that probably connect the river and the town (figure 11). Ceramic objects clearly ascribable to the Portuguese period were found on top of this pavement, encrusted in the stones, confirming the dating of the structure. This pavement was composed of small to medium sized stones, irregularly shaped, many of them rounded by erosion; it started

foram detectados objectos cerâmicos claramente atribuíveis ao período português, incrustados nas pedras, confirmando a datação da estrutura. Era um pavimento composto por pedras de pequena a média dimensão, irregularmente talhadas, muitas delas arredondas por erosão, que partia da soleira da Porta da Ribeira (onde atingia uma largura de 5 m) para Sudoeste em direcção à porta aberta na barbacã (onde se estreitava para 2,5 m). A calçada era estruturada por uma fiada de pedras ao centro, sendo delimitada por outras duas de composição mais regular nos dois lados. Tinha uma pendente com 0,87 m, seguindo um percurso em cotovelo, provavelmente a céu aberto, que vencia o desfasamento entre as duas aberturas. Esta solução arquitectónica, influenciada pela arquitectura militar medieval islâmica, tem profuso paralelo em fortificações portuguesas baixo-medievais (Monteiro, 1999, p. 83-84).

Este tipo de revestimento do espaço público foi globalmente utilizado pelos portugueses na vila, inserindo-se num espírito de higienização, agilização da circulação e embelezamento que dava os primeiros passos no urbanismo português coevo (Rossa, 1995, p. 261). Em Alcácer Ceguer este tipo de via tem paralelo na referida porta do Baluarte da Vila, neste caso lançando uma das ruas que conduzia ao interior do burgo. No caso presente, é de presumir que a via permitisse, de um lado, o acesso directo à orla ribeirinha, tendo-se detectado o seu arranque nessa direcção, de outro, fizesse a comunicação com o centro nevrálgico do burgo, o

from the sill of the Porta da Ribeira (where it reached a width of 5 m) and ran to the Southwest towards the barbican gate (where it narrowed down to 2,5 m). The pavement was structured by a row of stones in the centre, being delimited by two other, more regular rows, one to each side. It had a slope of 0,87 m, following an angled layout, probably not roofed, that overcame the difference in height between the two gates. This architectural solution, influenced by medieval Islamic military architecture, has profuse parallels in early medieval Portuguese fortifications (Monteiro, 1999, p. 83-84).

This type of public space flooring was globally used by the Portuguese in the town, as part of a spirit of hygiene, ease of circulation and embellishment that was taking its first steps in the coeval Portuguese urbanism (Rossa, 1995, p. 261). In Ksar Seghir this type of thoroughfare has a parallel in the gate of the Porta da Vila, where one of the streets that led to the interior of the town starts from. In the present case, it is presumable that this thoroughfare gave, on one hand, direct access to the riverfront (we have identified its start in that direction) and, on the other hand, provided a connection with the neuralgic centre of the town, the public space between the castle and the main church, but so far no evidence supports this hypothesis. It is also interesting to mention the existence of two raised stones in this pavement, one to each side, roughly halfway along the pavement; these stones could have served as safety brakes for the wagons that, certainly loaded and heavy, would use this route.



11. Plano final das escavações arqueológicas na área ribeirinha de Alcácer Ceguer em 2017, vendo-se à esquerda a barbacã e à direita a cerca da vila, com as respectivas portas, assim como a calçada que unia estas duas serventias.
Final plan of the archaeological excavations in the riverine area of Ksar Seghir in 2017. Left, the barbican; right, the urban wall and its gates as well as the pavement connecting both gates.

espaço público entre o castelo e a igreja matriz, hipótese de que não se tem indícios. É ainda interessante mencionar a existência de duas pedras sobrelevadas no percurso desta calçada, de cada um dos lados, sensivelmente a meio do trajecto; estas podiam constituir travões de segurança para as carroças que, seguramente carregadas e pesadas, fizessem este percurso.

A RIBEIRA

O acesso revelado pelos trabalhos arqueológicos corresponde, então, à Porta da Ribeira, uma designação que nos parece merecer reflexão. O termo “Ribeira” equivale a um conceito específico na história portuguesa baixo-medieval e da época moderna, que ultrapassa o significado de “ribeirinho”. Fixou-se como um espaço à beira de água, comum a todos os aglomerados urbanos litorais e fluviais do Império, equipado com instituições e estruturas diversas, correspondendo a uma unidade político-administrativa e socioeconómica (Caetano, 2004, p. 89-93). Com efeito, a Coroa portuguesa foi sentindo crescentemente a necessidade de proteger as suas frotas, desenvolvendo estas Ribeiras como espaços mais ou menos organizados onde se centralizavam as actividades de apresto, construção e reparação naval. A sua fisionomia variava consoante a dimensão e as funções desempenhadas por cada centro urbano, nuns casos implantando-se de raiz, noutros adaptando estruturas pré-existentes. Eram espaços de propriedade régia e funcionavam como plataforma entre o núcleo urbano e o meio aquático. Detinham área de estaleiro naval, armazéns, locais de embarque e desembarque, estruturas de controlo fiscal e fortificações, localizando-se muitas vezes próximas dos edifícios de poder, que assim exerciam controlo sobre este espaço; igrejas e espaços de assistência social e sanitária encontravam-se nas redondezas (Caetano, 2004, p. 76-89). Todas as Ribeiras além-mar tinham semelhanças com as portuguesas, principalmente com Lisboa, que serviu como modelo, consolidando-se como um elemento identitário facilmente reconhecido pelos portugueses (Caetano, 2004, p. 64-69).

Deve, pois, entender-se esta Porta da Ribeira de Alcácer Ceguer como o acesso criado pelos portugueses a uma área seleccionada para desenvolver este tipo de actividades marítimas. Não se tratava de um acesso que conduzia ao último reduto de defesa português, as suas frotas, ou sequer de onde se esperasse receber reforços, nomeadamente em caso de cerco, funções que cometeriam inteiramente à Porta do Mar que se abria na extremidade Norte da couraça. A Porta da Ribeira relacionava-se mais com a vida civil do burgo, não obstante a estrita vigilância exercida pelo poder político-militar personificado pelo capitão, que se alojava num espaço imediatamente contíguo, entre a Ribeira e o mar, seguindo afinal aquele modelo português também neste ponto. Tratava-se, pois, de

THE RIBEIRA

The access unveiled by the archaeological interventions corresponds, therefore, to the Porta da Ribeira, a designation that seems to deserve some consideration. The term *Ribeira* [lit.: riverside] is equivalent to a specific concept in Portuguese early medieval and modern history, which goes beyond the meaning of *ribeirinho* [lit.: riverine]. The *Ribeira* was established as a space at the water's edge, shared by all the coastal and fluvial urban agglomerations of the Portuguese Empire, featuring various institutions and structures and corresponding to a political, administrative and socio-economic unit (Caetano, 2004, p. 89-93). In fact, the Portuguese Crown increasingly felt the need to protect its fleets, developing these *Ribeiras* as more or less organized spaces where the activities related to ship rigging, construction and repair were centralized. Its physiognomy varied according to the size and functions performed by each urban centre, being built from scratch or adapting to pre-existing structures. These spaces were Crown property and functioned as platforms between the urban core and the aquatic environment. They included shipyard areas, warehouses, embarkation and disembarkation facilities, fiscal control structures and fortifications, and were often located close to buildings of power, which thus exercised control over these spaces; churches and social and sanitary assistance facilities were located nearby (Caetano, 2004, p. 76-89). All the overseas *Ribeiras* shared similarities with the ones located in Portugal, especially with the Ribeira de Lisboa, which served as a model, becoming an element of identity easily recognised by the Portuguese (Caetano, 2004, p. 64-69).

This Porta da Ribeira of Ksar Seghir must therefore be understood as the access created by the Portuguese to an area selected for the development of this type of maritime activities. It was not an access leading to the last redoubt of Portuguese defence or to the fleets, or even from where it was expected to receive reinforcements, particularly in the case of a siege. These functions were fulfilled by the Porta do Mar, located at the northern end of the *couraça*. The Porta da Ribeira was more related to the civilian life of the town, notwithstanding the strict vigilance exercised by the political-military power, personified by the captain, who was housed in an immediately contiguous space, between the *Ribeira* and the sea, following, once again, that Portuguese model. This was consequently an area where the residents of the town carried out their economic, commercial, fishing and naval activities, which is why it was connected to the town and not to the castle. Although we do not know the physiognomy of the immediately contiguous intramural space, we should emphasize the proximity to the main church and the denser area of commercial establishments of the urban agglomeration, the civic zone par excellence (Redman, 1986, p. 184).

uma área onde os moradores do burgo praticavam as suas actividades económicas, comerciais, piscatórias, navais, razão porque a sua conexão se fazia com a vila e não com o castelo. Embora não se conheça a fisionomia do espaço intramuros imediatamente contíguo, deve reforçar-se a proximidade com a igreja matriz e a área mais densa de estabelecimentos comerciais do aglomerado urbano, a zona cívica por excelência (Redman, 1986, p. 184).

É difícil por ora caracterizar a paisagem desta Ribeira, aguardando-se neste domínio os resultados dos trabalhos geoarqueológicos recentemente realizados. Não é clara a distância entre o flanco ocidental do burgo e a orla ribeirinha (figura 8). O testemunho de Zurara quando do referido cerco de 1458 refere que, logo nos primeiros dias, "chegou à ribeira um barco em que vinha Afonso de Miranda para se lançar na vila", que alcançou o seu objectivo não obstante a intensa perseguição; louva-se a propósito a habilidade do português que, "vestido em suas armas e por um grande areal cercado de contrários, haver ligeirice para se salvar", esclarecendo-se que "seria então o espaço da água à vila tiro de uma boa besta de poiada" (1978, p. 130-31). No auto de medição da fortificação de 1514 refere-se em algumas passagens o contacto da fortificação com o leito do rio. A descrição da contra-escarpa indica que esta se iniciava junto à couraça, a Norte, seguindo "até à beira do rio", no trecho meridional da barbacã que se havia preservado e a "couraça nova" (Farinha, 1990, III, p. 401), portanto, claramente a Sudoeste. Contudo, noutra parte refere-se "um cano que sai da cava e vai dar no rio, por onde entra e sai a água do rio à cava" (Farinha, 1990, III, p. 402), o que sugere que a comunicação não era directa, havendo necessidade deste dispositivo para manter o fosso inundável.

O curso fluvial teria naturalmente oscilações, como se depreende de mais um trecho do cronista referente a Dezembro de 1458, onde alude aos esforços do capitão para obter apoios junto de Ceuta e Tarifa, pedindo o envio de "algum navio seu enquanto a foz deste rio é aberta e com estas águas que duram" (Zurara, 1978, p. 166), clara indicação de que a própria navegabilidade podia ser comprometida em época mais seca. Numa carta de um morador de Alcácer ao rei, de 1515, assinalava-se o mau estado da muralha ribeirinha e a necessidade de desmontar a ponte que ali existia, dado que "faz carregar o rio sobre a vila" (Correia, 2008, p. 465), mais um episódio de proximidade entre o caudal fluvial e a fortificação. Nestas ocasiões pouca praia ficaria disponível para aquelas actividades marítimas, eventualmente ape-nas aquele recanto entre o castelo e a cerca urbana onde se abria a Porta da Ribeira.

Assim, presume-se que a Ribeira portuguesa de Alcácer Ceguer não devia ser mais que uma estreita faixa de praia fluvial, naturalmente inconstante na sua fisionomia em função do caudal do rio, não se conhecendo até ao momento qualquer estrutura específica destinada à acostagem de embarcações. Os limites são imprecisos, seguramente no flanco Sudoeste exterior do burgo,

It is difficult for now to characterize the landscape of this *Ribeira*; actually, we are still awaiting the results of the geo-archaeological works recently carried out in this area. The distance between the western flank of the town and the riverfront is not clear (figure 8). Zurara's testimony at the time of the 1458 siege states that, in the early days, "Afonso de Miranda arrived at the *Ribeira* by ship, willing to enter the town" and achieved his goal despite the intense persecution; praise is also given to this man who, "in full battle gear and surrounded by enemies, was quick enough to cross the wide sandy shore and escape", while explaining that "the distance between the water and the town was around 300 m" (1978, p. 130-31). The contact of the fortification with the riverbed is mentioned in some passages of the fortification's 1514 *auto de medição*. The description of the counterscarp indicates that it began next to the *couraça*, to the north, reaching "the edge of the riverbed" in the preserved southern stretch of the barbican and the "new *couraça*" (Farinha, 1990, III, p. 401), thus clearly to the southwest. However, another passage refers to "a pipe that comes out of the moat and ends in the river, through which water flows to and fro between the river and the moat" (Farinha, 1990, III, p. 402), which suggests that the communication was not direct, and that the referred pipe was required for flooding the moat.

The river would naturally have oscillations, as can be deduced from another passage by the same chronicler referring to December 1458, where he alludes to the efforts of the captain to obtain support from Ceuta and Tarifa, asking for "some ship to be sent while the mouth of the river is still open and the deep enough waters remain" (Zurara, 1978, p. 166), a clear indication that navigability itself could be compromised during the drier season. In a letter from a resident of Ksar to the king in 1515, the poor condition of the riverine wall and the need to dismantle the bridge that existed there were pointed out, since it "causes the river to flow onto the town" (Correia, 2008, p. 465), yet another indication of the proximity between the river and the fortification. On these occasions, not much of the beach would be available for maritime activities, possibly only the corner between the castle and the urban wall where the Porta da Ribeira once stood.

Thus, it may be presumed that the *Ribeira* of Ksar Seghir would be no more than a narrow strip of fluvial beach, naturally inconstant in its physiognomy depending on the river flow. So far, no specific structure for the mooring of vessels has been identified. The limits are imprecise, surely in the southwest outer flank of the town, and also in the area immediately facing the Porta da Ribeira, but they could extend to the *couraça*, to the north, and to the "new *couraça*" to the west, from the 16th century onwards (figure 2). A simple reference from the December 20th, 1508 ordinance indicates the existence at this time of structures intended for naval construction and repair in the north flank, between the *couraça* and the river, foreseeing that "the shipyards on the west side of

certamente também na zona imediatamente fronteira à Porta da Ribeira, mas que se poderiam estender até à *couraça*, a Norte, e à "*couraça nova*", a Oeste, a partir do século XVI (figura 2). Uma referência singela do regimento de 20 de Dezembro de 1508 indica a existência nesta época de estruturas destinadas à construção e reparação naval no flanco Norte, entre a *couraça* e o rio, prevendo-se então que "as tercenhas que estão pegadas à dita *couraça* da parte da ponte se derribarão" (Correia, 2008, p. 464), certamente uma forma de potenciar o desempenho militar daquela estrutura. A verdade é que este espaço ribeirinho assegurava às embarcações portuguesas uma protecção face às intempéries marítimas, assim como de eventuais assaltos navais, já que aquela faixa se encontrava protegida pela estrutura militar mais expressiva do burgo, o castelo.

É também difícil por agora compreender se esta zona ribeirinha portuguesa já era utilizada com os mesmos propósitos em época anterior à conquista. No século XI, al-Bakri referiu que o burgo era rodeado de plantações e árvores e que "os navios podiam entrar no rio e subir até às muralhas". Na centúria seguinte, al-Idrisi enunciou a existência de um estaleiro de construção naval (Mojoud, 2012, p. 37 e 39), empreendimento atribuído ao primeiro emir almorávida, Yusuf ibn Tashfin, no quadro de uma política de controlo naval do Estreito de Gibraltar, provavelmente após a conquista de Ceuta, em 1083; o complexo é localizado "no interior, para cima da embocadura, junto às muralhas" (Picard, 1997, p. 58-59). Não nos parece, contudo, que uma área tão diminuta como a que agora analisamos possa corresponder a este estaleiro naval que referem as fontes escritas. Este situar-se-ia possivelmente mais para montante, num estuário seguramente mais caudaloso e largo do que se observa actualmente (figura 1) ou que pontuaria a paisagem na época portuguesa, quando a área era sistematicamente referida como "várzea".

Não é de excluir, porém, que em momento imediatamente anterior à conquista portuguesa de 1458, a zona que elegeram como sua Ribeira desempenhasse já estas funções. O informado texto de Zurara, relatando episódios do cerco de Novembro e Dezembro daquele ano, narra que o assédio foi montado de forma a "obstruir a ribeira, para que não pudesse vir mais gente nem alimento a esta vila" (Zurara, 1978, p. 134). A função portuária desta área fluvial junto à fortificação também é comprovada pela passagem em que os sitiados saíram da cerca para "vararem os navios em terra e os trazerem à sombra dos muros", a fim de evitar que os inimigos lhes atuassem fogo; estes "navios de remo" estavam anteriormente no leito do rio (Zurara, 1978, p. 138). O mesmo se pode deduzir dos socorros provenientes de Ceuta, então considerados apenas viáveis "pelo rio [...], ainda que fosse de noite" (Zurara, 1978, p. 141). Enfim, em todas as situações parece claro que o rio era já utilizado com função portuária aquando da chegada dos portugueses, embora seja difícil indicar qual a área exacta onde se praticariam as actividades marítimas, seguramente entre la Bab Bahar e o rio.

the *couraça*, near the bridge, must be demolished" (Correia, 2008, p. 464), certainly a way of enhancing the military performance of that structure. The truth is that this riverine area provided Portuguese vessels with protection from maritime storms, as well as from possible naval assaults, since that strip was protected by the most significant military structure of the town, the castle.

For the time being, it is also difficult to understand whether this Portuguese riverine area was already being used for the same purposes prior to the 1458 conquest. In the 11th century, al-Bakri mentioned that the town was surrounded by plantations and trees and that "ships could enter the river and sail up to the walls". In the following century, al-Idrisi referred to the existence of a shipyard (Mojoud, 2012, p. 37 and 39), an undertaking attributed to the first Almoravid emir, Yusuf ibn Tashfin, as part of a policy of naval control of the Strait of Gibraltar, probably after the conquest of Ceuta in 1083; the complex is located "inland, upstream from the river mouth, close to the walls" (Picard, 1997, p. 58-59). However, we do not believe that such a small area as the one we are now examining might correspond to the shipyard referred to in the written sources. This would possibly be located further upstream, in an estuary certainly larger and wider than its present-day counterpart (figure 1); in Portuguese times, this area was systematically referred to as a "floodplain".

However, it cannot be excluded that, at some point immediately before the Portuguese 1458 conquest, the zone eventually chosen for their Ribeira was already fulfilling these functions. Zurara, in his well-documented text, refers to some episodes of the siege of November and December of that year, and mentions that the siege was laid in such a way as to "block the Ribeira so neither people nor food could reach the town" (Zurara, 1978, p. 134). The port functions of this river area close to the fortification are also proven by the passage in which the besieged left the urban wall to "beach the ships closer to the walls", in order to prevent the enemies from setting them on fire; these "oared vessels" were previously anchored in the river (Zurara, 1978, p. 138). The same can be deduced from the help coming from Ceuta, which was considered only viable "through the river [...], even if during the night" (Zurara, 1978, p. 141). Finally, it seems clear in all situations that the river was already used as a harbour when the Portuguese arrived, although it is difficult to pinpoint the exact area where the maritime activities probably took place, certainly between the Bab Bahar and the river.

A RENOVAÇÃO DA ÁREA RIBEIRINHA E O SEU ABANDONO

A Porta da Ribeira foi utilizada seguramente até ao fim da presença portuguesa. Nas intervenções arqueológicas foi possível detectar o nível de derrube desta estrutura: por um lado, grandes blocos bem talhados, que deverão corresponder ao colapso da própria porta portuguesa; por outro, pedras de média dimensão agregadas com argamassa e tijolos, que resultarão da destruição das torres islâmicas e da cortina defensiva (figura 12). A forma como colapsou esta estrutura é incompatível com uma reformulação do sistema defensivo pelos portugueses, mas antes com uma destruição causada por fenómenos naturais. Refira-se que não foram recolhidos quaisquer materiais significativos relativos a este momento de abandono, o que também aponta para um cenário de destruição sem relação com a acção humana.

Já no que toca à barbacã foi possível identificar, no registo arqueológico, ocorrências compatíveis com uma reformulação do espaço durante a ocupação portuguesa de Alcácer Ceguer. Todo o troço revelado da estrutura, a que já aludimos acima, se encontrava destruído sensivelmente à mesma cota. A zona da porta da barbacã e as áreas contíguas a esta cortina, tanto no exterior, como no interior, foram cobertas por um sedimento arenoso, contendo escassos, mas ainda assim significativos, materiais de época portuguesa, o que data esta operação. Em algumas áreas junto a esta serventia foi mesmo identificada uma camada de argamassa bem compacta, com ligeira pendente para o rio (figura 13). Interpretamos este estrato como um piso de circulação desta zona ribeirinha, que sucedeu à barbacã, entretanto arrasada pelos portugueses.

O fenómeno não tem, a nosso conhecimento, qualquer expressão nas fontes escritas. Somos, assim, levados a pensar que, algures durante os últimos decénios da ocupação portuguesa, se procedeu ao arrasamento da barbacã neste sector, eventualmente com o fito de alargar a área ribeirinha, de criar um espaço livre mais desafogado. Após esta operação, a Porta da Ribeira passou a abrir directamente para uma zona aberta, com pendente para o rio, em parte revestida pela antiga calçada, noutra parte – sobre o antigo trajecto da barbacã – por um piso em argamassa. Esta acção de reconfiguração terá ocorrido seguramente após 1514, uma vez que a “barreira” ainda é referida no *auto de medição* feito nesse ano. Foi com aquela configuração que esta zona ficou até à partida dos portugueses.

Estas estruturas foram depois cobertas por sedimentos fluviais, com bastantes pedras, mas sem materiais arqueológicos, crendo-se que a sua destruição resultou também de acção de agentes naturais, tal como se verificara na muralha principal. A datação da destruição deste sector da vila, seguramente há muito abandonada, é impossível de determinar. Ressalva-se apenas que, no início do século XX, não restava qualquer vestígio

THE RENEWAL AND ABANDONMENT OF THE RIVERINE AREA

The Porta da Ribeira was surely used until the end of the Portuguese presence. During the archaeological interventions it was possible to identify the layer corresponding to the collapse of this structure: on one hand, large well-shaped blocks, which should correspond to the collapse of the Portuguese gate itself; on the other hand, medium sized stones aggregated with mortar and bricks, probably resulting from the destruction of the Islamic towers and the defensive curtain (figure 12). The way this structure collapsed is not compatible with a reformulation of the defensive system by the Portuguese, but rather with a destruction caused by natural phenomena. Furthermore, no significant materials related to this moment of abandonment were recovered, which also points to a scenario of destruction unrelated to human action.

As for the barbican, it was possible to identify in the archaeological record some events consistent with a reformulation of the space during the Portuguese occupation of Ksar Seghir. The entire section of the structure that was unveiled, as referred above, was destroyed at roughly the same elevation. The area of the barbican gate and the areas adjacent to this curtain, both outside and inside, were covered by a sandy sediment, containing few, but nevertheless significant, materials from the Portuguese period, which provides a dating for this operation. In some areas close to this access, a very compact layer of mortar was identified; it sloped gently towards the river (figure 13). We interpret this layer as a circulation floor of this riverine area, which replaced the barbican razed by the Portuguese.

To the best of our knowledge, this phenomenon is not mentioned in the written sources. We are, therefore, induced to think that, during the last decades of the Portuguese occupation, the razing of the barbican took place in this sector, possibly aiming at enlarging the riverine area, thus creating a more unobstructed free space. After this operation, the Porta da Ribeira gave direct access to an open area, sloping towards the river, partly covered by the old pavement and partly – over the former layout of the barbican – by a mortar floor. This reconfiguration action probably took place after 1514, since the “barreira” [barbican] is still mentioned in that year's *auto de medição*. This zone kept the same configuration until the departure of the Portuguese.

These structures were then covered by fluvial sediments, with many stones, but without archaeological materials. We believe that their destruction also resulted from the action of natural agents, as in the case of the main wall. The date of the destruction of this sector of the town, certainly abandoned a long time before, is impossible to determine. At the beginning of the 20th century, there was no trace of this structure, as it is not mentioned in the cultural visit of a



12. Porta da Ribeira no momento da escavação, em 2015, vendo-se o remanescente do seu colapso.
The Porta da Ribeira during the excavation, in 2015, and the remnants of its collapse.

desta estrutura, já que ela não é referida na visita cultural que ali efectuaram membros de agremiações científicas portuguesas em 1923, nem na planta efectuada por Luís César de Montalbán (Dornelas, 1925), pioneiro da arqueologia na região, então com funções na administração do protectorado espanhol em Marrocos e cuja acção em Alcácer Ceguer é ainda desconhecida.

number of members of Portuguese scientific associations in 1923, nor in the ground plan by Luís César de Montalbán (Dornelas, 1925), a pioneer archaeologist in this region, who was by then in charge of the Spanish protectorate in Morocco and whose actions in Ksar Seghir are still unknown.



13. A barbacã e a respectiva porta, cobertas por sedimento e piso de argamassa aquando da reformulação deste espaço durante o domínio português.
The barbican and the respective gate, covered by sediments and a mortar floor as a result of the reformulation of this space during Portuguese rule.

CONCLUSÕES

As intervenções arqueológicas efectuadas entre 2015 e 2017 permitiram identificar diferentes realidades na zona Noroeste de Alcácer Ceguer, junto da orla ribeirinha, conectadas com a fortificação e a vida marítima deste burgo ao longo dos séculos.

Os resultados alcançados numa pequena sondagem indicam-nos uma fundação da cerca urbana e das respectivas torres circulares coincidente com a referência documental da crónica de Ibn Abi Zar', que data a sua construção de 1287. Os alicerces das estruturas continham sedimentos com materiais dos séculos XII e XIII, lixeiras de níveis de ocupação anteriores do sítio, sendo sucedidas por um piso de circulação. Reforça-se, pois, a interpretação recente de Patrice Cressier, que considera o percurso perfeitamente circular da cidade, apoiado num triângulo equilátero definido pelas suas portas, assim como a sua localização marítima frente ao Estreito de Gibraltar, como a materialização da estratégia e ideologia dos sultões merínidas de intervenção na Península Ibérica.

CONCLUSIONS

The archaeological interventions carried out between 2015 and 2017 allowed for the identification of different realities in the north-western area of Ksar Seghir, near the riverfront, related to the fortification and the maritime life of this town over the centuries.

The results of a small sondage indicate that the foundation of the urban wall and its circular towers are consistent with a documentary reference from the chronicle of Ibn Abi Zar', which dates its construction to 1287. The foundations of the structures contained sediments with materials from the 12th and 13th centuries, corresponding to waste dumps from previous levels of occupation, covered by a circulation floor. This corroborates Patrice Cressier's recent interpretation, i.e. the perfectly circular layout of the town, based on an equilateral triangle defined by its gates, as well as its maritime location facing the Strait of Gibraltar, as the materialization of the Marinid sultans' strategy and ideology of intervention in the Iberian Peninsula.

A conquista portuguesa, em 1458, provocou múltiplas transformações no antigo burgo. Nesta orla ribeirinha é evidente uma elevação significativa do terreno. Se noutros casos este processo se relaciona com mudanças ao nível do urbanismo ou da construção de edifícios públicos e privados, aqui apontamos para um objectivo essencialmente militar, uma vez que esta operação está associada ao enchimento da abóbada inferior da torre circular do recinto, conferindo-lhe maior solidez. Esta terraplanagem foi realizada numa única fase e em pouco tempo, nos primeiros anos da presença portuguesa na cidade, aproveitando-se os resíduos deixados pela população muçulmana que a abandonara.

Nos primeiros cinquenta anos da ocupação portuguesa, o troço de muralha a Noroeste da vila foi descontinuado para a implantação de uma nova porta, que comunicava com a orla fluvial. Foi construído de acordo com a métrica portuguesa da época, tendo uma estrutura muito semelhante aos outros dois acessos construídos no burgo no início do século XVI e que sobreviveram até hoje, os do Baluarte da Porta da Vila e do Baluarte da Porta de Ceuta. Um documento de 1508 sugere a existência desta serventia antes desta data e o manuscrito de 1514 refere uma Porta da Ribeira, certamente coincidente com esta descoberta.

Esta porta dava, pois, acesso à Ribeira de Alcácer Ceguer, um espaço específico dos aglomerados urbanos portugueses desta época, com instituições de poder e estruturas logísticas, sobretudo comerciais, onde se fazia a construção e reparação naval e que servia como plataforma entre o burgo e o meio aquático. Trata-se de um espaço que por ora não podemos caracterizar, mas que teria uma área reduzida, flutuante face à própria dinâmica fluvial, onde os habitantes desenvolviam as suas actividades marítimas. A Porta da Ribeira conectava este espaço com o centro nevralgico do burgo, onde se localizava o castelo, a igreja matriz e as principais lojas.

Em relação à barbacã, de acordo com as fontes escritas, foi construída antes de 1458, tendo sido transformada durante o domínio português, com a abertura de uma porta ribeirinha. Esta abertura será contemporânea da construção da Porta da Ribeira, viabilizando a conexão entre o burgo e o espaço fluvial. O percurso entre as suas serventias fazia-se a descoberto por uma calçada em cotovelo, com acentuado declive, um sistema de organização das portas que foi registado noutras áreas da vila. Mais enigmática é a destruição da barbacã ainda sob os portugueses e sua cobertura por um piso em argamassa, talvez justificada pelo desejo de alargar a espaço de circulação na zona ribeirinha. Todas as estruturas acabaram por colapsar após a partida dos portugueses, por acção de agentes naturais, até serem redescobertas por estes trabalhos arqueológicos.

The Portuguese conquest, in 1458, originated multiple transformations of the old town. A significant uplift of the terrain is quite evident on this riverfront area. If in other cases this process is related to changes in urbanism or to the construction of public and private buildings, in this case we are dealing with an essentially military objective, since this operation is associated with the infilling of the lower vault of the compound's round tower, in order to increase its robustness. This infill was executed in a single phase and in a short time, during the first years of the Portuguese presence, taking advantage of the waste left by the Muslim inhabitants who abandoned the town.

During the first fifty years of the Portuguese occupation, a stretch of wall to the northwest of the town was brought down to allow for the installation of a new gate, which gave access to the riverfront. This gate was built according to the coeval Portuguese metric system; its structure is very similar to the other two gates built in the town in the beginning of the 16th century, at the Baluarte da Porta da Vila and the Baluarte da Porta de Ceuta, which have reached our days. A 1508 document suggests the existence of this access prior to this date and the 1514 manuscript mentions a Porta da Ribeira, which quite probably corresponds to this discovery.

Thus, this gate gave access to the *Ribeira* of Ksar Seghir, a specific space of the Portuguese urban agglomerations of that time, featuring institutions of power and logistical structures, particularly commercial, where naval construction and repair were carried out and which served as a platform between the town and the aquatic environment. For the time being, we cannot fully characterise this space, which changed according to the river dynamics, but this would probably be a small area, where the inhabitants carried out their maritime activities. The Porta da Ribeira connected this space with the neuralgic centre of the town, where the castle, the main church and the main shops were located.

Regarding the barbican and according to written sources, it was built before 1458 and transformed during the Portuguese period, with the construction of a riverine gate. This should be contemporaneous with the construction of the Porta da Ribeira, enabling the connection between the town and the riverside area. An unroofed, angled pavement with a steep slope connected both gates; similar gate systems were recorded in other areas of the town. The destruction of the barbican, still under Portuguese rule, and its covering with a mortar floor is more enigmatic, and was perhaps motivated by the desire to extend the circulation space of the riverside area. All the structures eventually collapsed after the departure of the Portuguese, due to the action of natural agents, and they were only rediscovered in the course of the archaeological interventions presented herein.

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

CAETANO, Carlos (2004) – *A Ribeira de Lisboa na Época da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII)*. Lisboa: Pandora.

CORREIA, Jorge (2008) – *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI*. Porto: FAUP Publicações.

CRESSIER, Patrice (2006) – Les portes urbaines post-almohades du Maroc. In SCHATTNER, Thomas G.; VALDÉS FERNÁNDEZ, Fernando, ed., *Stadttore. Bautyp und Kunstform / Puertas de ciudades. Tipo Arquitectónico y forma artística*. Mayence: Deutsches Archäologisches Institut, Diputación Provincial de Toledo, Real Fundación de Toledo, p. 459-488.

CRESSIER, Patrice (2012) – Al-Qasr al-Saghîr, ville ronde. In BENLABBAH, Fatiha; EL-BOUDJAY, Abdelatif, eds., *Ksar Seghir. 2500 and d'échanges intercivisationnels en Méditerranée*. Rabat: Institut d'Études Hispano-Lusophones, p. 61-89.

CRUZ, Maria Leonor Garcia da (1997) – As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África. *Mare Liberum*, 13-14. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 123-187, 117-198.

CRUZ, Sérgio Braga da (2015) – *O Castelo Português de Alcácer Seguer: Transformações Morfológicas de meados do séc. XV a meados do séc. XVI*. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (Tese de mestrado).

CRUZ, Sérgio Braga da; CORREIA, Jorge (2016) – Vers une interprétation du château de Ksar Seghir: transformations morphologiques entre le XV^e et le XVI^e siècle. In TEIXEIRA, André, coord., *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles / En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI* (Coleção ArqueoArte, 5). Lisboa: CHAM, p. 135-164.

DIAS, Pedro (1999) – *História da Arte Portuguesa no Mundo 1415-1822. O espaço do Atlântico*. Lisboa: Círculo dos Leitores.

DORNELAS, Afonso de (1925) – *Alcácer Seguer em Agosto de 1923*. Lisboa: Casa Portuguesa.

EL-BOUDJAY, Abdelatif (2012) – La mise en valeur du site archéologique de Ksar Seghir: bilan et perspectives. In BENLABBAH, Fatiha; EL-BOUDJAY, Abdelatif, eds., *Ksar Seghir. 2500 and d'échanges intercivisationnels en Méditerranée*. Rabat: Institut d'Études Hispano-Lusophones, p. 107-131.

EL-BOUDJAY, Abdelatif; TEIXEIRA, André; LOPES, Gonçalo Correia; TORRES, Joana Bento (2016) – La fortification et la mer à Ksar Seghir: le rempart ouest et les portes riveraines entre le XIV^e et le XVI^e siècle. In TEIXEIRA, André, coord., *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles / En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI* (Coleção ArqueoArte, 5). Lisboa: CHAM, p. 165-200.

FARINHA, António Dias (1990) – *Portugal e Marrocos no século XV*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 vols. (Tese de doutoramento).

MARTÍNEZ NUÑEZ, María Antónia (2016) – La lápida de la Puerta de Fez (*Bāb Fās*) en la muralla de al-Qasr al-Ṣagîr (Marruecos). In TEIXEIRA, André, coord., *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles / En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI* (Coleção ArqueoArte, 5). Lisboa: CHAM, p. 127-134.

MONTEIRO, João Gouveia (1999) – *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MOREIRA, Rafael (1989) – A época manuelina. In MOREIRA, Rafael, org., *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, p. 91-142.

MOUJOURD, Tarik (2012) – Ksar Seghir d'après les sources médiévales d'histoire et de géographie. In BENLABBAH, Fatiha; EL-BOUDJAY, Abdelatif, eds., *Ksar Seghir. 2500 and d'échanges intercivisationnels en Méditerranée*. Rabat: Institut d'Études Hispano-Lusophones, p. 35-59.

PICARD, Christophe (1997) – *La Mer et les musulmans d'Occident au Moyen Age, VIII-XIII siècle*. Paris: Presses Universitaires de France.

REDMAN, Charles L. (1986) – *Qsar es-Seghir. An Archaeological View of Medieval Life*. Orlando: Academic Press.

ROSSA, Walter (1995) – A cidade portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir., *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. III, p. 233-323.

TEIXEIRA, André; CORREIA, Jorge (2017) – O património arquitectónico e arqueológico de origem portuguesa no Norte de África: projectos de investigação e valorização (2008-2016). In SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, coord., *Preservar o Património Português Além-Mar. Portugueses e a Salvaguarda do Património Edificado Português no Mundo*. Lisboa: Caleidoscópio, p. 197-223.

ZURARA, Gomes Eanes (1978) – *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, ed. Larry King. Lisboa: FCSH-UNL.

CONSTRUYENDO LA CIUDAD PORTUGUESA EN EL NORTE DE ÁFRICA (siglos XV-XVI)

EL CASO DE CEUTA

FERNANDO VILLADA PAREDES
IEC, Instituto de Estudios Ceutíes

En muchos casos la nueva ciudad crece sobre los vestigios de la antigua, pero con un carácter social y una organización constructiva diferentes, que en cambio, se relacionan sin interrupción con el carácter y el escenario de la ciudad contemporánea. Lo que ha quedado de las ciudades antiguas son una serie de ruinas que se estudian y se visitan, pero ya no funcionan como partes integrantes de la ciudad actual. En cambio las ciudades medievales todavía están habitadas y conservan muchas de sus tradiciones originales. Algunas han crecido y se han convertido en grandes metrópolis modernas – París, Londres –, y el asentamiento medieval apenas es un núcleo central; sin embargo, algunas de las características establecidas durante la Edad Media de manera sorprendente aun siguen ejerciendo su influencia en el organismo mucho mayor de la ciudad contemporánea [...]. (Benévolo, 1977)

La fisonomía de una ciudad es resultado de la acción simultánea de factores muy diversos. En primer lugar, de aquellos naturales de índole geográfico y físico (topografía, clima, tipos de suelos, recursos disponibles, etc.) que, aunque paulatinamente menos decisivos debido al avance tecnológico, condicionan y mediatizan su propia existencia.

Además, la ciudad expresa en su trazado y, al mismo tiempo, da respuesta a las necesidades de una determinada forma de organización social, política, económica, religiosa, cultural, etc. Los edificios representativos, las viviendas, el modo en que estas se articulan en manzanas, los espacios públicos, las arterias de comunicación, la ubicación de los distintos elementos, etc., es decir, la propia realidad física del espacio urbano está condicionada por la sociedad que las construye, por las élites que la rigen.

También, si no se trata de una fundación *ex novo*, es resultado de su propia historia, de la impronta de ciudades pretéritas que parecen resistirse a desaparecer

BUILDING THE PORTUGUESE CITY IN NORTH AFRICA (15th-16th centuries)

THE CASE OF CEUTA

In many cases the new city grows on top of the remnants of the old one, but with a different social character and different types of construction, which in turn are directly related to the character and the setting of the contemporary city. What is left of the ancient cities is a series of ruins that are studied and visited, but no longer function as integral parts of the present-day city. On the other hand, medieval cities are still inhabited and preserve many of their original traditions. Some have grown into large modern metropolises like Paris or London and the medieval settlement is only a central core. However, some of the characteristics established during the Middle Ages surprisingly still influence the much larger structure of the contemporary city [...]. (Benévolo, 1977)

The physiognomy of a city is the result of the simultaneous action of very diverse factors. Firstly, a number of natural factors of geographical and physical nature (topography, climate, types of soils, available resources, etc.) which, although gradually less decisive due to technological progress, limit and mediatise the very existence of the city.

Moreover, the city's layout mirrors and, at the same time, meets the needs of a given form of organization (social, political, economic, religious, cultural, etc.). Representative buildings and housing, their arrangement in blocks, public spaces, street networks, the location of the different elements, etc., i.e. the physical reality of the urban space itself is determined by the society that builds the city and by the elites that rule it.

Furthermore, if it is not a case of *ex novo* foundation, the city is the result of its own history, of the imprint of past cities that seem to resist complete disappearance and leave their mark on the inherited buildings, ramparts

completamente y dejan su huella en edificios, murallas y arterias heredadas. Por ello, la ciudad histórica es un palimpsesto en el que, con mayor o menor dificultad, pueden leerse fragmentos de otras ya desaparecidas.

En Ceuta, la conquista por las tropas del rey D. Juan I en 1415 supuso la formación de una nueva *civitas* cristiana en el emplazamiento de la antigua medina islámica. Como no podría ser de otro modo, este proceso supuso una notable transformación en su forma urbana. Una formación económica-social cristiana regía ahora los destinos de la ciudad norteafricana y expresaba, también en su urbanismo, las relaciones sociales, políticas, económicas, etc., que le eran propias.

Reflexionar sobre algunas de esas transformaciones es el objetivo de estas páginas.

CONTEXTO GEOGRÁFICO

Ceuta se levanta sobre una península en la orilla sur del Estrecho de Gibraltar, a unos 20 km de la orilla europea. Esta geografía peninsular ha condicionado históricamente su urbanismo (figura 1). La extensión de actual término municipal es de unos 20 km² aproximadamente, algunos de ellos ganados al mar en las últimas décadas.

En su extremo oriental se levanta el Hacho, un promontorio de aproximadamente 200 m de altura sobre el nivel del mar, identificado por algunos autores con la columna africana de Hércules, *Abila*. Su costa es rocosa y pendiente hasta tal punto que permite únicamente el desembarco en algunos puntos.

A continuación se extiende la Almina cuyas mayores elevaciones se encuentran al sur formando una línea costera muy abrupta. El terreno desciende hacia el norte y hacia el oeste formando un anfiteatro natural hasta unirse al continente a través de un estrecho istmo más o menos rectangular (500 x 180 m aproximadamente) donde se situó la medina islámica y después *La Ciudad* portuguesa. Atravesado el Istmo el terreno vuelve a ensancharse y adquiere pronto nuevamente altura (a menos de un kilómetro en línea recta se superan los 70 m sobre el nivel del mar y a los cuatro kilómetros se alcanzan ya los 320 m). Las comunicaciones con el continente son difíciles debido a lo escarpado del terreno y a la presencia de zonas pantanosas, hoy ya prácticamente desaparecidas, que dificultan el paso.

Los recursos naturales (terrenos de cultivo, pastos, minerales, abastecimiento hídrico, etc.) no son abundantes lo que hizo a Ceuta estrechamente dependiente del terreno circundante, al menos durante buena parte de su etapa medieval islámica. Así, por ejemplo, León el Africano señala que "las tierras en torno a la ciudad son secas y duras, lo que hace que Ceuta ande siempre escasa de cereales" (1995, p. 177). El aprovechamiento

and streets. Thus, historic cities are palimpsests in which, with greater or lesser difficulty, fragments of disappeared cities can be glimpsed.

The conquest of Ceuta by the troops of King João I in 1415 entailed the formation of a new Christian *civitas* on the site of the old Islamic medina. Inevitably, this process involved a remarkable transformation of Ceuta's urban form. The destinies of this North African city were now ruled by a Christian socio-economic system, with its own urbanism, which also mirrored the new social, political and economic relations.

The aim of these pages is to reflect on some of these transformations.

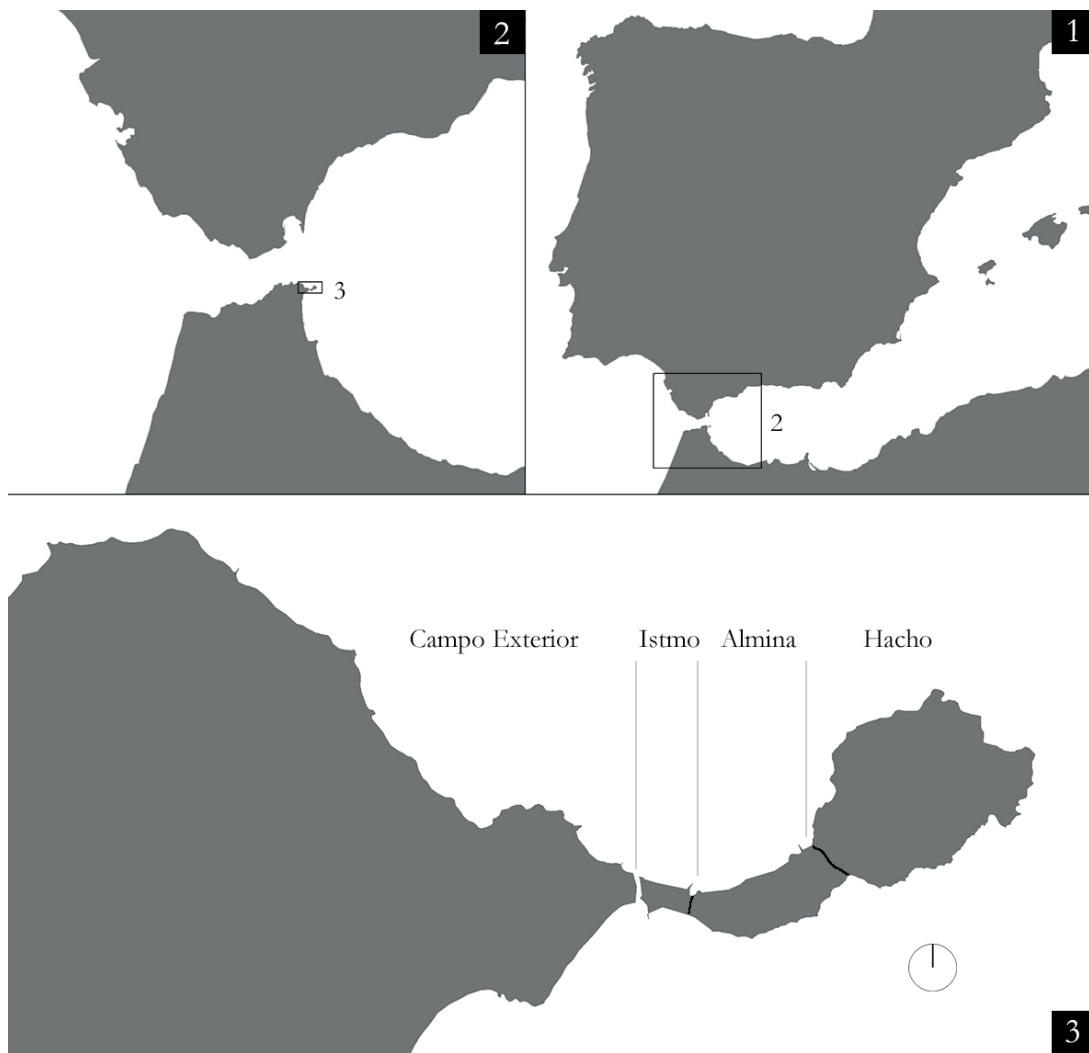
GEOGRAPHICAL CONTEXT

Ceuta stands on a peninsula on the southern shore of the Strait of Gibraltar, some 20 km from the European shore. This peninsular setting has always influenced its urban development (figure 1). The present-day municipal area extends over some 20 km², on land partially reclaimed from the sea in recent decades.

Mount Hacho is situated on the eastern end, a promontory rising to some 200 m above sea level, identified by some authors as Abyla, the African column of Hercules. The coastline is so rocky and steep that disembarkation is only possible at certain points.

The Almina is situated between Hacho and the Istmo; its highest elevations are located to the south, forming a very steep coastline. The terrain descends to the north and west in a sort of natural amphitheatre before joining the mainland through a narrow, nearly rectangular isthmus (c. 500 x 180 m), the location of the Islamic medina and of the Portuguese city afterwards. Once the Istmo has been crossed, the terrain widens and quickly rises again (70 m at less than one kilometre away in a straight line but reaching 320 m over a distance of four kilometres). Communications with the mainland are difficult due to the steepness of the terrain and the presence of swampy areas, nowadays practically non-existent, which were difficult to cross.

Natural resources (arable land, pastures, minerals, water supply, etc.) are not abundant, which made Ceuta highly dependent on the surrounding lands, at least during much of its Islamic medieval period. Thus, for example, Leo Africanus points out that "the land around the city is dry and hard, which is why Ceuta is always short of cereals" (1995, p. 177). The use of environmental resources is underlined by al-Ansari as he states that the following products came from the surroundings of the city:



1. Ceuta. Situación geográfica y recintos tradicionales en que se divide.
Ceuta. Geographical setting and the city's traditional enclosures.

de los recursos del entorno es subrayado por al-Ansari al informarnos que de ellos procedían

les minéraux de fer, le goudron et toute autre chose de nature à présenter de l'utilité pour le port-frontière et à aider à la construction [navale] et à tout ce qui rapporte aux affaires de la guerre légale. Tout ce que nous avons mentionné appartient à la région de [Ceuta] et lui revient, alors qu'il se retrouve réuni dans toute autre région. (Al-Ansari, 1983, p. 161)

Además, el mar que la circunda ofrece a Ceuta no solo recursos alimenticios (pesca, moluscos, etc.) sino también la posibilidad de un contacto fluido con el resto de la cuenca mediterránea. Este hecho unido a su estratégica situación en el punto de comunicación entre el Mediterráneo y el Atlántico y entre África y Europa son claves para entender su historia, su carácter cosmopolita y abierto a las influencias externas, el papel esencial que desempeñó en el tráfico comercial y la atención dedicada a su defensa (AA.VV., 2009).

iron minerals, tar and anything else likely to be of use for the border-port and to assist in construction [shipbuilding] and all matters related to the affairs of legal war. All that we have mentioned comes from the [Ceuta] region and belongs to the city, even if it is collected in any other region. (Al-Ansari, 1983, p. 161)

In addition, the surrounding sea provides Ceuta not only with food resources (fish, molluscs, etc.) but also with the possibility of keeping regular contacts with the rest of the Mediterranean basin. This fact, along with its strategic location on a threshold between the Mediterranean and the Atlantic and between Africa and Europe are the keys to understanding its history, its cosmopolitan character, open to external influences, the essential role it played in commercial traffic and the care dedicated to its defence (VV. AA., 2009).

DE MEDINA ISLÁMICA A CIVITAS CRISTIANA

A comienzos del siglo XV, momento en que se produjo la toma de Ceuta por los portugueses, la apropiación de una *madina* por cristianos no era una experiencia novedosa.¹ Más bien al contrario. Durante siglos el avance cristiano sobre al Andalus propició fenómenos semejantes que han sido estudiados repetidamente (entre otros, Abellán, 1981; Corral, 1991; Espinar, 1981; Lavado, 1981; Olivera, 1999; Torres, 1954; Torró, 1995; Trindade, 2013; Lara, 2017; Montero, 2017; para el caso de Ceuta, Hita et Villada, 2015a).

En muchos casos, la ciudad musulmana da paso a la mudéjar en la que continúan habitando la mayor parte de sus antiguos pobladores musulmanes. Por ello, desde ciertas perspectivas de análisis y en determinados espacios, las discontinuidades son prácticamente inapreciables.

La situación fue muy distinta en Ceuta. La población musulmana murió durante la conquista o huyó para salvar sus vidas. Los que fueron apresados fueron reducidos a cautiverio y, en buena medida, llevados a la metrópoli. No existió pues una Ceuta mudéjar.

Navarro y Jiménez (2009) han sistematizado algunas de estas transformaciones incorporando en su estudio no sólo las habituales referencias recogidas por las fuentes literarias sino también los datos arqueológicos procedentes de su investigación en Murcia. En síntesis, concluyen que la conquista fue un hecho traumático que tuvo como consecuencia importantes alteraciones en la realidad física de estas urbes, motivadas tanto por el cambio del modelo social de sus habitantes como por una significativa reducción en su número. Esto último tuvo como consecuencia la contracción del perímetro urbano, la disminución de densidad de la ocupación y las lógicas dificultades para el mantenimiento de los edificios e infraestructuras heredadas.

Este proceso se concretó también en la modificación del parcelario (concentración de propiedades, transformación del parcelario doméstico como consecuencia del nuevo modelo de vivienda), de la red viaria (apertura y ensanchamiento de las principales arterias, desaparición de otras, eliminación de saledizos, cobertizos y ajimeces, etc.), de la red de saneamiento, de los emplazamientos de los cementerios y en el cambio de uso o de significado de determinados espacios

1. Una forma de apropiación de las ciudades conquistadas se manifiesta en el botín de objetos simbólicos llevados a las posesiones de los conquistadores o a lugares de especial significado. Tras la conquista de Ceuta tenemos noticias de que D. Juan I y su hijo Alfonso, futuro duque de Braganza, tomaron del palacio del Gobernador numerosas piezas instaladas después en distintos edificios religiosos de los que eran muy devotos y, en el caso de Alfonso, en los palacios que entonces edificaba. Recientemente ha sido llevado a cabo un proyecto, financiado por el Instituto de Estudios Ceutíes, para estudiar los objetos suntuarios llevados a Portugal por los conquistadores (Villada *et al.*, en prensa).

FROM THE ISLAMIC MEDINA TO THE CHRISTIAN CIVITAS

At the beginning of the 15th century, when the Portuguese seized Ceuta, the appropriation of a medina by Christians was not a new experience.¹ Quite the contrary. For centuries the Christian advance on the al Andalus fostered similar phenomena that have been repeatedly studied (see, among others, Abellán, 1981; Corral, 1991; Espinar, 1981; Lavado, 1981; Olivera, 1999; Torres, 1954; Torró, 1995; Trindade, 2013; Lara, 2017; Montero, 2017; concerning Ceuta, Hita and Villada, 2015a).

In many cases, Muslim cities became Mudejar cities where most of its former Muslim settlers continued to live. For this reason, from certain perspectives of analysis and in certain spaces, the discontinuities are practically unnoticeable.

The situation was very different in Ceuta. The Muslim inhabitants died during the conquest or fled to save their lives. Those who were imprisoned were reduced to captivity and, to a large extent, taken to the metropolis. There was therefore no such thing as a Mudejar Ceuta.

Navarro and Jiménez (2009) have systematised some of these transformations by incorporating in their study not only the usual references compiled by literary sources but also the archaeological data from their research in Murcia. In synthesis, they conclude that conquests were traumatic events that resulted in important alterations in the physical reality of the cities, motivated by the change of the social model of their inhabitants as much as by a significant reduction in their numbers. The latter resulted in the contraction of the urban perimeter, the decrease in the density of occupation and the logical difficulties in the maintenance of the inherited buildings and infrastructures.

This process also resulted in the modification of the land plots (concentration of properties, transformation of the domestic parcels as a consequence of the new housing model), of the street network (laying out and widening the main streets, closing other streets, removal of salients, sheds and balconies, etc.), of the sanitation network, of the locations of cemeteries and in the change of use or meaning of certain public spaces and buildings (*musallas*, mosques, baths, palaces, *alcazabas*, etc.). A good number of these transformations have been confirmed in Ceuta and it is

1. A specific form of appropriation of the conquered cities was the booty of symbolic objects taken to the possessions of the conquerors or to particularly meaningful places. After the conquest of Ceuta, King João I and his son Afonso, the future Duque de Bragança, removed a considerable number of items from the Governor's palace; these objects were subsequently taken to their most cherished places of worship and, in the case of Afonso, to the palaces he was building by then. A recent project, funded by the Instituto de Estudios Ceutíes, aims at studying the objects that were taken to Portugal by the conquerors (Villada *et al.*, in press).

y edificios públicos (*musalla*, mezquitas, baños, palacios, alcazabas, etc.). Buena parte de estas transformaciones están constatadas en Ceuta y es posible que el resto también se dieran, aunque carecemos de información sobre ellas. Pero dos hechos singularizan el caso ceutí y, en general, el de otras villas y ciudades norteafricanas conquistadas por los portugueses.

De una parte, como ya señalamos, la sustitución total de la población musulmana por residentes cristianos (no es un caso exclusivo, no obstante). De otra, su aislamiento del territorio que la circunda, hostil y en manos enemigas, que condicionó su subsistencia y las hizo absolutamente dependiente del abastecimiento marítimo desde Portugal y, en general, desde la Península Ibérica.

No obstante, estas mutaciones que hemos señalado no se producen al unísono, sino que tienen lugar a distintos ritmos. La conquista supone la apropiación inmediata de determinados edificios por su alto contenido simbólico y su importancia para la defensa. Así, las principales mezquitas, especialmente la mayor, son consagradas como templos cristianos (Echevarría, 2003; Pérez, 2005; Rosa, 2006; Correia, 2008; Calvo, 2016), aunque significativamente esta transformación no lleva aparejada la destrucción del edificio islámico en el que se mantienen a veces ornamentaciones e incluso epígrafes claramente contradictorios con los dogmas cristianos.

No es más que una aparente paradoja. Si la instauración de la nueva fe en un espacio tan representativo para la cultura musulmana como es la mezquita tiene una carga simbólica tan poderosa (AA.VV., 2016), mantener el recuerdo de que el templo cristiano fue antes lugar de culto musulmán, contribuye a reafirmar la supremacía y la victoria del Cristianismo sobre el Islam. Ello a pesar de que con ello debieran aceptarse mantener mensajes en sus paredes nada ortodoxos.

En Ceuta sabemos, por ejemplo, que las viejas fábricas de la Mezquita/Catedral no serán derribadas hasta finales del siglo XVII – Nicolau Lanckman de Valckentien afirmaba a mediados del siglo XV que la Catedral estaba construida al estilo de los musulmanes (Nascimento, 1992) – o que la Madrasa al-Yadida/Capilla de Santiago conservaba aún en el momento de su derribo (1891) inscripciones, jaculatorias y ornatos islámicos, por poner solo dos ejemplos (figura 2). Parte del caserío, arterias de comunicación, etc., son también modificadas pero el ritmo de las mutaciones es en este caso más pausado salvo que primen necesidades relacionadas con la defensa. En este sentido cabe recordar que algunos arrabales ceutíes fueron simplemente abandonados o destruidos como veremos más adelante.

También se conservan inicialmente las defensas de la ciudad, al menos las de la zona correspondiente al emplazamiento cristiano. De este modo las murallas de la medina islámica ceutí, con las reparaciones y modificaciones necesarias, se mantuvieron en pie hasta que, a mediados del siglo XVI, debieron ser modificadas radicalmente

posible que the rest also occurred, although we lack information about them. But two facts make Ceuta stand out as, in general, is the case of other North African towns and cities conquered by the Portuguese.

On one hand, as we have already pointed out, the total replacement of the Muslim population by Christian residents (however, this is not an isolated case). On the other hand, the city's isolation from the surrounding territory, hostile and in enemy hands, made it absolutely dependent on supplies from Portugal and, in broad terms, from the Iberian Peninsula.

However, the above referred mutations did not occur simultaneously but took place at different paces. A conquest entails the immediate appropriation of certain buildings because of their high symbolic content and their importance for defence. Thus, the main mosques, especially the largest ones, were consecrated as Christian temples (Echevarría, 2003; Pérez, 2005; Rosa, 2006; Correia, 2008; Calvo, 2016); significantly, though, this transformation did not involve the destruction of the Islamic buildings and their ornamentation and even some epigraphs clearly contradictory with Christian dogmas were sometimes kept.

This is nothing more than an apparent paradox. If the establishment of the new faith in such a representative space for Muslim culture as the mosque had such a powerful symbolic charge (VV. AA., 2016), maintaining the memory that the Christian temple was once a place of Muslim worship enhanced the supremacy and victory of Christianity over Islam, despite the fact that some very unorthodox messages would have to be kept on its walls.

In the case of Ceuta we know, for example, that the old structures of the Mosque/Cathedral were not demolished until the end of the 17th century – Nicolau Lanckman de Valckentien affirmed by mid-15th century that the Cathedral was built in Muslim style (Nascimento, 1992) – or that, at the time of its demolition (1891), the Madrasa al-Yadida/Capilla de Santiago still preserved Islamic inscriptions, short prayers and adornments, to quote but two examples (figure 2). Part of the houses, streets, etc., were also modified, but the rhythm of the mutations was slower except when defensive concerns required quicker changes. In this sense, it is worth remembering that some of Ceuta's suburbs were simply abandoned or destroyed as we shall see later on.

The defences of the city were also initially preserved, at least in the area corresponding to the Christian emplacement. Thus, the ramparts of the Islamic medina, after the necessary repairs and modifications, remained standing until, by the middle of the 16th century, the western front had to be radically modified due to the increase in the attacking power of Muslim artillery. Even then, as we shall see later on, they were not destroyed but integrated into the new bastioned fortification.



2. Detalle de un collarino de la madrasa al-Yadida convertida en capilla de Santiago tras la conquista y en uso hasta el siglo XIX. El epígrafe dice (Martínez, 1998, p. 88) [...] *de vuestro padre Abraham. El os llamó "musulmanes" anteriormente y aquí, para que el Enviado sea testigo de vosotros y que vosotros mismos seáis testigos de los hombres ¡Haced la azalá y dad el azaque! ¡Y aferraos a Dios! ¡Él es vuestro protector! ¡Es un protector excelente, un auxiliar excelente!* (Corán, XXII, 78). © J. M. Hita Ruiz

Detail of a necking from the al-Yadida madrasa, which was converted into the Capilla de Santiago after the conquest and remained in use until the 19th century. The epigraph reads (Martínez, 1998, p. 88) [...] *de vuestro padre Abraham. El os llamó "musulmanes" anteriormente y aquí, para que el Enviado sea testigo de vosotros y que vosotros mismos seáis testigos de los hombres ¡Haced la azalá y dad el azaque! ¡Y aferraos a Dios! ¡Él es vuestro protector! ¡Es un protector excelente, un auxiliar excelente!* (Corán, XXII, 78). © J. M. Hita Ruiz

las del frene occidental por el aumento del poder ofensivo de la artillería musulmana. Incluso entonces, como veremos más adelante, no fueron destruidas sino integradas en la nueva fortificación abaluartada.

URBANISMO DE LA CEUTA ISLÁMICA

Las dimensiones de la Ceuta islámica

En los siete siglos en que permaneció en poder de los musulmanes Ceuta se convirtió, especialmente a partir del siglo XII, en una pujante y extensa urbe enriquecida por su papel de eje en las comunicaciones y el comercio entre Europa y África y viceversa y de base estratégica para los intentos de hacer frente en al-Andalus al avance cristiano.

Su urbanismo, condicionado como ya señalamos por su geografía peninsular, propició un desarrollo lineal y aditivo de nuevos espacios (arrabales) para satisfacer el constante crecimiento del número de habitantes (Ferhat, 1993; Gozalbes, 1988a; Gozalbes, 1988b; Gozalbes, 1995b; Gozalbes, 2015; Hita et Villada, 2009, p. 243-247).

Según Correa da Franca

Ceuta en este tiempo era ciudad toda murada, de las más notables de ambas Mauritánias, de gran comercio, riqueza y población, havitada de muchos cavalleros, talbes y mercantes, y vn seminario de armas y de letras, a la que concurrían muchas gentes. Su longitud era de la torre y vestigios de muralla, que se reconozen por fuera [23v] de la ermita de Nuestra Señora del Valle, al oriente, hasta otros trozos de muralla, al occidente, que hizo demoler el marqués de Lede el

THE URBANISM OF ISLAMIC CEUTA

The dimensions of Islamic Ceuta

In the seven centuries during which it remained in Muslim hands, Ceuta became, particularly from the 12th century onwards, a large and thriving city enriched by its role as an axis in the communications and trade between Europe and Africa and vice versa, and a strategic base for the attempts at challenging the Christian advance in al-Andalus.

The urbanism of Ceuta, limited by its peninsular setting, as we already pointed out, favoured the linear and additive development of new spaces (suburbs) to meet the constant growth in the number of inhabitants (Ferhat, 1993; Gozalbes, 1988a; Gozalbes, 1988b; Gozalbes, 1995b; Gozalbes, 2015; Hita and Villada, 2009, p. 243-247).

According to Correa da Franca

Ceuta en este tiempo era ciudad toda murada, de las más notables de ambas Mauritánias, de gran comercio, riqueza y población, havitada de muchos cavalleros, talbes y mercantes, y vn seminario de armas y de letras, a la que concurrían muchas gentes. Su longitud era de la torre y vestigios de muralla, que se reconozen por fuera [23v] de la ermita de Nuestra Señora del Valle, al oriente, hasta otros trozos de muralla, al occidente, que hizo demoler el marqués de Lede el año de 1721, como adelante se dirá; y corrían, de mediodía a septentrión, por los ángulos salientes de las lunetas de San Phelipe, Santa Ysabel y San Luis, pocos años ha construidas, hasta el mar, cuia longitud contiene mill y veinte toesas.

año de 1721, como adelante se dirá; y corrían, de mediodía a septentrión, por los ángulos salientes de las lunetas de San Phelipe, Santa Ysabel y San Luis, pocos años ha construidas, hasta el mar, cuja longitud contiene mill y veinte toesas. Su latitud, la que al presente tiene de norte a sur, si bien por la parte del norte le han robado las tempestades algún terreno. El frente de oriente era de doscientas y cincuenta y siete toesas y media y el de occidente de cuatrocientas y cincuenta y cinco. (Se advierte al que lo ignora que dos mill y quinientas toesas componen vna legua común castellana). Fuera de las murallas, al este, tenía Ceuta vn grande arrabal que hasta nuestros tiempos mantienen sus vestigios en el nombre de Judería, en que moraba esta obstinada y deprabada gente; y al oeste, frente de la luneta San Luis, otro que los portugueses llamaron Villa Vieja. (Correa da Franca, 1999, p. 106-107)

Este espacio, cuya ocupación ha sido confirmada por la investigación arqueológica, tiene una extensión aproximada de 120 hectáreas, sin incluir el monte Hacho (Hita et Villada, 2014a). Comparada con otras ciudades andalusíes, su superficie era notable (tabla 1).

Tabla 1. Dimensiones de algunas ciudades andalusíes según Almagro (1987) comparadas con Ceuta

Sevilla (en época almohade)	283 ha
Granada	187 ha
Córdoba (a fines del siglo XI)	185 ha
Ceuta	120 ha
Toledo	105 ha
Almería	80 ha
Murcia	80 ha
Málaga (recinto murado)	45 ha
Calatayud (recinto murado)	40 ha

También lo era su población, que se ha calculado en 30 000 habitantes en los siglos XII-XIII, aunque posiblemente aumentó en la centuria siguiente (Gozalbes, 1995a). En comparación, a fines del trescientos, la población de Lisboa, la mayor ciudad de Portugal, se ha estimado en 35 000 almas (Marques, 1987, p. 79).

Este significativo aumento del número de habitantes estuvo relacionado posiblemente con la llegada de los huidos de al Andalus ante el avance de las tropas castellanas en el sur de la península ibérica (Valencia, 1998; Vallvé, 1998). La salida de los musulmanes fue propiciada por los monarcas castellanos que pusieron a su disposición navíos para facilitar el desplazamiento. Así Fernando III tras la toma de Sevilla ofreció a los que quisieran pasar a

Su latitud, la que al presente tiene de norte a sur, si bien por la parte del norte le han robado las tempestades algún terreno. El frente de oriente era de doscientas y cincuenta y siete toesas y media y el de occidente de cuatrocientas y cincuenta y cinco. (Se advierte al que lo ignora que dos mill y quinientas toesas componen vna legua común castellana). Fuera de la murallas, al este, tenía Ceuta vn grande arrabal que hasta nuestros tiempos mantienen sus vestigios en el nombre de Judería, en que moraba esta obstinada y deprabada gente; y al oeste, frente de la luneta San Luis, otro que los portugueses llamaron Villa Vieja. (Correa da Franca, 1999, p. 106-107)

This space, whose occupation has been confirmed by archaeological research, has an extension of some 120 ha, not including Mount Hacho (Hita and Villada, 2014a). Compared to other Andalusian cities, the surface area of Ceuta was remarkable (table 1).

Table 1. Dimensions of some Andalusian cities as compared to Ceuta, according to Almagro (1987)

Seville (Almohad period)	283 ha
Granada	187 ha
Córdoba (late 11 th century)	185 ha
Ceuta	120 ha
Toledo	105 ha
Almeria	80 ha
Murcia	80 ha
Malaga (walled extension)	45 ha
Calatayud (walled extension)	40 ha

And so was its population, estimated at 30 000 inhabitants during the 12th-13th centuries, although it possibly increased in the following century (Gozalbes, 1995a). In comparison, by the end of the 14th century, the population of Lisbon, Portugal's largest city, was estimated at 35 000 souls (Marques, 1987, p. 79).

This significant increase in the number of inhabitants was possibly related to the arrival of fugitives from al-Andalus, fleeing the advance of the Castilian troops in the south of the Iberian Peninsula (Valencia, 1998; Vallvé, 1998). The departure of the Muslims was fostered by the Castilian monarchs, who placed ships at their disposal to facilitate their displacement. Thus, after the conquest of Seville, King Fernando III provided those who wanted to cross to Africa with "cinco naues et ocho galeas" adding that "los que yuan por mar et querien pasar a Çebta, eran çient vezes mil por cuenta", according to the *Primera Crónica General* (Menéndez, 1906, p. 767). This may be an overstated

África “cinco naues et ocho galeas” según señala la *Primera Crónica General* añadiendo que “los que yvan por mar et querien pasar a Çebta, eran çient vezes mil por cuenta” (Menéndez, 1906, p. 767). Posiblemente se trate de una cifra exagerada, pero aún así todo indica que debieron ser muchos los que se vieron impelidos a dejar sus tierras de origen. Contamos además con testimonios de fuentes árabes (Vallvé, 1998) que mencionan esta llegada de nueva población y la puesta en explotación de nuevas tierras para satisfacer una demanda creciente de alimentos (Villada, 2013b).

Lo confirma el registro arqueológico. En los siglos posteriores de la dominación islámica la ocupación de nuevos espacios parece una constante desde el siglo XIII y especialmente en la última centuria de la Ceuta islámica cuando nuevos barrios se levantan *ex novo*, especialmente en la zona sur de la península ceutí. También aumentan considerablemente el número de silos destinados a conservar el grano indicio del aumento de la población (Villada, 2013b). Pero la densidad de poblamiento no era homogénea contrastando la intensa ocupación de áreas como la medina con la de otros arrabales como el de Afuera o el del Hacho en los que existían amplios espacios no ocupados por edificaciones.

A estos 30 000 habitantes deben añadirse además los del territorio dependiente política, administrativa y económicamente de Ceuta (Hita et Villada, 2009, p. 246-249). Efectivamente, al-Ansari cita expresamente en relación con Ceuta lugares como Beliunes, Handaq Rahma, Abu Kuras, Awiya, Beni Masala, Bazbag, Ouadi Ayan al-Qsar, Ouadi Ilyan, Ouadi Firas, etc., pueblos y aldeas cuya producción agro-ganadera, forestal y minera, como ya hemos indicado, satisfacían las necesidades de alimentos de la población y de materias primas para sus artesanos y para la fabricación de embarcaciones (Al-Ansari, 1983, p. 162).

La estructura urbana: medina y arrabales

La obra de al-Ansari (1983) es, junto a los datos arqueológicos, nuestra mejor fuente sobre el urbanismo islámico de Ceuta previo a la llegada de los portugueses. Escrita en 1422, refleja minuciosamente la topografía urbana ceutí, sus principales edificios, etc. Es considerada la más detallada y completa descripción de una ciudad del occidente musulmán que se ha conservado.

Según su testimonio, la ciudad tenía, además de la medina, seis arrabales. La medina se situaba en el Istmo, protegida por las murallas construidas por Abd al-Rahman III y al-Hakam II a mediados del siglo X. Tres arrabales, bien poblados, se encontraban inmediatos a la medina. Algunos autores los sitúan en el lado oriental (Gozalbes, 1988a), otros (Cherif, 1996, p. 218; Benramdane, 2003, p. 127) a occidente. A occidente se encuentra el arrabal exterior y a continuación el Afrag o al-Mansura levantado por los sultanes mariníes. Yabal al Mina, situado en el extremo oriental de la península, corresponde al Monte Hacho (figura 3).

figure, but even so everything suggests that many must have been forced to leave their homelands. We also have testimonies from Arab sources (Vallvé, 1998) that confirm the arrival of a new population and the exploitation of new lands to meet the increasing demand for food (Villada, 2013b).

This is confirmed by the archaeological record. In the last centuries of Islamic domination, the occupation of new spaces seems to have been a constant, since the 13th century and especially in the last century of Islamic Ceuta, when new neighbourhoods were built *ex novo*, especially in the southern part of the Ceuta peninsula. The number of silos used to store grain also increased considerably, indicating a population growth (Villada, 2013b). But the population density was not homogeneous, the intense occupation of such areas as the medina contrasting with other suburbs such as Afuera or Hacho, in which there were large vacant spaces.

Apart from these 30 000 inhabitants there was also the population that lived on the territories governed by Ceuta, in political, administrative and economical terms (Hita and Villada, 2009, p. 246-249). Indeed, al-Ansari specifically mentions, in relation to Ceuta, places such as Beliunes, Handaq Rahma, Abu Kuras, Awiya, Beni Masala, Bazbag, Ouadi Ayan al-Qsar, Ouadi Ilyan, Ouadi Firas, etc. As previously referred, the agro-pastoral, forestry and mining production of these towns and villages supplied the required foodstuffs for the inhabitants of the city and the raw materials for their craftsmen and for shipbuilding (Al-Ansari, 1983, p. 162).

The urban structure: medina and arrabales (suburbs)

The work of al-Ansari (1983) is, along with archaeological data, our best source on the Islamic urbanism of Ceuta prior to the arrival of the Portuguese. Written in 1422, it meticulously reflects Ceuta's urban topography, its main buildings, etc. It is considered the most detailed and complete description of a western Muslim city to have reached our days.

According to his testimony, the city had six suburbs, besides the medina. The latter was located on the Istmo, protected by the ramparts built by Abd al-Rahman III and al-Hakam II by the middle of the 10th century. Three well-populated suburbs were adjacent to the medina. Some authors place them on the eastern side (Gozalbes, 1988a), some others on the western side (Cherif, 1996, p. 218; Benramdane, 2003, p. 127). To the west lies the outer suburb and then the Afrag or al-Mansura, built by the Marinid sultans. Yabal al-Mina, located on the eastern end of the peninsula, corresponds to Mount Hacho (figure 3).

The city was defended by ramparts that surrounded its perimeter, although al-Ansari indicates that the outer suburb ramparts had been demolished by the Marinid

La ciudad estaba defendida por murallas que rodeaban su perímetro, aunque al-Ansari indica que las del arrabal exterior habían sido demolidas por el sultán maríní Abu-Said (Hita et Villada, 2009, p. 249-252). Además una serie de torres de vigilancia se extendían por el litoral para alertar de posibles peligros (Hita et Villada, 2009, p. 250). La más destacada era la situada en la cima del Hacho, la Gran Torre, conocida también como el Mirador, que dominaba toda el área del estrecho de Gibraltar (Al-Ansari, 1983, p. 134).

Los arrabales y barrios contaban también con cercas que buscaban tanto impedir posibles revueltas internas como que, una vez franqueadas las murallas exteriores, la ciudad careciese de posibilidad de defensa. Durante la conquista dificultaron el avance de los portugueses viéndose obligados en ocasiones a forzar puertas y postigos, saltar algunos muros e incluso a volver sobre sus pasos. También la existencia de calles de diversa jerarquía, en ocasiones sin salida, fue otro obstáculo que debieron superar (Gozalbes, en prensa).

Indica al-Ansari (1983, p. 147; Hita et Villada, 2009, p. 249-250) la existencia de cuatro fosos. Uno ceñía el arrabal exterior, otro rodeaba los tres arrabales bien poblados, pero el más importante, citado ya por al-Bakri, era el que separaba la medina de los arrabales y que vendría a estar aproximadamente en el emplazamiento que hoy ocupa el foso navegable... Por último, el cuarto separaba el Monte Hacho del resto de la ciudad.

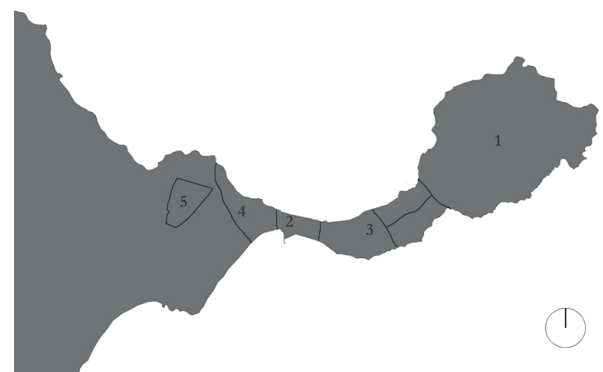
Este urbanismo compartimentado hacía necesarias múltiples puertas (Hita y Villada, 2009, p. 250). Setenta y cuatro cuenta al-Ansari: cincuenta posiblemente en la ciudad propiamente dicha, entre las que destaca la imponente al-Bab al-Azam o al-Bab al-Yadida; en el arrabal exterior menciona cinco, tres más en el Afrag y otras dieciséis de menor entidad (puertas de la traición, de los parapetos, etc.) (Al-Ansari, 1982-83, p. 145-146).

Sultan Abu-Said (Hita and Villada, 2009, p. 249-252). Furthermore, a series of watchtowers lined the coast to warn of possible dangers (Hita and Villada, 2009, p. 250). The most outstanding one was located at the top of the Hacho, the Gran Torre, also known as the Mirador, which dominated the entire area of the Strait of Gibraltar (Al-Ansari, 1983, p. 134).

The suburbs and neighbourhoods also had defensive walls that were intended both to prevent possible internal uprisings and to ensure that the city did not lack some possibilities of defence once the outer ramparts had been crossed. During the conquest, they hindered the advance of the Portuguese who sometimes had to force doors and posterns open or jump over some walls and even retrace their steps. The existence of different types of streets, including a number of dead end streets, was yet another obstacle that they had to overcome (Gozalbes, in press).

Al-Ansari (1983, p. 147; Hita and Villada, 2009, p. 249-250) indicates the existence of four moats. One encircled the outer suburb and another surrounded the three well-populated suburbs; but the most important one, already referred to by al-Bakri, was the one that separated the medina from the suburbs and that would be approximately located on the site of the present-day navigable moat... Lastly, the fourth moat separated Mount Hacho from the rest of the city.

This compartmentalised urbanism required multiple gates (Hita and Villada, 2009, p. 250). Al-Ansari counts seventy-four: up to fifty in the city itself, among which the imposing al-Bab al-Azam or al-Bab al-Jadida stands out; five others in the outer suburb, three more in Afrag and sixteen smaller ones (Puerta de la Traición, Puerta de los Parapetos, etc.) (Al-Ansari, 1982-83, p. 145-146).



3. Arrabales de Ceuta. A la izquierda, según Cherif (1996); a la derecha, según Gozalbes (1988a).

1. Yabal al-Mina; 2. Medina; 3. Arrabales bien poblados contiguos a la ciudad; 4. Arrabal de Afuera; 5. Afrag.

The *arrabales* (suburbs) of Ceuta. Left, according to Cherif (1996); right, according to Gozalbes (1988a).

1. Yabal al-Mina; 2. Medina; 3. Well-populated suburbs adjacent to the city; 4. Arrabal de Afuera; 5. Afrag.

Calles y arterias de comunicación

Las fuentes textuales advierten una jerarquía de calles ratificada por la investigación arqueológica. Distinguen así los caminos que comunican la ciudad con el exterior de las calles de mayor o menor importancia que conducen de un lugar a otro (públicos) y también de los callejones sin salida (*adarves*) que conducen a determinadas viviendas y que tienen una consideración jurídica distinta (privados) (Villada, 2015a). En cualquier caso, debían tener una anchura mínima que permitiese el paso de una bestia de carga (Iyad, 1998, p. 81-82).

También al-Ansari, que dice que son 250, se hace eco de la existencia de calles de distinta categoría. Así, al referirse a la calle Ibn Isa, una de las más importantes, precisa que es espaciosa y que a ella desembocan otras callejuelas de menor entidad (Al-Ansari, 1982-83, p. 135).

A la estrechez de las calles en que se desarrollaron los combates culpa en parte Zurara que la fama de la conquista no hubiese sido mayor

A primeira e a primcipall foy por ser aquella pelleia demtro na cidade, quamto mais ajmda seemdo as rruas tam estreitas como eran, cuja estreytura nom comssemntia en ssi senam muy poucos. Ca sse aquella pelleia fora em campo ou em alguã praça larga, mujto mayor fora o seu nome. (Zurara, 1915, p. 213)

Antoine La Salle, que participó en los hechos, confirma la existencia de angostas calles "don Henry [...] fust par une traverse rue tout enclos et à peu de gens [...]" (La Salle, 1903, p. 145).

Las excavaciones arqueológicas han puesto al descubierto varias de estas vías. La mejor conservada en Brull tenía una anchura de 1,40 m aproximadamente (Hita et Villada, 2013) mientras en Pasaje Fernández la calle principal tenía casi cuatro metros y en ella desembocaban otras dos más estrechas (Villada et Hita, 2016). En Huerta Rufino se documentaron inicialmente dos casi paralelas, de 1,40 m y 2,10 m respectivamente. Intervenciones posteriores localizaron un estrecho *adarve* que conducía a una de las viviendas y que salvaba la diferencia de cota con la calle principal mediante una serie de escalones (Villada, 2013b) (figura 4).

La abrupta topografía ceutí provoca que tuviesen una notable pendiente que las haría intransitables en caso de lluvia torrencial. Una de las calles de Huerta Rufino sufrió una importante reforma para disminuir significativamente su pendiente de tal modo que fue necesario condenar los accesos a varias viviendas y abrir otros nuevos a una cota más elevada. Suelen aparecer enlosadas con grandes piedras y en el caso de la principal de Pasaje Fernández bajo ella discurre una amplia *atarjea* que evacua las aguas hacia el sur en dirección al mar (Villada et Hita, 2016) (figura 5). Ofrece también al-Ansari una curiosa noticia al indicar que algunas tienen puertas que se

Streets and thoroughfares

Textual sources indicate a hierarchy of streets, which was confirmed by archaeological research. They thus differentiate the roads that connect the city with the exterior from the streets of greater or lesser importance that lead from one place to another (public) and also from the blind alleys (*adarves*) that lead to certain dwellings and have a different legal status (private) (Villada, 2015a). In any case, they had to be wide enough to allow the passage of a beast of burden (Iyad, 1998, p. 81-82).

Al-Ansari, who mentions 250 streets, also refers to the existence of different types of thoroughfares. Thus, when referring to the Ibn Isa Street, one of the most important, he specifies that it is spacious and that other, smaller streets led to it (Al-Ansari, 1982-83, p. 135).

According to Zurara the narrow streets in which the fighting took place are partly to blame for the fact that the fame of the conquest had not been greater:

A primeira e a primcipall foy por ser aquella pelleia demtro na cidade, quamto mais ajmda seemdo as rruas tam estreitas como eran, cuja estreytura nom comssemntia en ssi senam muy poucos. Ca sse aquella pelleia fora em campo ou em alguã praça larga, mujto mayor fora o seu nome. (Zurara, 1915, p. 213)

Antoine La Salle, who was involved in the events, confirms the existence of very narrow streets: "don Henry [...] fust par une traverse rue tout enclos et à peu de gens [...]" (La Salle, 1903, p. 145).

Archaeological excavations have uncovered several of these thoroughfares. The best preserved in Brull was approximately 1,40 m wide (Hita and Villada, 2013), while in Pasaje Fernández the main street was almost four metres wide and there were two narrower ones leading to it (Villada et Hita, 2016). In Huerta Rufino, two almost parallel streets were initially documented, of 1,40 m and 2,10 m respectively. Subsequent interventions located a narrow *adarve* that led to one of the houses, overcoming the difference in height with the main street through a series of steps (Villada, 2013b) (figure 4).

The abrupt topography of Ceuta causes the streets to have a considerable slope that would make them impassable in the event of heavy rain. One of the streets of Huerta Rufino underwent a major reform to significantly reduce its incline; the reform blocked the access to several homes and new doors had to be opened at higher elevation. Streets were usually paved with large stones and in the case of the main street in Pasaje Fernández, a wide *atarjea* [conduit] ran under the street, draining water towards the south and into the sea (Villada and Hita, 2016) (figure 5). Al-Ansari also reports a curious fact: some streets had doors that were closed at night. Night watchmen were

cierran por la noche. Unos vigilantes nocturnos se ocupaban de su apertura y cierre (Al-Ansari, 1982-83, p. 135). En Huerta Rufino, una de las calles excavadas presenta un estrechamiento realizado con ladrillos que parece tener la función de albergar una de estas puertas.

Viviendas

Las viviendas ceutíes causaron gran impacto entre los conquistadores (sobre las viviendas ceutíes de época islámica véase Hita et Villada, 2000; Hita et Villada, 2013; Villada, 2015a; Hita et Villada, 2015c; Villada et Hita, 2016). Así, al reflexionar sobre la cambiante fortuna de los humanos, indica Zurara, refiriéndose a los hombres que acababan de tomar Ceuta, que

avuia amtre aquelles, que em este rregno nom tinha huia choça, e allí açertava por pousada grandes casas ladrilhadas com tigellos uidriados de de desuayradas coores e os teitos forrados dolliuell com fremosas açoteas çerquadas de marmores muy aluos e pollidos, e as camas bramdas e molles e com rroupas de desuairados lavuores [añadiendo que decían que] nos outros mezquinos, que amdamos no nosso Portugall pollos campos colhemdo nossas meses, afadigados com a força do tempo e aa derradeira nom teemos outro rrepouso, senam proves casas, que em comparaçam destas querem parecer choças de porcos. (Zurara, 1915, p. 236)

Algunas de estas casas se han conservado lo que ha permitido obtener una valiosa información sobre sus principales características. Las razones de su preservación radican en el abandono de amplias zonas de la ciudad islámica tras la conquista portuguesa (*vide infra*).

responsible for opening and closing them (Al-Ansari, 1982-83, p.135). In Huerta Rufino, one of the excavated streets features a narrowing made of bricks that seems to have served for holding one of these doors.

Housing

Ceuta's dwellings had a great impact on the conquerors (on the dwellings of Islamic Ceuta, see Hita and Villada, 2000; Hita and Villada, 2013; Villada, 2015a; Hita and Villada, 2015c; Villada and Hita, 2016). Thus, reflecting on the changing fortunes of humans and referring to the men who had just taken Ceuta, Zurara mentions that

avuia amtre aquelles, que em este rregno nom tinha huia choça, e allí açertava por pousada grandes casas ladrilhadas com tigellos uidriados de desuayradas coores e os teitos forrados dolliuell com fremosas açoteas çerquadas de marmores muy aluos e pollidos, e as camas bramdas e molles e com rroupas de desuairados lavuores [and adds that those men said] nos outros mezquinos, que amdamos no nosso Portugall pollos campos colhemdo nossas meses, afadigados com a força do tempo e aa derradeira nom teemos outro rrepouso, senam proves casas, que em comparaçam destas querem parecer choças de porcos. (Zurara, 1915, p. 236)

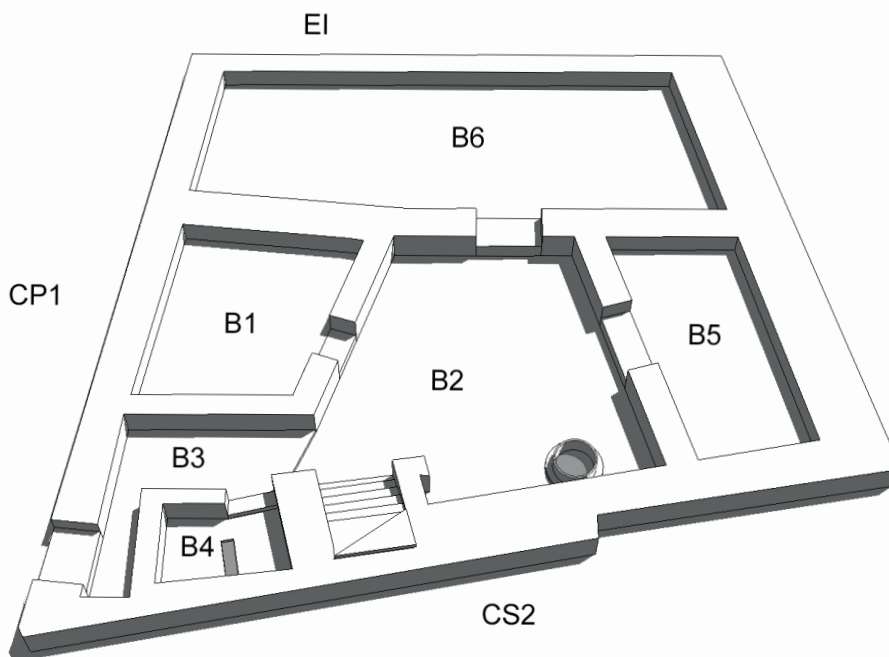
Some of the houses have been preserved, which has allowed us to obtain valuable information about their main characteristics. The reasons for their preservation lie in the abandonment of large areas of the Islamic city after the Portuguese conquest (see below).



4. Una de las calles documentadas en Huerta Rufino.
One of the streets recorded at Huerta Rufino.



5. Interior de la atarjea principal de Pasaje Fernández. © Filglin S.L.
The inside of the main atarjea from Pasaje Fernández. © Filglin S.L.



6. Restitución de una de las viviendas documentadas en Pasaje Fernández. CP1. Calle principal; CS2. Calle secundaria; EI. Espacio intermedio entre la vivienda y una mezquita cercana de funcionalidad desconocida; B1. Cocina; B2. Patio; B3. Zaguán de acceso en codo; B4. Letrina; B5 y B6. Estancias principales.

Graphic restitution of one of the dwellings from Pasaje Fernández. CP1. Main street; CS2. Secondary street; EI. Intermediate space between the house and a nearby mosque; function unknown; B1. Kitchen; B2. Courtyard; B3. Angled entrance; B4. Letrina; B5 and B6. Main rooms.

Estas viviendas diferían notablemente en función de la riqueza de sus propietarios y de otras circunstancias. La extensión de las viviendas documentadas en Huerta Rufino oscila entre los 40 m² las más pequeñas y algo más de 100 m² las mayores.

Las excavadas hasta el momento responden a características bien definidas. En general, pueden fecharse en época almohade y mariní y responden al modelo de casas con patio central a cielo abierto de larga tradición mediterránea (figura 6). Se disponen en terrazas que permiten nivelar unos terrenos inicialmente escarpados aprovechando el frente excavado para construir la terraza para levantar uno de los muros exteriores de la vivienda. En ocasiones, se deja un pequeño terreno entre ellas, posiblemente aprovechado como huerto. Tenemos un testimonio de esto en Huerta Rufino y también Iyad menciona la existencia de un pequeño huerto en la trasera de tres viviendas adosadas (Iyad, 1998, p. 81).

En los muros maestros se utilizan piedras irregulares de mediano tamaño, a veces regularizadas con ladrillos, tomadas con mortero de cal. Las subdivisiones interiores, más delgadas, están levantadas frecuentemente únicamente con ladrillos. Al exterior, al menos en Huerta Rufino, las paredes muestran engrosamientos en la parte baja, posiblemente para protegerlas de las humedades, y están encaladas. Las paredes del interior de la casa son objeto de cuidadas decoraciones pintadas de alto precio y vivos colores (*vide infra*).

These dwellings varied considerably depending on the wealth of their owners and other circumstances. The documented area of the houses in Huerta Rufino ranges between 40 m² for the smallest and just over 100 m² for the largest.

The ones excavated so far have well-defined characteristics. In general, they can be dated to the Almohad and Marinid periods and follow the pattern of houses with an open-air central courtyard of Mediterranean tradition (figure 6). They are arranged in terraces in order to level some originally steep terrain, taking advantage of the excavated front to build one of the exterior walls of the house. Occasionally, a small parcel of land was left between them, possibly to be used as a vegetable garden. We have evidence of this in Huerta Rufino and Iyad also mentions the existence of a small vegetable garden in the back of three semi-detached houses (Iyad, 1998, p. 81).

The main walls are made of medium-sized irregular stones, sometimes regularized with bricks, joined with lime mortar. The interior walls, which are thinner, are often only made of bricks and show high-value, carefully painted decorations of vivid colours (see below). On the outside, at least in Huerta Rufino, the walls feature a thickening of the lower part, possibly to protect them from humidity, and are whitewashed.

The floors were carefully made using various materials in different arrangements. Thus, the doorsteps into

Los suelos son objeto de atención empleándose materiales variados en diversa disposición. Así, el escalón de entrada a las viviendas, e incluso el zaguán en algún caso, se revisten con grandes losas de piedra. En el interior de las viviendas es frecuente el empleo de losas cerámicas cuadradas combinadas con pequeñas piezas vidriadas (*olambrillas*) o ladrillos en disposición diversa en los patios. Para el resto de las habitaciones se emplean ladrillos o pavimentos de mortero de cal. Las entradas de las distintas habitaciones aparecen marcadas con cenefas de piezas vidriadas (figura 7).

Aunque las fuentes textuales parecen indicar la existencia de viviendas con varios pisos las exhumadas hasta ahora son mayoritariamente de una sola planta. A este respecto únicamente puede indicarse que han sido excavadas algunas escaleras que, en general, salvan las diferencias de cota entre la calle y las viviendas, aunque quizás en algún caso pudieran servir para acceder a plantas superiores (Villada et Hita, 2016). La existencia de algún patio porticado quizás podría ser otro indicio de la existencia de plantas superiores.

Los vanos al exterior eran mínimos, la puerta y quizás una pequeña ventana para ventilar la letrina (figura 8).

La entrada a la vivienda suele estar elevada respecto a la cota de la calle con un escalón de piedra que impide la entrada de aguas desde el exterior.

Tras pasado el umbral se abre el zaguán en codo simple o doble recodo que impide la mirada indiscreta de los transeúntes al interior de la vivienda y lugar en que los extraños esperaban para penetrar en espacio privado de la familia. Quizás a estas entradas acodadas haga referencia Zurara cuando dice que los portugueses eran atacados al entrar en las casas por sus habitantes ocultos tras las puertas “metiamsse de tras das portas pera matarem os jmmijgos, quamdo quisessem emtrar” (1915, p. 214).

the houses, and even the entrance hall in some cases, were paved with large stone slabs. The interior of the houses frequently features square ceramic tiles combined with small glazed pieces (*olambrillas*) or bricks in different arrangements in the courtyards. For the rest of the rooms, lime mortar or brick pavements were used. The entrances to the different rooms are marked with friezes made of glazed pieces (figure 7).

Although textual sources seem to indicate the existence of dwellings with several floors, those unearthed so far are mostly single-storey houses. In this respect it can only be stated that some staircases have been excavated which, in general, overcome the differences in height between the street and the dwellings, although perhaps in some cases they could be used to give access to upper floors (Villada and Hita, 2016). The existence of some porticoed courtyards could perhaps be another indication of the existence of upper floors.

The openings to the outside were minimal, just the door and perhaps a small window to ventilate the latrine (figure 8).

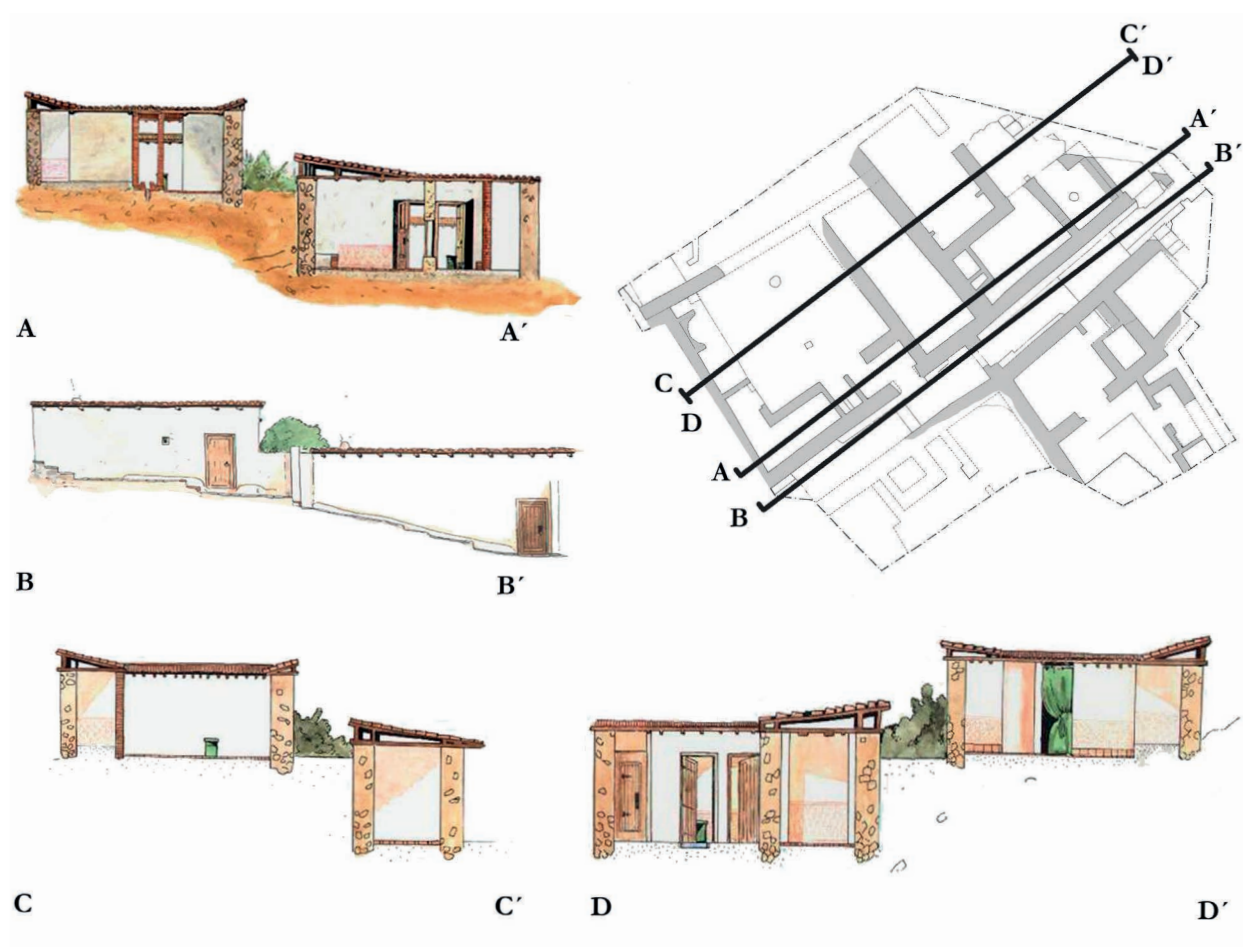
The entrance to the house is usually elevated with respect to the street level, with a stone step that prevents the entry of water from the outside.

Past the threshold there was a *zaguán* [hallway], a single or double-angled entrance that denied the indiscreet view of passers-by into the interior of the dwelling and also the place where strangers waited to enter into the family's private space. Perhaps Zurara refers to these angled entrances when he says that the Portuguese were attacked on entering the houses by their inhabitants hiding behind doors: “metiamsse de tras das portas pera matarem os jmmijgos, quamdo quisessem emtrar” (1915, p. 214).

T



7. A la izquierda, suelo de losas cerámicas combinadas con olambrillas de colores del patio de una de las viviendas de Huerta Rufino. A la derecha, cenefa que marca el acceso desde el patio a una de las habitaciones en otra vivienda de Huerta Rufino.
Left, floor paved with ceramic tiles combined with coloured olambrillas, from the courtyard of one of the Huerta Rufino dwellings. Right, frieze marking the threshold between the courtyard and one of the rooms from another Huerta Rufino dwelling.



8. Restitución de varias secciones de viviendas de Huerta Rufino. © Acuarelas de V. Fernández
Graphic restitution of several parts of the Huerta Rufino dwellings. © Aquarelles by V. Fernández

Tras el zaguán se abría el patio, la pieza más amplia de la vivienda. Era la principal fuente de luz y ventilación del resto de las salas y organizaba la estructura interna de la vivienda. Los patios documentados suelen ser de planta más o menos cuadrada o rectangular. Esto puede deberse a la relativamente escasa perduración temporal de estas viviendas pues en otras, como la vivienda excavada en Pasaje Fernández, esta regularidad es mucho menos acusada. Gracias al benigno clima buena parte de la vida doméstica se desarrollaría en ellos.

Las aguas pluviales eran canalizadas y conducidas hacia un aljibe situado bajo el patio. En uno de los de Huerta Rufino se conserva un registro, protegido por una pieza cerámica horadada en su centro, que comunicaba a través de una conducción con el aljibe. Posiblemente las aguas eran conducidas desde el tejado hasta este registro por atanores cerámicos.

Al patio se abrían el resto de las estancias. Su suelo estaba a una cota ligeramente superior y el umbral solía quedar marcado por una cenefa de azulejos vidriados como ya indicamos. Algunas de estas salas tenían usos específicos. Es el caso de las letrinas, presentes en casi todas las casas. Consisten básicamente en una estancia

he courtyard was situated right after the hallway; this was the largest part of the house. It was the main source of light and ventilation for the rest of the rooms and the core of the internal structure of the dwelling. The recorded courtyards are usually more or less square or rectangular in shape. This may be due to the fact that these were relatively short-lived houses because in others, such as the house excavated in Pasaje Fernández, this regularity is much less noticeable. Thanks to the mild climate, a good part of the domestic life would take place in the courtyards.

Rainwater was piped into a cistern (*aljibe*) beneath the courtyard. One of Huerta Rufino's dwellings features a preserved drain, protected by a ceramic piece with a central hole, which was connected to the cistern by a conduit. Possibly, the waters were conducted from the roof into this drain by clay pipes (*atanores*).

The rest of the rooms opened into the courtyard. Its floor was at a slightly higher level and the threshold used to be marked by a frieze of glazed tiles, as referred above. Some of these rooms served specific functions. This is the case of the latrines, present in almost every house. They basically consisted of a small room, with a brick floor, generally located next to the main wall on

de pequeñas dimensiones, con suelo de ladrillo, situada en general junto al muro maestro que limitaba con la calle para facilitar la evacuación de aguas sucias. La existencia de estas letrinas es mencionada también por las fuentes textuales (Iyad, 1998, p. 125-126; Al-Ansari, 1982-83, p. 136-137).

Otra de las estancias con una función específica era la cocina. Su aspecto y tamaño varían considerablemente de una vivienda a otra. En ocasiones, especialmente en las de menores dimensiones, eran simples construcciones de ladrillo que ocupan prácticamente todo el espacio disponible en la habitación. En las de mayor tamaño las estructuras que contenían el fuego se situaban en uno de los extremos dejando el resto del espacio libre para desarrollar las actividades necesarias para la preparación de los alimentos (figura 9). Estas estructuras se verían complementadas con fogones portátiles, *anafres*, de los que han sido localizados varios en las excavaciones realizadas. Además, una de las viviendas de Huerta Rufino cuenta con un horno de notables dimensiones. Es posible que su uso no fuese exclusivamente para la vivienda en que fue construido, sino que atendiese las necesidades de varias de ellas. Como indican las fuentes medievales, parte de los procesos de cocción de diversos alimentos se realizaban fuera de las viviendas en este tipo de hornos.

El resto de las estancias tenían un carácter más plurifuncional. Las de mayor tamaño y más rica decoración han sido consideradas salas de recepción, aunque debieron servir también como dormitorios. Algunas presentan en sus extremos *alhanías*, con entradas marcadas por arquerías y el suelo ligeramente elevado. Según al-Ansari, en muchas viviendas existían baños y también oratorios (Al-Ansari, 1982-83, p. 136-137). Una mezquita de barrio, inserta en la trama urbana pero sin estar integrada en ninguna vivienda, fue documentada en las excavaciones del Pasaje Fernández (Villada et Hita, 2016) (figura 10). En las casas más notables ceutíes había también bibliotecas (Al-Ansari, 1982-83, p. 131-132).

the street side, in order to facilitate the evacuation of wastewater. The existence of latrines is also mentioned by textual sources (Iyad, 1998, p. 125-126; Al-Ansari, 1982-83, p. 136-137).

Another room with a specific function was the kitchen. Its appearance and size vary considerably from one house to another. Sometimes, especially in the smaller ones, they were simple brick constructions that occupied practically all the available space in the room. In the larger ones, the fire structures were placed at one end, leaving the rest of the space free to carry out the activities necessary for the preparation of food (figure 9). These structures would be complemented by portable stoves, called *anafres*, several of which have been found during the archaeological excavations. Moreover, one of the houses in Huerta Rufino has a large oven. It is possible that its use was not exclusively for the house in which it was built but that it served the needs of several dwellings. As indicated by medieval sources, part of the cooking processes of the various foods were carried out outside the dwellings, in this type of oven.

The rest of the rooms had a more multi-functional character. The largest and more lavishly decorated rooms have been considered reception rooms, although they might also have served as bedrooms. Some of them feature *alhanías* (lit.: sleeping quarters) at their far ends, with entrances marked by arches and slightly elevated floors. According to al-Ansari, bathrooms and oratories existed in many dwellings (Al-Ansari, 1982-83, p. 136-137). A neighbourhood mosque, integrated in the urban grid but not incorporated into any dwelling, was documented in the excavations of Pasaje Fernández (Villada and Hita, 2016) (figure 10). There were also libraries in Ceuta's most outstanding houses (Al-Ansari, 1982-83, p. 131-132).

Some houses had running water (Iyad, 1998, p. 125). In Huerta Rufino there was evidence of a piping that could possibly serve this purpose, but the usual arrangement was that each house had a cistern under the patio



9. Vista parcial de las viviendas de Huerta Rufino conservadas en la Biblioteca Pública "Adolfo Suárez".
Partial view of the Huerta Rufino dwellings preserved at the Biblioteca Pública "Adolfo Suárez".

Algunas viviendas contaban con agua corriente (Iyad, 1998, p. 125). En Huerta Rufino se advirtieron indicios de una canalización que posiblemente sirviera para este propósito, pero lo habitual es que cada casa contase con un aljibe bajo el patio destinado a almacenar las aguas pluviales. Casi siempre son de una única cámara a la que se accedía desde una boca abierta en el patio provista de un brocal de pozo. Únicamente en un caso se documentó la existencia de un aljibe de doble cámara con dos accesos, uno en el patio como es habitual y el otro en una pequeña estancia contigua a la cocina. Esta habitación se comunicaba a través de un vano abierto en el muro medianero con la cocina posiblemente para facilitar el trasvase del agua.

Otro de los hechos destacables documentados por la investigación arqueológica es la ornamentación del interior de las viviendas con decoraciones parietales pintadas. Debieron estar bastante extendidas a tenor de los numerosísimos restos encontrados. El análisis arqueológico, decorativo y físico-químico permite distinguir dos grupos bien diferenciados. El primero, ejecutado al fresco y caracterizado por la presencia de amplias superficies pintadas en rojo de almagra, tallos entrelazados de aspecto geométrico o incluso motivos florales, puede relacionarse con ejemplares

to store rainwater. These were nearly always single-chamber cisterns that could be accessed through an opening with a well rim located in the courtyard. Only one case was a double-chamber cistern with two access points, one in the courtyard as usual and the other in a small room adjacent to the kitchen. This room was connected with the kitchen through an open space in the dividing wall, possibly to facilitate water transfer.

Another noteworthy fact documented by archaeological research is the ornamentation of the interior of the dwellings with painted wall decorations. They must have been quite widespread judging from the very large number of remains found. Archaeological, decorative and physical-chemical analysis enabled the distinction of two well-differentiated groups. The first, executed in fresco and characterised by the presence of large surfaces painted in red ochre, intertwining geometrically-shaped stems or even floral motifs, can be linked to Andalusian and Maghrebian exemplars generally ascribed to the Almohad period or even earlier. The second, painted over dry surfaces, features smaller motifs forming multi-coloured compositions and more stylised motifs, and can be ascribed to the Marinid dynasty, possibly from a later phase of this period (Hita and Villada, 2014b) (figure 11).



10. Vista general de la excavación de Pasaje Fernández.

A. Mezquita; B. Vivienda; C. Vivienda; D, E, F, G. Posibles viviendas; CP1. Calle principal; CS1 y CS2. Calles secundarias.

General view of the Pasaje Fernández excavation.

A. Mosque; B. Dwelling; C. Dwelling; D, E, F, G. Possible dwellings; CP1. Main street; CS1 and CS2. Secondary streets.

andalusíes y magrebíes considerados almohades o incluso anteriores. El segundo, pintado en seco, con motivos de menor tamaño que forman composiciones más abigarradas y motivos más estilizados, puede ser considerado mariní, posiblemente de un momento avanzado (Hita et Villada, 2014b) (figura 11).

Muchos de estos revestimientos se documentan de modo muy fragmentario y en posición secundaria lo que dificulta su interpretación. No obstante, su vinculación con espacios domésticos no estrictamente palaciegos es clara. En Huerta Rufino el resto de evidencias recuperadas confirman que nos encontramos ante viviendas habitadas por sectores acomodados de la sociedad ceutí.

Los ajuares en estas viviendas muestran también el elevado nivel de vida de sus habitantes. De una parte destaca el elevado número de cerámicas recuperadas y de otro su variedad y calidad. Así junto a una notable cantidad de piezas destinadas a la preparación y consumo de alimentos (ollas, cazuelas, etc.) destacan las del servicio de presentación y consumo de alimentos con una significativa presencia de piezas importadas fundamentalmente del reino nazarí de Granada (figura 12).

Una circunstancia significativa en cuanto a estas piezas es que suelen aparecer no en la posición que cabía esperar sino fundamentalmente en las calles, generalmente concentradas en torno a las entradas de las viviendas o desechadas en silos que aparecen

Many of these wall coatings were documented in a very fragmented way only and in secondary position, which makes their interpretation quite difficult. However, their connection to domestic spaces that are not strictly palatial is clear. In Huerta Rufino, the rest of the recovered evidence confirms that we are dealing with houses inhabited by wealthy sectors of Ceuta's society.

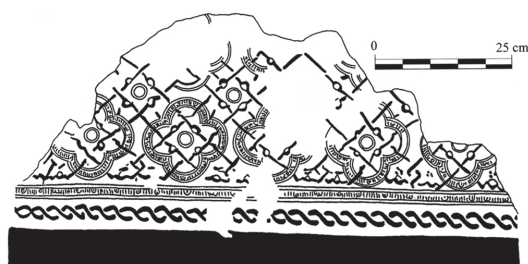
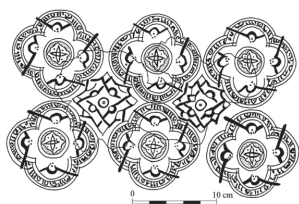
The furnishings of these houses also show the high standards of living of their inhabitants. The high number of recovered ceramics stands out, as well as their variety and quality. Thus, along with a remarkable quantity of pieces intended for the preparation and consumption of food (pots, pans, etc.), items used in food presentation and consumption are also noteworthy, with a significant presence of imported pieces, mostly from the Nasrid kingdom of Granada (figure 12).

A significant circumstance with regard to these pieces is that they tend to appear not in the position one would expect but fundamentally in the streets, generally concentrated around the entrances to the dwellings or discarded in silos that are filled with thousands of fragments. And also some marbles that must have belonged in the houses. All this seems to result from the plundering and subsequent cleaning carried out after the Portuguese conquest (figure 13).

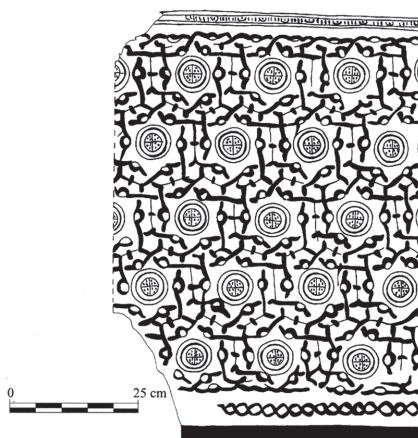
The same reasons may account for some holes dug inside the houses, because after the conquest, as Zurara points out,



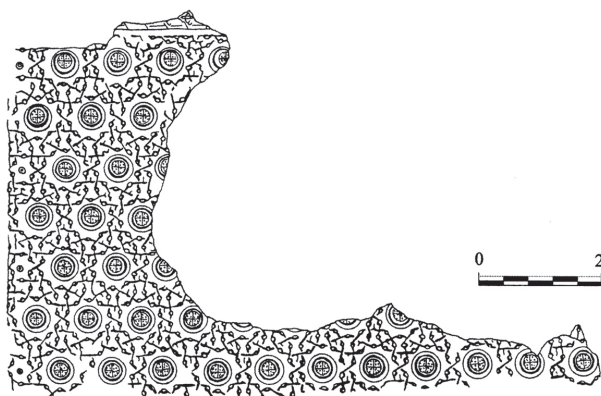
11. Vista parcial de una de las viviendas de Huerta Rufino. La flecha indica la excavación realizada en el patio quizás en busca de botín.
Partial view of one of the Huerta Rufino dwellings. The arrow marks the hole dug on the courtyard, possibly to search for loot.



Estilo I



Estilo II



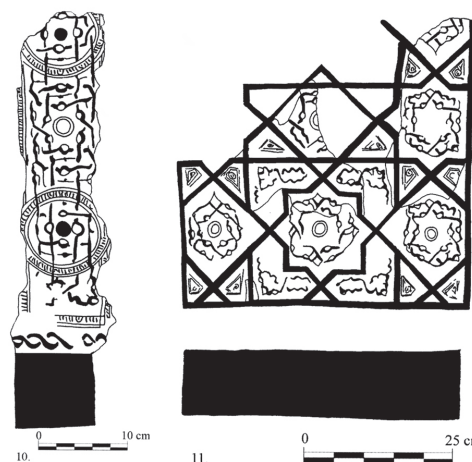
Estilo III



Estilo IV



Estilo V



Estilo VI

12. Pinturas parietais documentadas em viviendas ceutíes.
Wall paintings from several houses.

colmatados con miles de fragmentos. En estos silos aparecen también algunas piezas de mármol de carácter suntuario que debieron estar inicialmente ubicadas en ellas. Todo ello parece responder al expolio y posterior limpieza llevada a cabo tras la conquista portuguesa (figura 13).

Quizás al mismo motivo respondan algunos hoyos excavados en el interior de las casas pues como señala Zurara, tras la conquista,

huūs se ocupauam de fazer trouxas daquellas cousas que apanharam. Outros estauam iguallamdo suas partilhas com aqueles que primeiramente traziam comserua. Outros amdauam cauamdo as casas, omde achauam a terra mouediça, e faziam nellas muy grandes foyos, pemssamdo dacharem alguūas rriquezas soterradas. E por huū pouco que achauam, desfaziam grandes alliceçes, pemssamdo dacharem mais. Outros temtauam as alturas das aguas que jaziam nos pços, e metiamsse neellas, apallpamdo como os pees pera ueer se poderiam ajmda achar alguūas rriquezas sobre aquellas que ja tijnham. E por dizer uerdade, que em mujtos nom eran seus trabalhos em vão, que sse achauam mujtas cousas em elles de grossa uallia. (Zurara, 1915, p. 235-236)

huūs se ocupauam de fazer trouxas daquellas cousas que apanharam. Outros estauam iguallamdo suas partilhas com aqueles que primeiramente traziam comserua. Outros amdauam cauamdo as casas, omde achauam a terra mouediça, e faziam nellas muy grandes foyos, pemssamdo dacharem alguūas rriquezas soterradas. E por huū pouco que achauam, desfaziam grandes alliceçes, pemssamdo dacharem mais. Outros temtauam as alturas das aguas que jaziam nos pços, e metiamsse neellas, apallpamdo como os pees pera ueer se poderiam ajmda achar alguūas rriquezas sobre aquellas que ja tijnham. E por dizer uerdade, que em mujtos nom eran seus trabalhos em vão, que sse achauam mujtas cousas em elles de grossa uallia. (Zurara, 1915, p. 235-236)

It should also be noted that no coins could be recovered in all these excavations. Finally, also note that rural dwellings differed from urban dwellings, as they did not have running water, latrines or wells (Iyad, 1998, p. 42).

Es también de destacar que no ha podido ser recuperado ninguna moneda en todas estas excavaciones. Indicaremos por último que las viviendas rurales tenían características bien diferenciadas de las urbanas ya que no disponían de agua corriente, ni letrinas, ni pozos (Iyad, 1998, p. 42).



13. Cerámicas importadas del reino nazarí recuperadas en las inmediaciones de Huerta Rufino. Arriba, escudillas decoradas en azul cobalto y loza dorada. Abajo, ataífor en verde y morado con motivos zoomorfos.

Ceramics imported from the Nasrid kingdom and recovered from the surroundings of Huerta Rufino. Top, bowls with cobalt blue and "golden shine" (lusterware) decorations. Bottom, a green-and-purple platter (*ataífor*) decorated with zoomorph motifs.

LA TRANSFORMACIÓN DEL ESPACIO URBANO TRAS LA CONQUISTA DE 1415

Si el conocimiento de la evolución urbana de Ceuta durante la etapa islámica ha tenido en la investigación arqueológica un pilar fundamental, todo cambia para el periodo portugués. Hasta el momento ni una sola vivienda, ni una calle, etc., datable con claridad en esta etapa ha podido ser documentada. Solo parte de las estructuras defensivas, aún hoy en pie, parecen haberse preservado. La explicación de esta situación se explica, al menos en parte, por el proceso de formación del registro arqueológico.

Así, en el sector en que es más probable la documentación arqueológica de la ocupación lusitana, la medina islámica conocida por los portugueses significativamente con el topónimo de *La Ciudad*, la ocupación ha permanecido prácticamente ininterrumpida hasta

THE TRANSFORMATIONS OF THE URBAN SPACE AFTER THE 1415 CONQUEST

Archaeological research has been a fundamental pillar of the knowledge of the urban evolution of Ceuta during the Islamic period. However, everything changes regarding the Portuguese period. Up to now, not a single house, not a street, etc., which could be securely dated to this stage has been documented. Only part of the defensive structures, still standing today, seem to have been preserved. This situation can be explained, at least partly, by the archaeological record formation processes.

Thus, in the sector in which the archaeological evidence of the Portuguese occupation is most likely to be found, the Islamic medina, significantly referred to by the Portuguese as *La Ciudad*, the occupation has been virtually uninterrupted until the present, which has caused the earlier levels to be affected by



14. Objetos muebles correspondientes al periodo portugués recuperados en distintas excavaciones del Istmo. A. Olla y cazuela de origen lisboeta; B. Escudilla sevillana; C. Escudillas levantinas; D. Porcelanas orientales; E. Gres renano; F. Platos de Montelupo (Italia); G. Cuchara de hierro; H. Llaves y bocallave de hierro; I. Fragmentos de pulseras de vidrio.
Movable objects corresponding to the Portuguese period recovered during various excavations at the Istmo. A. Pot and pan from Lisbon; B. Bowl from Seville; C. Levantine bowls; D. Oriental porcelain; E. Rhineland stoneware; F. Montelupo (Italy) plates; G. Iron spoon; H. Iron keys and keyhole; I. Fragments of glass bracelets.

nuestros días, lo que ha provocado la afectación de los niveles precedentes por posteriores edificaciones². Así los principales hallazgos del periodo lusitano corresponden a cerámicas y otros objetos muebles recuperados en posición secundaria (Hita et Villada, 2004; Fernández, 2008; Teixeira *et al.*, 2015; Villada *et al.*, 2016; Caroscio, 2015; Caroscio, en prensa) (figura 14).

Las estructuras tardo-islámicas mejor conservadas se han localizado en la Almina, una zona esencialmente utilizada tras la conquista portuguesa como terrenos de cultivo o simplemente sin uso. Solo a partir del siglo XVIII fue reocupada (Gómez, 2004) y entonces ya se habían formado sobre las edificaciones medievales potentes estratos de tierras (en algunos casos, como en Pasaje Fernández, de casi de ocho metros de espesor) que impidieron que las nuevas construcciones alterasen las precedentes.

Para explicar la abundancia de objetos muebles tardo-islámicos en contraste con la escasez de los de cronología portuguesa ha de tenerse en cuenta además la sensible disminución en el número de habitantes (de unos 30 000 a solo 2 500). Esta notable merma de población tuvo consecuencias inmediatas en el urbanismo: amplias extensiones de la ciudad fueron abandonadas ya que si, de una parte, no podían ser mantenidas ni defendidas, tampoco eran ya necesarias para un número de habitantes tan reducido. Este proceso de *atalho* ensayado en Ceuta fue repetido en otras ciudades conquistadas por los portugueses en el norte de África como ha puesto de relieve en detalle Correia (2008)³.

2. Esta afectación no es homogénea pues sí se han conservado niveles arqueológicos, incluso mucho más antiguos (por ejemplo, la basilica del siglo V d.C. en el extremo oriental del Istmo), en buen estado de conservación, pero no se trata más que de excepciones en un panorama general en que estos niveles se encuentran muy alterados. Además, buena parte han sido destruidos durante las remodelaciones llevadas a cabo en esa zona que solo han sido supervisadas por arqueólogos en las últimas décadas de manera sistemática. Así, por poner solo un ejemplo, en la década de los 80 del pasado siglo fue construido un aparcamiento de unos 6.000 m² que atravesaba el Istmo desde la plaza de África hasta su límite oriental sin que se llevasen a cabo excavaciones previas más que de forma muy puntual.

3. "O atalho constituiu o principal instrumento de controlo espacial que os portugueses empregaram nas cidades ocupadas do Norte de África. Como recurso formal, implicava a diminuição da superfície urbana útil, quase sempre arrastando consigo um encurtamento do perímetro amuralhado, através da introdução estratégica de um ou mais panos de muralha nova e secante em relação ao cronon islâmico preexistente. Procurava encolher-se o comprimento defensável com vista a uma colocação mais rentável dos meios militares, tão escassos quanto fundamentais para a manutenção da conquista recente. Como consequência política, o atalho "decidia" o abandono e subsequente arrasamento de toda a área excluída na sua opção de cidade, eliminando todas as estruturas construídas que pudessem favorecer o abrigo e esconderijo de um inimigo empenhado em reaver a terra usurpada e que à sombra das ruínas preparasse escaramuças ou investidas. Criava-se um território de ninguém, muitas vezes dedicado à hortofruticultura ou à pastorícia, tábua rasa de um contínuo urbano truncado. A retórica orgulhosa da preservação integral das urbes tomadas subordinava-se ao racionalismo pragmático de sobrevivência em território hostil e ao peso do valor simbólico da aquisição de baluartes do extremo ocidental do Islão" (Correia, 2008, p. 353).

later buildings². Therefore, the main findings from the Portuguese period correspond to ceramics and other movable objects recovered in secondary position (Hita and Villada, 2004; Fernández, 2008; Teixeira *et al.*, 2015; Villada *et al.*, 2016; Caroscio, 2015; Caroscio, in press) (figure 14).

The best-preserved late-Islamic structures have been located in the Almina, an area essentially used as farmland or just left unused after the Portuguese conquest. It was reoccupied only from the 18th century onwards (Gómez, 2004) and by then the medieval buildings were covered by thick layers of sediment (in some cases, such as in Pasaje Fernández, almost eight-meter thick) which prevented the new constructions from disturbing the previous ones.

In order to explain the abundance of late-Islamic movable objects in contrast to the scarcity of items of Portuguese chronology, the significant decrease in the number of inhabitants (from about 30 000 to only 2 500) must also be taken into account. This considerable population decrease had immediate consequences in urban planning. Large areas of the city were abandoned because they could not be properly maintained or defended and they were no longer necessary for such a small number of inhabitants. This process of *atalho*, rehearsed in Ceuta, was repeated in other cities conquered by the Portuguese in North Africa, as Correia (2008) has highlighted in detail³.

2. Actually, some archaeological levels remained undisturbed, even much older ones (for example, the basilica from the 5th century A.D. located at the eastern end of the Istmo), and are well preserved. However, these are but exceptions in a broader context of extensive disturbance of the archaeological levels. Indeed, much was destroyed during the remodelling works carried out in this area, without adequate archaeological monitoring until the last decades. To quote but one example, a 6 000 m² parking lot was built in the 1980s, which crossed the Istmo from the Plaza de África to the eastern end; only a limited number of preventive excavations were ever carried out.

3. "The atalho was the main instrument of spatial control employed by the Portuguese in the occupied cities of North Africa. As a formal resource, it involved the reduction of the usable urban surface, almost always entailing a shortening of the walled perimeter, through the strategic introduction of one or more new wall sections, secant in relation to the pre-existing Islamic layout. The purpose was to shorten the defensible length with a view to a more effective deployment of the military means, always scarce and yet fundamental to secure the newly-conquered city. As a political consequence, the atalho "decided" the abandonment and subsequent destruction of all the areas excluded from the chosen city layout, eliminating all the built structures that could provide shelter and hiding places to enemies engaged in recovering the usurped land, who might prepare skirmishes or attacks under cover of the ruins. A no-man's land was thus created, often used for horticulture or shepherding purposes, the clean slate of a truncated urban continuum. The proud rhetoric of the integral preservation of the conquered cities was subordinated to the pragmatic rationalism of survival in hostile territory and to the weight of the symbolic value of the acquisition of strongholds in the western extremity of Islam" (Correia, 2008, p. 353).

Efectivamente, en Ceuta la conquista portuguesa supuso el inmediato abandono de los arrabales exteriores situados al oeste de la medina. Las edificaciones fueron demolidas, los árboles talados y los muros que limitaban huertos y otros espacios arruinados para evitar ser sorprendidos por los enemigos (Zurara, 1792, p. 260-261). Los derribos continuaban incluso en una fecha tan tardía como mediados del siglo XVI cuando se ordena derribar las murallas del Afrag para evitar que los enemigos pudiesen hostigar a las tropas desde allí, aunque esto solo se llevó a cabo en parte (Villada, 2013, p. 30-33; Hita et Villada, 2015b). Hacia occidente, el abandono fue incluso más lento dado que el peligro era menos acuciante.

A lo largo del siglo XV la Almina perdió el carácter netamente urbano de la etapa islámica siendo utilizada fundamentalmente como zona de cultivo, pasto, caza, etc. Esta transformación, como ya hemos indicado, ha quedado plasmada en el registro arqueológico y también en la cartografía. La ruina de los edificios sin embargo no fue total ya que algunos como el árabe de la plaza de la Paz (Hita et Villada, 2013; Hita et Villada, 2015d) o la torre del Heliógrafo se han preservado hasta nuestros días. En la cima del Hacho se mantuvo un puesto de vigilancia. Culminó este proceso de abandono de parte de la ciudad islámica cuando el rey D. Manuel I en 1507 ordena reducir el espacio ocupado estrictamente al Istmo para asegurar la defensa (figura 15).

Correa es una fuente preciosa para comprender lo que esta acción significó al describir en primer lugar la extensión de la Ceuta previa a la conquista portuguesa (1999, p. 106-107) y, algo más adelante (Correa, 1999, p. 158-159), las causas y consecuencias del mandato de Manuel I:

136. Ceuta en este tiempo era ciudad toda murada, de las más notables de ambas Mauritánias, de gran comercio, riqueza y población, havitada de muchos cavalleros, talbes y mercantes, y vn seminario de armas y de letras, a la que concurrían muchas gentes.

Su longitud era de la torre y vestigios de muralla, que se reconozen por fuera [23v] de la ermita de Nuestra Señora del Valle, al oriente, hasta otros trozos de muralla, al occidente, que hizo demoler el marqués de Ledesma el año de 1721, como adelante se dirá; y corrían, de mediodía a septentrión, por los ángulos salientes de las lunetas de San Phelipe, Santa Ysabel y San Luis, pocos años ha construidas, hasta el mar, cuja longitud contiene mill y veinte toesas. Su latitud, la que al presente tiene de norte a sur, si bien por la parte del norte le han robado las tempestades algún terreno. El frente de oriente era de doscientas y cincuenta y siete toesas y media y el de occidente de cuatrocientas y cincuenta y cinco. (Se advierte al que lo ignora que dos mill y quinientas toesas componen vna legua común castellana). Fuera de la murallas, al este, tenía Ceuta vn grande

Indeed, the Portuguese conquest of Ceuta entailed the immediate abandonment of the outer suburbs to the west of the medina. The buildings were demolished, the trees were cut down and the walls that enclosed vegetable gardens and other spaces were knocked down to avoid being surprised by the enemies. (Zurara, 1792, p. 260-261). The demolitions continued until as late as the mid-16th century, when it was ordered to tear down the walls of the Afrag to prevent enemies from harassing the troops from there, although this was only partly accomplished (Villada, 2013, p. 30-33; Hita and Villada, 2015b). Towards the west, the abandonment was even slower since danger was less immediate.

Throughout the 15th century, the Almina lost its purely urban character of the Islamic period, being used primarily as a farming area, and for grazing, hunting, etc. This transformation, as we have already indicated, is confirmed by the archaeological record and also by the cartography. The ruin of the buildings, however, was not total, as some of them, such as the Arabic one at Plaza de la Paz (Hita and Villada, 2013; Hita and Villada, 2015d) or the Heliógrafo tower, still exist today. A lookout was kept at the top of Mount Hacho. This process of abandonment of parts of the Islamic city culminated when, in 1507, King Manuel I ordered the occupied space to be strictly reduced to the Istmo, in order to ensure the defence of the city (figure 15).

Correa is an invaluable source for understanding what this action meant, as he first describes the extension of Ceuta prior to the Portuguese conquest (1999, p. 106-107) and then (Correa, 1999, p. 158-159) the causes and consequences of the mandate of King Manuel I:

136. Ceuta en este tiempo era ciudad toda murada, de las más notables de ambas Mauritánias, de gran comercio, riqueza y población, havitada de muchos cavalleros, talbes y mercantes, y vn seminario de armas y de letras, a la que concurrían muchas gentes.

Su longitud era de la torre y vestigios de muralla, que se reconozen por fuera [23v] de la ermita de Nuestra Señora del Valle, al oriente, hasta otros trozos de muralla, al occidente, que hizo demoler el marqués de Ledesma el año de 1721, como adelante se dirá; y corrían, de mediodía a septentrión, por los ángulos salientes de las lunetas de San Phelipe, Santa Ysabel y San Luis, pocos años ha construidas, hasta el mar, cuja longitud contiene mill y veinte toesas. Su latitud, la que al presente tiene de norte a sur, si bien por la parte del norte le han robado las tempestades algún terreno. El frente de oriente era de doscientas y cincuenta y siete toesas y media y el de occidente de cuatrocientas y cincuenta y cinco. (Se advierte al que lo ignora que dos mill y quinientas toesas componen vna legua común castellana). Fuera de la murallas, al este, tenía Ceuta vn grande arrabal que hasta nuestros tiempos mantienen

arrabal que hasta nuestros tiempos mantienen sus vestigios en el nombre de Judería, en que moraba esta obstinada y deprabada gente; y al oeste, frente de la luneta San Luis, otro que los portugueses llamaron Villa Vieja.

[...]

313. Hasta el año de 1507 se mantubo esta estendida ciudad de Ceuta con su antigua muralla, cuja descripción se puede ver en el número 136, pero ya se hallaba por muchas partes arruinada y con brechas tales que con facilidad se podía entrar, y más por el frente que mira a España; por lo que el rei don Manuel mandó la reconociesen hombres prácticos en la guerra e inteligentes en el modo de fortificar, a quienes pareció que, respecto ser preciso hacer crecido gasto en el reparo de los muros y que éste se devía siempre continvar, y que su ámbito pedía mui numerosa guarnición en caso que llegase el tiempo que la ciñesen con asedio regular, era combeniente reducirla a estado que con poca gente se pudiese defender. Y así no quedaría tanta longitud de muro necesitado a reedificar.

Conformándose pues el rei con esta idea, se hubo de emprender y, no siendo el número de sus havitadores christianos igual, sino muchísimo menor del que tenían los moros al tiempo que el rei don Iuan la conquistó, las más de las casas eran ya reducidas a tierras de [56v] labor, viñas y arboledas.

314. Por los frentes de oriente y occidente y por lo más hondo y estrecho cortaron la ciudad, quedando el de oriente con latitud de ciento y cinco toesas y el de occidente con ciento y veinte y cinco, sin incluir los antiguos brazos o espigones que por ambos costados salen al mar. Y las puertas quedaron en medio de estos frentes. La cara que mira al norte, con la longitud de doscientas setenta y dos toesas, y la que mira al sur con la de doscientas treinta y dos, dejando las puertas de estos muros sin tocar.

La obra se hacía según costumbre y necesidad de aquellos tiempos, y en los presentes se demuestra en la muralla que mira al oriente, quedando entonces conforme a ésta la que mira al occidente. En su ámbito quedaron la cathedral, combentos de Santo Domingo y el que en el presente tiempo es de descalzos trinitarios, ermitas de Nuestra Señora de África, San Antonio y San Blas, palacio de los capitanes gobernadores y menos de quinientas casas; cuasi todo el demás suelo se redujo también a huertos, viñas y arboledas que posehían sus antiguos dueños, dejando para el común vn espacio que llamaron el Rebellín y era desde el frente que aora es de los ornos de la munición y huerta interior del nuevo palacio del governador hasta entonces la nueba muralla de la ciudad.

sus vestigios en el nombre de Judería, en que moraba esta obstinada y deprabada gente; y al oeste, frente de la luneta San Luis, otro que los portugueses llamaron Villa Vieja.

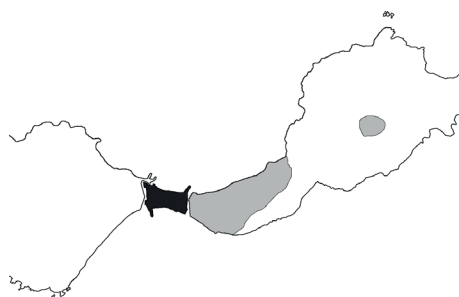
[...]

313. Hasta el año de 1507 se mantubo esta estendida ciudad de Ceuta con su antigua muralla, cuja descripción se puede ver en el número 136, pero ya se hallaba por muchas partes arruinada y con brechas tales que con facilidad se podía entrar, y más por el frente que mira a España; por lo que el rei don Manuel mandó la reconociesen hombres prácticos en la guerra e inteligentes en el modo de fortificar, a quienes pareció que, respecto ser preciso hacer crecido gasto en el reparo de los muros y que éste se devía siempre continvar, y que su ámbito pedía mui numerosa guarnición en caso que llegase el tiempo que la ciñesen con asedio regular, era combeniente reducirla a estado que con poca gente se pudiese defender. Y así no quedaría tanta longitud de muro necesitado a reedificar.

Conformándose pues el rei con esta idea, se hubo de emprender y, no siendo el número de sus havitadores christianos igual, sino muchísimo menor del que tenían los moros al tiempo que el rei don Iuan la conquistó, las más de las casas eran ya reducidas a tierras de [56v] labor, viñas y arboledas.

314. Por los frentes de oriente y occidente y por lo más hondo y estrecho cortaron la ciudad, quedando el de oriente con latitud de ciento y cinco toesas y el de occidente con ciento y veinte y cinco, sin incluir los antiguos brazos o espigones que por ambos costados salen al mar. Y las puertas quedaron en medio de estos frentes. La cara que mira al norte, con la longitud de doscientas setenta y dos toesas, y la que mira al sur con la de doscientas treinta y dos, dejando las puertas de estos muros sin tocar.

La obra se hacía según costumbre y necesidad de aquellos tiempos, y en los presentes se demuestra en la muralla que mira al oriente, quedando entonces conforme a ésta la que mira al occidente. En su ámbito quedaron la cathedral, combentos de Santo Domingo y el que en el presente tiempo es de descalzos trinitarios, ermitas de Nuestra Señora de África, San Antonio y San Blas, palacio de los capitanes gobernadores y menos de quinientas casas; cuasi todo el demás suelo se redujo también a huertos, viñas y arboledas que posehían sus antiguos dueños, dejando para el común vn espacio que llamaron el Rebellín y era desde el frente que aora es de los ornos de la munición y huerta interior del nuevo palacio del governador hasta entonces la nueba muralla de la ciudad.



15. Izquierda. La ciudad islámica. Derecha, La ciudad portuguesa. En negro, áreas urbanas; en gris, zonas con una menor densidad de poblamiento o con usos no estrictamente urbano.

Right, the Islamic city. Left, the Portuguese city. In black, the urban areas; in grey, less populated or not strictly urban areas.

Ante la escasez de la documentación arqueológica, los planos y vistas son una fuente fundamental para conocer la forma urbana de la Ceuta lusitana.

In view of the scarcity of archaeological evidence, plans and views are a fundamental source of information on the urban form of Portuguese Ceuta.

La más antigua vista conservada es la del almirante turco Piri Reis (1465-1533) (figura 16). Los datos que le sirven de base corresponden al momento (1483-1496) en que frecuentó la zona. De esta obra se conservan varias copias que difieren en detalles. En la edición que manejamos, Ceuta aparece en tres vistas distintas (Piri Reis, 2007, p. 139, 140 y 140 bis). En ellas se observa como la población aparece apiñada en el Istmo, protegida por murallas reforzadas con torres, en la que se abren dos puertas. La primera, situada al norte, conduce a un espigón al que aparece amarrado un navío. La segunda se abre al continente. Es significativo que en el Istmo, muy densamente poblado en época islámica, se dibuja ya una amplia plaza. Correia (2008, p. 107) señaló su presencia localizada en documentos de inicios del siglo XVI y conocida con el nombre de *Aira/Eira*. En su centro se dibuja otro símbolo de la nueva ciudad, la picota.

The oldest preserved view is the one by Turkish admiral Piri Reis (1465-1533) (figure 16). The information this view is based on corresponds to the time (1483-1496) when he frequented the area. Several copies of this work have been preserved, but they differ in some details. In the edition we used, Ceuta is shown in three different views (Piri Reis, 2007, p. 139, 140 and 140 bis). One can observe how the population is crammed in the Istmo, protected by ramparts reinforced with towers. Two gates can be seen: the first one, to the north, leads to a jetty to which a ship is moored; the second one opens onto the mainland. Significantly, a wide square is already shown at the Istmo, a very densely populated area during the Islamic period. Correia (2008, p. 107) pointed out its presence, as seen in documents from the beginning of the 16th century; it was known as *Aira* or *Eira*. In its centre, another symbol of the new city is shown, the pillory.

La Almina y el Hacho están prácticamente despoblados y también rodeados de una cerca con torres. Se representan con un dibujo distinto que quizás pretenda reflejar la diferente naturaleza del material y aparejo empleado en su construcción. Esta disposición general – Hacho, Almina y Campo Exterior prácticamente abandonados y solo con algunas edificaciones y la población concentrada en el área oriental del Istmo con una gran plaza a la que se asoman las principales edificaciones – es una constante en todas las imágenes que conservamos.

La Almina and el Hacho are practically uninhabited and also surrounded by a towered rampart. Both are depicted in a different style that may reflect the diverse nature of the materials and techniques used in their construction. This general arrangement – Hacho, Almina and Campo Exterior practically abandoned and with only a few buildings and the population concentrated in the eastern area of the Istmo, with a large square surrounded by the main buildings – is a constant in all the images that have reached our day.

La segunda desde un punto de vista cronológico⁴ es el grabado del *Civitates Orbis Terrarum* editado por Braun entre 1572 y 1617 (figura 17). Está realizada a vista de

The second view, in chronological terms⁴, is the engraving from the *Civitates Orbis Terrarum* edited by Braun between 1572 and 1617 (figure 17). It is a bird's-eye

4. En la biblioteca municipal de Jerez de la Frontera se conservan una serie de dibujos que según se cree son copias del siglo XVII de los frescos pintados en las Casas Capitulares y la del Corregidor para conmemorar diversas acciones de la nobleza jerezana en el norte de África. En uno de ellos, que ilustra las aventuras de Gonzalo Pérez de Gallegos, se ilustran una serie de duelos individuales en aquellas tierras en 1526. Al fondo de la imagen se dibuja un caserío y algunas torres que representan Ceuta pero no son más que una recreación de la ciudad sin ninguna pretensión de reflejar la fisonomía de Ceuta en esos años. Anterior a esta aún es el mapa mencionado por Pereira, desafortunadamente perdido (Pereira, 1892, p. 23).

4. The public library of Jerez de la Frontera holds a series of drawings that are believed to be 17th-century copies of the frescoes painted in the *Casas Capitulares* and the *Casa del Corregidor* to commemorate the various feats of the Jerez nobility in North Africa. One of the drawings represents the adventures of Gonzalo Pérez de Gallegos and includes depictions of a number of individual duels fought in African lands in 1526. The background shows some houses and towers that represent Ceuta, but this is nothing more than an evocation of the city that does not aim at depicting the actual physiognomy of Ceuta. The map referred to by Pereira is even older but was unfortunately lost (1892, p. 23).

pájaro desde la bahía norte. Debe destacarse en el Istmo una puerta, protegida por lienzos murados que la flanquean, que permite el ingreso desde el mar y debe corresponder aproximadamente al emplazamiento de la actual puerta de Santa María. En la muralla norte de la Almina, ya con evidentes signos de ruina, se dibuja otra de la que se especifica que fue la forzada por los portugueses en la conquista. En el Hacho aparece un doble circuito de murallas, también muy deterioradas en algunos tramos, y tan solo dos edificaciones, una en la cima y otra que corresponde a la ermita de Santa Catalina.

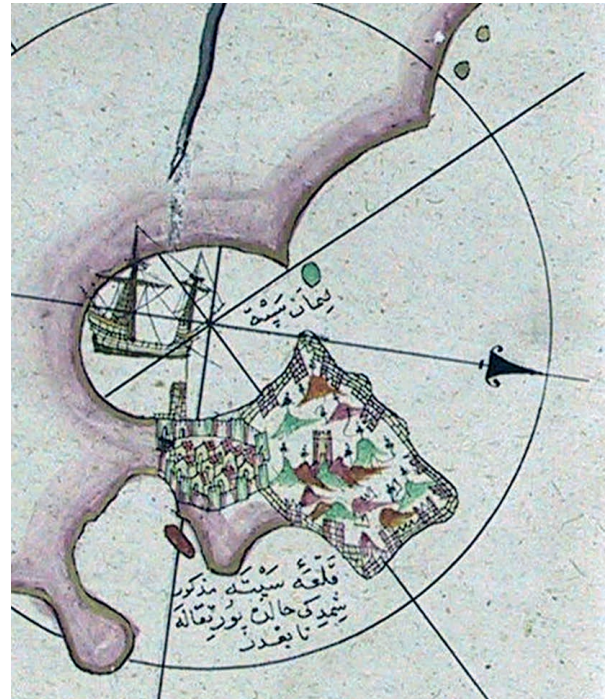
Sigue de cerca este grabado uno de los frescos que decoran el Palacio de D. Álvaro de Bazán, primer Marqués de Santa Cruz, en el Viso del Marqués que plasma una de sus exitosas hazañas, el *Socorro de Ceuta y Tánger* (1578) (figura 18). Para actualizar la imagen de la Ciudad, en el momento en que fue ejecutado ya se habían reformado las defensas exteriores, se añade a las fortificaciones medievales el foso navegable. Traza la costa africana del estrecho de Gibraltar con Ceuta en primer término, aunque la vista está un poco girada respecto al grabado y ello permite apreciar algunos detalles de interés, especialmente en lo que atañe a la estructura defensiva del frente de tierra (Hita *et al.*, 2011, p. 12-14).

Ya del siglo XVII conservamos nuevas vistas como la de Luis Bravo⁵ de 1627 (British Library, Mss. 15.152-2, reproducido en Sáez, 2006, p. 131), la de Pedro Teixeira⁶ (Teixeira, 2002) (figura 19) de 1634, la de 1643⁷ (Archivo General de Simancas, MPD, 12, 078), atribuida a Lope de Acuña (Vilar *et Vilar*, 2002, p. 79) (figura 20), etc., que vienen a confirmar los cambios que habían tenido lugar en la Ciudad, tales como la apertura de la gran plaza, la ortogonalidad de las calles y

5. No muestra el caserío limitándose a indicar el trazado de la fortificación en el Istmo, el abandono en que se encontraba la Almina y las construcciones de la cima del Hacho. En el Campo exterior unas edificaciones muy destruidas deben representar el Afrag.

6. Recoge dos vistas en que aparece Ceuta. La primera, mucho más esquemática, reproduce el estrecho de Gibraltar mientras en la segunda, específica de Ceuta, está tomada a vista de pájaro desde el norte. En la costa del Hacho se especifican algunos accidentes (islas de Santa Catalina, punta de la Almina y la cala del Desnarigado) y las edificaciones de la fortaleza en su cima y las ermitas de Sto. Antonio y Sta. Catalina. En la Almina se muestran el puerto del Rey y el Seixal, en la costa norte y sur respectivamente, el templo de Nuestra Señora del Valle y la altura de San Simón que tanto preocupaba pues si fuese tomada por el enemigo permitiría batir la Ciudad desde ella. El resto de la Almina aparece aún despoblada solo surcada por algunos caminos que conducen a estos puntos, con algunas defensas que los protegen entre las que destacan las de la Cortadura del Valle frente al Hacho. El caserío se agrupa en el Istmo alrededor de la plaza protegido por las murallas, formando ya manzanas de planta rectangular dispuestas en ejes ortogonales. Hacia el campo exterior se muestran los caminos cubiertos, los Fachos y las ruinas del Afrag.

7. Muestra una disposición aparentemente semejante a la anterior. Centrándonos en el área urbanizada, se aprecian las murallas que defienden la población y el caserío situado mayoritariamente en derredor de la plaza con su picota central. Las manzanas vuelven a presentar la misma tendencia a la regularidad que acabamos de apuntar en el plano precedente.



16. Vista de Ceuta (detalle). *Libro de los marineros* de Pirí Reis.
A view of Ceuta (detail). *Libro de los marineros* by Pirí Reis.



17. Vista de Ceuta. *Civitates Orbis Terrarum*.
A view of Ceuta. *Civitates Orbis Terrarum*.



18. Socorro de Ceuta y Tánger. Fresco del palacio de D. Álvaro de Bazán en el Viso del Marqués (Ciudad Real, España).
Socorro de Ceuta y Tánger. Fresco from the palace of Don Álvaro de Bazán, at Viso del Marqués (Ciudad Real, Spain).

la aparición de manzanas rectangulares. También las viviendas representadas, sobre todo visibles en el de 1643, muestran edificios estrechos y alargados de dos alturas cubiertos con tejados a dos aguas en los que los vanos (puertas y ventanas) se han multiplicado. Se trata sin duda de una imagen que responde a un cliché poco realista, prácticamente todas las edificaciones son iguales, pero que parece ofrecer indicios de que nos encontramos ya ante unas viviendas muy distintas a las del periodo islámico.

El cerco de Muley Ismail (1694-1727) supuso en buena medida la ruina de las edificaciones del Istmo a causa de los intensos bombardeos. La población huyó a la Almina y solo tras el levantamiento del sitio se acometió la reconstrucción de los edificios destruidos.

Son muchos los planos y vistas de Ceuta que se levantaron en aquellos años y, aunque en su mayor parte atienden a las obras de fortificación que se llevaban a cabo en el Frente de Tierra, algunas reflejan con cierto detalle el trazado final de esta ciudad que estaba a punto de desaparecer confirmando que las transformaciones eran ya notables.

La Ciudad, defendida por murallas, torres, espigones y baluartes, tenía una planta básicamente rectangular limitada por sendos fosos a oriente y occidente, este último navegable a partir de mediados del siglo XVI. La comunicación con el exterior se realizaba a través de cuatro puertas. La primera la del Campo, entre los baluartes del Torreón y Mallorquines, defendida por tres puertas, una de rastrillo. A ella se accede por un puente levadizo sobre el foso y más allá existen otras ya en el continente. Las otras tres son las de Santa María al norte (Suárez *et al.*, 2015), la de la Ribera al Sur y la de la Almina que permite la comunicación con esta zona. Estas tres últimas parecen herencia de antiguas puertas medievales islámicas mientras que la primera, la del Campo, es consecuencia de la reforma de las defensas de la Plaza Llevada a cabo a mediados del siglo XVI y viene a sustituir a la primitiva puerta islámica, conocida hoy con el nombre de “puerta califal” situada en el lado occidental (Hita et Villada, en prensa) (figura 21).

La mitad occidental de la Ciudad se articula en torno a la amplia plaza rodeada por los edificios de mayor relevancia – Catedral, Convento, ermita de Nuestra Señora de África y Alcázar o Castillo – abierta, como señalamos, ya en las postrimerías del siglo XV o incluso antes. A oriente, se distribuye la mayor parte del caserío agrupado en manzanas alargadas, muchas de ellas de tendencia rectangular, articuladas en torno a viales que se unen, en muchos casos, en ángulos de noventa grados. Así, una calle rectilínea cruza de este a oeste el istmo, desde el frente oriental hasta la altura de la Catedral. Es la llamada *Rua Direita* que recorre la zona más alta del Istmo. Paralelas a ella y siguiendo las murallas norte y sur otras dos arterias conectan ambos extremos de la Ciudad. Uniendo estos ejes principales observamos otros que desembocan en

view from the north bay. It shows a gate at the Istmo, protected by flanking ramparts, which allows access from the sea and should correspond approximately to the location of the present-day Puerta de Santa María. Another gate is represented in the north wall of the Almina, already showing obvious signs of ruin; the view specifically mentions that this is the gate that was forced open by the Portuguese during the conquest. A double wall circuit, also very deteriorated in some sections, and only two buildings are shown at Mount Hacho, one at the top and another corresponding to the *ermita de Santa Catalina*.

This engraving closely follows one of the frescoes that decorate the Palace of Don Álvaro de Bazán (the first Marqués de Santa Cruz), in the town of Viso del Marqués (Spain). This painting portrays one of his outstanding feats, the *Socorro de Ceuta y Tánger* (1578) (figure 18). In order to update the image of the city – at the time of its execution the external defences had already been reformed – the navigable moat was added to the medieval fortifications. The fresco shows the African coast of the Strait of Gibraltar with Ceuta in the foreground; the view is a little twisted with respect to the engraving and this allows us to observe some interesting details, especially with regard to the defensive structure of the land front (Hita *et al.*, 2011, p. 12-14).

Some other views, already from the 17th century, such as those by Luis Bravo⁵ from 1627 (British Library, Mss. 15.152-2, reproduced in Sáez, 2006, p. 131), by Pedro Teixeira⁶ from 1634 (Teixeira, 2002) (figure 19), the 1643 view⁷ (Archivo General de Simancas, MPD, 12, 078), attributed to Lope de Acuña (Vilar and Vilar, 2002, p. 79) (figure 20), etc., confirm the changes that had taken

5. The housing is not shown in this view, which only outlines the Istmo fortifications, the ruinous condition of the Almina and the buildings atop the Hacho. A number of ruined buildings shown at the Campo Exterior probably represent the Afrag.

6. It includes two views showing Ceuta. The first one is much more schematic and represents the Strait of Gibraltar while the second one, which specifically portrays Ceuta, is a bird's eye view taken from the north. Some geographical features are shown on the Hacho coast (the islands of Santa Catalina, the Punta de la Almina and the Desnarigado cove) as well as the fortifications on its summit and the *ermitas* of St. Antonio and St. Catalina. Puerto del Rey and Seixal are shown in the Almina area, on the north and south coast respectively, as well as the temple of Nuestra Señora del Valle and the heights of San Simón, always a cause of much concern because if they were ever taken by the enemy the city could be battered from there. The rest of the Almina is still uninhabited, only crossed by some roads that lead to above referred locations, with some defences, among which those of Cortadura del Valle, facing the Hacho, stand out. The houses are grouped in the Istmo, around the square and protected by the ramparts, forming rectangular blocks arranged along orthogonal axes. Towards the Campo Exterior, the covered ways, the Fachos and the ruins of the Afrag are shown as well.

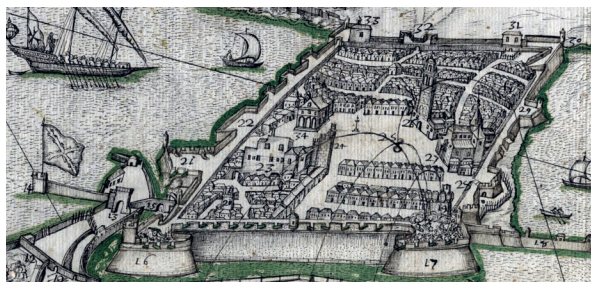
7. This view shows a similar layout, as compared to the former one. The urban area shows the defensive walls and the houses, mostly located around the square, with its central pillory. Once again, the blocks feature the same regular tendency already shown in the previous view.



19. Vista de Ceuta de Pedro Teixeira.
View of Ceuta by Pedro Teixeira.



20. Vista de Ceuta (detalle de la Ciudad) atribuida a Lope de Acuña.
View of Ceuta (detail of la Ciudad) attributed to Lope de Acuña.



21. Vista de Ceuta durante el Gran Cerco (detalle)
por João Tomás Correia (¿1699-1743?).
View of Ceuta during the Great Siege (detail)
by João Tomás Correia (¿1699-1743?).

place in the city, such as the large square, the orthogonal streets and the houses arranged in rectangular blocks. The housing represented therein, particularly in the 1643 view, shows narrow and elongated two-storey buildings with gabled roofs and multiple doors and windows. This is undoubtedly an unrealistic cliché, as all the buildings are virtually equal; still, it seems to indicate that we are now facing a type of housing that is very different from the Islamic dwellings.

Moulay Ismail (1694-1727) laid siege to the city, causing the ruin of the Istmo buildings to a large extent, due to the intense bombardments. The population fled to the Almina and the reconstruction of the destroyed buildings was only undertaken once the siege was lifted.

There are many plans and views of Ceuta dating from those years and, although most of them focus on the fortification works that were being carried out on the *Frente de Tierra* (lit.: the land front). A number of them show, in some detail, the final layout of this city that was on the verge of disappearance, which confirms that the transformations were already remarkable by then.

The city, defended by ramparts, towers, jetties and bastions, had a basically rectangular layout limited by moats to the east and west, the latter being navigable from the middle of the 16th century onwards. Four gates gave access to the city. The first one was called *del Campo*, located between the bastions of Torreón and Mallorquines and defended by three doors, including a portcullis. It was accessed over a drawbridge that crossed the moat; beyond the moat there were other gates, already in the mainland. The other three gates are those of Santa María to the north (Suárez *et al.*, 2015), Ribera to the south and Almina, which gave access to this part of the city. The last three seem to be old medieval Islamic gates while the first one, *del Campo*, is a result of the reform of the city's defences carried out in the mid-16th century and replaced the original Islamic gate, nowadays known as "puerta califal" and located on the western side (Hita and Villada, in press) (figure 21).

The western half of the city is structured around the wide square, surrounded by the most important buildings – Cathedral, Convent, *ermita de Nuestra Señora de África* and Alcazar or Castle – built, as previously mentioned, by the end of the 15th century or even before. To the east, most of the houses are arranged in elongated blocks, many of them with a rectangular tendency, aligned along an often orthogonal street network. Thus, a straight street crosses the Istmo from east to west, from the eastern front all the way to the Cathedral. It is known as *Rua Direita* (lit.: "straight street") and it crosses the highest part of the Istmo. Parallel to it and following the north and south ramparts, two other thoroughfares connect both ends of the city. These main axes are joined by perpendicular streets. The orthogonal layout becomes more noticeable towards the eastern sector (Correia, in press) (figure 22).

ellos perpendicularmente. Este trazado ortogonal se hace más evidente a medida que nos aproximamos al sector oriental (Correia, en prensa) (figura 22).

Un fenómeno habitual en el proceso de apropiación de las ciudades islámicas es la transformación de las viviendas y de las estructuras viarias. Desgraciadamente los datos sobre Ceuta son escasos y en buena medida bastante tardíos como acabamos de ver. La crónica de la conquista de Ceuta de Zurara (1915) ofrece datos de interés sobre las viviendas islámicas ceutíes. Destaca como los soldados ocupaban grandes casas de ladrillo con azulejos vidriados de vivos colores, techos forrados y azoteas cercadas por mármoles, etc. Atónitos ante su fortuna afirmaban que sus casas en Portugal eran pocilgas comparadas con las que ahora ocupaban.

La documentación archivística encierra referencias cuantiosas a donaciones de casas, aún no estudiadas en profundidad, que pueden dar algunos indicios para caracterizar las viviendas portuguesas y, en consecuencia, las transformaciones sufridas por las casas musulmanas.

A common feature of the process of appropriation of Islamic cities is the transformation of housing and street networks. Unfortunately, data on Ceuta are scarce and to a large extent quite late, as we have just seen. Zurara's (1915) chronicle of the conquest of Ceuta provides interesting data on the city's Islamic housing. It points out how the soldiers occupied large brick houses with brightly coloured glazed tiles, lined ceilings and *azoteas* [roof terraces] bordered by marbles, etc. Bewildered by their luck, they claimed that their houses in Portugal were pigsties, as compared to those they now occupied.

The archival documentation contains a considerable number of references to donations of houses, not yet studied in depth, which may provide some clues to characterise Portuguese housing and, consequently, the transformations undergone by Muslim dwellings. This is the case of the deeds pertaining to the Santa y Real Casa de la Misericordia whose analysis allowed Gómez Barceló (1995, 2004) to outline the main features of the street network of Portuguese



22. La Ciudad en 1720-1727, a partir de los siguientes planos: A. Archivo General de Simancas, MPD, 63, 073. B. *Plano de Zeuta y su Almina. Frente de sus ataques y tierra firme, su difinizion y descripzion de todas sus partes*. C. Incluido en el manuscrito *Ceuta libertada por las cathólicas armas del Augustísimo Monarca Phelipe V, Rey de las Españas y de las Yndias, año de 1720*. Biblioteca Nacional de España. D. *Plano de la Plaza de Zeuta, Almina y Campo del Moro*.
The city in 1720-1727 according to the following plans: A. Archivo General de Simancas, MPD, 63, 073. B. *Plano de Zeuta y su Almina. Frente de sus ataques y tierra firme, su difinizion y descripzion de todas sus partes*. C. Included in the manuscript *Ceuta libertada por las cathólicas armas del Augustísimo Monarca Phelipe V, Rey de las Españas y de las Yndias, año de 1720*. Biblioteca Nacional de España. D. *Plano de la Plaza de Zeuta, Almina y Campo del Moro*.

Es el caso de las escrituras de la Santa y Real Casa de la Misericordia cuyo análisis permitió a Gómez Barceló (1995, 2004) esbozar las líneas maestras de la red viaria de la Ceuta portuguesa. Incluyen también referencias interesantes sobre el número de piezas que componen las casas, la presencia de huertos y jardines, pozos (posiblemente aljibes islámicos reaprovechados), etc. Confirmando lo que muestran las vistas parecen poner de manifiesto que la típica disposición de la vivienda islámica organizada en torno a un patio central ya ha desaparecido.

Otros fenómenos como la simplificación de las entradas en recodo, apertura de nuevos vanos, disminución de la importancia de los patios, unión de parcelas contiguas, ornato de las fachadas, etc. bien conocidos en similares circunstancias en otros puntos de la península Ibérica debieron producirse también en Ceuta, aunque hasta el momento no estén bien documentados.

No obstante, de la medina islámica subsisten algunos edificios importantes. Efectivamente, en el Istmo tuvo lugar en los primeros momentos tras la conquista la apropiación de edificios notables. Entre los religiosos, la mezquita mayor fue transformada en Catedral y en este templo tuvieron lugar acontecimientos tan simbólicos como el nombramiento de los hijos del rey D. Juan I como caballeros. Otras mezquitas mudaron también en templos cristianos y la antigua madrasa al Yadida fue convertida en convento franciscano. Concretamente la afamada Capilla de Santiago fue fundada en el mismo emplazamiento del oratorio de la madrasa. Del mismo modo, el antiguo alcázar pasó a convertirse en palacio del Gobernador.

No conocemos en detalle las transformaciones llevadas a cabo en estos inmuebles para adaptarlos a su nueva función. Lo que sí es de destacar es que estos edificios heredados continuaron en pie durante siglos: la Catedral continuó siendo la antigua mezquita aljama hasta mediados del siglo XVII, parte de la Madraza al Yadida se mantuvo en pie hasta finales del XIX, una de las torres del palacio del Gobernador no fue derribada hasta el XX, etc.

En la Almina, sin embargo, las edificaciones fueron abandonadas. Indicamos ya que este es el caso del *hammam* situado en la plaza de la Paz. La excavación arqueológica realizada muestra un progresivo proceso de deterioro (que culminó en la caída de suelos sobre el *hypocaustum*) y un reaprovechamiento de los materiales más nobles del edificio (mármoles y lajas del suelo). Entre los materiales recuperados en los niveles de abandono aparecieron, junto a numerosas cerámicas islámicas, varias piezas cristianas y una moneda datada en el reino de Juan I que fecha el momento en que este edificio cayó en desuso y se desplomó (Hita et Villada, 2013).

Ceuta. They also include interesting references to the number of rooms in the houses, the presence of orchards and gardens, wells (possibly reused Islamic cisterns), etc. This confirms what is shown in the views of the city, i.e. that the typical layout of the Islamic house, organized around a central courtyard, had already disappeared.

Other aspects such as the simplification of the angled entrances, the opening of new windows and doors, the reduced importance of the courtyards, the amalgamation of adjacent plots, the decoration of the façades, etc., well known from similar circumstances in other parts of the Iberian Peninsula, must also have occurred in Ceuta, although this has not been well documented so far.

Nevertheless, some important buildings from the Islamic medina still remained. In fact, at the Istmo, the appropriation of the most outstanding buildings took place right after the conquest. Concerning the religious buildings, the main mosque was transformed into a cathedral, which hosted events as symbolic as the knighting of the sons of King João I. Other mosques were also converted into Christian temples and the former al-Yadida madrasa was converted into a Franciscan convent. Actually, the famous Capilla de Santiago was founded on the same spot where the oratory of the madrasa once stood. And the old alcazar became the Governor's palace.

We do not know in detail the transformations carried out in these buildings to adapt them to their new functions, but it should be stressed that these inherited buildings continued to stand for centuries: the Cathedral remained on the spot of the old aljama mosque until the mid-17th century, part of the al-Yadida madrasa remained standing until the late 19th century, one of the towers of the Governor's palace was not demolished until the 20th century, etc.

At the Almina, however, the buildings were abandoned. As previously referred, this is the case of the *hammam* located at the Plaza de la Paz. The archaeological excavation revealed a progressive process of deterioration (culminating in the collapse of the floors over the *hypocaustum*) and a reuse of the building's noblest materials (marbles and floor slabs). Among the materials recovered in the levels of abandonment and along with numerous Islamic ceramics, there were several Christian pieces and a coin from the reign of King João I that provides a dating for the moment when this building fell into disuse and collapsed (Hita and Villada, 2013).

MURALLAS

Los procesos de continuidad y ruptura son también claramente perceptibles en las fortificaciones y ponen de manifiesto que las consideraciones de carácter práctico prevalecieron siempre en la toma de decisiones dada la dificultad en el abastecimiento de hombres y materiales. El reaprovechamiento de las fortificaciones islámicas fue una constante incluso, como tendremos ocasión de exponer más adelante, cuando estas quedaron obsoletas.

La defensa de Ceuta se articulaba a distintas escalas y con el recurso a muy distintos elementos y dispositivos. Así, el dominio de las aguas del estrecho de Gibraltar durante gran parte del Medioevo por la flota ceutí fue una de sus principales fundamentos. Permitía no solo defender la ciudad sino también asegurar las rutas de tráfico comercial, base de su riqueza. Distintos autores recalcan la importancia de este dominio marítimo. Es el caso de ibn Idhari cuando resalta el fracaso del asedio al que el sultán almohade al-Mamun sometió a Ceuta en 1232. Durante más de tres meses potentes máquinas de guerras y sus mejores tropas no consiguieron abrir brecha en las murallas ni quebrar la resistencia de los pobladores pues a estos, a pesar del cerco, no les faltaba el grano ni las especias ya que seguían siendo regularmente aprovisionados por mar. Termina señalando, con una evidente exageración, que podrían haber continuado así incluso si el sitio se hubiese prolongado durante años (Cherif, 1996, p. 33).

El recuerdo de esta superioridad naval perduró incluso mucho después de la conquista cristiana. Efectivamente, Valentim Fernandes a inicios del siglo XVI, señalaba que

Esta foy hũa das principaes cidades no tempo dos Mouros, assy em edificios como em riquezas e noblezas e mercadorias. E aquí avia a principal descarregaçam d'ellas pera toda a terra do sertão.

E estava em tanta prosperidade que quantos navios passassem pello dito estreito, quer de levantar ou poente, aviaam de amaynar as velas, e qual nao que esto nom fizesse logo as galees dos Moros ha seguiam e a tomauan. (Valentim Fernandes, 1938, p. 19)

Tras la conquista, este poderío naval no desapareció sino que fue reemplazado por el de los portugueses como queda de manifiesto en la intensa actividad corsaria desarrollada desde Ceuta en esos años. El dominio del mar era semejante aunque los protagonistas habían cambiado (Cruz, 2006).

También era esencial estar prevenidos de posibles ataques y movimientos del enemigo. Para ello la costa fue poblada de atalayas y torres vigía, muchas construidas por Abu-l-Hasan según ibn Marzuq, que hacían posible que un aviso recorriese el litoral desde Salé hasta Argel en una sola noche (Ibn Marzuq, 1979, p. 330).

RAMPARTS

The processes of continuity and rupture are also clearly noticeable in the fortifications and show that practical considerations always prevailed in decision-making given the difficulties in the procurement of men and materials. Moreover, there was a constant reuse of obsolete Islamic fortifications, as we shall see later on.

The defence of Ceuta was organised at different scales and using very diverse elements and arrangements. Thus, during much of the Middle Ages the domination of the waters of the Strait of Gibraltar by the Ceuta fleet was one of the main assets of the city's defence. It allowed not only to defend the city but also to secure the commercial traffic routes, the backbone of its wealth. Different authors emphasize the importance of this maritime domination. This is the case of ibn Idhari when he highlights the failure of the siege laid by the Almohad Sultan al-Mamun against Ceuta in 1232. For more than three months, powerful war machines and the Sultan's best troops did not manage to break through the walls or break the resistance of the inhabitants because, despite the siege, they did not lack grain or spices as they were still regularly supplied by sea. The author ends by pointing out that they could have continued like this even if the siege had lasted for years, which is an obvious exaggeration.

The memory of this naval superiority lasted long after the Christian conquest. Indeed, at the beginning of the 16th century, Valentim Fernandes pointed out that

Esta foy hũa das principaes cidades no tempo dos Mouros, assy em edificios como em riquezas e noblezas e mercadorias. E aquí avia a principal descarregaçam d'ellas pera toda a terra do sertão.

E estava em tanta prosperidade que quantos navios passassem pello dito estreito, quer de levantar ou poente, aviaam de amaynar as velas, e qual nao que esto nom fizesse logo as galees dos Moros ha seguiam e a tomauan. (Valentim Fernandes, 1938, p. 19)

After the conquest, this naval power did not disappear but was replaced by that of the Portuguese, as demonstrated by the intense corsair activity deployed from Ceuta in those years. The control of the sea was similar even though the protagonists had changed (Cruz, 2006).

It was also essential to be warned of possible attacks and enemy movements. Therefore, a considerable number of lookouts and watchtowers were built along the coast, many of them by Abu-l-Hasan, according to ibn Marzuq; this network made it possible for a warning to be passed along the coast from Salé to Algiers in a single night (Ibn Marzuq, 1979, p. 330).

Al-Ansari, respecto a Ceuta, menciona dieciocho que se extendían por ambas bahías y entre las que destacaba al-Tala al-Kabir, en la cima del Monte Hacho, construida por los almorávides. Estaba flanqueada por una gran calahorra en cuyo interior había una mezquita que controlaba el paso de las embarcaciones desde su privilegiada ubicación. Los portugueses mantendrían en este lugar un puesto de observación y crearían su propia red de fachos y atalayas para controlar el territorio.

Por último, el dispositivo culminaba con las murallas y defensas de la propia ciudad.

Las fortificaciones islámicas de Ceuta

Nuestro conocimiento sobre las defensas que protegían la medina ceutí a la llegada de los portugueses en 1415 ha avanzado sustancialmente en la última década gracias al descubrimiento de parte de sus vestigios.

La muralla que rodeaba la medina, según al-Bakri, era una formidable obra en piedra iniciada por Abd al-Rahman III y finalizada por su hijo al-Hakam II en 962. Su construcción se insertaba en un proyecto más amplio de consolidación de las defensas de las costas andalusíes y magrebíes, consecuencia del grave conflicto que enfrentaba a los omeyas cordobeses con el califato fatimí norteafricano (Villada et Gurriarán, 2013).

Su planta rectangular, de aproximadamente 7 ha (350 x 200 m), sigue el patrón cordobés de *madina* con un alcázar (*qasr*) en un extremo que controla el principal acceso a la ciudad, tal como ocurre en Mérida, Toledo, Sevilla e incluso en Murcia (Hita *et al.*, 2008).

El lienzo occidental tenía nueve torres abriéndose en la central la puerta principal (Gozalbes, 1988b) y delante de este muro se alzaba otro, la *sitara*, más bajo aunque suficiente para proteger a un hombre, al que algunos autores han atribuido una raigambre bizantina (Cherif, 1996, p. 75). A este antemuro parecen hacer referencia las crónicas portuguesas cuando mencionan el daño que realizan los ballesteros sobre los enemigos desde la barrera situada delante del muro principal. Delante de él, se encontraba uno de los fosos a que aludíamos antes que se cruzaba con un puente de madera.

En el lado norte se encontraba el palacio del gobernador al cual se ingresa a través de otra puerta situada en la torre de Sabec.

Al sur y norte, los lienzos corren paralelos a la línea de costa y al este se conservan aún algunos tramos de esta fortificación en la calle Queipo de Llano (Hita *et al.*, 2008, p. 15-21).

Con el paso de los siglos este recinto fue reparado y transformado, especialmente en época almohade cuando se reconstruyó la puerta de entrada a la medina, obra maravillosa según al-Ansari.

With regard to Ceuta, al-Ansari mentions eighteen lookouts covering both bays, among them al-Tala al-Kabir built by the Almoravids on the top of Mount Hacho.

It was flanked by a large *calahorra* (a fortified place) inside which there was a mosque that controlled the passage of vessels from its privileged location. The Portuguese would maintain an observation post here and created their own network of *fachos* [beacons] and lookouts to control the territory.

Lastly, the system culminated in the ramparts and defences of the city.

The Islamic fortifications of Ceuta

Our knowledge of the defences that protected the Ceuta medina upon the arrival of the Portuguese in 1415 has advanced substantially in the last decade, thanks to the discovery of part of its remains.

According to al-Bakri, the rampart surrounding the medina was a formidable stone work begun by Abd al-Rahman III and completed by his son al-Hakam II in 962. Its construction was part of a wider project to consolidate the defences of the Andalusian and Maghrebian coasts as a result of the serious conflict between the Umayyads of Cordoba and the Fatimid Caliphate of North Africa (Villada and Gurriarán, 2013).

Its rectangular plan, of approximately 7 ha (350 x 200 m), follows the pattern of the Cordoba *madina*, with a fortress (*qasr*) at one end, which controls the main access to the city, as in Merida, Toledo, Seville and even Murcia (Hita *et al.*, 2008).

The western sector had nine towers; the main gate was located in the central tower (Gozalbes, 1988b). Ahead of this rampart there was another wall, the *sitara*, which was lower but still high enough to protect a man, to which some authors have attributed a Byzantine origin (Cherif, 1996, p. 75). The Portuguese chronicles seem to refer to this *antemuro* (lit.: forewall) when they mention the damage inflicted to the enemies by the crossbowmen deployed in the barrier located ahead of the main rampart. In front of it, there was one of the moats we mentioned before, which could be crossed over a wooden bridge.

The governor's palace was situated on the north side and was accessed through another door located in the tower of Sabec.

To the south and north, the ramparts ran parallel to the coastline; some sections of this fortification are still preserved in Queipo de Llano Street, to the east (Hita *et al.*, 2008, p. 15-21).

Los distintos arrabales estaban también rodeados de murallas reforzadas por torres lo que confería al conjunto una estructura compartimentada que no solo era un eficaz medio de defensa contra enemigos extranjeros sino también un sistema de control de posibles revueltas internas. Algunos de estos recintos, el Afrag o al-Mansura por ejemplo, fueron construidos en época mariní (Villada, 2013a).

El puerto, esencial para la vida de la ciudad, fue también objeto de constante atención. Un muro interior fue levantado para proteger la zona portuaria por los almorávides y los almohades impulsarían decisivamente el arsenal (sobre el puerto de Ceuta en época islámica y portuguesa véase Villada 2015b; Villada, 2016, p. 103).

Así, a partir de un núcleo fortificado primitivo de la medina de época omeya, las defensas fueron progresivamente ampliadas y mejoradas a lo largo del periodo islámico.

El periodo portugués (hasta mediados del siglo XVI)

Esta fortificación islámica de la medina, heredada por los portugueses, fue puntualmente reparada y protegió la Ceuta lusitana durante 125 años hasta que, conscientes de que la evolución de la potencia de fuego enemiga las convertía en vulnerables, fue construido un nuevo dispositivo abaluartado diseñado por Benedito de Ravena (Villada, 2013c).

El resto de las murallas fueron abandonadas y se deterioraron con el paso del tiempo. Algunas, especialmente en el Campo Exterior, fueron derribadas intencionadamente para impedir a los enemigos organizar emboscadas.

A pesar de la situación siempre difícil – las peticiones de hombres y materiales a la metrópoli son continuas – sirvieron para resistir los distintos asedios sufridos por Ceuta en el siglo XV (Braga, 1998, p. 33-35).

En tiempos de Manuel I la actividad constructiva en las murallas ceutíes fue importante y conocidos personajes como Francisco Danzilho, Boytac, Duarte Coelho o Joao de Castilho, visitaron Ceuta en estos años (Dias, 2000, p. 37-39; Correia, 2008, p. 111-115; Villada, 2013c).

Es en la muralla del frente norte de la Ciudad, posiblemente por no haber sufrido una reforma tan profunda en el reinado de Juan III, donde podemos rastrear alguna de estas reformas. Efectivamente, allí han sido documentadas varias troneras que son una adaptación de estos lienzos al desarrollo de la pirobalística que caracteriza la segunda mitad del siglo XV y la primera mitad del siglo XVI. También, en este mismo frente norte, la Puerta de Santa María fue reformada y algunas torres se ensancharon para permitir la colocación de cañones (Villada 2013c; Suárez *et al.*, 2015) (figura 23).

Over the centuries, this enclosure was repaired and transformed, especially during the Almohad period, when the entrance door to the medina was rebuilt, a splendid work according to al-Ansari.

The various suburbs were also surrounded by walls reinforced with towers, which created a partitioned structure that was not only an effective means of defence against foreign enemies but also a system to control possible internal revolts. Some of these enclosures, the Afrag or al-Mansura for example, were built during the Marinid period (Villada, 2013a).

The port, essential to the life of the city, was also the object of constant attention. An interior rampart was built by the Almoravids to protect the port area and the Almohads would decisively foster the arsenal (on the port of Ceuta during the Islamic and Portuguese periods see Villada 2015b; Villada, 2016, p. 103).

Thus, from the primitive fortified core of the Umayyad medina, the defences were progressively expanded and improved throughout the Islamic period.

The Portuguese period (until the middle of the 16th century)

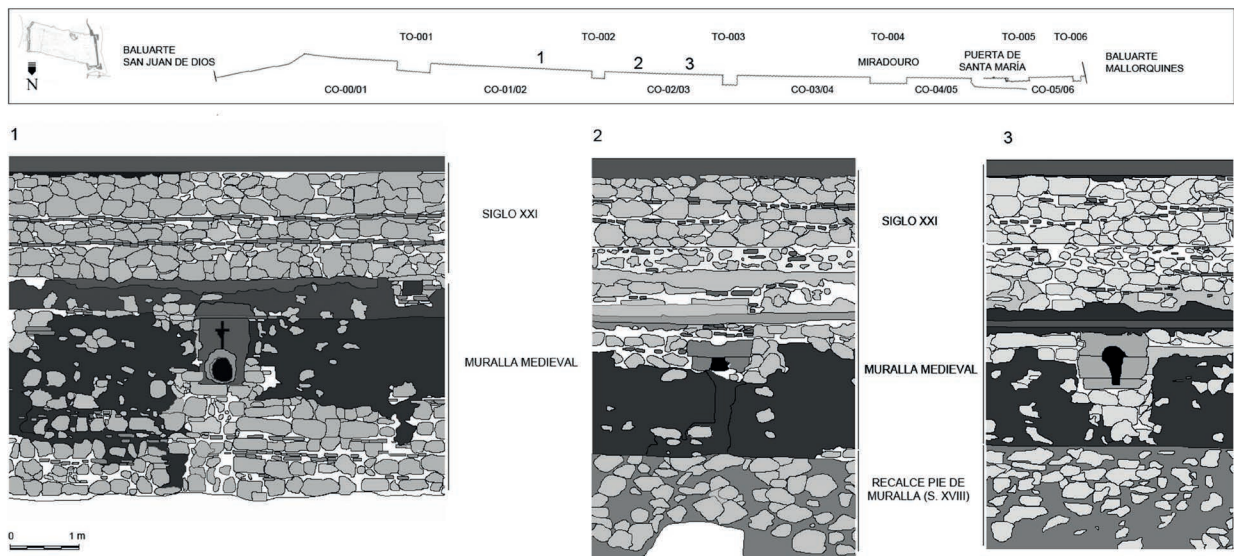
This Islamic fortification of the medina, inherited by the Portuguese, was repaired and protected Portuguese Ceuta for 125 years until the evolution of the enemy's firepower made the old ramparts vulnerable and a new bastioned fortification, designed by Benedito de Ravena, was built (Villada, 2013c).

The rest of the ramparts were abandoned and deteriorated over time. Some, especially in the Campo Exterior, were intentionally demolished to prevent enemy ambushes.

In spite of the ever-difficult situation – the requests to the metropolis for men and materials were continuous – these ramparts served their purpose, resisting the various sieges against Ceuta during the 15th century (Braga, 1998, p. 33-35).

In times of King Manuel I, important construction activities were carried out on Ceuta's ramparts and well-known figures such as Francisco Danzilho, Boytac, Duarte Coelho or Joao de Castilho visited Ceuta during those years (Dias, 2000, p. 37-39; Correia, 2008, p. 111-115; Villada, 2013c).

We can trace some of these reforms in the ramparts of the city's northern front, possibly because it did not undergo such a profound reform during the reign of King João III. Indeed, several gun embrasures that have been documented there are an adaptation of these ramparts to the pyroballistic developments that characterize the second half of the 15th century and the first half of the 16th century. Also, on the same northern front, the Puerta de Santa María was



23. Adaptación de la muralla septentrional a la pirobalística. Tróneas.
The adaptation of the northern ramparts to pyroballistics. Gun embrasures.



24. Muralla Real (desde el sur). © J. Gutiérrez
The Muralla Real (from the south). © J. Gutiérrez

Se han documentado también algunas reformas de este periodo en el frente occidental, concretamente en la cubierta de la puerta del frente occidental, que fue reforzada con parapetos que sustituyeron a las primitivas almenas islámicas, en los que se conserva un grafito de un alquerque (Villada, 2013c).

Reformulación de las defensas ceutíes: el frente abaluartado

Pero, a mediados del siglo XVI, el incremento del poder ofensivo de la artillería enemiga tornó obsoletas las viejas murallas medievales. Se decidió reformarlas y para ello se desplazó a Ceuta el ingeniero Benedito de Rávena acompañado de Miguel de Arruda. Diseñó un frente abaluartado de cara al continente y se abrió aún más el foso permitiendo que corriesen las aguas por él con lo que la península ceutí se transformó en una isla. Además, para incrementar su protección, la puerta principal de la ciudadela se trasladó al lado norte, protegida por el fuego cruzado de los baluartes del Torreón y de los Mallorquines (figura 24).

Las obras se iniciaron en 1543 y hacia 1550 ya estaban prácticamente finalizadas.

Son muchos los estudios (Ricard, 1947; Días, 2000; Ruiz, 2002; Correia, 2008; Matos, 2012; Villada 2013c) dedicados a este importante proyecto lo que nos eximirá de insistir en él más que a los efectos que aquí nos ocupan. Señalaremos por ello, tan solo, que las excavaciones arqueológicas realizadas en los últimos años (Villada, 2012; Hita et Villada, 2015e) han permitido conocer con mayor profundidad el proceso constructivo con el que se levantaron estas nuevas murallas.

Efectivamente, lejos de ser derribadas las antiguas fábricas de las murallas islámicas precedentes fueron incorporadas a la nueva construcción. En todos los lugares estudiados hasta el momento (baluarte del Torreón, baluarte de los Mallorquines, baluarte del Caballero o del Sur y cortina de la Muralla Real) los lienzos de estas antiguas murallas fueron incorporados a las nuevas estructuras defensivas (figura 25).

Quizás el lugar en que esto se aprecia más claramente sea en la cortina de la Muralla Real. Los nuevos muros ataludados comenzaron a cimentarse a una cota muy inferior a la de la muralla islámica y adelantados sobre esta varios metros. A medida que se elevaban iban acercándose progresivamente a ésta. Cuando los nuevos muros alcanzaron la cota de los lienzos medievales incorporaron en primer lugar en su estructura la *sitara* o antemuro. Se formó entre la muralla islámica y la portuguesa un pasillo de aproximadamente dos metros de anchura, aunque en los lugares donde se adelantaba la cerca califal, construida en cremallera, ésta quedó embutida en el nuevo lienzo. Al llegar a la altura deseada se rellenó este pasillo con tierras. Así, a la anchura de la propia muralla construida se le añadían dos metros de rellenos de tierra, ideal para amortiguar

reformed and some towers were widened to enable the deployment of cannons (Villada 2013c; Suárez *et al.*, 2015) (figure 23).

Some reforms from this period have also been documented on the western front, specifically on the roof of the western front gate, which was reinforced with parapets that replaced the primitive Islamic battlements; a graffito of an *alquerque* [an old board game] can still be seen on the former (Villada, 2013c).

Overhauling Ceuta's defences: the bastioned front

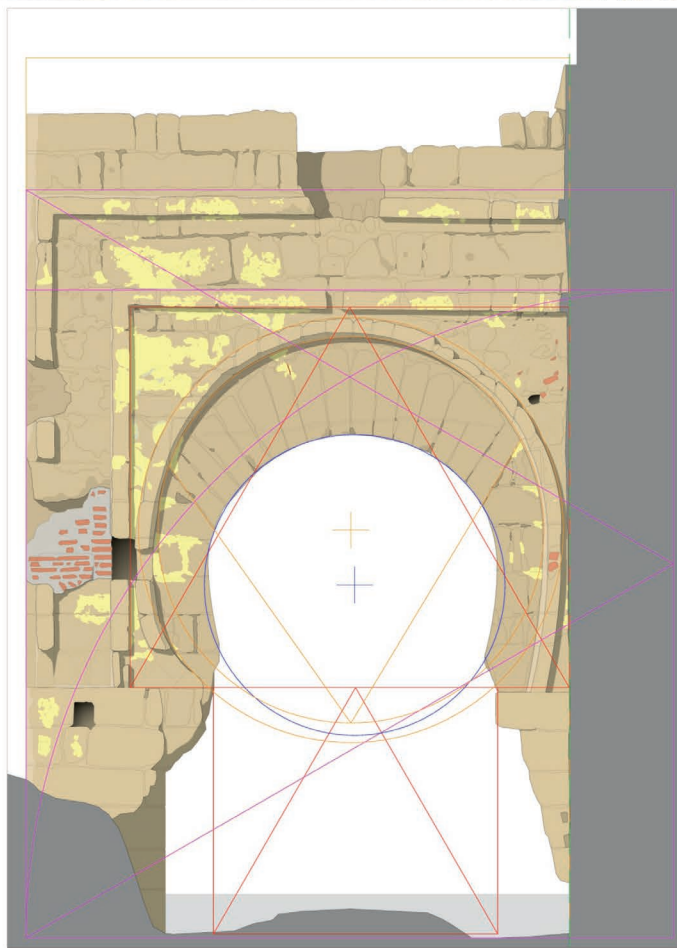
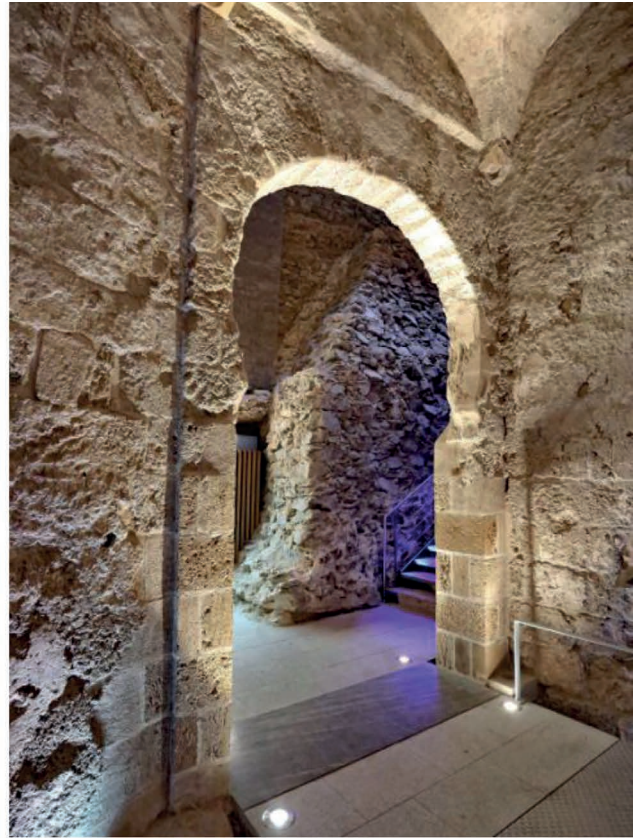
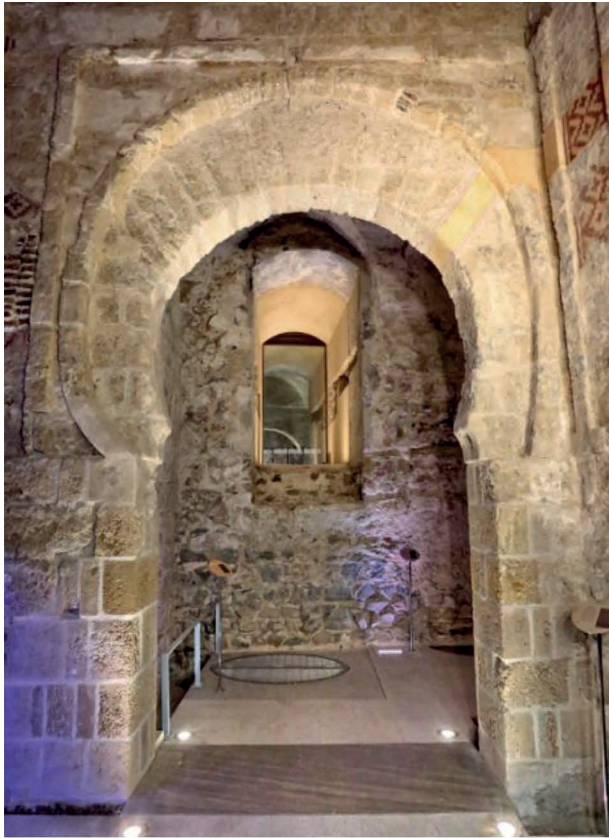
By mid-16th century, the increasing offensive power of enemy artillery rendered the old medieval ramparts obsolete. It was decided to reform them and engineer Benedito de Rávena, accompanied by Miguel de Arruda, moved to Ceuta for that purpose. He designed a bastioned front facing the mainland and the moat was enlarged so that water could flow through it, thus transforming the Ceuta peninsula into an island. In addition, the main gate of the citadel was relocated to the north side, where it would be better protected by the crossed fire of the bastions of the Torreón and the Mallorquines (figure 24).

The works began in 1543 and were practically finished by 1550.

There are many studies (Ricard, 1947; Días, 2000; Ruiz, 2002; Correia, 2008; Matos, 2012; Villada 2013c) dedicated to this important project, which will exempt us from dwelling on it. We will therefore only point out that the archaeological excavations carried out in recent years (Villada, 2012; Hita and Villada, 2015e) have allowed us to know the construction process of these new fortifications in greater depth.

Indeed, far from being demolished, the old structure of the previous Islamic ramparts was incorporated into the new construction. In all the places studied so far (Torreón bastion, Mallorquines bastion, Caballero or del Sur bastion and the Muralla Real) these old ramparts were incorporated into the new defensive structures (figure 25).

Perhaps the place where this can be most clearly seen is in the sector of the *Muralla Real* (lit.: the royal rampart). The foundations of the new sloped walls began at a much lower level than those of the Islamic ramparts and several meters ahead of them. As they rose, they progressively closed in on the latter. When the new walls reached the height of the medieval ramparts, they first incorporated the *sitara* or *antemuro* into their structure. A c. two-metre wide corridor was formed between the Islamic and Portuguese ramparts, although some parts of the *califal* rampart, built as an indented line, became embedded in the new fortifications. When the desired height was reached, this corridor was filled with earth, thus adding two meters of earth infills to the width of the new rampart, which was ideal for absorbing the impacts



25. Puerta califal de Ceuta. Arriba, vista exterior e interior (© J. Gutiérrez). Abajo, dibujo de la puerta (© Yamur S.L.).
Ceuta, Puerta Califal. Top, exterior and interior views (© J. Gutiérrez). Bottom, drawing of the gate (© Yamur S.L.).

los impactos de la artillería enemiga, y el grosor de la propia muralla califal que es de más de dos metros. En las tierras acumuladas entre ambas murallas, posiblemente procedentes de la excavación del nuevo foso, han sido recogidos miles de fragmentos cerámicos que son coherentes en cuanto a datación con la fecha de construcción de las murallas renacentistas (figura 26).

Cuando durante la excavación fueron retiradas estas tierras frente a la puerta medieval se documentó también un suelo grandes lajas de piedra y una sólida rampa destinada a facilitar el acceso a la cubierta. Bajo ellos, una atarjea permitía la evacuación de las aguas pluviales. Un examen atento del exterior de la cortina nos permitió además localizar un acceso provisional al interior del recinto para facilitar los trabajos, tapiado tras finalizar la obra.

Con un marcado sentido práctico, motivado por la escasez de medios disponibles, este método de construcción ejemplifica el aprovechamiento de estructuras islámicas por los portugueses que hemos descrito en estas páginas (figura 27).

CONCLUSIONES

A lo largo de las páginas precedentes se ha puesto de manifiesto la lógica imperante en la apropiación de la medina islámica de Ceuta por los portugueses tras la conquista, condicionada por la necesidad de optimizar los recursos disponibles, siempre escasos.

En un primer momento, siguiendo una experiencia labrada durante siglos de avance cristiano en la península Ibérica, la ciudad islámica es asumida por los conquistadores adaptándolas a sus necesidades

of enemy artillery, and also the thickness of the *califal* rampart itself, which is more than two meters wide. Thousands of ceramic fragments have been recovered from the earth accumulated between the two ramparts, possibly originating from the excavation of the new moat; these shards are consistent with the construction date of the Renaissance fortifications (figure 26).

When these landfills were removed during the excavation carried out in front of the medieval gate, a pavement made of large stone slabs and a solid ramp that gave access to the roof were also documented. Beneath them, a trough (*atarjea*) allowed the drainage of rainwater. A careful examination of the exterior side of the rampart also allowed us to locate a temporary access to the interior of the enclosure, walled up upon completion of the works.

Showing a distinct practical sense, motivated by the scarcity of the available means, this construction method is an example of the use of Islamic structures by the Portuguese, as we have described in these pages (figure 27).

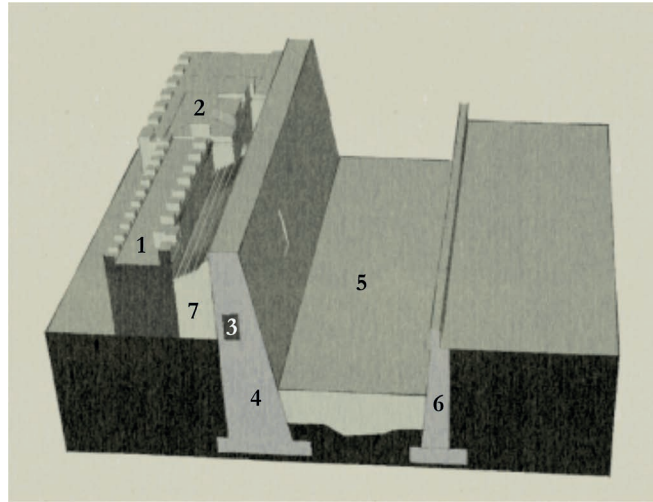
CONCLUSIONS

Throughout the preceding pages, we have described the prevailing logic in the appropriation of the Islamic medina of Ceuta by the Portuguese after the conquest, limited by the need to optimise the available resources, which were always scarce.

Firstly and in accordance with the experience acquired during centuries of Christian advance in the Iberian Peninsula, the Islamic city is taken over by



26. Excavación de las tierras entre las murallas islámicas y portuguesa.
Excavation of the earth infills between the Islamic and Portuguese ramparts.



27. Esquema constructivo de la Muralla Real. 1. Muralla omeya (siglo X); 2. Reformas manuelinas en la puerta omeya; 3. Antemuro califal embutido en la muralla portuguesa; 4. Escarpa de la muralla portuguesa; 5. Foso navegable; 6. Contraescarpa de la muralla portuguesa; 7. Relleno de tierras.
Construction scheme of the Muralla Real. 1. Umayyad rampart (10th century); 2. Manueline reforms of the Umayyad gate; 3. Caliph's forewall embedded in the Portuguese rampart; 4. The scarp of the Portuguese rampart; 5. Navigable moat; 6. The counterscarp of the Portuguese rampart; 7. Landfill.

y posibilidades de defensa, la principal preocupación en estos momentos. Las murallas y edificaciones se mantienen inicialmente sin grandes alteraciones, aunque manteniendo los inmuebles más simbólicos. Más adelante, la forma urbana va adaptándose a una nueva mentalidad abriéndose plazas y espacios abiertos en lugares previamente densamente poblados. También progresivamente las calles van adquiriendo un trazado rectilíneo, en parte atendiendo a las necesidades de defensa, y se asiste a una regularización de las manzanas que adoptan ahora formas rectangulares. También las casas sufren importantes modificaciones. Criterios de racionalidad constructiva llevan incluso, cuando las fortificaciones deben ser reformadas para hacer frente a los nuevos retos que plantea la artillería pirobalística, llevan a integrar las defensas preexistentes.

Lo expuesto aquí pone en evidencia los progresos de los últimos años en el estudio de las transformaciones sufridas por la medina ceutí a partir de 1415. También las amplias lagunas que aún subsisten para comprender un proceso que únicamente podemos describir a grandes rasgos. Las posibilidades de avanzar en esta investigación son muchas pues las fuentes de información disponibles distan mucho de estar agotadas. No obstante, su heterogeneidad hace imprescindible que este análisis sea llevado a cabo desde una perspectiva interdisciplinar a fin exprimir de ellas cuantos datos puedan ofrecer. Únicamente así, contrastando los resultados obtenidos y poniéndolos en relación con un fenómeno más general como es el de la apropiación de las ciudades conquistadas, podremos comprender mejor las transformaciones acaecidas en Ceuta durante estos siglos.

the conquerors, who adapt it to their needs and possibilities of defence, which was their main concern at that particular moment. The ramparts and buildings are initially kept without major alterations, and the most symbolic buildings are retained. Later on, the urban form is gradually adapted to a new mentality: new squares and open spaces appeared in previously densely populated areas. The streets progressively acquired a rectilinear layout, partly in response to defensive needs; there was a regularisation of the urban blocks, following rectangular arrangements, and the houses also underwent important modifications. Rational building criteria even resulted in the integration of the pre-existing defences when the fortifications had to be reformed in order to face the new challenges posed by pyroballistic artillery.

Throughout this paper we have highlighted the progress made in recent years in the study of the transformations of Ceuta's medina from 1415 onwards. But wide gaps still remain in our understanding of a process that can only be described in broad terms. There are many possibilities of advancing in this research because the available sources of information are far from exhausted. However, their heterogeneity makes it essential that this analysis is carried out from an interdisciplinary perspective in order to obtain as much data as possible. Only in this way, by contrasting the results obtained and relating them to a more general phenomenon such as the appropriation of conquered cities, will we be able to better understand the transformations that have occurred in Ceuta during these centuries.

BIBLIOGRAFÍA BIBLIOGRAPHY

AA.VV. (2009) – *Historia de Ceuta. De los orígenes al año 2000*. 2 vols. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.

AA.VV. (2016) – *Antagonistic Tolerance. Competitive Sharing of Religious Sites and Spaces*. London: Routledge.

ABELLÁN PÉREZ, Juan, (1981) – Del urbanismo musulmán al urbanismo cristiano. I. Andalucía occidental. In *Actas del simposio internacional sobre la ciudad islámica. Ponencias y comunicaciones*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, p. 189-202.

AL-ANSARI, Muhammad ibn al-Qasim (1983) – La physionomie monumentale de Ceuta: Un hommage nostalgique à la ville par un de ses fils. *Hespéris-Tamuda*, XXIV. Rabat: Université Mohammed V, Faculté des lettres et des sciences humaines, p. 113-162.

ALMAGRO, Antonio (1987) – Planimetría de las ciudades hispanomusulmanas. *al-Qantara, Revista de Estudios Árabes*, 8. Madrid: CSIC, p. 421-448.

BENÉVOLO, Leonardo (1977) – *Diseño de la Ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili.

BENRAMDANE, Zoulikha (2003) – *Ceuta du XIII^e au XIV^e: siècles des lumières d'une ville marocaine*. Mohammédia: Université Hassan II.

BRAGA, Isabel María Ribeiro Mendes Drumond (1998) – *Ceuta portuguesa (1415-1656)*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.

BRAUN, Georg *et al.* (1572) – *Civitates Orbis Terrarum*. Antwerpiae: apud Aegidium Radeum.

CALVO, Susana (2016) – De mezquita a iglesia: el proceso de cristianización de los lugares de culto de al-Andalus. In GIRALDEZ, P. et VENDRELL, M., *Transformació, destrucció i restauració dels espais medievals*. Barcelona: Patrimoni 2.0, p. 129-148.

CAROSCIO, Marta (2015) – Jaúdenes, 5: un contexto arqueológico de época portuguesa en Ceuta. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Câmara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 169-171.

CAROSCIO, Marta (en prensa) – Sentirse “en casa”. Importaciones desde Europa en áreas de exploración. In *Congreso internacional Los orígenes de la expansión europea. Ceuta, 1415*. Actas. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.

CHÉRIF, Mohamed (1996) – *Ceuta, aux époques almohade et mérinide*. Paris: L'Harmattan.

CORRAL LAFUENTE, José Luis (1991) – Las ciudades de la Marca Superior de Al-Andalus. In *Actas del simposio internacional sobre La ciudad islámica. Ponencias y comunicaciones*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, p. 253-287.

CORRAL LAFUENTE, José Luis (2006) – El urbanismo de Zaragoza entre los siglos XII y XV. In *Zaragoza, espacio histórico*. Zaragoza: Ayuntamiento, p. 75-83.

CORREIA, João Thomás (¿1699-1743?) – *Livro de varias plantas deste Reino e de Castela*. Inédito conservado en la Biblioteca Nacional de Portugal (<http://purl.pt/12158>, consultado en línea el 3.09.18).

CORREIA, Jorge (2008) – *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI*. Oporto: FAUP Publicações.

CORREIA, Jorge (en prensa) – De Ceuta para o mundo: em rota pela regularidades urbanas. In *Congreso internacional Los orígenes de la expansión europea. Ceuta, 1415*. Actas. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.

CRUZ, Abel dos Santos (2006) – A Guerra naval no “Mediterrâneo Atlântico” (1415-1437): relatos do curso português no texto literário de Gomes Eanes de Zurara. In AA.VV, *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1, p. 35-58.

DIAS, Pedro (2000) – *A arquitectura dos portugueses em Marrocos, 1415-1769*. Coimbra: Livraria Minerva.

ECHEVARRÍA, Ana (2003) – La transformación del espacio islámico (siglos XI-XIII). *Annexes des Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*. Paris: Séminaire d'études médiévales hispaniques de l'université PARIS 13, 15, p. 53-77.

ESPINAR MORENO, Manuel (1981) – Del urbanismo musulmán al urbanismo cristiano. I. Andalucía oriental. In *Actas del simposio internacional sobre la ciudad islámica. Ponencias y comunicaciones*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, p. 203-252.

FERHAT, Halima (1993) – *Sabta des origines au XIV^e siècle*. Rabat: Ministère des Affaires Culturelles.

FERNANDES, Valentim (1938) – *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Senegal*. CENIVAL, P. de et MONOD, Th. (eds.). Paris: Librairie Larose.

FERNÁNDEZ SOTELO, Emilio Alfonso (2008) – *Excavaciones en Ceuta. Plaza del Cristo (I)*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.

GÓMEZ BARCELÓ, José Luis (1995) – Evolución de calles y barrios en el istmo de Ceuta coetánea al cerco de 1694-1727. In *Actas del II Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar, Ceuta, 1990*. Madrid: UNED, vol. IV, p. 387-404.

GÓMEZ BARCELÓ, José Luis (2004) – Evolución urbana de Ceuta entre el siglo XVI y el XVIII. In *Ceuta en los siglos XVII y XVIII. III Jornadas de historia de Ceuta*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes, p. 293-315.

GOZALBES CRAVIOTO, Carlos (1988a) – La estructura urbana de la Ceuta medieval. In *Actas del I Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar, Noviembre, 1987*. Madrid, UNED, 1988, v. II, p. 345-350.

GOZALBES CRAVIOTO, Carlos (1988b) – Las fortificaciones medievales del Frente de tierra de Ceuta. In *Actas del I Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar, Noviembre, 1987*. Madrid, UNED, 1988, v. II, p. 401-410.

GOZALBES CRAVIOTO, Carlos (1995a) – La demografía de la Ceuta medieval. In *Actas del II Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar, Ceuta, 1990*. Madrid: UNED, vol. III, p. 49-59.

GOZALBES CRAVIOTO, Carlos, (1995b) – *El urbanismo religioso y cultural de Ceuta en la Edad Media*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.

GOZALBES CRAVIOTO, Carlos (2015) – Ceuta en el momento previo a la conquista portuguesa. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Câmara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 27-29.

GOZALBES CRAVIOTO, Carlos (en prensa) – Un paseo por la conquista portuguesa de Ceuta. In *Congreso internacional Los orígenes de la expansión europea. Ceuta, 1415*. Actas. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.

HITA RUIZ, José Manuel; SUÁREZ PADILLA, José; VILLADA PAREDES, Fernando (2008) - Ceuta, puerta de al-Andalus. Una relectura de la historia de Ceuta desde la conquista árabe hasta la *fitna* a partir de los datos arqueológicos. *Cuadernos de Madinat al-Zahra*, 6. Córdoba: Consejería de Cultura, Junta de Andalucía, p. 11-52.

HITA RUIZ, José Manuel; SUÁREZ PADILLA, José; VILLADA PAREDES, Fernando (2011) – Vestigios arqueológicos del pasado portugués en Ceuta (1415-1640). In *Congreso Internacional de História Portugal e o Magrebe. 4.º Coloquio de história Luso-Marroquina*. Lisboa: Centro de Estudos de Além Mar/ Centro de Investigação Transdisciplinas “Cultura, Espaço e Memória, p. 131-163.

HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2000) – *Un aspecto de la sociedad ceutí en el siglo XIV. Los espacios domésticos*. Ceuta: Museo.

HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2004) – Entre el Islam y la Cristiandad. Cerámicas del siglo XV en Ceuta: Avance preliminar. In GARCÍA PORRAS, Alberto; VILLADA PAREDES, Fernando (ed.) – *Cerámicas islámicas y cristianas a finales de la Edad Media: Influencias e intercambios (13-16 de noviembre de 2002, Ceuta)*. Ceuta: Museo, p. 369-405.

- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2009) – Madina Sabta. In *Historia de Ceuta. De los orígenes al año 2000*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes, vol. 1, p. 207-313.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2013) – Más que cerámicas: restos arquitectónicos medievales islámicos en Ceuta. In *XV Jornadas de Historia del Instituto de Estudios Ceutíes, Arqueología en las Columnas de Hércules*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes, p. 223-271.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2014a) – Arqueología medieval islámica en Ceuta (1987-2011). *Boletín de Arqueología Medieval Española*, 16. Madrid: Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 21-66.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2014b) – Pinturas murales en viviendas islámicas de Ceuta, *Almoraima. Revista de estudios campogibraltares*, 41. Algeciras: Instituto de Estudios Campogibraltares, p. 221-237.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2015a) – De madina a cidade. El caso de Ceuta. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Cámara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 37-40.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2015b) – Más allá de las Murallas. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Cámara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 60-62.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2015c) – Huerta Rufino. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Cámara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 57-59.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2015d) – Las fases constructivas de la Muralla Real de Ceuta. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Cámara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 241-244.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (2015e) – Más allá de las Murallas. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Cámara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 60-62.
- HITA RUIZ, José Manuel; VILLADA PAREDES, Fernando (en prensa) – A propósito de las puertas y corachas islámicas y lusitanas del frente occidental de las fortificaciones del Istmo de Ceuta. In *Congreso internacional Los orígenes de la expansión europea. Ceuta, 1415. Actas*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.
- IBN MARZUQ (1977) – *El Musnad: hechos memorables de Abu l-Hasan, sultán de los benimerines*. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura.
- IYAD, Muhammad ibn (1998) – *Madahib al-Hukkam fi Nawazil al-Ahkam (La actuación de los jueces de los jueces en los procesos judiciales)*. Madrid: CSIC.
- LA SALLE, Antoine (1903) – Du réconfort de Madame du Fresne. In J. NÈVE, *Antonine de la La Salle sa vie et ses ouvrages suivis Du réconfort de Madame du Fresne, Du paradis de la reine Sibylle, etc. par Antonine de La Salle et des Fragments et documents inédits*. Paris: Champion; Bruxelles: Falk fils, p. 101-158.
- LARA GARCÍA, Javier (2017) – *Casa y morfología urbana. Análisis de una vivienda castellana del siglo XVI y su inserción en el barrio de Axares (Granada)*. Granada: Universidad, Escuela de Estudios Árabes.
- LAVADO PARADINAS, Pedro José (1981) – La ciudad mudéjar: espacios y nuevas funciones. In *Actas del simposio internacional sobre la ciudad islámica. Ponencias y comunicaciones*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, p. 431-446.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1987) – Las ciudades portuguesas en los siglos XIV y XV. *Estudios de historia y arqueología medievales*, n.º 7-8. Cádiz: Universidad, p. 77-102.
- MARTÍNEZ ENAMORADO, Virgilio (1998) – *Epigrafía y poder. Inscripciones árabes de la Madrasa al-Yadida de Ceuta*. Ceuta: Museo.
- MATOS, Joao Barros (2012) – *Del Mar contra la Tierra. Mazagán, Ceuta y Diu, primeras fortificaciones abaluartadas en la expansión portuguesa. Estudio arquitectónico (tesis doctoral inédita)*. Sevilla: Universidad.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (ed.) (1906) – *Primera crónica general o sea Estoria de España que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289*. Madrid: Bailly-Baillière e hijos.
- MONTERO PRIEGO, Andrea (2017) – La transformación urbana en Granada del medievo a la modernidad. In *Arqueología y Territorio*, 14. Granada: Universidad, p. 159-174.
- NASCIMENTO, Aires A. (ed. y trad.) (1992) – *Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha; Diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckman de Valckentein*. Lisboa: Cosmos.
- NAVARRO JIMÉNEZ, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro (2009) – De la Medina a la Villa: Las transformaciones urbanísticas de la ciudad de Murcia tras la conquista cristiana. In *Simposio Internacional Ciudad sobre Ciudad, interferencias entre pasado y presente urbano en Europa, (Salamanca, 12-14 noviembre 2008)*. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, p. 237-290.
- OLIVERA SERRANO, César – De la ciudad islámica a la cristiana en tierras almerienses: La política de los corregidores a comienzos del siglo XVI. In *VII Simposio Internacional de Mudéjarismo: Teruel, 19-21 de septiembre de 1996: actas*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses. Centro de Estudios Mudéjares, p. 497-506.
- PEREIRA, Duarte Pacheco (1892) – *Esmeraldo de situ orbis*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- PÉREZ, Alejandro (2005) – Viejas mezquitas, nuevas iglesias. Materializaciones formales de la implantación del cristianismo en la Sierra de Cádiz tras la conquista castellana (1485-1500). In *Iglesias y fronteras, V Jornadas de historia en la Abadía de Alcalá la Real. Homenaje a José Rodríguez Molina*. Jaén: Diputación, p. 633-642.
- PIRÎ REIS (2007) – *Kitab-i bahriye. Libro para navegantes*, Madrid: Fundación Estatal Fomento del Mar.
- RICARD, Robert (1947) – Un documento portugués de 1541 sobre las fortificaciones de Ceuta. *al-Andalus*, XII, fasc. 1. Madrid, Granada: Escuela de Estudios Árabes, p. 43-48.
- ROSA, Maria de Lurdes (2006) – Velhos, novos e mutáveis sagrados... um olhar antropológico sobre formas religiosas de percepção e interpretação da conquista africana (1415-1521). *Lusitania Sacra*, XVIII. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, p. 13-86.
- RUIZ OLIVA, José Antonio (2002) – *Fortificaciones militares de Ceuta: siglos XVI al XVIII*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes.
- SÁEZ RODRÍGUEZ, Ángel J. (2006) – *La montaña inexpugnable: Seis siglos de fortificaciones en Gibraltar (XII-XVIII)*. Algeciras: Instituto de Estudios Campogibraltares.
- SUÁREZ PADILLA, José; VILLADA PAREDES, Fernando; FERNÁNDEZ AHUMADA, Gabriel (2015) – Un tramo singular del frente norte de las murallas de Ceuta: La puerta de Santa María. In *Lisboa 1415 Ceuta, historia de dos ciudades, história de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Cámara Municipal, Ciudad Autónoma, p. 245-247.
- TEIXEIRA, André; VILLADA PAREDES, Fernando; SILVA, Rodrigo Banha de (eds.) (2015) – *Lisboa 1415 Ceuta. Historia de dos ciudades – Histórica de duas cidades*. Lisboa, Ceuta: Cámara Municipal, Ciudad Autónoma, Universidade Nova.
- TEIXEIRA, Pedro (2002) – *El Atlas del Rey Planeta. La "Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos"*. Madrid: Nerea.
- TORRES BALBÁS, Leopoldo (1954) – *Algunos aspectos del mudéjarismo urbano medieval, Discurso leído el día 10 de enero de 1954 en la recepción pública de D. Leopoldo Torres Balbás en la Real Academia de la Historia y contestación pr D. Emilio García Gómez*. Madrid: Real Academia de la Historia.

TORRÓ ABAD, Josep (1995) – El urbanismo mudejar como forma de resistencia. Alquerías y morerías en el reino de Valencia (siglos XIII-XVI). In *VI Simposio Internacional de Mudejarismo : Teruel, 16-18 de septiembre de 1993 : actas*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses. Centro de Estudios Mudéjares, p. 535-598.

TRINDADE, Luísa (2013) – *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VALENCIA, Rafael (1988) – La emigración sevillana a través de Ceuta en la Alta Edad Media. In *I Congreso Internacional el Estrecho de Gibraltar (Ceuta, noviembre de 1987)*. Madrid: UNED, p. 9-36.

VALLVÉ BERMEJO, Joaquín (1988) – La emigración andalusí al Magreb en el siglo XIII. In GARCÍA ARENAL, M.; VIGUERAS, M. J., eds., *Relaciones de la península Ibérica con el Magreb: siglos XIII-XVI*, Madrid: CSIC, p. 87-129.

VILAR, Juan B.; VILAR, María José (2002) – *Límites, fortificaciones y evolución urbana de Ceuta (siglos XV-XX) en su cartografía histórica y fuentes inéditas*, Ceuta: Ciudad Autónoma.

VILLADA PAREDES, Fernando (2012) – Excavaciones arqueológicas en la Muralla Real de Ceuta. Persistencias y rupturas (1415-1668). In TEIXEIRA, André, BETTENCOURT, José (coords.), *Velhos e Novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna, (Lisboa, 6-9 de abril de 2011)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, CHAM, 2012, vol. I, p. 375-384.

VILLADA PAREDES, Fernando (2013a) – al-Mansura: historia de una ciudad olvidada (s.XIV-XVIII). In VILLADA PAREDES, Fernando, GURRIARÁN DAZA, Pedro (coords.) – *al-Mansura. La ciudad olvidada*. Ceuta: Museo, p. 25-41.

VILLADA PAREDES, Fernando (2013b) – Retazos de la Ceuta del siglo XIV. El yacimiento arqueológico de Huerta Rufino. In PEDROSA, Ignacio; GARCÍA DE PAREDES, Ángela, *La biblioteca pública de Ceuta*. Ceuta: Ciudad Autónoma, p. 53-60.

VILLADA PAREDES, Fernando (2013c) – De huma parte cercados do mar, e da outra dos imigos... Notas sobre a defesa de Ceuta desde 1415 até ao reinado de D. Manuel I (1415-1521). *ARTIS*, 1. Lisboa: Instituto de História da Arte. Universidade, p. 8-19.

VILLADA PAREDES, Fernando (2015a) – Ceuta en vísperas de la conquista portuguesa. In GUARDADO, Carlos (ed.), *A Conquista de Ceuta: Conselho Régio de Torres Vedras*. Lisboa, Torres Vedras: Ed. Colibri, Câmara Municipal, p. 65-96.

VILLADA PAREDES, Fernando (2015b) – Los puertos del estrecho de Gibraltar en los siglos XIV y XV. Una perspectiva arqueológica. In AZNAR VALLEJO, Eduardo y GONZÁLEZ ZALACAÍN, Roberto J. (coord.) *De mar a mar. Los puertos castellanos en la Baja Edad Media*. Tenerife: Universidad, p. 213-251.

VILLADA PAREDES, Fernando (2016) – Puertos, abrigos y fondeaderos de Ceuta (siglos XIV-XVI). In *Actas XIV Simpósio de História Marítima, Ceuta e a expansão portuguesa*. Lisboa: Academia de Marinha, p. 95-118.

VILLADA PAREDES, Fernando (en prensa) – Nuevos datos sobre las relaciones de Ceuta y su territorio en la Edad Media: Las cerámicas. In L. CALLEGARIN; D. VALÉRIAN (ed.) *Le Détroit de Gibraltar, à la croisée des mers et des continents (Antiquité-Moyen Âge) (Paris, 3, 4 y 5 décembre 2014)*. Madrid: Casa de Velázquez.

VILLADA PAREDES, Fernando; GURRIARÁN DAZA, Pedro (2013) – Recientes investigaciones sobre las fortificaciones del Califato Omeya en el estrecho de Gibraltar (Tarifa, Algeciras, Tánger, Ceuta). In FERNANDES, Isabel Cristina F. (coord.), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI)*. Lisboa, Mértola: Edições Colibri, Campo Arqueológico de Mértola, p. 51-62.

VILLADA PAREDES, Fernando; FERNÁNDEZ GALLEGO, Cibeles; HITA RUIZ, José Manuel (2016) – Por quamto hua das principaaes cousas que som necesarias pera prouymento dos que estam en Cepta asy he louça... The supply of pottery to Ceuta during the Portuguese period (1415-1668). In GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GOMES, Mário Varela, ed. – *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova, p. 355-364.

VILLADA PAREDES, Fernando; HITA RUIZ, José Manuel (2016) – Una mezquita de barrio de la Ceuta mariní. La excavación arqueológica del Pasaje Fernández de Ceuta. In TEIXEIRA, A. (coord.) – *Entre les deux rives du détroit de Gibraltar. Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles*, Lisboa: CHAM, Universidade Nova, p. 275-322.

VILLADA PAREDES, Fernando; TEIXEIRA, André; Torres, Joana; GIL, Luis; SENOS, Nuno (en prensa) – *La apropiación simbólica de las ciudades conquistadas. Identificación y documentación de vestigios arqueológicos de la Ceuta medieval islámica existentes en Portugal*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties.

ZURARA, Gomes Eanes (1792) – Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses. In SERRA, José Corrêa da, *Collecção de Livros inéditos de História Portuguesa dos Reinados de D. Joao I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. Joao II*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, tomo II, p. 213-635.

ZURARA, Gomes Eanes (1915) – *Crónica da Tomada de Ceuta por el Rei D. João*, Lisboa: Academia das Ciências.

A POLÍTICA MARROQUINA DE D. JOÃO II

A PROPÓSITO DO EPISÓDIO DA GRACIOSA

THE MOROCCAN POLICY OF KING JOÃO II

THE GRACIOSA INCIDENT

MARIA AUGUSTA LIMA CRUZ

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

ANTÓNIO MANUEL LÁZARO

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho / Lab2PT, Laboratório de Paisagens, Património e Território

*A los pies de gran don Iuan,
que en el popular gouierno,
y militar diciplina,
el mundo tiene suspenso,
Ya le va siruiendo el oro,
de tantos descubrimientos
en los Reynos, donde el Sol
produze los hombres negros,
Ya el Africa està temblando,
Fez, Tarudante, y Marruecos,
ya los Montesclaros haze
obscuro su nombre el miedo.*

Lope de Vega,
Comedia Famosa del Principe Perfeto, fl. 130

No ano que se seguiu à publicação da célebre obra de Frei Serafim de Freitas, *De Ivsto Imperio Lvsitanorum Asiatico* (Freitas, 1625), Cristóvão Ferreira e Sampaio, autor português sobre o qual pouco se sabe (Silva, 1859, p. 69; Silva, 1870, p. 67), publica, em Madrid, a obra intitulada: *Vida y Hechos del Principe Perfeto Don Ivan Rey de Portvgal segvndo deste nombre*. Nesta obra, produzida no contexto de uma profunda crise ibérica, da qual a obra do célebre juriconsulto supra-mencionado também é expressão, Cristóvão Ferreira e Sampaio, regressando ao passado, empenhou-se

In the year following the publication of the famous book written by Friar Serafim de Freitas, *De Ivsto Imperio Lvsitanorum Asiatico* (Freitas, 1625), Cristóvão Ferreira e Sampaio, a Portuguese author about whom little is known (Silva, 1859, p. 69 e Silva, 1870, p. 67), published in Madrid a book titled *Vida y Hechos del Principe Perfeto Don Ivan Rey de Portvgal segvndo deste nombre*. In this work, produced in the context of a profound Iberian crisis, also reflected in the aforementioned writings of the famous juriconsult Serafim de Freitas, Cristóvão Ferreira e Sampaio, returning to

em exaltar as qualidades e virtudes do *Príncipe Perfeito*. A propósito deste e das suas opções ultramarinas, o autor diz o seguinte:

Viendo Don luan ya pacífico y libre de guerras su Reyno, por las pazes confirmadas con Castilla, Ingalaterra, y Francia, y que las de Africa no deuian proseguirse en la manera que el Rey don Alfonso su padre las auia comenzado : porque las fuerças que ya tenia en ella eran bastantes a detener las de los Barbaros, a que no pudiesen intentar, ni mouer guerra a las fronteras de España, por no entorpecer el animo de sus vassallos con el ocio, quiso emplear su valor y poder en la prosecucion de las gloriosas conquistas del Infante don Enrique su tio, que por sa muerte quedaron casi suspendidas. (Sampayo, 1626, fl. 43)

Ou seja, por outras palavras, o autor identifica D. João II não só como herdeiro do projeto expansionista henriquino, mas como o protagonista de uma inflexão político-estratégica que o levou a abandonar o cenário privilegiado pelo seu pai, como é sabido, o Norte de África. Aliás, no mesmo sentido, afigura-se interessante assinalar que este autor, ao longo de toda a sua obra, omitindo qualquer referência a acontecimentos que se desenrolaram no Norte de África ao tempo de D. João II, faz apenas menção, a propósito da presença em Portugal de um nobre francês ao qual chama "Monsieur de Leon" – entenda-se René de Châteaubriand (Cenival, 1934a, p. 27-37) –, a que este "se le ofrecio para acompañarle y servirle en las guerras de Africa com trezientas lanzas a su costa: Viuia el Rey don luan ya muy ageno de semejantes empresas por sus continuas enfermedades" (Sampayo, 1626, fl. 79v).

Alguns séculos volvidos, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, na sua obra, publicada postumamente, *O Príncipe Perfeito*, caracterizando as opções estratégicas do referido príncipe no que concerne à política ultramarina, afirma:

O que restava pois, querendo salvar para a nação um ideal inspirador? Voltar-se Portugal mais uma vez para o Oceano. Realizar os planos do Infante Navegador. Prosseguir por outra fôrma no pensamento primario de D. Affonso V, substituindo ás guerras de Marrocos as descobertas e viagens em busca do Oriente, realizando a conquista da Costa da Mina, da Guiné e do Congo, descobrindo Angola, dobrando o cabo Tormentoso, voltado em Boa Esperança, organisando finalmente as expedições por terra á India, e a expedição maritima de Vasco da Gama, primordio feliz da conquista do Oriente. (Martins, 1896, p. 38)

Curiosamente, tal como Cristóvão Ferreira e Sampaio, Oliveira Martins não só identifica uma inflexão na política ultramarina ao tempo de D. João II como também entendeu fazer desaparecer, quase por completo, as iniciativas promovidas por este no Norte de África, não

the past, was committed to exalting the qualities and virtues of the *Príncipe Perfeito* (The Perfect Prince). Regarding the Prince and his overseas choices, the author says the following:

King João saw his kingdom at peace and free of wars, following the peace treaties signed with Castile, England and France. Moreover, the African enterprise should not be continued in the manner of his father, King Afonso, because the forces already deployed in Africa were enough to stop any Barbary forces from attempting to take war to the borders of Spain. Thus, to ensure that the spirit of his vassals would not soften as a result of idleness, King João intended to employ their valour and power in the pursuit of the glorious achievements of his uncle, the Infante Dom Henrique, which were almost suspended after his death. (Sampayo, 1626, fl. 43)

In other words, the author identifies King João II not only as the heir of the expansionist project of Prince Henrique (Henry the Navigator), but also as the protagonist of a political and strategic inflexion that led him to abandon the well-known scenario privileged by his father, i.e. North Africa. Moreover, it is also interesting to note that this author only mentions the events that took place in North Africa at the time of King João II once, when referring to the presence in Portugal of a French nobleman called "Monsieur de Leon" – René de Chateaubriand (Cenival, 1934a, p. 27-37) – the author states that the latter "se le ofrecio para acompañarle y servirle en las guerras de Africa com trezientas lanzas a su costa: Viuia el Rey don luan ya muy ageno de semejantes empresas por sus continuas enfermedades" (Sampayo, 1626, fl. 79v).

Some centuries later, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, in his posthumously published work *O Príncipe Perfeito*, while characterizing the strategic options of the prince with regard to overseas policies, states:

What was then left, in terms of securing an inspiring ideal for the nation? Portugal's return to the Ocean. To fulfil the plans of the Infante Dom Henrique, the Navigator. To pursue the primary mind-set of King Afonso V in new ways, replacing the Moroccan wars by discoveries and voyages in search of the Oriente and conquering Costa da Mina, Guinea and Congo, discovering Angola, doubling the Cabo Tormentoso, renamed Cape of Good Hope, and finally organising land expeditions to India and the maritime expedition of Vasco da Gama, the fortunate beginning of the conquest of the Oriente. (Martins, 1896, p. 38)

Curiously enough, just like Cristóvão Ferreira e Sampaio, Oliveira Martins not only identifies an inflexion in the overseas policies at the time of King João II, but also decided to almost completely ignore the initiatives promoted by this king in North Africa, despite the fact

obstante as crônicas coevas a elas fazerem menção. Com efeito, ao longo de toda a sua obra, as únicas referências a esse cenário geográfico constam apenas do *Índice Chronologico*, no qual se pode ler: "Expedição de D. Diogo de Almeida a Marrocos" (Martins, 1896, p. XXIII), "Razzia do conde de Borba em Marrocos, de Arzilla a Alcacerquibir" e, na mesma página, "Estabelecimento frustrado da feitoria da Graciosa no rio de Larache, em Marrocos" (Martins, 1896, p. XXIV). A este propósito, desde logo, parece-nos interessante assinalar que o autor, ao enunciar os aludidos episódios, de alguma forma, parece querer desvincular o rei de qualquer responsabilidade nos dois primeiros, de natureza ostensivamente militar e, em relação ao último, quer dizer o caso da Graciosa, ao referir-se a "estabelecimento" e a "feitoria", conferir-lhe uma dimensão comercial.

Em qualquer caso, quer tratando-se de Ferreira e Sampaio quer de Oliveira Martins, afigura-se verdadeiramente insólito que estes autores, conhecendo profundamente e utilizando as crônicas coevas, quer dizer, as crônicas de Rui de Pina e de Garcia de Resende, obras nas quais a importância atribuída pelo *Príncipe Perfeito* ao projeto norte africano é deveras clara, tenham entendido não fazer menção ao assunto. Na verdade, em nosso entender, a única explicação plausível para tal opção parece residir, afinal, na percepção que estes autores, separados por mais de dois séculos, partilham sobre o significado da expansão portuguesa em geral e, em particular, no Norte de África. O primeiro, escrevendo num tempo, após a batalha de Alcácer Quibir, em que a presença portuguesa na região é claramente residual e o referido projeto entendido como fracassado, lê o sentido do mesmo apenas em função da preocupação dominante na sua época, a segurança da Península Ibérica. O segundo, entende a ocupação de Ceuta como parte de um plano henriquino mais vasto que visava alcançar, em última análise, o comércio das Índias (Martins, 1891, p. 54-55) e as conquistas que lhe sucederam na região como um erro, um sonho votado ao fracasso, como antecipadamente a clarividência do famigerado infante D. Pedro previra (Martins, 1891, p. 264-265). Aliás, a propósito do sentido atribuído pelo autor à expansão portuguesa no norte de África, nada melhor que as suas próprias palavras:

Contra uma opinião muito acceite, nós pensamos, pois, que a decisão de D. João III, abandonando as praças africanas, só peccou por serodia; e que Portugal nada tinha a esperar do seu dominio na Berberia, – desde que o destino o levava para o Oriente, e desde que era manifestamente provado não poder chegar-se lá por via de Marrocos. Incidente na nossa vida nacional, o dominio portuguez das praças do litoral d'África é apenas um episodio da grande historia das descobertas e conquistas ultramarinas; e o seu merecimento melhor foi o de servir de escola para os guerreiros da India, de estação de acclimação, – como hoje Malta ou Gibraltar para os inglezes. Para padrão das façanhas de Affonso V e das lançadas de

that they are referred to in the coeval chronicles. In fact, the only references to this geographical scenario included in his works are to be found only in his *Índice Chronologico*, which reads: "Expedição de D. Diogo de Almeida a Marrocos" (Martins, 1896, p. XXIII), "Razzia do Conde de Borba em Marrocos, de Arzilla a Alcacerquibir" and, on the same page, "Estabelecimento frustrado da feitoria da Graciosa no rio de Larache, em Marrocos" (Martins, 1896, p. XXIV). In this regard, it seems interesting to point out that this author, when referring to the aforementioned events, somehow seems to want to dissociate the king from any responsibility over the former two, of an ostensibly military nature while referring to the "establishment" and the "factory" in relation to the latter, the case of Graciosa, thus giving it a commercial dimension.

Anyway, both in the cases of Ferreira e Sampaio and Oliveira Martins, it seems truly unusual that these authors chose not to mention the subject. Indeed, both knew and used the coeval chronicles by Rui de Pina and Garcia de Resende, which clearly acknowledge the importance attributed by the *Príncipe Perfeito* to the North African project. In our view, the only plausible explanation for such an option seems to lie, after all, in the perception that these authors, separated by more than two centuries, share about the meaning of Portuguese expansion in general and particularly in North Africa. The former, writing after the battle of Ksar el-Kebir, when the Portuguese presence in the region was clearly residual and the aforementioned project was seen as a failure, interprets the meaning of this project only according to the dominant concern of his time, i.e. the security of the Iberian Peninsula. The latter understands the occupation of Ceuta as part of a broader plan aimed at ultimately reaching the commerce of the Indies (Martins, 1891, p. 54-55) and the ensuing conquests in the region as an error, a dream doomed to failure, as anticipated by the farsightedness of the infamous infant Dom Pedro (Martins, 1891, p. 264-265). As a matter of fact, regarding the meaning attributed by this author to the Portuguese expansion in North Africa, there is nothing better than his own words:

Against a commonly accepted view, we thus think that there was nothing wrong with King João's decision of abandoning the African strongholds excepting the fact that it was overdue. Portugal had nothing to expect from its domination of the Barbary, since the country's destiny was clearly the Oriente and it was definitely proven that it could not be reached via Morocco. An incident in our national life, the Portuguese domination of the African coastal strongholds is but an episode of the great history of the overseas discoveries and conquests. The greatest quality of the African enterprise was to serve as a school for the India warriors: an acclimatization station, like Malta or Gibraltar for the British nowadays. Otherwise, just to enhance the feats of King Afonso V or the spear thrusts of Lopo Barriga, it was not worth all

Lopo Barriga, não valia a pena que custou, ainda quando não fosse a causa da final catastrophe de D. Sebastião. (Martins, 1882, p. 185)

Autor de uma vasta obra cuja qualidade literária é notória, profundamente irrequieto, distribuindo-se por múltiplos interesses e ofícios, Oliveira Martins lançou sugestões e interpretações no domínio da História que, para o bem ou para o mal, chegaram até aos nossos dias. Efetivamente, muito embora as suas obras estejam já há muito confinadas às prateleiras das bibliotecas, o seu legado perdurou, inegavelmente, por vezes de forma subtil, através de várias figuras maiores da historiografia e do pensamento português contemporâneo, como António Sérgio, Jaime Cortesão ou Vitorino Magalhães Godinho (Serrão, 1985, p. 216).

O melhor exemplo da perenidade das propostas de Oliveira Martins, embora tenhamos que reconhecer que um tanto insólito, encontra expressão precisamente numa biografia de D. João II, aquela que publicou Manuela Mendonça. A autora, diga-se em abono da verdade, decidiu, logo à partida, "enveredar por outros aspectos, eventualmente menos conhecidos, mas não menos importantes da vida de D. João II" deixando a "actuação do rei neste campo" – entenda-se o da expansão ultramarina (Mendonça, 1995, p. 25-26) – pelo que as suas asserções neste domínio são manifestamente marginais. Contudo, aqui ou ali, deixa transparecer claramente que partilha de uma interpretação, como dissemos, na esteira de Oliveira Martins. Com efeito, num trecho de difícil compreensão, assinala que "A construção da fortaleza da Graciosa, projecto que, desde Tavira, acompanhou de perto e quis fazer vingar, dá a dimensão do seu sonho de domínio estratégico do interior africano" (Mendonça, 1995, p. 284). Noutro, igualmente obscuro, afirma:

Pensamos que D. João II se moveu, evidentemente, pelo sonho de dominar Marrocos lá bem no interior, onde se cruzavam algumas rotas comerciais e onde poderia ter em respeito, como dizem os cronistas, certos chefes mais aguerridos; este domínio do interior libertaria o litoral, permitindo uma maior facilidade nos empreendimentos que o monarca pretendia liderar. (Mendonça, 1995, p. 477)

Em qualquer caso, pelo que se entende, afigura-se que a autora sugere que o interesse do *Príncipe Perfeito* pelo Norte de África, rompendo com a tradição, estava vinculado ao seu desejo de controlar o comércio caravaneiro. Finalmente, um pouco mais à frente, referindo-se ao reconhecimento do espaço atlântico, a sua posição, como herdeira de Oliveira Martins, parece ser ainda mais clara ao afirmar: "a perseguição desse objectivo fez do monarca, no dizer de Joaquim Bensaúde o executor do grande plano das Índias, antes traçado por D. Henrique e posteriormente realizado por Afonso de Albuquerque" (Mendonça, 1995, p. 96-97).

the suffering involved, even if it hadn't been the cause of the final catastrophe of King Sebastião. (Martins, 1882, p. 185)

Oliveira Martins, who authored a vast work of remarkable literary quality, was profoundly restless, his activities spreading over multiple interests and trades. In the field of History, this author put forward suggestions and interpretations that, for better or worse, have reached our days. In fact, although his works have long been confined to the shelves of libraries, his legacy has undeniably lasted, sometimes in a subtle way, through several major figures of historiography and contemporary Portuguese thought, such as António Sérgio, Jaime Cortesão or Vitorino Magalhães Godinho (Serrão, 1985, p. 216).

The best example of the perennial nature of Oliveira Martins' proposals, although somewhat unusual, can be found precisely in a biography of King João II, published by Manuela Mendonça. As a matter of fact, this author decided, from the outset, "to engage in other aspects, possibly less known but not less important in the life of King João II", leaving aside the "king's action in this field", i.e. the overseas expansion (Mendonça, 1995, p. 25-26), so her assertions in this area are clearly marginal. However, it is clear, here and there, that she shares a certain interpretation, in the wake of Oliveira Martins, as mentioned before. In fact, in a passage that is rather difficult to understand, she points out that "The construction of the Graciosa fortress, a project that was closely followed and fostered by the king, from the town of Tavira, is an indication of the measure of his dream of strategic domination of the African interior" (Mendonça, 1995, p. 284). In another, equally obscure passages, she states:

We think that King João II was obviously driven by the dream of dominating Morocco well into the interior, where some trade routes intersected and where he could keep a number of fiercer leaders at bay, as the chroniclers say; this dominance of the interior would free the coast, allowing for greater ease in the undertakings that the monarch wanted to lead. (Mendonça, 1995, p. 477)

In any case, the author arguably suggests that, breaking with tradition, the *Príncipe Perfeito's* interests in North Africa were linked to his desire to control the caravan trade. Finally, a little further on, referring to the reconnaissance of the Atlantic space, her position, as a heiress of Oliveira Martins, seems to be even clearer when she says: "in the words of Joaquim Bensaúde, the pursuit of this objective turned the monarch into the executor of the great plan of the Indies, previously drawn by Dom Henrique and accomplished later on by Afonso de Albuquerque" (Mendonça, 1995, p. 96-97).

As opposed to Ferreira e Sampaio, who, as previously stated, makes no mention of episodes that occurred in North Africa at the time of King João II, Dom Agostinho Manuel de Vasconcelos (Vasconcelos,

Ao contrário de Ferreira e Sampaio que, como dissemos, não faz qualquer menção a episódios ocorridos no Norte de África ao tempo de D. João II, D. Agostinho Manuel de Vasconcelos (Vasconcelos, 1639), seu contemporâneo e, mais tarde, Manuel Teles da Silva (Sylvio, 1689), ambos biógrafos do *Príncipe Perfeito*, não só não se esquecem de fazer referência ao assunto como lhe dão relevância.

O primeiro, desde logo, enumerando as iniciativas incluídas nas crônicas coevas, designadamente as seguintes: a submissão de Azamor [Azammūr] (Vasconcelos, 1639, p. 164), a expedição de Diogo Fernandes de Almeida (Vasconcelos, 1639, p. 186-188), a de Fernão Martins de Mascarenhas (Vasconcelos, 1639, p. 193-194), o episódio da Graciosa (Vasconcelos, 1639, p. 211-220), o ataque e destruição de Targa [Targha] (Vasconcelos, 1639, p. 244-245) e, a propósito das negociações que conduziram ao tratado de Tordesilhas, alude a tensões entre D. João II e os *Reis Católicos* suscitadas pela questão dos limites da área de influência portuguesa na *Berberia* e pelas intervenções castelhanas na região (Vasconcelos, 1639, p. 300-302 e 340), matéria sobre a qual, curiosamente, nem Rui de Pina nem Garcia de Resende dizem alguma coisa. Para além de tudo isso, note-se que D. Agostinho de Vasconcelos, referindo-se à conquista da *Berberia*, assinala, explicitamente, que “ardía el Rei en desseos de continualla, por no degenerar del intento del Rei Don Alfonso” (Vasconcelos, 1639, p. 164) e que, mais que uma vez, manifestou intenção de passar ao Norte de África *en persona* (Vasconcelos, 1639, p. 193 e 215). O segundo, Manuel Teles da Silva, ao aludir aos episódios mencionados antes, isto é, à expedição que se desenrolou nas imediações de Anafé [Anfā] (Sylvio, 1689, p. 240-242), à de Fernão Martins de Mascarenhas (Sylvio, 1680, p. 254-255), à Graciosa (Sylvio, 1689, p. 271-284) e à destruição de Targa (Sylvio, 1689, p. 314-315), procede do mesmo modo.

O mesmo acontece com alguns dos mais recentes biógrafos de D. João II, designadamente Elaine Sanceau e Luís Adão da Fonseca, tal como com os autores que se debruçaram, especificamente, sobre a expansão portuguesa no Norte de África, como é o caso de David Lopes, Bernard Rosenberger e António Dias Farinha, os quais, confrontados com a evidência das fontes narrativas coevas atribuírem importância ao assunto, não deixaram de lhe dar atenção.

Elaine Sanceau, aludindo à presença comercial em Safim [Aṣfī] e à submissão de Azamor, às relações cordiais entre o soberano português e o de Fez [Fās] e entre os capitães das praças e os alcaides mouros, dedica particular atenção ao episódio da Graciosa (Sanceau, 1959, p. 276-287). O seu entendimento daquilo que terá sido o envolvimento do *Príncipe Perfeito* com o projeto expansionista no Norte de África, confirmado pelos eventos que menciona, incorpora, contudo, um certo desconforto, o qual é evidente na forma como trata a matéria. Neste sentido, afigura-se desde logo interessante assinalar que a autora começa por afirmar:

1639), a contemporaneous author, and afterwards also Manuel Teles da Silva (Sylvio, 1689), biographers of the *Príncipe Perfeito*, not only do not forget to mention the subject but also lend it some relevance.

The former, by enumerating the initiatives included in the coeval chronicles, namely the following: the submission of Azemmour [Azammūr] (Vasconcelos, 1639, p. 164), the expeditions of Diogo Fernandes de Almeida (Vasconcelos, 1639, p.186-188) and Fernão Martins de Mascarenhas (Vasconcelos, 1639, p. 193-194), the Graciosa incident (Vasconcelos, 1639, p. 211-220), the attack and destruction of Targa [Targha] (Vasconcelos, 1639, p. 244-245); and, concerning the negotiations that led to the Treaty of Tordesillas, this author alludes to the tensions between King João II and the Catholic Kings, raised by the issues concerning the limits of the area of Portuguese influence in Barbary and the Castilian interventions in that region (Vasconcelos, 1639, p. 300-302 and 340), a matter not referred to by Rui de Pina or Garcia de Resende. In addition to all this, Dom Agostinho de Vasconcelos, referring to the conquest of Barbary, explicitly points out that “ardía el Rei en desseos de continualla, por no degenerar del intento del Rei Don Alfonso” (Vasconcelos, 1639, p. 164) and that, more than once, he expressed his intention of crossing to North Africa in person (Vasconcelos, 1639, p. 193 and 215). The latter, Manuel Teles da Silva, alluding to the episodes mentioned above, that is, to the expedition that took place near Anafé [Anfā] (Sylvio, 1689, p. 240-242), to Fernão Martins de Mascarenhas’ expedition (Sylvio, 1680, p. 254-255), to Graciosa (Sylvio, 1689, p. 271-284) and to the destruction of Targa (Sylvio, 1689, p. 314-315), did likewise.

The same is true of some of King João II's most recent biographers, namely Elaine Sanceau and Luís Adão da Fonseca, as well as of the authors who specifically focused on the Portuguese expansion in North Africa, such as David Lopes, Bernard Rosenberger and António Dias Farinha, who, confronted with the fact that coeval narrative sources attach importance to the subject, did not fail to address the matter.

Elaine Sanceau, referring to the commercial presence in Safi [Aṣfī] and the submission of Azemmour, to the cordial relations between the sovereigns of Portugal and Fez [Fās] and between the captains of the strongholds and the Moorish *alcaides*, devotes particular attention to the Graciosa incident (Sanceau, 1959, p. 276-287). Nevertheless, her perception of the *Príncipe Perfeito*'s involvement with the expansionist project in North Africa, confirmed by the events she mentions, incorporates a certain degree of discomfort, as evidenced by the way in which she addresses the subject. In this sense, it is interesting to note that this author begins by saying:

The Moroccan crusade was a family heritage. Since 1415, when King João I took three of his sons to the conquest of Ceuta and to thus obtain

A cruzada marroquina era herança de família. Desde 1415, quando D. João I levava três dos seus filhos à conquista de Ceuta e, assim, a alcançarem as esporas de cavaleiros, sempre fora tradição dos infantes de Portugal combater em África, e os reis seus sucessores achavam da sua obrigação continuar-se a conquista. (Sanceau, 1959, p. 276)

Um pouco mais à frente, no mesmo sentido, ao acrescentar "Que pensava D. João II, a cabeça mais equilibrada e inteligente de toda a sua brilhante família, a respeito da conquista de Marrocos, que os seus antepassados lhe haviam legado?" (Sanceau, 1959, p. 277), sugere que tal empresa não passava de uma inevitabilidade a que o *Príncipe Perfeito* não pudera escapar. Por outro lado, ao fazer menção a que "A gente baixa considerava com frieza essas empresas. Marrocos não era necessário à economia nacional", mas que, porém, D. João II "Estava resolvido a continuá-la por todos os meios ao seu alcance. Não era de temperamento romanesco, como Afonso o *Africano*, mas nutria altos ideais quanto ao prestígio da realeza." (Sanceau, 1959, p. 277), sugere que, afinal, o dito empenhamento se justificava por razões políticas alheias à dita empresa. A propósito do episódio da Graciosa, começa por assinalar

como os seus antecessores, D. João II falava, muitas vezes, de passar à África à frente duma grande expedição. Seria difícil saber ao certo se tudo quanto ele dizia não passava de mero expediente para meter medo aos mouros, ou se na realidade era o sonho de um homem ainda novo e activo. [Um pouco mais à frente, acrescenta que] apesar de homem prático, D. João não deixou de ser afectado pela miragem norte-africana, que tantas vezes seduzira a geração anterior. (Sanceau, 1959, p. 281)

Finalmente, conclui, referindo-se aos portugueses então sitiados: "Talvez o pai de D. João insistisse por que se levasse o caso por diante e se obrigasse a levantar o cerco à ponta de espada. Mas o filho de Afonso o *Africano* era realista. A Graciosa demonstrava ser um erro." (Sanceau, 1959, p. 286). Ou seja, no essencial, Elaine Sanceau sugere que o interesse de D. João II pela empresa norte africana, reduzido pela autora ao episódio da Graciosa, não era genuíno, o que, como é evidente, não só diminui o ónus do fracasso como o converteu, ao fim e ao cabo, num mero acidente de percurso.

Aliás, nesse mesmo sentido, parece também apontar um outro autor que, mais recentemente, se debruçou sobre a figura de D. João II: referimo-nos a Joaquim Veríssimo Serrão. Este, numa obra de natureza distinta, quer dizer, na sua monumental *História de Portugal*, sob o título "Novas intervenções em Marrocos", começa por afirmar que "D. João II defendeu a presença dos nossos castelos em Marrocos" (Serrão, 1979, p. 108), aduzindo alguns dados que comprovam tal afirmação. Um pouco mais à frente, muito embora contemple uma alusão à expedição nas imediações de Anafé, em 1487 – à qual se refere como um "insucesso militar" –,

their knighthoods, it was always a tradition of the Portuguese infantes to fight in Africa, and the king's successors felt it was their duty to continue the conquest. (Sanceau, 1959, p. 276)

A little further on, she suggests that such a venture was nothing more than an inevitability that the *Príncipe Perfeito* could not evade, by asking "What did King João II, the most balanced and intelligent person from an altogether brilliant family, think about the conquest of Morocco that his ancestors had bequeathed to him?" (Sanceau, 1959, p. 277). On the other hand, she suggests that, after all, the king's commitment was justified by political reasons unrelated to the said undertaking, by mentioning that "The lower people regarded these undertakings with coldness. Morocco was not necessary for the national economy", but that, however, King João II "was determined to persevere in it by all the means at his disposal. He was not of Romanesque temperament, as Afonso o *Africano*, but he nurtured high ideals concerning the prestige of royalty." (Sanceau, 1959, p. 277). With regard to the Graciosa incident, the author begins by pointing out that

King João II often spoke of crossing to Africa at the head of a great expedition, like his predecessors did. It would be difficult to know for sure if everything he was saying was nothing more than a mere expedient to frighten the Moors, or if in reality it was the dream of a man who was still young and active. [A little further on, she adds that] despite being a practical man, King João II was not unaffected by the North African mirage, which had so often seduced the previous generation. (Sanceau, 1959, p. 281)

Finally, she concludes by referring to the Portuguese who were besieged at the time: "Perhaps King João II's father insisted that the case should be taken forward and that the siege should be broken by the sword. But the son of Afonso o *Africano* was realistic. Graciosa proved to be a mistake." (Sanceau, 1959, p. 286). In other words, and in essence, Elaine Sanceau suggests that King João II's interest in the North African enterprise, which the author limits to the Graciosa incident, was not genuine, which of course not only reduces the burden of failure but also converts it, after all, into nothing more than a minor setback.

More recently, yet another author also seems to share this point of view: Joaquim Veríssimo Serrão, who also focused on the figure of King João II, in a work of a different nature, i.e. his monumental *História de Portugal*. Under the heading "Novas intervenções em Marrocos", this author begins by stating that "King João II supported the presence of our castles in Morocco" (Serrão, 1979, p. 108), adducing some data that confirm his statement. A little further on, although he included an allusion to the expedition around Anafé in 1487 – which he refers to as a "military failure" – preceded by a mention to

precedida da menção à submissão de Azamor e presente uma breve descrição do episódio da Graciosa, conclui que: "Não pode todavia afirmar-se que houve uma política de guerra africana de D. João II, antes o desejo de dominar política e comercialmente o Magrebe sem recurso à força ostensiva que fora a constante do seu progenitor" (Serrão, 1979, p. 109).

Entre aqueles que não fugiram ao que dizem as fontes coevas, destaca-se, inquestionavelmente, Luís Adão da Fonseca, autor da mais recente biografia de D. João II. Este, começa desde logo por afirmar que "na década dos anos 80, D. João II põe em prática um ambicioso plano de intensificação da presença portuguesa em Marrocos" (Fonseca, 2005, p. 83). A propósito do assunto, para além de se referir ao caso de Azamor, enumera algumas das expedições que se desenrolaram no Norte de África ao longo desse período, designadamente a expedição de Diogo Fernandes de Almeida, a da Graciosa e a de Targa (Fonseca, 2005, p. 83-86). Finalmente, conclui que se é certo que o dito príncipe nutria um interesse comercial pela região (Fonseca, 2005, p. 84), "nestes anos finais da década dos anos 80, o plano marroquino de D. João II, embora não tenha tido sequência, apresenta uma forte componente militar" (Fonseca, 2005, p. 85).

Como dissemos antes, entre os historiadores que seguem a tradição de D. Agostinho Manuel de Vasconcelos, o que não é de estranhar pois todos eles se dedicaram ao estudo da presença portuguesa no Norte de África, destacam-se David Lopes, Bernard Rosenberger e António Dias Farinha.

O primeiro, tão prolixo noutras ocasiões, no texto que publicou em 1937 faz apenas menção à submissão de Azamor (Lopes, 1937, p. 163) e ao episódio da Graciosa (Lopes, 1937, p. 153-154), apontando, com alguma razoabilidade, que "O tratado de paz, por vinte anos, feito por seu pai com Mulei Xequê e, mais que isso, sem dúvida, a grave crise política interna estorvaram durante êsses anos qualquer actividade de expansão em Marrocos" (Lopes, 1937, p. 153).

Aliás, o autor, na obra que publicara poucos anos antes, estendendo-se mais, nomeadamente em torno da questão da localização da Graciosa e sobre detalhes da expedição, pouco mais diz (Lopes, 1931, p. 150-153). Em qualquer caso, afigura-se claro que o autor, justificando a inexistência de outras iniciativas, admite que D. João II tenha nutrido interesse pelo projeto norte africano.

O segundo, num artigo intitulado "La croisade africaine et le pouvoir royal au Portugal au XV^e siècle", muito embora cometa um equívoco ao afirmar: "Il n'entrepenne rien au Maroc, à l'exception en 1489 d'une tentative d'établissement d'une forteresse à l'embochure du Lukkus" (Rosenberger, 1993, p. 342), chama a atenção para algo particularmente relevante, indissociável do crescente interesse comercial por esse cenário, a articulação entre essa região e o litoral

the submission of Azemmour and a brief description of the Graciosa incident, he concludes that: "It cannot be said that King João II actually had an African war policy, but rather the desire to politically and commercially dominate the Maghreb without resorting to ostensive force, as his father constantly did" (Serrão, 1979, p. 109).

Luís Adão da Fonseca, the author of the most recent biography of King João II, clearly stands out among those who have not shied away from what the coeval sources say. This author begins by stating that "in the 80s decade, King João II put into practice an ambitious plan to intensify the Portuguese presence in Morocco" (Fonseca, 2005, p. 83). Regarding this subject, besides referring to the case of Azemmour, Fonseca enumerates some of the expeditions that took place in North Africa during this period, namely the expeditions of Diogo Fernandes de Almeida, Graciosa and Targa (Fonseca, 2005, p. 83-86). Finally, he concludes that if it is true that the said prince had a commercial interest in the region (Fonseca, 2005, p. 84), "in these final years of the 80s decade, the Moroccan plan of King João II shows a strong military component, even though it did not succeed" (Fonseca, 2005, p. 85).

As we said before, among the historians who follow the tradition of Dom Agostinho Manuel de Vasconcelos we would highlight David Lopes, Bernard Rosenberger and António Dias Farinha, which is not surprising since they all addressed the study of the Portuguese presence in North Africa.

The former, so verbose on other occasions, only mentions the submission of Azemmour (Lopes, 1937, p. 163) and the Graciosa incident (Lopes, 1937, p. 153-154) in his 1937 publication, pointing out, not unreasonably, that "The twenty-year peace treaty between his father and Muḥammad al-Shaykh, and undoubtedly also the serious internal political crisis, hindered any expansionist activities in Morocco during these years" (Lopes, 1937, p. 153).

In fact, the same author says little more in his previously published work, in which he addresses some issues in more detail, namely the location of Graciosa and the details of the expedition (Lopes, 1931, p. 150-153). In any case, it is clear that this author, justifying the lack of other initiatives, admits that King João II had taken an interest in the North African project.

Rosenberger, in an article entitled "La croisade africaine et le pouvoir royal au Portugal au XV^e siècle", draws attention to something particularly relevant, inseparable from the growing commercial interest in this scenario, i.e. the connection between this region and the African coast (Rosenberger, 1993, p. 343). Still, he made a mistake when he stated: "He [the king] did not develop any initiatives in Morocco, excepting the 1489 attempt to establish a fort at the mouth of the Lucus" (Rosenberger, 1993, p. 342). Actually, this matter had already been addressed by Robert Ricard in 1936 (Ricard, 1955, p. 81-114).

africano (Rosenberger, 1993, p. 343). Aliás, a este propósito, convirá assinalar que o assunto já havia sido objeto da atenção de Robert Ricard em 1936 (Ricard, 1955, p. 81-114).

O último autor, António Dias Farinha, não obstante só fazer menção ao acordo com os mouros de Azamor e ao caso da Graciosa, reforça sobremaneira a ideia de um empenhamento de D. João II no referido projeto expansionista, ao afirmar: "Permanecia o plano expansionista para o Norte de África, revelado, entre tantos exemplos, pela confissão de Diogo de Gouveia de que D. João II o mandara como bolseiro a Paris para aí estudar Teologia e vir a rezar missa na Mesquita de Fez." (Farinha, 1999, p. 23).

*

No quadro da política expansionista de D. João II, o episódio da Graciosa reveste-se de uma certa novidade. Tratou-se de uma expedição militar de alguma envergadura, diretamente acompanhada pelo próprio monarca, o qual chegou mesmo a admitir deslocar-se a África, ao comando de armada de maiores dimensões. Mas a grande inovação residiu no objetivo deste empreendimento. Assim, ao contrário de campanhas anteriores promovidas pelos seus antecessores ao longo do século XV, confinadas a ações militares em espaços ribeirinhos, o projeto de D. João visava a construção de uma fortaleza e criação de um aglomerado populacional terras adentro do território norte marroquino. Localizada no fecho sul do chamado "Algarve de Além-Mar", a montante da foz do rio Lucos, entre Larache [al-'Arā'ish] e Alcácer Quibir [al-Ḳaṣr al-Kabīr], esta posição avançada visava servir de base de apoio a futuras investidas no interior, nomeadamente Alcácer Quibir, abrindo caminho para Fez ou, pelo menos, alargar aos territórios circunvizinhos a área de tributação das populações locais aos portugueses. Acresce, por outro lado, não se tratar propriamente de uma ação armada de conquista ou razia de uma povoação, mas antes da ocupação de um território, para aí criar, de raiz, uma vila fortificada.

Curiosamente, no respeitante à informação sobre este episódio que, em última análise, resultou numa iniciativa fracassada, ela não se confina às fontes narrativas, como acontece com expedições militares anteriores, seja a conquista de Ceuta, o desastre de Tânger [Ṭandja], a conquista de Alcácer Ceguer [al-Ḳaṣr al-Ṣaghīr] e de Arzila [Aṣīla], para já não falarmos de tantas outras expedições de pequena dimensão. Estas fontes, em especial as crónicas de Gomes Eanes de Zurara e de Rui de Pina, de indiscutível importância, comportam, contudo, óbvias limitações, desde logo, não são coevas dos acontecimentos, e por outro lado, indissociável da sua natureza, incluem uma intenção explícita de exaltação do feito ou de justificação do fracasso. Ora, no que à Graciosa se refere, além das fontes narrativas portuguesas, sobretudo as crónicas de D. João II de Rui de Pina e de Garcia de Resende, e de parcas fontes de inspiração marroquina

António Dias Farinha, although he only mentions the agreement with the Moors of Azemmour and the case of Graciosa, strongly reinforces the idea of King João II's commitment in the expansionist project by stating: "The expansionist plan for North Africa still existed, which is revealed, among many other examples, by Diogo de Gouveia's confession that King João II had sent him to Paris as a scholarship holder, to study theology and thus be able to pray Mass at the Fez mosque" (Farinha, 1999, p. 23).

*

Within the framework of King João II's expansionist policy, the Graciosa incident was novelty to some degree. This was a military expedition of some magnitude, directly overseen by the monarch himself, who even considered traveling to Africa, in command of a larger armada. But the great innovation was the objective of this enterprise. Unlike previous campaigns promoted by his predecessors throughout the 15th century, confined to military actions in riverine spaces, King João II's project aimed to build a fortress and create a settlement within the northern Moroccan territory. Located at the southern end of the so-called "Algarve de Além-Mar" (lit.: overseas Gharb), upstream of the mouth of the river Lucus, between Larache [al-'Arā'ish] and Ksar el-Kebir [al-Ḳaṣr al-Kabīr], this advanced position was intended to serve as a support base for future inland attacks, namely Ksar el-Kebir, paving the way for Fez or at least extending the taxation of local populations to the surrounding territories. On the other hand, this was not exactly an armed action of conquest or razzia against some village, but rather the occupation of a territory, in order to create a fortified town from scratch.

Interestingly, the information concerning this incident, which ultimately resulted in a failure, is not confined to narrative sources, as in the case of previous military expeditions, such as the conquest of Ceuta, the Tangiers [Ṭandja] disaster, the conquest of Ksar es-Seghir [al-Ḳaṣr al-Ṣaghīr] and Asilah [Aṣīla], not to mention many other small scale expeditions. These sources, particularly the chronicles of Gomes Eanes de Zurara and Rui de Pina, of unquestionable importance, do, however, have obvious limitations, since they are not contemporaneous to the events, and on the other hand, include an explicit intention to exalt the fact or to justify the failure, which is intrinsic to their nature. As far as Graciosa is concerned, numerous documents have reached our days, in addition to the Portuguese narrative sources, especially the chronicles of King João II by Rui de Pina and Garcia de Resende, and some scarce sources of Moroccan inspiration or even Moroccan, such as Leo Africanus and Mármol Carvajal or al-Karāsī. This allows us to know the details and phases of the expedition with remarkable accuracy and security, namely the names and type of the vessels, the names of their captains, the profile and number of the embarked men, the supplies carried on board etc., as

ou mesmo marroquinas, como Leão Africano e Marmol Carvajal ou al-Karāsī, chegaram até nós inúmeros documentos coevos que nos permitem conhecer com notável rigor e segurança os contornos e fases da expedição, designadamente o nome das embarcações e a sua tipologia, os nomes dos capitães, o perfil e número dos homens embarcados, os mantimentos que transportavam a bordo etc., assim como retificar ou precisar datas. Documentação na sua maioria relativa às ordens de fornecimento de biscoito às armadas saídas de Portugal, publicada por A. Braamcamp Freire em 1915.

O cruzamento de toda esta informação permite-nos alinhar as etapas fundamentais do episódio Graciosa, ou seja, uma primeira fase de instalação e lançamento dos alicerces de uma fortaleza e uma segunda fase de socorro e evacuação. Vejamos.

No seguimento da bula de cruzada *Ortodoxae Fidei*, de 18 de fevereiro de 1486, D. João II decidiu continuar a guerra em África, levado, segundo as suas próprias palavras em carta ao Papa Inocêncio VIII, "por uma impulsão hereditária" (De Witte, 1958, p. 95). Graças a esta bula, arrecadou elevadas quantias provenientes de rendas e tributos eclesiásticos, período em que, deduz-se, mandou descobrir e sondar o rio Lucos (rio de Larache), tendo em vista construir a supracitada fortificação, a que chamou Graciosa. O empenho pessoal do rei neste empreendimento é atestado não só pelo facto de, escreve Rui de Pina, para ele ter avançado "sem conselho e contra conselho", mas também pela circunstância de, durante os meses em que se desenrolou (entre março e princípios de setembro de 1489), se ter deslocado com a corte para Tavira, para daí acompanhar mais de perto todo o processo.

Assim, uma primeira armada é enviada, não em inícios de julho como dizem os cronistas, mas nos fins de fevereiro ou primeiros dias de março de 1489. Um pequeno contingente de 160 homens, 120 dos quais embarcados no reino em quatro navios (30 em cada *taforeia*), e os restantes 40 (20 cavaleiros e 20 peões) recolhidos em Arzila por onde passou a armada. Como capitão desta armada ia Gaspar Jusarte, designado também capitão da futura fortaleza. Se bem que não se conheçam as instruções dadas pelo rei, deduz-se ser sua missão lançar os fundamentos de uma fortificação, por isso, escreve Garcia de Resende, levaram "muita pedra e madeira lavrada, muito tijolo, e cal, e ferramentas, e todas as coisas necessárias em grande abundância" (Resende, 1994, p. 277).

A pequena dimensão do empreendimento poderá ter explicação, como asseveram os cronistas, na convicção de D. João II de "em quaisquer afrontas que dos mouros sobreviessem, se poderia pelo rio socorrer e prover, cuidando que o dito rio [Lucos] se navegaria em todo o tempo com caravelas e navios" (Pina, 1977a, p. 957). Não é todavia de rejeitar a hipótese de o monarca português, no intuito de aproveitar, até à imprecisa linha

well as correcting or specifying the dates. Most of this documentation concerns the orders pertaining to the supply of biscuit to the armadas sailing from Portugal, published by A. Braamcamp Freire in 1915.

The cross-checking of all this information allows us to align the fundamental stages of the Graciosa incident, i.e. a first phase of installation and laying of the foundations of a fortress and a second phase of relief and evacuation. Let's see.

Following the *Ortodoxae Fidei*, crusade bull dated February 18th, 1486, King João II decided to continue the war in Africa, driven, in his own words in a letter to Pope Innocent VIII, "by a hereditary impulse" (De Witte, 1958, p. 95). Thanks to this bull, he gathered large amounts of income from rents and ecclesiastical tribute. One may deduce that it was during this period that the king ordered the discovery and fathoming of the Lucus river (the Larache river), in order to build the aforementioned fortification, which he named Graciosa. The king's personal commitment to this venture is attested not only by the fact that he advanced "without advice and against advice", as Rui de Pina wrote, but also by the fact that, during the months in which this action took place (between March and early September 1489), he moved with the court to the town of Tavira (southern Portugal), to follow the whole process more closely.

Thus, a first armada was dispatched, not at the beginning of July as the chroniclers say, but by the end of February or the first days of March 1489. A small contingent of 160 men, 120 of whom departed from Portugal in four ships (30 in each *taforeia*), and the remaining 40 (20 horse and 20 foot) embarked in Asilah. Gaspar Jusarte was the captain of this armada, and also the appointed captain of the future fortress. Although the instructions given by the king are not known, apparently Jusarte was to lay the foundations for a fortification. Therefore, as Garcia de Resende wrote, they took "much crafted stone and wood, much brick and lime, and tools, and all the necessary things in great abundance" (Resende, 1994, p. 277).

The small size of the undertaking may be explained, as stated by the chroniclers, in the conviction of King John II that "in any affronts that might arise from the Moors, help and supplies could be shipped up the river, provided the said river [Lucus] could be sailed at all times by caravels and ships" (Pina, 1977a, p. 957). However, the hypothesis that the Portuguese monarch did not expect to face much local resistance should not be rejected. It is not unlikely that the king aimed at taking advantage, as far as the imprecise border line allowed, of the territory that belonged to him under the twenty-year peace treaty signed by his father King Afonso V and Mulei Xequé [Muhammad al-Shaykh] in 1471, after the conquest of Asilah (Farinha, 2002, p. 25-26).

de fronteira, o território que lhe pertencia, no âmbito do tratado de paz de vinte anos, firmado entre seu pai D. Afonso V e Mulei Xeque [Muḥammad al-Shaykh], em 1471, após a tomada de Arzila (Farinha, 2002, p. 25-26), esperasse não enfrentar grande resistência local.

Por uma razão ou outra, o certo é ter seguido cerca de três meses depois, em fins de maio, nova armada, chamada "armada para Larache", com reforço de gente de armas e servidores de vários ofícios. Seria constituída por pouco mais de oito navios, sob o comando de D. Pedro de Castelo Branco. Os mandatos de fornecimento de biscoito aos navios nem sempre especificam o número de embarcados, mas andariam pelos 340. As esparsas referências às suas funções no terreno permitem, apesar de tudo, concluir haver combatentes a cavalo e a pé, nomeadamente bombardeiros e besteiros, assim como diversos serventes para as obras de construção (pedreiros, serradores, carpinteiros, ferreiros e valadores). Numa ordem de entrega de biscoito posterior, de 23 de junho, portanto após a partida desta armada, diz-se expressamente destinar-se essa carga ao mantimento de "500 homens que hão de estar na fortaleza" (Freire, 1915, doc. 49, p. 85), ou seja, *grosso modo*, os 160 da primeira armada mais os cerca de 340 da segunda.

Por esta altura, já eram vários os problemas com que se debatiam os portugueses para levar a bom termo a construção de um lugar fortificado. O sítio escolhido, pantanoso, revelar-se-ia extremamente insalubre começando a grassar o paludismo. Gaspar Jusarte caiu doente e teve de regressar ao reino, tendo sido substituído por João Rodrigues de Sousa que, supõe-se, nomeado para esse cargo, teria embarcado em finais de maio na referida "armada para Larache". Outro problema de que começaram a aperceber-se foi o da inababilidade do rio em certos períodos do ano, circunstância que dificultaria naturalmente o transporte de abastecimentos e apoios militares. Mas, sem dúvida, o problema mais grave foi o da hostilidade muçulmana. Sentindo a ameaça de edificação de um forte português na região, o próprio sultão de Fez, Mulei Xeque, em data que não conseguimos apurar, comandou as operações de ataque, pondo cerco à inacabada construção. O exército do sultão marroquino seria constituído por 40 000 cavaleiros e incontáveis combatentes a pé, números talvez exagerados, pois são fornecidos pelas crónicas portuguesas, obviamente interessadas em enfatizar a desproporção das forças em confronto.

D. João II, acompanhando, como se disse, a partir da Tavira todo o processo, ter-se-á apercebido das dificuldades enfrentadas pelos sitiados, agravadas pelas fracas condições do local escolhido, pelo que, num dos vários navios de abastecimentos enviados entre 23 de junho e 20 de julho, despachou uma comissão de três principais do Reino, Fernão Martins de Mascarenhas, capitão dos ginetes, Diogo Fernandes de Almeida e Martinho de Castelo Branco, vedor da Fazenda, para avaliar a situação. Diga-se, a talhe de

For one reason or another, a new armada followed the first one about three months later, at the end of May, called "armada para Larache", with reinforcements, including men of arms and labourers of various trades. It would consist of just over eight ships, under the command of Dom Pedro de Castelo Branco. The biscuit supply orders do not always specify the number of people aboard the ships, but this armada possibly counted some 340 souls. The sparse references to their functions in the field allow us to conclude, after all, that there were horse and foot troops, namely bombardiers and crossbowmen, as well as a number of labourers for the construction works (masons, sawyers, carpenters, blacksmiths and diggers). In a subsequent order for the delivery of biscuit, dated June 23rd, therefore after the departure of this second armada, it is expressly stated that the cargo is intended for the sustenance of "500 men who will be in the fortress" (Freire, 1915, doc. 49, p. 85), i.e. roughly the 160 of the first armada plus the ca. 340 of the second one.

At this point, the Portuguese were already facing several problems in order to complete the construction of a fortified position. The chosen location was rather marshy and would prove to be extremely insalubrious; malaria began to spread. Gaspar Jusarte fell ill and had to return to Portugal. He was replaced by João Rodrigues de Sousa, who was presumably appointed to that post and probably embarked on the "armada para Larache" in late May. Another problem that began to arise was the fact that the river was not navigable at certain times of the year, a circumstance that would naturally interfere with the transportation of supplies and military aid. But the most serious problem was undoubtedly the Muslim hostility. Feeling the threat entailed by the construction of a Portuguese fort in the region, the sultan of Fez, Muḥammad al-Shaykh, in a date that we could not determine, personally commanded the attack operations, laying siege to the unfinished construction. The army of the Moroccan sultan probably consisted of 40 000 cavalymen and countless foot soldiers. These figures are perhaps overestimated, as they are provided by the Portuguese chronicles, obviously interested in emphasizing the disproportionate nature of the forces.

King Dom João II, following the whole process from Tavira, eventually realized the difficulties faced by the besieged, worsened by the poor conditions of the chosen location. Thus, the king dispatched a commission of three principals of the kingdom, Fernão Martins de Mascarenhas, *capitão dos ginetes*, Diogo Fernandes de Almeida and Martinho de Castelo Branco, *vedor da Fazenda*, to assess the situations; this commission embarked in one of several supply ships sent between June 23rd and July 20th. Diogo Fernandes Almeida eventually took over the command of the fortress because the acting captain, the aforementioned João Rodrigues de Sousa, also fell seriously ill and was sent back to Portugal. The written information sent to King João II by these commissioners was not at all encouraging, since the

foice, que um deles, Diogo Fernandes Almeida, acabaria por assumir o comando da fortaleza, em virtude de o capitão em exercício, o supracitado João Rodrigues de Sousa, ter também ele caído gravemente doente e sido recambiado para Portugal. As informações remetidas por escrito a D. João II por estes comissários não foram nada animadoras, pois parece datar dessa altura a mudança de estratégia do sultão de Fez: dispôs o cerco mais afastado, a salvo da artilharia portuguesa, e colocou, a jusante da Graciosa, uma estacada que, atravessando o rio, impedia a passagem dos navios encarregados de reforçar e abastecer os sitiados. Numa palavra, encurralou os portugueses.

Face à gravidade da situação, D. João II decidiu reforçar militarmente a empresa, despachando duas armadas sucessivas de socorro. A primeira, sob o comando de Aires da Silva, foi aviada entre 26 de julho e 13 de agosto, tendo para o recrutamento sido publicado um perdão geral "aos homens que na dita armada e cerco forem servir" (Freire, 1915, p. 22), o qual é confirmado na justificação de várias cartas de perdão posteriormente concedidas pelo monarca (Coelho, 1943, p. 310, 311, 315, 318, 324, 345, 354, 364, 367, 368, 369, 378, 381 e 383). Nesta armada, além de 380 homens embarcados em nove navios, sabe-se terem ido mais 429, ou seja, um total de cerca de 809. Entre eles contavam-se vários fidalgos, soldados e servidores. Destes últimos destacam-se 472 (salineiros, sapadores, braceiros) "que hão de ir à fortaleza da Graciosa ao lavramento da obra que se faz" (Freire, 1915, doc. 40, p. 90). Indiciando que, apesar de os cronistas Rui de Pina e Garcia da Resende afirmarem já nesta altura hesitar D. João II entre sustentar ou largar a Graciosa, esta segunda hipótese ainda não se perfilava seriamente. A circunstância de nas supracitadas cartas de perdão, Aires da Silva ser, por vezes, nomeado como "capitão da frota de Xames" ou do rio de Xamez [Shammish], sugere ter esta frota ficado fundeada nas imediações de Larache.

Ainda a armada de Aires da Silva não tinha abalado e já estava a preparar-se (de 8 de agosto a 5 de setembro) uma outra armada de socorro. Esta sob o comando de D. João de Castro, 2.º conde de Monsanto, e levando fundamentalmente homens de armas, entre os quais muitos nobres e personalidades destacadas. Os registos existentes permitem identificar 20 navios, nos quais foram transportados 1 085 homens, ainda que se saiba que a expedição foi mais numerosa. Com mantimento para dez dias, e tendo partido após 5 de setembro, regressaria ao reino antes de 13 de outubro.

Esta armada não saía de Portugal quando se iniciaram as conversações entre Mulei Xeque e Aires da Silva para resolver o conflito. Por isso é natural ter ela mesmo assim avançado com o objetivo de dar força aos portugueses nas negociações em curso ou, em último recurso e no caso de estas não correrem a contento, para "desfazer por força a estacada e reparos do rio, para uma vez as pessoas dos cercados ao menos se salvarem, que era

change of strategy of the sultan of Fez seems to date from that time: he deployed the besieging troops further away, out of range of the Portuguese artillery, and placed a stockade across the river, downstream from Graciosa, to prevent the passage of the ships that were supposed to supply and reinforce the besieged. In a word, he cornered the Portuguese.

Given the seriousness of the situation, King João II decided to strengthen the enterprise, in military terms, by dispatching two successive relief armadas. The first one, under the command of Aires da Silva, was rigged between July 26th and August 13th. The recruitment was enhanced by means of a general pardon: "to the men who will serve in the said armada and siege" (Freire, 1915, p. 22), which is confirmed by the justification of several letters of pardon subsequently granted by the monarch (Coelho, 1943, p. 310, 311, 315, 318, 324, 345, 354, 364, 367, 368, 369, 378, 381 and 383). This armada, besides 380 men embarked in nine ships, is known to have included 429 others, i.e. a total of some 809 men. Among them were several noblemen, soldiers and labourers, namely 472 (salters, sappers, common labourers) "que hão de ir à fortaleza da Graciosa ao lavramento da obra que se faz" (Freire, 1915, doc. 40, p. 90). This is an indication that, although the chroniclers Rui de Pina and Garcia da Resende state that by then King João II was already hesitating between sustaining or abandoning Graciosa, this second hypothesis was not yet seriously contemplated. The circumstance that Aires da Silva is sometimes referred to in the aforementioned pardon letters as "captain of the Xames fleet" or the Xamez [Shammish] river fleet, suggests that this fleet was anchored in the vicinity of Larache.

The fleet of Aires da Silva had not yet sailed and another relief armada was already being prepared (between August 8th and September 5th), under the command of Dom João de Castro, the second count of Monsanto, and mainly carrying men of arms, including many nobles and outstanding personalities. The existing records allow for the identification of 20 ships, in which 1 085 men were transported, although it is known that this expedition was more numerous. With provisions for ten days, and having left after September 5th, this armada would return to Portugal before October 13th.

Even before this armada left Portugal, talks between Muhammad al-Shaykh and Aires da Silva had already begun, aiming at resolving the conflict. That is why it is only natural that the fleet still sailed, with the objective of empowering the Portuguese in the current negotiations or, as a last resort and should the talks not succeed, to "break down the stockade and repair the river by force, so that the besieged people could at least be saved, which is what [the king] most of all wanted" (Resende, 1994, p. 281). In fact, by this time, knowledge of the unhealthy nature of the place and of the river's impracticability at certain times of the year had already driven the Portuguese monarch to abandon the Graciosa project.

o que sobretudo [o rei] mais desejava” (Resende, 1994, p. 281). De facto, por esta altura, o conhecimento da insalubridade do lugar e da não navegabilidade do rio em certos períodos do ano já tinham determinado o monarca português a abandonar o projeto Graciosa.

Em síntese, tendo em conta os totais de homens recensados na documentação relativa aos abastecimentos de biscoito (e só esses), é possível gizar o seguinte quadro:

Armadas	Capitães mores	N.º de navios	N.º de homens
1.ª armada de ocupação (fins de fevereiro ou primeiros dias de março de 1489)	Gaspar Jusarte	4	160
2.ª armada de ocupação (fins de maio)	D. Pedro de Castelo Branco	8	340
1.ª armada de socorro (depois 13 agosto)	Aires da Silva	Mais de 9	809
2.ª armada de socorro (depois de 5 de setembro)	D. João de Castro, conde de Monsanto	Mais de 20	1 085
Totais			2 394

D. João II, na carta ao Papa Inocêncio VIII acima citada, afirma ser a guarnição portuguesa da Graciosa constituída por 1 500 combatentes. Apresentando o mesmo valor, os cronistas Rui de Pina e Garcia de Resende detalham tratar-se de “fidalgos e cavaleiros, todos da casa e livros d’el-rei, e a flor de toda a corte” (Pina, 1977a, p. 957; Resende, 1994, p. 279). Supomos não estarem contabilizados neste número os combatentes a pé, nem tão-pouco os servidores para os trabalhos de levantamento da fortaleza. Sendo, por outro lado, natural ter sido o contingente inicial da Graciosa reforçado pelas armadas de socorro, antes de ficar totalmente bloqueada pelo cerco marroquino.

Quanto aos totais de homens envolvidos nesta empresa, sabe-se, sobretudo para as duas armadas de socorro, terem sido mais elevados do que os listados no quadro supra, não havendo, no entanto, informação que permita avançar com números precisos. Por exemplo, Gaspar Frutuoso, no *Livro Segundo das Saudades da Terra*, diz ter sido Simão Gonçalves da Câmara, filho do capitão-donatário do Funchal, enviado por D. João II em socorro à Graciosa com uma tropa de 800 homens. Um número talvez inflacionado, além da evidente imprecisão na informação acrescentada: “esteve neste cerco com esta gente a maior parte do inverno, em o qual tempo, tão trabalhoso, tinham os mouros cercado a Graciosa” (Frutuoso, 1998, p. 96). Ora grande

In short, taking into account the total number of men recorded in the documentation concerning biscuit supplies (and only these), the following table can be compiled:

Armadas	Captains	Number of ships	Number of men
1 st occupation armada (late February or early March 1489)	Gaspar Jusarte	4	160
2 nd occupation armada (late May)	Dom Pedro de Castelo Branco	8	340
1 st relief armada (after August 13 th)	Aires da Silva	More than 9	809
2 nd relief armada (after September 5 th)	Dom João de Castro, count of Monsanto	More than 20	1 085
Totals			2 394

King João II, in his aforementioned letter to Pope Innocent VIII, claims that the Portuguese garrison of Graciosa consisted of 1 500 fighting men. Referring to the same figure, the chroniclers Rui de Pina and Garcia de Resende specify that they were “noblemen and knights, all from the king's house and books, and the cream of the whole court” (Pina, 1977a, p. 957; Resende, 1994, p. 279). We do not suppose that the foot soldiers are included in this figure, nor the labourers working on the construction of the fortress. On the other hand, it was only natural that the Graciosa initial contingent was reinforced by the relief armadas, before it was completely blocked by the Moroccan siege.

As for the total number of men involved in this enterprise, it is known that it was higher than the figures included in the table above, particularly in the case of the two relief armadas, but there is no information to support more precise figures. For example, Gaspar Frutuoso, in the *Livro Segundo das Saudades da Terra*, states that Simão Gonçalves da Câmara, the son of the donatary-captain of Funchal, was sent by King João II to Graciosa with a relief troop of 800 men. This is probably an overestimation, in addition to the obvious inaccuracy of the information provided: “he [Simão Gonçalves da Câmara] spent most of the winter at this siege, with these people; during this time, so laborious, the Moors laid siege to Graciosa” (Frutuoso, 1998, p. 96). Now, much of the siege had taken place during the summer months, not in the winter. Still, this caution does not disprove that relief from Madeira, which probably was not formally integrated into the above listed fleets.

parte do cerco ocorrera, não no inverno, mas nos meses de verão. Reservas que não põem em causa este socorro madeirense, o qual provavelmente não seguiu formalmente integrado nas armadas supra listadas.

De qualquer forma, totais de embarcados para a Graciosa que ficariam muito aquém dos sugeridos ou avançados por fontes veiculando a perspetiva marroquina. Leão Africano, na breve informação dada sobre a Graciosa, a que chama Jezira, fala de uma grossa armada. Al-Karāsī, autor do início do século XVI, nos 28 versos que dedica ao episódio da Graciosa, na sua obra '*Arūsa al-Maṣā'il fī mā li-Banī Waṭṭās min al-Faḍā'il*', escrita cerca de meio século após o sucesso, afirma terem sido 6 000 o número de combatentes invasores infiéis (Boucharb, 2010, p. 55). Valores sem dúvida excessivos, motivados pelo intuito de glorificação dos feitos dos governantes oatácidas [Banū Waṭṭās].

Decorriam os preparativos da segunda armada de socorro, e já D. João II manifestava a sua intenção de ir, em pessoa, ao comando de uma outra armada. Mais uma vez, segundo Rui de Pina e Garcia de Resende, uma decisão tomada contra o parecer do seu conselho. Para o efeito, fizeram-se grandes apercebimentos no reino. Respondendo ao apelo lançado pelo rei, terá sido nesta altura que o capitão-donatário do Funchal, João Gonçalves da Câmara, dito o Porrinha, acorreu ao Algarve, com "muita gente luzida e uma frota da ilha da Madeira". Foi recebido na praia pelo próprio rei, "dizendo-lhe publicamente que, estando mais longe dele que todos os outros fidalgos, ele chegara primeiro, e lhe fez, por isso, muitas honras e grandes mercês" (Frutuoso, 1998, p. 92).

Não chegou, todavia, este novo socorro a abalar, em virtude das negociações, entretanto, desenvolvidas no terreno. Tudo indica, no entanto, ter-se avançado nos aprestos, pois há pelo menos duas cartas de perdão posteriores nas quais o monarca se refere a armada de socorro estante em Tavira que se desfizera, "por bem das pazes que por nosso mandado com el-rei de Fez se fizeram" (Coelho, 1943, p. 347 e 360).

De acordo com as fontes portuguesas, partiu do sultão marroquino a proposta de resolução do conflito, tendo para tal contactado Aires da Silva, capitão-mor da frota fundeada junto de Xamez. Para as mesmas fontes, tal iniciativa de Mulei Xeque foi motivada pelo desgaste e deserção de algumas das suas tropas e, sobretudo, pelo temor de que D. João II fosse pessoalmente com mais reforços militares auxiliar os sitiados. Mas, na leitura do supracitado escritor marroquino, al-Karāsī, foi a necessidade de pacificação da Enxovia [Shāwiya] que levou o sultão marroquino a não aproveitar as vantagens políticas e militares de uma previsível derrota portuguesa (Boucharb, 2010, p. 56).

Seja como for, tudo indica ter partido dele a proposta de levantamento do cerco, na condição de os portugueses abandonarem a Graciosa – prometendo deixá-los sair com armas, cavalos, artilharia e tudo quanto tivessem –

In any case, the above referred totals still fall far short from those suggested or put forward by sources reflecting the Moroccan perspective. Leo Africanus, in his brief information on the subject of Graciosa, which he calls Jezira, speaks of a large armada. Al-Karāsī, an author from the early 16th century, in the 28 verses he dedicates to the Graciosa incident in his work *Arūsa al-Maṣā'il fī mā li-Banī Waṭṭās min al-Faḍā'il*, written about half a century after the events, claims that there were 6 000 invading infidels (Boucharb, 2010, p. 55). This figure is undoubtedly excessive and motivated by the desire to glorify the deeds of the Wattasid rulers [Banū Waṭṭās].

Preparations for the second relief armada were still underway, and King João II had already expressed his intention of personally taking the command of yet another armada. Once again, according to Rui de Pina and Garcia de Resende, this was a decision taken against the advice of his council. Significant preparations were undertaken in the kingdom for this purpose. It was probably at this point that João Gonçalves da Câmara, nicknamed Porrinha, by then the donatary-captain of Funchal, responded to the king's appeal and arrived at the Algarve with "many outstanding people and a fleet from Madeira Island". He was welcomed on the beach by the king himself, "who told him in public that, being the farthest away from him, he was the first to arrive and therefore granting him much honour and great favour" (Frutuoso, 1998, p. 92).

Nevertheless, this new aid never departed to Graciosa, in result of the negotiations that took place in the meantime. However, everything indicates that preparations were well underway, as there are at least two subsequent letters of pardon in which the monarch refers to the relief armada anchored at Tavira that had been dismissed "for the sake of the peace that by our command was agreed with the king of Fez" (Coelho, 1943, p. 347 and 360).

According to Portuguese sources, it was the Moroccan sultan who put forward a proposal for the resolution of the conflict, contacting Aires da Silva, *capitão-mor* of the fleet anchored near Xamez. The same sources claim that Muhammad al-Shaykh's initiative was motivated by the attrition and desertion of some of his troops and, above all, by the fear of King João II's arrival at the head of more military reinforcements to help the besieged. But, according to the aforementioned Moroccan writer, al-Karāsī, it was the need for the pacification of the Enxovia [Shāwiya] that drove the Moroccan sultan not to take advantage of the political and military benefits of a predictable Portuguese defeat (Boucharb, 2010, p. 56).

In any case, everything indicates that the proposal to end the siege came from him, provided that the Portuguese abandoned Graciosa – and promising to let them leave with weapons, horses, artillery and everything they had – and that the Portuguese monarch confirmed the peace that King Afonso V had signed with him in 1471. A truce was then established, while Aires da Silva

e de o monarca português confirmar a paz que com ele firmara D. Afonso V em 1471. Foram, então, estabelecidas tréguas, enquanto Aires da Silva consultava D. João II. A resposta não se fez esperar, pois D. João II já havia decidido largar a fortaleza, além de que lhe agradava a confirmação e prolongamento por mais 10 anos do tratado de 1471, pois não o impedia de cercar e tomar qualquer vila ou lugar do reino de Fez, quando se lhe oferecesse. Para o efeito, despachou delegação com poderes para, *in loco*, proceder à escritura do novo acordo. Na lição dos cronistas Rui de Pina e Garcia de Resende, tal ato ocorreu na localidade de Xamez nas imediações de Larache, em 27 de agosto de 1489. Provavelmente, como defende Braamcamp Freire, esta data remete, não para o dia em que se realizou o tratado final, mas sim para aquele em que se pactuaram as tréguas entre Mulei Xeque e Aires da Silva, pois não se compreenderia, se ele estivesse definitivamente firmado, tivessem prosseguido os preparativos da segunda armada de socorro, a do Conde de Monsanto, que só partiria após 5 de setembro. Alvitando este mesmo investigador que nesta armada tivesse embarcado a referida delegação com procuração régia para o ajuste de paz, tendo-se aproveitado o estar a armada já constituída para a mandar, "fazendo alardo

consulted King João II. The answer was not delayed, because the king had already decided to abandon the fortress, and he welcomed the confirmation and extension of the 1471 treaty for another 10 years, since it did not prevent him from besieging and taking any other towns or places in the kingdom of Fez, when he chose to do so. To this effect, the king sent a delegation with powers to write down the new agreement *in loco*. In the words of the chroniclers Rui de Pina and Garcia de Resende, this act took place in the town of Xamez, near Larache, on August 27th 1489. Probably, as Braamcamp Freire maintains, this date does not refer to the day on which the final treaty was signed, but to the day on which the truce between Muhammad al-Shaykh and Aires da Silva was agreed. Indeed, it would hardly be understandable that the preparations of the count of Monsanto's second relief armada, which would only depart after September 5th, were continued if the treaty had been definitively signed on August 27th. The same researcher suggested that the said delegation, holding a royal power of attorney for the peace negotiations, embarked on this armada, taking advantage of the fact that the it was already formed to "make a show of power in order to impose some respect on the Moors" (Freire,



1. Localização da Graciosa.
The location of Graciosa.

de poderio a fim de impor respeito aos Mouros” (Freire, 1915, p. 28). Podendo, pelo exposto, concluir-se que o acordo definitivo foi firmado depois de 5 de setembro e antes de 21 de setembro, data da carta de D. João II ao papa Inocêncio VIII, relatando todo o sucesso.

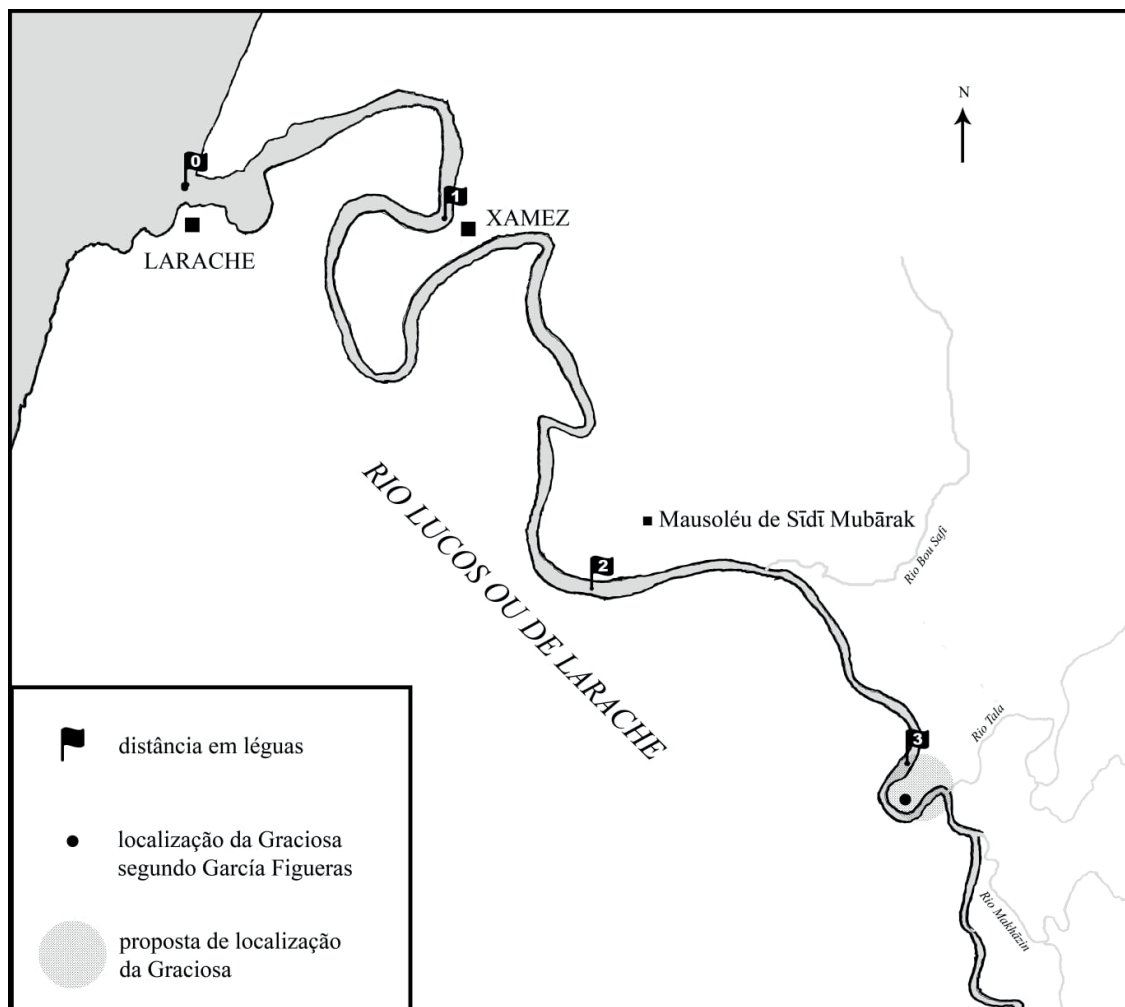
A maior parte da informação para a reconstituição do caso Graciosa colhe, como se viu, sobretudo em fontes portuguesas. As fontes marroquinas são praticamente omissas sobre sucesso. As exceções são Leão Africano e al-Karāsī. De acordo com a lição de ambos, a evacuação das tropas portuguesas só foi conseguida graças a elevada soma de dinheiro exigida ao comandante da armada portuguesa pelo rei de Fez. De qualquer maneira, tal como acordado, os portugueses puderam abandonar livremente o local e embarcar para Portugal com armas e bagagens. Uma evacuação que se teria estendido da segunda quinzena de setembro à primeira quinzena de outubro.

Sem vencidos nem vencedores, terminava assim o episódio Graciosa, tendo-se alcançado, em última análise, uma saída honrosa para ambas as partes. Como testemunho material, restava uma inacabada fortificação.

1915, p. 28). It can thus be concluded that the definitive agreement was signed after September 5th and before September 21st, the date of King João II's letter to Pope Innocent VIII, narrating the whole process.

Most of the information for the reconstitution of the Graciosa case is to be found, as we have seen, mainly in Portuguese sources. This event is rarely addressed by Moroccan sources. The exceptions are Leo Africanus and al-Karāsī. According to both, the evacuation of the Portuguese troops was only achieved by means of the large sum of money required from the commander of the Portuguese armada by the king of Fez. Anyway, and as agreed, the Portuguese were able to freely abandon the place and embark for Portugal with arms and baggage; this evacuation probably extended from the second half of September to the first half of October.

Without losers nor winners, the Graciosa incident came to an end and an honourable outcome for both parties was ultimately achieved. Only an unfinished fortification remained, as a material testimony.



2. Portugal e Marrocos nos finais do século XV.
Portugal and Morocco by the end of the 15th century.

*

Como dissemos antes, ao contrário daquilo que se passa com as expedições que a precederam, no que concerne à Graciosa, para além das fontes narrativas, chegaram até nós inúmeros documentos coevos, os quais se revelaram particularmente relevantes para o conhecimento da referida expedição. Contudo, nem a documentação mencionada antes nem outra mais tardia permitem dar uma resposta clara à questão: onde foi erguida a Graciosa? Aliás, é por isso mesmo que a generalidade dos autores que, até há bem pouco tempo, se debruçaram sobre a expedição, não deixaram de se referir ao assunto.

Em traços largos, sem fazermos menção aos detalhes da argumentação a que diferentes autores recorreram para sugerir uma ou outra localização, a qual assenta naturalmente naquilo que dizem as fontes, as propostas apontam para duas soluções: um local próximo da foz do rio e outro, mais para montante, a caminho de Alcácer Quibir.

Anselmo Braamcamp Freire, sem o fundamentar, sugere que a Graciosa foi erguida a uma légua da foz, "junto aos vaus de Xamez (Tchemmich)", "talvez no promontório coberto de silvas onde ainda hoje se vêem restos das fortificações fenícias, às quais se acostariam as portuguesas" (Freire, 1915, p. 51). Ao sugerir semelhante localização, apesar de não o dizer, afigura-se que o autor o fez com base no único testemunho que identifica o lugar onde os portugueses ergueram a fortaleza na embocadura do rio, ou seja, Leão Africano (Africano, 1550, fl. 51).

David Lopes, numa nota inserida na sua edição dos *Anais de Arzila*, discorrendo sobre aquilo que dizem as fontes disponíveis, inclina-se claramente para o testemunho de Bernardo Rodrigues, concluindo que "a Graciosa era mais no interior e não muito longe do campo de batalha onde D. Sebastião depois foi morto. Esta deu-se nas margens do rio da Ponte" – como lhe chama Bernardo Rodrigues –, "ou rio Mkhâzen" – i. é, dos cavaleiros – "na forma francesa do nosso mapa" (Rodrigues, 1915, I, p. 496). Um pouco depois, o mesmo autor, recorrendo de novo a Bernardo Rodrigues, precisa que a fortaleza teria sido erguida "a três léguas da foz do Lucos ou seja a cerca de 16 quilómetros" (Lopes, 1937, p. 450). Neste mesmo sentido se pronunciaram vários autores que se lhe seguiram, como foi o caso de Henry de Castries (Castries, 1920, p. 421), Pierre de Cenival (Cenival, 1934b, p. XV) e António Dias Farinha (Farinha, 1999, p. 23).

Alguns anos mais tarde, Tomás García Figueras, com base no resultado de escavações empreendidas por César Luis de Montalbán y Mazas, em 1940, identifica o local da fortaleza, situando-o no que pode ter sido uma ilha, mas que então já não o era "en la orilla derecha del río Lucus, aguas abajo de la confluencia de este río con el Mejazen" (García Figueras, 1941, p. 7).

*

As we mentioned before, and as opposed to the previous expeditions, as far as Graciosa is concerned numerous coeval documents reached our days besides the narrative sources, which were particularly relevant to the knowledge of this expedition. However, neither the documentation mentioned before nor the later documents provide a clear answer to the question: where was Graciosa raised? This is why most of the authors who, until recently, have addressed the expedition, never failed to mention this issue.

In broad terms, without mentioning the details of the argumentation used by different authors to suggest one location or another, naturally based on what the sources say, the proposals point to two solutions: one near the mouth of the river and the other further upstream, on the way to Ksar-el-Kebir.

Anselmo Braamcamp Freire suggested, without justifying it, that Graciosa was raised one légua from the river mouth, "next to the Xamez fords (Tchemmich)", "perhaps in the promontory covered with brambles where even today one can see the remains of the Phoenician fortifications, against which the Portuguese fortress was built" (Freire, 1915, p. 51). In suggesting such a location, although not saying it, it would appear that the author did so on the basis of the only testimony that identifies the place where the Portuguese built the fortress at the mouth of the river, namely, Leo Africanus (Africano, 1550, fl. 51).

David Lopes, in a note inserted in his edition of the *Anais de Arzila*, discussing what the available sources say, clearly tends towards the testimony of Bernardo Rodrigues, concluding that "Graciosa was located more inland and not far from the battlefield where King Sebastião was eventually killed. This battle took place on the banks of the rio da Ponte" – as Bernardo Rodrigues calls it – "or Mkhâzen river" – i.e., the riders' river – "in the French version of our map" (Rodrigues, 1915, I, p. 496). A little later, the same author, once again according to Bernardo Rodrigues, states that the fortress would have been built "three léguas from the mouth of the Lucus river, i.e. some 16 kilometres from it" (Lopes, 1937, p. 450). A number of authors followed this possibility, like Henry de Castries (Castries, 1920, p. 421), Pierre de Cenival (Cenival, 1934b, p. XV) and António Dias Farinha (Farinha, 1999, p. 23).

Some years later, Tomás García Figueras, based on the results of excavations undertaken by César Luis de Montalbán y Mazas in 1940, identifies the site of the fortress, situating it on what may have been, but no longer was, an island, "in the right bank of the Lucus River, downstream of this river's confluence with the Mejazen river" (García Figueras, 1941, p. 7). This location – although the author does not say so – is more or less in line with David Lopes' proposal. The author included maps, photographs and a "Croquis

O que – embora o autor não o diga – vai mais ou menos ao encontro da proposta de David Lopes. O autor, impõe-se dizê-lo, não só fez acompanhar o seu texto de mapas, fotografias e de um "Croquis de los muros de la fortaleza *La Graciosa* en la 'Gezira' – río Lucus – *kabila* de Jolot, poblado de Quehan-na", como não podia ser mais claro ao afirmar a sua convicção de que os trabalhos arqueológicos "han confirmado completamente la certeza que ya tenía sobre su situación" (García Figueras, 1941, p. 7).

Pouco depois, um renomado militar espanhol, Antonio Yuste, recorrendo a inúmeros detalhes recolhidos numa observação direta das margens do rio Lucos, muito embora o faça num tom menos assertivo, propõe o que parece ser, sensivelmente, a mesma localização (Yuste, 1942, p. 672-673, 683-686, 692 e 694).

Enfim, dir-se-ia que o assunto estava definitivamente resolvido: a hipótese lançada por David Lopes não só fora amplamente partilhada como, na sequência da publicação de García Figueras, dando conta da presença de vestígios materiais da fortaleza, confirmada a sua localização exata. Com efeito, isso mesmo se pode inferir em mais que uma obra de referência publicada recentemente, como é o caso, por exemplo, de *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI*, onde o autor, ao afirmar que a dita fortaleza foi erguida "sobre uma ilha do Loukos, cerca de dez quilómetros para montante, denominada Gezira", a situa precisamente no local identificado por García Figueras (Correia, 2008, p. 319).

Porém, muito embora não possamos deixar admitir que esta é, sem sombra de dúvida, uma proposta plausível, a forma como García Figueras a sustenta, pelo contrário, incorpora algumas fragilidades para as quais não podemos deixar de chamar a atenção. A este propósito, veja-se o que o autor nos diz sobre o assunto num trecho particularmente elucidativo:

De la situación exacta de la fortaleza de La Graciosa o de la Gezira se ha hablado mucho y, como ahora diremos, innecesariamente. David Lopes recoge, en nota puesta a uno de los pasajes de la Cronica de Bernardo Rodrigues, las distintas opiniones (León el Africano, Mármol y Carvajal, Rui de Pina, Braamcamp, Reclus e incluso el mismo Rodrigues), más o menos erróneas sobre la situación geográfica de la fortaleza de La Graciosa, pero la verdad es que una parte de los muros de la edificación, hecha y no terminada, se ha conservado hasta nuestros días a flor de la tierra, sin que, por lo tanto, haya sido preciso descubrirlos. (García Figueras, 1941, p. 7)

Um pouco mais à frente, acrescenta "En el croquis figura señalada esa situación y respecto al nombre de Gezira (isla), con que también se conoce la fortaleza" (García Figueras, 1941, p. 7) e transcrevendo, em nota de rodapé, um excerto de Mármol Carvajal, conclui,

of the walls of the fortress of La Graciosa at 'Gezira' – Lucus river – Jolot *kabila*, Quehan-na village" in his text and could not be clearer in stating his conviction that the archaeological works "have completely confirmed the certainty that he already had about its location" (García Figueras, 1941, p. 7).

Shortly afterwards, a renowned Spanish military officer, Antonio Yuste, using numerous details collected through direct observation of the banks of the Lucus river, suggested, although in a less assertive tone, what appears to be roughly the same location (Yuste, 1942, p. 672-673, 683-686, 692 and 694).

It would seem that the matter was definitively settled: the hypothesis put forward by David Lopes was not only widely shared, but also, following García Figueras' publication reporting the presence of material remains of the fortress, its exact location seemed to be confirmed. In fact, this can be inferred from more than one recently published reference work, such as, for example, the *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI*, where the author, when stating that the fortress was built "on an island of the Lucus river, about ten kilometres upstream, called Gezira", situates it precisely in the location identified by García Figueras (Correia, 2008, p. 319).

However, although we must admit that this is undoubtedly a plausible proposal, the way in which García Figueras supports it, on the contrary, incorporates some weaknesses which must be given some consideration. In this regard, let's see what the author tells us about the subject in a particularly revealing passage:

Much has been said about the exact location of the fortress of La Graciosa or La Gezira and, as we shall now say, unnecessarily. David Lopes compiles, in a note to one of the passages of the Cronica de Bernardo Rodrigues, the different opinions (Leo Africanus, Mármol y Carvajal, Rui de Pina, Braamcamp, Reclus and even Rodrigues himself), more or less erroneous, about the geographical location of the fortress of La Graciosa, but the truth is that a part of the walls of the building, made but not finished, has reached our days and is perceptible on the surface; therefore, it was not really necessary to discover these remains. (García Figueras, 1941, p. 7)

A little further on, he adds "These remains are marked on the croquis and related to the name Gezira (island) by which the fortress is also known" (García Figueras, 1941, p. 7). Moreover, and transcribing, in a footnote, an extract from Mármol Carvajal, the author concludes, as we have said, that this fortress was probably raised on what might have been an island, but no longer was by then.

como já dissemos, que a dita fortaleza terá sido erguida no que pode ter sido uma ilha, mas que então já não o era.

Ou seja, dito por outras palavras, o autor coloca em situação de paridade outros autores, fontes coevas e tardias, testemunhos de quem viu a fortaleza ou de quem apenas ouviu falar dela e, perante aquilo que entende serem insanáveis discrepâncias no que concerne à distância entre a dita fortaleza e o Oceano, descarta tudo o que registam – com exceção da menção de Mármol Carvajal, que reproduz Leão Africano, segundo o qual a fortaleza fora erguida numa ilha, *Gezira* –, sustentando tal opção na identificação de “parte de los muros de la edificación” (García Figueras, 1941, p. 7).

Na verdade, não fora as provas aduzidas pelo autor para sustentar a identificação dos vestígios materiais encontrados com os da Graciosa serem, em nosso entender, manifestamente insuficientes, poder-se-ia dizer que a sua opção era, de algum modo, aceitável. O problema reside precisamente no facto do autor dar o assunto por encerrado com base em escavações empreendidas por César Luis de Montalbán y Mazas, arqueólogo cujo relatório nunca viu a luz do dia, sem que saibamos se foram encontrados materiais que confirmem uma identificação para a qual apenas concorrem algumas fotografias e um croquis da estrutura escavada.

Para além de não apresentar provas que sustentem, de uma forma clara, a sua identificação dos ditos vestígios materiais como sendo da Graciosa, convirá notar que aquilo que descreve não parece ajustar-se, de modo algum, ao que sobre a referida fortaleza nos dizem duas fontes coevas, designadamente a *Chronica del Rey D. João II* de Rui de Pina e uma carta enviada por D. João II ao Papa Inocêncio VIII sobre a questão da Graciosa, datada de 21 de setembro de 1489. Assim, se na primeira, Rui de Pina, referindo-se à vila e fortaleza, diz que esta foi construída “com fundamentos de pedra, e cal, e nos mais de valos, e fortes paliçadas de madeira” (Pina, 1977a, p. 957), na segunda, ainda mais clara, o seu autor afirma: “Nous avions donc commencé, avec la plus grand rapidité, à construire le château et une palissade de bois, – un fossé étant creusé et les fondations de pierre étant pour une certaine partie achevées –, car la brièveté du temps n’avait pas permit d’accomplir une oeuvre plus considérable” (De Witte, 1958, p. 95 e 98). Em suma, os testemunhos aduzidos sugerem claramente que a construção da fortaleza apenas incluiu pedra e cal nos alicerces, o que, não correspondendo ao que nos diz e se pode observar nas fotografias que García Figueras apresenta, aponta – para não dizer mais – para a possibilidade de ter existido uma nítida precipitação na identificação dos vestígios materiais encontrados como sendo da Graciosa.

Uma das questões que mais suscitou discussão e que condicionou sobremaneira sucessivas propostas em torno da localização da Graciosa – assunto que

In other words, the author refers, on equal terms, to other authors, contemporaneous and later sources, testimonies of those who saw the fortress and those who only heard about it. Moreover, in view of what he believes to be insurmountable discrepancies regarding the distance between the fortress and the Ocean, he discards all sources – except Mármol Carvajal, who follows Leo Africanus, according to whom the fortress was built on an island, *Gezira* – and claims that this possibility is supported by the identification of “part of the building's walls” (García Figueras, 1941, p. 7).

Actually, aside from the evidence adduced by the author to support the identification of the material remains found as the vestiges of Graciosa, which is obviously insufficient, in our opinion, one could say that his hypothesis is somehow acceptable. The problem lies precisely in the fact that the author settles the matter on the basis of excavations carried out by César Luis de Montalbán y Mazas, an archaeologist whose report was never published. Therefore, it is not known whether materials have been found that can confirm an identification solely supported by some photographs and a croquis of the excavated structure.

Besides the lack of evidence to clearly support his identification of the said material remains as vestiges of Graciosa, what Figueras describes does not seem to match the information from two coeval sources at all: the *Chronica del Rey D. João II* by Rui de Pina and a letter sent by King João II to Pope Innocent VIII on the subject of Graciosa, dated September 21st, 1489. Rui de Pina, referring to the town and fortress, states that it was built “on foundations made of stone and lime, with ditches and strong wooden stockades” (Pina, 1977a, p. 957). The king, in his turn, states even more clearly that “We had therefore begun, as quickly as possible, to build the castle and a wooden stockade. A ditch was dug and the stone foundations were partly completed; a more substantial work could not be achieved in such a short time” (De Witte, 1958, p. 95 and 98). In short, the testimonies clearly suggest that the construction of the fortress only included stone and lime in the foundations, which does not match what García Figueras describes and can be seen in the photographs he includes. This suggests the possibility of a hasty identification of the material remains found as the vestiges of Graciosa, to say the least.

One of the most debated issues, which has significantly conditioned a series of subsequent proposals on the location of Graciosa – a subject that also received much attention from García Figueras –, is Leo Africanus’ mention of the fact that the fortress was built on an island. Referring to this island, this author from Granada said: “*Gezira è vn'Isola nella gola del fiume Luccus; doue il detto fiume entra nell'oceano, lontana dal mare circa à dieci miglia & discosta da Fez cento miglia*” (Africano, 1550, fl. 51-51v). The same can be read in the first French edition of this work, with only one difference, which sets the distance between

também mereceu larga atenção de García Figueras – prende-se com o facto de Leão Africano fazer menção a que a fortaleza foi erguida numa ilha. Ao referir-se à dita ilha, o autor granadino diz: “Gezira è vn’Isola nella gola del fiume Luccus; doue il detto fiume entra nell’oceano, lontana dal mare circa à dieci miglia & discosta da Fez cento miglia” (Africano, 1550, fl. 51-51v). O mesmo se pode ler na primeira edição francesa da referida obra, com uma única diferença, esta fixa a distância entre a ilha e o mar em apenas “deux mile” (African, 1556, p. 194). Alguns anos mais tarde, Mármol Carvajal – autor que, como é sabido, utilizou abundantemente o anterior –, diz-nos: “En Medio del rio Lucus tres leguas del mar Oceano Herculeo, y treinta de la ciudad de Fez, esta vna Isla cercada del agua de aquel rio por todas as partes, llamada el Gezira, que los Portugueses la llaman la Graciosa” (Mármol Carvajal, 1573, fl. 113).

Em qualquer caso, esquecendo por agora a ambiguidade do testemunho de Leão Africano ao situar a ilha na embocadura do rio e, ao mesmo tempo, a *dieci miglia* do mar, eliminada por Mármol ao transferi-la para o *medio del rio Lucus*, ambos os autores são unânimes ao afirmarem que a Graciosa foi erguida numa ilha, *Gezira*. A este propósito, convirá assinalar, em primeiro lugar, que nenhuma fonte portuguesa, coeva ou tardia, faz menção a semelhante particularidade, o que se afigura, desde logo, deveras inusitado. Em segundo lugar, impõe-se também destacar, como já notou David Lopes – embora aparentemente ninguém lhe tenha dado crédito – *Gezira*, em árabe, pode significar duas coisas, ilha ou península (Lopes, 1931, p. 450). Nestas circunstâncias, se as fontes portuguesas não registam essa particularidade e, por outro lado, se o referido vocábulo – ou seja, *djazirat* – pode ter ambas as aceções (Lane, 1968, II, p. 419; Marcel, 1885, p. 315), dir-se-ia que não só encontrar a tão almejada ilha se revela completamente irrelevante como não podemos deixar de sugerir que a fortaleza pudesse, afinal, ter sido erguida numa península. Aliás, podemos ainda acrescentar, tal hipótese afigura-se tanto mais razoável quanto, desde logo, parece ajustar-se aos particularismos da paisagem que se espria ao longo das margens do baixo Lucos, paisagem marcada por terras baixas e alagadiças. Por outro lado, isso mesmo também parece ajustar-se melhor à notícia, veiculada por Rui de Pina, Leão Africano e Mármol Carvajal, segundo a qual Mulei Xequê, face ao dano causado pela artilharia portuguesa, entendeu ser preferível guardar uma maior distância, montando o cerco fora do alcance desta, o que pressupõe, de algum modo, que os portugueses ocupavam uma posição altaneira, incompatível com a de uma qualquer ilha algures no curso do rio (Pina, 1977a, p. 958; Africano, 1550, fl. 51v; Mármol Carvajal, 1573, fl. 113).

Como outros autores já assinalaram, as fontes disponíveis apresentam notórias discrepâncias no que concerne à distância entre o local onde foi erguida a Graciosa e o mar. Rui de Pina e Garcia de Resende,

the island and the sea at only “deux mile” (Africano, 1556, p. 194). A few years later, Mármol Carvajal – who, as is well known, made extensive use of Africanus' wittings – wrote: “En Medio del rio Lucus tres leguas del mar Oceano Herculeo, y treinta de la ciudad de Fez, esta vna Isla cercada del agua de aquel rio por todas as partes, llamada el Gezira, que los Portugueses la llaman la Graciosa” (Mármol Carvajal, 1573, p. 113).

In any case, and forgetting for the time being the ambiguity of Leo Africanus' testimony which situates the island at the mouth of the river and, at the same time, *dieci miglia* away from the sea (which Marmol ignores as he situates the island in the middle of the Lucus river), both authors agree that Graciosa was built on an island, *Gezira*. In this regard, we would point out, first of all, that no Portuguese source, whether contemporaneous or later, mentions such a particularity, which is obviously quite unusual. Secondly, as already stated by David Lopes – although apparently no one heeded him –, *Gezira*, in Arabic, can mean two things, island or peninsula (Lopes, 1931, p. 450). In these circumstances, if Portuguese sources do not record this particularity and if, on the other hand, the word *djazirat* can have both meanings (Lane, 1968, II, p. 419; Marcel, 1885, p. 315), it would appear that finding that much desired island is completely irrelevant. Moreover, we cannot refrain from suggesting that the fortress could, after all, have been built on a peninsula. Actually, we might add that this hypothesis seems all the more reasonable because it appears to match the particularities of the landscape that spreads along the banks of the lower Lucus, a countryside characterized by lowlands and floodplains. On the other hand, this also seems to better match the information provided by Rui de Pina, Leo Africanus and Mármol Carvajal, according to whom Muhammad al-Shaykh, faced with the damage caused by Portuguese artillery, considered it preferable to keep a greater distance, laying the siege beyond its range of fire, which would imply, in some way, that the Portuguese occupied an elevated position, incompatible with any island located somewhere along the river (Pina, 1977a, p. 958; Africano, 1550, fl. 51v; 1573, fl. 113).

As other authors have already pointed out, the available sources reveal striking discrepancies regarding the distance between the place where Graciosa was built and the sea. Rui de Pina and Garcia de Resende only mention that it was built “polo Rio acima de Larache” (Pina, 1977a, p. 957) and that the famous stockade was placed “em huma parte do Rio, que abaixo da Villa se vadeava” (Pina, 1977a, p. 958), without referring to distances. As we have seen before, the work of Leo Africanus includes two different figures: in the *editio princeps*, published in Venice, as in most of the subsequent ones, one can read *dieci miglia* and in the first French edition, as in the following ones in this language, *deux mile*. As we also saw before, Mármol Carvajal locates the fortress at a distance of three *léguas* from the sea. Bernardo Rodrigues, an author whose testimony is particularly relevant because he visited Graciosa more than once, as already mentioned

fazendo apenas menção a que esta foi erguida “polo Rio acima de Larache” (Pina, 1977a, p. 957) e que a célebre estacada foi colocada “em huma parte do Rio, que abaixo da Villa se vadeava” (Pina, 1977a, p. 958), nada dizem a esse respeito. Como vimos antes, a obra de Leão Africano ostenta duas lições distintas, na *editio princeps*, publicada em Veneza, tal como na maioria das subseqüentes, pode ler-se *dieci miglia* e na primeira edição francesa, tal como as seguintes nesta língua, *deux mile*. Como também vimos antes, Mármol Carvajal localiza-a a *tres leguas del mar*. Bernardo Rodrigues, autor cujo testemunho é de destacar pois este, como já notou David Lopes, esteve mais que uma vez no local, faz referência clara ao “castelo ou vila que o dito Dom João mandou fazer três legoas acima polo rio de Larache e outras três d’Alcacere Quebir” (Rodrigues, 1915, I, p. 495).

Aos testemunhos identificados antes, podemos ainda acrescentar um outro que, não sendo coevo, está relativamente próximo dos acontecimentos. Neste, uma carta de Nuno Fernandes de Ataíde a el-rei D. Manuel, datada de Safim, 17 de agosto de 1515, a propósito do episódio da Mamora, o capitão de Safim diz: “lembro a Vosallteza que fez el rey Dom João, que Deos aja, a Graceosa, duas leguoas gramdes da barra” (Cenival, 1934b, p. 733).

Em suma, apresentando as distâncias fornecidas pelos diferentes testemunhos, do mais antigo para o mais moderno, podemos distinguir o seguinte: o de Nuno Fernandes de Ataíde, fixa o local da Graciosa a duas léguas grandes da barra, Bernardo Rodrigues a três léguas, Leão Africano, numa edição a dez milhas e noutra a duas e, finalmente, Mármol Carvajal a três léguas.

Como dissemos antes, ao incluir a menção a que a fortaleza portuguesa fora construída na embocadura do rio, localizando-a, na sua primeira edição, a dez milhas do mar, o testemunho de Leão Africano incorpora uma evidente ambiguidade. Pelo contrário, se seguirmos a primeira edição francesa, que a localiza a duas milhas, a referida incongruência dilui-se por completo. Nestas circunstâncias, não podemos deixar de sugerir, não obstante isso significar pôr de lado a versão da *editio princeps*, que a leitura a adotar deverá ser antes duas milhas. Então, podemos inferir da leitura de Leão Africano, que a fortaleza teria sido erguida a cerca de duas milhas do mar, quer dizer, assumindo que o autor se refere à milha mediterrânica, a cerca de três quilómetros do mar (Marques, 2001, p. 61), o que significa que a mesma teria sido levantada algures próximo do promontório a que os portugueses, no final do século XV, chamavam *Xamez*.

Curiosamente, uma representação cartográfica da região de Larache, datada do início do século XVII, assinala no estuário do mencionado rio três ilhas, sobre as quais a respetiva legenda diz o seguinte: “I, Hé hũ Paul areozo que se cobre com a enchente da maré; K, Hé húa Ilha em a qual com pouquo custo se podem fa-

by David Lopes, makes a clear reference to the “castelo ou vila que o dito Dom João mandou fazer três legoas acima polo rio de Larache e outras três d’Alcacere Quebir” (Rodrigues, 1915, I, p. 495).

The above referred testimonies can be reinforced by another one, which, although not coeval, is relatively close to the events. This is a letter on the subject of the Mamora incident, from Nuno Fernandes de Ataíde to King Manuel, dated from Safi, August 17th 1515, in which the captain of Safi wrote: “lembro a Vosallteza que fez el rey Dom João, que Deos aja, a Graceosa, duas leguoas grandes da barra” (Cenival, 1934b, p. 733).

In short, by listing the distances indicated by the different testimonies, in chronological order, we can see the following: Nuno Fernandes de Ataíde sets Graciosa's location at two *léguas grandes* from the river mouth, Bernardo Rodrigues at three *léguas*, Leo Africanus at ten miles in one edition and at two in another and, finally, Mármol Carvajal at three *léguas*.

As we said before, the testimony of Leo Africanus incorporates a clear ambiguity by mentioning that the Portuguese fortress was built at the mouth of the river, situating it ten miles away from the sea in the first edition. On the contrary, if we follow the first French edition, where the fortress is situated two miles away from the sea, this inconsistency will be completely diluted. In these circumstances, we would suggest that the reading to be adopted should be two miles rather than ten, although this would entail setting aside the version of the *editio princeps*. In this case, one could infer from the reading of Leo Africanus, that the fortress would have been built about two miles from the sea, i.e. about three kilometres from the sea, assuming that the author refers to the Mediterranean mile (Marques, 2001, p. 61), which means that it would have been built somewhere near the promontory referred to by the Portuguese as *Xamez*, by the end of the 15th century.

Interestingly, a cartographic representation of the Larache region, dating back to the early 17th century, shows three islands in the estuary of the river; the respective legend reads: “I, Hé hũ Paul areozo que se cobre com a enchente da maré; K, Hé húa Ilha em a qual com pouquo custo se podem fazer marinhas;” and, a little further on, “O, He húa Ilha grande onde se podem fazer marinhas;” (Farinha, 1987, p. 163-164). Some centuries later, Charles Joseph Tissot, observing the same region, identified three peninsulas, which seem to correspond to the islands of the aforementioned cartographic representation, which he calls, respectively: *El-Khlidj* or the Estuary, *Tchemmich* and *Sidi Oueddar* (Tissot, 1877, p. 76). In the same work, when characterizing the landscape of two of these peninsulas, *Tchemmich* and *El-Khlidj*, the author not only confirms what the cartographic representation already revealed but also makes it clear that in no case could the Portuguese have chosen such

zer marinhas;” e, um pouco mais à frente, “O, He húa Ilha grande onde se podem fazer marinhas;” (Farinha, 1987, p. 163-164). Alguns séculos volvidos, Charles Joseph Tissot, observando a mesma região, identificou três penínsulas, as quais parecem corresponder às ilhas que constam da representação cartográfica antes mencionada, a que chama, respetivamente: de *El-Khlidj* ou do Estuário, de *Tchemmich* e de *Sidi Oueddar* (Tissot, 1877, p. 76). Na mesma obra, ao caracterizar a paisagem de duas dessas penínsulas, de *Tchemmich* e de *El-Khlidj*, não só confirma o que a representação cartográfica já revelava como torna claro que, em caso algum, os portugueses poderiam ter escolhido semelhante local para construir uma vila e fortaleza. Aliás, noutra obra publicada no ano anterior, referindo-se ao que outros autores ou a tradição popular diziam sobre a presença de uma fortaleza portuguesa numa dessas ilhas, já Charles Tissot assinalava:

C'est également par erreur qu'on a identifié l'île, ou plutôt la presqu'île qui existe aujourd'hui à l'embouchure du Loukkos, presque au-dessous d'El'Arâich, et à laquelle les indigènes, ainsi qu'on l'a vu plus haut, donnent le nom de El Khlidj, à l'île que les Portugais tentèrent d'occuper. (Tissot, 1876, p. 27)

Em qualquer caso, tal localização não é compatível com tudo o que sabemos sobre o episódio da Graciosa, designadamente sobre a situação insustentável a que os portugueses se viram reduzidos quando a fortaleza foi cercada e estes se viram impedidos de receber o socorro da frota, a qual, pela designação que lhe foi atribuída – de Xamez – e pelo que sabemos sobre as condições naturais do estuário do rio Lucos, deve ter pousado, precisamente, nas imediações da antiga *Lixus*, ou seja, a uma légua da barra (Coelho, 1943, p. 302-303; Pereira, 1991, p. 571). Enfim, sendo assim, não podemos deixar de classificar o testemunho de Leão Africano, no que concerne à localização da fortaleza, como inverosímil.

Então, reduzidos agora às restantes fontes, os dados que estas oferecem apontam para que a Graciosa tivesse sido erguida, algures nas margens do rio Lucos, a uma distância superior a duas léguas e inferior a três, contadas a partir da barra, quer isto dizer, algures entre 13 a 19 quilómetros do mar (Marques, 2001, p. 61). Aliás, em caso algum, mais para montante pois, como podemos retirar de uma célebre descrição de Marrocos, dos finais do século XVI, era esse o limite onde chegava a maré (Anónimo, 1909, p. 55).

Para além de identificar a distância, em termos absolutos, a que a fortaleza se encontrava do mar, Bernardo Rodrigues, como vimos antes, também regista que a mesma foi construída a meio caminho entre a foz do rio Lucos e Alcácer Quibir, quer dizer, segundo o mesmo autor, a três léguas desse bastião militar (Rodrigues, 1915, I, p. 495).

a place to build a town and fortress. Incidentally, in another work published in the previous year, referring to what other authors or popular tradition said about the presence of a Portuguese fortress on one of these islands, Charles Tissot had already pointed out:

C'est également par erreur qu'on a identifié l'île, ou plutôt la presqu'île qui existe aujourd'hui à l'embouchure du Loukkos, presque au-dessous d'El'Arâich, et à laquelle les indigènes, ainsi qu'on l'a vu plus haut, donnent le nom de El Khlidj, à l'île que les Portugais tentèrent d'occuper. (Tissot, 1876, p. 1). 27)

In any case, such a location is not compatible with everything we know about the Graciosa incident, particularly about the unsustainable situation of the Portuguese when the fortress was besieged and they were prevented from receiving help from the fleet, which, on account of its designation – *Xamez* – and of what we know about the natural conditions of the Lucus river estuary, must have landed in the vicinity of the ancient city of *Lixus*, ca. one *légua* from the river mouth (Coelho, 1943, p. 302-303; Pereira, 1991, p. 571). Hence, we must consider the testimony of Leo Africanus as implausible, as far as the location of the fortress is concerned.

Thus, and as we are now limited to the other sources, the data they provide indicate that Graciosa was probably built somewhere on the banks of the Lucus river, at a distance of more than two and less than three *léguas*, counted from the river mouth, that is, somewhere between 13 and 19 kilometres away from the sea (Marques, 2001, p. 61). In any case, by no means further upstream because, as we can gather from a famous description of Morocco in the late 16th century, this was the limit reached by the tide (Anónimo, 1909, p. 55).

Besides identifying the distance between the fortress and the sea, in absolute terms, Bernardo Rodrigues, as we saw before, also mentions that it was built halfway between the mouth of the river Lucus and Ksar el-Kebir, that is, according to the same author, three *léguas* from this military bastion (Rodrigues, 1915, I, p. 495).

Under these circumstances, although we have to consider that the distances mentioned by the sources must of course be estimations and, on the other hand, that they were probably calculated by following the course of the river – which has apparently changed over time – one may, in any case, try to define an area where the fortress is likely to have been built up. This area, in view of the above referred data and in broad terms, should be situated between two points of reference: the *Sīdī Mubārak* mausoleum (35° 9' 49" N and 6° 4' 58" W) and, upstream, the small salient where García Figueras locates Graciosa (35° 7' 49" N and 6° 2' 41" W). Regarding the latter reference point, it is interesting to suggest that the location identified by García Figueras may be related not only to the configuration of the space –

Nestas circunstâncias, muito embora tenhamos que considerar que as distâncias registadas nas fontes não podem deixar de ser, naturalmente, aproximadas e, por outro lado, que as mesmas terão sido calculadas seguindo o curso do rio – o qual, tudo aponta, sofreu alterações –, não podemos, em todo o caso, deixar de definir uma mancha de território onde é provável que a fortaleza tenha sido erguida. Esta mancha, face aos dados apresentados, deverá corresponder, *grosso modo*, aquela que se situa entre dois pontos de referência: o mausoléu de Sīdī Mubārak (35° 9' 49" N e 6° 4' 58" O) e, para montante, a pequena saliência onde García Figueras diz ter sido o lugar da Graciosa (35° 7' 49" N e 6° 2' 41" O). A propósito deste último ponto de referência, afigura-se interessante sugerir que a identificação de García Figueras possa estar relacionada não só com a configuração do espaço – uma ilha, "aunque en la actualidad no lo sea" (Figueras, 1941, p. 7) – mas também com o facto do mesmo, calculando a distância em linha reta, se situar, mais ou menos, a três léguas de distância de Alcácer Quibir, o que vai ao encontro do testemunho de Bernardo Rodrigues.

Como David Lopes já assinalou, tratando-se de identificar o lugar da Graciosa, o autor dos *Anais de Arzila* não se limita a indicar distâncias, a outro respeito, aqui e ali, fornece alguns dados que podem contribuir para essa identificação. Com efeito, descrevendo o território, Bernardo Rodrigues diz: "Pois esta ribeira, que corre polo pé desta serra [Benagorfate] e a aparta das outras, vai até se meter na ribeira da Ponte, e decendo por ela, que é asaz grande, vai entrar no rio de Larache, donde foi a Graciosa" (Rodrigues, 1915, I, p. 96). Um pouco mais à frente, a propósito de uma ação militar portuguesa na região, acrescenta: "afastando-se dos caminhos, se foi por antre o Zambujal e Alfandux, e polo pé de Taurete foi amanhecer no Funchal, abaixo da Ponte, sobre a Graciosa, e, pondo atalaias sobre si, dava vista á Ponte e á estrada d'Alcacere;" (Rodrigues, 1915, I, p. 204). Finalmente, podemos ainda assinalar, referindo-se a um cativo que fugira ao alcaide de Alcácer Quibir e à perseguição que este lhe moveu, regista: "Tanto que as guardas o acháram menos e dérão rebate ao alcaide, saio logo até a Ponte, tres legoas d'Alcacere, e não achando por todo o rio da Ponte rasto de ser passado, pôs muitas guardas por toda aquela ribeira da Graciosa até Algarrafa" (Rodrigues, 1915, I, p. 233).

A análise daquilo que Bernardo Rodrigues nos diz e a sua comparação com mapas modernos, diz-nos, desde logo, algo que já sabíamos, que a Graciosa se situava para jusante da confluência entre o rio da Ponte (*Makhāzin*) e o rio Lucos. Para além disso, o autor faz menção a que os cavaleiros portugueses, tendo passado nas imediações de Taurete [Tāūrāt], foram amanhecer no "Funchal, abaixo da Ponte, sobre a Graciosa". Ora bem, a este propósito, afigura-se interessante notar que num mapa, produzido pela *Comisión del Cuerpo de E.M. del Ejército*, intitulado *Croquis del Imperio de Marruecos: Larache y Alcazar*, impresso em Madrid, pela Zincografía del Depósito

an island, "even if it no longer is one" (Figueras, 1941, p. 7) – but also to the fact that, calculating the distance in a straight line, it is situated some three *léguas* away from Ksar el-Kebir, which is consistent with Bernardo Rodrigues' testimony.

As David Lopes has already pointed out, when it comes to identifying the location of Graciosa, the author of the *Anais de Arzila* not only indicates distances but also provides, here and there and concerning other matters, some data that can contribute to this identification. In fact, when describing the territory, Bernardo Rodrigues states: "Pois esta ribeira, que corre polo pé desta serra [Benagorfate] e a aparta das outras, vai até se meter na ribeira da Ponte, e decendo por ela, que é asaz grande, vai entrar no rio de Larache, donde foi a Graciosa" (Rodrigues, 1915, I, p. 96). A little further on, regarding a Portuguese military action in the region, he adds: "afastando-se dos caminhos, se foi por antre o Zambujal e Alfandux, e polo pé de Taurete foi amanhecer no Funchal, abaixo da Ponte, sobre a Graciosa, e, pondo atalaias sobre si, dava vista á Ponte e á estrada d'Alcacere;" (Rodrigues, 1915, I, p. 204). And finally, referring to the persecution of a captive who had fled from the alcaide of Ksar el-Kebir: "Tanto que as guardas o acháram menos e dérão rebate ao alcaide, saio logo até a Ponte, tres legoas d'Alcacere, e não achando por todo o rio da Ponte rasto de ser passado, pôs muitas guardas por toda aquela ribeira da Graciosa até Algarrafa" (Rodrigues, 1915, I, p. 233).

The analysis of what Bernardo Rodrigues reports and the comparison with modern maps seems to confirm something we already knew, that Graciosa was located downstream of the confluence of the Ponte river (*Makhāzin*) with the Lucus river. Moreover, the author mentions that the Portuguese knights, having passed near *Taurete* [Tāūrāt], were in "Funchal, abaixo da Ponte, sobre a Graciosa" at dawn. In this regard, it is interesting to note that in a map produced by the *Comisión del Cuerpo de E.M. del Ejército*, entitled *Croquis del Imperio de Marruecos: Larache y Alcazar*, printed in Madrid by the Zincografía del Depósito de la Guerra in 1906, the identification of another tributary of the Lucus river, not far from the Sīdī mausoleum, reads: *Jolch del Kantara de Amar*. The mention of a stream, explicitly designated as the Ponte de Amar stream, which appears to correspond to what modern maps designate as the Bou Safi river, suggests that there was a bridge in it, not far from Taurete. This seems to indicate a scenario that places Graciosa between this river and the Ponte river (Figuigui, 2010, p. 78). Lastly, the reference made by Bernardo Rodrigues, on more than one occasion, to a "ribeira da Graciosa", a name that the author clearly relates to the fortress, seems to match the existence of a watercourse between the two above mentioned streams, i.e. it seems to match what is shown in the aforementioned *Croquis* under the designation of *Jolch Sibara* or *Jolch Talaa*, in the present-day cartography of the Tala river.

de la Guerra, em 1906, não muito longe do mausoléu de Sīdī Mubārak, identificando um outro afluente do Lucos, se possa ler: *Jolch del Kantara de Amar*. A menção a uma ribeira, explicitamente designada como da Ponte de Amar, a qual se afigura corresponder ao que em mapas modernos surge como o rio Bou Safi, sugerindo que na mesma existia uma ponte, não muito longe de Taurete, parecem então apontar para um cenário que situa a Graciosa entre este rio e o rio da Ponte (Figuigui, 2010, p. 78). Finalmente, a referência de Bernardo Rodrigues, em mais que uma ocasião, a uma "ribeira da Graciosa", nome que o autor relaciona claramente com a fortaleza, parece então ajustar-se a um curso de água entre os dois mencionados antes, quer isto dizer, ao que no *Croquis* supracitado aparece registado com o nome de *Jolch Sibara* ou *Jolch Talaa*, na actual cartografia rio Tala.

Assim, se a análise daquilo que dizem as fontes disponíveis, tratando-se de identificar distâncias, conduziu à definição de uma mancha de território onde é provável que a Graciosa tivesse sido erguida, a análise do testemunho de Bernardo Rodrigues permitiu definir uma outra que, começando mais para montante, se intersecta com a anterior numa saliência nas margens do rio Lucos, nas imediações da qual, sugerimos, se localizaria a ribeira da Graciosa. Nestas circunstâncias, não podemos deixar de reconhecer que, afinal, a intuição de García Figueras não o enganou e que, com razoável probabilidade, os vestígios da Graciosa não deverão estar muito longe do local identificado por ele, o que, naturalmente, só poderá ser comprovado, em momento oportuno, através de trabalho a desenvolver por arqueólogos.

Enfim, pensamos que se afigura ainda interessante assinalar que num mapa espanhol, intitulado *Mapa del norte de Marruecos (Larache)*, produzido pelo Servicio Geográfico del Ejército em 1951, tal como no *Croquis* supracitado, se possa ler, precisamente no local identificado: Es Suiar, ou seja, o que parece ser uma corruptela da forma local *al-ṣwira* (em árabe literal *al-suwayra*) por outras palavras, pequena fortaleza (Marcel, 1885, p. 415; Lane, 1968, IV, p. 1464-1465).

*

Contrariamente à ideia veiculada por grande parte da historiografia consagrada à política marroquina de D. João II, a sua vertente militarista não se confinou ao episódio da Graciosa. É certo ter tido este sucesso contornos singulares que o demarcam de outras iniciativas armadas levadas a cabo pelos seus antecessores. Referimo-nos ao seu objetivo, à duração do empreendimento (cerca de seis meses), à sucessão de armadas enviadas e ao envolvimento pessoal do próprio rei. Singularidades que explicam, em última análise, ter D. João II escrito uma longa carta ao papa Inocêncio VIII, fazendo-lhe um relato conciso de todo o sucesso e seu desenlace (De Witte, 1958, p. 95-100).

Thus, if the analysis of what is conveyed by available sources, when it comes to identifying distances, led to the definition of an area where Graciosa was likely raised, the analysis of the testimony of Bernardo Rodrigues made it possible to define another area that, starting further upstream, intersects the previous one at a salient on the banks of the Lucos river, in the vicinity of which we would situate the proposed location of the Ribeira da Graciosa. Under these circumstances, one must recognise that García Figueras' intuition did not deceive him after all and that, with reasonable probability, the remains of Graciosa should be located too not too far from the place identified by him, which, of course, can only be proven through work to be performed by archaeologists, in due time.

Finally, we believe that it is also interesting to note that a Spanish map entitled *Mapa del norte de Marruecos (Larache)*, produced by the Servicio Geográfico del Ejército in 1951, shows, just like the aforementioned *Croquis* and precisely at the identified location, the toponym Es Suiar, which seems to be a corruption of the local form *al-ṣwira* (*al-suwayra* in literal Arabic) in other words, small fortress (Marcel, 1885, p. 415; Lane, 1968, IV, p. 1464-1465).

*

As opposed to the idea conveyed by a large part of the historiography devoted to the Moroccan politics of King João II, its militaristic dimension was not limited to the Graciosa incident. Indeed, this event has some unique features that distinguish it from other armed initiatives carried out by the king's predecessors. We are referring to its objective, the duration of the enterprise (about six months), the succession of armadas dispatched and the personal involvement of the king himself. These singularities ultimately explain why King João II wrote a long letter to Pope Innocent VIII, providing him with a concise account of the whole event and its outcome (De Witte, 1958, p. 95-100).

These justifications were required, in view of the pecuniary advantages obtained through the concession of the already mentioned *Ortodoxae Fidei* papal bull of February 18th, 1486. In addition to the direct or indirect participation of his subjects in the war against the "infidels", the king was entitled to a financial contribution from them. For this purpose, a graduated taxation system was established, similar to the one designed to help the Catholic Kings finance the war on Granada. Moreover, exclusivity was granted in order to enhance the effects, i.e. all other indulgences were suspended for three years (Rego, 1971, p. 681-698).

This papal bull reproduces the reasons invoked to the royal request, by stating the Portuguese king's intention to continue the war in North Africa, "a qual cousa porventura tentara já de fazer se para isso o não impediram as traições e dissensões e outras muitas diferenças que em seus reinos, depois de suceder no

Justificações que se impunham, tendo em conta as vantagens pecuniárias, usufruídas pela concessão da já citada bula papal *Orthodoxae Fidei* de 18 de fevereiro de 1486. Com efeito, através dela, além da participação pessoal ou por interposta pessoa dos seus súbditos na guerra contra os “inféis”, era-lhe garantida uma contribuição pecuniária dos mesmos. Sendo, neste particular, estabelecida uma tarifação graduada, à semelhança da que fora concebida para ajudar os Reis Católicos a financiar a guerra de Granada. E mais, para melhorar o rendimento, foi ainda concedida a exclusividade, ou seja, todas as outras indulgências foram suspensas por três anos (Rego, 1971, p. 681-698).

Na mesma bula, reproduzindo-se fundamentação de memória justificativa do pedido régio, afirma-se o propósito do rei português prosseguir a guerra no Norte de África, “a qual cousa porventura tentara já de fazer se para isso o não impediram as traições e dissensões e outras muitas diferenças que em seus reinos, depois de suceder no senhorio deles, o diabo inimigo de geração humana intentou” (Rego, 1971, p. 682). Referência explícita aos bem conhecidos problemas políticos internos do início do reinado de D. João II.

Temos, assim, que, em 1487, o rei português manifestava propósito de levar a cabo campanhas militares em Marrocos e a bula papal propiciava-lhe meios consideráveis para o efeito. E é com a chancela desta bula de cruzada que ocorre a tentativa frustrada de construção da fortaleza da Graciosa, mas também outras ações militares. Passaremos a enumerar aquelas que foram de iniciativa régia e preparadas no Reino.

· 1487, em agosto, uma armada de 30 navios, com muitas *taforeias*, 150 cavaleiros e 1 000 de infantaria (besteiros e espingardeiros), sob comando de Diogo Fernandes de Almeida faz uma incursão na região de Anafé, ou seja, na Enxovia, a duas léguas da costa, segundo Bernardo Rodrigues em terra designada Alagoas (cinco léguas a sul de Larache, entre os rios Larache e da Mamora). A esta armada associou-se um certo número de cavaleiros andaluzes. Destruíram e incendiaram vários *aduares*, mataram 900 mouros e recolheram muito despojo, incluindo 400 cativos (Pina, 1977a, p. 942-943; Resende, 1994, p. 254-255), números estes não coincidentes com outras fontes: segundo o autor anónimo andaluz que participou nesta investida, os cativos teriam sido 800 (Cenival, 1934b, p. 3), já Bernardo Rodrigues fica-se por mais de 300 (Rodrigues, 1915, I, p. 351). Esta expedição parece ter tido também um carácter punitivo, visando parte da Enxovia, revoltada contra um senhor da terra, Mulei Befageja [Mawlāy Abū al-Ḥadjdjādī Yūsuf ibn Zayyān, parente próximo de Mulei Xequê] (Adam, 1968, p. 51), com quem D. João II tinha então paz.

· 1488, em junho, preparou-se grande armada em Lisboa, tendo em vista o propósito de D. João II de “fazer guerra mais apertada a África, como sempre era seu desejo, especialmente para aparelhar melhor

senhorio deles, o diabo inimigo de geração humana intentou” (Rego, 1971, p. 682). This is an explicit reference to the well-known internal political problems during the beginning of the reign of King John II.

Therefore, in 1487, the Portuguese king expressed his intention to carry out military campaigns in Morocco and the papal bull provided him with considerable means to do so. And it was under the seal of this crusade bull that the frustrated attempt to build the fortress of Graciosa, but also other military actions, took place. The royal initiatives initiative that were prepared in the Kingdom of Portugal were the following:

· In August 1487, an armada of 30 ships, including many *taforeias*, 150 cavalrymen and 1 000 infantry (crossbowmen and riflemen), under the command of Diogo Fernandes de Almeida made an incursion into the region of Anafé, that is, in Enxovia, two *léguas* from the coast, in a zone known as Alagoas (five *léguas* south of Larache, between the Larache and Mamora rivers), according to Bernardo Rodrigues. A number of Andalusian knights joined this armada. The attackers destroyed and set fire to several *aduares* (ambulatory villages), killed 900 Moors and collected much spoil, including 400 captives (Pina, 1977a, p. 942-943; Resende, 1994, p. 254-255). However, these figures are not consistent with other sources: according to the anonymous Andalusian author who participated in this raid, the captives were 800 (Cenival, 1934b, p. 3) and Bernardo Rodrigues refers to more than 300 (Rodrigues, 1915, I, p. 351). This expedition also seems to have had a punitive character, targeting a part of the Enxovia in rebellion against a local lord, Mulei Befageja [Mawlāy Abū al-Ḥadjdjādī Yūsuf ibn Zayyān, a close relative of Muhammad al-Shaykh] (Adam, 1968, p. 51), with whom King João II was at peace by then.

· In June 1488, a great armada was assembled in Lisbon, in view of the King João II's purpose: “fazer guerra mais apertada a África, como sempre era seu desejo, especialmente para aparelhar melhor o caminho à sua passagem, para que em pessoa se fazia prestes”. Consisting of 500 cavalrymen and 1 000 foot soldiers (crossbowmen and riflemen), it was headed by Fernão Martins Mascarenhas, *capitão dos ginetes*, and Aires da Silva, the *camareiro mor*. However, a part of it would end up being disbanded, when it was known that the Moors had been warned and had fled to safety, taking their belongings with them. The armada was therefore reduced to 30 caravels and *taforeias* and 150 cavalrymen, under the command of Fernão Martins Mascarenhas. The landing was made in Asilah where they were joined by Dom João de Meneses, the captain of Tangiers, and the count of Borba, *frontereiro* in Asilah. This army of 500 *lanças* (each “lança” consisted of a knight armed with a spear and a variable number of fighters on horseback or on foot) and 300 foot crossed the fields of Ksar el-Kebir, penetrating deep inland, as far as a zone where, until then, the Portuguese had

o caminho à sua passagem, para que em pessoa se fazia prestes". Constituída por 500 cavaleiros e 1 000 homens a pé (besteiros e espingardeiros) tinha como chefias Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes, e Aires da Silva, camareiro mor. No entanto, parte dela acabaria por se desarmar, ao saber-se que os mouros, avisados, se tinham posto a salvo com suas fazendas, ficando, por isso, reduzida a 30 caravelas e taforeias e 150 cavaleiros, sob o comando de Fernão Martins Mascarenhas. O desembarque faz-se em Arzila onde se lhes juntaram D. João de Meneses, capitão Tânger, e o conde Borba, fronteiro em Arzila. Com um exército de 500 lanças (cada lança compreendia um cavaleiro armado de lança e um número variável de combatentes a cavalo ou a pé) e 300 homens de infantaria vão correr o campo de Alcácer Quibir, avançando bem para interior até zona aonde, até então, os portugueses nunca tinham ousado penetrar. Aí, atacam uma aldeia grossa, matando muitos mouros e recolhendo 250 cativos, muito gado, bestas, prata e infinito despojo (Pina, 1977a, p. 950-951; Resende, 1994, p. 266-267).

· 1490, antes da Páscoa, uma armada 50 velas, bem provida de gente, cavalos e armas, sob chefia de D. Fernando de Meneses, filho maior do marquês de Vila Real, parte do Algarve com missão de desmontar o estratagema de Alle-Barraxa [*‘Alī ibn Rāshid*], senhor dos Gomara [*Ghumāra*], para se apoderar de Ceuta. Em Gibraltar, soube D. Fernando não ir avante a intenção de Barraxa e resolve, então, de acordo com seu irmão D. António, capitão de Ceuta, ir sobre a vila de Targa. Juntando-se a ele navios de Castela e Ceuta, num total de 2 000 homens. Os habitantes de Targa, à vista da frota portuguesa, acolheram-se às serras, sendo, por isso, a vila tomada sem grande resistência, derrubada e queimada. Além do muito despojo saqueado, foram recolhidos alguns cativos cristãos, uns foram diretamente para Castela e trinta outros foram transportados na frota que rumou para Ceuta. Nesta praça, D. Fernando concerta-se com os capitães de Alcácer Ceguer e Tânger, decidindo atacar Camice [*Sūk al-Khamīs*] (Ricard, 1955c, p. 77-78), povoação muito forte e constituída por vários lugares ou *kaṣbā* (Lane, VII, p. 2530), situado em ásperas serras, nunca atacado pelos cristãos, à qual, por isso, os mouros chamavam "Encantado". As forças reunidas – 400 a cavalo e 1 200 a pé – partem de Alcácer Ceguer. Não tendo deparado com grande resistência, arrasam e queimam a povoação e matam 400 mouros, após o que retornam a Alcácer com cerca de 100 cativos e um despojo de muito gado, roupas e outras coisas (Pina, 1977a, p. 962-964; Resende, 1994, p. 304-306).

As expedições relevadas, todas elas razias, expressam uma das dimensões mais características da expansão portuguesa em Marrocos. Com estas ações bélicas, visava-se, pela atemorização, desgastar as forças locais e neutralizar possíveis veleidades de ameaça aos espaços diretamente controlados pelos portugueses ou de sublevação daqueles que deles eram tributários. Uma estratégia de atuação, diga-se, validada pelo poder

never dared to penetrate. There, they attacked a large village, killing many Moors and capturing 250 captives, much cattle, beasts, silver and infinite plunder (Pina, 1977a, p. 950-951; Resende, 1994, p. 266-267).

· Before the Easter of 1490, an armada of 50 ships, well provided with people, horses and weapons, under the leadership of Dom Fernando de Meneses, the elder son of the marquis of Vila Real, sailed from Algarve with the mission of dismantling the stratagem devised by Alle-Barraxa [*‘Alī ibn Rāshid*], Lord of Gomara [*Ghumāra*] to seize Ceuta. In Gibraltar, King Fernando learned that Barraxa had no intention of proceeding and decided, in agreement with his brother Dom Antonio, the captain of Ceuta, to attack the town of Targa. He was joined by ships from Castile and Ceuta, in a total of 2 000 men. The inhabitants of Targa, seeing the Portuguese armada, fled to the mountains, and therefore the village was taken without much resistance, knocked down and burned. In addition to the considerable spoils, a number of Christian captives were gathered; some went directly to Castile and thirty others were transported in the fleet that set sail for Ceuta. Here, Dom Fernando consulted with the captains of Ksar el-Seghir and Tangiers and decided to attack Camice [*Sūk al-Khamīs*] (Ricard, 1955c, p. 77-78), a very strong settlement consisting of several places or *kaṣbā* (Lane, VII, p. 2530), situated in rough mountains and never before attacked by the Christians, which is why the Moors called it "Encantado" (lit.: enchanted). The assembled forces – 400 horse and 1 200 foot – departed from Ksar el-Seghir. Not encountering much resistance, they destroyed and burned the village and killed 400 Moors, after which they returned to Ksar with some 100 captives and much cattle, clothes and other things (Pina, 1977a, p. 962-964; Resende, 1994, p. 304-306).

The above listed expeditions, raids all of them, express one of the most characteristic dimensions of the Portuguese expansion in Morocco. These armed actions were intended to spread fear, in order to deplete the local forces and neutralize possible intents of threatening spaces directly controlled by the Portuguese or the uprising of those who paid tribute to them. A strategy of action, let it be said, validated by the central power, as evidenced by the countless letters of mercy or pardon related to crimes, issued by the Royal Chancellery and granted for services or for the simple participation in this type of enterprises.

Taken as a whole, they allow us to conclude that in the second half of the 1480s, the Moroccan plan of King João II had a strong military component. The king's own commitment to this component of the Moroccan project is also evident in the many occasions in which, if we heed Rui de Pina and Garcia de Resende, chroniclers who rubbed shoulders with the king, he expressed his intention of commanding a war action in Morocco in person, or, as he said and wrote, "passar em África", i.e. crossing to Morocco.

central, como o atestam as inúmeras cartas de mercê ou de perdão de crimes da chancelaria régia, concedidas por serviços ou simples participação neste tipo de empreendimentos.

No seu conjunto, permitem-nos concluir que, na segunda metade dos anos de 1480, o plano marroquino de D. João II apresenta uma forte componente militar. O empenhamento do próprio rei nesta vertente do projeto marroquino está ainda patente, nas diversas vezes em que, a darmos crédito a Rui de Pina e Garcia de Resende, cronistas que com ele privaram, manifestou a intenção de, em pessoa, comandar uma ação guerreira em Marrocos ou, como dizia e escrevia, “passar em África”, isto é, a Marrocos.

Tal aconteceu, como se viu, aquando da preparação da armada de 1488 de Fernão Martins Mascarenhas e aquando da empresa da Graciosa. Já na década de 1490, mais precisamente em 1492, D. João II aceita receber em Portugal, a troco de prestação pecuniária, alguns dos judeus expulsos pelos Reis Católicos de Espanha, alegando ser esse dinheiro, escreve Rui de Pina, “para ele passar em África com menos opressão e despesa de seu povo” (Pina, 1977a, p. 1013). Acrescentando Garcia de Resende que, com este expediente, “el-rei houve uma grande soma de dinheiro, do qual não despendeu uma só peça, porque o tinha para a dita passagem que, com sua doença não pode fazer, e por sua morte se achou todo o dinheiro junto, assim como o houve, sem falecer nada” (Resende, 1994, p. 403-404).

Refira-se, por último, episódio sem grandes consequências, mas revestindo-se de significado nesta vertente da expansão marroquina de D. João II: a vinda a Portugal, em 1493, de um fidalgo francês de alta linhagem de seu nome René de Chateaubriand, acompanhado de séquito numeroso. O seu propósito era prestar ajuda ao monarca português na “guerra dos mouros”. D. João II, que já teria trocado correspondência com ele, fez-lhe muita honra e, por carta datada de 11 de agosto de 1493, nomeou-o conde da vila e terra de Gazaua (situada nas montanhas a oriente de Alcácer Quibir), fazendo-lhe doação do respetivo território e de 2 000 coroas anuais. Na mesma data, nomeava-o ainda capitão principal de todas as pessoas e gentes que recrutasse nas partes de França e Alemanha, com pagamento de soldo e fretes de navios, para “a nossa passagem e conquista de África e reino de Fez, quando com a ajuda de Nosso Senhor Deus nós em pessoa [...] a tão honrada empresa passarmos” (Cenival, 1934, p. 37). O fidalgo francês retirou-se depois para o seu país para não mais voltar a Portugal por, entretanto, se ter envolvido em guerras que ali se travaram. A sua passagem por Portugal, como sublinha Dias Farinha, “viera animar os projetos africanos do Príncipe Perfeito e servira para divulgar na Europa e empresa de conquistas aos infiéis” (Farinha, 1990, I, p. 179).

This happened, as we saw, during the preparations of the 1488 armada of Fernão Martins Mascarenhas and during the Graciosa undertaking. Already in the 1490s, more precisely in 1492, King João II, in exchange for pecuniary benefits, accepted to receive in Portugal some of the Jews expelled by the Catholic Kings of Spain, claiming that this money, as Rui de Pina wrote, was “para ele passar em África com menos opressão e despesa de seu povo” (Pina, 1977a, p. 1013). Garcia de Resende further notes that, thanks to this arrangement, “el-rei houve uma grande soma de dinheiro, do qual não despendeu uma só peça, porque o tinha para a dita passagem que, com sua doença não pode fazer, e por sua morte se achou todo o dinheiro junto, assim como o houve, sem falecer nada” (Resende, 1994, p. 403-404).

Finally, let us mention an event without great consequences, but still meaningful in the scope of King João II's Moroccan expansion: the arrival in Portugal, in 1493, of a French nobleman of high lineage, René de Chateaubriand, accompanied by a numerous entourage. His purpose was to help the Portuguese monarch in the “guerra dos mouros”. King João II, who had already exchanged correspondence with Chateaubriand, did him great honour and, in a letter dated August 11th 1493, made him count of the village and land of Gazaua (situated in the mountains to the east of Ksar el-Kebir), donating him the corresponding territory and 2 000 *coroas* a year. On the same date, he appointed him chief captain of all the persons and people he recruited in the parts of France and Germany, with payment of wages and the charter of ships, for “a nossa passagem e conquista de África e reino de Fez, quando com a ajuda de Nosso Senhor Deus nós em pessoa [...] a tão honrada empresa passarmos” (Cenival, 1934, p. 37). The French nobleman then departed for his country and never returned to Portugal because he became involved in wars that took place there. His time in Portugal, as Dias Farinha points out, “had enlivened the *Príncipe Perfeito's* African projects and had served to divulge throughout Europe the conquests undertaken against the infidels” (Farinha, 1990, I, p. 179).

*

In contrast to Bernard Rosenberger, who like so many other authors, highlights King João II's interest in the exploration of the Atlantic with a view to reaching India, underestimating his commitment to the North African project (Rosenberger, 1987, p. 68-70), we believe that the successive African military expeditions sponsored by the king, between 1487 and 1490, prove otherwise. As a matter of fact, we do agree with Rosenberger, but without recognising any rupture with King João II, when he states that “in the eyes of the Portuguese sovereigns and leaders, during the 15th and early 16th centuries, the struggle against Islam in the Maghreb was a foremost task” (Rosenberger, 1987, p. 59).

An overall appraisal of the Moroccan politics of King João II allows us to conclude that the king followed the strategic guidelines already implemented by his

*

Ao contrário de Bernard Rosenberger, tal como tantos outros autores, que dá maior proeminência ao interesse de D. João II pela exploração do Atlântico tendo em vista chegar à Índia, desvalorizando o seu empenhamento no projeto norte-africano (Rosenberger, 1987, p. 68-70), pensamos que as sucessivas expedições militares que aí promoveu, entre 1487 e 1490, desdizem tal asserção. Na verdade, pensamos, concordando com o mesmo autor, mas não identificando qualquer ruptura com D. João II, que "aux yeux des souverains et des dirigeants portugais, au XV^e et encore au début du XVI^e siècle, la lutte contre l'Islam au Maghreb a été une tâche de premier plan" (Rosenberger, 1987, p. 59).

Uma apreciação global sobre política marroquina de D. João II permite concluir-se ter ela seguido orientações estratégicas já implementadas por seu pai, D. Afonso V, nos anos finais do seu reinado. Possivelmente, algumas delas resultando já da participação do Príncipe, pois, como se sabe, desde cedo o pai o associou ao exercício do poder, além de ter assumido a regência do reino em duas ocasiões (1475-1476 e 1476-1477).

Fundamentais para as opções tomadas por D. João II no processo expansionista no Norte de África, foram dois tratados internacionais, firmados também no tempo de D. Afonso V, que deram enquadramento político e jurídico à intervenção portuguesa em Marrocos. Referimo-nos, por um lado, ao já sobejamente citado acordo de 1471 entre D. Afonso V e Mulei Xequê (em vésperas de se tornar rei de Fez e fundador da dinastia oatácida), pelo qual foram estabelecidas tréguas, restringidas aos lugares chãos e descercados, podendo, no entanto, cada uma das partes atacar e tomar povoações e lugares fortificados, sem que essas tréguas fossem rompidas e, talvez mais significativo, foram reconhecidas por Mulei Xequê as conquistas portuguesas de Ceuta, Alcácer Ceguer, Arzila e Tânger, com todos os seus termos, lugares, aldeias (Pina, 1977b, p. 826; Góis, 1977, p. 74; Rodrigues, 1915, I, p. 100). E, por outro lado, ao Tratado de Alcáçovas/Toledo, firmado, em 1479/1980, entre os Reis Católicos, Fernando e Isabel, de Espanha e D. Afonso V e o príncipe D. João de Portugal, em que pela parte dos primeiros era aceite que o direito à conquista do reino de Fez pertencia à coroa portuguesa. Assegurou-se, assim, uma relativa tranquilidade, quer nas relações com Marrocos quer com Castela que abdicou das suas pretensões à conquista deste território.

É apoiado neste enquadramento que D. Afonso V procura alargar a área de intervenção portuguesa no reino de Fez, através de várias cartas de doação: em 1473, a cidade de Anafé e seu termo é doada ao duque de Viseu, filho do infante D. Fernando (Farinha, 1990, III, p. 27-29); e, no ano seguinte, Larache é doada a D. Fernando, duque de Guimarães, especificando ficar este lugar na limitação das tréguas celebradas com Mulei Xequê, na condição de o povoar no prazo de três anos (Farinha, 1990, III,

father, King Afonso V, in the final years of his reign. Actually, it is not unlikely that some of them resulted from the participation of the Prince, because, as is well known, his father soon associated him to the exercise of power; besides, he took over the regency of the kingdom on two occasions (1475-1476 and 1476-1477).

Two international treaties, also signed in the days of King Afonso V, were fundamental to the choices made by King João II concerning the expansionist process in North Africa, and provided a political and legal framework for Portuguese intervention in Morocco. We are referring, on one hand, to the already mentioned 1471 agreement between Afonso V and Muhammad al-Shaykh (on the eve of becoming the king of Fez and the founder of the Wattasid dynasty), by which a truce was established. This truce was restricted to flat and unwallled settlements, whereby both sides could attack and take fortified settlements without breaking the truce. Moreover, and perhaps more significantly, the Portuguese conquests of Ceuta, Ksar el-Seghir, Asilah and Tangiers were recognized by Muhammad al-Shaykh, including all their territories, localities and villages (Pina, 1977b, p. 826; Góis, 1977, p. 74; Rodrigues, 1915, I, p. 100). And, on the other hand, the Treaty of Alcáçovas/Toledo, signed in 1479/1980 between the Catholic Kings of Spain, Fernando and Isabel, and King Afonso V and Prince Dom João de Portugal, by which the former accepted that the right to conquer the kingdom of Fez belonged to the Portuguese Crown. This ensured a relative tranquillity, both in the relations with Morocco and with Castile, the latter renouncing its ambitions of conquering this territory.

In this framework, King Afonso V sought to expand the Portuguese area of intervention in the kingdom of Fez, by means of several letters of donation: in 1473, the city of Anafé and its territory was donated to the duke of Viseu, the son of Infante Dom Fernando (Farinha, 1990, III, p. 27-29); in the following year, Larache was donated to Dom Fernando, the duke of Guimarães, specifying that this place was situated on the boundary of the truce signed with Muhammad al-Shaykh and on the condition that it should be populated within a period of three years (Farinha, 1990, III, p. 89-90); and the village of Tétouan was donated to Álvaro Teixeira, a knight of the Royal House, with "lordship and command of all the Moors who live, work and breed in the said village and its territory", under the obligation of populating it within a period of five years (Farinha, 1990, III, p. 145-146).

In essence, the aim was to establish positions within the fluid boundaries of the demarcation of the kingdom of Fez, under the 1471 agreement. Ultimately, the attempt to build the fortress of Graciosa, despite its own specific characteristics, is a part of this project. It reveals a plan to move further inland, since "if King João II had wished for the simple domination of an anchorage, he would have chosen the area of the Lucus River estuary, where, on the left bank, the depopulated

p. 89-90); e a vila de Tetuão é doada a Álvaro Teixeira, cavaleiro da casa real, com "senhorio e mando de todos os mouros que na dita vila e seu termo morarem, lavrarem e criarem", com obrigação de a povoar no prazo de cinco anos (Farinha, 1990, III, p. 145-146).

No fundo, procurava-se marcar posições, ao abrigo do acordo 1471, nos limites fluidos de demarcação do reino de Fez. Em última análise, nesta linha se inscreve, embora com especificidades próprias, a tentativa de construção da fortaleza da Graciosa, empreendimento que denuncia o plano de avançar para o interior, pois "se D. João II desejasse o simples domínio de um ancoradouro, teria escolhido a zona do estuário do rio Lucos, onde, na margem esquerda se situava o lugar des-povoada de Larache, ou o sítio de Xames, na margem direita que fora o assento da antiga Lixus" (Farinha, 1999, p. 28).

Paralelamente, começou a desenhar-se uma estratégia que o mesmo autor designa "fase de senhorio", em que os portugueses, aproveitando-se da fragmentação política das regiões centro e sul do território marroquino e da situação de insegurança de algumas cidades marítimas que se tinham emancipado do reino de Fez ou do emirado de Marráquexe [Marrākush], vão criando "zonas de suserania", em que o elemento dinamizador foi o das relações comerciais e diplomáticas. Tal aconteceu, sobretudo, à medida que certas produções marroquinas, nomeadamente o trigo, os cavalos e os têxteis (*hambels*, *haiks* e *djebalas*), se foram afirmando como mercadorias de troca essenciais para a obtenção de escravos e ouro na África subsariana ou no golfo Guiné, através da feitoria portuguesa de Arguim e, mais tarde, da de S. Jorge da Mina (Ricard, 1955a, p. 100-101). Deste modo, ainda no reinado de D. Afonso V é realizado um contrato com a cidade de Safim, renovado por D. João II, em 1488, no qual, os habitantes da cidade, a troco da garantia da protecção e de oferta de condições de comércio em Portugal semelhantes às que gozavam os mercadores portugueses, reconheciam a suserania da Coroa Portuguesa, comprometendo-se ao pagamento de um tributo anual e a ceder na cidade espaço adequado para o funcionamento de uma feitoria (Cenival, 1934b, p. 25-30). Contrato similar seria feito por D. João II com a cidade de Azamor, em 1486 (Cenival, 1934b, p. 1-8). Um pouco depois, mais a norte, na Enxovia, há informação atestando a existência de um comércio regular entre Anafé e Portugal, desde cerca de 1465 (Ricard, 1955a, p. 92-93). Mais tarde, já no reinado de D. João II, esta relação comercial estreita-se, através do estabelecimento de relações diplomáticas com o já mencionado Mulei Belfageja, senhor da Enxovia, testemunhadas quer aquando da missão aí desempenhada, c. 1486, por Pero da Covilhã para a compra de cavalos (Ricard, 1955a, p. 82-83), quer, um ano depois, aquando da expedição punitiva de Diogo de Almeida, em 1487, visando alguns aduares da região, revoltados contra este senhor, na sequência da qual Mulei Belfageja mandou embaixada a D. João II, agradecendo-lhe e oferecendo-se a seu serviço para sempre (Pina, 1977a, p. 943; Resende, 1999, p. 100).

town of Larache was located, or the Xames site, on the right bank, the location of the ancient city of Lixus" (Farinha, 1999, p. 28).

Simultaneously, a strategy referred to by this author as "the seignior phase" began to be drawn up, by which the Portuguese, taking advantage of the political fragmentation of the central and southern regions of the Moroccan territory and of the insecure situation of some maritime cities emancipated from the kingdom of Fez or the emirate of Marrakesh [Marrākush], were creating "suzerainty areas". The commercial and diplomatic relations were the dynamic element of these areas, even more so because a number of Moroccan products, namely wheat, horses and textiles (*hambels*, *haiks* and *djebalas*), were becoming essential trading commodities for obtaining slaves and gold in sub-Saharan Africa or the Gulf of Guinea, through the Portuguese factory of Arguin and, later on, the São Jorge da Mina factory (Ricard, 1955a, p. 100-101). Thus, still during the reign of King Afonso V, a contract was signed with the city of Safi and renewed in 1488 by King João II, by which the inhabitants of the city recognised the sovereignty of the Portuguese Crown, in exchange for a guarantee of protection and trade conditions in Portugal similar to those of the Portuguese merchants. Furthermore, the inhabitants had to pay an annual tax and provide adequate space for the operation of a factory in the city (Cenival, 1934b, p. 25-30). A similar contract would be signed by King João II with the city of Azemmour in 1486 (Cenival, 1934b, p. 1-8). A little later and further north, in Enxovia, some information attests to the existence of regular trade between Anafé and Portugal, roughly since 1465 (Ricard, 1955a, p. 92-93). Later on, during the reign of King João II, this commercial relationship became closer, through the establishment of diplomatic relations with the aforementioned Mulei Belfageja, lord of the Enxovia. These relations were witnessed both at the time of Pero da Covilhã's mission for the purchase of horses, ca. 1486 (Ricard, 1955a, p. 82-83), and a year later, at the time of the punitive expedition of Diogo de Almeida, in 1487, against some of the *aduares* of this region, in revolt against the local lord, following which Mulei Belfageja sent an embassy to King João II, thanking him and pledging himself to his service for ever (Pina, 1977a, p. 943; Resende, 1999, p. 100).

In fact, the same strategy was used in another region of North Africa, outside the boundaries of the kingdom of Fez. The same happened with Tlemcen [Tilimsān], to the east of present-day Morocco, with which the Portuguese Crown has established diplomatic and commercial relations since 1481 (Farinha, 1990, III, p. 149-159), and where a factory was established, in Oran; only one documentary source refers to this factory, attesting that it operated at least between 1483 and 1487 (Ricard, 1955b, p. 193-201).

Aliás esta mesma estratégia foi utilizada noutra região do norte de África, fora dos limites do reino de Fez. O mesmo aconteceu com Tremecém [Tilimsân], a leste do atual Marrocos, com o qual a coroa portuguesa estabeleceu relações diplomáticas e comerciais, desde 1481 (Farinha, 1990, III, p. 149-159), e onde estabeleceu uma feitoria, em Orão, sobre a qual só existe uma fonte documental, atestando que ela funcionou, pelo menos, entre 1483 e 1487 (Ricard, 1955b, p. 193-201).

Assim, pode afirmar-se que com D. João II se consolida e aprofunda uma política marroquina, esboçada, já com a sua intervenção, no final do reinado de D. Afonso V, caracterizada não só pela continuação do projeto de conquista, mas também por uma presença de contornos pacíficos, a solicitação de entidades locais. Uma presença vinculada por interesses comerciais que, em última análise, decorre de circunstâncias políticas locais e da constante pressão militar portuguesa sobre o reino de Fez.

Em conclusão, no reinado de D. João II, o projeto marroquino articula-se claramente com os interesses económicos da coroa portuguesa para sul do cabo Bojador. Como já assinalou Robert Ricard, não é por acaso que a segunda parte do Tratado de Tordesilhas, firmado com os Reis Católicos em 1494, se dedica às questões de Marrocos e das terras desde “el cabo Bujador para abaxo contra Guinea” (Fonseca & Ruiz Asencio, 1995, p. 143), como se de um bloco único se tratasse (Ricard, 1955a, p.103). Deste modo, fruto das circunstâncias e/ou da perspicácia de D. João II, a expansão portuguesa no Norte de África deixa de ser entendida de forma isolada e passa a ser parte integrante de um projeto imperial mais vasto. Aliás, como também já notou Robert Ricard, “le Maroc n’apparaît plus comme une pièce secondaire du système, mais au contraire comme un élément essentiel” (Ricard, 1955a, p. 105).

Thus, it can be stated that a Moroccan policy was consolidated and deepened under King João II, already outlined, with his contribution, by the end of the reign of King Afonso V. This policy was characterized not only by the continuity of the project of conquest, but also by the peaceful contours of the Portuguese presence, at the request of local entities. A presence bound by commercial interests that ultimately stems from local political circumstances and the constant Portuguese military pressure on the kingdom of Fez.

To conclude, during the reign of King João II, the Moroccan project was clearly combined with the economic interests of the Portuguese Crown, south of Cape Bojador. As Robert Ricard has already pointed out, it was not by chance that the second part of the Treaty of Tordesillas, signed with the Catholic Kings in 1494, was devoted to the issues concerning Morocco and the lands from “el cabo Bujador para abaxo contra Guinea” (Fonseca & Ruiz Asencio, 1995, p. 143), as if they were a single block (Ricard, 1955a, p.103). Thus, as a result of the circumstances and/or the insight of King João II, the Portuguese expansion in North Africa was no longer understood as an isolated matter and became an integral part of a larger imperial project. Moreover, as Robert Ricard has also pointed out, “Morocco no longer appears as a secondary part of the system, but rather as an essential element” (Ricard, 1955a, p. 105).

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

ADAM, André (1968) – *Histoire de Casablanca, des origines à 1914*. Gap: Éditions Ophrys.

AFRICAN, Jean Leon (1556) – *Description de l'Afrique Tierce Partie du Monde*. Tome Premier. Lyon: Jean Temporal.

AFRICANO, Giovan Lioni (1550) – La Descrittione dell'Africa. In RAMUSIO, Giovanni Baptista, *Delle Navigatione et Viaggi*. Vol. I. Venezia: Appresso gli heredi di Lvcantonio Givnti, fl. 1-103v.

ANÓNIMO (1909) – *Une Description du Maroc sous le Règne de Moulay Ahmed el-Mansour (1596) D'Après un Manuscrit Portugais de la Bibliothèque Nationale* (Comte Henry de Castries). Paris: Ernest Renoux, Éditeur.

BOUCHARB, Ahmed (2010) – La conquête portugaise du littoral marocain d'après les sources marocaines. In CRUZ, Maria Augusta Lima & LOUREIRO, Rui Manuel (eds.), *Estudos de História Luso-Marroquina*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos, p. 51-57.

CASTRIES, Henry de (1920) – Graciosa, une ville portugaise oubliée au Maroc. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 64^e année, N.º 5, p. 417-422.

CENIVAL, Pierre de (1934a) – René de Châteaubriand, Comte de Guazau au Royaume de Fés, 1493. *Hespéris*, XIX, fasc. I-II. Paris: Librairie Larose, p. 27-37.

CENIVAL, Pierre de (1934b) – *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc. Première Série: Dynastie Sa'dienne. Archives et Bibliothèques de Portugal*. Tome I. Paris: Paul Geuthner.

COELHO, P. M. Laranjo (1943) – *Documentos Inéditos de Marrocos: Chancelaria de D. João II*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CORREIA, Jorge (2008) – *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

DE WITTE, Charles Martial (1958) – Une lettre inédite du Roi Jean II au Pape Innocent VIII sur l'Affaire de Graciosa. *Stvdia*, n.º 1. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, p. 90-100.

FARINHA, António Dias (1987) – Plantas de Mazagão e Larache no início do século XVII. In DOMINGUES, Francisco Contento & BARRETO, Luís Filipe (eds.), *A Abertura do Mundo: Estudos de História dos Descobrimentos Europeus*. Vol. II. Lisboa: Presença, p. 159-166.

FARINHA, António Dias (1990) – *Portugal e Marrocos no século XV*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Vols. 1-3. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- FARINHA, António Dias (1999) – *Os Portugueses em Marrocos*. [Lisboa]: Instituto Camões.
- FIGUIGUI, Hassan al- (2010) – Toponymie des sites dans le Nord-Ouest marocain d'après les sources portugaises. In CRUZ, Maria Augusta Lima & LOUREIRO, Rui Manuel (eds.), *Estudos de História Luso-Marroquina*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos, p. 67-78.
- FONSECA, Luís Adão da & RUIZ ASENCIO, José Manuel (ed.) (1995) – *Corpus Documental del Tratado de Tordesillas*. Valladolid: Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas.
- FONSECA, Luís Adão da (2005) – *D. João II*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp (1915) – *Expedições e Armadas nos anos de 1488 e 1489*. Lisboa: Livraria Ferin & Torres e C.^{ta}.
- FREITAS, Frei Serafim de (1625) – *De Ivsto Imperio Lvsitanorum Asiatico*. Valhadolid : Tipografia de Jerónimo Morillo.
- FRUTUOSO, Gaspar (1998) – *Livro Segunda das Saudades da Terra*. (Jerónimo Cabral ed.). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- GARCIA FIGUERAS, Tomás (1941) – *Expedición de los portugueses al río de Larache y fundación de la fortaleza de "La Graciosa", en el Lukus (1849) [i.e. 1489] (datos para su estudio)*. [Larache]: Instituto General Franco para la Investigación Hispano-Árabe.
- GÓIS, Damião de (1977) – *Crónica do Príncipe D. João* (Graça Almeida Rodrigues ed.). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- LANE, Edward William (1968) – *An Arabic-English Lexicon*. Part II, IV & VII. Beirut: Librairie du Liban.
- LOPES, David (1931) – Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e D. João II. In PERES, Damião & CERDEIRA, Eleutério, *História de Portugal*. Vol. III. Barcelos: Portucalense Editora, p. 433-452.
- LOPES, David (1937) – Novas Conquistas nos séculos XV e XVI. In BAIÃO, António, CIDADE, Hernani & MURIAS, Manuel (eds.), *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Vol. I. Lisboa : Editorial Ática, p. 143-168.
- MARCEL, Jean Joseph (1885) – *Dictionnaire Français-Arabe des Dialectes Vulgaires d'Algérie, de Tunisie, du Maroc et d'Égypte*. (Cinquième Édition). Paris: Maisonneuve, Frères et Ch. Leclerc Editeurs.
- MARMOL CARVAJAL, Luis (1573) – *Libro Tercero y Segvndo Volvmen de la Primera Parte de la Descripcion General de Affrica [...]*. Granada: En casa de Rene Rabut impressor de libros.
- MARQUES, Miguel da Silva (2001) – *Cartografia Antiga: Tabela de Equivalência de Medidas: Cálculo de Escalas e Conversão de Valores de Coordenadas Geográficas*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- MARTINS, J. P. Oliveira (1882) – *História de Portugal*. Vol. I. (3.^a edição). Lisboa: Livraria Bertrand.
- MARTINS, J. P. Oliveira (1891) – *Os Filhos de D. João I*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- MARTINS, Oliveira (1896) – *O Príncipe Perfeito*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira.
- MENDONÇA, Manuela (1995) – *D. João II : Um Percurso Humano e Político nas Origens da Modernidade em Portugal*. (2.^a edição). Lisboa: Editorial Estampa.
- PEREIRA, Duarte Pacheco (1991) – *Esmeraldo De Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira* (Joaquim Barradas de Carvalho dir.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PINA, Rui de (1977a) – *Chronica del Rey D. João II*. In PINA, Rui, *Crónicas* (M. Lopes de Almeida intr. & notas). Porto: Lello & Irmão Editores, p. 883-1033.
- PINA, Rui de (1977b) – *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*. In PINA, Rui, *Crónicas* (M. Lopes de Almeida intr. & notas). Porto: Lello & Irmão Editores, p. 577-881.
- REGO, A. da Silva (1971) – *As Gavetas da Torre do Tombo*. (Vol. IX). Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- RESENDE, Garcia de (1994) – Vida e feitos d'el rey D. João Segundo. In *Livro das obras de Garcia de Resende* (Evelina Verdelho ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 127-456.
- RICARD, Robert (1955a) – Le commerce de Berbérie et l'organisation économique de l'empire portugais au XV^e et XVI^e siècles. In *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*. Coimbra: Por ordem da Universidade, p. 81-114.
- RICARD, Robert (1955b) – La factorerie portugaise d'Oran (1483-1487). In *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*. (p. 193-201). Coimbra : Por ordem da Universidade.
- RICARD, Robert (1955c) – Le Maroc septentrional au XV^e siècle d'après les chroniques portugaises d'Oran. In *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*. Coimbra: Por ordem da Universidade, p. 3-78.
- RODRIGUES, Bernardo (1915) – *Anais de Arzila : Crónica Inédita do Século XVI* (David Lopes dir.). Tomos I e II. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- ROSENBERGER, Bernard (1987) – Le Portugal et l'Islam Maghrebin (Xv^e-XVI^e siècles). In *Histoire du Portugal: Histoire Européenne: Actes du Colloque (Paris, 22-23 mai 1986)*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, p. 59-83.
- ROSENBERGER, Bernard (1993) – La croisade africaine et le pouvoir royal au Portugal au XVe siècle. In *Genèse de l'État moderne en Méditerranée. Approches historique et anthropologique des pratiques et des représentations. Actes des tables rondes internationales tenues à Paris (24-26 septembre 1987 et 18-19 mars 1988)*. Rome: École Française de Rome, p. 329-348.
- SAMPAYO, Christoual Ferreira y (1626) – *Vida y Hechos del Principe Perfeto Don Ivan Rey de Portvgal segvndo deste nombre*. Madrid: Viúva de Alonso Martin.
- SANCEAU, Elaine (1959) – *D. João II* (António Álvaro Dória, trad.). (2.^a ed.). Porto: Livraria Civilização.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1979) – *História de Portugal*. Vol. II. (2.^a edição revista). Lisboa : Editorial Verbo.
- SERRÃO, Joel (1985) – Martins, Joaquim Pedro de Oliveira. In SERRÃO, Joel (ed.), *Dicionário de História de Portugal*. Vol. IV. Porto: Livraria Figueirinhas, p. 210-217.
- SILVA, Inocêncio Francisco da & ARANHA, Brito (1870) – *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos Applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Vol. IX. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, Inocêncio Francisco da (1859) – *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos Applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SYLVIO, Emmanuele Tellesio (1689) – *De Rebus Gestis Joannis II Lusitanorum Regis, Optimi Principis Nuncupati*. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal e Tipografia do Santo Ofício.
- TISSOT, Charles (1876) – *Itinéraire de Tanger a Rbat'*. Paris: Librairie Ch. Delagrave.
- TISSOT, Charles (1877) – *Recherches sur la Géographie Comparée de la Maurétanie Tingitane*. Paris: Imprimerie Nationale.
- VASCONCELOS, D. Agustín Manuel y (1639) – *Vida y Acciones del Rey Don Ivan el Segundo, Decimotercio de Portugal*. Madrid: Imprensa de Maria Quiñones.
- VEGA, Lope de (1618) – *Comedia Famosa del Principe Perfeto*. In VEGA, Lope de, *Onzena Part de las Comedias de Lope de Vega Carpio, Familiar del Santo Oficio*. Madrid: Viúva de Alonso Martin de Balboa, fl. 122v-147v.
- YUSTE, Antonio (1942) – La isla Gezira, el Templo de Hércules y el Jardín de las Hespérides. *O Instituto. Revista Científica e Literária*, 100. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 672-695.

DA ARQUITETURA MILITAR DO PERÍODO PORTUGUÊS EM ARZILA, MARROCOS

MOMENTOS, INTERVENIENTES,
SIGNIFICADOS

MILITARY ARCHITECTURE DURING THE PORTUGUESE PERIOD IN ASILAH, MOROCCO

MOMENTS, PARTAKERS,
MEANINGS

INDIRA PEIXOTO, JORGE CORREIA

Escola de Arquitetura, Universidade do Minho / Lab2PT, Laboratório de Paisagens, Património e Território

RESENHA HISTÓRICA DA URBE

Arzila faz parte de um processo de implantação de cidades portuguesas no Norte de África que decorreu entre 1415 e 1769, tendo sofrido processos intensos de crescimento e redução da sua dimensão urbana ao longo de cerca de mil anos (figura 1).

Torna-se difícil e arriscado tentar recuperar a imagem da Arzila pré-islâmica. Alusões ao seu passado romano ou normando confundem lenda com história, contribuindo para um discurso confuso e especulativo (*Encyclopédie*, I, p. 727). É certo, porém, que Arzila foi dominada por forças árabes na sua marcha de conquista do noroeste africano. Descrições por geógrafos árabes a partir do século X dão ao sítio um estatuto de mercado secundário, evoluindo para uma cidade totalmente amuralhada, interrompida por cinco portas e possuindo uma mesquita junto à muralha oeste ou noroeste,

HISTORICAL OVERVIEW OF THE CITY

Asilah is part of the process of establishment of Portuguese cities in North Africa that took place between 1415 and 1769. The city underwent intense processes of growth and reduction of its urban dimension over a period of nearly one thousand years (figure 1).

Attempting to recover the image of pre-Islamic Asilah is both difficult and risky. Allusions to its Roman or Norman past mix legend and history, thus contributing to a confusing and speculative discourse (*Encyclopédie*, I, p. 727). It is true, however, that Asilah was dominated by Arab forces during their conquest of Northwest Africa. Descriptions by Arab geographers from the 10th century onwards refer to the locality as a secondary market, which evolved into a fully walled city, featuring five gates and a mosque located next to the western or north-western wall, very exposed to maritime storms



1. Frente marítima de Arzila (2016).
Asilah's seafront (2016).

bastante exposta a tempestades marítimas (Al Bekri, 1918, p. 218-219; Idrissi, 1866, p. 202). Para além destes pormenores, a cidade parecia oferecer então um bom porto e até um cemitério extramuros, para leste.

Através de imagem aérea antiga ou do levantamento dos vestígios sobreviventes, é possível desenhar um longo perímetro circular que circunscreve o que hoje é grande parte da extensão extramuros da cidade. Em meados do século XX era ainda possível encontrar as ruínas de uma antiga porta islâmica colocada na direção da cidade capital Fez, cuja localização recai exatamente no que parece ter sido o antigo perímetro islâmico. A população trabalhava nos campos em redor da cidade, comerciando a norte e sul, respetivamente em Tânger e Larache. Assim, pode fazer sentido que das cinco portas da cidade enunciadas pelas descrições árabes, duas correspondessem às direções dessas cidades, para além da de Fez¹. A norte, existiria uma quarta permeabilidade para o gado, bem como a Porta da Ribeira, entre a mesquita e a cidadela árabe, completando o cenário.

Quando os portugueses decidiram atacar e ocupar Arzila em 1471, a cidade era bastante mais vasta do que a área atual intramuros encerra. Beneficiando de um tratado de tréguas por trinta anos, entre o rei de Portugal e o sultão de Fez², só na transição dos séculos XV para XVI D. Manuel I sentiu necessidade de implementar medidas defensivas extraordinárias e concordou em reduzir a superfície urbana herdada, demasiado grande para uma eficaz sustentabilidade militar, numa operação designada por *atalho*. Tratou-se de uma técnica aplicada a todas as conquistas portuguesas no Magrebe onde as cidades islâmicas herdadas foram cortadas e contraídas (Correia, 2008, p. 353-357). Manifestando um espírito profundamente racional, esta técnica levou a um exame radical das cidades apropriadas, regularizando-as geometricamente, direcionando-as para o canal marítimo e reavaliando a sua disposição interna com a disposição de uma vila nova.

Em bom rigor, o processo de implementação do “atalho” foi impulsionado por um contra-ataque e assalto árabe em 1508, constituindo um ponto fulcral na evolução urbano-constructiva das praças portuguesas setentrionais e desencadeando um conjunto de obras nos sistemas amuralhados e respetivas áreas interiores. Este episódio militar em Arzila, que ocorreu entre o dia 15 de outubro de 1508 e o final do mês, foi resultado de uma expedição fracassada que D. Manuel I organizava

(Al Bekri, 1918, p. 218-219; Idrissi, 1866, p. 202). Besides these details, the city seemed to provide a good harbour by then and even had an extramural cemetery on its eastern side.

Older aerial photos and the survey of the remaining vestiges enable drawing a long circular perimeter that circumscribes most of the present-day extramural extension of the city. By the mid-20th century it was still possible to see the ruins of an ancient Islamic gate situated in the direction of Fez, the capital city; the location of this gate coincides exactly with what appears to have been the ancient Islamic perimeter. The population worked in the fields around the city and traded both to the north and to the south, in Tangiers and Larache respectively. Thus, it would seem to make sense that, among the five city gates mentioned in the Arab descriptions, two would correspond to the directions of these cities, besides that of Fez¹. To the north, there would be a fourth access for cattle, as well as the Porta da Ribeira, located between the mosque and the Arab citadel.

When the Portuguese decided to attack and occupy Asilah in 1471, the city was much larger than its present-day walled area. Benefiting from a thirty-year treaty of truce between the king of Portugal and the sultan of Fez², it was only in the transition from the 15th to the 16th centuries that King Manuel I felt the need to implement exceptional defensive measures and agreed to reduce the inherited urban surface, which was too large for effective military sustainability, through a process known as *atalho*. This was a technique applied to all Portuguese conquests in the Maghreb, whereby inherited Islamic cities were cut down and contracted (Correia, 2008, p. 353-357). Revealing a deeply rational spirit, this technique led to a radical examination of the conquered cities and to their geometrical regularization, guiding them towards the maritime channel and reevaluating their internal layout in terms of the design of a new town.

Actually, the implementation of the *atalho* process was prompted by an Arab counter-attack and assault in 1508, which constituted a central point in the urban/building evolution of the northern Portuguese strongholds and triggered a series of works in their walled systems and respective interior areas. This military episode, which took place in Asilah between October 15th 1508 and the end of the same month, was the result of a failed expedition to Azemmour

1. O desenho da vila pré-existente realizada no estudo de Jorge Correia indica uma localização aproximada dessas portas (Correia, 2008, p. 179).

2. O tratado de paz entre Portugal e Fez terá sido renovado em 1500: *Pero termina el convénio en 1500; el Sultán envia uno de sus Alcaldes a Arcila, para renovar el pacto, y tras acalorados debates con el Gobernador, en la entrevista que celebran en el "Facho"* (Guevara, 1940, p. 28).

1. The drawing of the preexisting town included in the study by Jorge Correia shows the approximate location of these gates (Correia, 2008, p. 179).

2. The peace treaty between Portugal and Fez was probably renewed in 1500: *Pero termina el convénio en 1500; el Sultán envia uno de sus Alcaldes a Arcila, para renovar el pacto, y tras acalorados debates con el Gobernador, en la entrevista que celebran en el "Facho"* (Guevara, 1940, p. 28).

a Azamor³, tendo resultado numa vila saqueada, queimada e derrubada⁴ em parte, ficando comprometida estruturalmente.

Por conseguinte, o “atalho” promoveu uma série de reformas, nomeadamente a redução da cidade para cerca de 43% da sua extensão pré-portuguesa⁵, da qual foi mantida praticamente a metade voltada ao mar. A mancha selecionada era composta por dois rectângulos justapostos: o mais pequeno correspondendo ao castelo e o maior ao burgo ou vila. Esta operação, desenrolada entre finais de Quatrocentos e princípios de Quinhentos, foi acompanhada por uma revisão total da arquitetura militar, incluindo uma torre de menagem e novos baluartes, num diálogo ambivalente entre simbolismo retórico e eficiência artilheira.

D. Manuel I enviou o mestre Boytac a Arzila para traçar o plano da reforma (cf. Viterbo, 1988, p. 124), tendo o plano sido executado a partir de 1511 pelo mestre Francisco Danzilho. As obras das praças do Norte surgem descritas no *Livro das Medidas das fortalezas de Arzila, Alcácer, Ceuta e Tânger*, de 1514. A preocupação recaiu na introdução de dispositivos militares que tentassem superar os existentes do tempo islâmico e/ou de inspiração medieval, por adição de elementos de defesa ativa aos pré-existentes ou por construção de novos. Porém, este esforço de dotação da praça de um dispositivo de defesa mais eficaz apenas se repercutiu por umas breves décadas.

A evacuação portuguesa de 1550 devolveu a cidade aos árabes que, até aos dias de hoje, reocuparam este sector central e expandiram-no extramuros. Com exceção do período de Protetorado Espanhol da primeira metade do século XX, durante o qual a cidade cresceu para norte de acordo com uma nova grelha viária, a Arzila portuguesa caracteriza-se por uma interrupção num contínuo arabo-islâmico centenário. Para compreender a evolução urbana desta *medina*, em particular do período de ocupação portuguesa, torna-se necessário observar o sistema que lhe confere a noção de organismo fechado, ou seja, as suas muralhas. Este capítulo pretende explorar em detalhe as reformas

that King Manuel I was organizing³, which resulted in a looted, burned, partially knocked down⁴ and structurally deteriorated town.

As a result, the *atalho* fostered a series of reforms, including the reduction of the city to around 43% of its pre-Portuguese extension⁵; practically only the half of the town that faced the sea was kept. The selected area consisted of two juxtaposed rectangles: the smallest corresponding to the castle and the largest to the burg or town. This operation, which took place between the end of the 1400s and the beginning of the 1500s, was combined with a complete revision of the military architecture, including a keep and new bastions, in an ambivalent dialogue between rhetorical symbolism and gunnery effectiveness.

King Manuel I sent master builder Boytac to Asilah to design the reform plan (cf. Viterbo, 1988, p. 124), which was executed from 1511 onwards by Francisco Danzilho. The works carried out at the northern strongholds are described in the 1514 *Livro das Medidas das fortalezas de Arzila, Alcácer, Ceuta e Tânger*. The focus was on the introduction of military devices that tried to outdo the existing ones from Islamic times and/or medieval inspiration, by adding active defence elements to the pre-existing ones or by building new ones. However, the repercussions of this effort to provide this stronghold with a more effective defensive mechanism only lasted a few decades.

The Portuguese 1550 evacuation returned the city to the Arabs who, until today, have reoccupied this central sector and expanded it beyond the walls. With the exception of the Spanish protectorate of the first half of the 20th century, during which the city grew northwards following a new grid plan, Portuguese Asilah was actually an interruption in a hundreds-of-years old Arab-Islamic continuum. In order to understand the urban evolution of this *medina*, in particular during the period of Portuguese occupation, it is necessary to take into account the system that makes it a closed organism, i. e. its walls. This chapter aims at exploring the Manueline reforms in detail, by combining sources with a detailed

3. D. João de Meneses, capitão da expedição não teve sucesso na conquista, encontrando-se o irmão do rei de Fez a defender a cidade. À tentativa do cerco português rapidamente foi dada resposta por parte do rei de Fez que, aproveitando a desorganização de D. João, partiu para Arzila, de modo a impedir novo desembarque na costa próxima da vila portuguesa (Cf. Rodrigues, 1915, p. 9; Lopes, 1924, p. 123-124, 127).

4. [...] os mouros não entenderão senão em roubar e saquear a vila, asi de roupa e fato como d'outra fartura que em Arzila avia, e asi outras muitas mercaderias que muitos mercadores tinham [...]. p. 15: [...] atabales com muito grande grita, se deixarão vir ao muro e pondo fogo ás portas do castelo fôrão logo queimadas [...]. p. 13: [...] derrubando algúas casas que dentro do castelo estávão, como a cozinha e despensa do conde e outras casas do alcaide-mór [...] (Rodrigues, 1915, p. 14).

5. Um novo muro, de pedra e argila, traçava uma secante pelos baluartes que hoje se denominam de Tambalalão e Santa Cruz. (cf. Rodrigues, 1915-19, I, p. 11-12).

3. Dom João de Meneses, the captain of the expedition, did not succeed in conquering the city, which was defended by the brother of the king of Fez. The Portuguese siege attempt was swiftly countered by the latter, who took advantage of Dom João's disorganization and headed for Asilah to prevent a new landing on the shores of the Portuguese town (Cf. Rodrigues, 1915, p. 9; Lopes, 1924, p. 123-124, 127).

4. [...] os mouros não entenderão senão em roubar e saquear a vila, asi de roupa e fato como d'outra fartura que em Asilah avia, e asi outras muitas mercaderias que muitos mercadores tinham [...]. p. 15: [...] atabales com muito grande grita, se deixarão vir ao muro e pondo fogo ás portas do castelo fôrão logo queimadas [...]. p. 13: [...] derrubando algúas casas que dentro do castelo estávão, como a cozinha e despensa do conde e outras casas do alcaide-mór [...] (Rodrigues, 1915, p. 14).

5. A new stone-and-clay wall followed a secant line in relation to the present-day Tambalalão and Santa Cruz bastions. (cf. Rodrigues, 1915-19, I, p. 11-12).

manuelinas, cruzando fontes com um levantamento detalhado de estruturas e paramentos para uma interpretação evolutiva fundamentada do património edificado militar de Arzila (figura 2).

survey of structures and facings in order to achieve a sustained evolutionary interpretation of the military built heritage of Asilah (figure 2).



2. Planta da medina de Arzila. 1 – Baluarte do Tambalalão (Borj Al Ghoula); 2 – Baluarte António da Fonseca; 3 – Baluarte/Porta da Vila (Bab Al Homar); 4 – Torre do Sino; 5 – Porta A (Bab Souk); 6 – Torre A (inflexão do castelo); 7 – Torre F – vestígios; 8 – Baluarte de Santa Cruz (Borj Sidi Al Assili); 9 – Porta B (Bab Al Kasbah); 10 – Baluarte da Praia (Borj Al Kasbah); 11 – Vestígios da Porta do Albacar; 12 – Torre do Alcaide-mor; 13 – Torres B e C; 14 – Porta da Ribeira; 15 – Baluarte do Miradouro; 16 – Baluarte Perna d’Aranha (Borj Skala); 17 – Baluarte São Francisco (Borj Sidi Maimoun); 18 – Torre D – vestígios; 19 – Couraça (Krikiya); 20 – Baluarte da Couraça (Borj Krikiya); 21 – Torre E – vestígios; 22 – Torre de menagem (Borj Al Qamra).

Ground plan of Asilah’s medina. 1 – Baluarte do Tambalalão (Borj Al Ghoula); 2 – Baluarte António da Fonseca; 3 – Baluarte/Porta da Vila (Bab Al Homar); 4 – Torre do Sino; 5 – Gate A (Bab Souk); 6 – Tower A (castle inflexion); 7 – Tower F – remains; 8 – Baluarte de Santa Cruz (Borj Sidi Al Assili); 9 – Gate B (Bab Al Kasbah); 10 – Baluarte da Praia (Borj Al Kasbah); 11 – Remains of the Porta do Albacar; 12 – Torre do Alcaide-mor; 13 – Towers B and C; 14 – Porta da Ribeira; 15 – Baluarte do Miradouro; 16 – Baluarte Perna d’Aranha (Borj Skala); 17 – Baluarte São Francisco (Borj Sidi Maimoun); 18 – Tower D – remains; 19 – Couraça (Krikiya); 20 – Baluarte da Couraça (Borj Krikiya); 21 – Tower E – remains; 22 – Torre de Menagem (Borj Al Qamra).

DAS FONTES AO LEVANTAMENTO

As fontes primárias para o estudo urbano-constructivo de Arzila não abundam. Porém, existe um acervo de documentos escritos e visuais relevantes para o estudo que aqui se pretende realizar.

No que concerne a cidade de Arzila anterior à ocupação portuguesa, são relevantes as descrições de Ibn Haukal, geógrafo que no século X escreveu *Description de l'Afrique* (Ibn Haukal, 1842) e de Al Bekri, geógrafo e historiador do século XI, autor de *Description de l'Afrique Septentrionale* (Al Bekri, 1918). Estas obras expõem características gerais da vila pré-portuguesa enquanto aglomerado fortificado, bem como da sua envolvente marítima e terrestre, como mencionado atrás.

Já para o período de ocupação portuguesa, destacam-se os *Anais de Arzila*: crónica inédita do século XVI, da autoria de Bernardo Rodrigues⁶. O episódio do cerco de 1508 em Arzila constituiu o mote para a crónica de Bernardo Rodrigues, na medida em que desencadeou várias reformas na fortificação. O cronista, para além de esclarecer os acontecimentos relativos ao assédio, proveitosos para a construção de uma narrativa histórica de Arzila portuguesa, vai descrevendo segmentos da urbe, nomeadamente os espaços e estruturas militares.

Ainda que as preocupações dos portugueses no final do século XV tenham recaído fundamentalmente no aumento da espessura dos muros e na regularização das suas altimetrias, todo o conjunto carecia de robustez. De facto, Rafael Moreira caracteriza o traçado fortificado como tipicamente quatrocentista (*Arzila*, 1995, p. 32), incapaz de responder efetivamente aos meios em constante progresso pelos inimigos. Sendo assim, o cerco de 1508 não só incidiu exatamente nos pontos mais frágeis da muralha, como tomou proveito da falta de artilharia na vila portuguesa⁷. A mesma fonte adianta também que, durante o cerco, foi nos pontos de ligação entre a estrutura velha e a nova que foi notável uma maior debilidade estrutural.

Para acompanhar as obras da reforma manuelina, a leitura de *Livro das medidas de Arzila, Alcácer, Ceuta e Tânger* (Livro, 1514, fls. 6-36), tarefa realizada por Diogo Boytac e Bastião Luís em 1514, é um texto incontornável. A secção referente a Arzila comporta um conjunto de onze fólios, nos quais estão detalhadamente enunciadas as medições de parte do plano reformista

FROM THE SOURCES TO THE SURVEY

Primary sources for the urban/building study of Asilah are not abundant. However, there is a collection of written and visual documents which are relevant to the present study.

With regard to the city of Asilah prior to the Portuguese occupation, the descriptions of Ibn Haukal, a geographer who wrote the *Description de l'Afrique* (Ibn Haukal, 1842) in the 10th century, are relevant, as well as Al Bekri's, an 11th-century geographer and historian and the author of the *Description de l'Afrique Septentrionale* (Al Bekri, 1918). These works describe the general characteristics of the pre-Portuguese village as a fortified settlement, as well as its maritime and land environment, as mentioned above.

Concerning the period of Portuguese occupation, the *Anais de Arzila* stand out: this is an unpublished chronicle from the 16th century, written by Bernardo Rodrigues⁶. The episode of the 1508 siege against Asilah was the motto for the chronicle of Bernardo Rodrigues, as it triggered several reforms in the fortification. The chronicler, in addition to clarifying the events relating to the siege, which is quite useful for the construction of a historical narrative of Portuguese Asilah, describes parts of the city, including the military facilities and structures.

Even though the Portuguese concerns of the end of the 15th century were mainly focused on increasing the thickness of the walls and on the regularisation of their altimetry, the whole system lacked robustness. In fact, Rafael Moreira characterizes the fortified layout as typical of the 15th century (*Arzila*, 1995, p. 32), unable to respond effectively to the constantly improving belligerent means of the enemies. Thus, the siege of 1508 not only affected precisely the weakest points of the wall, but also took advantage of the lack of artillery in the Portuguese town⁷. The same source also states that, during the siege, it was at the points of connection between the old and the new structures that a greater structural weakness was noticed.

In order to understand the works of the Manueline reform, the reading of the *Livro das medidas de Arzila, Alcácer, Ceuta e Tânger* (Livro, 1514, fls. 6-36), a task performed by Diogo Boytac and Bastião Luís in 1514, is quite indispensable. The section pertaining

6. Esta obra divide-se em dois tomos: o primeiro relativo a 1508-1525 e o segundo 1525-1535. Inicia-se no ano do cerco e termina quinze anos antes do abandono da praça. A crónica começou a ser redigida por Rodrigues por volta de 1560, com base em apontamentos que o autor terá reunido durante a sua vida em Arzila, depois de ter chegado à cidade com o seu pai e D. Afonso V na altura da conquista.

7. [...] as béstas e espingardas éráo tão poucas que não pasávão de seis espingardeiros [...] (Rodrigues, 1915, p. 11). [...] não havia mais que uma Bombarda na vila, e essa tomaram-na os mouros (Lopes, 1924, p. 128).

6. This book has two volumes, which address the 1508-1525 and the 1525-1535 periods, respectively. It starts at the year of the siege and ends fifteen years before the abandonment of the stronghold. Rodrigues started this chronicle around 1560, based on notes compiled during his life in Asilah, after arriving at the city with his father and Dom Afonso V at the time of the conquest.

7. [...] as béstas e espingardas éráo tão poucas que não pasávão de seis espingardeiros [...] (Rodrigues, 1915, p. 11). [...] não havia mais que uma Bombarda na vila, e essa tomaram-na os mouros (Lopes, 1924, p. 128).

de mestre Boytac. Entre elas, reúnem-se as obras referentes à zona do Castelo e Miradouro, ao Baluarte Perna d'Aranha e ao conjunto da Couraça, dados fundamentais para a reconstituição evolutiva do perímetro amuralhado.

Entre as escassas fontes iconográficas existentes, a gravura *Arzila* de Georg Braun, realizada no início do século XVI⁸, é uma peça central (figura 3). Destaca no desenho a presença da Torre de Menagem pela sua altura em relação ao resto do conjunto amuralhado, estrutura construída aquando da presença de Boytac em Arzila. Existe, ainda, uma outra gravura do século XVII – *Arzile*⁹ – que, ao contrário da anterior, exhibe a fortificação de acordo com as reformas de D. Manuel I (figura 4).

Arzila aparece ainda representada em três das quatro Tapeçarias de Pastrana, mandadas tecer por D. Afonso V no final do século XV. *O desembarque em Arzila* e *O cerco a Arzila* ilustram a frente marítima da muralha, enquanto *A tomada de Arzila* procura representar a cortina sudeste – o lado de terra. Mais do que mostrar veracidade espacial e arquitetónica, estas tapeçarias tinham como objetivo eternizar os feitos dos portugueses a elas associados, pelo que não são inteiramente fiáveis para traçar conclusões acerca do estado do sistema fortificado aquando da conquista portuguesa em 1471.



3. *Arzila* (em princípios do século XVI) in BRAUN, George, HOGENBERG, Frans, NOVELLANUS, Simon – *Civitates Orbis Terrarum*. Colónia, 1572, I, fls. 55-56v. BNL – C.A. 57v. *Arzila* (beginning of the 16th century) in BRAUN, George, HOGENBERG, Frans, NOVELLANUS, Simon – *Civitates Orbis Terrarum*. Colónia, 1572, I, fls. 55-56v. BNL – C.A. 57v.

8. Rafael Moreira indica que a gravura terá sido realizada entre 1510 e 1530 (*Arzila*, 1995, p. 27). Sobre a datação destas gravuras, ver Suzanne Daveau – “A propósito das “pinturas” do litoral marroquino incluídas no *Esmeraldo de Situ Orbis*”, 2000, onde a autora explora a relação entre os originais de Pacheco Pereira e as gravuras de Braun, defendendo-as, a par dos desenhos de Duarte de Armas, como a base para as vistas magrebinais patentes em *Civitates Orbis Terrarum*, logo do início de Quinhentos. A gravura *Arzila* em Braun poderá corresponder ao período de Boytac na vila, entre 1509/10.

9. *Arzile*, ca. 1662, BL (British Library) – Maps K.Top.117.83.

to Asilah includes a set of eleven folios, in which the measurements of part of Boytac's reformist plan are listed in detail, including the works related to the Castelo and Miradouro areas, the Baluarte Perna d'Aranha and the Couraça; these are fundamental data for the reconstitution of the evolution of the walled perimeter.

Among the few existing iconographic sources, Georg Braun's engraving *Arzila*, from the early 16th century⁸, is a central piece (figure 3). The Torre de Menagem (the keep) stands out in the drawing due to its height in relation to the rest of the walled compound; this structure was built during Boytac's stay in Asilah. There is also another engraving from the 17th century – *Arzile*⁹ – which, unlike the previous one, displays the fortification according to King Manuel I's reforms (figure 4).

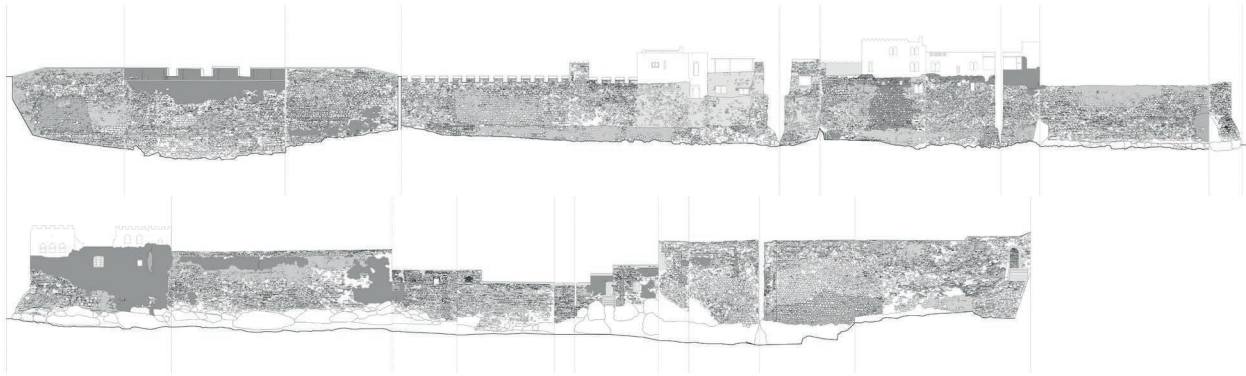
Asilah is also represented in three of the four Pastrana tapestries, ordered by King Afonso V at the end of the 15th century. *O desembarque em Arzila* and *O cerco a Arzila* depict the walled seafront, while *A tomada de Arzila* seeks to represent the southeast curtain – the land side. More than depicting the spatial and architectural reality, these tapestries were intended to perpetuate the achievements of the Portuguese involved in the portrayed events, so they are not entirely reliable in terms of drawing any conclusions about the state of the fortified system at the time of the 1471 Portuguese conquest.



4. *Arzile*, ca. 1662. BL (British Library) – Maps K. Top. 117.83. *Arzile*, ca. 1662. BL (British Library) – Maps K. Top. 117.83.

8. According to Rafael Moreira, this engraving dates from between 1510 and 1530 (*Arzila*, 1995, p. 27). On the dating of these engravings see Suzanne Daveau – “A propósito das “pinturas” do litoral marroquino incluídas no *Esmeraldo de Situ Orbis*”, 2000; the author explores the relationship between the originals by Pacheco Pereira and Braun's engravings and argues that these engravings, along with the drawings by Duarte de Armas, are the basis for the views of the Maghreb included in *Civitates Orbis Terrarum* in the early 1500s. Braun's *Arzila* engraving might correspond to the period of Boytac's presence in the town, around 1509/10.

9. *Arzile*, ca. 1662, BL (British Library) – Maps K. Top.117.83.



5. Representação do muro J: Baluarte São Francisco, Torre D e Couraça.
A representation of wall J: Baluarte de São Francisco, Tower D and Couraça.

Mais recentemente, alguns levantamentos buscaram uma representação mais próxima da realidade.

O estudo de Adolfo Guevara, *Arcila durante la ocupación portuguesa* (Guevara, 1940), de 1940, agrupou dados escritos e iconográficos e focou no conjunto amuralhado de Arzila e nas suas defesas exteriores, constando de fotografias à época e três mapas¹⁰ a escalas diferenciadas.

No entanto, o levantamento topográfico e arquitetónico de Arzila, efetuado no ano de 2012, constituiu a peça chave para uma aferição rigorosa da *medina* e da fortificação nos dias de hoje¹¹. Aí constam as medidas de todo o perímetro amuralhado e da Torre de Menagem, bem como os limites exteriores e cérceas do aglomerado habitacional intramuros. O levantamento permitiu a construção de modelos tridimensionais da muralha de Arzila que se completaram com a aplicação do desenho da estereotomia em nova missão de campo mais recente¹² (figura 5).

Tal desenho compôs-se através do rebatimento de cada aparelho ou superfície de fotografia calibrada à muralha, baluarte ou outros dispositivos intermédios. Todos os elementos notáveis da muralha de Arzila apresentam-se aqui com a nomenclatura do tempo português, mesmo que alguns tenham entretanto adquirido designações próprias em árabe¹³. O perímetro amuralhado de Arzila compreende, atualmente, uma extensão de cerca de 1 800 metros. Foi possível identificar e sistematizar

More recently, some surveys have sought to achieve a more accurate representation of reality.

The 1940 study by Adolfo Guevara, *Arcila durante la ocupación portuguesa* (Guevara, 1940), compiled written and iconographic data and focused on the walled complex of Asilah and its external defences; it consists of photographs and three maps¹⁰ at different scales.

However, the topographical and architectural survey of Asilah, carried out in 2012, was the key piece for a rigorous measurement of the present-day medina and fortification.¹¹ It includes the measurements of the entire walled perimeter and of the Torre de Menagem, as well as the external limits and heights of the intramural housing complex. The survey allowed the construction of three-dimensional models of Asilah's walls that were completed by stereotomy drawings in a new and more recent field mission¹² (figure 5).

The drawings were composed by applying rebatment to every fabric or surface of the calibrated photographs of walls, bastions or other intermediate devices. Each and every outstanding element of Asilah's walls is referred to herein using the nomenclature of the Portuguese period, even if some elements also have Arab denominations¹³. The present-day walled perimeter of Asilah measures some 1 800 m. We have identified and systematized five patterns that were useful for the formalization of

10. Os mapas são os seguintes: *Croquis del campo exterior de Arcila - sistema defensivo*; *Campo exterior de Arcila - emplazamiento de las atalayas cortas*; *Región de Arcila - toponimia portuguesa en el siglo XVI*.

11. Levantamento realizado no âmbito do projeto FCT/CNRST 2010/11 "Cidades e arquiteturas de origem portuguesa no norte de Marrocos: Alcácer Ceguer e Arzila/Villes et architectures d'origine portugaise en Afrique du Nord: Qsar es-Sghir et Asilah", Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

12. Missão integrada no projecto FCT (PTDC/EPH-PAT/4174/2014) ESPANAFRI – *Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, CHAM/Lab2PT.

13. Os únicos elementos que não possuem tradução para árabe são: Torre/Baluarte António da Fonseca, a Torre do Sino, a Torre do Alcaide-mor e o Baluarte do Miradouro.

10. The maps are the following: *Croquis del campo exterior de Arcila - sistema defensivo*; *Campo exterior de Arcila - emplazamiento de las atalayas cortas*; *Región de Arcila - toponimia portuguesa en el siglo XVI*.

11. This survey was carried out in the scope of the project FCT/CNRST 2010/11 "Cidades e arquiteturas de origem portuguesa no norte de Marrocos: Alcácer Ceguer e Arzila/Villes et architectures d'origine portugaise en Afrique du Nord: Qsar es-Sghir et Asilah", Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

12. This mission was part of the project FCT (PTDC/EPH-PAT/4174/2014) ESPANAFRI – *Spaces and lifestyles from the Portuguese period in Northern Africa: cities and towns of the "Overseas Gharb" (15th to 17th centuries)*, CHAM/Lab2PT.

13. The only elements that do not have an Arab name are: Torre/Baluarte António da Fonseca, Torre do Sino, Torre do Alcaide-mor and Baluarte do Miradouro.

cinco aparelhos úteis para a formalização da leitura evolutiva, distinguindo-se pela dimensão, irregularidade, alinhamento das juntas e fiadas (figura 6).

LEITURA EVOLUTIVA DAS ARQUITETURAS MILITARES DE ARZILA

Da análise de fontes, levantamento e estudos anteriores, propõe-se uma releitura interpretativa sucinta da evolução das arquiteturas militares em Arzila ao tempo português, partindo da cerca herdada e passando pelos três principais períodos de intervenção: o primeiro atalho e as intervenções de Boytac e de Danzilho (figura 7).

A cerca herdada

Tomando como princípio a conjecturação da geometria da vila islâmica disponível (Correia, 2008, p. 179), pressupõe-se que a cerca¹⁴, em 1471, abrangia uma área de aproximadamente 175 000 m². Atualmente, não existem vestígios da antiga cerca islâmica que perfazia todo o contorno leste entre os atuais Baluartes do Tambalão e Santa Cruz. Apenas Guevara indicava a localização de um troço de muralha subsistente no século XX¹⁵. Apesar de o muro velho ainda se encontrar de pé em 1508¹⁶ e 1509¹⁷, a crónica de Rodrigues apenas faz referência a uma porta da vila velha: a de Fez (figura 8).

Se, por um lado, a cerca cumpria a função pré estabelecida de refúgio e demarcação de um território, por outro mostrava-se atávica no que diz respeito à arte de fortificar, uma vez que os panos da muralha islâmica perfaziam ângulos maioritariamente obtusos e côncavos entre si, situação desfavorável ao flanqueamento, ou seja, à defesa lateral das cortinas (cf. Nunes, 2005, p. 116).

Apesar das reticências que *As Tapeçarias de Pastrana* merecem, estas exibem a representação de um conjunto de torres que pontuava a muralha. Estes elementos, oscilando entre plantas quadradas e circulares, podem, eventualmente, ser relacionados com algumas

the evolutionary reading, on the basis of dimension, irregularity and alignment of joints and rows (figure 6).

AN EVOLUTIONARY READING OF ASILAH'S MILITARY ARCHITECTURES

Based on the analysis of the sources, the survey and on previous studies, we propose a brief interpretive re-reading of the evolution of Asilah's military architectures in Portuguese times, starting from the inherited defensive wall and including the three main intervention periods: the first *atalho* and the interventions of Boytac and Danzilho (figure 7).

The inherited wall

Out of the inferred geometry of the Islamic town (Correia, 2008, p. 179), it can be assumed that the 1471 wall¹⁴ enclosed an area of approximately 175 000 m². Currently, there are no remains of the ancient Islamic wall that surrounded the entire eastern perimeter between the present-day Tambalão and Santa Cruz bastions. Only Guevara indicated the location of a wall section that still existed in the 20th century¹⁵. Although the old wall still stood in 1508¹⁶ and 1509¹⁷, the chronicle by Rodrigues only refers to one of the old town's gates: that of Fez (figure 8).

If, on one hand, the wall fulfilled the preestablished functions of refuge and demarcation of a territory, on the other hand it was atavistic with regard to the art of fortifying, since the Islamic wall featured mostly obtuse and concave angles between its sections, a disadvantage in terms of flanking, i.e. the lateral defence of the curtains (cf. Nunes, 2005, p. 116).

Despite all the reservations concerning the Pastrana tapestries, they do include the representation of a number of towers along the walls. These elements, featuring square and circular plans, may perhaps be related to some descriptions from the *Anais de Arzila* and to a number of measurements from Boytac's

14. Segundo António Pires Nunes, a cerca é a muralha que se fecha sobre si mesma, também podendo ser denominada de recinto. No caso de a muralha cercar apenas uma povoação, podendo ligar-se ao castelo, denomina-se de cerca da vila (Nunes, 2005).

15. *Croquis del campo exterior de Arcila*. É indicado pelo número 17: *restos de muralla del antiguo perímetro* (Guevara, 1940).

16. [...] e isto porque o dia dantes avião deixado um baluarte, chamado o Tambalão, muito furado, ao qual baluarte vinha entestar o muro velho, que, como a vila foi cortada pelo meio, estava todo o muro em pé e vinha apegar neste baluarte do Tambalão, e o muro novo era de pedra e barro, e diante avia ua barbacã; e por o muro velho carregou tanta jente que, como éram muitos os que picávão o muro e baluarte, antes das nove oras do dia dérao com o baluarte em terra e com parte do muro, e logo começarão a entrar pela barbacã (Rodrigues, 1915, p. 11-12).

17. [...] e Barraxe e Almendarim pola praia e os outros polo Facho, e por não aver ainda valos e ficarem derrubados, chegarão á porta de Féz da vila velha de mestura da boiada [...] (Rodrigues, 1915, p. 32).

14. According to António Pires Nunes, the *cerca* is a wall that completely encloses a given space; it can also be called *recinto* (enclosure). If the wall surrounds only the town, being possibly connected to the castle, it is called *cerca da vila* (Nunes, 2005).

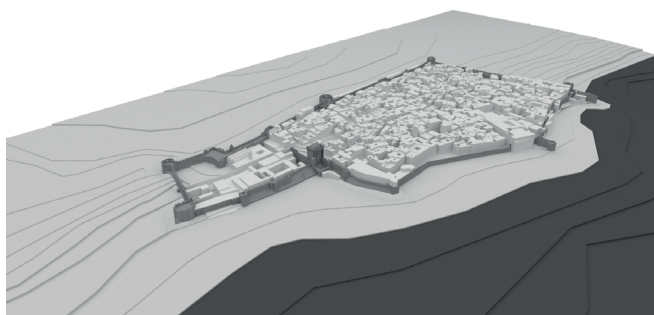
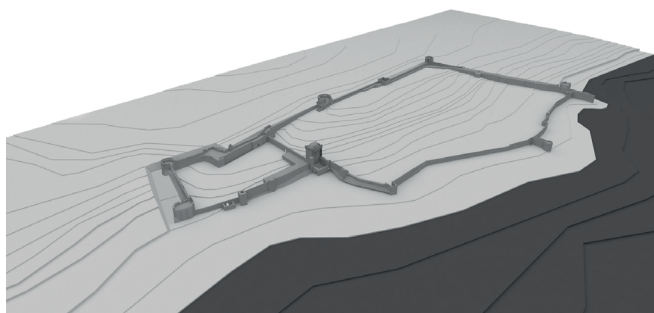
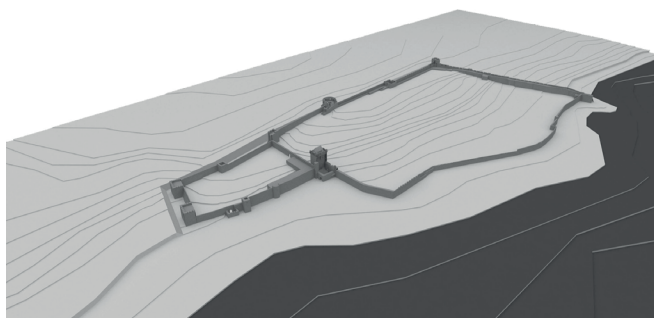
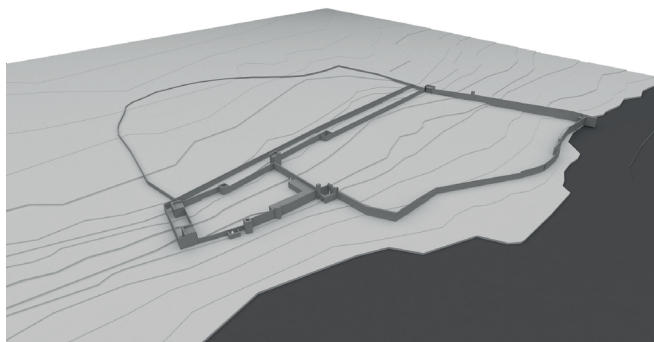
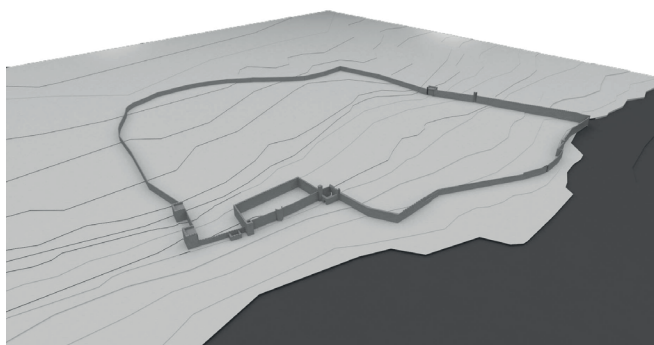
15. *Croquis del campo exterior de Arcila*. É indicado pelo número 17: *restos de muralla del antiguo perímetro* (Guevara, 1940).

16. [...] e isto porque o dia dantes avião deixado um baluarte, chamado o Tambalão, muito furado, ao qual baluarte vinha entestar o muro velho, que, como a vila foi cortada pelo meio, estava todo o muro em pé e vinha apegar neste baluarte do Tambalão, e o muro novo era de pedra e barro, e diante avia ua barbacã; e por o muro velho carregou tanta jente que, como éram muitos os que picávão o muro e baluarte, antes das nove oras do dia dérao com o baluarte em terra e com parte do muro, e logo começarão a entrar pela barbacã (Rodrigues, 1915, p. 11-12).

17. [...] e Barraxe e Almendarim pola praia e os outros polo Facho, e por não aver ainda valos e ficarem derrubados, chegarão á porta de Féz da vila velha de mestura da boiada [...] (Rodrigues, 1915, p. 32).



6. Padrões construtivos A, B, C, D e E
(de cima para baixo).
Construction patterns A, B, C, D and E
(from top to bottom).



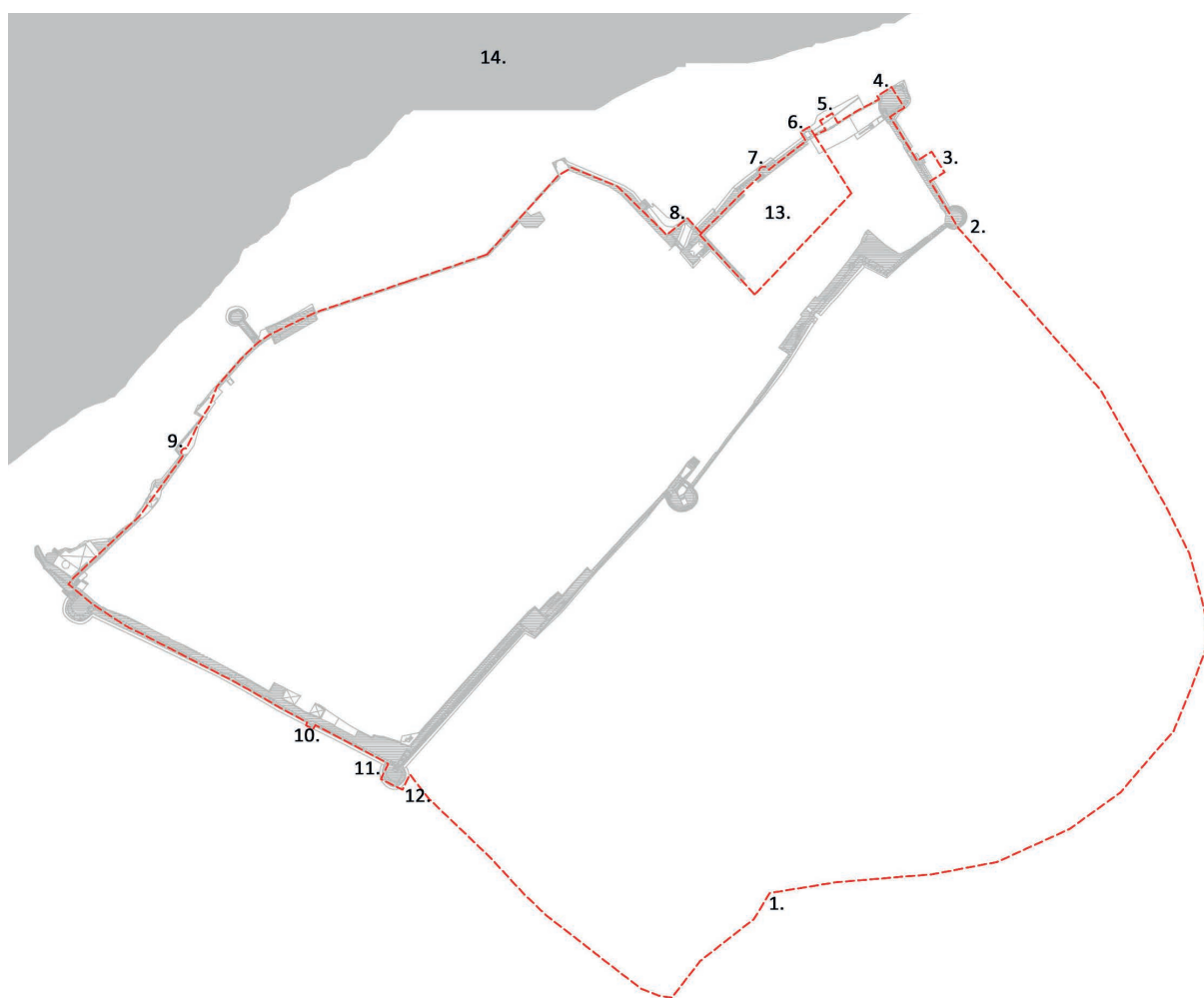
7. Modelos tridimensionais referentes às diferentes fases do conjunto amuralhado de Arzila (1 – cerca herdada em 1471; 2 – primeiro atalho de 1471-1508; 3 – intervenções de Boytac de 1509/10; 4 – intervenções de Danzilho de 1511/14; 5 – muralha e medina atuais).
3D models of the various phases of Asilah's walled complex (1 – *cerca* inherited in 1471; 2 – first *atalho*, 1471-1508; 3 – Boytac's 1509/10 interventions; 4 – Danzilho's 1511/14 interventions; 5 – present-day wall and medina).

descrições dos *Anais de Arzila* e medições da avaliação de Boytac. Sendo que da parte excluída após o atalho não existem vestígios, como referido anteriormente, apenas do restante conjunto se poderá identificar a presença destas torres antigas.

Bernardo Rodrigues atribuiu origem islâmica a duas *torrinhas* situadas entre os atuais Baluartes da Couraça e do Tambalalão¹⁸. Da mesma forma, o *Livro de Medidas* realça a existência de um desses elementos junto à Couraça¹⁹, que terá permanecido após as reformas de Francisco Danzilho. Neste alçado, correspondente aos muros K e L, é ainda hoje visível uma construção que pode ter correspondido a uma das duas torres islâmicas – a torre E, também desenhada em Braun. O cronista realça,

assessment. Since there are no traces of the part excluded after the *atalho*, as mentioned above, only the remaining elements can provide evidence for the presence of these old towers.

Bernardo Rodrigues attributed an Islamic origin to two small towers located between the present-day Couraça and Tambalalão bastions¹⁸. Likewise, the *Livro de Medidas* highlights the existence of one of these elements next to the *Couraça*¹⁹, which may have remained after the reforms of Francisco Danzilho. In this sector, corresponding to walls K and L, a construction that may have corresponded to one of the two Islamic towers – the E tower, also shown in Braun's view – is still visible nowadays. The chronicler also draws attention



8. Conjeturação do perímetro amuralhado de Arzila anterior a 1471. 1 – “Porta de Fez da Vila Velha” (mencionada por RODRIGUES (1915), p. 32; 2 – Porta (?); 3 – Baluarte de Santa Cruz; 4 – Baluarte da Praia; 5 – Porta do Albacar; 6 – Torre do Alcaide-mor; 7 – Torre G (atuais torres B e C); 8 – Porta da Ribeira; 9 – Torre D; 10 – Torre E; 11 – Baluarte do Tambalalão; 12 – Porta (?); 13 – Antiga alcáçova; 14 – Oceano Atlântico. Asilah’s walled perimeter (conjectured) prior to 1471. 1 – “Porta de Fez da Vila Velha” (mentioned by RODRIGUES (1915), p. 32; 2 – Gate (?); 3 – Baluarte de Santa Cruz; 4 – Baluarte da Praia; 5 – Porta do Albacar; 6 – Torre do Alcaide-mor; 7 – Tower G (present-day towers B and C); 8 – Porta da Ribeira; 9 – Tower D; 10 – Tower E; 11 – Baluarte do Tambalalão; 12 – Gate (?); 13 – The old citadel; 14 – Atlantic Ocean.

18. [...] e por aver neste tempo antre estes dous baluartes da Couraça e Tambalalao *duas torrinhas antigas*, do tempo de mouros [...]. (Rodrigues, 1915, p. 183).

19. [...] Das quaes descontam b braças quatro palmo por *hua torrinha velha* que aqui estava e asy ficam [...]. (*Livro*, 1514, fl. 69).

18. [...] e por aver neste tempo antre estes dous baluartes da Couraça e Tambalalao *duas torrinhas antigas*, do tempo de mouros [...]. (Rodrigues, 1915, p. 183).

19. [...] Das quaes descontam b braças quatro palmo por *hua torrinha velha* que aqui estava e asy ficam [...]. (*Livro*, 1514, fl. 69).

ainda, a existência de mais duas *torrinhas* entre a Cou-raça e o Baluarte de São Francisco, o que nos leva a crer que são, igualmente, de origem islâmica (figura 9). Atualmente, apenas se encontra os vestígios de uma torre na frente marítima, identificada por torre D, possuindo um traçado circular e uma altura superior ao pano em que se inscreve²⁰.

to the existence of two other small towers between the Couraça and the Baluarte de São Francisco, which leads us to believe that they are also of Islamic origin (figure 9). Currently, only the remains of one tower, identified as tower D, can be seen on the seafront; this is a circular tower, higher than the curtain wall²⁰.



9. Vestígios da torre E na muralha atual (2016).
Remains of tower E in the present-day wall (2016).

O primeiro atalho

A geometria da cerca alterou-se significativamente após a introdução do atalho. Esta é a única parte do conjunto cuja fundação é indubitavelmente portuguesa e, por esse motivo, transparece o modo de construir da arquitetura militar da época. Não é possível atribuir uma data à construção deste novo muro. Porém, aquando da investida de 1508, ano em que o atalho é referido pela primeira vez, já a vila portuguesa tinha sido reduzida a menos de metade²¹. Na mesma crónica são mencionados outros elementos que concorrem para a reconstituição do primeiro atalho português:

1) Baluarte do Tambalalão – estrutura que rematava o atalho no seu extremo sul, ao qual encostava o muro velho islâmico eliminado pelos portugueses;

The first *atalho*

The geometry of the defensive wall changed significantly after the implementation of the *atalho*. This is the only part of the compound whose foundation is undoubtedly Portuguese, as clearly evidenced by the use of construction techniques typical of the military architecture of those times. It is not possible to assign a date to the construction of this new wall. Nevertheless, by the time of the 1508 attack, the year when the *atalho* was first mentioned, the Portuguese town had already been reduced to less than half its size²¹. The same chronicle mentions other elements that contribute to the reconstitution of the first Portuguese *atalho*:

1) Baluarte do Tambalalão – the structure that topped the *atalho* at its southern end, the old Islamic wall eliminated by the Portuguese was adjoined to it;

20. Para uma interpretação mais aturada destes vestígios, ler Peixoto, 2017, p. 95-96.

21. [...] e isto porque o dia dantes avião deixado um baluarte, chamado Tambalalão, muito furado, ao qual vinha entestar o muro velho, que, como a vila foi cortada pelo meio, estava todo o muro em pé e vinha apegar neste baluarte do Tambalalão, e o muro novo era de pedra e barro, e diante avia ua barbacã [...] (Rodrigues, 1915, p. 11-12).

20. For a more detailed interpretation of these remains see Peixoto, 2017, p. 95-96.

21. [...] e isto porque o dia dantes avião deixado um baluarte, chamado Tambalalão, muito furado, ao qual vinha entestar o muro velho, que, como a vila foi cortada pelo meio, estava todo o muro em pé e vinha apegar neste baluarte do Tambalalão, e o muro novo era de pedra e barro, e diante avia ua barbacã [...] (Rodrigues, 1915, p. 11-12).

2) Porta da Vila – o único ponto permeável do atalho com ligação à vila²² (figura 10);

3) Torre do Sino – ponto de interseção entre o muro do castelo e o atalho²³;

4) Baluarte de Santa Cruz – estrutura que rematava o atalho no seu extremo norte²⁴ (figura 11).

Na gravura de Braun, datável depois de 1509/10, denota-se que o atalho que conforma o alçado sudeste do castelo é tendencialmente reto, diferindo dos atuais segmentos interrompidos por dentes. Além disso, destaca-se a presença de duas torres entre o Baluarte de Santa Cruz e a Torre do Sino, sendo uma delas facilmente identificada quando percorremos o atual caminho de ronda entre os dois baluartes mais setentrionais da praça. O adarve correspondente à inflexão mais a norte do atalho possui no seu cunhal vestígios desta antiga torre, de planta quadrangular (torre F). Estes vestígios lançam a possibilidade de um alinhamento que provém do original Baluarte de Santa Cruz, sendo possível supor a sua localização primária (figura 12).

No presente, poucos são os elementos que ajudam a traçar uma reconstituição conjectural do primeiro atalho português, devido às obras de melhoramento posteriores que a fortificação sofreu. Para além da torre abordada anteriormente, retiram-se dados para a completar a reconstituição do primeiro atalho²⁵ através da comparação entre os muros compreendidos entre o Baluarte/Porta da Vila – Torre do Sino (muro C) e Baluarte da Praia – Torre do Alcaide-mor (porção do muro G), mesmo não pertencendo este último ao muro do atalho, em particular das marcas de antigas portas aí encontradas.

Ao contrário do muro C, das restantes partes do atalho – entre o Baluarte do Tambalão e a Porta da Vila – não é possível retirar pistas da existência de um primeiro atalho que não seja um pano que uniria aquelas duas estruturas.

Entre o final do século XV e o início do século XVI, a cerca da vila portuguesa herdou o contorno islâmico entre os Baluartes do Tambalão e de Santa Cruz, passando pela frente voltada ao mar, aproveitando

2) Porta da Vila – the only permeable point of the *atalho*, giving access to the town²² (figure 10);

3) Torre do Sino – the point of intersection between the castle wall and the *atalho*²³;

4) Baluarte de Santa Cruz – the structure that topped the *atalho* at its northern end²⁴ (figure 11).

Braun's engraving, which can be dated after 1509/10, shows that the *atalho* that shapes the southeast elevation of the castle is generally straight, differing from the current indented segments. In addition, two towers are shown between the Baluarte de Santa Cruz and the Torre do Sino, one of which is easily identified when one walks the current *chemin de ronde* between the two northernmost bastions of the stronghold. The corner of the battlements corresponding to the northernmost inflexion of the *atalho* shows vestiges of this old quadrangular tower (tower F). These vestiges suggest the possibility of an alignment stemming from the original Baluarte de Santa Cruz; thus, it is possible to infer the tower's primary location (figure 12).

Nowadays, only a few elements exist that may support a conjectural reconstitution of the first Portuguese *atalho*, due to the fortification's later improvement works. In addition to the above referred tower, data to complete the reconstitution of the first *atalho*²⁵ can be obtained by comparing the walls located between the Baluarte/Porta da Vila – Torre do Sino (wall C) and the Baluarte da Praia – Torre do Alcaide-mor (part of wall G), even though the latter does not belong to the *atalho* wall, and in particular from the remnants of old gates found therein.

Unlike wall C, the other parts of the *atalho* – between the Baluarte do Tambalão and the Porta da Vila – do not provide any clues of the existence of a first *atalho*, apart from the possibility that both these structures were connected by a curtain.

Between the end of the 15th century and the beginning of the 16th century, the wall of the Portuguese town inherited the Islamic outline between the Tambalão and Santa Cruz bastions, including the front facing the sea, making use of approximately 43% (~75 000 m²) of the original area. Not unlike what was simultaneously happening in Portugal, where the coeval castles

22. [...] mas ele, á porta da vila e Jorje Barreto, seu jenro, á da Ribeira, resistirão de maneira que os mouros ouvêrão por seu barato afastarem-se (Rodrigues, 1915, p. 22).

23. O conde, como foi curado, logo acodio com sua saia de malha vestida e adarga no braço, e não sosegou até deixar toda a jente repartida polo muro do castelo; e a seu jenro, Jorje Barreto, encomendou não se apartase da torre do sino, por estar o muro da vila apegado com ela [...] (Rodrigues, 1915, p. 13).

24. [...] e contudo não deixarão de se apoderar do baluarte da Praia e da barbacã que ia dele até Santa Cruz, outro baluarte que asi se chamava por ter úa grande cruz de pao em cima [...] (Rodrigues, 1915, p. 18).

25. Para uma análise detalhada destes dados, consultar Peixoto, 2017, p. 102-103.

22. [...] mas ele, á porta da vila e Jorje Barreto, seu jenro, á da Ribeira, resistirão de maneira que os mouros ouvêrão por seu barato afastarem-se (Rodrigues, 1915, p. 22).

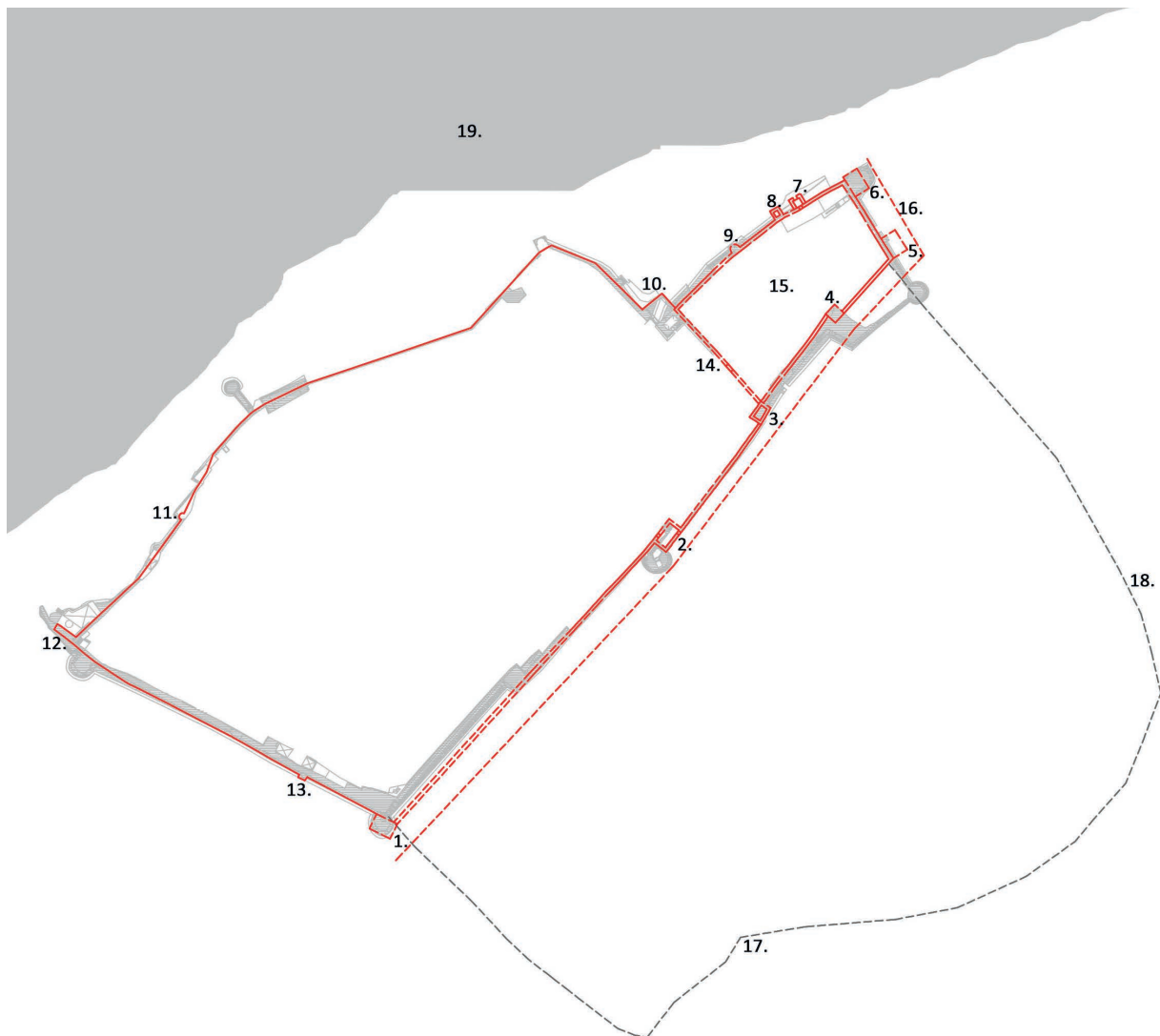
23. O conde, como foi curado, logo acodio com sua saia de malha vestida e adarga no braço, e não sosegou até deixar toda a jente repartida polo muro do castelo; e a seu jenro, Jorje Barreto, encomendou não se apartase da torre do sino, por estar o muro da vila apegado com ela [...] (Rodrigues, 1915, p. 13).

24. [...] e contudo não deixarão de se apoderar do baluarte da Praia e da barbacã que ia dele até Santa Cruz, outro baluarte que asi se chamava por ter úa grande cruz de pao em cima [...] (Rodrigues, 1915, p. 18).

25. For a detailed analysis of these data see Peixoto, 2017, p. 102-103.



10. Vestígios da antiga Porta da Vila, dos lados exterior (esquerda) e interior (direita) da medina (2016).
Vestiges of the former Porta da Vila, on the outer (left) and inner (right) sides of the medina (2016).



11. Conjeturação do perímetro amuralhado de Azilá entre 1471 e 1508, após a introdução do primeiro atalho. 1 – Baluarte do Tambalalão; 2 – Porta da Vila; 3 – Torre do Sino; 4 – Torre F; 5 – Baluarte de Santa Cruz; 6 – Baluarte da Praia; 7 – Porta do Albacar; 8 – Torre do Alcaide-mor; 9 – Torre G (atuais torres B e C); 10 – Porta da Ribeira; 11 – Torre D; 12 – Couraça; 13 – Torre E; 14 – Porta do Castelo; 15 – Castelo; 16 – Barbacã; 17 – “Porta de Fez da Vila Velha”; 18 – Perímetro islâmico; 19 – Oceano Atlântico.
Asilah’s walled perimeter (conjectured) between 1471 and 1508, after the implementation of the first atalho. 1 – Baluarte do Tambalalão; 2 – Porta da Vila; 3 – Torre do Sino; 4 – Tower F; 5 – Baluarte de Santa Cruz; 6 – Baluarte da Praia; 7 – Porta do Albacar; 8 – Torre do Alcaide-mor; 9 – Tower G (present-day towers B and C); 10 – Porta da Ribeira; 11 – Tower D; 12 – Couraça; 13 – Tower E; 14 – Porta do Castelo; 15 – Castelo; 16 – Barbacã; 17 – “Porta de Fez da Vila Velha”; 18 – Islamic perimeter; 19 – Atlantic Ocean.



12. Interior do antigo castelo com os vestígios da Torre F, à direita. Perspetiva desde o adarve do muro F (2016).
The interior of the former *castelo*; the remains of tower F can be seen on the right. View taken from the *chemin de ronde* of wall F (2016).

sensivelmente 43% (~75 000 m²) da área original. À semelhança do que acontecia paralelamente no território nacional, em que os castelos da época adotavam cada vez mais um caráter senhorial, sem descurar o lado defensivo, também aqui se verificou a exclusividade de uma zona para a residência do governador – o castelo²⁶.

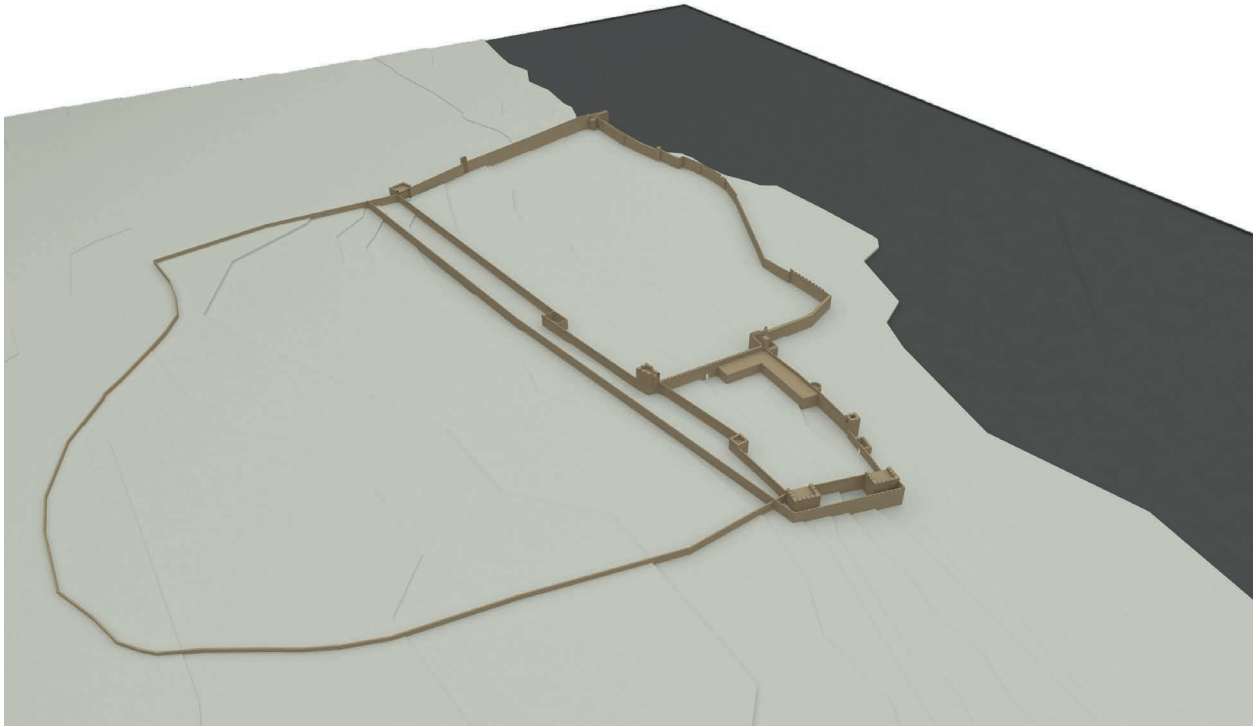
Em suma, com a construção do primeiro *atalho*, adotou-se uma configuração mais alongada e longitudinal comparativamente à cerca pré-existente, passando a distinguir-se dois corpos com funções distintas. O *atalho* cortou a vila pré-existente num só gesto, ao contrário do sucedido noutras praças conquistadas no Norte de África em que se verificou a redução da medida islâmica em duas frentes, com *atalhos* duplos – Ceuta, Safim e Tânger (cf. Correia, 2008, p. 357). Resolvendo pragmaticamente o objetivo para que foi concebido, o muro do *atalho* viabilizava uma proporção sustentável entre área a defender e disponibilidade de recursos humanos ou balísticos disponíveis (figura 13).

increasingly adopted a lordly character, without neglecting the defensive aspects, Asilah also featured an exclusive zone for the governor's residence – the *castelo*²⁶.

In short, the construction of the first *atalho* adopted a more elongated and longitudinal configuration as compared to the preexisting wall, with two separate blocks with different functions. The *atalho* cut the pre-existing village in a single blow, contrary to what happened in other strongholds conquered in North Africa where there was a reduction of the Islamic layout on two fronts, with double *atalhos* – in Ceuta, Safi and Tangier (cf. Correia, 2008, p. 357). By pragmatically achieving the objective for which it was conceived, the *atalho* walls enabled a sustainable proportion between the area to be defended and the availability of human or ballistic resources at hand (figure 13).

26. Esta é uma das mudanças que ocorrem na transição do castelo românico ao gótico, em que este passa a conter duas partes distintas: a parte militar, cerca, com um traçado irregular, e a parte civil residencial, mais regular (cf. Monteiro, 1999, p. 45-51).

26. This is one of the changes that occurred in the transition from the Romanesque to the Gothic castle; the latter features two distinct parts: the military part, i. e. the wall, with an irregular layout, and the more regular civilian, residential part (cf. Monteiro, 1999, p. 45-51).



13. Modelo tridimensional: reconstituição conjectural do primeiro atalho.
3D model: conjectural reconstitution of the first *atalho*.

Diogo Boytac²⁷, 1509/10

Ultrapassado o cerco que debilitou a vila portuguesa de Arzila em 1508, urgiu uma resposta que materializasse uma cerca mais resistente e moderna. Um ano depois D. Manuel I enviou mestre Diogo Boytac ao Norte de África²⁸. Foi em Arzila que o mestre de obras deixou o seu maior legado no que diz respeito à arquitetura militar, por se ter encarregado pessoalmente de reforçar a cerca nos pontos onde esta havia sido mais danificada: o muro novo de pedra e barro, ou seja, o dito primeiro atalho. Boytac, como assina no testemunho das reformas manuelinas das quatro praças setentrionais, não se cingiu apenas à vila de Arzila. Entre 1509 e 1510, traçou planos de reforço para Ceuta, Alcácer Ceguer e Tânger, os quais deixou em forma de regimento, a serem implementados pelo mestre biscaíno Francisco Danzilho a partir do ano seguinte. Cabe ao cruzamento das fontes textuais e iconográficas, coevas e recentes, a suposição das diversas fases de uma praça que viu reforçado praticamente todo o seu sistema fortificado, nos anos que sucederam o cerco de 1508, bem como os autores intervenientes de uma nova imagem de Arzila que viria a acompanhar os avanços da pirobalística.

27. O nome do mestre de obras varia consoante os autores. É designado de "Butaca" em *Anais de Arzila*, de Bernardo Rodrigues. No entanto, atendendo a que a assinatura que consta no *Livro das Medidas* é "Boytac", optou-se por tal denominação.

28. [...] mandando com o conde mestre Butaca, grande mestre de obras, que fizese os muros de pedra e cal; e asi mandou prover como em Vila Nova de Portimão se fizese muita cal [...] (Rodrigues, 1915, p. 27).

Diogo Boytac²⁷, 1509/10

After the siege that weakened the Portuguese town of Asilah in 1508, there was an urgent need for a response that would materialize a more resistant and modern defensive wall. A year later, King Manuel I sent Diogo Boytac to North Africa²⁸. It was in Asilah that this master builder left his greatest legacy with regard to military architecture, as he personally took over the task of reinforcing the wall at the points where it had been most damaged: the new stone-and-clay wall, i. e. the so-called first *atalho*. Boytac (according to his signature on the testimony of the Manueline reforms of the four northern strongholds) did not confine his works only to the town of Asilah. Between 1509 and 1510, he designed reinforcement plans for Ceuta, Ksar es-Seghir and Tangier, which he left in the form of an ordinance to be implemented by the Basque master builder Francisco Danzilho from the following year onwards. Only by combining textual and iconographic sources, both coeval and recent, can we surmise the various phases of a stronghold that saw practically its entire fortified system strengthened in the years following the siege of 1508, as well as the authors of the new image of Asilah that would follow the advances in pyroballistics.

27. The name of the *mestre de obras* varies according to different authors. He is called "Butaca" by Bernardo Rodrigues in the *Anais de Arzila*. However, since the signature in the *Livro das Medidas* is "Boytac", we chose to use this name.

28. [...] mandando com o conde mestre Butaca, grande mestre de obras, que fizese os muros de pedra e cal; e asi mandou prover como em Vila Nova de Portimão se fizese muita cal [...] (Rodrigues, 1915, p. 27).

Similarmente ao relato do assédio de 1508, é também ao narrar o cerco de 1509 que Bernardo Rodrigues adianta pormenores relevantes do ponto de vista arquitetónico, úteis para a construção de uma leitura evolutiva da muralha de Arzila (Rodrigues, 1915, p. 29-36) (figura 14):

- 1) trabalhava-se na abertura de uma cava²⁹;
- 2) a vila estava ainda desprovida de meios eficazes de defesa ativa³⁰;
- 3) os muros da vila e do castelo eram frágeis, sendo que os primeiros se encontravam em processo de construção³¹;
- 4) a Porta da Vila estava munida com duas bombardeiras à entrada³².

Desenhada na mesma altura das obras de Boytac, a gravura de Braun destacava já a Torre de Menagem, implantada no cunhal da Porta da Ribeira e responsável pela unificação da antiga alcáçova à vila. A questão de o pano entre a Torre do Sino e o Tambalão não ter sido representado dever-se-á ao facto dos muros estarem a ser reconstruídos de raiz por Boytac, ao mesmo tempo que era aberto o fosso paralelo às cortinas. A falta de referências ao atalho no *Livro das Medidas* concorreu para a confirmação da sua autoria. De facto, tendo o atalho original de pedra e barro sido das partes mais afetadas, necessitava de intervenção urgente. Foram as marcas ameaçadas presentes na estereotomia atual que permitiram a criação de uma hipótese de reconstituição desses alçados.

Sintetizando, o traçado da nova cerca afastou-se do segmento reto do primeiro atalho estabelecido, inadequado à necessidade crescente de defesa da vila, propondo três inflexões. A análise métrica permite concluir que o projeto do muro atendeu a critérios rigorosos de planificação, pois passa a designar os seguintes aspetos:

- 1) o muro que outrora tinha sido erguido entre o Tambalão e a Santa Cruz passou a exibir cinco faces que descrevem inflexões e destacamentos entre si;

29. [...] e trouxe muita jente dos alarves e dos colotos, e chegarão até a cava, e o mór dano que fizêrão foi levarem algúa ferramenta dos que trabalhavam na cava [...] (Rodrigues, 1915, p. 29).

30. [...] e como ainda não avia artelharia, andávão á sua vontade polas ortas (Rodrigues, 1915, p. 29).

31. [...] sempre que os nosos saião, a artelharia da vila prestes e apontada, de maneira que nunca os nosos saião que os mouros não recebesem muito dano, ainda que os muros êrão fracos e não êrão acabados de fazer [...]; p. 36: [...] e asi morrerem muitos dos cristãos, pois o castelo era tão fraco que não avia nele defesa [...] (Rodrigues, 1915, p. 34).

32. O outro caso notável que neste cerco aconteceu foi que no baluarte da porta da vila, em duas bombardeiras que estão á porta, estão dous tiros grosos [...]. É importante mencionar que foi neste ano que Bernardo Rodrigues se referiu, pela primeira vez, a “baluarte” da porta da vila (Rodrigues, 1915, p. 35).

Just like in his report of the 1508 siege, it is also by narrating the 1509 siege that Bernardo Rodrigues provides relevant details from an architectural point of view, useful for the construction of an evolutionary reading of Asilah's walls (Rodrigues, 1915, p. 29-36) (figure 14):

- 1) a moat was being dug²⁹;
- 2) the town still lacked effective means of active defence³⁰;
- 3) the walls of the town and castle were fragile; the former were being built by then³¹;
- 4) the Porta da Vila entrance featured two gun embrasures (*bombardeiras*)³².

Drawn at the time of Boytac's works, Braun's engraving already highlighted the Torre de Menagem, located at the angle of the Porta da Ribeira gate and connecting the old citadel to the town. The issue that the curtain between the Torre do Sino and the Tambalão has not been represented is due to the fact that the walls were being rebuilt from scratch by Boytac, at the same time as the moat parallel to the curtains was being dug. The lack of references to the *atalho* in the *Livro das Medidas* contributed to the confirmation of its authorship. In fact, as the original stone-and-clay *atalho* was one of the most damaged parts, it needed urgent intervention. The traces of crenellations visible on the present-day stereotomy allowed the creation of a hypothesis for the reconstitution of these elevations.

In short, the layout of the new wall did not follow the straight segment of the first *atalho*, unsuited for the town's growing defensive needs, and featured three inflexions. The metric analysis allowed us to conclude that the wall project followed strict planning criteria, as it designates the following aspects:

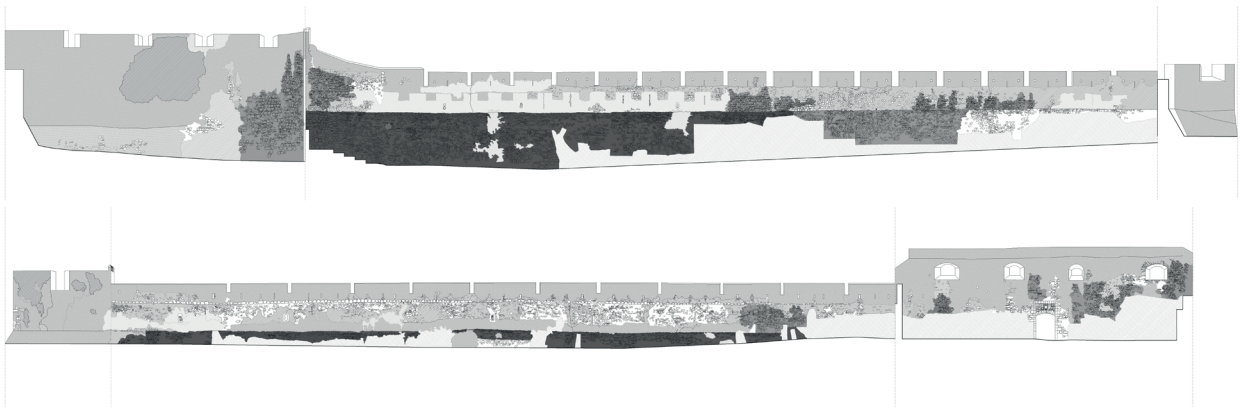
- 1) the wall that had once been erected between the Tambalão and Santa Cruz now had five faces with inflexions and salients among them;

29. [...] e trouxe muita jente dos alarves e dos colotos, e chegarão até a cava, e o mór dano que fizêrão foi levarem algúa ferramenta dos que trabalhavam na cava [...] (Rodrigues, 1915, p. 29).

30. [...] e como ainda não avia artelharia, andávão á sua vontade polas ortas (Rodrigues, 1915, p. 29).

31. [...] sempre que os nosos saião, a artelharia da vila prestes e apontada, de maneira que nunca os nosos saião que os mouros não recebesem muito dano, ainda que os muros êrão fracos e não êrão acabados de fazer [...]; p. 36: [...] e asi morrerem muitos dos cristãos, pois o castelo era tão fraco que não avia nele defesa [...] (Rodrigues, 1915, p. 34).

32. O outro caso notável que neste cerco aconteceu foi que no baluarte da porta da vila, em duas bombardeiras que estão á porta, estão dous tiros grosos [...]. We would point out that it was in this year that Bernardo Rodrigues referred, for the first time, to the “baluarte” da porta da vila (Rodrigues, 1915, p. 35).



14. Representação dos muros A e B: Baluarte do Tambalalão, muro A, Baluarte António da Fonseca, muro B e Baluarte/Porta da Vila.
A representation of walls A and B: Baluarte do Tambalalão, wall A, Baluarte António da Fonseca, wall B and Baluarte/Porta da Vila.

2) a relação equidistante entre os novos baluartes construídos no *atalho* (Baluarte do Tambalalão, Baluarte António da Fonseca e Baluarte/Porta da Vila) regeu-se pelo comprimento da face sudeste do castelo, ou seja, as 48 *braças* que os muros D e E contabilizam em conjunto (figura 15);

3) no sentido sul-norte, as cortinas A e B dispõem-se paralelas uma à outra, separadas por aproximadamente 4 *braças*, e articuladas por um novo dispositivo – o Baluarte António da Fonseca;

4) os muros B e C unem-se através do Baluarte da Vila, que agrega, também, a função de porta em cotovelo;

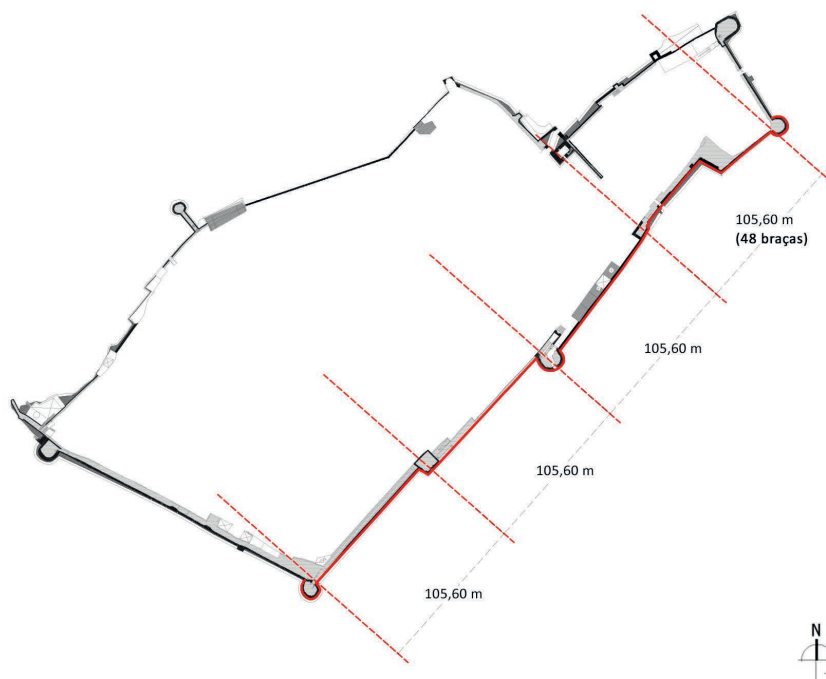
5) desenrola-se a partir do Baluarte da Vila o muro que entesta na Torre do Sino (muro C), traçado aproveitado do *atalho* original.

2) the equidistant relation between the new bastions built during the *atalho* (Baluarte do Tambalalão, Baluarte António da Fonseca and Baluarte/Porta da Vila) was based on the length of the southeast face of the castle, i.e. 48 *braças*, the joint length of walls D and E (figure 15);

3) in the south-north direction, walls A and B are parallel, approximately 4 *braças* apart and connected by a new structure – the Baluarte António da Fonseca;

4) walls B and C are connected by the Baluarte da Vila, which also had the functions of an angled gate;

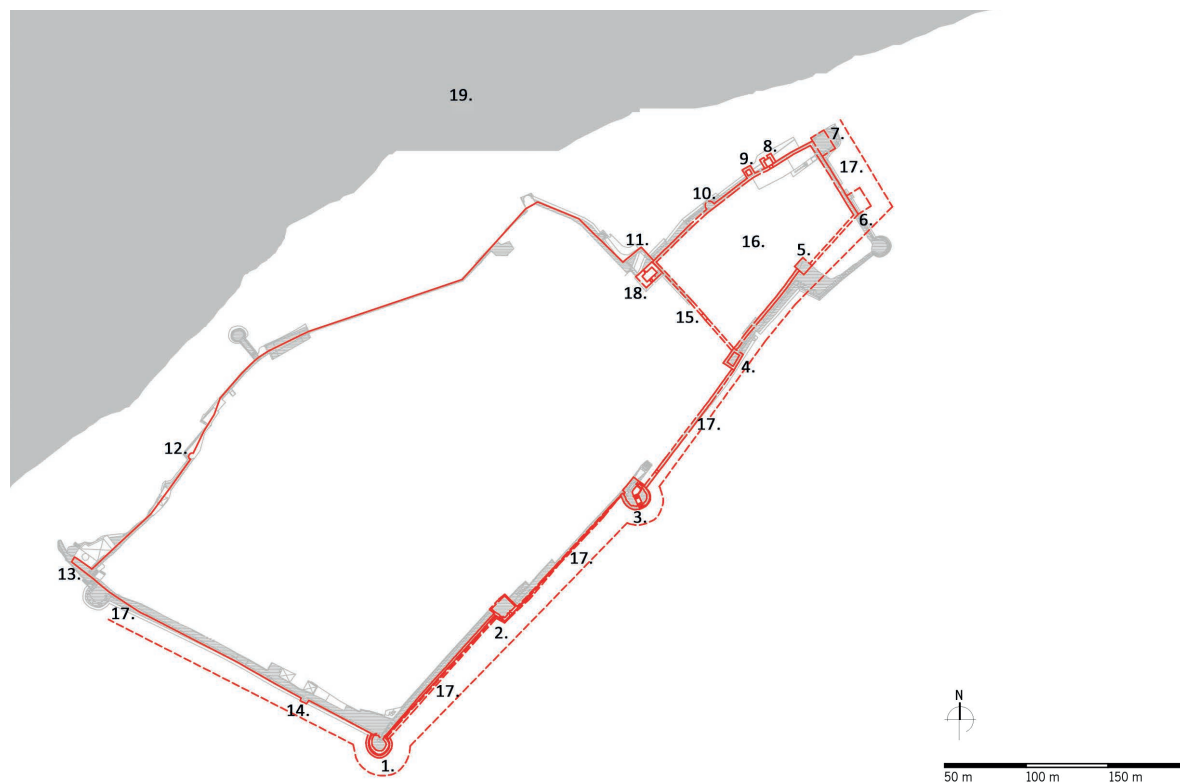
5) the wall that extends from the Baluarte da Vila to the Torre do Sino (wall C) follows the layout of the original *atalho*.



15. Esquema da métrica aplicada por Boytac na construção do *atalho* (perímetro base referente à muralha atual).
A scheme of the metric applied by Boytac to the construction of the *atalho* (the base perimeter corresponds to the present-day wall).

O seu plano visou, também, a abertura de um fosso paralelo aos alçados de terra – muros A-F. Além disso, Boytac optou por altear os muros voltados ao mar, ao invés da solução de cava, encontrando-se apenas vestígios dessa ação no muro G (figura 16).

Boytac's plan also included the digging of a moat parallel to the landside walls – the A to F walls. In addition, he chose to raise the walls facing the sea instead of digging a ditch; only wall G shows traces of this action (figure 16).



16. Conjeturação do perímetro amuralhado de Arzila em 1509/10, após as obras do Boytac. 1 – Baluarte do Tambalalão; 2 – Baluarte António da Fonseca; 3 – Baluarte/Porta da Vila; 4 – Torre do Sino; 5 – Torre F; 6 – Baluarte de Santa Cruz; 7 – Baluarte da Praia; 8 – Porta do Albacar; 9 – Torre do Alcaide-mor; 10 – Torre G (atuais torres B e C); 11 – Porta da Ribeira; 12 – Torre D; 13 – Couraça; 14 – Torre E; 15 – Porta do Castelo; 16 – Castelo; 17 – Fosso/cava; 18 – Torre de Menagem; 19 – Oceano Atlântico.
- Asilah's walled perimeter (conjectured) in 1509/10, after Boytac's works. 1 – Baluarte do Tambalalão; 2 – Baluarte António da Fonseca; 3 – Baluarte/Porta da Vila; 4 – Torre do Sino; 5 – Tower F; 6 – Baluarte de Santa Cruz; 7 – Baluarte da Praia; 8 – Porta do Albacar; 9 – Torre do Alcaide-mor; 10 – Tower G (present-day towers B and C); 11 – Porta da Ribeira; 12 – Tower D; 13 – Couraça; 14 – Tower E; 15 – Porta do Castelo; 16 – Castelo; 17 – Moat/cava; 18 – Torre de Menagem; 19 – Atlantic Ocean.

Francisco Danzilho³³, 1511/14

Ao contrário de Boytac, os registos referentes a Francisco Danzilho atribuem-lhe cargos relacionados com arquitetura militar. A sua experiência prévia em fortalezas fê-lo partir para África, a pedido de D. Manuel I, para a materialização do regimento de Boytac relativo às quatro praças setentrionais.

Francisco Danzilho³³, 1511/14

As opposed to Boytac, the records pertaining to Francisco Danzilho mention positions related to military architecture. His previous fortification experience made him leave for Africa, at the request of King Manuel I, in order to implement Boytac's ordinance concerning the four northern strongholds.

33. O apelido deste mestre de obras varia consoante os autores. É designado de "Lenzina" em *Anais de Arzila*, de Bernardo Rodrigues, de "Danzilho" por Rafael Moreira, e de "Danzinho" e "Danzilho" por Sousa Viterbo, por exemplo. *E porque se entenda quem este Francisco de Lenzina [...], digo que era bizcainho e pessoa nobre e fidalgo, e sendo neste reino conhecido d'el-rei Dom Manoel, noso senhor, e tendo algúa inteligência, tomou de empreitada os muros d'Arzila e Tanjere e Alcacere, a tanto por braça [...]* (Rodrigues, 1915, p. 77).

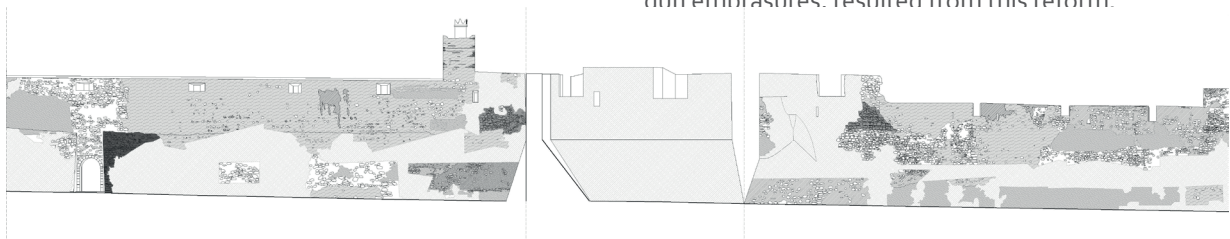
33. The surname of this *mestre de obras* varies according to different authors. He is named "Lenzina" in Bernardo Rodrigues' *Anais de Arzila*, "Danzilho" by Rafael Moreira, "Danzinho" and "Danzilho" by Sousa Viterbo, for example. *E porque se entenda quem este Francisco de Lenzina [...], digo que era bizcainho e pessoa nobre e fidalgo, e sendo neste reino conhecido d'el-rei Dom Manoel, noso senhor, e tendo algúa inteligência, tomou de empreitada os muros d'Arzila e Tanjere e Alcacere, a tanto por braça [...]* (Rodrigues, 1915, p. 77).

As menções que o cronista Bernardo Rodrigues faz a Francisco Danzilho nos *Anais de Arzila* enquadram-se entre 1511 e 1512. A sua presença parece ter alternado entre as quatro praças africanas, visto não existirem registos relativos a períodos exatos em cada uma delas; apenas se sabe, através das medições de Bastião Luiz e Boytac, que em 1514 as obras se encontravam concluídas.

Ainda que nos *Anais* o autor faça várias alusões a Danzilho, poucas são as relevantes do ponto de vista do edifício. Conta-nos esta crónica que teve um papel importante na reformulação das construções intramuros³⁴ e que o Baluarte de São Francisco terá sido da sua autoria³⁵. A leitura do *Livro das Medidas* possibilita uma categorização mais exata das intervenções em 1511/12. Para além de algumas alterações realizadas a pedido do Governador, fora do regimento de Boytac³⁶, Danzilho incidiu nas seguintes estâncias principais: a inflexão do castelo (muros D e E), o conjunto da Couraça e a frente marítima.

1) Inflexão do castelo (figura 17):

A inflexão instituída nesta reformulação do alçado noroeste do castelo veio desvincular a ligação entre a torre F e o antigo Baluarte de Santa Cruz, dando lugar a um novo muro (E) que alargou a área interior do castelo, articulando-se os muros à semelhança de um flanco. Desta operação surgiu o atual Baluarte de Santa Cruz, de planta ultrasemicircular e apetrechado com dois níveis de bombardeiras.



17. Representação dos muros C, D e E: Baluarte/Porta da Vila, muro C, Torre do Sino, muro D, Torre A (inflexão do castelo), muro E e Baluarte de Santa Cruz + Torre F (vestígios).

A representation of walls C, D and E: Baluarte/Porta da Vila, wall C, Torre do Sino, wall D, tower A (castle inflexion), wall E and Baluarte de Santa Cruz + tower F (remains).

34. *Ua cousa poso afirmar, que foi Francisco de Lenzina parte e causa com que Arzila se reformou de casas, porque estando as mais derrubadas dos mouros, ao tempo que a entrarão, e dos soldados, nunca morador pedio úa carga de cal ou duas que lh'a não dése [...]* (Rodrigues, 1915, p. 78).

35. [...] e quando lhe o mar dava lugar ião sair ao *baluarte dos Frades*; e desta maneira se recolheo todo o socorro de jente e o mais; mas como os mouros não leixasem de ir por sua obra adiante, tirando continuamente ao muro, e tendo feito muito abalo nele, por ser o que fez Francisco de Lenzina d'empreitada, e não ter mais que seis palmos no andar e dous das ameas [...]. Esta transcrição surge no seguimento do relato do cerco de 1516 (Rodrigues, 1915, p. 190). É um dado fundamental, pois denota-se que no *Livro das Medidas*, apesar de serem referidas muitas obras no alçado marítimo, não é mencionado o Baluarte de São Francisco.

36. Entre elas, destacam-se as guaritas do Baluarte de Santa Cruz e da Torre do Sino, um espigão entre a torre adossada à Porta da Ribeira e a Torre de Menagem, o chapeamento desta última e do Baluarte da Couraça.

The references made by the chronicler Bernardo Rodrigues to Francisco Danzilho in the *Anais de Arzila* fall between 1511 and 1512. His presence seems to have alternated between the four African strongholds, since there are no records of the exact periods spent in each of them; we only know, based on the measurements of Bastião Luiz and Boytac, that the works were completed in 1514.

Although several allusions to Danzilho are made by the author of the *Anais*, only a few are relevant from the construction point of view. This chronicle tells us that Danzilho had an important role in the reformulation of the intramural buildings³⁴ and that the authorship of the Baluarte de São Francisco was arguably his³⁵. The reading of the *Livro das Medidas* enables a more accurate categorization of the 1511/12 interventions. Besides some changes made at the request of the Governor, not included in Boytac's ordinance³⁶, Danzilho focused on the following main facilities: the inflexion of the castle (walls D and E), the Couraça and the seafront.

1) The castle inflexion (figure 17):

The inflexion resulting from this reformulation of the castle's north-west elevation broke the connection between tower F and the former Baluarte de Santa Cruz, originating a new wall (E) that enlarged the castle's interior area; the walls were connected in the semblance of a flank. The current Baluarte de Santa Cruz, ultra-semicircular and equipped with two tiers of gun embrasures, resulted from this reform.

34. *Ua cousa poso afirmar, que foi Francisco de Lenzina parte e causa com que Asilah se reformou de casas, porque estando as mais derrubadas dos mouros, ao tempo que a entrarão, e dos soldados, nunca morador pedio úa carga de cal ou duas que lh'a não dése [...]* (Rodrigues, 1915, p. 78).

35. [...] e quando lhe o mar dava lugar ião sair ao *baluarte dos Frades*; e desta maneira se recolheo todo o socorro de jente e o mais; mas como os mouros não leixasem de ir por sua obra adiante, tirando continuamente ao muro, e tendo feito muito abalo nele, por ser o que fez Francisco de Lenzina d'empreitada, e não ter mais que seis palmos no andar e dous das ameas [...]. This transcript follows the report on the 1516 siege (Rodrigues, 1915, p. 190). This is a fundamental piece of information, since the *Livro das Medidas* mentions many works in the maritime front, but no reference is made to the Baluarte de São Francisco.

36. The more outstanding changes include the sentry boxes of the Baluarte de Santa Cruz and the Torre do Sino, a spur between the tower adorsed to the Porta da Ribeira and the Torre de Menagem, the cladding of the latter and of the Baluarte da Couraça.

2) Conjunto da Couraça:

Constatou-se que terão sido concretizadas alterações tanto na Couraça como no baluarte homónimo. No topo sudoeste, o conjunto da Couraça, constituído por um novo baluarte/cubo passou a permitir o tiro sobre as embarcações inimigas que se aproximassem pelo mar, já que foram abertas oito bombardeiras³⁷. Outra transformação terá consistido no acrescento de uma extensão à couraça pré-existente, conformando um ângulo que fletia para norte. Segundo as medições, esta nova couraça tinha 65 palmos de comprimento³⁸, possuía alambor³⁹, ameias e peitoril⁴⁰. Estes dois últimos não constavam no regimento de Boytac, mas terá sido o Governador da vila a ordenar a sua construção.

3) Frente marítima (figura 18):

Continuando no sentido noroeste da cortina, construiu-se um baluarte moderno, o de São Francisco, implantado sensivelmente ao centro do segmento e estendendo-se até ao mar de modo a cobrir o ângulo convexo da muralha. O distanciamento deste dispositivo aos extremos norte e sul da face marítima poderá ter tido por base as 81 braças relativas à extensão dos muros K e L em conjunto.

Destaca-se da cortina através de uma plataforma saliente, semelhante a uma couraça. De facto, é geometricamente similar à extensão da couraça nova, possuindo, até, o mesmo comprimento de sete braças, aproximadamente. As ameias são interrompidas por três bombardeiras que resguardavam as duas cortinas marítimas adjacentes. Este baluarte ocupava uma posição de destaque, pela sua localização central⁴¹, equidistante entre a Couraça e o Baluarte da Perna de Aranha. Este, por sua vez e pela sua implantação estratégica no cunhal, cobria um vasto ângulo de tiro – desde o Baluarte de São Francisco ao Baluarte da Praia. Danzilho abriu aqui cinco bombardeiras, cuja dimensão se destaca quando comparada com as de São Francisco e as do cubo da Couraça, ou até mesmo as da Porta da Vila de origem boitaquiana.

2) The Couraça:

Changes were made to both the Couraça and the bastion of the same name. At the southwest top, the Couraça compound, consisting of a new bastion/tower, now allowed opening fire on enemy vessels approaching from the sea, as it featured eight gun embrasures.³⁷ Another transformation consisted in the addition of an extension to the preexisting *couraça*, at a north-oriented angle. According to the measurements, this new *couraça* was 65 *palmos* long³⁸, had a talus³⁹, crenellations and parapet⁴⁰. The two latter were not included in the Boytac ordinance, but their construction was probably ordered by the town's Count.

3) The seafront (figure 18):

The Baluarte de São Francisco was built further northwest along the curtain. This was a modern bastion situated roughly at the centre of this wall section and extending towards the sea in order to cover the convex angle of the wall. The distance between this bastion and the northern and southern ends of the seafront may have been based on the 81 *braças* length corresponding to the joint extension of walls K and L.

It stands out from the wall by means of a protruding platform, similar to a *couraça*. In fact, it is geometrically similar to the extension of the new *couraça*, and even features the same length of approximately seven *braças*. The battlements feature three gun embrasures that covered the two adjacent maritime curtains. This bastion occupied a prominent position, due to its central location⁴¹, equidistant between the Couraça and the Baluarte da Perna de Aranha. The latter, due to its strategic location at the corner, had a wide angle of fire, covering the area between the Baluarte de São Francisco and the Baluarte da Praia. Danzilho opened five gun embrasures here; their size is remarkable when compared to those from São Francisco and the Couraça tower, or even those from the Porta da Vila, originally built by Boytac.

37. *Item, tem a couraça e o dito cubo oyto aberturas de bombardeiras em que ha lRbj pedras, a saber, xij em cada hua.* (Livro, 1514, fl. 70).

38. *Item, tem a couraça de comprido sem o cubo sessenta e cinco palmos [...]* (Livro, 1514, fl. 69).

39. No que concerne o lambor da couraça nova, atualmente não se encontram vestígios de tal elemento. O que é certo é que as doze braças e $\frac{1}{4}$ referidas no caderno correspondem ao comprimento do alambor rebatido do baluarte. Quando medida em volta, a couraça nova tem apenas o correspondente a onze braças. Com efeito, supomos que terá havido um lapso no registo.

40. *Item, tem o lambor da couraça nova de comprido em roda medindo pelo meyo doze braças j quarta [...]* (Livro, 1514, fl. 69).

41. [...] o *baluarte dos Frades* [São Francisco], por ser *estancia principal*, antre a Couraça e o Miradouro, fez capitão dele a Diogo Botelho (Rodrigues, 1915, p. 183).

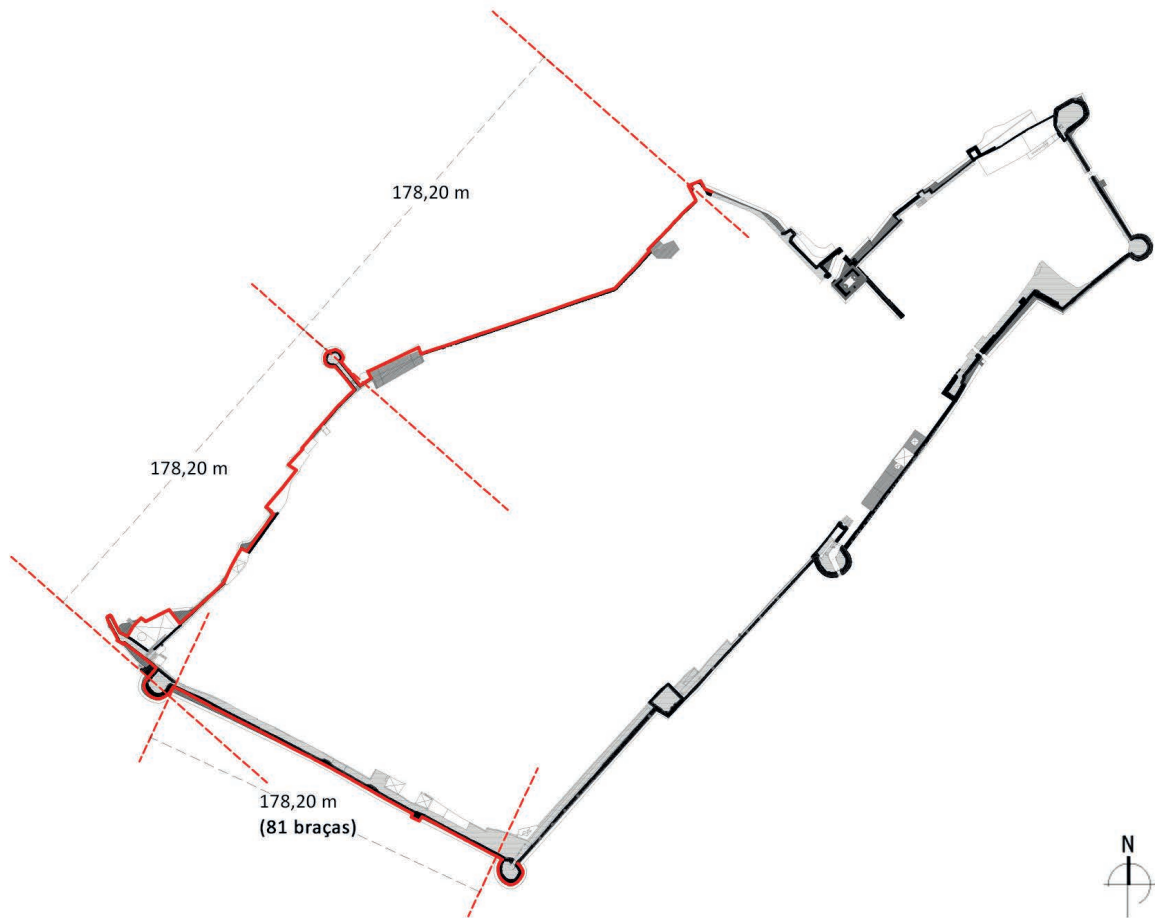
37. *Item, tem a couraça e o dito cubo oyto aberturas de bombardeiras em que ha lRbj pedras, a saber, xij em cada hua.* (Livro, 1514, fl. 70).

38. *Item, tem a couraça de comprido sem o cubo sessenta e cinco palmos [...]* (Livro, 1514, fl. 69).

39. As far as the *lambor* (talus) of the new *couraça* is concerned, there are currently no traces of such an element. What is sure is that the twelve and $\frac{1}{4}$ *braças* referred to in the notebook correspond to the length of the bastion's talus. Yet, the new *couraça* only measures eleven braças. Thus, we would assume the record is not totally accurate regarding this particular element.

40. *Item, tem o lambor da couraça nova de comprido em roda medindo pelo meyo doze braças j quarta [...]* (Livro, 1514, fl. 69).

41. [...] o *baluarte dos Frades* [São Francisco], por ser *estancia principal*, antre a Couraça e o Miradouro, fez capitão dele a Diogo Botelho (Rodrigues, 1915, p. 183).



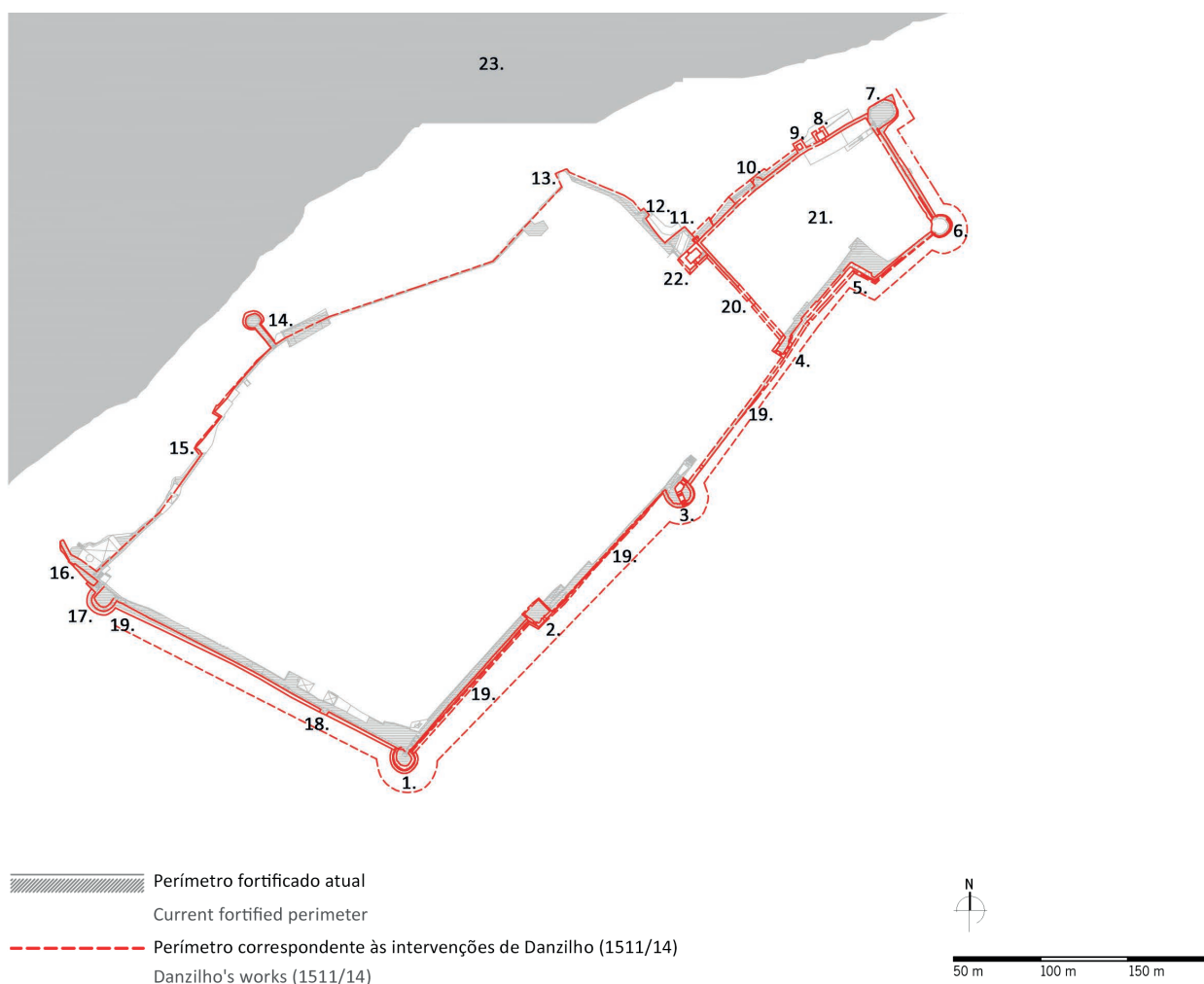
18. Esquema da métrica aplicada por Danzilho na reformulação da frente marítima (perímetro base referente à muralha atual).
A scheme of the metric applied by Danzilho to the reformulation of the seafront (the base perimeter corresponds to the present-day wall).

Nas duas cortinas G e H, articuladas pela Porta da Ribeira, as intervenções foram distintas. O muro entre a última e o Baluarte Perna de Aranha foi praticamente todo refeito, com peitoril e ameias (e até mesmo alambores⁴²), e surgiu uma nova estrutura de raiz – a plataforma do Miradouro. Este baluarte, de planta quadrangular e saliente, tinha como objetivo a vigia e defesa do porto e da Porta da Ribeira. Nenhum outro baluarte do conjunto fortificado de Arzila se aproxima morfologicamente das suas características. Uma outra intervenção que consta ainda no *Livro de Medidas*, de carácter mais pontual, incidiu sobre a construção de dois pegões no Baluarte da Praia, ao nível superior e inferior, complementando o reforço da frente portuária de Arzila (figura 19).

The interventions carried out at the G and H curtains, connected by the Porta da Ribeira, were different. The wall between the latter and the Baluarte Perna de Aranha was almost completely rebuilt, with a parapet and crenellations (and even a talus⁴²), and a new structure was built from scratch – the Miradouro platform. The purpose of this quadrangular, protruding bastion was the surveillance and defence of the port and the Porta da Ribeira. No other bastion of Asilah's fortified complex is morphologically similar to its characteristics. Another intervention, of a more specific character, that is also included in the *Livro de Medidas* concerned the construction of two piers in the Baluarte da Praia, at the upper and lower levels, to complement the strengthening of Asilah's harbour front (figure 19).

42. Sobre a complexa aferição destes dispositivos e sua autoria, ver Peixoto, 2017, p. 127-128.

42. On the authorship and the complex gauging of these elements see Peixoto, 2017, p. 127-128.



19. Conjeturação do perímetro amuralhado de Arzila em 1511/14, após as obras de Francisco Danzilho. 1 – Baluarte do Tambalão; 2 – Baluarte António da Fonseca; 3 – Baluarte/Porta da Vila; 4 – Torre do Sino; 5 – Torre A – inflexão do castelo; 6 – Baluarte de Santa Cruz; 7 – Baluarte da Praia; 8 – Porta do Albacar; 9 – Torre do Alcaide-mor; 10 – Torre G (atuais Torres B e C); 11 – Porta da Ribeira; 12 – Baluarte do Miradouro; 13 – Baluarte Perna de Aranha; 14 – Baluarte de São Francisco; 15 – Torre D; 16 – Couraça + extensão; 17 – Cubo/Baluarte da Couraça; 18 – Torre E; 19 – Fosso/cava; 20 – Porta do Castelo; 21 – Castelo; 22 – Torre de Menagem; 23 – Oceano Atlântico.
- Asilah's walled perimeter (conjectured) in 1511/14, after Francisco Danzilho's works. 1 – Baluarte do Tambalão; 2 – Baluarte António da Fonseca; 3 – Baluarte/Porta da Vila; 4 – Torre do Sino; 5 – Tower A – castle inflexion; 6 – Baluarte de Santa Cruz; 7 – Baluarte da Praia; 8 – Porta do Albacar; 9 – Torre do Alcaide-mor; 10 – Tower G (present-day towers B and C); 11 – Porta da Ribeira; 12 – Baluarte do Miradouro; 13 – Baluarte Perna de Aranha; 14 – Baluarte de São Francisco; 15 – Tower D; 16 – Couraça + extension; 17 – Cubo/Baluarte da Couraça; 18 – Tower E; 19 – Moat; 20 – Porta do Castelo; 21 – Castelo; 22 – Torre de Menagem; 23 – Atlantic Ocean.

Boytaç e Danzilho: duas abordagens distintas

Sintetizando, a hipótese de leitura evolutiva apresentada dividiu as reformas manuelinas em duas ações consecutivas, levadas a cabo pelos dois intervenientes protagonistas: Boytaç e Danzilho. A experiência anterior destes mestres pode justificar as escolhas tomadas por cada um.

Sabemos que o passado de Danzilho antes de vir para o Norte de África se desenrolou em torno da arquitetura militar, prática que se refletiu na linguagem mais austera e pragmática das suas intervenções. Assis-timos, através dos Baluarte de Perna de Aranha, São Francisco e Couraça ao aperfeiçoamento do tiro flan-queante e rasante às cortinas, conseguido através do

Boytaç and Danzilho: two different approaches

To summarise, the hypothetical evolutionary reading presented herein divided the Manueline reforms into two consecutive actions, carried out by the two protagonists: Boytaç and Danzilho. The previous experience of these master builders can justify the choices made by each of them.

We know that Danzilho's past before coming to North Africa developed around military architecture, a practice that was mirrored by the more austere and pragmatic language of his interventions. The Perna de Aranha, São Francisco and Couraça bastions bear testimony to the improvement of the flanking and enfilade fire, achieved through the use of structures that protruded from the

destacamento das estruturas em relação aos muros. As obras de Danzilho incidiram, maioritariamente, na construção *ex novo* de baluartes nas três faces voltadas ao Atlântico. As restantes modificações consistiram na introdução de jorramento nos muros para resalto dos projéteis e afastamento do inimigo. Foi com os trabalhos de 1511/12 que Arzila viu exponenciada a sua capacidade enquanto sistema fortificado. Ao contrário de Boytac, que rejeitou a estrutura do *atalho* em detrimento da construção de uma nova face dentada, interrompida por baluartes ultrasemicirculares e prismáticos, Danzilho teve uma abordagem distinta: aproveitou o traçado pré-existente, mas introduziu-lhe baluartes notavelmente mais funcionais e inovadores (figura 20).

Já das obras de Boytac retira-se uma preocupação mais voltada para sistemas de defesa passiva, como as cavas e as tranqueiras por ele projetadas. Observamos um conhecimento dos métodos de combate coetâneos à sua intervenção, como a abertura de troneiras. Mesmo tendo optado por um desenho em dente de serra, as possibilidades que este abriria, no que concerne ao uso da pirobalística, não foram totalmente exploradas⁴³. Contudo, verificamos no dispositivo central do *atalho*, o Baluarte/Porta da Vila, a um maior investimento projetual, distinguindo-se dos Baluartes do Tambalão e António da Fonseca, uma vez que aí se conjugou a função de acesso intramuros, através do sistema em cotovelo, com o propósito militar, abrindo quatro bombardeiras no nível superior. Esta estrutura inicia o adarve do *atalho*, permitindo, ao mesmo tempo, a circulação dentro do próprio baluarte. Observamos, a partir do alçado exterior do baluarte, que a disposição das bombardeiras não só se regeu por um princípio de eficácia no que toca ao varrimento das cortinas adjacentes, como por uma preocupação de adorno, na medida em que do desenho em alçado transparece uma imagem antropomórfica.

Efetivamente, o currículo dedicado à arquitetura religiosa de Boytac parece reverberar no gosto emprestado à arquitetura militar. Encontramos no portal de acesso ao Baluarte do Tambalão, bem como nas bombardeiras dos Baluartes António da Fonseca e Vila, um trabalho de pedraria apresentando contornos curvilíneos, que conferem a toda a obra boitaquiana do *atalho* uma noção estética homogénea. Tipicamente manuelina, distanciava-se do risco de Danzilho, sem preocupações de adorno e adaptando-se pragmaticamente de forma atenta a cada local de implantação e às pré-existências (figura 21).

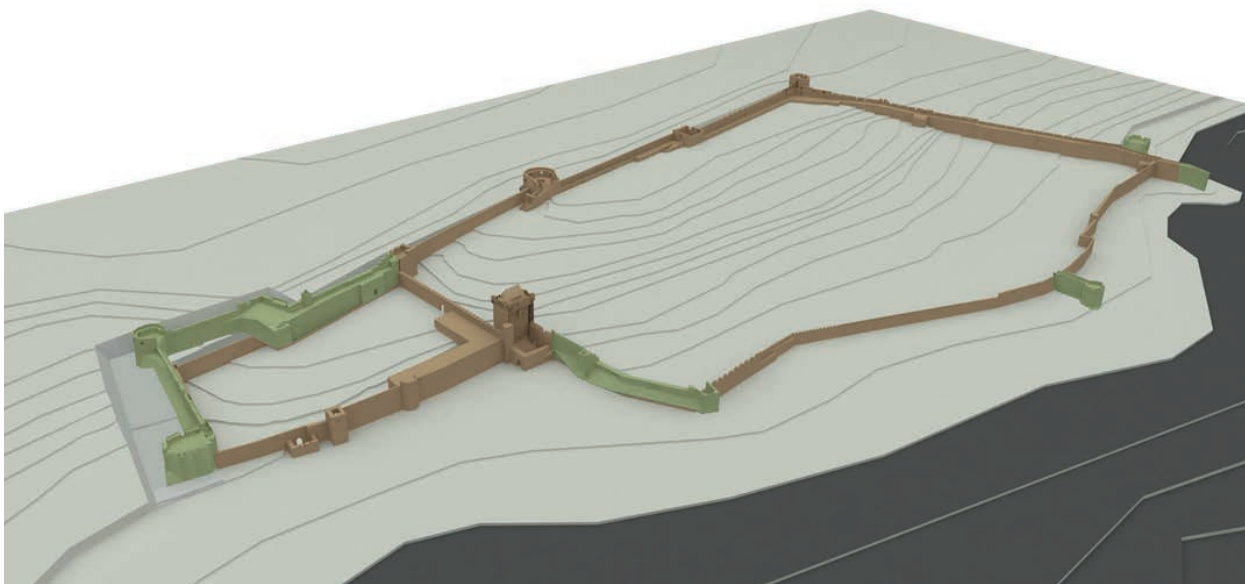
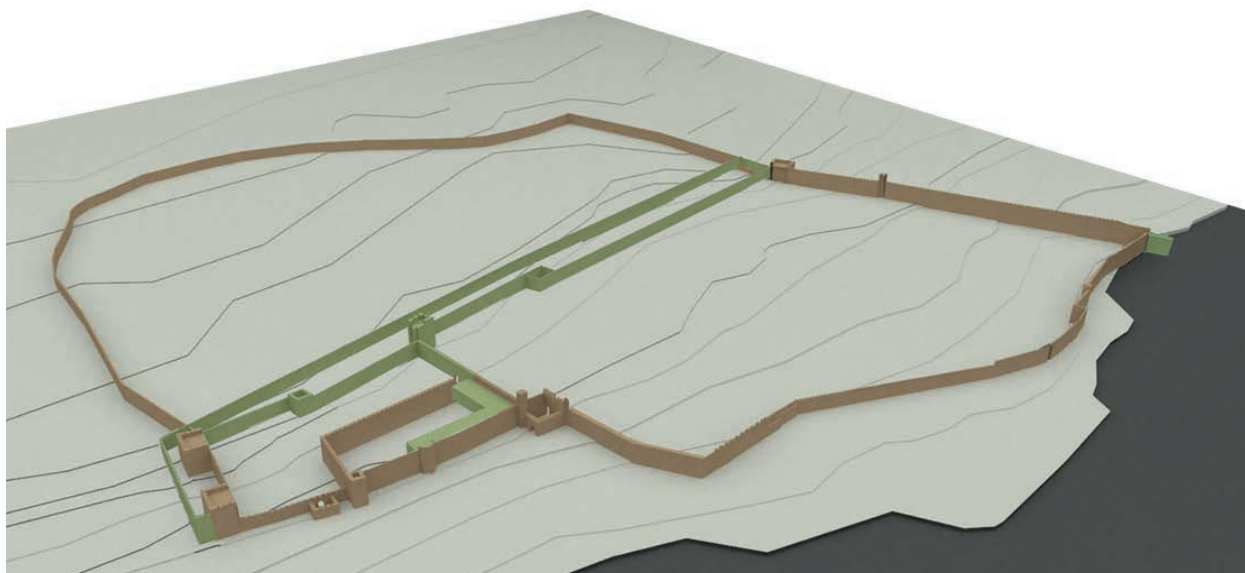
walls. Danzilho's works focused mainly on the *ex novo* construction of bastions on the three wall sections facing the Atlantic. The remaining modifications consisted of the introduction of a talus on the walls to bounce the projectiles and push back the enemy soldiers. The 1511/12 works significantly increased Asilah's capacity as a fortified system. Unlike Boytac, who rejected the structure of the original *atalho* at the expense of the construction of a new indented wall front, with ultra-semicircular and prismatic bastions, Danzilho had a different approach: he took advantage of the preexisting layout, but introduced significantly more functional and innovative bastions (figure 20).

Boytac's works, on the other hand, show more concern for passive defence systems, such as the moats and *tranqueiras* (stockades or palisades) he designed. The master builder did have a knowledge of the coeval combat methods, such as the opening of *troneiras* (loopholes). Even if he chose a sawtooth design, its possibilities regarding the use of pyroballistics were not fully explored⁴³. However, the central device of the *atalho*, the Baluarte/Porta da Vila, shows a bigger project investment, as compared to the Tambalão and António da Fonseca bastions: the Baluarte/Porta da Vila combines a civilian function (access to the intramural area, through the angled entrance) with a military purpose (the four gun embrasures situated on the upper level). This structure is the starting point of the *atalho*'s battlements and, at the same time, allows for circulation within the bastion itself. The bastion's exterior elevation also shows that the arrangement of the gun embrasures followed not only a precept of effectiveness regarding the enfilade of the adjacent curtains but also an aesthetic concern, as can be observed on the anthropomorph image that shows through the bastion's elevation drawing.

Indeed, Boytac's career on the field of religious architecture seems to be mirrored in the imprint he left on military architecture. Such works as the access portal to the Baluarte do Tambalão, as well as the gun embrasures from the António da Fonseca and Vila bastions, feature a type of curved stonework that lends the whole of Boytac's *atalho* a homogeneous aesthetic concept. Typically Manueline, it was very different from Danzilho's style, which did not include any embellishment concerns and adapted pragmatically and carefully to each particular location and to the preexisting structures (figure 21).

43. Prevaleceu, nas intervenções de Boytac, o uso pelo tiro meramente frontal. Rafael Moreira caracteriza a intervenção boitaquiana em Arzila como pré-moderna, na medida em que as suas obras eram "conservadoras, menosprezando a capacidade de inovação técnica dos Mouros." (Moreira, 1989, p. 124).

43. The use of only frontal fire prevailed in Boytac's interventions. Rafael Moreira characterizes Boytac's intervention in Asilah as pre-modern, as his works were "conservadoras, menosprezando a capacidade de inovação técnica dos Mouros." (Moreira, 1989, p. 124).



20. Modelo tridimensional: em cima, sobreposição da cerca correspondente ao primeiro atalho (preto) com a cerca herdada (cinzento); em baixo: sobreposição das intervenções de Danzilho (preto) com a cerca correspondente às obras de Boytac (cinzento).
3D model: top, superposition of the wall corresponding to the first atalho (black) and the inherited wall (grey); bottom, superposition of Danzilho's interventions (black) and the wall corresponding to Boytac's works (grey).



21. Bombardeira do Baluarte António da Fonseca, vista do interior do dispositivo (2016).
Gun embrasure from the Baluarte António da Fonseca, view taken from the interior of the bastion (2016).

SÍNTESE

Capacidade e eficácia militar

As obras manuelinas em Arzila vieram redesenhar o perímetro fortificado da praça no sentido da sua modernização. O caráter de transição anunciou a evolução das defesas ativa e passiva das suas muralhas e dos seus baluartes adequando-se ao progresso das armas de fogo. Como se viu atrás, Boytac encarregou-se pessoalmente das obras de grande parte da extensão sudeste, nomeadamente os muros A, B e C, incluindo os seus baluartes. No resto da vila, apenas interveio na construção da Torre de Menagem. Não obstante, deixou um regimento com o resto do plano reformista a ser executado por Francisco Danzilho, em 1511.

Do tempo boitaquiano, o alçado do atalho é o único que apresenta alterações do ponto de vista do seu desenho planimétrico, não tendo sido aproveitada a morfologia anterior. Esta reconstrução, para além de introduzir materiais mais resistentes, atribuiu ao conjunto fortificado uma nova imagem: a de face dentada, à qual Rafael Moreira se refere como sistema pré-abaluartado⁴⁴. Observamos que a opção por um muro dentado para a face sudeste do sistema fortificado introduziu na vila o conceito de tiro flanqueado. O alcance de tiro da frente de terra à época possuía uma cobertura defensiva total, possibilitada através do cruzamento entre duas noções distintas: a de tiro frontal e a de tiro cruzado. Estes, como a própria designação adianta, diferenciam-se pelo ângulo que o projétil perfaz, sendo no primeiro caso unicamente atirado numa direção frontal, e, no segundo, descrevendo também direções oblíquas.

O atalho foi munido com dois níveis de fogo: o inferior, protagonizado pelas troneiras e seteiras na cota intermédia dos muros, e o superior introduzido nos Baluartes do Tambalalão, António da Fonseca, Baluarte/Porta da Vila e Torre do Sino. Para esse efeito, todas estas estruturas se destacavam pela altura em relação aos muros adjacentes, possibilitando um varrimento eficaz das cortinas do atalho (figura 22).

Uma conjuntura interessante nas intervenções de Boytac prende-se com uma grande preocupação então canalizada para o Baluarte/Porta da Vila. Além do seu nível superior estar munido com quatro bombardas que cobriam a parte exterior e o acesso à vila, também o lado interior não foi descurado: o desenho da Torre do Sino viabilizou duas bombardas direcionadas para a parte interior da Porta, estando, assim, protegidas as duas frentes da entrada em cotovelo.

44. É em muralhas urbanas (a Cerca nova de Évora, concluída na década de 1440; as muralhas de Portimão, de cerca de 1473; a fortaleza henriquina de Sagres) que se encontra uma inovação pré-abaluartada de origem oficial: o sistema em dente de serra, cujas reentrâncias em ângulo reto permitiam cobrir o troço de muro adjacente com tiro flanqueante de besta ou de artilharia ligeira (Moreira, 1989, p. 94).

SYNTHESIS

Military capability and effectiveness

The Manueline works in Asilah reshaped the fortified perimeter of the stronghold in order to modernize it. Their transitional character foretold the evolution of the active and passive defences of its walls and bastions, in line with the progress of firearms. As seen above, Boytac was personally in charge of most of the works carried out in the southeastern extension, namely walls A, B and C, including their bastions. With regard to the remainder of the town, he was only involved in the construction of the Torre de Menagem. Nevertheless, he left an ordinance pertaining to the remainder of the reform plan, to be executed by Francisco Danzilho in 1511.

From Boytac's time, the elevation plan of the *atalho* is the only case that shows changes from the point of view of its planimetric design, the previous morphology not having been used. This reconstruction, in addition to introducing more resistant materials, gave the fortified compound a new image: an indented front, to which Rafael Moreira refers as a "pre-bastioned" system⁴⁴. The choice of an indented wall for the southeast face of the fortified system introduced the concept of flanking fire in the stronghold. The range of fire of the land front provided, at that time, total defensive cover, made possible by the combination of two distinct notions: frontal fire and crossed fire. These, as indicated by their designations, are differentiated by the angle of the projectiles, shot in a frontal direction in the first case and also in oblique directions in the second.

The *atalho* featured two tiers of fire: the lower one, featuring *troneiras* and *seteiras* (arrow slits) at the intermediate elevation of the walls; and the upper one included in the design of the Tambalalão, António da Fonseca, Baluarte/Porta da Vila and Torre do Sino bastions. For this purpose, all these structures stood out due to their height in relation to the adjacent walls, enabling an effective enfilade of the *atalho's* curtains (figure 22).

An interesting conjuncture of Boytac's interventions is related to his great concern with the Baluarte/Porta da Vila. In addition to its upper level being equipped with four gun embrasures that covered the outer space and the access to the town, the inner side was not neglected either: the design of the Torre do Sino enabled two gun embrasures to be aimed at the inner part of the Porta, thus protecting the two fronts of the angled entrance. The fact that the structure was not covered,

44. É em muralhas urbanas (a Cerca nova de Évora, concluída na década de 1440; as muralhas de Portimão, de cerca de 1473; a fortaleza henriquina de Sagres) que se encontra uma inovação pré-abaluartada de origem oficial: o sistema em dente de serra, cujas reentrâncias em ângulo reto permitiam cobrir o troço de muro adjacente com tiro flanqueante de besta ou de artilharia ligeira (Moreira, 1989, p. 94).



22. Poço do Baluarte/Porta da Vila (2016).
Poço do Baluarte/Porta da Vila (2016).

O facto da estrutura não ser coberta, característica comum a todos os baluartes do conjunto fortificado, permitiu, neste caso, a existência de dois níveis de circulação: um primeiro pátio, cobrindo quase a totalidade da área da circunferência que perfaz a planimetria do baluarte, de acesso às bombardeiras, e um segundo nível que se traduzia num parapeito de circulação em volta do perímetro da estrutura. Outra especificidade relativa à defesa ativa do baluarte assentou na introdução do tiro vertical, através da abertura de um “poço” que conetava o pátio ao nível inferior da entrada onde circulavam os transeuntes.

A construção de um muro de raiz – o *atalho* – permitiu a planificação de um sistema de mobilidade que interligava os dispositivos integrantes. Assim, o caminho de ronda iniciava-se no Baluarte/Porta da Vila, e estendia-se à Couraça, possibilitando aos portadores de armas individuais – arqueiros, besteiros e espingardeiros – uma circulação contínua e eficaz, ao passo que a confortável área dos baluartes era reservada à utilização e manuseamento dos engenhos artilheiros (figura 23).

Com a intervenção de Danzilho, o sistema fortificado passou a estar apto a receber artilharia na face voltada ao oceano, ao mesmo tempo que a capacidade militar do castelo foi melhorada. O ângulo pronunciado que o mestre introduziu no castelo materializou-se através de um torreão prismático (torre A) semelhante ao Baluarte António Fonseca. Esta nova inflexão contava com duas bombardeiras no nível superior. Toda esta nova face do castelo, em conjunto com o Baluarte de Santa Cruz, protagonizavam uma defesa maioritariamente voltada para o tiro alto. As aberturas inferiores localizadas no mesmo baluarte terão, igualmente, concorrido para a decisão de implantação do dispositivo, visto que o tiro rasante das seis bombardeiras cobria as duas faces contíguas – a norte e a sudeste do castelo. De salientar que esta era a única estrutura de todo o

a common feature of all the bastions of the fortified compound, allowed, in this case, for the existence of two levels of circulation: a first yard, covering almost the entire area of the circumference that makes up the planimetry of the bastion, and giving access to the gun embrasures, and a second level that consisted of a circulation parapet circling the perimeter of the structure. Another specificity regarding the active defence of the bastion was the introduction of vertical fire, through the opening of a well that connected the yard to the lower entrance level, where passers-by circulated.

The construction of a wall – the *atalho* – from scratch allowed for the planning of a mobility system that interconnected the various structures and facilities. Thus, the *chemin de ronde* began at the Baluarte/Porta da Vila, and extended to the Couraça, enabling the bearers of individual weapons – archers, crossbowmen and riflemen – a continuous and effective circulation, while the comfortable area of the bastions was reserved for the use and handling of artillery devices (figure 23).

With Danzilho's intervention, the fortified system became capable of deploying artillery on the front facing the ocean, while at the same time the castle's military capacity was improved. The pronounced angle that he introduced into the castle was materialized by means of a prismatic tower (tower A) similar to the Baluarte António Fonseca. This new inflexion featured two gun embrasures on its upper level. The new castle wall face, along with the Baluarte de Santa Cruz, were the protagonists of a defence mostly focused on high fire. The lower openings located in this bastion probably also contributed to the decision of installing this device, since the low fire of the six gun embrasures covered the two contiguous faces – to the north and southeast of the castle. We would stress that this was the only structure of the whole compound that was



23. Caminho de ronda que interliga o Baluarte/Porta da Vila com o Baluarte António da Fonseca (2016).
Chemin de ronde connecting the Baluarte/Porta da Vila with the Baluarte António da Fonseca (2016).

conjunto que estava verdadeiramente preparada para o tiro rasante; além dessa, apenas uma troneira que hoje é visível no Baluarte da Praia cumpria a função de atirar rente aos planos horizontais de solo ou mar.

A articulação entre as três novas estâncias da frente ribeirinha constituiu a principal inovação das obras de 1511/12. Assentes no mesmo princípio – o destacamento da estrutura em relação ao muro –, os três organismos distinguem-se pela morfologia e propósitos de defesa. Junto à Couraça pré-existente, o baluarte adossado objetivava o tiro alto e radial para o mar e para o alçado a sul do conjunto (muros K e L). Para além de apresentar semelhanças com o Baluarte da Praia, no que concerne ao seu desenho em “U”, também a disposição das bombardeiras é idêntica. Em segundo lugar, o Baluarte de São Francisco assumia-se como agente principal na proteção das cortinas poentes. A sua implantação foi meticulosamente pensada de forma a vencer a geometria convexa das duas faces que interliga. Destaca-se destas através de um “corredor” destinado aos besteiros, arqueiros e espingardeiros. No remate encontra-se um baluarte ultrasemicircular com três bombardeiras superiores cujo alcance abrangia praticamente todo o comprimento dos muros I e J. À semelhança do conjunto da Couraça, o Baluarte de Perna de Aranha destinava-se a defender tanto a zona de terra como de mar. Conjeturou-se a localização de duas das cinco aberturas que terão outrora feito parte do baluarte⁴⁵, visto que de três ainda é possível, atualmente, retirar os contornos.

Em suma, a partir da sobreposição dos diversos níveis e tipos de tiro, observamos que praticamente toda a muralha se encontrava eficazmente guarnecida, após a conclusão das reformas manuelinas. A área da

truly prepared for low fire; apart from this structure, only one *troneira* that is still visible nowadays, in the Baluarte da Praia, was able to shoot close to the horizontal planes of the ground or the sea.

The connection between the three new river front facilities was the main innovation of the 1511/12 works. Based on the same principle – the structure protruded from the wall – these three elements have different morphologies and defensive purposes. Along with the pre-existing Couraça, the addorsed bastion was intended to provide high and radial fire onto the sea and the south of the compound (walls K and L). Besides resembling the Baluarte da Praia, as far as its U-shaped design is concerned, the arrangement of the gun embrasures is also identical. Secondly, the Baluarte de São Francisco was the main element that protected the western curtains. Its implantation was meticulously thought out in order to overcome the convex geometry of the two faces it interconnects. It protrudes from the walls through a “corridor” intended to be used by the crossbowmen, archers and riflemen. This “corridor” is topped by an ultra-semicircular bastion with three upper gun embrasures whose range of fire covered almost the entire length of walls I and J. Like the Couraça compound, the Baluarte de Perna de Aranha was designed to defend both the land and the sea areas. The conjectural location of two of the five openings that were once part of the bastion⁴⁵ can be inferred from the still recognizable contours of three of these openings.

In short, judging from the superimposition of the various tiers and types of gun fire, we can see that practically the entire wall was effectively equipped after the completion of the Manueline reforms. The area

45. Item, na mesma Perna d’Aranha estão cimquo aberturas pera bombardeiras [...] (Livro, 1514, fl. 66v).

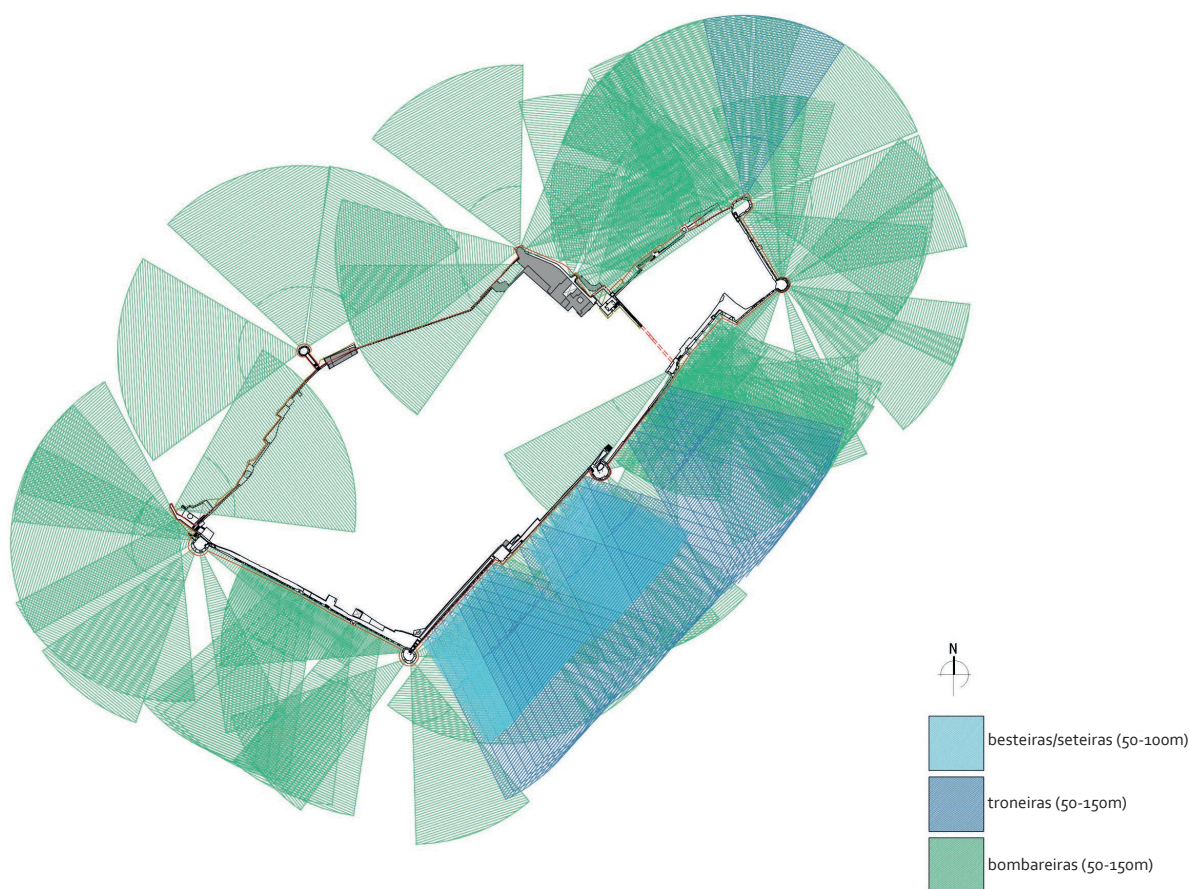
45. Item, na mesma Perna d’Aranha estão cimquo aberturas pera bombardeiras [...] (Livro, 1514, fl. 66v).

Porta da Ribeira e a envolvente do atalho destacam-se claramente pelas manchas mais sobrepostas, o que, no primeiro caso, se deve ao fogo cruzado entre o Baluarte de Perna de Aranha e o Baluarte da Praia e, no segundo, ao abundante número de troneiras (figura 24).

Observando apenas o tiro por bombardeira de nível superior, concluímos que as reformas de Danzilho foram mais eficientes, na medida em que a partir de soluções pontuais e estrategicamente planeadas – ângulo do castelo e baluartes salientes – conseguiu cobrir vastos ângulos de tiro. Por conseguinte, constatamos que ambas as abordagens, de Boytac e Danzilho, foram operativas do ponto de vista militar. Diferiram nas opções de implantação dos dispositivos que, consequentemente, acarretavam necessidades variadas no que toca ao número de aberturas de seteiras, troneiras e bombardeiras necessárias à eficiência do conjunto fortificado. As intervenções boitaquianas traduzem uma ideia de unidade que, no contexto do atalho e da sua eficácia militar, é materializada através do ritmo constante entre seteiras e troneiras em cada um dos muros (A, B e C). A sobrecarga destes elementos provém da vontade de homogeneização, característica da linguagem manuelina, mais do que de uma premissa de eficácia do atalho enquanto estrutura militar. Pelo contrário, as opções de Danzilho

of the Porta da Ribeira and the *atalho's* surroundings clearly stand out due to the more overlapping fields of fire, which, in the first case, is due to the crossed fire between the Baluarte de Perna de Aranha and the Baluarte da Praia and, in the second, to the abundant number of *troneiras* (figure 24).

Considering only the firing capabilities of the gun embrasures from the upper levels, we concluded that Danzilho's reforms were more efficient, as he managed to cover vast angles of fire by means of specific and strategically planned solutions: the angle of the castle and the protruding bastions. Therefore, both approaches, Boytac's and Danzilho's, were operational from the military point of view. But their choices for the layout of the devices were different, which consequently led to varying needs in terms of the number of *seteiras*, *troneiras* and *bombardeiras* required for the efficiency of the fortified compound. Boytac's interventions mirror an idea of unity which, in the context of the *atalho* and its military effectiveness, is materialized through the constant rhythm between arrow slits and loopholes on each of the walls (A, B and C). The considerable numbers of these elements results from the desire for homogenization, characteristic of the Manueline language, rather than



24. Sobreposição da especulação do alcance de tiro às cotas baixa, intermédia e alta da muralha de Arzila, em 1514.
Superposition of the speculation on the fire ranges at the low, medium and high heights of Asilah's walls in 1514.

são mais operativas, na medida em que, distanciando-se do conceito de uniformização, introduzem em cada baluarte apenas as bocas-de-fogo necessárias à defesa eficaz das respetivas cortinas.

Função militar e retórica

O Norte de África funcionou como um grande campo de experimentação durante o reinado de D. Manuel I, traduzindo um momento capital para a evolução da arquitetura militar. Se as intervenções do mestre Boytac nas praças a norte constituíram o arranque da adaptação das estruturas a novas tecnologias, uma segunda geração coeva – a dos irmãos Diogo e Francisco de Arruda – veio confirmar essa forma de debuxar ao moderno num arco geográfico mais meridional.

As opções projetuais levadas a cabo por Boytac em Arzila manifestaram-se pela homogeneidade demonstrada no atalho, conseguida através de três aspetos: a planimetria regida por uma métrica de 48 braças, a distância constante entre troneiras e seteiras, e, por último, a estética curvilínea presente nos baluartes. O caso do atalho de Azamor, erguido em 1513/14 pelos Arrudas (Lopes, 2009, p. 75), introduziu uma nova frente de vila regida por uma métrica de 27,5 varas. Contudo, aqui, o Baluarte/Porta da Vila não ocupa a posição rigorosamente central do atalho, como em Arzila, apresentando-se morfologicamente paralelepípedo entre os dois extremos, e os dois dispositivos dos extremos – Baluartes de São Cristóvão e do Rio – têm estéticas e morfologias distintas entre si. O Baluarte do Rio, com planta em “U”, possui um duplo alambor fundido na escarpa, adaptando-se à topografia do local, ao passo que o de São Cristóvão ergue-se segundo a tipologia de tambor cilíndrico. As opções arrudianas para o atalho de Azamor procuraram dar uma resposta eficaz do ponto de vista militar, projetando cada baluarte de forma diferente (Lopes, 2009, p. 127), adaptando-os às exigências do local. De facto, foi na praça de Azamor que se denotou um maior investimento arrudiano, com a construção de baluartes em locais estrategicamente planeados e cujas morfologias variavam conforme os ângulos dos panos em que se inscreviam. Os baluartes possuem, na maioria, plantas ultrasemicirculares e em “U”, adequando-se à situação mais conveniente. A tipologia em “U” adotada nos dispositivos em Azamor encontra-se, da mesma forma, nos baluartes arzilenses da Praia e da Couraça, cuja construção atribuímos a Danzilho. O destacamento dos dispositivos em relação aos muros resultava num alargamento da área interior do baluarte, permitindo um melhor manuseamento e disposição das armas. Mais a sul ainda, também a praça de Safim, após o contra-ataque árabe dos finais de 1510, necessitou de reforma, tendo D. Manuel I enviado Diogo de Arruda ao local, cerca de um ano depois. Tal como em Arzila e Azamor, a tipologia de baluartes em “U” foi igualmente adotada, mostrando ser um exercício recorrente nas arquiteturas militares portuguesas na região (figura 25).

from a concern for the effectiveness of the *atalho* as a military structure. Danzilho's options, on the contrary, are more operational: taking a step back from the concept of uniformity, each bastion featured only the required number of fire embrasures for the effective defence of the respective curtains.

Rhetorical and military functions

North Africa functioned as a great field of experimentation during the reign of King Manuel I, reflecting a crucial moment for the evolution of military architecture. While Boytac's interventions in the northern strongholds were the start of the adaptation of the structures to new technologies, a second coeval generation – the brothers Diogo and Francisco de Arruda – confirmed this modern design in a more southern geographical arch.

The design options implemented by Boytac in Asilah were characterized by the homogeneity evidenced by the *atalho*, achieved by means of three different features: the planimetry guided by a metric of 48 *braças*, the constant distance between *troneiras* and *seteiras*, and, finally, the curvilinear aesthetics of the bastions. The case of the Azemmour *atalho*, built in 1513/14 by the Arruda brothers (Lopes, 2009, p. 75), introduced a new town front governed by a 27.5 *varas* metric. However, in Azemmour the Baluarte/Porta da Vila does not occupy the strictly central position of the *atalho*, as in Asilah, being rather parallelepiped between the two extremities, in morphological terms. Moreover, the structures located at both ends – the São Cristóvão and Rio bastions – feature different aesthetics and morphologies. The U-shaped Baluarte do Rio has a double talus fused into the escarpment, adapting to the topography of the terrain, while the Baluarte de São Cristóvão features a cylindrical drum typology. The options of the Arruda brothers for Azemmour's *atalho* sought to provide an effective response from a military point of view, by designing each bastion in a different way (Lopes, 2009, p. 127), adapting them to the requirements of each location. In fact, it was in the Azemmour stronghold that the largest investment was made, with the construction of bastions in strategically planned locations, their morphologies varying according to the angles of the walls to which they belonged. The bastions are, in most cases, ultra-semicircular and U-shaped, adapting to the most adequate solutions. The U-shaped typology adopted in Azemmour can also be seen in the Asilah bastions of Praia and Couraça, whose construction we attribute to Danzilho. The fact that the devices protruded from the walls resulted in an enlargement of the inner area of the bastions, allowing for better handling and arrangement of the guns. Further south, the Safi stronghold also needed reforms, after the Arab counterattack of the end of 1510, and King Manuel I sent Diogo de Arruda there, about a year later. As in Asilah and Azemmour, the U-shaped bastion typology was also adopted, proving to be a recurrent practice in the Portuguese military architecture of this region (figure 25).

Apesar das obras de Danzilho e Arrudas não seguirem a lógica estática e homogênea característica do mestre Boytac para o atalho arzilense, relacionam os vários modos de fortificar não só pela estratégia militar intrínseca à arquitetura, mas ainda pela estética arredondada da linguagem manuelina. Na verdade, a plasticidade das construções é transversal aos vários mestres de obras que intervieram no Magrebe em Quinhentos, com exceção de Danzilho. Em Arzila, as bombas curvas do Baluarte António da Fonseca, bem como a imagem antropomórfica inerente ao alçado do Baluarte da Vila, confirmam que as decisões projetuais da época procuravam ir além de um praxis puramente racional de fortificar. Identicamente, o Baluarte de São Cristóvão, em Azamor, alia a vontade decorativa à eficácia de tiro, através da introdução de sacadas salientes à semelhança de mísulas em redor do dispositivo.

Pelo contrário, nas intervenções de Francisco Danzilho em Arzila – inflexão do castelo, conjunto da Couraça, baluartes de São Francisco e Perna de Aranha – não verificamos uma preocupação com a sua estetização. Outro caso onde esse aspeto é notável é na vila de Alcácer Ceguer. O exercício de Danzilho ocorreu em três estâncias – Baluarte da Praia a norte, Baluarte de Fez a sul e Baluarte de Ceuta a leste – possuindo cada uma delas uma conformação própria adequada à pré-existência. O desenho dos três afasta-se das formas arredondadas existentes em Arzila ou Azamor, revelando contornos mais rígidos e comunicando ativamente entre si através dos ângulos muito pronunciados e protuberantes.

A estetização da arquitetura militar decorrente de uma vontade de exibição simbólica de poder apresenta-se também como uma característica do manuelino. Coincidindo com a evolução da pirobalística, as fortificações sofreram não só uma adaptação voltada para a introdução das armas de fogo, como também voltada para o adorno e o enfeite.

Although the works of Danzilho and the Arruda brothers did not follow the static and homogeneous logic characteristic of Boytac in the case of the Asilah *atalho*, they relate to the various ways of fortifying not only because of the military strategy intrinsic to architecture, but also because of the curved aesthetics of Manueline language. Actually, the plasticity of the constructions is transversal to the several master builders that worked in the Maghreb during the 1500s, with the exception of Danzilho. In Asilah, the curved gun embrasures of the Baluarte António da Fonseca, as well as the anthropomorph image of the Baluarte da Vila elevation, confirm that the design decisions of that time sought to go beyond a purely rational fortification practice. Similarly, the Baluarte de São Cristóvão, in Azemmour, combines decorative purposes and fire efficiency, through the introduction of protruding balconies, similar to corbels, around the structure.

On the contrary, Francisco Danzilho's interventions in Asilah – inflexion of the castle, the Couraça compound, the bastions of São Francisco and Perna de Aranha – do not show any aesthetic concerns. Another case where this aspect is remarkable is the town of Ksar es-Seghir. Danzilho's work was performed in three different locations – the Baluarte da Praia to the north, the Baluarte de Fez to the south and the Baluarte de Ceuta to the east – each having its own configuration, adapted to the pre-existing circumstances. The design of all three bastions is based upon the rounded forms existing in Asilah or Azemmour, revealing more rigid contours and being actively connected with each other through the very pronounced and protruding angles.

The introduction of aesthetic concerns in military architecture, resulting from a desire for the symbolic exhibition of power, is also a characteristic of the Manueline style. Coinciding with the evolution of pyroballistics, the fortifications underwent adaptations not only aimed at the introduction of firearms, but also at ornamentation and embellishment.



25. Baluarte de São Cristóvão e Baluarte da banda do rio, Azamor (2009).
Baluarte de São Cristóvão and Baluarte over the river, Azemmour (2009).

Um dos casos em que esta particularidade é mais notória, dentro do panorama das praças magrebinas, é a Torre de Menagem de Arzila, erguida em 1509 por Boytac (figura 26). Ao modelo tradicional, tardo-gótico, com piso térreo cego, casa da guarda na cota intermédia e sala de audiências no superior (Moreira, 1989, p. 121), são rasgados vãos nas três faces: leste, sul e oeste. A janela a sul ostenta uma moldura que tem por base a estética decorativa da época, com desenhos curvilíneos que contrastavam com as superfícies lisas e despojadas da torre. Ao invés das adaptações boita-quianas no atalho, que visavam uma utilização eficaz de armas, a torre não tinha a função militar como objetivo, sendo o seu intuito fundamentalmente propagandístico, servindo de charneira entre vila e castelo e encostando-se aos aposentos do governador. Esta dualidade que conjuga função e retórica encontra-se bem patente também em Azamor. Aqui, o local destinado à reunião da população para as audiências reais era o terreiro conformado pela Casa dos Capitães (Lopes, 2009, p. 85). também ela ostentando vãos ao gosto manuelino, adossada ao Baluarte de São Cristóvão. Com o mesmo intuito, os vestígios em forma

One of the cases in which this particularity is more notorious, within the overall panorama of the Maghreb strongholds, is Asilah's Torre de Menagem, built by Boytac in 1509 (figure 26). The traditional late-gothic model, with a blind ground floor, a guardhouse on the intermediate level and an audience room on the upper level (Moreira, 1989, p. 121), was adapted by means of a number of openings on its three sides: east, south and west. The southern window has a frame based on the coeval decorative aesthetics, with curvilinear designs that contrasted with the smooth and plain surfaces of the tower. As opposed to Boytac's *atalho* adaptations, which aimed at an efficient use of weaponry, the purpose of this tower was not a military function, its intention being mainly propaganda, serving as a hinge between the town and the castle, addorsed to the governor's quarters. This duality that combines function and rhetorics is also evident in Azemmour. Here, the meeting place of the population for the royal audiences was the yard of the Casa dos Capitães (Lopes, 2009, p.85). which also featured a number of openings in Manueline taste, and was addorsed to the Baluarte de São Cristóvão.



26. Torre de menagem de Arzila e Porta da Ribeira (2016).
Asilah's *torre de menagem* and Porta da Ribeira (2016).

de mísula encontrados no seu interior, bem como do Baluarte/Porta da Vila, que terão funcionado como suportes para bandeiras, evidenciam a determinação da mensagem manuelina. A capacidade militar dobrava-se através de um temor encenado não só pelas fileiras de tiro em diferentes plataformas, como também pelos símbolos reais e cristãos que engalanavam as cumeeiras dos baluartes.

Imbuído deste espírito, o reinado de D. Manuel I foi marcado pelo forte investimento nas arquiteturas militares das empresas construtivas no Norte de África. O deslocamento de mestres-de-obras a este território, para projetar e acompanhar o progresso dos trabalhos, bem como o próprio fornecimento e envio de materiais de construção da metrópole para o continente africano, mostraram-se indispensáveis ao reforço das praças-fortes. Todo o esforço aplicado na reestruturação dos conjuntos fortificados, ao nível militar e estético, contribuiu para a conservação e entendimento dos paradigmas construtivos de Quinhentos e do “estilo de transição” na arquitetura militar portuguesa. De facto, este último comportou todas as estruturas cujo plano prévio não premeditava uma fortificação verdadeiramente avançada, mas antes era capaz de responder pragmaticamente a necessidades urgentes⁴⁶. Neste ponto, o património edificado militar de origem portuguesa em Arzila é um dos testemunhos mais vívidos desta produção arquitetónica.

46. Segundo Rafael Moreira, as fortalezas do estilo de transição, que coincidiu com o período manuelino, tinham um caráter “misto”, pois conciliavam métodos avançados de artilharia com outros medievais (Moreira, 1989, p. 91).

With the same purpose, the vestiges of a corbel found inside it, as well as in the Baluarte/Porta da Vila, which may have functioned as supports for flags, show the determination of the Manueline message. The military capacity was boosted by an awe staged not only by the gun rows deployed on different platforms, but also by the royal and Christian symbols that decorated the tops of the bastions.

Imbued with this spirit, the reign of King Manuel I was marked by strong investments in the military architectures of the building efforts in North Africa. The displacement of master builders to this territory, to design and monitor the progress of the works, as well as the supply and shipment of construction materials from the metropolis to the African continent, proved indispensable for the reinforcement of the strongholds. All the efforts applied to the restructuring of the fortified compounds, at a military and aesthetic level, contributed to the conservation and understanding of the construction paradigms of the 1500s and of the “transition style” in Portuguese military architecture. In fact, the latter included all the structures whose previous plan did not envisage a truly advanced fortification, but was capable of responding pragmatically to urgent needs⁴⁶. In this respect, the military built heritage of Portuguese origin in Asilah is one of the most vivid testimonies of this architectural production.

46. According to Rafael Moreira, the transition style fortifications, that where coeval of king Manuel’s governance, had a “mixed” essence, since they joined advanced methods in artillery with medieval ones (Moreira, 1989, p. 91).

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

AL BEKRI, Abu Obeid (1918) – *Description de l’Afrique Septentrionale*. Traduction par Mac Guckin de Slane. Alger: Typographi Adolphe Jourdan.

ARZILA, *Torre de menagem: Le donjon d’Asilah* (1995). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CORREIA, Jorge (2008) – *A implantação da cidade portuguesa no norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI*. Porto, FAUP Publicações.

DAVEAU, Suzanne (1999-2000) – A propósito das “pinturas” do litoral marroquino incluídas no Esmeraldo de Situ Orbis. *Mare Liberum: Revista De História Dos Mares*, 18-19. Lisboa, Comissão Nacional Para As Comemorações Dos Descobrimentos Portugueses, p. 79-132.

Encyclopédie de l’Islam (1960-2005). Nouvelle Édition. Leiden: E. J. Brill / Paris: Éditions G-P. Maisonneuve & Larose S.A.. 11 vols.

GUEVARA, Adolfo L. (1940) – *Arcila durante la ocupación portuguesa (1471-1549)*. Tanger: Publicaciones del Instituto General Franco para la investigación Hispano-arabe.

IBN HAUCAL (1842) – *Description de l’Afrique*. Traduction par M. Le Baron Mac Guckin de Slane. Extrait n.º 5 de l’année 1842 du journal Asiatique. Paris: Imprimerie Royale.

IDRISSI (1866) – *Description de l’Afrique et de l’Espagne*. Traduction, notes et glossaire par R. Dozy et M. J. Goese. Leyde: E. J. Brill.

Livro das Medidas das Fortalezas de Arzila, Alcácer, Ceuta e Tânger feitas por mestre Boytac e Bastião Luís em 1514 (IAN-TT, Núcleo Antigo, n.º 769, fls. 6-36).

LOPES, Ana Catarina Gonçalves (2009) – *(A)cerca de Azamor: estruturas militares ao manuelino*. Texto policopiado. Guimarães. Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. 2 vols.

LOPES, David (1924) – *História de Arzila durante o domínio português (1471-1550 e 1577-1589)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

MOREIRA, Rafael, dir. (1989) – *História das fortificações portuguesas no mundo*. Lisboa: Alfa Editora.

NUNES, António Lopes Pires (2005) – *Dicionário de arquitectura militar*. Lisboa: Caleidoscópio.

PEIXOTO, Indira (2017) – *As arquiteturas militares de Arzila ao tempo português: análise e interpretação evolutiva*. Texto policopiado. Guimarães. Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, 2017. 2 vols.

RODRIGUES, Bernardo (1915-19) – *Anais de Arzila: crónica inédita do séc. XVI*. Direcção de David Lopes. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 2 vols.

VITERBO, Francisco de Sousa (1988) – *Dicionário Histórico e Documental dos arquitetos, engenheiros e construtores portugueses. Reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1899 da Biblioteca da INCM*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988. 3 vols.

L'OUVERTURE D'UNE FACTORERIE À ASILAH (1520), D'APRÈS LE TÉMOIGNAGE DE BERNARDO RODRIGUES

THE OPENING OF A FACTORY IN ASILAH (1520), ACCORDING TO THE TESTIMONY OF BERNARDO RODRIGUES

AHMED BOUCHARB¹

Historien, chercheur, Casablanca

La situation géographique de Asilah face au Royaume de Fès lui conférerait obligatoirement, au début du XVI^e siècle, une double fonction :

1.^o – D'abord et avant tout une fonction militaire qui consistait à repousser les Marocains le plus loin possible de la mer et à créer un no-men's-land garantissant sa propre sécurité et celle de Tanger. Le Conte de Borba et le Conte do Redondo, son fils et successeur, réussirent à relever ce double défi, même si leurs mandats coïncidèrent avec une recrudescence des activités militaires des Marocains sous l'impulsion du vieux sultan Mohammed al-Wattassi, surnommé le Portugais, ou de ses représentants dans la région (Moulay Ibrahim à Chaouen, La'rrousi à Ksar el-Kébir et el-Mandari à Tétouan), ou à l'initiative de chefs locaux encadrant efficacement une guérilla très active. Ces opérations militaires sont consignées en détail dans les *Anais de Arzila*, compilées par Bernardo Rodrigues, un natif de cette localité.

2.^o – Une fonction commerciale pour alléger les frais de sa défense et de son administration, d'autant plus que les autorités marocaines, locales (caïd de Ksar el-Kébir surtout) et centrale (Fès) s'y prêtaient volontiers, même en temps de guerre.

Cette double fonction explique pourquoi cette petite localité, classée administrativement comme une simple "vila", eut un rayonnement à la fois politique, militaire et commercial, même si elle n'avait ni la taille de Tanger, de Ksar Séghir ou de Ceuta, ses voisines,

Asilah's geographical location with regard to the Kingdom of Fez necessarily granted it a dual function at the beginning of the 16th century:

1st – First and foremost, a military function which consisted in pushing the Moroccans as far away from the sea as possible and creating a no-man's-land that would guarantee its own security and that of Tangiers. The Count of Borba and the Count of Redondo, his son and successor, succeeded in meeting this double challenge, even if their mandates coincided with an increase in Moroccan military activities, spurred on by the old Sultan Mohammed al-Wattassi, aka the Portuguese, or his representatives in the region (Moulay Ibrahim in Chaouen, La'rrousi in Ksar el-Kébir and el-Mandari in Tetouan), or at the initiative of local leaders effectively leading very active guerrilla parties. These military operations were recorded in detail in the *Anais de Arzila*, compiled by Bernardo Rodrigues, a native of this locality.

2nd – A commercial function, aimed at reducing the costs of its defence and administration; this was well accepted by the Moroccan local (particularly the caïd of Ksar el-Kebir) and central (Fez) authorities, even in times of war.

This dual function explains why this small locality, a simple "vila" in administrative terms, had such a political, military and commercial influence, even if it had neither the size of the neighbouring cities of Tangiers, Ksar es-Seghir or

1. Chercheur marocain à la retraite travaillant sur les relations luso-marocaines depuis une quarantaine d'années. Ancien doyen de la Faculté des Lettres de Casablanca. Auteur de : *Os Pseudo-Mouriscos de Portugal no século XVI*, Lisboa, Hugin, 2004 (traduction portugaise de Maria Filomena Lopes de Barros) et de traductions arabes des *Anais de Arzila* de Bernardo Rodrigues, des: *Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses* et *Crónica do Conde Dom Duarte de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara, etc.

1. Retired Moroccan researcher studying the Portuguese-Moroccan relations for more than four decades. Former dean of the Faculté des Lettres de Casablanca. Author of *Os Pseudo-Mouriscos de Portugal no século XVI*, Lisboa, Hugin, 2004 (Portuguese translation by Maria Filomena Lopes de Barros) and of Arabic translations of the *Anais de Arzila* by Bernardo Rodrigues and the *Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses* and *Crónica do Conde Dom Duarte de Meneses* by Gomes Eanes de Zurara, etc.

ni les avantages stratégiques de leurs sites, ni la qualité de leurs ports. Ce rayonnement fit des Capitaines d'Asilah les seuls interlocuteurs du Sultan de Fès et de ses représentants locaux pour les questions militaires (trêves, rachats de captifs) et commerciales (notamment pour sécuriser les déplacements des caravanes, même en temps de guerre).

Nous allons nous contenter dans ce travail de suivre en détail le développement des activités commerciales à Asilah, développement qui fut couronné par l'ouverture d'une factorerie royale. Pour ce faire, nous allons nous baser dans un premier temps sur un témoin oculaire, Bernardo Rodrigues, avant de recourir aux *cartas de quitação* qui fournissent, pour une période couvrant une décennie, (1513-1523) des données chiffrées d'une importance capitale sur les activités commerciales effectuées au profit du Roi, et sur les recettes de la douane locale, ce qui nous permettra d'apprécier à sa juste valeur les informations consignées dans les *Anais* à propos des mobiles ayant déterminé le choix de cette bourgade pour l'ouverture de cette agence commerciale royale.

Observateur perspicace, Bernardo Rodrigues éternisa dans sa chronique la décision prise en 1520 par le roi Dom Manuel d'ouvrir dans cette localité une factorerie pour gérer son commerce personnel. Il lui a consacré deux chapitres de son énorme ouvrage : le 62^{ème} chapitre du second livre consacré au premier mandat de Dom João Coutinho, conte do Redondo (Rodrigues, 1915, p. 286-287) et le 87^{ème} chapitre relatant la nomination de Francisco Ribeiro au poste de *feitor* de d'Asilah, ainsi que les causes de son arrestation et de sa fin tragique (Rodrigues, 1915, p. 364-369).

Dans le chapitre 62, Bernardo Rodrigues considère l'ouverture de cette factorerie comme un événement important, non seulement pour Asilah, mais aussi pour le Portugal, au même titre que la construction, la même année, de quatre galères affectées à la défense de la navigation dans le Détroit de Gibraltar. L'événement méritait en effet d'être consigné, puisque cette petite bourgade fut dotée, 49 ans après son occupation, d'une grosse structure commerciale à laquelle on prévoyait un avenir florissant.

L'auteur consigna dans le même chapitre les caractéristiques de cette agence commerciale, en insistant particulièrement sur sa taille, sur les importantes quantités de marchandises stockées dans ses dépôts, sur son organigramme, et enfin, sur la qualité et l'expérience professionnelle de son personnel. C'est ainsi que le Roi nomma au poste de *feitor* Francisco Ribeiro, qui fit ses preuves dans la même localité en tant qu'*almoxarife* responsable du ravitaillement de la place (*almoxarife dos mantimentos*). Son secrétariat fut confié à Thomé Rodrigues, "moço da camara d'el-rei". Pour garantir la régularité du ravitaillement de cette factorerie, ainsi que celui des quatre places du Nord marocain, João Queimado, "pesoa muito honrada e sesuda", fut promu au poste de *provedor*.

Ceuta, nor the strategic advantages of their locations, nor the quality of their ports. This influence turned the Captains of Asilah into the only interlocutors of the Sultan of Fez and his local representatives concerning military (truces, redemption of captives) and commercial issues (particularly the security of caravans, even in times of war).

This paper will only address in detail the development of commercial activities in Asilah, a development that culminated in the opening of a royal factory. To do this, we will firstly rely on an eyewitness, Bernardo Rodrigues, before resorting to the *cartas de quitação*, which provide, for a period of a decade (1513-1523), figures of crucial importance regarding the commercial activities carried out for the king's benefit, and the revenue of the local customs, which will allow us to accurately assess the value of the information recorded in the *Anais* concerning the motives that determined the choice of this town for the opening of a royal commercial agency.

Being a perceptive observer, Bernardo Rodrigues perpetuated in his chronicle the decision taken in 1520 by King Dom Manuel to open a factory in this town in order to manage his personal trade. He devoted two chapters of his enormous book to it: chapter 62 of the second book, concerning the first mandate of Dom João Coutinho, the Count of Redondo (Rodrigues, 1915, p. 286-287), and chapter 87, which deals with the appointment of Francisco Ribeiro as Asilah's *feitor*, as well as with the causes of his arrest and tragic death (Rodrigues, 1915, p. 364-369).

In Chapter 62, Bernardo Rodrigues considers the opening of this factory an important event, not only for Asilah, but also for Portugal, as relevant as the construction, in the same year, of four galleys to protect navigation in the Strait of Gibraltar. The event deserved to be recorded, since this small town was thus endowed, 49 years after its occupation, with a large commercial structure that was expected to have a prosperous future.

In the same chapter, the author recorded the characteristics of this commercial agency, with particular emphasis on its size, the large quantities of goods stored in its warehouses, its organizational chart, and finally, the quality and professional experience of its staff. Thus, the King appointed Francisco Ribeiro as *feitor*, who had proved himself in the same locality as the *almoxarife* in charge of supplying the town (*almoxarife dos mantimentos*). Its secretariat was entrusted to Thomé Rodrigues, "moço da camara d'el-rei". To ensure the regularity of the factory's supplies, as well as that of the four northern Moroccan towns, João Queimado, "pesoa muito honrada e sesuda", was promoted to the position of *provedor*.

As the city of Fez was the main market targeted by the creation of this new structure, for reasons we shall be addressing further on, the King authorized Francisco Gonçalves, "morador honrado" to take "as mercadorias

Comme la ville de Fès était le principal marché visé par la création de cette nouvelle structure, pour les raisons sur lesquelles nous reviendrons, le Roi autorisa Francisco Gonçalves, "morador honrado" à prendre "as mercadorias que lhe parecesse que se podião bem gastar em Féz, como lacar, alaquecas, bordates, barreteria, especearia" et de garder pour lui une commission de 3 % de tout ce qu'il vendrait. Pour l'aider dans cette mission, le secrétariat de cette annexe fut confié à Sancho Rabelo (Rodrigues, 1915, p. 286-287, 364-369, 426).

Pour Bernardo Rodrigues, l'ouverture de cette nouvelle structure n'était pas fortuite. Au contraire, elle répondait à des besoins bien précis. D'une part, elle devait mettre fin aux souffrances qu'enduraient les habitants des places portugaises du Nord marocain à cause de l'irrégularité qu'accusait le paiement de leurs soldes et pensions ; et devait, d'autre part, relancer davantage les activités commerciales de la bourgade en y ouvrant une agence commerciale royale. Pour ce faire, les services compétents devaient la pourvoir en marchandises bien précises : des draps, des toiles, de la soie, des bonnets, etc. pour garantir la régularité des paiements des soldes et pensions ; et des quantités suffisantes des marchandises que les commerçants musulmans et juifs venaient chercher de Fès. Pour les fidéliser davantage, des stocks furent, selon le témoignage de Bernardo Rodrigues, constitués dans la capitale wattasi. Il nous apprend en effet qu'après la fermeture de cette antenne à la suite de la propagation de la peste, (1522) Simão Rabelo, alors *feitor* de la factorerie d'Asilah, et son secrétaire, *micar* Ambrosio, se déplacèrent à Fès afin de "arrecadar o lacar e alaquecas e outras mercadorias que da feitoria avião deixado, por causa da peste" (*idem*, 1915, p. 426).

Bernardo Rodrigues nous apprend aussi que le roi, désireux de garantir à cette nouvelle structure toutes les conditions de sa réussite, ordonna de mettre à son service une caravelle de la marine de guerre qui fut la première à servir les quatre places susnommées, caravelle à laquelle il dut joindre plus tard une autre pour assurer la régularité de la liaison avec la Métropole d'une part, et pour protéger, d'autre part, cette navigation contre les activités de plus en plus audacieuses des corsaires espagnols, français et maures.

Comment notre chroniqueur jugea-il ce projet ?

Pour lui, la décision royale représentait un tournant dans la stratégie du Portugal à l'égard des présides du Nord marocain, du moment qu'on avait tardé à ouvrir une structure pareille dans cette région. Bernardo Rodrigues attendait, en effet, de ce projet ambitieux, en tant qu'observateur conscient des problèmes que vivaient les habitants des présides dont il faisait partie, la réalisation des deux objectifs que nous venons de souligner. Cependant, l'auteur qui a applaudi cette initiative croyait encore, vers 1560, (début de la rédaction des *Anais*) que cette nouvelle structure avait les moyens de réaliser les objectifs attendus d'elle. Or la réussite de ce projet dépendait de

que lhe parecesse que se podião bem gastar em Féz, como lacar, alaquecas, bordates, barreteria, especearia", keeping for himself a commission of 3% on everything he would sell. To help him in his mission, the secretariat of this branch was entrusted to Sancho Rabelo (Rodrigues, 1915, p. 286-287, 364-369, 426).

For Bernardo Rodrigues, the opening of this new structure was not accidental. On the contrary, it addressed very specific needs. On one hand, it ought to put an end to the sufferings endured by the inhabitants of the Portuguese towns of northern Morocco, as a result of the irregular payment of their salaries and pensions. And, on the other hand, it should further boost the commercial activities of the town by opening a royal commercial agency there. To do this, the competent services had to provide it with some very specific goods: sheets, cloths, silk, hats, etc., to guarantee the regular payment of salaries and pensions; and sufficient quantities of the goods that Muslim and Jewish traders bought in Fez. To increase their loyalty, stocks were kept in the Wattasid capital, according to Bernardo Rodrigues' testimony. Actually, this author mentions that after the closure of this branch following the spread of the plague (1522), Simão Rabelo, at the time *feitor* of the Asilah factory, and his secretary, *micar* Ambrosio, travelled to Fez to "arrecadar o lacar e alaquecas e outras mercadorias que da feitoria avião deixado, por causa da peste" (*idem*, 1915, p. 426).

Bernardo Rodrigues also states that the King, wishing to provide this new structure with all the conditions for its success, ordered a navy caravel to be placed at its service. This was the first caravel to serve the four towns mentioned above; a second one had to be deployed later on, to ensure regular connections with the metropolis and to protect navigation against the increasingly daring activities of the Spanish, French and Moorish privateers.

How does our chronicler rate this project?

From his point of view, this royal decision represented a turning point in Portugal's strategy regarding the *presídios* of northern Morocco, considering the delay in opening such a structure in this region. As an observer who was well aware of the problems faced by the inhabitants of the *presídios*, himself included, Bernardo Rodrigues actually expected this ambitious project to achieve the two objectives we have just highlighted. However, the author, who applauded this initiative, still believed, around 1560 (when he began writing the *Anais*), that this new structure had the means to achieve what was expected of it. But the success of this project depended on the regular deliveries of goods and on the availability of the money required for its effective operation, which was not always easy to achieve due to the chronic deficits in public finances and the weight of the Portuguese bureaucracy (Godinho, 1959, p. 184-199; *idem*, 1962, p. 105-115). Forty years after the events reported, did Bernardo Rodrigues still not gauge the extent of this enormous handicap that hindered the smooth running

la régularité des livraisons des marchandises et de la mobilisation de l'argent nécessaire à son bon fonctionnement, ce qui n'était pas toujours facile à réaliser, à cause des déficits chroniques des finances publiques et des lourdeurs de la bureaucratie portugaise (Godinho, 1959, p.184-199 ; idem, 1962, p. 105-115). Bernardo Rodrigues ne mesurait-il pas encore, quarante ans après les événements relatés, l'ampleur de cet énorme handicap qui entravait la bonne marche de tout l'empire commercial portugais ? Comment expliquer cette erreur d'appréciation alors que lui-même s'est plaint dans sa chronique des retards qu'accusait le paiement de la pension modique que l'Etat lui versait, comme aux autres habitants d' Asilah, déportés à Lisbonne avant l'évacuation de cette localité ? De toute façon, le lecteur ne s'étonnera pas de relever pareilles lacunes chez cet autodidacte qui n'a pas hésité à reconnaître que ses compétences intellectuelles ne lui permettaient pas de rédiger sa chronique selon les règles de l'art, et qu'il devait recourir à "outra pessoa, que o melhor soubera contar, pois em mim outra cousa não ha, sómente a confiança de ser lembrado do que em meu tempo passou" (Rodrigues, 1919, p. 28).

Comment Bernardo Rodrigues expliqua-t-il l'échec de ce projet ambitieux ?

Il a tout simplement lié le sort de cette factorerie à celui, dramatique, de ses deux premiers responsables.

Après avoir insisté sur l'opulence du premier *feitor* à cause du "mui groso ordenado, com o qual ele creceo em sostencia e fazenda, enchendo sua casa de muita riqueza e fartura", il relate les causes des différends qui opposèrent celui-ci au capitaine de la place, qui lui tendit, avec la complicité d'autres personnes qui lui voulaient du mal, un piège pour justifier son arrestation. Comme le bateau qui le ramenait à Lisbonne fut attaqué par un pirate français, il perdit dans l'abordage tous les documents qu'il comptait présenter pour prouver son innocence, ce qui entraîna son emprisonnement. C'est ainsi que le pauvre commis "acabou deshonrado e preso". La mission de son successeur, Thomé Rodrigues, dura peu de temps, puisqu'il dut quitter Asilah pour regagner le Portugal quelques mois seulement après sa nomination à la fin de 1521, fuyant la peste dès son apparition au début de 1522, sans jamais y revenir. C'est ainsi que la factorerie fut abandonnée, et "os capitães, que depois forão, despenderão o que dela ficou em pagamento de cativos, como adiante direi".

Donc, notre informateur est catégorique : cette factorerie ne fonctionna que deux ans au maximum.

Quel degré de crédibilité devons-nous accorder aux informations fournies par Bernardo Rodrigues à propos de cette factorerie ?

Trois remarques s'imposent à propos de ces informations :

of the entire Portuguese commercial empire? How can this erroneous assessment be explained when he himself complained in his chronicle about the delays in the payment of the modest pension that the State was paying him, as well as the other inhabitants of Asilah, who were deported to Lisbon before the evacuation of the town? In any case, readers should not be surprised to find such shortcomings in this self-taught person who did not hesitate to acknowledge that his intellectual skills did not allow him to write his chronicle according to the rules of the art, and that he had to rely on "outra pessoa, que o melhor soubera contar, pois em mim outra cousa não ha, sómente a confiança de ser lembrado do que em meu tempo passou" (Rodrigues, 1919, p.28).

How did Bernardo Rodrigues explain the failure of this ambitious project?

He simply linked the destiny of this factory to the dramatic fate of its two first managers.

After stressing the opulence of the first *feitor* on account of the "mui groso ordenado, com o qual ele creceo em sostencia e fazenda, enchendo sua casa de muita riqueza e fartura", the author describes the causes of the disputes that opposed the *feitor* to the captain of the *praça*, who set up a trap to justify the arrest of the former, with the aid of some others who also wanted to do him harm. As the ship that brought him back to Lisbon was attacked by a French pirate, all the documents he intended to present to prove his innocence were lost during the boarding, which resulted in his imprisonment. This is how the unfortunate *feitor* "acabou deshonrado e preso". The mission of his successor, Thomé Rodrigues, lasted for a short time only, since he had to leave the town and return to Portugal only a few months after his appointment at the end of 1521, fleeing the plague as soon as it appeared at the beginning of 1522, without ever returning to Asilah. The factory was thus abandoned and "os capitães, que depois forão, despenderão o que dela ficou em pagamento de cativos, como adiante direi".

So, our informant is categorical: this factory only operated for a maximum of two years.

How much credibility should we give to the information supplied by Bernardo Rodrigues about this factory?

Three remarks should be made about this information:

1st – First of all, there is a chronological inaccuracy regarding the date of the closure of the said factory. As opposed to what the author of the *Anais* reports, it was still open in December 1524. A *carta de quitação* issued to the widow of João Alvarez de Oliveira, a *feitor* in Asilah, attests that he held this position from January 25th 1523 to December 14th 1524 (Freire, 1914, p. 446-447). The same document further states that this *feitor* continued to receive the usual goods; we will address the matter of the corresponding amounts further on. This error is

1.^o – Signalons tout d’abord une imprécision chronologique se rapportant à la date de la fermeture de ladite factorerie. Contrairement à ce que rapporte l’auteur des *Anais*, celle-ci était encore ouverte en décembre 1524. Une *carta de quitação* délivrée à la veuve de João Alvarez de Oliveira, *feitor* à Asilah, atteste que celui-ci occupa ce poste du 25 janvier 1523 au 14 décembre 1524 (Freire, 1914, p. 446-447). Le même document nous informe que ce commis continua de recevoir, en tant que *feitor*, les marchandises habituelles dont nous verrons les quantités plus tard. Cette erreur n’est pas compréhensible vu que l’auteur signale parmi les événements survenus juste avant les retours du Conte do Redondo à Asilah (septembre 1523), le retour de Fès du *feitor* Simão Rabelo et du secrétaire de la factorerie, *micer* Ambrosio, de Fès pour la raison que nous avons déjà signalée (Rodrigues, 1915, p. 426).

2.^o – Deuxième remarque : Evoquant les mobiles de l’ouverture de cette factorerie, Bernardo Rodrigues semble accorder trop de crédit au mobile affiché de cette création : mettre fin au retard chronique du paiement des soldes et des pensions dans les quatre places du Nord marocain. Or ce problème n’était ni local ni occasionnel ; mais plutôt structurel. En effet, il a toujours existé, au Maroc comme en Inde, à cause du déficit chronique des finances publiques. Il ne pouvait donc pas être résolu par une décision administrative, ni par l’ouverture d’une factorerie quels que soient les moyens mis à sa disposition. L’existence d’agences commerciales dans des ports jouissant d’activités commerciales relativement intenses, comme Azemmour ou Safi, n’empêchait pas ces retards et ne soulageait pas les souffrances des habitants (Cenival, 1946, p. 244, 345 ; Ricard, 1948, p. 60, 300 ; Boucharb, 2013, p. 354-361, etc.). Au contraire, l’adoption de ce mode de paiement dans ces deux ports suscita beaucoup de doléances des bénéficiaires qui se trouvèrent victimes d’une double exploitation des commerçants mandatés pour le faire, parfois avec la complicité des responsables locaux : outre les retards qui peuvent durer des mois, les paiements se faisaient en nature (gomme laque, tissus, etc.), ce qui permettait aux commerçants, comme ce fut le cas à Azemmour, de baisser la valeur de la quote-part (parfois jusqu’à 50 %) tout en augmentant les prix des produits de première nécessité dont ils avaient presque le monopole ! (Lopes, 1932, p. 82-85).

3.^o – troisième remarque : Bernardo Rodrigues ne nous dit pas pourquoi le roi préféra Asilah aux trois autres places de la région, et notamment Tanger et Ceuta qui bénéficiaient, comme nous l’avons déjà signalé, de ports meilleurs, et qui comptaient des populations plus nombreuses. En réalité, Il semble que ce choix fut d’abord dicté par les rapports commerciaux qu’Asilah put tisser et entretenir avec Ksar el-Kébir et Fès au moins dès l’époque du conde de Borba. Les *Anais de Arzila* signalent en effet de très fréquents allers et retours de caravanes entre Asilah et sa voisine, Ksar el-Kébir, ce que les sources marocaines n’ont pas manqué de souligner (Mohamed al-’arabi al-Fassi, 2003, p.

not understandable as the author mentions, among the events that occurred just before, the returns of the Count of Redondo to Asilah (September 1523): the returning from Fez of the *feitor* Simão Rabelo and of the factory secretary, *micer* Ambrosio, from Fez for the reasons we have already mentioned (Rodrigues, 1915, p.426).

2nd – Second remark: referring to the grounds for the opening of this factory, Bernardo Rodrigues seems to give too much credit to the apparent motive for the creation of this establishment, i.e. ending the chronic delay in the payment of salaries and pensions in the four *praças* of northern Morocco. But this problem was neither local nor occasional; it was rather structural. Indeed, it had always existed, in Morocco as in India, because of the chronic deficit of public finance. It could therefore not be resolved by an administrative decision, nor by the opening of a factory, whatever means were made available. The existence of commercial agencies in ports with relatively intense commercial activities, such as Azemmour or Safi, did not prevent such delays and did not relieve the hardships of the inhabitants (Cenival, 1946, p. 244, 345; Ricard, 1948, p. 60, 300; Boucharb, 2013, p. 354-361, etc.). On the contrary, the adoption of this method of payment in these two ports raised many complaints from the beneficiaries, who found themselves victims of a double exploitation by the traders in charge of the payments, sometimes with the complicity of the local authorities: in addition to delays that could last for months, payments were made in kind (shellac, cloth, etc.), which allowed traders, as was the case in Azemmour, to lower the value of the quota (sometimes up to 50%) while increasing the prices of essential products of which they had almost a monopoly! (Lopes, 1932, p. 82-85).

3rd – Third remark: Bernardo Rodrigues does not tell us why the King preferred Asilah to the other three *praças* in the region, particularly Tangiers and Ceuta, which, as we have already mentioned, had better ports and larger populations. In fact, it would seem that this choice was primarily determined by the commercial relations that Asilah was able to weave and maintain with Ksar el-Kebir and Fez, at least from the time of the Count of Borba onwards. The *Anais de Arzila* mention the comings and goings of many caravans between Asilah and its neighbour town, Ksar el-Kebir, a fact that is also stressed by Moroccan sources (Mohamed al-’arabi al-Fassi, 2003, p.202). Other caravans regularly connected Asilah to the Wattassid capital. These caravans counted dozens of people from all three religions. The King's commercial representative in Fez made several trips between this city and Asilah. The travel arrangements for the caravans were the subject of several rounds of negotiations between the Captains of Asilah and the Caïds of Ksar el-Kebir and Chaouen. Thus, the arrival of the Ksar el-Kebir caravan, which had become a weekly event, was much awaited by the inhabitants of Asilah, because it provided, in addition to the everyday consumer products for which they had an almost permanent need, the necessary

202). D'autres caravanes liaient régulièrement Asilah à la capitale Wattassi. Ces dernières comptaient des dizaines de personnes appartenant aux trois religions. Le représentant commercial du roi à Fès fit à plusieurs reprises le déplacement entre Asilah et cette ville. Les modalités de déplacement des caravanes furent l'objet de plusieurs rounds de négociations entre les Capitaines de Asilah et les Caïds de Ksar el-Kébir et de Chaoun. C'est ainsi que la venue de la caravane de Ksar el-Kébir, devenue hebdomadaire, était très attendue par les habitants d'Asilah, car elle apportait, outre les produits de consommation courante dont ils avaient un besoin quasi permanent, les informations nécessaires à la sécurité de la localité et de ses habitants.

Mais en dépit de ces allusions furtives aux activités commerciales de sa bourgade, Bernardo Rodrigues ne s'est pas intéressé aux raisons qui auraient poussé le roi, en 1520 précisément, à chercher à les réorganiser et à leur donner un nouveau souffle. Nous reviendrons sur ce point.

A-t-on des indices confirmant cette mutation d'Asilah de localité vivant essentiellement d'activités de guerres et de razzias, à un centre commercial de plus en plus fréquenté par les caravanes ?

Avant même l'ouverture de cette factorerie, son *almoxarifado* reçut des quantités de marchandises importantes consignées dans les *cartas de quitação* qui nous sont parvenues. C'est ainsi que l'*almoxarife* João Alvarez de Oliveira reçut durant son mandat couvrant les années 1513, 1514, 1515 et les six premiers mois de 1516 : 19 015 922 *reis*, dont 565 030,5 *reis* de recettes douanières. Les ventes "da especiaria e doutras mercadorias [...]" atteignirent 9 469 999,5 *reis* (Freire, 1905, p. 314-315).

La bourgade arriva à maintenir le même dynamisme commercial après la prorogation du mandat de ce responsable de l'"*almoxarifado e allmasem de Arzila*", (décembre 1517 – juin 1519) comme l'attestent les recettes de la douane locale qui représentaient l'essentiel des 926 847 *reis* qu'il avait accumulés avant de les verser au trésor public. La *carta de quitação* délivrée à son successeur, Jorge Dias, "*almoxarife do nosso almoxarifado de Arzila e védor e pagador que foi das obras da dita vila*" entre mars et fin novembre 1517, et ensuite de juillet à août 1518, confirme cette nouvelle réalité : la localité ne se contentait plus de recevoir des armes, des munitions et des vivres, elle recevait aussi des quantités importantes de marchandises qui étaient auparavant destinées exclusivement aux centres commerciaux actifs, comme Azemmour ou Safi. En effet, les comptes de ce commis consistent dans la rubrique des recettes : 7 920 727 *reis*, dont 287 516 générés par les recettes douanières. Les ventes de la gomme laque, du poivre et d'autres produits atteignirent 1 822 718 *reis*, 3 *quintais*,

9 *arratéis* de clou de girofle, 2 *quintaux* de cannelle et 101 *quintais*, 1 *arroba*, 29 *arratéis* de gomme laque lui

information concerning the safety of the locality and its inhabitants.

But despite these furtive allusions to the commercial activities of his town, Bernardo Rodrigues did not show much interest in the reasons that would have led the King, precisely in 1520, to seek to reorganize and boost those activities. We will come back to this issue.

Is there any evidence to confirm this change of Asilah, from a locality living mainly from war and raiding activities, to a commercial centre increasingly frequented by caravans?

Even before the opening of this factory, Asilah's *almoxarifado* received large quantities of goods, as recorded in the *cartas de quitação* that have reached our days. This is how *almoxarife* João Alvarez de Oliveira received, during his mandate spanning the years 1513, 1514, 1515 and the first six months of 1516, the following: 19 015 922 *reis*, including 565 030,5 *reis* in customs revenue. The sales "da especiaria e doutras mercadorias [...]" reached 9 469 999,5 *reis* (Freire, 1905, p. 314-315).

The town managed to maintain the same commercial dynamism after the extension of the mandate of the above referred officer, in charge of the "allmoxarifado e allmasem de Arzila" (December 1517 – June 1519), as attested by the receipts of the local customs which accounted for most of the 926 847 *reis* he had accumulated before remitting them to the public treasury. The *carta de quitação* issued to his successor, Jorge Dias, "*almoxarife do nosso almoxarifado de Arzila e védor e pagador que foi das obras da dita vila*" between March and late November 1517, and then from July to August 1518, confirms this new reality: the locality was no longer receiving only arms, munitions and food but also received large quantities of goods that were previously shipped only to active commercial centres, like Azemmour and Safi. Indeed, the accounts show, under the revenue heading, the sum of 7 920 727 *reis*, of which 287 516 were generated by customs revenue. Sales of shellac, pepper and other products reached 1 822 718 *reis*. Moreover, 3 *quintais* and 9 *arratéis* of clove, 2 *quintais* of cinnamon and 101 *quintais*, 1 *arroba* and 29 *arratéis* of shellac were sent to the *almoxarifado*. As in Safi, the shipments of "alaquere, pimenta e outras especiarias" were meant for "o trauto dos lambees", which was intended to provide for the Guinea trade (Freire, 1906, p. 80).

After the opening of the factory, the rate of sales remained steady, despite a very difficult economic situation (drought, famine first, then the plague). After his appointment at the end of 1521, the *feitor* Thomé Rodrigues remitted to the royal treasury 2 400 000 *reis*, to which he quickly added 1 757 947 *reis* "per venda de mercadorias que vendeo" (Freire, 1914, p. 442). We know, thanks to the acquittance granted to Isabel de Avila, widow of the already mentioned *feitor* João Alvarez de Oliveira, that under his mandate between

furent envoyés. Comme à Safi, l'envoi de : "alaquere, pimenta e outras especiarias" était pour "o trauto dos lambees", lui-même destiné à pourvoir le commerce de Guinée (Freire, 1906, p. 80).

Après l'ouverture de la factorerie, le rythme des ventes se maintient, malgré une conjoncture très difficile (sécheresse, famine d'abord, peste ensuite). Thomé Rodrigues, *feitor*, versa au trésor royal après sa nomination à la fin de 1521 2 400 000 *reis*, auxquels il s'empressa d'ajouter 1 757 947 *reis* "per venda de mercadorias que vendeo" (Freire, 1914, p. 442). Nous savons, grâce au quitus accordé à Isabelle de Avila, veuve du *feitor* João Alvarez de Oliveira déjà cité, que les recettes atteignirent sous le mandat de celui-ci entre le 25 janvier 1523 et le 14 décembre 1524 2 729 854 *reis*. Les marchandises envoyées étaient variées et en quantités importantes comme le montre le tableau suivant :

MARCHANDISES	QUANTITÉS
pierres de corallines	22 quintais, 1 arroba
bordats fins	780 pièces
bordats ordinaires	876 pièces
gomme laque noire	330 quintais, 3 arrobas
or tiber	882 meticaes
or filali	153 meticaes
or diani	157 meticaes
or de 410 reis le metical	20 meticaes
or (dont valeur non précisée)	220 meticaes
poivre	169 quintais, 2 arrobas
cannelle	1 quintal

Les contenus de ces quitus délivrés aux commis ayant servi à Asilah sont différents de ceux consignants l'activité des *almoxarifes* de Tanger ou de Ceuta, qui ne recevaient que des livraisons d'armes, de munitions, de matériaux de construction, du ravitaillement, sans aucune trace de marchandises ou de recettes douanières. Les sommes importantes d'argent qui leur étaient envoyées étaient dépensées en "tenças, cavalarias e pagas aos moradores" (Freire, 1910, p. 369). Or les quitus délivrés aux *almoxarifes* exerçant à Asilah après 1515, et aux *feitores* plus tard, rappellent plutôt ceux reflétant l'activité de leurs collègues affectés à Safi ou à Azemmour.

Tenant compte de la remarque précédente, nous pouvons relativiser l'affirmation de Bernardo Rodrigues' statement about the motives behind the opening of this factory in Asilah in 1520, an opening made necessary by the commercial upsurge of which we have just mentioned some manifestations. Taking also into account the first difficulties of Portuguese trade in the most active ports of Morocco, already before the end of the second decade of the 16th century, we can link this decision to the desire to start a shift in the Portuguese trade on the Atlantic plains, notably from Safi, the small Ormus of Morocco, into the Kingdom of Fez. Indeed, we now know with certainty that a combination of local factors (destruction of the Atlantic plains following the Portuguese raids and the Wattassid punitive expeditions, which led to a massive displacement of populations, the tragic death of Nuno Fernandez de Ataíde (1516), the assassination of Yahya UTa'fuf (1518), etc.) and other purely Portuguese factors (cash flow problems and a difficult conjuncture, worsened by the global crisis of 1517-1524) prevented Portuguese officials from correcting the situation (Godinho, 1958, p. 184-199). The decision of taking a

January 25th 1523 and December 14th 1524 the revenues reached 2 729 854 *reis*. Various goods were shipped in significant quantities, as shown in the table:

GOODS	QUANTITIES
cornelian stones	22 quintais, 1 arroba
fine embroideries	780 pieces
ordinary embroideries	876 pieces
Black shellac	330 quintals, 3 arrobas
tibber gold	882 meticaes
filali gold	153 meticaes
diani gold	157 meticaes
gold, 410 reis to the metical	20 meticaes
gold (of unspecified value)	220 meticaes
pepper	169 quintais, 2 arrobas
cinnamon	1 quintal

The contents of these acquittances issued to officers who served in Asilah are different from those relating to the activity of the *almoxarifes* of Tangiers or Ceuta, who only received deliveries of weapons, ammunition, construction materials and supplies, without any indication of goods or customs revenues. The large sums of money sent to them were spent on "tenças, cavalarias e pagas aos moradores" (Freire, 1910, p. 369). However, the acquittances issued to the *almoxarifes* operating in Asilah after 1515, and later on to the *feitores*, are rather reminiscent of similar documents pertaining to the activity of their colleagues assigned to Safi or Azemmour.

Taking into account the previous remark, we can put into perspective Bernardo Rodrigues' statement about the motives behind the opening of this factory in Asilah in 1520, an opening made necessary by the commercial upsurge of which we have just mentioned some manifestations. Taking also into account the first difficulties of Portuguese trade in the most active ports of Morocco, already before the end of the second decade of the 16th century, we can link this decision to the desire to start a shift in the Portuguese trade on the Atlantic plains, notably from Safi, the small Ormus of Morocco, into the Kingdom of Fez. Indeed, we now know with certainty that a combination of local factors (destruction of the Atlantic plains following the Portuguese raids and the Wattassid punitive expeditions, which led to a massive displacement of populations, the tragic death of Nuno Fernandez de Ataíde (1516), the assassination of Yahya UTa'fuf (1518), etc.) and other purely Portuguese factors (cash flow problems and a difficult conjuncture, worsened by the global crisis of 1517-1524) prevented Portuguese officials from correcting the situation (Godinho, 1958, p. 184-199). The decision of taking a

aussi des premières difficultés du commerce portugais dans les ports les plus actifs au Maroc, apparues dès avant la fin de la deuxième décennie du XVI^e siècle, nous pouvons lier cette décision au désir d'entamer un basculement du commerce portugais des plaines atlantiques, notamment de Safi, la petite Ormuz du Maroc, vers le Royaume de Fès. En effet, nous savons maintenant avec certitude que la conjonction de facteurs locaux (destruction des plaines atlantiques suite aux razzias portugaises et aux expéditions punitives wattassi, ce qui entraîna un déplacement massif des populations, mort tragique de Nuno Fernandez de Ataíde (1516), assassinat de Yahya U Ta'fuft (1518), etc.) et autres facteurs purement portugais (difficultés de trésorerie, conjoncture difficile, aggravée par la crise mondiale de 1517-1524) empêchèrent les responsables portugais de redresser la situation (Godinho, 1958, p. 184-199). Le choix de se positionner au Nord du Maroc, afin de garantir les marchés du Royaume de Fès et sa production céréalière, fut une réaction légitime aux premiers signes inquiétants annonçant une éventuelle perte des marchés de Safi, d'Azemmour et de Santa Cruz du Cap de Gué, combien importants pour le Portugal et pour son empire commercial. D'où la décision de créer une grande représentation commerciale là où les conditions de sa réussite étaient, en 1520, réunies. L'ouverture de la factorerie d'Asilah, ne fut donc que l'ébauche d'un processus qui fut couronné plus tard par l'installation de Bastião de Vargas au cœur même de la capitale wattassi, afin de garantir pour son pays deux éléments essentiels à sa survie : le blé du Royaume de Fès pour compenser celui des Doukkala, devenu de plus en plus rare, et le soutien politico-militaire du sultan wattassi contre le Chérif Mohammed ech-Cheikh, devenu de plus en plus menaçant (Ricard, 1955, p. 281-309).

Ainsi, Bernard Rodrigues n'a pas manqué de consigner dans ses *Anais* l'ouverture à Asilah d'une factorerie, et ce, malgré le nombre impressionnant d'opérations militaires, terrestres et maritimes, qu'il éternisa dans sa chronique. Touché certainement par le sort dramatique des deux premiers responsables de cette agence commerciale, pourtant qualifiés et expérimentés, il s'y attarda longuement, ce qui s'est répercuté sur la qualité des informations relatives au sujet qui nous intéresse aujourd'hui, restées lacunaires. Cet homme intelligent, devenu fin connaisseur des affaires marocaines auxquelles il s'était intimement impliqué par sa participation régulière aux guerres autour de Asilah et dans son arrière-pays, par les missions que le Capitaine d'Asilah lui a confiées auprès du sultan wattassi, par les différentes amitiés qu'il avait nouées à Fès, à Larache ou encore à Ksar el-Kébir, a manqué de lucidité et de discernement quand il a exposé les mobiles de l'ouverture de cette agence commerciale. Il n'y a pas remarqué l'obligation où se trouvaient les autorités portugaises d'entamer, sans tarder, un basculement de leurs activités commerciales vers le Nord du Maroc, et ce, suite aux difficultés militaires et commerciales apparues dans les plaines atlantiques.

position in northern Morocco in order to secure the markets of the Kingdom of Fez and its cereal production was a legitimate reaction to the first worrying signs of a possible loss of the markets of Safi, Azemmour and Santa Cruz du Cap de Gué, which were so important for Portugal and its trading empire. Hence the decision to create a large commercial representation where the conditions for its success were present in 1520. The opening of the Asilah factory was therefore only the beginning of a process that was later crowned by the relocation of Bastião de Vargas into the very heart of the Wattassid capital, in order to secure for his country two elements that were essential to its survival: the wheat from the Kingdom of Fez, to compensate for the Doukkala wheat, which had become increasingly rare, and the political and military support of the Wattassid Sultan against Sharif Mohammed ech-Cheikh, who was becoming more of a threat (Ricard, 1955, p. 281-309).

Thus, Bernard Rodrigues did not fail to record the opening of a factory in Asilah in his *Anais*, despite the impressive number of sea and land military operations which he perpetuated in his chronicle. Certainly moved by the dramatic fate of the two first managers of this commercial agency, however qualified and experienced, he dwelt on it for a long time, and this had repercussions on the quality of the information on the subject we are now concerned with, which remained incomplete. This intelligent man had become a keen connoisseur of Moroccan affairs, in which he had become intimately involved through his regular participation in the wars around Asilah and in its hinterland, through the missions involving the Wattassid Sultan that the Captain of Asilah had entrusted him with and through the various friendships he had made in Fez, Larache or Ksar el-Kebir. And yet he lacked both lucidity and discernment when he explained the reasons for the opening of this commercial agency. He did not acknowledge the necessity of the Portuguese authorities to start, without delay, a shift of their commercial activities towards northern Morocco, following the military and commercial difficulties that were rising in the Atlantic plains.

Another omission of Bernardo Rodrigues is related to the conclusion we have just highlighted. If he hadn't wondered why the King's advisers had preferred his "vila" to the neighbouring *praças*, when they had more inhabitants and good ports, he wouldn't have been aware of another evolution of the town's activities, one that was decisive in its choice. Indeed, the acquittances issued to the King's representatives unambiguously attest to this: Asilah had become, at least since the second mandate of *almoxarife* João Alvarez de Oliveira, a collection centre for certain local products that were previously acquired only in the ports of Safi and Azemmour, such as woollen fabrics (*haiks*, *henbels*, etc.) essential for the Guinea trade, and gold, either minted or tiber, from different sources (*filali*, for example). The position of Asilah, which allowed it to keep permanent contact with the Kingdom of Fez, even in times of war, benefited not only the King's

Autre omission de Bernardo Rodrigues, liée à la conclusion que nous venons de souligner. S'il ne s'était pas demandé pourquoi les conseillers du roi avaient préféré sa 'vila' aux places voisines, alors qu'elles avaient plus d'habitants, et surtout, de bons ports, il n'a pas pris conscience d'une autre évolution de ses activités, évolution qui fut déterminante dans son choix. En effet, les quitus délivrés aux représentants du roi l'attestent sans ambiguïté : Asilah était devenue, au moins depuis le deuxième mandat de l'almojarife João Alvarez de Oliveira, un centre de collecte de certains produits locaux qui n'étaient auparavant acquis que dans les ports de Safi et d'Azemmour, comme les tissus en laine (haïks, henbels, etc.) essentiels pour le commerce de la Guinée, ou l'or monnayé ou sous forme de *tiber* de différentes provenances (filali, par exemple). La position d'Asilah, qui lui permit de s'ouvrir en permanence sur le Royaume de Fès, même en temps de guerre, profita non seulement aux représentants du roi, mais aussi aux commerçants installés à Asilah et travaillant pour leur propre compte, comme les Génois (Ricard, 1955, p. 115-130).

Autre omission étonnante de Bernardo Rodrigues. En effet, il n'a fait aucune mention à une activité qui a eu beaucoup aux intérêts de son pays, et qui fut à la fois à l'origine de l'ouverture de la factorerie qui nous intéresse aujourd'hui, et de sa fermeture prématurée. Malgré qu'il ait vécu tout près de Larache, et qu'il ait visité Fès à trois reprises au moins, la présence de commerçants Génois, Français et espagnols dans les deux cités ne l'inquiéta guère, à tel point qu'il n'en fait aucune mention dans sa chronique, et ce, à la différence d'un autre témoin oculaire, Léon l'Africain, qui n'a pas manqué de souligner, lors de la description de la ville de Salé, le dynamisme, dès le début du XVI^e siècle, d'une importante communauté de commerçants génois ayant "leurs comptoirs qui à Fez et qui à Sela. Pour l'expédition de leurs marchandises, l'un agit au compte de l'autre". Il nota aussi que le Roi de Fès avait pour eux "des attentions marquées parce que leur commerce lui rapporte des revenus substantiels". Ces étrangers qui purent gagner la confiance des habitants, n'hésitaient pas à soudoyer les notabilités locales pour pérenniser leur séjour dans le pays (Léon, 1981, I, p. 171). Contrairement à Léon l'Africain, Bernardo Rodrigues ne semble pas avoir pris conscience des dangers que représentait l'activité de ces commerçants installés à Fès pour le commerce de son pays ; car les facilités douanières dont ils profitaient et la proximité du port de Salé leur garantissaient des avantages substantiels qui se répercutaient sur les prix de revient des produits qu'ils exposaient. La décision prise par les autorités de Lisbonne d'ouvrir simultanément une factorerie à Asilah et une annexe à Fès ne répondait-elle pas au besoin de reconquérir le terrain perdu et de neutraliser la concurrence de ces commerçants, d'autant plus que beaucoup d'Espagnols et de Français se sont joints aux Génois à Salé et à Fès ? Comme pour les mobiles de l'ouverture de cette factorerie, il faut garder à l'esprit les effets de cette même concurrence quand on cherche à comprendre les causes de sa fermeture prématurée. En effet, si la peste

representatives, but also the traders who settled in Asilah and worked on their own account, such as the Genoese (Ricard, 1955, p. 115-130).

Yet another surprising omission on the part of Bernardo Rodrigues: he never mentioned an activity that greatly harmed the interests of his country, and which was at the origin of both the opening of the factory that concerns us here, and its premature closing. Although he lived very close to Larache and visited Fez on at least three occasions, the presence of Genoese, French and Spanish traders in these two cities did not worry him much. In fact, he never mentioned it, as opposed to another eyewitness, Leo Africanus, who, when describing the city of Salé, did not fail to highlight the dynamism, from the beginning of the 16th century onwards, of a large community of Genoese merchants with "leurs comptoirs qui à Fez et qui à Sela. Pour l'expédition de leurs marchandises, l'un agit au compte de l'autre". He also noted that the King of Fez had "des attentions marquées parce que leur commerce lui rapporte des revenus substantiels". These foreigners, who were able to gain the confidence of the inhabitants, did not hesitate to bribe local notables to perpetuate their stay in the country (Léon, 1981, I, p.171). Unlike Leo Africanus, Bernardo Rodrigues does not seem to have become aware of the dangers that the activities of these traders based in Fez posed to his country's trade; the reduced custom duties they benefitted from and the proximity of the port of Salé assured them substantial advantages that had an impact on the cost prices of their products. Didn't the decision made by the Lisbon authorities of opening a factory in Asilah and a branch in Fez simultaneously meet the need to regain the lost ground and neutralize competition from these traders, especially since many Spanish and French people joined the Genoese in Salé and Fez? As with the motives for opening this factory, the effects of this very same competition must be kept in mind when trying to understand the causes of its premature closing. Indeed, if the plague was at the origin of its temporary closure, Portugal's inability to put an end to this competition prevented its reopening, as the situation became more complicated with the increasingly frequent docking of Spanish and French ships at Larache, attracted by a double advantage: an almost non-existent tax system and the proximity of Ksar el-Kebir, which favoured the merchants who sold their goods either in this city or in Fez. It was for this reason that Bastião de Vargas, King João III's special envoy to the Wattassid capital, was quick to draw the sovereign's attention to the dangers for the interests of his country posed by the activity of these traders. He even took the liberty of suggesting the occupation of Larache, or at least the blockade of its port, in order to prevent the entry of these foreign merchants into the Kingdom of Fez, which they inundated with "todas as mercadorias a elle necessaryas, ssem ter necesidade dos portos e lugares de vosa alteza" (cited in the Rodrigues' annexes, 1919, p. 363).

fut à l'origine de son arrêt momentané, l'incapacité du Portugal de mettre fin à cette concurrence empêcha sa réouverture, car la situation se compliqua davantage avec l'accostage, de plus en plus fréquent à Larache, de bateaux espagnols et français attirés par un double avantage : une fiscalité quasi nulle et la proximité de Ksar el-Kébir, ce qui avantageait ces marchands exposant leurs marchandises soit dans cette ville, soit à Fès. C'était pour cette raison que Bastião de Vargas, envoyé spécial de Jean III dans la capitale wattassi, s'empressa d'attirer l'attention de ce souverain sur les dangers que représentait l'activité de ces commerçants pour les intérêts de son pays. Il s'est même permis de lui suggérer l'occupation de Larache, ou du moins le blocus de son port, afin d'empêcher l'entrée de ces commerçants dans le Royaume de Fès, qu'ils ont inondé de "todas as mercadorias a elle necessaryas, ssem ter necesidade dos portos e lugares de vosa alteza" (cité dans les annexes de Rodrigues, 1919, p. 363).

Conclusion : Ainsi, la lecture attentive de la chronique de Bernardo Rodrigues nous a permis de nuancer et de relativiser ses assertions à propos des mobiles de l'ouverture d'une factorerie royale à Asilah en 1520, et à propos des causes de sa fermeture prématurée. En effet, la concrétisation de ce projet ambitieux, décidé par le Roi lui-même, imposait à la fois la réduction des effets de la concurrence à Fès de commerçants Génois d'abord, Espagnols et Français ensuite, et une présence effective sur ce marché. D'où cette autre décision : ouvrir simultanément dans la capitale wattassi une annexe de la factorerie d'Asilah pour mieux répondre aux attentes du principal marché ciblé. Contrairement à ce qu'avance Bernardo Rodrigues, l'échec de ce projet ne peut être imputé à la malchance de ses premiers responsables, ou à la négligence des capitaines qui dilapidèrent ses stocks. Il était inéluctable, suite à la conjonction des deux facteurs que nous avons évoqués : la conjoncture difficile que traversait le Portugal d'une part, et, d'autre part, l'incapacité des autorités portugaises de mettre fin au développement de ce qu'elles considéraient comme une contrebande à Salé d'abord, et à Larache ensuite.

Remarquons au passage que cet échec annonçait un autre essuyé un peu plus tard dans le Sud du Maroc. L'incapacité de la garnison de Santa Cruz du Cap de Gué de mettre fin à une activité similaire à Tafetna et à Tarkouka (Góis, 1937, p. 215-216) permit aux chérifs sa'adiens d'entrer en contact avec ces "contrebandiers", ce qui bouleversa l'équilibre des forces dans le sud marocain, et sonna le glas de la présence portugaise dans cette région essentielle pour le pays et son commerce de Guinée.

Conclusion: thus, a careful reading of Bernardo Rodrigues' chronicle allowed us to refine and relativize his assertions about the motives behind the opening of a royal factory in Asilah in 1520, and about the causes of its premature closing. Indeed, the implementation of this ambitious project, decided by the King himself, pursued both the reduction of the effects of competition in Fez, from Genoese merchants at first, but also Spanish and French later on, and an effective presence on this market. Hence this other decision: to simultaneously open a branch of the Asilah factory in the Wattassid capital in order to better meet the expectations of the main target market. Contrary to Bernardo Rodrigues' argument, the failure of this project cannot be justified by the misfortune of its first managers, or by the negligence of the captains who dissipated its stocks. It was inevitable, as a result of the combination of the two factors we have mentioned before: the difficult economic situation in Portugal and, on the other hand, the inability of the Portuguese authorities to stop the development of what they regarded as smuggling, first in Salé and later at Larache.

This failure, by the way, heralded another one that occurred a little later in southern Morocco. The inability of the Santa Cruz du Cap de Gué garrison to stop a similar activity in Tafetna and Tarkouka (Góis, 1937, p. 215-216) allowed the Saadi sharifs to be in contact with these "smugglers", thus upsetting the balance of power in southern Morocco and ringing the death knell for the Portuguese presence in this region, which was essential to the country and its Guinea trade.

ANNEXES

1.º Feitoria de Arzila: 25 janeiro 1523 – 14 dezembro 1524

Mamdey ora tomar conta a Isabell de Avilla, molher que foy de Joham Alvarez de Oliveyra, cavaleiro de minha casa e allmoxarife e feytor que foy em a minha villa de Arzilla, convem a saber: almoxarife des os derradeiros seis meses do anno de 521 ate 25 de fevereiro de 523; e feitor, des 25 de janeiro de 523 ate 14 de dezembro de 524; de todo o dinheyro, trygo, biscoyto, ouro, mercadoryas que em todo o dito tempo recebeo. E pelas recadações das ditas comtas, que foram vistas e minha Fazemda e fez a mim relaça delas, se mostra receber o dinheyro, mercadorias e cousas seguintes, convem a saber: de dinheyro, 3.843:667 reaes, os 1.103:823 na comta do allmoxarifado e os 2.729:854 rs. que recebeo na comta da feitoria. De alaqueques, 22 quintaes, 1 arroba, 25 arrates, 8 quartas; de beyjoim, 22 quintaes, 1 arroba, 18 arrates e meio; de bordates finos, 780 peças; de bordates cumus, 876; de bemgalla, 31 covados, 11 dozavos e meio; de beatilhas, 147 varas, 2 dozavos e meio; de chamallotes, 139 covados, 5 dozavos; de quartilhas, 499 varas; de alaquar preto, 330 quintaes, 3 arrobas, 11 arrates, 3 quartas; e de ouro tebur, 882 meticaes; de ouro fileli, 153 meticaes, vinte e dous moyas, de ouro diani, 157 meticaes, 10 moyas; de ouro de 410 reaes metical, 20 meticaes, duas moyas; de ouro que nam decrara o preço, 220 meticaes e 18 moyas; de pimenta, 169 quintaes, 2 arrobas, 18 arrates, 6 omças; de peropinhã, 475 covados, 11 dozavos; de synabafes, 241 varas, 3 dozavos e meio; de tecidos, 39 covados; de azeite, 2 pipas, 2 alqueires e 222 canadas; de biscoito, 1801 quintaes, 2 arrobas, 24 arrates; de cemteo, 97 moyos, 58 alqueires; de cevada, 87 moyos, 21 alqueires, 7 oitavas; de farinha, 37 quintaes e 2 arrobas, meio arratel; de trigo, 1275 moyos, 14 alqueires e meio; e outras muytas cousas, segundo mais compridamente se mostra pellos emcerramentos das ditas comtas. Do quall dinheyro, mercadorias e cousas, que o dito Jan Allvarez asy recebeo, se mostra todos despender e entregar per meus mādados e dos vedores de minha fazemda, sē me ficar devēdo cousa allguũa, pelo quall dou a dita Isabell de Avilla e a todos seus erdeiros, e do dito Johã Allvarez seu marido, por quites e livres... Dada na Alhamdra, aos 7 dias de novēbro, Bastiã de Aguiar a fez, de 1526.

Asy recebeo mais: de barretes, 127 peças; de bicomteses, 40 covados, 4 dozavos; de canella, 1 quimtal, 2 arrobas, 15 arrates, 1 quarta; de corpos de couraças, 38 peças; de capacetes, 48 peças; de fustões, 62 peças; de ilandros e tanabis, 224 varas, 6 dozavos; de prata, 301 marcos e 2 omças, 3 oitavas; solias, 402 covados, 3 dozavos e meio; e outras meudezas, segumdo se cõtē nos emcarramentos das ditas comtas, como dito he.

Chancelaria de D. João III, liv. 12.º de Doações, fol. 132 (Freire, 1914, p. 446-447).

2.º Structuras anteriores

a) Almoxarifado de Arzila: anos 1513, 1514, 1515, e seis primeiros meses de 1516

Mandámos tomar conta a Joam Alvares, cavaleiro de nossa casa, e almoxarife da nossa villa de Arzilla em Afriqua, dos annos de 513, 14 e 1515, e dos primeiros seis meses do anno de 1516. E per a recadaçam de sua conta se mostra elle ter recebidos: 19:015:922 reaes, a saber: 565.030 rs. e meio polo rendimento da alfendega da dita villa do dito temp; e 6:631.930 rs. de Gonçalo de Sequeira, tesoureiro mór que foi da Casa de Ceita; e 2:268.942 rs. de Bastiam de Vargas, tesoureiro que foi da Casa da Mina; e 9:469.999 rs. e meio per venda da especiaria e doutras mercadorias, madeira, pregadura, telha, armas, carne, bixcuto, e outras cousas que lhe foram feitas a dinheiro; e os 70.020 rs. per bulas da Santa Cruzada. Dos quaes 19:015.922 rs., mercadorias e todas as outras cousas decraradas em sua conta, o dito Joam Alvares nos deo de todo boa conta com entrega...e por tanto o damos por quite ... Dada em Lixboa, 24 de setembro, Luiz Vaz a fez, de 1517.

Chancellaria de D. Manuel, liv. 9.º, fol. 40 v, liv. das Ilhas, fol. 206 v (Freire, 1905, p. 314-315).

b) Almoxarifado e almazem de Arzila, dezembro 1517 – junho 1519

Mandámos tomar conta Joam Alvares de Oliveira, cavalleiro de nossa casa, de todo o dinheiro e cousas que recebeo do recebimento do nosso allmoxarifado, e allmasem de Arzilla os dezasete meses que começaram per dezembro o anno passado de 1517, e acabaram per junho de 1519, porque dos dous meses que falecem deu Jorge Diaz conta que os recebeo. E mostrou-se polla recadaçam da dita conta, que foi tomada em nosos contos e vista neles, receber e ter recebido o dito Joam Alvares, segundo a decraçam della, o dinheiro e cousas seguintes, alem doutras meudas de que aqui nã faz expressa mença, a saber: 926:847 reaes em dinheiro pelo rendimento da alfandiga da dita villa, e per pessoas outras como se pela dita recadaçam pode ver; e 41 quintaes, 1 arroba, 26 arrates de allaquer; e 653 peças de alambres; e 179 peças de aljarvias; e 27 peças de aguieiros; e 34 barris de alcatrã; e 9 peças de armatostes; e 1 quintal, 2 arrobas, 26 arrates de aço; e 2315 quintaes, 3 arrobas, 16 arrates de bizcuto; e 43 quintaes, 3 arrobas, 10 arrates de chumbo, e 16 barris e um saquo de enxofre, e 40 quintaes, 3 arrobas, 11 arrates de pimenta; e dous cartões e tres caes de metal, e 4 camelos de pão (sic); e 1906 moios e 12 alqueires de trigo; e outras muitas cousas do almazē e almoxarifado, decraradas na dita recadaça...Per vertude da qual conta...o damos por quite e livre...Dada em Lixboa, a 27 de abril, Joam do Porto a fez, de 1521.

Chancellaria de D. Manuel, liv. 39.º, fol. 116 v, liv. das Ilhas, fol. 225 v (Freire, 1905, p. 315-316).

c) Almoxarifado de Arzila, março 1517 - fim de novembro do dito ano, e os meses de julho e agosto 1518

Mandámos tomar conta a Jorge Diaz, almoxarife do nosso almoxarifado de Arzila e vedor e pagador que foi das obras da dita vila. E pola arrecadação da conta do dito almoxarifado se mostra ele receber des no março de 517, até fim de novembro do dito anno, os meses de julho e agosto 518, 7:920:727 reaes em dinheiro, a saber: 287:516 polo rendimento da alfandega da dita vila, e 5:551:744 rs. que recebeo de Andre da Silveira pera pagamento dos soldos e ordenados; e 142:000 rs. que recebeo de Pantalião Diaz do dinheiro das cavalarias; e 1:822:718 rs. per venda de alaquere, pimenta e outras especiarias que recebeo pera o trauto dos lambees; e os 116:008 rs. que recebeo de Fernam Masquarenhas. E Assi recebeo 713 aljaravias; 2132 quintaes, 16 arrates de bizcoito; 3 quintaes, 9 arrates de cravo, 2 quintaes de canela; e 101 quitaes, 1 arroba, 29 arrates de laquar; 783 alambees; 1427 moios, 20 alqueires de trigo, e outras cousas meudas...E Assi se mostra receber pele arrecadação da sua conta, que deu das obras da dita vila e os dous annos e dez meses que começaram em março de 516, até fim de dezembro de 518: 1: 752:800 rs., a saber: 400:000 de André da Silveira, e 600:000 de Diogo Fernandez Cabral; e 600:000 rs. de Joam Gago; e 152:810 rs. de Diogo daz. a (Azambuja?) e 136 alferces; 2 quintaes de aço; e 36 barris de alcatrão; e 40 capacetes e cerevilheiras; e 14 barris de enxofre; e 2611 moios de cal; e 305 saquos de carvam; e 62 camaras de falcões e de berços; e 44 quintaes, 3 arrobas de chumbo; e 209 enxadas; e 80 quintaes de ferro; e 5 grades de ferro; e 1272 lanças; e 380 carros de madeira de toda sorte; e 21.200 pregos; e 17.255 pelouros de toda sorte; e 155 barris de polvora, a saber, 11 espingarda e 133 bombaedas; e 47 espaldeira; e 35 e 27(sic) rybas; e 25 barris de salitre; e 26 caixões de setas; e 87 duzias e 2 peças de tavaoado de toda sorte; e 10.000 telhas, e outras muitas cousas meudas... Do qual dinheiro e cousas... deu mui boa conta... pelo qual ... o damos por quite e livre. Dada em Lixboa, 9 de maio, Ruy Gomez a fez, anno 1521.

Chancellaria de D. Manuel, liv. 39.º, fl. 56; livro das Ilhas, fl. 234 v (Freire, 1906, p. 80).

BIBLIOGRAPHIE BIBLIOGRAPHY

AL-FASSI, Mohamed Ben al-Arabi (2003) – *Mir'at al Mahassine mine Akhbar ach-cheikh Abi al-Mahassine*. Casablanca.

BOUCHARB, Ahmed (2013) – *Doukkala sous domination portugaise, avant le 28 août 1481 - octobre 1541*. Casablanca: Dar At-takkafa. (en arabe).

CENIVAL, Pierre (1946) – *Sources Inédites de l'Histoire du Maroc, 1. ère série, dynastie Sa'adienne, Archives et bibliothèques de Portugal*. Vol. II. Paris: Paul Geuthner.

FREIRE, Anselmo Braamcamp (1905, 1906, 1914) – As cartas de quitação del Rei D. Manuel, *Archivo Historico Portuguez*. Vol. III, IV, IX. Lisboa.

GODINHO, Vitorino Magalhães (1951) – Les incidences de la course sur l'économie maritime portugaise au XVI^e siècle. *Revista Economia* XIII, n.º 4, Lisboa, p. 143-155.

GODINHO, Vitorino Magalhães (1958) – Crises et changements géographiques et structuraux au XVI^e siècle. *Revista Economia* XI, n.º 1, Lisboa, p. 1-14.

GODINHO, Vitorino Magalhães (1959) – Le tournant mondial de 1517-1524 et l'empire portugais. *Studia*, n.º 1, Lisboa, p. 184-199.

GODINHO, Vitorino Magalhães (1962) – Les finances publiques et la structure de l'état portugais au XVI^e siècle. *Revista Economia*, XIV, n.º 2, Lisboa, p. 105-115.

GODINHO, Vitorino Magalhães, (1963) – *Os Descobrimentos e a economia mundial*. Vol.1. Lisboa: Arcádia.

L'AFRICAIN, Jean Léon, (1981) – *Description de l'Afrique*. T. 1. Traduction de A. Epaulard. Paris: Maisonneuve.

LOPES, David (1924) – *História de Arzila durante o domínio português (1471-1550 e 1577-1589)*. Coimbra.

LOPOS, David, (1932) – Os Portugueses em Marrocos. In Damião Peres (dir.) *História de Portugal*, Vol. IV, p. 78-121.

RICARD, Robert (1955) – *Etudes Sur l'Histoire des Portugais au Maroc*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

RICARD, Robert (1937) – *Les Portugais au Maroc de 1495 à 1521*. Includes partial translation of *Crónica do felicissimo rei D. Emanuel* de D. de Góis. Rabat.

RICARD, Robert (1948) – *Sources Inédites de l'Histoire du Maroc, 1. ère série, dynastie Sa'adienne, Archives et bibliothèques de Portugal*. Vol. III. Paris: Paul Geuthner.

RODRIGUES, Bernardo (1915) – *Anais de Arzila*. Vol.1. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

RODRIGUES, Bernardo (1919) – *Anais de Arzila*. Vol.2. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. (with annexes).

"MELILLA, QUE ES EN LAS PARTES DE ÁFRICA" Y LA CASA DE MEDINA SIDONIA

CONQUISTA, TENENCIA
Y CESIÓN (1497-1556)

"MELILLA, QUE ES EN LAS PARTES DE ÁFRICA" AND THE HOUSE OF MEDINA SIDONIA

CONQUEST, TENURE
AND CESSION (1497-1556)

LUIS SALAS ALMELA
Universidad de Córdoba

LA GUERRA DE GRANADA Y LOS GUZMÁN

La última guerra contra el reino de Granada (1482-1492), además de crear todo un mapa señorial *ex novo* sobre el territorio del antiguo reino nazarí, también modificó y alteró en buena medida el equilibrio nobiliario de la otra mitad de Andalucía y del resto de áreas fronterizas (para el caso del reino de Murcia, véase Rodríguez Pérez, 2010, p. 234-237). Algo que era por lo demás previsible y que, hasta cierto punto, se había tratado de controlar por el poder regio. Así, es bien significativo que Juan II de Castilla (1406-1454) procurase mantener alejados de las principales plazas que hacían frontera con el reino nazarí a los grandes aristócratas del entorno de Sevilla, prefiriendo situar en ellas a nobles cortesanos o de menor poder que los duques de Medina Sidonia, los condes de Arcos o los marqueses de Tarifa. A pesar de ello, para cuando se inició la guerra en 1482, el duque de Medina Sidonia había adquirido dos plazas fronterizas importantes: en primer lugar, la villa Jimena de la Frontera, tomada en dos fases, primero conquistándola a su primer señor, don Beltrán de la Cueva y, en una segunda fase, mediante un acuerdo de compra que oficializó la situación, en septiembre de 1471; en segundo lugar, la ciudad de Gibraltar, que le fue entregada en señorío en 1466 (Ladero Quesada, 2015, p. 257, 261 y 265). Ahora bien, como es bien sabido, el mayor protagonismo en los primeros compases de la guerra iba a corresponder al gran rival del II duque de Medina Sidonia, don Rodrigo Ponce de León, por entonces ya marqués de Cádiz, cuya famosa conquista de Alhama llevó a los cronistas más favorables a su linaje a señalarle como desencadenante y promotor de la propia guerra de Granada (Ladero Quesada, 1998, p. 89; Devís Márquez, 1999, p. 141-243; Carriazo Rubio, 2004).

THE WAR OF GRANADA AND THE GUZMÁNS

The last war against the Kingdom of Granada (1482-1492), in addition to the *ex novo* creation of an entire peerage map on the territory of the former Nasrid kingdom, also modified and altered to a large extent the nobiliary balance of the other half of Andalusia and the rest of the border areas (concerning the Kingdom of Murcia, see Rodríguez Pérez, 2010, p. 234-237). This was in fact to be expected and, to a certain extent, it had been controlled by the royal power. Thus, it is very significant that Juan II of Castile (1406-1454) tried to keep the great aristocrats from Seville away from the main strongholds that bordered the Nasrid kingdom, preferring to appoint noble courtiers or less powerful characters than the Dukes of Medina Sidonia, the Counts of Arcos or the Marquesses of Tarifa. Despite this, by the time the war began in 1482, the Duke of Medina Sidonia had acquired two important border strongholds: the town of Jimena de la Frontera, taken in two phases, first by conquering it from its first lord, Don Beltrán de la Cueva and, in a second phase, by means of a purchase agreement that made the situation official, in September 1471; secondly, the city of Gibraltar, which was handed over to him as a seignior in 1466 (Ladero Quesada, 2015, p. 257, 261 and 265). Now, as is well known, the protagonist of the early stages of the war was to be the great rival of the 2nd Duke of Medina Sidonia, Don Rodrigo Ponce de León, at that time already Marquis of Cadiz, whose famous conquest of Alhama led the more favourable chroniclers to his lineage to point him out as the instigator and promoter of the war of Granada itself (Ladero Quesada, 1998, p. 89; Devís Márquez, 1999, p. 141-243; Carriazo Rubio, 2004).

Sea como fuere, la apertura de las hostilidades a una escala que hacía presagiar el final de la frontera peninsular entre reinos cristianos y musulmanes provocó que, al tiempo que la guerra se libraba contra el reino nazarí, no dejara de haber en Castilla un grado variable de competencia señorial por acaparar un protagonismo que les situara en posición favorable para obtener ulteriores mercedes. Si las previsiones se cumplían y aquella iba a ser la última oportunidad de engrandecimiento señorial a costa de los musulmanes en la Península Ibérica, había que situarse de la mejor manera posible para tratar de aprovechar la ocasión. Sin embargo, curiosamente, fue ese mismo contexto bélico en el que sitúan los cronistas la reconciliación entre don Rodrigo Ponce de León y el duque de Medina Sidonia, don Enrique de Guzmán, con quien pocos años atrás había librado la guerra banderiza de 1471-1474. De todos modos, no podemos perder de vista que este relato de los hechos buscaba subrayar *a posteriori* el carácter de empresa colectiva castellana de la que se quiso dotar a la memoria de la guerra de Granada (Palencia, 1998, p. 1-2 y 36-37; Barrantes, 1998, p. 459-463).

Por lo que respecta a los duques de Medina Sidonia, más allá de su sonado – y seguramente magnificado por sus cronistas – socorro a los Reyes Católicos durante el cerco de Málaga o su presencia en la tala de la vega granadina, no tuvieron un papel tan relevante en aquella guerra como otras casas señoriales de inferior o similar poder al suyo, puesto que apenas comparecieron en el frente. En consecuencia, las compensaciones que obtuvo esta casa señorial no fueron ni demasiado señaladas ni inmediatas (Barrantes, 1998, p. 465-496). Su importante aportación en hombres y apoyo logístico desde el entorno de Sevilla, no obstante, tuvo su compensación en forma de mercedes ya en 1498 con la entrega de algunas villas vecinas a su señorío de Jimena de la Frontera, en la sierra de Ronda (Ladero, 2015, p. 306-307). Se podrían aducir diversas causas posibles para explicar la relativamente escasa participación de los Guzmán en una ocasión tan señalada:

- En primer lugar, cabría pensar que aún perdurase el rencor del duque don Enrique con la reina Isabel por el modo en el que se pacificó Sevilla tras su guerra señorial con el marqués de Cádiz. Rencor que, recordemos, procedía del hecho de que el duque don Enrique había sido el principal valedor de la reina en la guerra civil castellana frente a los partidarios de Juana "la Beltraneja", encabezados por don Rodrigo Ponce de León (Palencia, 1998, p. 22-23; Barrantes, 1998, p. 439-451; Carriazo, 2006).

- Cabría pensar, también en relación con los ecos de esta pequeña guerra civil señorial de 1471-1474, que simplemente el duque hubiera buscado mantenerse cerca de Sevilla para apurar sus oportunidades de recuperar posiciones en la capital del Guadalquivir en un contexto bélico en el que su fuerte influjo podría ser, así mismo, un servicio importante, pero menos azaroso, a sus reyes (Ladero, 2015, p. 226-234).

Be that as it may, the opening of hostilities on a scale that foretold the end of the peninsular border between Christian and Muslim kingdoms meant that, at the same time as the war was being waged against the Nasrid kingdom, in Castile there was a variable degree of lordly competition for taking on a leading role that would place them in an advantageous position to obtain further favours. If the expectations were to be fulfilled and that was to be the last opportunity for the greater glory of the nobility at the expense of the Muslims in the Iberian Peninsula, it was necessary to find the best possible way to take advantage of the occasion. Curiously, however, it was in this same war context that chroniclers situated the reconciliation between Don Rodrigo Ponce de León and the Duke of Medina Sidonia, Don Enrique de Guzmán, against whom he had fought the faction war of 1471-1474 a few years earlier. Anyway, we cannot lose sight of the fact that this account of the events sought to underline *a posteriori* the character of the collective Castilian enterprise that the memory of the war of Granada was supposed to feature (Palencia, 1998, p. 1-2 and 36-37; Barrantes, 1998, p. 459-463).

As far as the Dukes of Medina Sidonia are concerned, beyond their well-known – and certainly magnified by their chroniclers – help to the Catholic Kings during the siege of Malaga or their presence in the *tala de la vega granadina*, they did not have such an important role in that war as other noble houses of lesser or similar power, since they hardly appeared on the front. Consequently, the compensations obtained by this noble house were neither particularly significant nor immediate (Barrantes, 1998, p. 465-496). Their important contribution in men and logistic support from the Seville environment, however, had its compensations, in the form of favours, already in 1498 with the assignment of some neighbouring towns to their domain of Jimena de la Frontera, in the Sierra de Ronda (Ladero, 2015, p. 306-307). Various possible causes could be invoked to explain the relatively scarce participation of the Guzmáns on such an important occasion:

- Firstly, one might think that the grudge of Duke Don Enrique against Queen Isabel would still persist because of the way in which Seville was pacified after the duke's war against the Marquis of Cadiz. Let us recall that this grudge stemmed from the fact that Duke Don Enrique had been the queen's main defender in the Castilian civil war against the supporters of Juana "la Beltraneja", led by Don Rodrigo Ponce de León (Palencia, 1998, p. 22-23; Barrantes, 1998, p. 439-451; Carriazo, 2006).

- One might further think, also in relation to the echoes of this small civil war of 1471-1474, that the duke had simply sought to stay close to Seville to boost his chances of recovering positions in the capital of the Guadalquivir in a war context in which his strong influence could also be an important but less hazardous service to his kings (Ladero, 2015, p. 226-234).

- Una tercera hipótesis sería la de que, precisamente por el desgaste no compensado de su participación en la guerra civil castellana a favor de Isabel y Fernando, Medina Sidonia no estuviese en una situación financiera que le permitiese afrontar grandes empresas ni desembolsos.

- Una última posibilidad podría ser la de que para la casa de Medina Sidonia continuar con la expansión de sus señoríos en la Península no fuese tan interesante como continuar explorando otras vías de expansión extrapeninsulares, opción que ya había sido ensayada, con más o menos éxito, con anterioridad, tanto por ellos como por otras grandes casas nobiliarias ibéricas.

Dado que es la que más directamente nos concierne aquí, merece la pena que nos detengamos sobre esta última posibilidad, la más compleja de argumentar sin duda. Resulta a estas alturas innegable que, a lo largo del siglo XV, tanto en Castilla como en Portugal la serie de conquista más allá de la frontera marítima sur peninsular – que comenzaron con las campañas del bretón Jean de Bethencourt en las islas Canarias en 1405 y con la toma de Ceuta por los lusos en 1415 –, contaron con el impulso y, en muchos casos, con la iniciativa señorial. La empresa de conquista de las Canarias, sin ir más lejos, había sido encomendada por el papa Clemente VI al futuro conde de Medinaceli bastante antes, en 1344. No obstante, la iniciativa señorial castellana resultó a medio plazo dubitativa, pero es claramente identificable a lo largo de las primeras décadas del siglo XV, implicando a diversos agentes de poder, en un tiempo en el que las coronas portuguesa y castellana se disputaban los derechos de conquista sobre el archipiélago (Suárez Fernández, 1963, p. 12). Desde luego, los Medina Sidonia – y su señorío – estuvieron presentes en aquellos momentos, al menos como recurso potencial para actuar como punta de lanza de la expansión castellana. Recordemos que la cesión del señorío de las Canarias por parte de un sobrino de Bethencourt al conde de Niebla se produjo en 1418, mientras que Juan II concedió al que iba a ser I duque de Medina Sidonia, tres décadas después – en 1449 –, los derechos de conquista sobre las tierras entre los cabos Aguer y Bojador (*CODOIN*, 1860, p. 449-501). A ello siguió la etapa del señorío canario de los Peraza, que no terminó hasta que en 1477 la corona se hizo cargo de las últimas fases de la conquista. De todos modos, en esta etapa de absoluto protagonismo regio, el sanluqueño Alonso Fernández de Lugo organizó desde su villa natal algunas de sus expediciones e, incluso, el propio duque de Medina Sidonia participó activamente en la última fase de la conquista de Tenerife (Gambín García, 2014). El impulso señorial expansivo tuvo así mismo su continuidad en la propia conquista de Melilla, así como en la toma, aunque en condiciones muy diferentes, de Azamor por el duque de Bragança, ya en 1513 o, con un sentido así mismo diverso a las anteriores empresas, en las cabalgadas en la costa marroquí organizadas, por ejemplo, por Charles Valera, con apoyo más o menos explícito del

- A third hypothesis would be that, precisely because of the uncompensated attrition caused by his participation in the Castilian civil war in favour of Isabel and Fernando, Medina Sidonia would not be in a financial situation that would allow him to undertake major enterprises or disbursements.

- A last possibility could be that, for the House of Medina Sidonia, further extending its possessions in the Peninsula would not be as interesting as continuing to explore other forms of expansion outside the Peninsula, an option that had already been tried before, with more or less success, both by them and by other great Iberian noble houses.

Let us dwell on this last possibility, since it is the one that most directly concerns us here, and undoubtedly the most complex to argue. It is currently undeniable that, throughout the 15th century, both in Castile and in Portugal, the series of conquests beyond the southern maritime frontier of the peninsula – which began with the campaigns of the Breton Jean de Bethencourt in the Canary Islands in 1405 and with the conquest of Ceuta by the Portuguese in 1415 – relied on the impetus and, in many cases, the initiative of the nobility. The conquest of the Canary Islands, without going any further, had been commissioned by Pope Clement VI to the future Count of Medinaceli long before, in 1344. However, the initiative of the Castilian nobility was doubtful in the medium term, but is clearly identifiable throughout the first decades of the fifteenth century, involving various power brokers at a time when the Portuguese and Castilian crowns were disputing the rights of conquest over the archipelago (Suárez Fernández, 1963, p. 12). Of course, the Medina Sidonia family – and their domain – was present in those moments, at least as a potential resource to act as the spearhead of the Castilian expansion. Let us recall that the cession of the Canaries by a nephew of Bethencourt to the Count of Niebla took place in 1418, while three decades later – in 1449 – Juan II granted the 1st Duke of Medina Sidonia the rights of conquest over the lands between the capes Aguer and Bojador (*CODOIN*, 1860, p. 449-501). This was followed by the Canarian seigniorship of the Peraza family, which did not end until 1477, when the Crown took charge of the last stages of the conquest. Anyway, in this period of absolute royal protagonism, Alonso Fernández de Lugo launched some of his expeditions from his native town of Sanlúcar and even the Duke of Medina Sidonia himself participated actively in the last phase of the conquest of Tenerife (Gambín García, 2014). The seigneurial expansionary impulse also had its continuity in the conquest of Melilla itself, as well as in the takeover, albeit in very different conditions, of Azemmour by the Duke of Bragança, already in 1513 or, with an equally different meaning as compared to the previous undertakings, in the *cabalgadas* (chevauchées) on the Moroccan coast organised, for

duque de Medinaceli, desde El Puerto de Santa María (Sancho de Sopranis, 1940, p. 9; Sancho de Sopranis, 1951, p. 417-419; Aznar Vallejo, 1997; Aznar Vallejo, 2005; Ruiz Pilares, 2018, p. 8-9).

Desde el punto de vista de la legitimación de todas estas operaciones, conviene subrayar que aquel empuje señorial se articulaba sobre unas bases legitimadoras que perpetuaban las justificaciones que se habían ido elaborando en la lucha secular librada en la Península Ibérica contra el infiel, a lo que – sin precisar mucho – Charles Boxer se refirió como “celo de cruzada” o, un poco más adelante, “ardor de cruzada” (Boxer, 1969, p. 35-36). Sin embargo, a fines del siglo XV, la posibilidad demostrada sobre todo por las expediciones portuguesas, tanto de que las factorías establecidas en la costa africana podían ser rentables mediante la obtención de oro y el comercio de esclavos, como, ya en 1488, de que se podía llegar a la India doblando el cabo de Buena Esperanza, potenció enormemente el sesgo mercantil de las empresas de conquista allende el mar, del que carecían, al menos como seña de identidad destacada, las tradicionales conquistas a los poderes musulmanes efectuadas en la Península Ibérica (Boxer, 2001, p. 37-53; Cornell, 1990, p. 380-381; Ruiz Pilares, 2018, p. 8). Tal vez por ello, desde muy pronto la carrera entre las dos coronas ibéricas derivó en una disputa que no se limitó a su dimensión jurídica, sino que llegó incluso a las armas. Valga como ejemplo la tentativa castellana de tomar Ceuta en 1476 en el contexto de la guerra civil por la entronización de Isabel y Fernando, operación que, según Alonso de Palencia, estuvo supervisada o dirigida por el II duque de Medina Sidonia como principal valedor en Andalucía de la candidatura de Isabel y Fernando, dado que Portugal sostenía el partido de Juana “la Beltraneja” (Palencia, 1998, p. 243).

El hecho es que, al mismo tiempo que se desarrollaba esa disputa expansiva entre monarquías, se dio también una rivalidad entre casas señoriales por lograr alguna cuota de protagonismo en empresas de conquista en ultramar, de las que se esperaba obtener grandes beneficios. No es de extrañar, en este contexto, que las casas de Medinaceli y Medina Sidonia, que para la última década del XV estaban inmersas en una agria batalla judicial y política por la posesión de Huelva, compitieran también de alguna forma por adquirir protagonismo en la empresa colombina (Sancho de Sopranis, 1926; Sánchez González, 2006; González Cruz, 2012). De este modo, se puede concluir que la expansión ultramarina, en la dirección que fuese, era contemplada por los grandes aristócratas andaluces como parte de una empresa única de extensión de su poder que se daba la mano con ambiciones más tradicionales.

example, by Charles Valera from El Puerto de Santa María, with the more or less explicit support of the Duke of Medinaceli (Sancho de Sopranis, 1940, p. 9; Sancho de Sopranis, 1951, p. 417-419; Aznar Vallejo, 1997; Aznar Vallejo, 2005; Ruiz Pilares, 2018, p. 8-9).

From the point of view of the legitimization of all these operations, it is important to emphasize that this seigneurial drive was built on legitimate bases that perpetuated the justifications that had been elaborated during the centuries-old struggle waged in the Iberian Peninsula against the infidel, which Charles Boxer – without specifying much – referred to as “crusade zeal” or, a little further on, “crusade ardour” (Boxer, 1969, p. 35-36). However, at the end of the 15th century, the possibility demonstrated, above all by the Portuguese expeditions, that the factories established on the African coast could be profitable by obtaining gold and thanks to the slave trade, and, as early as 1488, that one could reach India by rounding the Cape of Good Hope, significantly enhanced the mercantile bias of the overseas conquest enterprises, which was lacking, at least as a sign of outstanding identity, from the traditional conquests against the Muslim powers carried out in the Iberian Peninsula (Boxer, 2001, p. 37-53; Cornell, 1990, p. 380-381; Ruiz Pilares, 2018, p. 8). Perhaps because of this fact, the race between the two Iberian Crowns soon led to a dispute that was not limited to its legal dimension, but even became an armed conflict. An example of this is the Castilian attempt to take Ceuta in 1476, in the context of the civil war fought over the crowning of Isabel and Fernando, an operation which, according to Alonso de Palencia, was supervised or directed by the 2nd Duke of Medina Sidonia as the main supporter of the candidacy of Isabel and Fernando in Andalusia, since Portugal supported the party of Juana “la Beltraneja” (Palencia, 1998, p. 243).

The fact is that, at the same time as this expansionist dispute between both monarchies developed, there was also a rivalry between noble houses for achieving some share of protagonism in the overseas conquest enterprises, from which great profits were expected. It is not surprising, in this context, that the Houses of Medinaceli and Medina Sidonia, which for the last decade of the 15th century were immersed in a bitter judicial and political battle for the possession of Huelva, also competed in some way for acquiring protagonism in Columbus' enterprise (Sancho de Sopranis, 1926; Sánchez González, 2006; González Cruz, 2012). It can thus be concluded that the overseas expansion, in whatever direction, was regarded by the great Andalusian aristocrats as part of a single undertaking for the extension of their power which went hand in hand with more traditional ambitions.

LAS PERSPECTIVAS DE ULTRAMAR: LA EXPANSIÓN CONTINUA

Centrándonos en el caso del III duque de Medina Sidonia, don Juan de Guzmán (1492-1507), no podemos dejar de señalar que la conquista de Melilla se produjo simultáneamente a sus intentos de ampliar y consolidar el territorio de sus señoríos, por ejemplo haciendo efectivas las postergadas mercedes que los Reyes Católicos debían a su Casa por la participación de su padre en la Guerra de Granada o mediante la confirmación definitiva de su posesión de Huelva, que se produjo en 1505¹. Resulta muy significativo que todos los enclaves sobre los que mostraron su interés los Guzmanes en la segunda mitad del XV posean una característica común: o bien estaban abiertos al mar – Huelva, Gibraltar, las islas Canarias – o bien tenían una importancia estratégica fundamental para algún importante puerto marítimo, caso de Jimena de la Frontera y las poblaciones circunvecinas, que constituían la retaguardia del señorío de Gibraltar. Se puede sostener así la hipótesis de que el diseño de las estrategias señoriales de los Medina Sidonia se proyectaba conscientemente sobre un océano que, si bien desde las conquistas cristianas del siglo XIII había sido puerta de potenciales peligros, comenzaba a representar hacia 1500 una prometedora fuente de riquezas. Dicho en otros términos, estaríamos ante una fórmula de expansión señorial que aspiraba a aprovechar el gran crecimiento mercantil que estaba colocando a la Baja Andalucía en una posición privilegiada a una escala internacional cada vez más amplia (Otte, 1996; Domínguez Ortiz, 1991; Collantes de Terán, 2014).

Ahora bien, puesto que cualquier iniciativa que se tomase "allende el mar" implicaba traspasar una frontera de soberanía, toda esta actividad fuera de la península debía contar con la licencia, la aquiescencia o el beneplácito, más o menos expreso, de la corona. Visto desde la perspectiva de la monarquía, la gama de servicios que los señores podían ofrecerles en ultramar y sus asuntos era muy variada, de tal modo que las iniciativas del poder señorial se daban la mano con los deseos regios de expansión ultrapeninsular. La cuestión era cómo imbricar y coordinar los esfuerzos y las recompensas o beneficios posteriores.

Una primera forma de servicio podía ser el de cierta labor logística relativa a la información. Así, por ejemplo, en la primavera de 1493 el duque de Medina Sidonia escribió a los Reyes Católicos para informarles de que el rey de Portugal había enviado a "la parte del Mar Océano que agora descubrió [Colón]" una armada, lo que, en un contexto de agudas fricciones entre ambas coronas, representaba una grave amenaza. Para abortar tales peligros, el duque proponía un remedio cuyo contenido exacto

THE OVERSEAS PROSPECTS: CONTINUOUS EXPANSION

Focusing on the case of the 3rd Duke of Medina Sidonia, Don Juan de Guzmán (1492-1507), we should point out that the conquest of Melilla occurred simultaneously with his attempts to expand and consolidate the territory of his domains, for example by making effective the postponed favours that the Catholic Kings owed to his house because of his father's participation in the War of Granada or through the definitive confirmation of his possession of Huelva, which took place in 1505¹. It is very significant that all the enclaves on which the Guzmans showed their interest in the second half of the 15th century have a common characteristic: they were either open to the sea – Huelva, Gibraltar, the Canary Islands – or they had a fundamental strategic importance for some important maritime port, such as Jimena de la Frontera and the surrounding villages, which constituted the rear guard of the Gibraltar domain. One can thus argue that the design of the seigneurial strategies of the Medina Sidonia family was consciously projected on an ocean which by 1500 was beginning to be considered a promising source of wealth, even though it had been a gateway to potential dangers ever since the Christian conquests of the 13th century. In other words, we would be facing a formula of seigneurial expansion that aimed at taking advantage of the great mercantile growth that was placing Baja Andalucía in a privileged position on an increasingly broad international scale (Otte, 1996; Domínguez Ortiz, 1991; Collantes de Terán, 2014).

Now, since any initiative taken "allende el mar" (lit.: beyond the sea) implied crossing a border of sovereignty, all this activity outside the peninsula had to have the more or less explicit leave, acquiescence or approval of the Crown. Seen from the perspective of the monarchy, the range of services that the lords could provide regarding the overseas territories and the respective issues was quite varied, in such a way that the initiatives of the seigneurial power went hand in hand with the royal desires for extra-peninsular expansion. The question was how to overlap and coordinate the efforts and the subsequent rewards or benefits.

A first form of service could be some logistical work related to information. Thus, for example, in the spring of 1493, the Duke of Medina Sidonia wrote to the Catholic Kings to inform them that the King of Portugal had sent an armada to "la parte del Mar Océano que agora descubrió [Colón]" which, in a context of sharp friction between the two Crowns, represented a serious threat. To abort such dangers, the Duke proposed a remedy whose exact content we do not know, but which was linked to the formation of

1. Ese año, Fernando el Católico aprobó el concierto tomado entre ambos duques según el cual Medinaceli renunciaba a sus derechos sobre la villa a cambio del pago de 10 000 000 de maravedíes. Autos y provisiones en Archivo General de Andalucía [en adelante AGA], leg. 173, fols. 528-558, varias fechas.

1. In the same year, Fernando el Católico approved the agreement between both dukes according to which Medinaceli renounced to his rights over the town in exchange for a sum 10 000 000 *maravedis*. Documents (*autos y provisiones*) in Archivo General de Andalucía [henceforth AGA], leg. 173, fols. 528-558, several dates.

desconocemos, pero que estaba relacionado con la formación de otra armada para obligar a los portugueses a retirarse. Los reyes aprobaron el proyecto y afirmaron que se proponían comenzar a ejecutarlo “y en ello nos entendemos servir de vos”. Como primera medida, le encargaban que se asegurase de que estuviesen prestas y aparejadas todas las carabelas de las que se pudiese valer en “vuestra tierra porque nos podamos servir de ellas”. Para tratar con todo detalle con él de la situación, le remitían al bachiller de la Torre, fiscal y consejero de Castilla². Dicho sea de paso, a estas alturas la relación de los Medina Sidonia con Portugal no dejaba de tener una parte importante de competencia expansiva, como vimos en el proyecto de conquista de Ceuta.

Ahora bien, sin salirnos del ámbito de las relaciones exteriores, una gran casa señorial también podía ser una pieza importante para normalizar y pacificar tensiones. Pocos años después, en 1495, al plantearse el problema sucesorio a la corona de Portugal, los Reyes Católicos recurrieron de nuevo a Medina Sidonia para que tuviese apostada su gente de guerra por si fuese necesario intervenir en el reino vecino en apoyo del candidato al que Isabel y Fernando apoyaban, el rey don Manuel³. Toda esta actividad en asuntos concernientes al reino vecino iba a encontrar, además, una forma de soporte familiar una década después, cuando, habiéndose zanjado los conflictos más graves entre las dos coronas ibéricas, Medina Sidonia pactase casar a una de sus hijas, doña Leonor de Mendoza, con el duque de Bragança, don Jaime (Lopes, 2016). Unos lazos que, pese al trágico final de doña Leonor y en paralelo a los vínculos de sangre, perduraron a lo largo de los siglos siguientes principalmente debido a que los Medina Sidonia no dejaron de ser una pieza importante en el engranaje militar y defensivo de la parte atlántica del Estrecho de Gibraltar, lo que les iba a permitir ofrecerse como intermediarios y ejecutores interesados de la política castellana en los asuntos concernientes al sur de Portugal (Salas Almela, 2008, p. 339-348 y *passim*).

Una tercera forma de encajar los impulsos expansivos de una casa señorial en las políticas regias podía ser una relativamente nueva forma de servicio militar. Así, por ejemplo, al margen de los asuntos de Portugal, la frontera marítima del Atlántico sur peninsular iba a comenzar a padecer diversas amenazas por parte de viejos y nuevos enemigos. En 1498 los Reyes Católicos aprobaron de nuevo otro proyecto del duque consistente en armar tres fustas y una carabela con el objeto de vigilar la costa, por entonces amenazada no sólo por los tradicionales piratas magrebíes, sino también por la inquietante presencia de la armada francesa⁴. Sin embargo, pese al apoyo regio, el

another armada to force the Portuguese to withdraw. The kings approved the project and affirmed that they intended to begin to execute it and counted on the Duke's help (“y en ello nos entendemos servir de vos”). As a first step, they commissioned him to make sure that all the available caravels were ready and rigged in “vuestra tierra porque nos podamos servir de ellas”. In order to discuss the situation in detail, he was to contact the *Bachiller de la Torre*, prosecutor and adviser of Castile². Incidentally, at this point the relationship between Medina Sidonia and Portugal did have an important share of expansionist competition, as we saw in the attempt of conquering Ceuta.

Now, without leaving the field of external relations, a major noble house could also be an important asset for normalizing and pacifying tensions. A few years later, in 1495, when the problem of succession to the Crown of Portugal arose, the Catholic Kings again turned to Medina Sidonia to have his men of war ready in case it was necessary to intervene in the neighbouring kingdom in support of the candidate whom Isabel and Fernando backed, King Manuel³. All this activity in matters concerning the neighbouring kingdom would also find some form of family support a decade later, when, having settled the most serious conflicts between the two Iberian Crowns, Medina Sidonia agreed to marry one of his daughters, Doña Leonor de Mendoza, to the Duke of Bragança, Don Jaime (Lopes, 2016). These ties, in spite of the tragic end of Doña Leonor and in parallel to the blood links, lasted throughout the following centuries mainly due to the fact that the Medina Sidonia family did not cease to be an important element in the military and defensive network of the Atlantic part of the Strait of Gibraltar, which would allow them to become interested intermediaries and executors of Castilian politics in matters concerning southern Portugal (Salas Almela, 2008, p. 339-348 and *passim*).

A third way to fit the expansionist impulses of a noble house into royal politics could be a relatively new form of military service. Thus, for example, apart from the affairs of Portugal, the Atlantic maritime border of the peninsular south was about to start being threatened by old and new enemies. In 1498 the Catholic Kings again approved another project of the duke, consisting of rigging three *fustas* (gallies) and a caravel in order to guard the coast, threatened not only by the traditional Maghrebian pirates, but also by the disturbing presence of the French navy⁴. However, despite royal support, the plan was not implemented, but the following year a similar project – although somewhat expanded – even found a way of being financed at the expense of the

2. Archivo General de la Fundación Casa de Medina Sidonia [en adelante AGFCMS], leg. 2.396, Barcelona, 2 de mayo de 1493. El documento está también transcrito y citado, aunque sin número de legajo, en Ladero, Guzmán, p. 297-298.

3. AGFCMS, leg. 2.396, 1 de noviembre de 1495.

4. AGFCMS, leg. 2.396, 8 de diciembre de 1498.

2. Archivo General de la Fundación Casa de Medina Sidonia [henceforth AGFCMS], leg. 2.396, Barcelona, May 2nd, 1493. This document is also transcribed and quoted in Ladero, Guzmán, p. 297-298, albeit the corresponding *legajo* is not indicated.

3. AGFCMS, leg. 2.396, November 1st, 1495.

4. AGFCMS, leg. 2.396, December 8th, 1498.

plan no se puso en ejecución, si bien al año siguiente un proyecto similar – aunque algo ampliado – encontró incluso una vía de financiación a costa de la Real Hacienda: el dinero se tomaría del destinado al pago del sueldo de 100 escuderos mantenidos para la salvaguarda costera. Más aún, aprovechando esta cesión de responsabilidades al duque para la organización de la defensa de la frontera marítima, los Reyes Católicos le pedían que, si no lograba poner en ejecución el proyecto con esos medios, al menos pusiese orden en las soldadas que los escuderos de a pie y de a caballo percibían, normalizando sus salarios.⁵ Implicar al duque de Medina Sidonia tanto en el proyecto de armada como en la reorganización de los sistemas de defensa costera supone una notable delegación de funciones, puesto que ambas cosas debían ejecutarse sobre jurisdicciones señoriales propias del duque, pero también ajenas y sobre el realengo costero, lo que significa un alto grado de confianza mutua. De forma similar, justo un año antes de la conquista de Melilla, el duque de Medina Sidonia acudió a Cádiz para poner en orden las defensas de la ciudad y meter gente de guerra, artillería y municiones tan solo amparado en esa delegación informal de funciones por parte de los reyes, puesto que carecía de cargo específico. *A posteriori*, Isabel y Fernando escribieron al duque agradeciéndole sus gestiones y avisándole de que remitían como emisario al obispo de Badajoz para que juntos debatiesen sobre las necesidades de Cádiz, recién reintegrada en el realengo⁶. De nuevo, poco después, tras el levantamiento morisco de las Alpujarras de 1499-1501, Medina Sidonia no sólo no se opuso a enviar tropas sino que aportó ideas para castigar a algunas de las comunidades más rebeldes, aunque su propuesta en este caso fue descartada⁷.

Todo ello es sintomático de la actividad incesante de un poder señorial cuya estrategia de fondo le impulsaba a ir asumiendo responsabilidades militares, tanto tradicionales – relativas a la defensa de la costa – como otras nuevas de proyección marítima e internacional. Con ello buscaba ofrecer un servicio estratégico a la monarquía por el que los duques aspiraban a cobrarse un amplio margen de respeto hacia los privilegios señoriales atesorados y los que se pudieran adquirir o consolidar de nuevo. Sin embargo, pese a tanto servicio a la corona, esta primera etapa del gobierno del III duque de Medina Sidonia se iba a quebrar en 1501-1502 cuando, amparados en las irregularidades del segundo matrimonio de Juan de Guzmán, los Reyes Católicos aprovecharon para dar por nula la merced enriqueña de 1466 y recuperar la estratégica ciudad de Gibraltar (para una interpretación diversa de este asunto, véase Ladero Quesada, 2015, p. 296-297 y 307-309). Es muy posible que, a esas alturas, por muy útil que les hubiese resultado hasta entonces, el poder de facto acumulado por Medina Sidonia fuese ante todo motivo de preocupación para Isabel y Fernando.

Royal Treasury: the money would be taken from the sum assigned for the payment of the salaries of 100 squires deployed for coast guard duties. Moreover, taking advantage of this cession of responsibilities to the duke for the organization of the defence of the maritime border, the Catholic Kings asked him, should he be unable to implement the project with these means, at least to put some order in the pay of the foot and mounted squires, in order to normalize their salaries⁵. Involving the Duke of Medina Sidonia both in the armada project and in the reorganisation of the coastal defence systems entailed a considerable delegation of functions, since both matters had to be carried out on the duke's own lordly jurisdictions, but also on other jurisdictions and on the coastal Crown lands, which meant a high degree of mutual trust. Similarly, just a year before the conquest of Melilla, the Duke of Medina Sidonia went to Cadiz to put some order in the city's defences, bringing in men of war, artillery and ammunition with the sole support of the sovereigns' informal delegation of functions, as there was no specific position involved in this whole matter. *A posteriori*, Isabel and Fernando wrote to the duke thanking him for his efforts and warning him that they were sending the bishop of Badajoz as an emissary so that they could discuss together the needs of Cadiz, which had just been reintegrated into the Crown lands⁶. Again, shortly after, following the 1499-1501 Moorish uprising in the Alpujarras, Medina Sidonia not only did not object to sending troops but also contributed his own ideas about how to punish some of the most rebellious communities, although in this case his proposal was discarded⁷.

All of this is symptomatic of the relentless activity of a seigneurial power whose core strategy drove it to take on military responsibilities, both traditional – relating to the defence of the coast – and new ones with a maritime and international projection. The purpose of doing so was seeking to offer a strategic service to the monarchy by which the dukes aspired to gain a wide margin of respect for the seigneurial privileges already held and for those that could be acquired or consolidated once more. However, despite so much service to the Crown, this first stage of the rule of the 3rd Duke of Medina Sidonia was to be broken in 1501-1502 when, relying on the irregularities of the second marriage of Juan de Guzmán, the Catholic Kings took the opportunity to nullify Enrique's favour of 1466 and recover the strategic city of Gibraltar (for a different interpretation of this matter, see Ladero Quesada, 2015, p. 296-297 and 307-309). It is quite possible that, at that point, however useful it might have been until then, the *de facto* power accumulated by Medina Sidonia was first and foremost a cause for concern for Isabel and Fernando.

5. AGFCMS, leg. 2.396, 12 de abril de 1499.

6. AGFCMS, leg., 2.396, Burgos, 16 de noviembre de 1496.

7. AGFCMS, leg. 2.396, varios documentos emitidos por los Reyes Católicos de 19 de enero, 10 de marzo y 29 de mayo de 1501.

5. AGFCMS, leg. 2.396, April 12th, 1499.

6. AGFCMS, leg., 2.396, Burgos, November 16th, 1496.

7. AGFCMS, leg. 2.396, several documents issued by the Catholic Kings and dated January 19th, March 10th and May 29th, 1501.

MELILLA DESDE GIBRALTAR: SEÑOREANDO SOBRE EL ESTRECHO (1497-1502)

La operación para la incorporación de Melilla a la corona de Castilla se produjo, en todo caso, en la etapa en la que el III duque de Medina Sidonia confiaba en que el cumplimiento de la función que él mismo estaba asumiendo de asegurar para la corona el control militar del Estrecho le granjearía el favor de los reyes y, al menos, cierto respaldo a sus ambiciones, además de un amplio margen de respeto hacia sus privilegios señoriales (una visión general del proceso de incorporación de Melilla en Castreis, 1921, Tomo IV, I-XXVIII). De hecho, así funcionó durante algunos años y la propia toma de la ciudad africana no es sino el más destacado ejemplo de aquella notable actividad señorial. Muy agudamente, Sancho de Sopranis vinculó el señorío de los Medina Sidonia sobre Gibraltar con la toma de Melilla, en el sentido de que el duque habría querido "atar" las manos de los Reyes Católicos mediante un servicio muy señalado, de modo que no pudiesen quitarle la ciudad del Estrecho. A ello sumó el mismo autor el deseo del duque de resarcir a su casa del error que habría cometido su padre al no aceptar el ofrecimiento de Colón para financiar su primer viaje a América (Sancho de Sopranis, 1953, p. 45).

Conviene en este punto que abramos un pequeño paréntesis relativo a la iniciativa de la conquista de Melilla, puesto que existe un debate historiográfico en torno a si la operación misma fue iniciativa señorial o regia. La tradición historiográfica venía defendiendo que se trató de una empresa "particular" o incluso *privada*, por oposición a estatal, idea que estaba amparada sobre todo en los cronistas de la casa de Medina Sidonia, con Pedro Barrantes Maldonado y Pedro de Medina a la cabeza (Sancho de Sopranis, 1953, p. 46-51; Castrillo Márquez, 2000, p. 174). Menos rotunda fue la versión de Cerezo Martínez, quien apuntó con cierta ambigüedad hacia una forma de cooperación, suponiendo por error que Medina Sidonia era ya a fines del siglo XV capitán general de los Reyes Católicos (Cerezo Martínez, 1996). Por su parte, Villalba González ha insistido recientemente en una interpretación alternativa, según la cual el duque de Medina Sidonia habría sido un mero ejecutor de órdenes de Isabel y Fernando, como ya sugería por su parte el cronista Bernáldez y que, más aún, la toma de la ciudad habría sido exclusivamente pactada (Bernáldez, 1953, capt. XLCVI; Villalba, 2008, p. 21-24). Como debate de fondo, con ello se plantea la cuestión de si la toma de la ciudad fue una acción militar de conquista o solamente el resultado de una negociación entre los habitantes de Melilla y los Reyes Católicos para su integración bajo soberanía castellana. Según Villalba González, la empresa fue sustancialmente regia y negociada, punto de vista que justifica amparándose en la información más abundante sobre los prolegómenos de la frustrada intentona regia de tomar Melilla que se malogró en 1494, empresa para la que incluso se formó en Málaga una armada que no llegó a zarpar.

MELILLA FROM GIBRALTAR: LORDING OVER THE STRAIT (1497-1502)

The operation for incorporating Melilla into the Crown of Castile took place, in any case, at the stage during which the 3rd Duke of Medina Sidonia was confident that the fulfilment of the function he was taking on to ensure military control of the Strait of Gibraltar for the Crown would win him the favour of the kings and, at least, some support for his ambitions, as well as a wide margin of respect for his seigneurial privileges (for a general view of the process of incorporation of Melilla see Castreis, 1921, Tomo IV, I-XXVIII). In fact, this is how it worked for a few years and the capture of the African city itself is but the most outstanding example of that remarkable seigneurial activity. Very sharply, Sancho de Sopranis linked the Medina Sidonia lordship of Gibraltar with the conquest of Melilla, in the sense that the duke would have wanted to "bind" the hands of the Catholic Kings by means of a very distinguished service, so that the city of the Strait could not be taken away from him. The same author added to this the duke's desire to compensate his house for the mistake his father had made in not accepting Columbus' offer to finance his first voyage to America (Sancho de Sopranis, 1953, p. 45).

We should at this point open a short parenthesis concerning the initiative of the conquest of Melilla, since there is a historiographic debate as to whether the operation itself was a lordly or a royal initiative. The historiographic tradition used to argue that it was a "personal" or even private enterprise, as opposed to a state enterprise, an idea that was supported above all by the chroniclers of the House of Medina Sidonia, led by Pedro Barrantes Maldonado and Pedro de Medina (Sancho de Sopranis, 1953, p. 46-51; Castrillo Márquez, 2000, p. 174). The version of Cerezo Martínez was less emphatic, as he indicated, with some ambiguity, some form of cooperation, mistakenly assuming that Medina Sidonia was already the *capitán general* of the Catholic Kings by the end of the 15th century (Cerezo Martínez, 1996). Villalba González, for his part, has recently insisted on an alternative interpretation, according to which the Duke of Medina Sidonia would have been a mere executor of the orders of Isabel and Fernando, as the chronicler Bernáldez already suggested, and that, even more, the conquest of the city would have been exclusively negotiated (Bernáldez, 1953, chap. XLCVI; Villalba, 2008, p. 21-24). As a background debate, this raises the question of whether the takeover of the city was a military action of conquest or only the result of negotiations between the inhabitants of Melilla and the Catholic Kings concerning their integration under Castilian rule. According to Villalba Gonzalez, this enterprise was substantially regal and negotiated, a point of view that is justified on the basis of the most abundant information on the prolegomena of the frustrated regal attempt to conquer Melilla that failed in 1494, an undertaking for which an armada was even formed in Malaga, never to set sail.

Conviene que repasemos las causas de aquél abandono para poder entender cabalmente el papel de Medina Sidonia en la operación. En primer lugar, conviene tener en cuenta el articulado del tratado de Tordesillas firmado con Portugal, que debía entrar en vigor pasados tres años de su firma, justo en 1497, y que situaba la ciudad en zona de conquista portuguesa (Villalba, 2008, p. 71-79; Ladero Quesada, 2011). Ciertamente, sabemos que los Reyes Católicos presionaron a Portugal para exceptuar Melilla de la división establecida, aunque el acuerdo solo se produjo a posteriori de la toma castellana (Rumeu de Armas, 1996, p. 234). Por otra parte, conviene tener en cuenta que el informe de Marín Galindo encargado por Hernando de Zafra señalaba toda una serie de causas logísticas de gran peso que justificaron a la postre el abandono de la operación de 1494 (Loureiro Soto, 2015, p. 82-84). Por otro lado, siguen existiendo dudas en torno a la cuestión de los navíos que se emplearon para la conquista. Cerezo Martínez recoge las palabras del cronista Zurita, quien hablaba en su obra del enojo de Colón con el desvío de algunas naves para la empresa de Melilla, de modo que concluye que la operación debió contar como mínimo con el apoyo naval regio (Cerezo Martínez, 1996, p. 31-32). Villalba, en cambio, da por sentado que la armada empleada por el duque para la operación de conquista fue la recién formada armada guardacostas del Levante andaluz, dato que no consta documentalmente (Villalba González, 2008). Ahora bien, tampoco tenemos constancia de si los navíos que, según Barrantes, mandó aparejar el duque para pasar a sus 5 000 hombres eran realmente en parte propiedad de Medina Sidonia, si los arrendó o si, tal vez, si fue una combinación de barcos regios y señoriales los que transportaron las tropas. Respecto a la negociación previa a la operación de 1497, su alcance se nos escapa también por falta de más referencias. Por último, todavía nos faltan muchos detalles relativos a la financiación de la operación. Nos consta que, en 1500, el contador Juan López intentó aplicar ciertos descuentos en el pago de sueldos a quienes habían participado en operaciones de conquista, tanto en Indias como en Melilla, sobre la base de algunos derechos pertenecientes a la corona, cosa que evitó la reina Isabel por hacerles especial merced⁸. No nos consta hasta qué punto estaba pactado previamente a la conquista que la corona se haría cargo de los sueldos de todos o de parte de los militares que en ella tomaron partido o si el pago al que se refiere este documento era una gratificación a posterior, como es muy posible que sucediera.

No obstante, el principal cambio entre 1494 y 1497 fue el pacto entre los reyes de Tremecén y Fez, que llevaban años disputando por Melilla, y que conllevó el abandono de la ciudad y la destrucción de sus defensas, situación que ya describieron los cronistas Barrantes y Bernáldez. El problema es que no sabemos si quedaba algo de población en la ciudad misma o si, tras la conquista, fueron afluyendo antiguos pobladores ni con qué ritmos. De

We should review the causes of that abandonment in order to fully understand Medina Sidonia's role in the operation. In the first place, it is important to bear in mind the terms of the treaty of Tordesillas signed with Portugal, which was to enter into force three years after it was signed, just in 1497, and which placed the city in the zone of Portuguese conquest (Villalba, 2008, p. 71-79; Ladero Quesada, 2011). We certainly know that the Catholic Kings pressured Portugal to exempt Melilla from the established division, although the agreement was only reached after the Castilian takeover (Rumeu de Armas, 1996, p. 234). On the other hand, Marín Galindo's report commissioned by Hernando de Zafra pointed out a series of major logistical causes that ultimately justified the abandonment of the 1494 operation (Loureiro Soto, 2015, p. 82-84). Furthermore, there are still some doubts about the issue of the ships that were used in the conquest. Cerezo Martínez quotes from the chronicler Zurita, who referred to the anger of Columbus concerning the use of some ships for the Melilla undertaking, and therefore concludes that the operation should have had royal naval support, at least (Cerezo Martínez, 1996, p. 31-32). Conversely, Villalba assumes that the armada used by the duke in the conquest operation was the newly formed coast guard fleet of the Andalusian Levante, a fact that is not documented (Villalba González, 2008). Now, we also do not know whether the ships that, according to Barrantes, the duke had rigged to transport his 5 000 men were really partly owned by Medina Sidonia, whether he leased them or, perhaps, whether the troops were carried by a combination of royal and lordly ships. With regard to the negotiations prior to the 1497 operation, their scope also eludes us due to the lack of more references. Finally, we still lack many details concerning the funding of the operation. We are aware that, in 1500, the accountant Juan López tried to apply certain discounts in the payment of salaries to those who had participated in conquest operations, both in the Indies and in Melilla, on the basis of some rights belonging to the Crown, something that Queen Isabel avoided by granting those involved a special favour⁸. We do not know to what extent it was agreed, prior to the conquest, that the Crown would take care of the salaries of all or part of the military personnel who participated in the operation or if the payment referred to in this document was a later reward, which is quite likely.

However, the main change between 1494 and 1497 was the pact between the Kings of Tlemcen and Fez, who had been contending over Melilla for years, which led to the abandonment of the city and the destruction of its defences, a situation already described by the chroniclers Barrantes and Bernáldez. The problem is that we don't know if there was any population left in the city itself or if, after the conquest, old settlers

8. Archivo General de Simancas [en adelante AGS], *Estado*, leg. 1-2-2, doc. 369.

8. Archivo General de Simancas [henceforth AGS], *Estado*, leg. 1-2-2, doc. 369.

esta forma, más allá del hecho evidente de que durante ese lapso de tiempo las guerras de Italia atrajeron la atención preferente de los soberanos, obligándoles a desatender en alguna medida el norte de África, la clave que aportó la ocasión para que Medina Sidonia tomase la iniciativa fue el pacto entre los poderes magrebíes. Toda negociación previa carecía de valor en una ciudad con sus defensas destruidas y abandonada por una porción muy importante de su población, si es que no estaba completamente abandonada.

En definitiva, los datos aportados en apoyo de la tesis de que el proyecto fue promovido por la corona en exclusiva no son en absoluto concluyentes. Es evidente que, de una u otra forma, los Reyes Católicos habían puesto una atención preferente sobre Melilla frente a otros enclaves de la costa marroquí para iniciar su proyectada conquista de África. De igual modo, es innegable que hubo contactos con algunas autoridades de la ciudad que facilitaron de algún modo la operación dirigida por el contador del duque de Medina Sidonia, Pedro de Estopiñán, acción que, según las descripciones, tuvo más de habilidad y picardía que de hazaña militar (Sancho de Sopranis, 1953, p. 39-54; Bravo Nieto, 1993). Así por ejemplo, un fragmento de carta de Yuza ben Hamete – quien al parecer era *alguacil* de Melilla – daba a entender que la población local o, al menos, parte de sus autoridades civiles en su representación, habría negociado con los Reyes Católicos entrar bajo su soberanía y protección, operación a la que Hamete se refiere como “poner sus personas debajo de la sombra de Vuestra Alteza”⁹. Sin embargo, puesto que no hubo entrega de la ciudad sino toma de un lugar abandonado, la influencia de aquellas negociaciones pierde mucho de su valor, por más que garantizase un cierto margen de connivencia del entorno difuso de la propia ciudad. Dicho sea de paso, coincidimos plenamente con Villalba en calificar la operación más de ocupación que de conquista.

Desde el punto de vista señorial, además, ninguna de estas dudas niega que el ejecutor de la toma misma y el promotor de la operación, tal como se produjo en 1497, fuese el duque de Medina Sidonia. Tengamos en cuenta que, en términos feudales, su participación en cualquier operación de conquista, en la medida en la que el duque era vasallo del rey de Castilla, solo podía implicar la integración de lo conquistado bajo soberanía castellana. En nuestra opinión, de uno u otro modo, es igualmente innegable la importancia capital que tuvo la iniciativa señorial en la conquista de Melilla. Lo verdaderamente relevante, a los efectos que aquí nos importan, son tres cosas: que Medina Sidonia tuviera los medios para afrontar la operación, en solitario o, como mínimo, siendo pieza fundamental de la misma; que así mismo tuviera el interés en hacerlo; y que el resultado de su conquista no fuesen sólo honores, sino que se tradujese en una

flowed in or at what pace. Thus, beyond the obvious fact that during that time span the Italian wars attracted the preferential attention of the sovereigns, compelling them to neglect North Africa to some extent, the key factor that provided the occasion for Medina Sidonia to take the initiative was the pact between the Maghrebian powers. Any previous negotiations were worthless in a city with its defences destroyed and abandoned by a very large part of its population, if not completely abandoned.

In conclusion, the data provided in support of the thesis that the project was exclusively promoted by the Crown are by no means conclusive. It is evident that, in one way or another, the Catholic Kings had given preferential attention to Melilla above other enclaves on the Moroccan coast in order to begin their planned conquest of Africa. Similarly, it is undeniable that there were contacts with some city authorities who facilitated in some way the operation led by the accountant of the Duke of Medina Sidonia, Pedro de Estopiñán, an action that, according to the descriptions, involved more skill and mischief than military feats (Sancho de Sopranis, 1953, p. 39-54; Bravo Nieto, 1993). Thus, for example, a fragment of a letter from Yuza ben Hamete – who apparently was the *alguacil* of Melilla – suggested that the local population, or at least part of its civil authorities on their behalf, would have negotiated with the Catholic Kings in order to submit to their sovereignty and protection, an operation that Hamete refers to as “poner sus personas debajo de la sombra de Vuestra Alteza”⁹. However, since there was no surrender of the city but the takeover of an abandoned place instead, the influence of those negotiations loses much of its value, even if they ensured a certain margin of connivance of the fuzzy environment of the city itself. Incidentally, we fully agree with Villalba in describing the operation as an occupation rather than a conquest.

Moreover, from the seigneurial point of view none of these doubts can deny that the executor of the takeover itself and the promoter of the operation, as it took place in 1497, was the Duke of Medina Sidonia. Let us bear in mind that, in feudal terms, his participation in any conquest operation, insofar as the duke was a vassal of the King of Castile, could only entail the integration of what was conquered under Castilian rule. In our opinion, in one way or another, the capital importance of the seigneurial initiative in the conquest of Melilla is equally undeniable. What is truly relevant, for the purposes that matter here, are three things: that Medina Sidonia had the means to undertake the operation, alone or, at least, as a fundamental element; that he was indeed interested in doing so; and that the results of his conquest were not only the honours, but that it would entail a favour as extraordinary as the stable – and inheritable by his successors – rule of a city located *allende el mar*, which implied a

9. AGS, *Estado*, leg. 2-1, doc. 75.

9. AGS, *Estado*, leg. 2-1, doc. 75.

merced tan extraordinaria como la gobernación estable – y heredable por sus sucesores – de una ciudad allende el mar, lo que implicaba una proyección de su jurisdicción sobre territorio africano, aunque en este caso fuese delegada. Este dato por sí solo, dada su excepcionalidad, avala la idea de que Medina Sidonia tuvo en la operación un protagonismo decisivo que el actual escudo de armas de la ciudad – casi idéntico al escudo de la casa ducal – no hace sino reflejar. En caso contrario, si Medina Sidonia solo hubiera sido un delegado de las órdenes de la corona, sería muy difícil justificar todos estos honores que culminaron en la concesión del marquesado de Cazaza, un pequeño lugar en las proximidades de Melilla que las tropas ducales tomaron en 1506 (Ruiz Pilares, 2018, p. 291-292).

Sea como fuere, como es sabido, tras la toma de la plaza africana el duque y los reyes negociaron un acuerdo según el cual Medina Sidonia asumía la tenencia de Melilla a cambio de una serie de contraprestaciones (Gutiérrez Cruz, 1993). Todo ello se recogió en un *asiento* que los Reyes Católicos firmaron con el duque en Alcalá de Henares el 13 de abril de 1498. El duque quedaba a cargo de la “tenencia e guarda” con facultad para el nombramiento del alcaide y capitán de la plaza, además del resto de autoridades militares. No obstante, como ya señalara Sancho de Soprani, es importante retener que los reyes buscaron evitar cualquier ambigüedad sobre la condición realenga de la ciudad al limitar la tenencia ducal “cuanto nuestra merced e voluntad fuere” (Sancho de Soprani, 1953, p. 61). Bajo responsabilidad del duque quedaba mantener a los 700 hombres de distintas armas – algunos de ellos pagados directamente por el rey –, que cobrarían 15 *maravedís* al día. De entre ellos, 40 serían hombres de mar, 35 oficiales, dos clérigos, un físico, un cirujano y un boticario. Además, debía sostener cuatro fustas de remos con hasta 50 bancos con su tripulación. Las obras en la ciudad se ejecutarían por orden del rey, aunque era el duque quien debía cuidar de que se llevasen a buen término. Para cubrir gastos, Medina Sidonia recibiría casi tres millones de *maravedís* al año en un juro cargado sobre las rentas de Sevilla y Jerez, además de un millón más ese año en concepto de “labores” y 81 600 como depósito, a los que luego se sumaría una cantidad que, según Ladero, alcanzó los cinco millones de *maravedís* para resarcirle de los gastos que él mismo asumió en la conquista. Ahora bien, pese a tan generosas contraprestaciones, como señaló este mismo autor, lo verdaderamente costoso iba a ser sostener el enclave en el tiempo. De hecho, estaba pactado que a partir de 1500 los reyes retirarían sus guardas, quedando toda la guarnición a cargo del duque, momento en el que la asignación ascendió a 4 400 *maravedís* y los alimentos a 4 080 fanegas de trigo.¹⁰ Pese a todo, aún el testamento del duque don Juan mencionaba, entre las deudas a cobrar por sus herederos, importantes partidas relativas a la toma de Melilla, las cuales, dicho sea de paso, eran contabilizadas como bienes libres.

projection of his jurisdiction over African territory, although in this case it was delegated. This fact alone, given its exceptionality, supports the idea that Medina Sidonia had a decisive protagonism in the operation, mirrored by the current coat of arms of the city – almost identical to the coat of arms of the Ducal House. Otherwise, if Medina Sidonia had only been a delegate following Crown orders, it would be very difficult to justify all these honours that culminated in the concession of the Marquessate of Cazaza, a small place in the vicinity of Melilla that the ducal troops took in 1506 (Ruiz Pilares, 2018, p. 291-292).

Be that as it may, and as is well known, after the takeover of the African stronghold, the duke and the kings negotiated an agreement according to which Medina Sidonia would take possession of Melilla in exchange for a series of compensations (Gutiérrez Cruz, 1993). All this was recorded in an *asiento* that the Catholic Kings signed with the duke in Alcalá de Henares on April 13th, 1498. The duke was in charge of the “tenencia e guarda” with the power to appoint the *alcaide* and captain of the stronghold, as well as other military authorities. However, as Sancho de Soprani has already pointed out, it is important to note that the kings sought to avoid any ambiguity about the regal condition of the city by limiting ducal tenure to “cuanto nuestra merced e voluntad fuere” (Sancho de Soprani, 1953, p. 61). The duke was responsible for keeping 700 men of different arms – some of them paid directly by the king – who would receive 15 *maravedis* a day. Among them there should be 40 seamen, 35 officers, two clerics, a physician, a surgeon and a pharmacist. In addition, the duke had to keep four rowing *fustas* with up to 50 benches and their crews. The works in the city would be executed by order of the king, although it was the duke who had to see to it that they were properly carried out. To cover expenses, Medina Sidonia would receive almost three million *maravedis* a year, from the incomes of Seville and Jerez, in addition to one million more that year for “labores” and 81 600 as a deposit, to which would be added an amount that, according to Ladero, reached five million *maravedis*, to compensate him for his own expenses during the conquest. Now, in spite of such generous compensations, as the same author pointed out, the really expensive thing was going to be sustaining the enclave over time. In fact, it was agreed that from 1500 onwards the kings would withdraw their guards, leaving the entire garrison in charge of the duke, at which time the allocation amounted to 4 400 *maravedis* and food reached 4 080 *fanegas* (bushels) of wheat.¹⁰ In spite of everything, the will of Duke Don Juan still mentioned, among the debts to be collected by his heirs, important sums related to the takeover of Melilla, which, incidentally, were accounted for as free assets.

10. AGS, *Medina Sidonia*, caja 2, nº 23 y nº 26.

10. AGS, *Medina Sidonia*, caja 2, no. 23 and no. 26.

Así las cosas, la precaria situación creada en la ciudad africana, despoblada o prácticamente y con un gobierno civil y militar en manos del duque andaluz, aunque con un soporte financiero a cargo de la hacienda real, generó algunos conflictos. Ya en otoño de 1498 los Reyes Católicos escribieron al duque haciéndose eco de ciertas quejas relativas al exceso de gente ociosa que había en Melilla, individuos que – según se había denunciado – sólo consumían víveres sin aportar nada.

De igual forma, los reyes aludían a los roces que se producían entre el alcaide de Melilla y algunos ministros regios, como ocurrió con Manuel de Benavides, que al parecer acudió a la ciudad al mando de 200 escuderos aportados por la corona¹¹. Según reconocieron poco después los propios monarcas, sin embargo, la imagen negativa ofrecida por este último no reflejaba el mal estado de Melilla, sino un conflicto entre autoridades que se estaba desarrollando por la peculiar bicefalía en la gobernación. El informe que redactó Diego de Olea de Reinoso para aclarar la cuestión, si bien señalaba muchas cosas que faltaban, daba una imagen de cumplimiento aceptable de lo pactado, imagen todavía mejorada por otro memorial adicional que envió el obispo de Badajoz a los reyes (ambos informes publicados por Gutiérrez Cruz, 1993; véase también Polo, 1986, p. 8-10). Así, en diciembre de 1498, aprovechando una carta remitida al duque, Isabel y Fernando incluyeron una nota a modo de disculpa en la que reconocían su esfuerzo por consolidar y sostener Melilla. No ocultaban, pues, su enojo con Benavides, al que ya habían reprendido hasta en tres ocasiones. De todos modos, eso sí, rogaban al duque que procurase evitar el tráfico de cosas vedadas y le pedían que se ocupase de sancionar a quienes lo hiciesen¹².

La cuestión del régimen que se iba a aplicar al tráfico comercial con y desde Melilla – franco o sometido a control y tributación –, de hecho, fue un tema fundamental que comenzó a plantearse abiertamente en 1499. Un asunto que los Reyes Católicos deseaban tratar con el duque como parte de su estrategia general relativa a África. En consecuencia, en febrero de ese año escribieron al duque pidiéndole que pospusiera su planeada visita a Melilla al menos hasta que ellos pudieran acudir a Andalucía para “platicar con vos sobre lo que se hubiere de hacer en las cosas de África”. Pocas semanas después, Isabel y Fernando mandaron que “non conviene por ahora que nadie pase allende [a Melilla] con tratos ni mercaderías nin en otra manera”, por lo que le pedían que no lo consintiera “hasta tanto que yo lo envíe mandar”¹³. La solución para los soldados instalados en la ciudad, como ha expuesto recientemente Ruiz Pilares, consistió en practicar acciones de pillaje contra las poblaciones vecinas, las famosas cabalgadas, de las que los Reyes Católicos cedieron el

Thus, the precarious situation created in the African city, nearly or practically depopulated and with a civilian and military governance in the hands of the Andalusian duke, although with financial support from the royal treasury, generated some conflicts. Already in the autumn of 1498 the Catholic Kings wrote to the duke echoing certain complaints concerning the excess of idle people in Melilla, individuals who – as had been denounced – only consumed food without contributing anything.

Similarly, the kings alluded to the frictions that arose between the *alcaide* of Melilla and some royal ministers, as happened with Manuel de Benavides, who apparently went to the city in command of 200 squires provided by the Crown¹¹. However, and as the monarchs themselves recognized shortly afterwards, the negative image portrayed by Benavides did not reflect the poor condition of Melilla, but rather a conflict between authorities that was developing over the peculiar bicephalous government. The report written by Diego de Olea de Reinoso to clarify the issue, while pointing out many things that were missing, conveyed an image of acceptable compliance with what had been agreed, an image further enhanced by an additional memorial sent by the bishop of Badajoz to the kings (both reports published by Gutiérrez Cruz, 1993; see also Polo, 1986, p. 8-10). Thus, in December 1498, taking the opportunity of a letter sent to the duke, Isabel and Fernando included a note of apology in which they acknowledged the duke's efforts to consolidate and sustain Melilla. Thus, they did not hide their anger at Benavides, whom they had already rebuked on three occasions. Anyway, they did ask the duke to try to avoid the trafficking of forbidden goods and to take care of sanctioning those involved in that traffic¹².

The matter of the regime to be applied to trade to and from Melilla – either free or subject to control and taxation – was, in fact, a fundamental issue that began to be raised openly in 1499. This was an issue that the Catholic Kings wished to discuss with the duke as part of their overall strategy concerning Africa. Consequently, in February of that year they wrote the duke asking him to postpone his planned visit to Melilla at least until they could come to Andalusia to “platicar con vos sobre lo que se hubiere de hacer en las cosas de África”. A few weeks later, Isabel and Fernando ordered that “non conviene por ahora que nadie pase allende [a Melilla] con tratos ni mercaderías nin en otra manera”, so they asked him not to consent “hasta tanto que yo lo envíe mandar”¹³. The solution for the soldiers stationed in the city, as Ruiz Pilares recently stated, consisted of carrying out pillage actions against neighbouring towns, the famous *cabalgadas* (chevauchées), of which

11. AGFCMS, leg. 2.396, cartas de Isabel y Fernando al duque de Medina Sidonia de 6 de septiembre y 15 de octubre de 1498.

12. AGFCMS, leg. 2.396, carta fechada en Ocaña a 8 de diciembre de 1598.

13. AGFCMS, leg. 2.396, cartas de 22 de febrero y 5 de abril de 1599.

11. AGFCMS, leg. 2.396, letters addressed to the Duke of Medina Sidonia by Isabel and Fernando dated September 6th and October 15th, 1498.

12. AGFCMS, leg. 2.396, letter sealed in Ocaña on December 8th, 1598.

13. AGFCMS, leg. 2.396, letters dated February 22nd and April 5th, 1599.

quinto real – la parte que les correspondía de todo botín – a los duques (Ruiz Pílares, 2018, p. 290-294). Para el duque, claro está, abrir el tráfico implicaba disponer de un acceso privilegiado a un comercio con el otro lado del Estrecho que, a esas alturas, era todavía lo suficientemente importante como para justificar la existencia de un ramo desgajado del almojarifazgo mayor de Sevilla, el de Berbería, cuya aduana de cobro se había situado en Cádiz (Devís Márquez, 1999). No sabemos si la entrevista con entre los reyes y Medina Sidonia llegó a producirse ni qué esperaba la corona del duque en las cuestiones del Magreb, pero es posible que el sistema de intercambios que aspiraba a poner en marcha el duque tuviese algo que ver con el deseo de los reyes a tratar directamente con él.

Es en este contexto en el que se percibe más ajustadamente cómo la toma de Melilla por parte del III duque de Medina Sidonia en septiembre de 1497 fue una pieza clave de su estrategia global consistente en tratar de hacer imprescindible su colaboración con los reyes en el sentido de garantizar para Castilla el control militar de toda la frontera sur mediante la construcción de un estado señorial capaz de asumir un papel relevante en el Estrecho de Gibraltar. Hay que insistir de nuevo en que, pese a la presión de la corona, hasta el 2 de enero de 1502 el señorío sobre la ciudad de Gibraltar se mantuvo en posesión de los Medina Sidonia. Una circunstancia que otorgaba una dimensión geoestratégica crucial a la propia toma de Melilla, cuyo verdadero sentido como empresa señorial por parte de Medina Sidonia se nos aparece así en toda su dimensión. Algo que, a su vez, fue la causa de su interés por el señorío de Jimena y Gaucín, en la retaguardia de Gibraltar. De hecho, teniendo en cuenta todos estos elementos, podemos concluir sin muchas exageraciones que entre septiembre de 1497 y enero de 1502, el duque de Medina Sidonia había alcanzado su ambición de convertirse en poco menos que señor del Estrecho.

Por su parte, en 1497 los Reyes Católicos, más allá de calificar la conquista de Melilla como “cosa de ensalzamiento de nuestra Santa Fe” no dudarían en reconocer el papel clave del duque en la costa atlántica andaluza al pedirle que no acudiera en persona a darles el pésame por la muerte del príncipe de Asturias por ser “necesaria vuestra estada en aquellas comarcas, para que podáis de hora en hora proveer todo lo que se ofreciere y vuestra ausencia de allí podría traer mucho peligro”¹⁴. Este reconocimiento, ciertamente, confiere a la reversión del señorío de Gibraltar cinco años después, por una parte, un significado de limitación consciente del enorme poder acumulado por el duque y, por otra parte, el carácter de prueba de la confianza que en los primeros años del siglo XVI tenían los Reyes Católicos respecto a la firmeza de su propio control sobre la Baja Andalucía.

the Catholic Kings yielded the *quinto real* (lit.: the royal fifth) – i.e. the part of all booty that belonged to the Crown – to the dukes (Ruiz Pílares, 2018, p. 290-294). For the duke, of course, opening up traffic meant having privileged access to a trade with the other side of the Strait which, at that point, was still important enough to justify the existence of a special branch of the *almojarifazgo mayor* of Seville, the *Berbería*, which possessed facilities in Cádiz where customs taxes were collected (Devís Márquez, 1999). We don't know if the interview between the kings and Medina Sidonia ever took place or what the Crown expected of the duke in relation to the Maghrebian matters, but it is possible that the system of exchanges that the duke sought to set in motion had something to do with the desire of the kings to deal directly with him.

It is in this context that the takeover of Melilla by the 3rd Duke of Medina Sidonia in September 1497 can most accurately be seen as a key part of his overall strategy consisting of trying to make his collaboration with the kings essential in order to guarantee for Castile the military control of the entire southern border, through the establishment of a seigneurial state capable of fulfilling an important role in the Strait of Gibraltar. It must once again be stressed that, despite the pressure of the Crown, until January 2nd, 1502 the seigniorship of the city of Gibraltar remained in possession of the Medina Sidonia family. This circumstance conferred a crucial geostrategic dimension to the takeover of Melilla itself. Its true meaning as a seigneurial enterprise on the part of Medina Sidonia thus emerges in all its dimensions. This, in turn, was the cause of his interest in the seigniorship of Jimena and Gaucín, the rear guard of Gibraltar. Indeed, taking into account all these elements, we can conclude without much exaggeration that between September 1497 and January 1502, the Duke of Medina Sidonia had achieved his ambition to become little less than the Lord of the Strait.

In 1497 the Catholic Kings, for their part, aside from describing the conquest of Melilla as “cosa de ensalzamiento de nuestra Santa Fe” did not hesitate to recognize the key role played by the duke on the Atlantic coast of Andalusia when they asked him not to come in person to give his condolences for the death of the Prince of Asturias, as it was “necesaria vuestra estada en aquellas comarcas, para que podáis de hora en hora proveer todo lo que se ofreciere y vuestra ausencia de allí podría traer mucho peligro”¹⁴. This acknowledgement certainly confers to the reversion of the lordship of Gibraltar, five years later, both a meaning of conscious limitation of the enormous power accumulated by the duke and a proof of the confidence that the Catholic Kings had with regard to the solidity of their own control over Baja Andalucía, in the first years of the 16th century.

14. Documento muchas veces citado y reproducido. Por ejemplo, en Ladero, Guzmán, p. 297. Una copia en AGFCMS, leg. 2.396, El Endrinal, 18 de octubre de 1497.

14. This document has often been quoted and reproduced. For example, in Ladero, Guzmán, p. 297. There is a copy in AGFCMS, leg. 2.396, El Endrinal, October 18th, 1497.

LA GOBERNACIÓN SEÑORIAL DE MELILLA: REPUTACIÓN Y SERVICIO (1502-1556)

Para el duque de Medina Sidonia la forzada renuncia al señorío de Gibraltar en 1502 fue un trago muy amargo. De hecho, en cuanto tuvo ocasión para ello, se aplicó con todas sus fuerzas para tratar de volver a incorporar la ciudad a sus dominios. El primer paso en ese sentido fue su firme apoyo a la princesa Juana y su marido, Felipe el Hermoso, frente a Fernando el Católico. Ya en 1505, de hecho, Medina Sidonia envió a Flandes ni más ni menos que a su fiel Pedro de Estopiñán – el jefe de la operación de ocupación de Melilla – a negociar con Felipe y Juana (Sancho de Sopranis, 1953, p. 38). Muerto repentinamente Felipe I, el duque intentó en 1506 y 1507 desesperadamente conquistar Gibraltar mediante sendas operaciones militares que se vieron frustradas (Ladero, 2015, p. 309-317). La ciudad del Estrecho, en efecto, no volvería nunca al señorío de los duques, a pesar de lo cual el acuerdo para la tenencia de Melilla bajo gobierno señorial se mantuvo aún medio siglo. Merece, en este punto, preguntarnos por qué. Para tratar de responder a esta pregunta podemos comenzar por analizar la memoria que la casa señorial de Medina Sidonia construyó sobre la conquista de Melilla y del tiempo que se mantuvo bajo control ducal. Según Barrantes Maldonado, los motivos que llevaron al duque a afrontar esta operación fueron tres. En primer lugar, el cronista menciona la idea de que aquél primer puerto castellano en África permitiría a los barcos mercantes encontrar un lugar seguro en caso de que las tormentas o las corrientes les empujasen hacia las costas magrebíes. En segundo lugar, dado que era la primera ciudad castellana en el África continental, permitiría a los cristianos cautivos huir por tierra y tener un lugar donde acogerse. Por último, Barrantes argüía que, estando los cristianos acostumbrados a la guerra con el infiel, no habían de sufrir la pérdida de aquella forma de vida, siendo lo más complicado – en opinión del cronista – la travesía del mar, de modo que en adelante el paso quedaba expedito para iniciar ulteriores empresas de conquista o simples cabalgadas (Barrantes, 1998, p. 504-508; Rodríguez Puget, 1996, p. 109-110). No podemos dejar de señalar que las opiniones de Barrantes, expresadas en la coyuntura de los debates en torno a las prioridades estratégicas del gobierno de Carlos V, cobran su pleno valor como expresión del deseo, más o menos compartido por el reino, de expansión africana (Rodríguez Salgado, 1992, p. 376-429; Alonso Acero, 2001, p. 388-389). No en balde, el cronista llamaba al duque don Juan de Guzmán "inventor" de la propia conquista castellana de enclaves africanos.

El primer argumento de Barrantes resulta, quizá, el más interesante de los tres, tanto por lo que dice como por lo que esconde. Lo que dice apunta hacia las rutas comerciales que los andaluces mantenían con el corazón del Mediterráneo, operaciones en las que el propio duque don Juan seguía tomando parte mediante la comercialización directa de sus salazones de atún en Italia. La conveniencia de tener un puerto seguro en la banda sur del Estrecho podía ser, desde luego, un factor importante para esos y otros muchos mercaderes.

THE SEIGNEURIAL RULE OF MELILLA: REPUTATION AND SERVICE (1502-1556)

For the Duke of Medina Sidonia, the forced renunciation to the lordship of Gibraltar in 1502 was hard to swallow. In fact, as soon as he had the opportunity to do so, he made every effort to reincorporate the city into his domains. The first step in that direction was his firm support of Princess Juana and her husband, Felipe el Hermoso, against Fernando el Católico. Already in 1505, in fact, Medina Sidonia sent to Flanders none other than his faithful Pedro de Estopiñán – the head of the Melilla occupation operation – to negotiate with Felipe and Juana (Sancho de Sopranis, 1953, p. 38). After the sudden death of Felipe I, the duke desperately tried to conquer Gibraltar in 1506 and 1507, by means of two unsuccessful military operations (Ladero, 2015, p. 309-317). The city of the Strait, in fact, would never return to the seigniorship of the dukes, despite which the agreement for the possession of Melilla under seigneurial rule was still maintained for half a century. It is worth asking why at this point. In order to answer this question, we can begin by analysing the memory that the Noble House of Medina Sidonia constructed on the subject of the conquest of Melilla and the time it remained under ducal control. According to Barrantes Maldonado, the motives that led the duke to tackle this operation were three. First of all, this chronicler mentions the idea that this first Castilian port in Africa would allow merchant ships to find a safe haven should storms or currents push them towards the Maghrebian coasts. Second, since it was the first Castilian city in continental Africa, it would allow captive Christians to flee by land and find a place to stay. Finally, Barrantes argued that, Christians being used to war against the infidels, they should not suffer the loss of that way of life, the most challenging aspect being – in the opinion of this chronicler – the crossing of the sea, so that thereafter the way was cleared to initiate further enterprises of conquest or simple *cabalgadas* (Barrantes, 1998, p. 504-508; Rodríguez Puget, 1996, p. 109-110). We must point out that Barrantes' opinions, expressed in the conjuncture of the debates on the strategic priorities of Charles V's rule, take on their full value as an expression of the desire, more or less shared by the kingdom, for African expansion (Rodríguez Salgado, 1992, p. 376-429; Alonso Acero, 2001, p. 388-389). Not in vain did Barrantes refer to Duke Don Juan de Guzmán as the "inventor" of the Castilian conquest of African enclaves.

Barrantes' first argument is perhaps the most interesting one, both for what he says and for what he hides. What he says points to the trade routes that the Andalusians maintained with the heart of the Mediterranean, operations in which the Duke Don Juan himself continued to take part through the direct sale of his salted tuna products in Italy. The convenience of having a safe harbour on the south side of the Strait could, of course, be an important factor for these and

Ahora bien, la condición de Melilla como posible puerta para el comercio con Marruecos abría todo un campo adicional de oportunidades al convertir al presidio controlado por el duque en escala mercantil a escala mediterránea. De hecho, algunas informaciones indican que los venecianos utilizaban los puertos de Melilla y Cazaza como escala en sus viajes hacia el occidente. Algo que los contactos del duque de Medina Sidonia con el Dux veneciano en 1499 parecen confirmar¹⁵. Sin embargo, el tráfico directo con musulmanes era doblemente controvertido en relación a la corona: en primer lugar, porque fluctuaba entre la apertura y el cierre en función de los intereses estratégicos de los reyes; en segundo lugar, desde el punto de vista fiscal, por la decisión regia de segregar el almojarifazgo impuesto sobre estos intercambios y de canalizar su cobro exclusivamente en Cádiz, disposición que fue con frecuencia desobedecida en algunos puertos señoriales como Sanlúcar de Barrameda o El Puerto de Santa María (Rumeu de Armas, 1976).

A comienzos de 1504, los Reyes Católicos escribieron al duque de Medina Sidonia comunicándole que habían recibido algunas denuncias relativas a estas disposiciones sobre el comercio con Berbería, asunto para el cual remitían como representante suyo al corregidor de Jerez, Gonzalo Gómez de Abeancos. Las instrucciones dadas a este ministro eran un poco más explícitas en su acusación, señalando que frente a lo que ellos habían ordenado, “agora de poco tiempo acá el duque de Medina Sidonia tiene puesto un factor en los puertos de la dicha Berbería, que carga e descarga muchas mercaderías e otras cosas en el puerto de Sanlúcar e otros puertos del dicho arzobispado y obispado [de Sevilla y Cádiz], lo cual es en nuestro deservicio e en disminución de las dichas nuestras rentas”. La misión de Abeancos consistía en hacer ver al duque la novedad que esto suponía y cómo podía ser causa de que otros – se entiende, otros nobles costeros – comerciasen también con Marruecos en puertos distintos a Cádiz. Para ello, recomendaban a su enviado que tuviese tacto – literalmente se decía “tened con él maña” – para hacerle ver que, por parte de los reyes, no se pretendía hacer novedad alguna respecto de lo que “antiguamente se usó e acostumbró”¹⁶.

Por otro lado, no tenemos constancia de los modos concretos a través de los cuales se produjo el suministro cotidiano de Melilla puesto que no hemos localizado su contabilidad, pero tratándose de una ciudad totalmente dependiente de los abastecimientos que procedían de la península Ibérica – sobre todo en los primeros años de soberanía castellana –, en un tiempo en el que sabemos que todavía el III duque de Medina Sidonia disponía de una flotilla de embarcaciones mercantiles propia, las posibilidades de negocio que se ofrecían al duque y sus principales criados con aquella nueva ciudad bajo su

many other merchants. However, Melilla's status as a possible gateway for trade with Morocco opened up a whole new field of opportunities by turning the *presidio* controlled by the duke into a mercantile port of call, on a Mediterranean scale. In fact, some information indicates that the Venetians used the ports of Melilla and Cazaza as a stopover on their voyages to the west. This is something that the contacts of the Duke of Medina Sidonia with the Venetian Dux in 1499 seem to confirm¹⁵. However, direct trading with Muslims was doubly controversial in relation to the Crown: firstly, because it fluctuated between being opened and closed according to the strategic interests of the kings; secondly, from a fiscal point of view, because of the royal decision to segregate the *almojarifazgo* levied on these exchanges and to channel its collection exclusively through Cádiz, a measure that was frequently disobeyed in some seigniorial ports such as Sanlúcar de Barrameda or El Puerto de Santa María (Rumeu de Armas, 1976).

At the beginning of 1504, the Catholic Kings wrote to the Duke of Medina Sidonia informing him that they had received some complaints regarding these arrangements concerning trade with Barbary, a matter in which they referred to the *corregidor* of Jerez, Gonzalo Gómez de Abeancos, as their representative. The instructions given to this minister were a little more explicit in their accusations, pointing out that as opposed to what they had ordered, “agora de poco tiempo acá el duque de Medina Sidonia tiene puesto un factor en los puertos de la dicha Berbería, que carga e descarga muchas mercaderías e otras cosas en el puerto de Sanlúcar e otros puertos del dicho arzobispado y obispado [de Sevilla y Cádiz], lo cual es en nuestro deservicio e en disminución de las dichas nuestras rentas”. The mission of Abeancos consisted of making the Duke see the novelty in this and how it could make others – i.e. other coastal nobles – also start trading with Morocco in ports other than Cadiz. In order to do this, they advised their envoy to have tact – literally saying “tened con él maña” – to make him see that, on the part of the kings, there was no intention of introducing any changes in what “antiguamente se usó e acostumbró”¹⁶.

On the other hand, we are not aware of the specific ways in which the daily supply of Melilla took place, since we have not located its accounts, but this being a city totally dependent on supplies coming from the Iberian Peninsula – particularly in the early years of Castilian rule – at a time when we know that the 3rd Duke of Medina Sidonia still held a flotilla of merchant ships of his own, there were many business possibilities open to the duke and his main servants while this new city remained under his control. Therefore, it is more than plausible, in this sense, that Melilla served as the privileged stopover

15. AGFCMS, leg. 2.396, copia sin día ni mes, de 1499.

16. AGS, *Cámara de Castilla*, Ced. 9, docs. 66 y 67, ambas de Medina del Campo a 30 de enero de 1504.

15. AGFCMS, leg. 2.396, a copy without day or month, from 1499.

16. AGS, *Cámara de Castilla*, Ced. 9, docs. 66 and 67, both from Medina del Campo on January 30th, 1504.

control eran múltiples. Por tanto, es más que plausible, en este sentido, que Melilla ejerciese de escala privilegiada de un negocio triangular entre Andalucía, Italia y la propia ciudad africana (sobre el peso económico de los presidios africanos, Alonso Acero, 2001, p. 399-400).

Pero además de todo ello, dado que los productos consumidos en Melilla eran financiados con cargo de la real hacienda, pero remitidos a la ciudad por encargo y bajo supervisión del duque, la situación abría al aristócrata la posibilidad de dar salida a excedentes agrícolas, bien de sus principales vasallos o incluso suyos propios, además de aumentar la actividad mercantil en sus puertos. Es decir, la decisión de qué comprar y a quién era asunto del duque, el cual no dejaba de ser productor de alimentos en sus fincas y dehesas, además de receptor de muchas rentas pagadas en especie, diezmos incluidos. Sirva como muestra un ejemplo de un tiempo en el que el sistema ya estaba plenamente consolidado. En 1534 el contador mayor de los duques recibió la orden de pasar en cuenta a Diego de Dueñas – recaudador de las rentas ducales en la villa de Sanlúcar – una serie de recibos correspondientes a botas de vinos de los esquilmos de los arrendatarios de rentas del duque, vinos que a su vez había recibido por orden del duque un tal Íñigo de Ardanza para gasto de la botillería de la casa del duque y, se señalaba, para enviar a la ciudad de Melilla. Se mencionaba un total de seis arrendatarios – Marcos de Oviedo, Francisco de Cádiz, Francisco de Zárate, Juan Hernández, Pedro Hernández y Francisco Ramos – que pagaron el equivalente de sus atrasos de las rentas del pan y del aceite en botas de vino, hasta alcanzar las 125, las cuales en términos monetarios equivalían a por más de 160 000 *maravedíes*. Este procedimiento de cobro apunta a que la gestión del presupuesto de mantenimiento de Melilla permitía al duque tanto la colocación de una parte de su cosecha como la transformación en dinero – procedente de las rentas regias – de rentas cobradas en especie¹⁷. La cantidad no es excesivamente llamativa si la comparamos con el monto global que alcanzaron las deudas por el arrendamiento de las rentas de Sanlúcar y Trebujena de ese mismo año – 2 559 112 *maravedíes* –, pero sí respecto al precio total de las rentas del aceite y el pan individualmente – 190 000 la del aceite y 127 000 la del pan. Llama la atención, en todo caso, tanto la extensión del pago de rentas en vino, fórmula que de hecho estaba contemplada ya en el arriendo – en proporción de 1/3 para ambas rentas –, como la implicación de la elite de productores de vino sanluqueña en el negocio fiscal de su señor¹⁸. En definitiva, aunque ese año parece que resultó, por alguna causa que no conocemos, más conflictivo de lo habitual en el plano fiscal – de hecho, la memoria que acabamos de citar era un apremio a Dueñas para cobrar en el modo que fuera las deudas, incluida la ejecución contra personas y bienes,

of a triangular operation between Andalusia, Italy and the African city itself (on the economic weight of the African *presidios*, see Alonso Acero, 2001, p. 399-400).

But besides all this, given that the products consumed in Melilla were financed by the royal treasury, but sent to the city by order and under the supervision of the duke, the situation provided this aristocrat with the possibility of selling agricultural surpluses, either from his main vassals or even his own, as well as increasing mercantile activities in his ports. In other words, the decision of what to buy and from whom was taken by the duke, who was still a producer of food in his farms and pastures, as well as a beneficiary of many incomes paid in kind, including tithes. This is an example of a time when the system was already fully consolidated. In 1534, the chief accountant of the dukes was ordered to issue to Diego de Dueñas – the collector of ducal incomes in the town of Sanlúcar – a series of receipts pertaining to a number of *botas de vinos* corresponding to the benefits of the duke's tenants. This amount of wine had been collected by a certain Íñigo de Ardanza by order of the duke, to whom it belonged, and, as it was pointed out, was to be sent to the town of Melilla. A total of six tenants were mentioned – Marcos de Oviedo, Francisco de Cádiz, Francisco de Zárate, Juan Hernández, Pedro Hernández and Francisco Ramos – who paid the equivalent of their arrears of bread and oil rents in *botas de vino*, until reaching a total of 125, which in monetary terms was equivalent to more than 160 000 *maravedis*. This collection procedure indicates that the management of Melilla's maintenance budget allowed the duke both to place part of his harvest and to turn into money – from royal incomes – the rents paid in kind by his tenants¹⁷. The amount is not excessively striking if we compare it with the global amount reached by the debts owed for the rents of Sanlúcar and Trebujena in the same year – 2 559 112 *maravedis*. But it is striking in relation to the total sum of the revenues of oil and bread on a case by case basis – 190 000 for oil and 127 000 for bread. In any case, both the extent of the payment of rents in wine, a formula that was in fact already contemplated in the lease – at a ratio of 1/3 for both rents – and the involvement of the elite of Sanlúcar wine producers in the fiscal business of their lord, are striking facts¹⁸. In short, the report we have just mentioned was a request to Dueñas to collect the debts in whichever way possible, including enforcement against people and goods, and even against the *alcaldes* of the places of origin of the tenants, in the more difficult cases. Therefore, and even if that year seems to have been, for some reason unknown to us, more conflictive than usual in fiscal terms, the system that we can observe hereby shows an image of great solidity in the intertwining military responsibility of the dukes, their

17. AGFCMS, leg. 2.440, 4 de diciembre de 1534.

18. AGFCMS, eg. 2.440, memoria de los adeudos de rentas fechada el 31 de julio de 1534.

17. AGFCMS, leg. 2.440, December 4th, 1534.

18. AGFCMS, leg. 2.440, memorial of rents due dated July 31st, 1534.

contemplando que en caso de dificultades se debía actuar subsidiariamente contra los alcaldes de las rentas de los lugares de procedencia de los arrendadores —, el sistema que se deja entrever ofrece una imagen de gran solidez en el entrelazamiento de las responsabilidades militares de los duques, sus intereses señoriales y la producción vinícola de las elites de Sanlúcar y de algunos otros lugares. Un modelo que, fuese conceptualmente nuevo o heredado de tiempos anteriores, se estaba consolidando en los primeros decenios del XVI.

Desde otro punto de vista, resulta claro que a lo largo de toda la primera mitad del siglo XVI, la pieza central del servicio a los reyes que prestaban en asuntos militares los Medina Sidonia pasó a ser el sostenimiento de la ciudad de Melilla (Polo, 1986), lo que lo convertía ante todo en una cuestión de legitimación de un poder señorial. Así por ejemplo, en 1516, en medio de las turbulencias generadas en Castilla por la incertidumbre sucesoria tras la muerte de Fernando, el conde de Ayamonte escribió al cardenal Cisneros, en un tono bastante áspero, suplicándole que amparase al duque de Medina Sidonia por cierto incidente que había "agraviado" al aristócrata en relación a Melilla. No nos es posible alcanzar en qué consistió el agravio, pero el hecho de que un pariente tomase como propio el asunto revela que la gobernación de Melilla se traducía en gran medida en honor y prestigio. Sin embargo, ya sea por la pérdida de toda esperanza de hacerse con el señorío de Gibraltar después de los desesperados intentos de 1507 o porque el comercio con Italia dejase de ser una actividad en la que los duques estuviesen directamente interesados, da la sensación de que a partir de la década de 1530 Melilla comenzó a convertirse más en un problema que en un buen negocio para los Pérez de Guzmán. La caída de la fortaleza de Cazaza — lugar de poca importancia estratégica próximo a Melilla pero sobre el que se había otorgado a los Pérez de Guzmán un marquesado — fue la primera señal de alarma sobre los costos que mantener la presencia militar en África iba a tener para los duques. Ocurred entre el 7 y el 8 de enero de 1533 según la conocida relación de Cristóbal de Abreu a su señor (Castreis, 1921, Tomo IV, p. 61), la caída de Cazaza fue sobre todo preocupante, según expresó la reina Juana en carta al duque, no tanto por el valor de la fortaleza en sí cuanto por el efecto moral que pudiese provocar entre los magrebíes. Por ello, la reina pedía al duque don Juan Alonso que no desatendiese Melilla y le enviaba, por si el duque decidía intentar una rápida recuperación del lugar, un nombramiento provisional como capitán general, además de cartas para varios lugares de Andalucía a los que podría recurrir para obtener armas y hombres. Aquella empresa de reconquista, que en principio parecía dispuesto a afrontar Medina Sidonia nunca llegó a pasar de las palabras a los hechos (Castreis, 1921, p. 72-74)¹⁹. De hecho, quizá nunca llegara a plantearse en serio. En las cartas dirigidas a las ciudades de Úbeda y Jaén, la reina

lordly interests and the wine production of the elites of Sanlúcar and of some other places. Thus, a model that was either conceptually new or inherited from earlier times was being consolidated in the first decades of the 16th century.

From another point of view, it is clear that throughout the first half of the sixteenth century, the sustenance of the city of Melilla became the core of Medina Sidonia's service to the kings, in terms of military affairs (Polo, 1986). Thus, this was, above all, a matter of legitimizing a seigniorial power. For example, in 1516, in the midst of the turbulence generated in Castile by the uncertainties of succession after the death of Fernando, the Count of Ayamonte wrote to Cardinal Cisneros, in a rather harsh tone, begging him to support the Duke of Medina Sidonia over a certain incident that had "aggravated" the aristocrat in relation to Melilla. We cannot know what the grievance consisted of, but the fact that a relative took the matter as his own reveals that the rule of Melilla meant a great deal of honour and prestige. However, either because of the loss of all hope of gaining the lordship of Gibraltar after the desperate attempts of 1507 or because trade with Italy ceased to be an activity in which the dukes were directly interested, it seems that from the 1530s onwards Melilla began to become more of a problem than a good business for the Pérez de Guzmáns. The fall of the fortress of Cazaza — a place of little strategic importance located close to Melilla but over which the Pérez de Guzmáns had been granted a marquessate — was the first sign of alarm for the dukes, concerning the costs of keeping a military presence in Africa. The fall of Cazaza occurred between January 7th and 8th, 1533, according to the well-known report of Christopher of Abreu to his lord (Castreis, 1921, Tomo IV, p. 61). This was a worrying event, as Queen Juana wrote in her letter to the duke, not so much because of the value of the fortress itself, but because of the moral effect it could have on the Maghrebians. For this reason, the queen asked Duke Don Juan Alonso not to neglect Melilla and sent him, in case the duke decided to try a rapid reconquest of the place, a provisional appointment as *capitán general*, as well as letters addressed to several places in Andalusia to which he could resort to obtain weapons and men. This reconquest endeavour, which Medina Sidonia at first seemed ready to undertake, never went from words to deeds (Castreis, 1921, p. 72-74)¹⁹. In fact, perhaps he never seriously considered it. In the letters addressed to the cities of Úbeda and Jaén, the queen literally said that "aunque aquello es cosa poco importante y de que no se debe hacer mucho caso", these cities should support the Duke in his attempt to recover Cazaza as this was a matter related to the defence of the faith.²⁰

19. AGFCMS, leg. 2.396, todas de 5 de febrero de 1533, carta de la reina Juana a don Juan Alonso y a su hermano, el duque.

19. AGFCMS, leg. 2.396, all dated February 5th, 1533, letter from Queen Juana to Don Juan Alonso his brother, the duke.

20. Letters addressed to Antequera, Córdoba, Málaga, Jerez de la Frontera, Jaén and Úbeda. AGFCMS, leg. 2.396, all dated February 5th, 1533.

literalmente decía que “aunque aquello es cosa poco importante y de que no se debe hacer mucho caso”, debían apoyar al duque en el intento de recuperarlo por ser cuestión que atañía a la defensa de la fe²⁰.

Ahora bien, desde otro punto de vista Melilla no solo significaba sostener una avanzada, más o menos pasiva, de la fe frente al Islam. A partir de su labor en la gobernación de la plaza los Medina Sidonia comenzaron a disponer de una gran cantidad de información sobre lo que acontecía en Marruecos, lo que les permitió potenciar enormemente su condición de intermediarios en la gestión de dicha información (Polo, 1986, p. 24-28). Así, por ejemplo, en marzo de 1549, en medio de rumores cada vez más insistentes sobre el deseo del Jerife de atacar Melilla, tres magrebíes huidos del emergente poder en Marruecos se dirigieron a dicha ciudad con intención de pasar a la Península para hablar con Carlos V. El teniente de alcaide, Juan Perea, convocó entonces a las autoridades de la ciudad – varios de ellos criados del duque –, los cuales, tras interrogar a los moros y obtener avisos de los planes concernientes a Melilla, decidieron remitir en una barca a los tres emisarios no a la corte, sino al duque, para que él decidiese cómo proceder. Un comportamiento similar al que se adoptaría con respecto al rey de Vélez de la Gomera, que llegó a Melilla en abril del mismo año, si bien en este caso se procedió a consultar al mismo tiempo tanto al rey como al duque sobre el modo de proceder (Castreis, 1921, p. 183-186 y 236-240).

Por último, es posible que Melilla influyese también en los asuntos de la casa de Medina Sidonia por otra vía más indirecta. Debemos en este sentido recordar que el V duque de Medina Sidonia, hijo primogénito del segundo matrimonio del III duque, fue tenido por inhábil y mentecato desde la década de 1520. Ello provocó que la gobernación de facto del estado señorial recayese en su hermano menor, don Juan Alonso, al que Carlos V apoyó sin fisuras para evitar problemas. En ese contexto, en 1535 la corona solicitó al duque ayuda para el socorro de Málaga ante el temor a la aparición de Barbarroja²¹. Casi en paralelo, la reina solicitó a Juan Alonso Pérez de Guzmán que hiciese todos los esfuerzos posibles también por sostener Melilla ante las alarmantes noticias que llegaban a la corte tanto desde la plaza africana como desde Málaga. Aunque daba por supuesto que el Guzmán habría provisto lo necesario, le volvía a encomendar que lo continuase haciendo, incluso desplazándose en persona a la ciudad para su defensa, dado que su hermano – el V duque don Alonso – estaba imposibilitado para ello²². Así, la ficción de tener en el gobierno

Now, from another point of view, Melilla did not only mean supporting a more or less passive advance party of the faith against Islam. As a result of their work in the administration of the stronghold, the Medina Sidonia family started to gather a considerable amount of information about what was happening in Morocco. This enabled them to enhance their status as intermediaries in the management of this information (Polo, 1986, p. 24-28). Thus, for example, in March 1549, amidst increasingly insistent rumours about the sharif's desire to attack Melilla, three Maghrebians fleeing from the emerging power in Morocco went to Melilla intending to cross to the Peninsula in order to speak to Charles V. The deputy mayor, Juan Perea, summoned the city authorities – several of which were servants of the duke – who, after questioning the Moors and receiving warnings concerning the plans for Melilla, decided to send the three emissaries by boat, not to the court, but to the duke, so that he could decide how to proceed. This behaviour was similar to that adopted with regard to the King of Vélez de la Gomera, who arrived in Melilla in April of the same year, although in this case both the king and the duke were consulted simultaneously on how to proceed (Castreis, 1921, p. 183-186 and 236-240).

Finally, it is possible that Melilla also influenced the affairs of the house of Medina Sidonia in a more indirect way. In this sense, we would recall that the 5th Duke of Medina Sidonia, the first-born son of the second marriage of the 3rd Duke, was considered unfit and mindless since the 1520 decade. This prompted the *de facto* rule of the lordly estates by his younger brother, Don Juan Alonso, whom Charles V supported without fissures in order to avoid any problems. In this context, in 1535 the Crown asked the duke's aid in supporting Malaga for fear of the arrival of Barbarossa²¹. Almost in parallel, the queen asked Juan Alonso Pérez de Guzmán to make every possible effort to also support Melilla in view of the alarming news reaching the court from both the African stronghold and Malaga. Although she took it for granted that Guzmán would have provided all that was necessary, she again asked him to continue doing so, even travelling in person to the city to defend it, since his brother – the 5th Duke Don Alonso – was unable to do so²². Thus, the fiction of having the nominal government of such a strategic lordship in the hands of an individual deemed unfit, when the monarchy itself had long ago chosen its interlocutor in the person of his brother Juan Alonso, was an inconvenience that proved to be undesirable at critical moments. For example, in that same year, when recruiting men to help the emperor in what ultimately was his victorious campaign against Tunisia, Juan Alonso faced opposition from his vassals in the city of Medina Sidonia, who did not obey him because he

20. Se conservan las cartas dirigidas a Antequera, Córdoba, Málaga, Jerez de la Frontera, Jaén y Úbeda. AGFCMS, leg. 2.396, todas de 5 de febrero de 1533.

21. AGFCMS, leg. 2.396, 20 de agosto de 1534, 7 de febrero y otra sin día del mismo mes de febrero de 1535.

22. AGFCMS, leg. 2.396, carta de 13 de junio de 1535.

21. AGFCMS, leg. 2.396, August 20th, 1534, February 7th and another without day but from the same month of 1535.

22. AGFCMS, leg. 2.396, letter dated June 13th, 1535.

nominal de un señorío tan estratégico a un individuo considerado incapaz, cuando la propia monarquía había elegido hacía ya tiempo a su interlocutor en la persona de su hermano Juan Alonso era un inconveniente que en momentos críticos se revelaba indeseable. Por ejemplo, ese mismo año, a la hora de reclutar hombres para ayudar al Emperador en la que a la postre fue su victoriosa campaña sobre Túnez, Juan Alonso se topó con la oposición por parte de sus vasallos de la ciudad de Medina Sidonia que no le obedecían por no ser el titular del ducado, cuestión que obligó a éste a amenazar a los vecinos con repartir los hombres por su cuenta y sin intervención del concejo²³.

El escollo para solventar el problema era matrimonial, puesto que don Juan Alonso había asumido también la alianza matrimonial que se había encarnado en el enlace entre su hermano "mentecato" y una nieta bastarda de Fernando el Católico, doña Ana de Aragón, situación irregular que los tribunales eclesiásticos no terminaban de resolver. Así las cosas, las solicitudes de ayuda de la emperatriz Isabel tanto a Juan Alonso de Guzmán como a quien de facto era su mujer, doña Ana, están salpicadas de referencias a la complicada cuestión matrimonial. Tengamos en cuenta que este matrimonio entre su nieta y el V duque de Medina Sidonia había sido impuesto por expreso deseo del propio Fernando el Católico, cuando el aristócrata aún no había sido calificado de inhábil. La solución que se adoptó fue la de considerar así mismo impotente al V duque y traspasarle – si se me permite la expresión – su mujer a su hermano Juan Alonso, que al fin sería VI duque de Medina Sidonia. Políticamente la operación era clara, toda vez que se buscaba perpetuar el plan del rey Fernando para mantener vinculados a los Medina Sidonia, pero canónicamente la cuestión se prolongó más de lo deseado, sobre todo teniendo en cuenta que el segundo matrimonio de doña Ana con su cuñado produjo descendencia antes de que la Iglesia diese su beneplácito. En este sentido, la correspondencia entre la duquesa doña Ana y la emperatriz Isabel parece jugar implícitamente con la idea de que en la medida en la que el duque sirviese eficazmente en Melilla, tanto mayor sería la presión del Emperador a Roma. Del mismo modo, los duques amagaron con renunciar a sostener Melilla con objeto de obtener ayuda para resolver un problema tan crucial. No podemos dejar de señalar que fue a partir de un caso muy similar de irregularidades matrimoniales como Isabel y Fernando revocaron la merced enriqueña de Gibraltar al III duque, allá por 1502, aunque lo cierto es que el peso de este antecedente pudo jugar en más de un sentido.

was not the head of the dukedom, an issue that forced him to threaten the neighbours with distributing the men on his own and without the intervention of the council²³.

The obstacle to solving the problem was matrimonial, since Don Juan Alonso had also accepted the matrimonial alliance that involved the marriage between his "mindless" brother and a bastard granddaughter of Fernando el Católico, Doña Ana de Aragón, an irregular situation that the ecclesiastical tribunals were unable to settle. Thus, the requests for help from Empress Isabel both to Juan Alonso de Guzmán and to his *de facto* wife, Doña Ana, are full of references to this complicated matrimonial issue. Let us bear in mind that this marriage between her granddaughter and the 5th Duke of Medina Sidonia had been imposed at the express wish of Fernando el Católico himself, when the duke had not yet been considered unfit. The adopted solution was to declare the 5th Duke impotent and to pass – if I may use the expression – his wife to his brother Juan Alonso, who would ultimately become the 6th Duke of Medina Sidonia. In political terms, the operation was clear, since the intention was to carry on King Fernando's plan of maintaining ties with the Medina Sidonia family, but in canonical terms the matter lasted longer than desired, particularly considering that the second marriage of Doña Ana to her brother-in-law produced offspring before the Church gave its approval. In this sense, the correspondence between Duchess Doña Ana and Empress Isabel seems to implicitly play with the idea that the more effectively the duke served in Melilla, the greater would be the emperor's pressure on Rome. Likewise, the dukes feigned to give up supporting Melilla in order to get help in solving such a crucial problem. We should point out that it was on the basis of a very similar case of marriage irregularities that Isabel and Fernando revoked Enrique's favour that granted Gibraltar to the 3rd Duke, back in 1502, although the weight of this antecedent could have had various outcomes.

EPILOGUE: WITHDRAWAL WITH HONOUR (1559)

Be that as it may, the situation of Melilla was hardly sustainable in the long term. The first known attempt to change the situation dates from the crisis of 1533, following the loss of Cazaza. In this year Don Juan Alonso asked the Emperor through an envoy – *fray* Alberto de las Casas – to accept his resignation from the tenure of Melilla, so that the Crown of Castile would take direct control of the city. Quite significantly, Charles V's response consisted, above all, of underlining the prestige that the situation brought to the Medina

23. AGFCMS, leg. 2.396, carta de la reina Juana a Juan Alonso dando cuenta del triunfo sobre Túnez, pero también de la decisión del Emperador de no afrontar lo de Argel por falta de pertrechos. Los datos sobre la escasa respuesta de los vasallos de Medina Sidonia en ídem, varias fechas de 1535.

23. AGFCMS, leg. 2.396, letter from Queen Juana to Juan Alonso on the subject of the victory over Tunis but also mentioning the Emperor's decision of not facing the Algiers issue due to the lack of equipment/supplies. Data on the scant response of the vassals of Medina Sidonia in *idem*, several dates, 1535.

EPÍLOGO: DESISTIMIENTO CON HONOR (1559)

Sea como fuere, a largo plazo la situación de la gobernación de Melilla era difícilmente sostenible. La primera tentativa de la que tenemos noticia para cambiar la situación data de la crisis de 1533 por la pérdida de Cazaza. Ese año don Juan Alonso solicitó al Emperador por medio de un enviado – fray Alberto de las Casas – que aceptase su renuncia a continuar con la tenencia de Melilla, de modo que fuese la corona de Castilla la que asumiese directamente el control de la ciudad. Muy significativamente, la respuesta de Carlos V consistió, sobre todo, en subrayar el prestigio que la situación reportada a los Medina Sidonia, ensalzando el cuidado y atención con el que don Juan Alonso estaba cuidando de la seguridad de la plaza y posponiendo cualquier decisión de modificación en el gobierno de la misma a su próxima llegada a Castilla. Mientras tanto, daba orden a su flota de galeras para que patrullase la ciudad africana para ahuyentar enemigos²⁴. Por el contenido de las misivas y lo poco que se puede traslucir de las entrevistas que algunos criados del duque tuvieron con el Emperador cuando, tras el verano, llegó al fin a la Península Ibérica, parece que el deseo expresado por los Guzmán de abandonar el gobierno de Melilla pudo ser tan sólo una reacción a las críticas recibidas tras la pérdida de Cazaza. Sea como fuere, la tensión se relajó una vez que se comprobó que aquella pérdida no tenía consecuencia alguna. No obstante, era evidente que la ciudad estaba en permanente peligro. Como sabemos, apenas dos años después, la reina volvió a escribir a Juan Alonso para advertirle que debía estar presto a desplazarse personalmente al presidio africano en caso de que se produjese una nueva amenaza²⁵.

Pero no solo empezaba a preocupar la situación militar de la plaza. También la financiera presentaba dificultades y aristas. En febrero de 1539, en la celebración de cortes en la ciudad de Toledo a las que acudió don Juan Alonso ya por fin como VI duque de Medina Sidonia en plenitud del ejercicio, recibió un requerimiento en persona para dar cuenta en la contaduría mayor del rey del asiento de Melilla correspondiente a los años 1527 a 1529. Se trataba de, como mínimo, la tercera requisitoria que recibía para dar cuenta “de los maravedíes e otras cosas que habéis recibido para la paga del sueldo de la gente que es en la guarda de la ciudad de Melilla que está a vuestro cargo”. El requerimiento no fue cumplido, por lo que el Emperador envió nuevas órdenes, en las que se le conminaba a enviar las cuentas en ciertos plazos so pena de la merced real y 10 000 *maravedíes*²⁶. Aunque no sabemos en qué sentido se resolvió la investigación de las cuentas del duque, no resulta

Sidonia family, extolling the care and attention with which Don Juan Alonso was taking care of the security of the stronghold and postponing any decision concerning changes in the governance of Melilla until his forthcoming arrival in Castile. Meanwhile, he ordered his fleet of galleys to patrol the African city in order to ward off enemies²⁴. Judging from the content of the letters and from what little can be gleaned from the interviews that some of the duke's servants held with the emperor when, after the summer, he finally reached the Iberian Peninsula, it would seem that the desire to resign from the governance of Melilla expressed by the Guzmáns could only have been a reaction to the criticisms received after the loss of Cazaza. Be that as it may, the tension eased once it was proved that this loss was of no consequence at all. Nevertheless, it was clear that the city was in permanent danger. As we know, just two years later, the queen wrote again to Juan Alonso to warn him that he should be ready to travel to the African presidio in person should a new threat arise²⁵.

But it wasn't just the military situation of the stronghold that was beginning to raise some serious concerns. The financial situation also had its difficulties and shortcomings. During February of 1539 Toledo Cortes, which Don Juan Alonso finally attended as the 6th Duke of Medina Sidonia, he received a personal request to provide the *contaduría mayor del rey* with a report on the accounts of Melilla corresponding to the years 1527 to 1529. It was at least the third time the duke was requested to give an account “de los maravedíes e otras cosas que habéis recibido para la paga del sueldo de la gente que es en la guarda de la ciudad de Melilla que está a vuestro cargo”. The request was not fulfilled, so the emperor sent new orders, by which the duke was ordered to send the accounts within certain deadlines under penalty of losing the royal favour and a fine of 10 000 *maravedis*²⁶. Although we do not know how the investigation of the duke's accounts was resolved, it is not unreasonable to link it to the fact that holding Melilla had ceased to be profitable for the dukes in financial terms, if it ever was.

The combination of all this meant that since then, now that the question of the marriage of the dukes had also been settled, the possibility that the governance of Melilla might change hands was present in any negotiations between the Medina Sidonia family and the Crown. Meanwhile, the warnings and alarms kept coming. For example, in 1549 the relentless activity of the Sharif of Fez required additional efforts in Melilla in order to be prepared. Among them, the duke had to

24. AGFCMS, leg. 2.396, varias cartas de la reina y de Carlos V de 26 y 28 de febrero, 25 de septiembre y 3 de octubre de 1533.

25. AGFCMS, leg. 2.396, carta de la reina a Medina Sidonia, 13 de junio de 1533.

26. AGS, EXH, leg. 720, carpeta 3, varios documentos: fechado en la villa de Becerril, a 21 de agosto; Madrid, 11 de agosto de 1539.

24. AGFCMS, leg. 2.396, several letters from the queen and Charles V dated February 26th and 28th, September 25th and October 3rd, 1533.

25. AGFCMS, leg. 2.396, latter from the queen to Medina Sidonia dated June 13th, 1533.

26. AGS, EXH, leg. 720, carpeta 3, several documents: dated from the town of Becerril, on August 21st; Madrid, August 11th, 1539.

descabellado vincularlo con el hecho de que sostener Melilla había dejado de ser rentable para los duques en términos contables, si es que alguna vez lo fue.

La combinación de todo ello hizo que desde entonces, solucionada también la cuestión del matrimonio de los duques, en cualquier negociación de los Medina Sidonia con la corona estuviera presente el horizonte de un posible cambio de manos del gobierno de Melilla. Los avisos y las alarmas, mientras tanto, no dejaban de sucederse. Por ejemplo, en 1549 la actividad incesante del Jerife de Fez obligó a hacer esfuerzos suplementarios en Melilla para estar prevenidos. Entre ellos, el duque tuvo que levantar a su costa 300 hombres en Málaga y enviarlos a Melilla (Castreis, Tomo IV, p. 160-166 y 174-176). Sin embargo, las suspicacias sobre la efectividad de dejar la defensa de la plaza en manos de Medina Sidonia no cesaban. Por ejemplo, en aquella coyuntura crítica, don Juan de Mendoza – capitán general de las galeras de España – escribió a Maximiliano y María de Austria para informarles de que había enviado a Melilla a un capitán, entendido en cosas de guerra, “para que vea lo que allí se hace”, en lo que no dejaba de ser un tutelaje improvisado y, sin duda, muy ofensivo para las autoridades señoriales designadas por Medina Sidonia y, por ende, para él mismo (Castreis, 1921, p. 61). En todo caso, tras la ruptura en 1551 de la tregua en el Mediterráneo que Carlos V había pactado con el sultán otomano en 1547 la tensión se agravó en todos los presidios castellanos del Magreb. De hecho, la presión turca obligó al dismantelamiento de Mahdia en 1552 y se cobró Bugía, que cayó tres años después. Las dificultades no eran solo militares, sino también logísticas, puesto que el suministro de los presidios alcanzó un punto extremo por entonces, en parte por problemas de financiación en Castilla (Alonso Acero, 2001, p. 393-403). Una situación que, dicho sea de paso, también estaba afectando al reino de Portugal, en el cual el Emperador buscó en determinadas coyunturas apoyarse para minimizar el peligro magrebí (Salas Almela, 2014).

Sin embargo, los azares biológicos y dinásticos se cruzaron de nuevo con los asuntos políticos de la casa de Medina Sidonia, aunque en esta ocasión para brindarles una excelente – aunque trágica – oportunidad para desistir del ya por entonces muy oneroso gobierno de Melilla sin pérdida ni de honor ni reputación. La ocasión fue el fallecimiento en enero de 1556 del primogénito del duque, don Juan Claros. A partir de entonces, el ya muy achacoso VI duque de Medina Sidonia se enfrentaba al más que previsible futuro de que tras su muerte – que ocurrió en 1558 – el sucesor de su estado iba a ser un menor de edad. En efecto, el heredero del estado era su único nieto, un niño de apenas nueve años, el futuro VII duque don Alonso, lo que implicaba que el ducado iba a quedar bajo la administración de la madre del futuro duque, doña Leonor de Zúñiga, con el asesoramiento de una serie de consejeros. En esta situación, mantener la gobernación de Melilla bajo el amparo de la casa de Medina Sidonia era visto como una temeridad dada la

raise 300 men in Málaga at his own expense and send them to Melilla (Castreis, Tomo IV, p. 160-166 and 174-176). However, suspicions over the effectiveness of leaving the defence of the stronghold in the hands of Medina Sidonia never ceased. For example, in this critical conjuncture, Don Juan de Mendoza, the *capitán general de las galeras de España*, wrote to Maximiliano and María de Austria to inform them that he had sent a captain to Melilla, someone knowledgeable in matters of war, “para que vea lo que allí se hace”. This was no less than an improvised tutelage and, undoubtedly, very offensive to the seignorial authorities appointed by Medina Sidonia and hence to himself (Castreis, 1921, p. 61). In any case, after the 1551 rupture of the Mediterranean truce that Charles V had signed with the Ottoman sultan in 1547, tensions intensified in all the Castilian presidios of the Maghreb. In fact, Turkish pressure forced the dismantling of Mahdia in 1552 and Bugía fell three years later. The difficulties were not only military, but also logistical, since the supply of the presidios reached an extreme peak by then, partly due to financing problems in Castile (Alonso Acero, 2001, p. 393-403). A situation that, incidentally, was also affecting the Kingdom of Portugal, in which the emperor sought support under certain circumstances, in order to minimize the Maghrebian danger (Salas Almela, 2014).

However, the biological and dynastic ups and downs collided again with the political affairs of the house of Medina Sidonia, although on this occasion this was an excellent – albeit tragic – opportunity to withdraw from the by then already very burdensome rule of Melilla, without losing either honour or reputation. The occasion was the death of the Duke's firstborn, Don Juan Claros, in January 1556. After that, the ailing 6th Duke of Medina Sidonia faced the more than foreseeable prospect that after his death (which occurred in 1558) his successor would be a minor. In fact, the heir to the estate was his only grandson, a child barely nine years old, the future 7th Duke, Don Alonso, which meant that the dukedom was to be placed under the administration of the mother of the future duke, Doña Leonor de Zúñiga, advised by a series of counsellors. In this situation, maintaining the governance of Melilla under the protection of the house of Medina Sidonia was seen as a temerity given the upcoming phase of weakened authority of the seignory, as usually happened during these interim periods. In fact, Don Juan Alonso himself had experienced a similar situation, as we have seen. It is not surprising that Felipe II accepted, under these circumstances, the duke's renouncement of the tenure of the African stronghold. After the death of her father-in-law, the widow Countess of Niebla, acting as the ruler of the state, decided for a tactical withdrawal of the dukedom in order to balance the accounts of the house. Actually, the 6th Duke had already adopted this strategy in his last months of life precisely with the withdrawal from the governance of Melilla, a cession that was completed in 1559, shortly after the death of Don Juan Alonso.

debilitada autoridad que previsiblemente iba a sufrir el señorío, como solía ocurrir en estas interinidades. De hecho, el propio don Juan Alonso lo había padecido, como hemos visto. No es de extrañar que Felipe II aceptase en esas circunstancias la renuncia del duque a la tenencia de la plaza africana. La condesa viuda de Niebla, como gobernadora del estado, optó a partir de la muerte de su suegro por un repliegue táctico del ducado con objeto de sanear las cuentas de la casa. Una estrategia que ya había comenzado el VI duque en sus últimos meses de vida precisamente con el desistimiento de la gobernación de Melilla, cesión que se completó en 1559, poco después del fallecimiento de don Juan Alonso.

Visto con perspectiva, la tenencia de Melilla por los duques de Medina Sidonia a lo largo de algo más de seis décadas tuvo dos épocas bien diferenciadas. El primer lustro se caracterizó por la notable extensión del poder señorial de la casa ducal sobre el Estrecho de Gibraltar. La segunda etapa, a partir de 1502, abarca el resto de la gobernación señorial que se sostuvo sobre un entramado que entrelazaba financiación regia e iniciativa señorial y que, durante algún tiempo, pudo ser rentable o al menos no muy onerosa en términos económicos para los duques (Bravo Nieto, 1990, p. 28; Polo, 1986, p. 6). Pero, además, lo que es innegable es que, al menos hasta la pérdida de Cazaza, la gobernación de Melilla reportó a la casa ducal mucho prestigio y una enorme capacidad de ejercer el patrocinio señorial por medio de los mandos de la milicia en la plaza.

De todos modos, quizá de forma algo paradójica, la frontera de allende el mar no dejó de estar en el horizonte de los intereses de la casa de Medina Sidonia. De hecho, ya en el inestable panorama del Marruecos posterior a la batalla de Alcazarquivir, a dos décadas del desistimiento del gobierno de Melilla, el VII duque don Alonso llegó a tener aprestadas las tropas para volver a tomar un enclave en la costa africana, en este caso atlántica: la ciudad de Larache. Una acción que solo la amenaza francesa sobre las Islas Terceras obligó a posponer hasta que, ya en los últimos años de vida del aristócrata, en 1611, pudo llevarse a efecto (Castreis, 1918, Tomo I, p. 395; Salas Almela, 2002, p. 97-130). Seguramente lo que todo esto nos revela por encima de cualquier otra consideración es que la lógica geográfica de los nuevos intereses de los duques, volcados sobre el mundo atlántico y sus circuitos mercantiles, imponían sus reglas. Desde este punto de vista, a partir de mediados del XVI, Melilla formaba parte para los Medina Sidonia de un proyecto de poder sobre el Estrecho de Gibraltar frustrado mucho tiempo atrás, quizá tanto como las propias ambiciones de conquista africana a las que aludía el famoso testamento de Isabel la Católica.

Seen in perspective, the tenure of Melilla by the Dukes of Medina Sidonia for a period of just over six decades had two distinct phases. The first lustrum was characterized by the notable extension of the seigneurial power of the ducal house over the Strait of Gibraltar. The second stage, starting in 1502, encompasses the rest of the seigneurial rule, based on a framework that combined royal financing and seigneurial initiative and which, for some time, could have been profitable or at least not very onerous for the dukes, in economic terms (Bravo Nieto, 1990, p. 28; Polo, 1986, p. 6). But what is also undeniable is that, at least until the loss of Cazaza, the governance of Melilla granted the ducal house a great deal of prestige and an enormous capacity to exercise lordly patronage through the stronghold's militia commands.

In any case, perhaps in a somewhat paradoxical way, the frontier beyond the sea did not cease to be on the horizon of the interests of the House of Medina Sidonia. In fact, already in the unstable Moroccan panorama following the battle of Alcazarquivir, two decades after the withdrawal from the governance of Melilla, the 7th Duke, Don Alonso, even had his troops ready to conquer once more an enclave on the African shores, in this case on the Atlantic coast: the city of Larache. This action was only postponed, due to the French threat against the Islas Terceras, until it could be carried out, already in the last years of the aristocrat's life, in 1611 (Castreis, 1918, Tomo I, p. 395; Salas Almela, 2002, p. 97-130). Surely, what all this reveals, above any other consideration, is that the geographic logic of the new interests of the dukes, focused on the Atlantic world and its mercantile circuits, imposed its rules. From this point of view and from the middle of the 16th century onwards, for the Medina Sidonia family Melilla was part of a project of power over the Strait of Gibraltar, frustrated long ago, perhaps as much as the ambitions of African conquest mentioned in the famous testament of Isabel la Católica.

BIBLIOGRAFÍA BIBLIOGRAPHY

ALONSO ACERO, Beatriz (2001) – El norte de África en el ocaso de del emperador (1549-1558). In MARTÍNEZ MILLÁN, José (coord.) – *Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1558)*. Madrid: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, vol. 1, p. 387-414.

AZNAR VALLEJO, Eduardo (1997) – Corso y piratería en las relaciones entre Castilla y Marruecos en la Baja Edad Media. *En la España Medieval*, p. 407-419.

AZNAR VALLEJO, Eduardo (2005) – La expedición de Charles de Valera a Guinea. Precisiones históricas y técnicas. *En la España Medieval*, p. 403-434.

BARRANTES MALDONADO, Pedro (1998) – *Ilustraciones de la Casa de Niebla*. Cádiz: Universidad de Cádiz [1541].

BERNÁLDEZ, Andrés (1953) – *Memorias del reinado de los Reyes Católicos*. Madrid: Biblioteca de Autores Españoles.

BOXER, Charles (2001) – *O império marítimo português, 1415-1825*. Lisboa: Edições 70 [1969].

BRAVO NIETO, A. (1993) – La ocupación de Melilla en 1497 y las relaciones entre los Reyes Católicos y el Duque de Medina Sidonia. *Aldaba: revista del Centro Asociado a la UNED de Melilla*, Melilla, p. 15-37.

CARRIAZO RUBIO, Juan Luis, ed. (2004) – *Historia de los hechos del marqués de Cádiz*. Granada: Universidad de Granada, 2004.

CARRIAZO RUBIO, Juan Luis (2006) – Isabel la Católica y el marqués de Cádiz, o la cortesía en la representación historiográfica del poder. *e-Spania*, 1, texto digital [<https://journals.openedition.org/e-spania/310>].

CASTREIS, Henry du, ed. (1918) – *Les Sources Inédites pour l'Histoire du Maroc*, París: E. Leroux, Primera Serie, Tomo I.

CASTREIS, Henry du, ed. (1921) – *Les Sources Inédites pour l'Histoire du Maroc*, París: E. Leroux, Primera Serie, Tomo IV, p. I-XXVIII.

CASTRILLO MÁRQUEZ, Rafaela (2000) – Mellilla bajo los Medina Sidonia, a través de la documentación existente en la Biblioteca Real de Madrid. *Anaquel de Estudios Árabes*, 11, p. 171-189.

CEREZO MARTÍNEZ, Ricardo (1996) – La circunstancia histórica de la conquista de Melilla. *III Jornadas de Historia Militar: Melilla en la Historia Militar Española*. Madrid: Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional-Ministerio de Defensa, p. 11-37.

COLLANTES de TERÁN, Antonio (2014) – Sevilla en el sistema urbano de la Andalucía bajomedieval. *Edad Media. Revista de Historia*, Vol. 15, p. 79-96.

CORNELL, V. J. (1990) – Socioeconomic dimensions of reconquista and jihad in Morocco: portuguese Dukkala and the sa'idi Sus, 1450-1557. *International Journal of Middle East Studies*, 22-4, p. 379-418.

DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio (1991) – *Orto y ocaso de Sevilla*. Sevilla: Universidad de Sevilla [1946].

DEVÍS MÁRQUEZ, Fernando (1999) – *Mayorazgo y cambio político. Estudios sobre el mayorazgo de la Casa de Arcos al final de la Edad Media*. Cádiz: Universidad de Cádiz.

GAMBÍN GARCÍA, Mariano (2014) – Una ayuda inesperada. La decisiva intervención del duque de Medina Sidonia en la conquista de Tenerife y Melilla (1497-1497). *Revista de Historia de Canarias*, 196, p. 185-204.

GONZÁLEZ CRUZ, David (2012) – *Descubridores de América. Colón, los marinos y los puertos*, Madrid: Sílex.

GUTIÉRREZ CRUZ, Rafael (1993) – Melilla tras la conquista. Documentos para su estudio. *Revista Aldaba*, 21, p. 81-118.

LADERO QUESADA, Miguel Ángel (2015) – *Guzmán. La casa ducal de Medina Sidonia en Sevilla y su reino (1282-1521)*. Madrid: Dykinson.

LADERO QUESADA, Miguel Ángel (1998) – *Los señores de Andalucía. Investigaciones sobre nobles y señoríos en los siglos XIII a XV*. Cádiz: Universidad de Cádiz.

LADERO QUESADA, Miguel Ángel (2011) – Melilla en 1494: el primer proyecto de conquista. En Alberto MARCOS MARTÍN, ed. – *Hacer historia desde Simancas. Homenaje a José Luis Rodríguez de Diego*, Valladolid: Junta de Castilla y León, p. 445-466.

LOPES PAULO, E. C. (2016) – *Depois de vos*. Duke Jaime de Braganza in the Confidence of King Manuel I. *Tiempos Modernos*, 32/2, p. 35-50.

LOUREIRO SOTO, Jorge Luis (2015) – *Los conflictos por Ceuta y Melilla: 600 años de controversias*. Madrid: UNED [Tesis Doctoral].

OTTE, Enrique (1996) – *Sevilla y sus mercaderes a fines de la Edad Media*. Sevilla: Universidad de Sevilla y Fundación El Monte.

PALENCIA, Alonso de (2014) – *Guerra de Granada*. Granada: Universidad de Granada [edición facsímil de la de Madrid, 1909].

POLO, Monique (1986) – La vida cotidiana en Melilla en el siglo XVI. *Crítica*, 36, p. 6-31.

RODRÍGUEZ PÉREZ, Raimundo (2010) – *Un linaje aristocrático en la España de los Habsburgo: los marqueses de los Vélez (1477-1597)*. Murcia: Universidad de Murcia [Tesis Doctoral].

RODRÍGUEZ PUGET, Joaquín (1996) – Historia de Melilla a través de sus fortificaciones. *III Jornadas de Historia Militar: Melilla en la Historia Militar Española*. Madrid: Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional-Ministerio de Defensa, p. 105-152.

RODRÍGUEZ SALGADO, María José (1992) – *Un imperio en transición. Carlos V, Felipe II y su mundo*. Barcelona: Crítica.

RUIZ PILARES, Enrique José (2018) – Los archivos de la nobleza andaluza y su valor para el estudio de las fronteras marítimas medievales. El caso de Melilla y el Archivo Ducal de Medina Sidonia. *Vegueta. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia*, 18, p. 279-301.

RUMEU de ARMAS, Antonio (1976) – *Cádiz, metrópoli del comercio con África en los siglos XV y XVI*. Cádiz: Caja de Ahorros de Cádiz.

RUMEU de ARMAS, Antonio (1996) – *España en el África Atlántica*. Las Palmas de Gran Canaria: Ediciones del Cabildo Insular.

SALAS ALMELA, Luis (2002) – *Colaboración y conflicto. La capitania General del Mar Océano, 1588-1660*. Córdoba: Universidad de Córdoba.

SALAS ALMELA, Luis (2014) – Imperios cercanos. Portugal y Castilla en el reino de Fez: tensiones y mudanzas en una frontera colonial postergada. MARTÍNEZ SHAW, C. Y MARTÍNEZ TORRES, J.A. (coords.), *España y Portugal en el Mundo (1581-1668)*. Madrid: Polifemo.

SÁNCHEZ GONZÁLEZ, Antonio (2006) – *Medinaceli y Colón. El Puerto de Santa María como alternativa del viaje de descubrimiento*. El Puerto de Santa María: Ayuntamiento de El Puerto de Santa María.

SANCHO de SOPRANIS, Hipólito (1940) – La colonia portuguesa del Puerto de Santa María. Siglo XVI. Notas y documentos inéditos. *Publicaciones de la Sociedad de Estudios Históricos Jerezanos*, 1/serie 6, p. 1-30.

SANCHO de SOPRANIS, Hipólito (1951) – Charles de Valera. *Hispania*, 44, p. 413-540.

SANCHO de SOPRANIS, Hipólito (1953) – *Pedro de Estopiñán*. Madrid: CSIC.

SANCHO de SOPRANIS, Hipólito (1926) – *El Puerto de Santa María y en el Descubrimiento de América*, Cádiz.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis (1963) – La cuestión de derechos castellanos a la conquista de Canarias y el concilio de Basilea. *Anuario de Estudios Atlánticos*, 9, p. 11-21

VILLALBA GONZÁLEZ, M. (2008) – *Los alguaciles de Melilla*. Melilla: Fundación Melilla Ciudad Monumental.

CODOIN, VV.AA. (1860) – *Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España*. Madrid, Tomo 35.

NAS FRONTEIRAS ENTRE O MUNDO CRISTÃO E MUÇULMANO

O CONVENTO DA TRINDADE DE CEUTA

ON THE BORDERS BETWEEN THE CHRISTIAN AND MUSLIM WORLDS

THE TRINITY CONVENT OF CEUTA

EDITE MARTINS ALBERTO

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

O sitio deste Convento he o melhor da Cidade. Está junto a huma praça, aonde se fazem as festas publicas, sobre a qual tem huma grande janella conventual, em que os Religiosos se divertião.

Frei Jerónimo de São José, 1789, vol. I, p. 453

Friar Jerónimo de São José, 1789, vol. I, p. 453

PREÂMBULO

A Ordem da Santíssima Trindade, fundada por São João da Mata e São Félix de Valois com o objectivo de prestar assistência e resgatar os cativos cristãos em terras muçulmanas, instalou-se em Portugal no reinado de D. Sancho I. Favorecida pelos reis e nobres da corte, a Ordem fundou várias casas religiosas no território português, das quais os conventos de Santarém e de Lisboa se destacaram tanto pela antiguidade como pela dimensão. Aos religiosos trinitários competia o resgate e troca dos cativos, aprisionados em sequência dos conflitos bélicos que se desenvolviam nas terras muçulmanas do sul da Península Ibérica (Alberto, 1994).

Esta situação vai, a partir do século XV, sair da geografia peninsular para as terras do Norte de África. Agudizando-se com as conquistas das praças norte africanas, devido ao grande número de cativos para resgatar, presos em virtude da política de guerrilha que caracterizou a presença portuguesa neste território. Agindo próximo do poder real, os frades trinitários vão assumir uma importância relevante na sociedade portuguesa. A partir das suas pregações e peditórios, influenciavam os crentes a contribuir para os resgates a receber um conjunto de privilégios religiosos proporcionados por essas doações caritativas. Praticavam, deste modo, uma acção determinante de assistência contribuindo para a libertação dos cristãos presos e, simultaneamente, exerciam uma obra reconhecida pela Igreja como das mais meritórias no universo cristão.

PREAMBLE

The Order of the Most Holy Trinity, founded by Saint John of Matha and Saint Felix of Valois with the aim of providing assistance and redeeming Christian captives in Muslim lands, was established in Portugal during the reign of King Sancho I. Favoured by the kings and court nobles, the Order founded several religious houses in the Portuguese territory, among which the convents of Santarém and Lisbon stood out both for their antiquity and size. The Trinitarian friars were responsible for the ransom and exchange of the captives, imprisoned as a result of the military conflicts taking place in the Muslim lands of the south of the Iberian Peninsula (Alberto, 1994).

From the 15th century onwards, this situation will shift from the peninsular geography to the North African lands. The conquest of several North African strongholds resulted in a significant increase in the number of captives to be redeemed, who were arrested as a result of the guerrilla policy that characterized the Portuguese presence in these territories. Being close to the royal power, the Trinitarian friars became relevant elements of Portuguese society. Through their preachings and fund collection efforts, they persuaded believers to contribute to the ransoms and, simultaneously, to receive a number of religious privileges as a result of these charitable donations. In this way, they performed a decisive work of assistance and contributed to the liberation of imprisoned Christians and, at the same time, they carried out a work recognized by the Church as one of the most meritorious missions in the Christian world.

Durante o reinado de D. Afonso V, este monarca chama a si a organização dos resgates, alterando a ordem estabelecida nos reinados anteriores. Esta acção revestia-se de tal importância, social e económica, que passa a ser organizada directamente pelo monarca através do Tribunal da Redenção dos Cativos. Os frades trinitários, afastados da organização dos resgates, apelam junto do monarca e do papado pelos seus antigos direitos, instituídos desde a sua chegada a Portugal, no tempo de D. Sancho I. No entanto, só no reinado de D. Sebastião é que será restituída à Ordem da Santíssima Trindade a possibilidade de voltar a exercer o seu estatuto, apesar de desenvolvido de um modo diferente. A partir daqui os meios monetários passam a estar na dependência da Mesa da Consciência e Ordens, controlados pela Provedoria dos Cativos criada especificamente para esse fim (Alberto, 2010, p. 76-103).

Assim, a partir de 1561, é restituído o “espíritual da Redempção” à Ordem da Santíssima Trindade, ficando com o exercício de resgatar cativos cristãos e os seus provinciais responsáveis por organizar e dar parecer sobre tudo o que com esta actividade estivesse relacionado. Os padres trinitários seriam os únicos “redentores” a actuar em Portugal e seus domínios. Situação diferente da que ocorria nos outros reinos ibéricos, nos quais dividiam com os religiosos da Ordem de Nossa Senhora das Mercês a libertação dos cristãos (Alonso Romo, 2014, p. 360). As funções temporais, ou seja, a execução, a arrecadação das esmolas e tesouraria dos resgates ficavam nas mãos do rei e de seus ministros através da Mesa da Consciência e Ordens (São José, 1789, vol. I, p. 355, 437-439).

FREI JERÓNIMO DE SÃO JOSÉ, CRONISTA TRINITÁRIO

A crónica intitulada *História Chronologica da esclarecida Ordem da Santissima Trindade Redempção de Cativos da Provincia de Portugal* redigida por frei Jerónimo de São José, e publicada em 1789 (volume I) e 1794 (volume II), constitui a principal obra referente à história da Ordem da Santíssima Trindade em Portugal (figura 1). O autor, religioso trinitário, natural de Guimarães e desempenhando cargos elevados na hierarquia da Ordem – cronista, definidor, visitador geral apostólico – sintetiza os factos relevantes inerentes à sua presença em Portugal. A sua obra, dividida em dois volumes, encontra-se organizada cronologicamente, desde a fundação da Ordem em França até à data em que escreve, nos anos finais do século XVIII. Sequencialmente, o autor vai-nos apresentando a história da sua Ordem referindo as personalidades, religiosos e leigos, que se destacaram tanto pela acção caritativa e/ou intelectualmente, contribuindo para a fundação dos diversos conventos e engrandecimento da presença trinitária em território nacional.

A crónica sobressai por ser a mais completa que chegou até nós, redigida numa época em que os trinitários sentiam necessidade de publicitar os seus feitos perante

During the reign of King Afonso V, the Crown took over the organization of the ransoms, changing the previously established order. This matter was of such social and economic importance that it was organised directly by the monarch through the Tribunal da Redenção dos Cativos. The Trinitarian friars, excluded from the organization of the ransoms, appealed to the monarch and to the papacy in order to regain their old rights, instituted since their arrival in Portugal, in the days of King Sancho I. However, it was only during the reign of King Sebastião that the Order of the Most Holy Trinity would be restored to its former status, although in a different way. From this point onwards, the financial means were placed under the authority of the Mesa da Consciência e Ordens and controlled by the Provedoria dos Cativos, which was created for this specific purpose (Alberto, 2010, p. 76-103).

Thus, from 1561 onwards, the “espíritual da Redempção” was restored to the Order of the Most Holy Trinity, which took over the ransom of Christian captives, the Order's provincials being responsible for organizing and giving advice on everything that was related to this activity. The Trinitarian priests would be the only “redeemers” operating in Portugal and its domains. A different situation from that which occurred in the other Iberian kingdoms, where the Trinitarians shared the liberation of Christians with the friars of the Order of Our Lady of Mercy (Alonso Romo, 2014, p. 360). The temporal functions, i. e. the execution, the collection of alms and the ransom treasury were in the hands of the king and his ministers through the Mesa da Consciência e Ordens (São José, 1789, vol. I, p. 355, 437-439).

FRIAR JERÓNIMO DE SÃO JOSÉ, A TRINITARIAN CHRONICLER

The chronicle entitled *História Chronologica da esclarecida Ordem da Santissima Trindade Redempção de Cativos da Provincia de Portugal*, written by Friar Jerónimo de São José, and published in 1789 (Volume I) and 1794 (Volume II), is the main work on the history of the Order of the Most Holy Trinity in Portugal. The author, a Trinitarian religious, born in Guimarães and holding high positions in the hierarchy of the order (chronicler, definitor, apostolic visitor general), summarizes the relevant facts concerning the presence of the order in Portugal (figure 1). His work, divided into two volumes, is chronologically organized from the founding of the Order in France until the date of his writing in the late 18th century. The author presents the history of his Order sequentially, referring to the religious and laic personalities who stood out both through their charitable actions and/or in intellectual terms, contributing to the foundation of the various convents and the enhancement of the Trinitarian presence in Portuguese territory.

This chronicle stands out because it is the most complete one that reached our days, and it was written at



1. Crónica da Ordem da Santíssima Trindade da Província de Portugal. © São José, 1789, tomo 1, folha de rosto
Chronicle of the Order of the Most Holy Trinity of the Province of Portugal. © São José, 1789, tomo 1, title page

o monarca e instituições régias, mas principalmente pela meticulosidade e rigor na composição do texto. No fim de cada capítulo, frei Jerónimo de São José cita os livros ou documentos a que recorreu para a elaboração do que acabava de redigir. Menciona as obras de outros trinitários seus antecessores, escritores de referência, e livros do cartório da livraria do Convento da Trindade de Lisboa. A partir destas indicações podemos reconstituir a base documental e bibliográfica em que assentou o seu estudo e, simultaneamente, conhecer o acervo da livraria e cartório do convento.

Estas referências documentais e bibliográficas que o autor apresenta completas, referindo o volume e números de página, foram fundamentais para a identificação de alguns manuscritos, até agora anónimos no núcleo "Manuscritos da Livraria" do Arquivo Nacional Torre do Tombo. Na vasta documentação e bibliografia por ele utilizada, salientamos, a título de exemplo, os livros de receitas e despesas dos resgates gerais, as listas com a identificação dos cativos resgatados, os livros de óbitos dos religiosos trinitários e a transcrição de muitos documentos, nomeadamente traduções das cartas enviadas aos monarcas portugueses pelos

a time when the Trinitarians felt the need to publicize their achievements before the monarch and the royal institutions, but mainly for the meticulousness and accuracy in the composition of the text. At the end of each chapter, Friar Jerónimo de São José refers to the books or documents to which he had recourse for the elaboration of what he had just written. He mentions the works of other Trinitarians, his predecessors, reference authors and books from the registry of the library of the Convento da Trindade de Lisboa. On the basis of these indications, we can reconstruct the documentary and bibliographical basis on which his study was based and, simultaneously, get to know the collection of the convent's library and archive.

These complete documentary and bibliographical references, which include volume and page numbers, were fundamental for the identification of some previously anonymous manuscripts from the "Manuscritos da Livraria" section of the Arquivo Nacional Torre do Tombo. Among the vast documentation and bibliography used by the author, we would highlight, for example, the books of incomes and expenditures of the general ransoms, the lists with the identification of the redeemed captives, the obituary books of the Trinitarian friars and the transcription of many documents, namely translations of the letters sent to the Portuguese monarchs by the sultans of Morocco and the governors of Algiers. In the biographies of the religious men and women whom the author praises for their human and intellectual qualities, he mentions coeval reference works such as the *Biblioteca Lusitana* by Diogo Barbosa Machado, the *Monarquia Lusitana* by António Brandão, or the *Agiólogo Lusitano* by Jorge Cardozo.

As far as the chronicles written by other Trinitarian authors, his predecessors, are concerned he mainly refers to the works of Friar Bernardino de Santo António, Friar Simão de Brito and Friar Manuel de Santa Luzia (Silva, 1996).

Friar Bernardino de Santo António wrote the chronicle entitled *Segunda parte da Historia da Provincia de Portugal da Ordem da S.ma Trindade Redenção de Cattivos*, which deals with the lives and deaths of the "Redentores Geraes, que nella ouve, resgate de cattivos, e obras dignas de memoria [...] nelles, e em suas vidas fizeram". In this work, which we identified as codex n.º 1968 of the "Manuscritos da Livraria", Bernardino, who was a provincial of the Order twice, lists the biographical data of the friars who died between 1579 and 1632 in a volume divided into four books. The first refers only to Friar Roque do Espírito Santo; the second and third concern the biographies of about twenty Trinitarian friars and the fourth pertains to the friars martyred in Morocco, after the battle of Ksar el-Kebir (São José, 1794, vol. II, p. 195-197).

Friar Simão de Brito, preacher principal, definitor, chronicler, redeemer general of captives and consultant to the Bula da Santa Cruzada, wrote *Incremento*

sultões de Marrocos e governadores de Argel. Nas biografias dos religiosos e religiosas que enaltece pelo seu valor humano e intelectual, cita obras de referência, suas contemporâneas, como *Biblioteca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, *Monarquia Lusitana* de António Brandão, ou *Agiólogo Lusitano* de Jorge Cardozo.

No âmbito das crónicas escritas por autores trinitários seus antecessores, utiliza principalmente as obras de frei Bernardino de Santo António, de frei Simão de Brito e de frei Manuel de Santa Luzia (Silva, 1996).

Frei Bernardino de Santo António escreveu a crónica intitulada *Segunda parte da Historia da Provincia de Portugal da Ordem da S.^{ma} Trindade Redençam de Cativos, em a qual se trata das vidas, e mortes dos Redentores Geraes, que nella ouve, resgate de cattivos, e obras dignas de memoria [...] nelles, e em suas vidas fezerão*. Nesta obra, que identificámos como o códice n.º 1968 dos “Manuscritos da Livraria”, frei Bernardino, que foi provincial da Ordem por duas vezes, alinha dados biográficos dos frades falecidos entre 1579 e 1632, num volume dividido em quatro livros. No primeiro refere-se apenas a frei Roque do Espírito Santo; no segundo e terceiro regista as biografias de cerca de vinte frades trinitários e, no quarto, as dos frades mártires em Marrocos, após a batalha de Alcácer Quibir (São José, 1794, vol. II, p. 195-197).

Frei Simão de Brito, pregador geral, definidor, cronista, redentor geral de cativos e consultor da Bula da Santa Cruzada, escreveu *Incremento Trinitario e tratado chronologico da 3.^a e veneravel Ordem da Redempção de Cativos* Esta crónica, dedicada a Fernando Xavier de Miranda Henriques, cavaleiro da Ordem de Cristo, também se encontra no já citado fundo de “Manuscritos da Livraria”, com o número 2566, está dividida em três livros sequenciais: o primeiro, intitulado “Da redempção de Captivos, sua antiguidade e piedoso exercicio athe a instituição da Ordem da Santissima Trindade”, o segundo, “Das indulgencias, faculdades e privilegios concedidos a Ordem da S.^{ma} Trindade de que participão e podem gozar seus irmaos 3.^{os} e confrades” e o terceiro, “De como Nossa Senhora do Remedio e Redenção de Cativos é mãe e protectora da Ordem da S.^{ma} Trindade”. É neste último livro que trata das redensões dos cativos efectuadas até 1731, constituindo uma das principais fontes bibliográficas utilizadas por frei Jerónimo de São José para a historiografia dos resgates gerais. Frei Simão de Brito salienta-se ainda na historiografia da Ordem da Santissima Trindade pelos textos que deixou manuscritos na livraria do Convento de Lisboa, entre os quais destacamos a “Relação da jornada de Mequinez” (São José, 1794, vol. II, p. 417-418; Silva, 1862, vol. VII, p. 274).

Frei Manuel de Santa Luzia escreveu *Nobiliarquia Trinitaria: Catalogo de varões illustres em letras, virtudes e nascimento, filhos por profissão da Ordem da Santissima Trindade da provincia de Portugal*, amiudamente citado for frei Jerónimo de São José a propósito da biografia dos religiosos e personalidades illustres que se desta-

Trinitario e tratado chronologico da 3.^a e veneravel Ordem da Redempção de Cativos. This chronicle, dedicated to Fernando Xavier de Miranda Henriques, knight of the Ordem de Cristo, is also included in the aforementioned “Manuscritos da Livraria” collection, with the number 2566, and is divided into three sequential books: the first, entitled “Da redempção de Captivos, sua antiguidade e piedoso exercicio athe a instituição da Ordem da Santissima Trindade”, the second, “Das indulgencias, faculdades e privilegios concedidos a Ordem da Sma Trindade de que participão e podem gozar seus irmaos 3.^{os} e confrades” and the third, “De como Nossa Senhora do Remedio e Redenção de Cativos é mãe e protectora da Ordem da Sma Trindade”. This last book deals with the captives redeemed until 1731, and constitutes one of the main bibliographical sources used by Friar Jerónimo de São José for the historiography of the general ransoms. Friar Simão de Brito also stands out in the historiography of the Order of the Most Holy Trinity due to the manuscripts he left in the library of the Convento de Lisboa, among which we would highlight the “Relação da jornada de Mequinez” (São José, 1794, vol. II, p. 417-418; Silva, 1862, vol. VII, p. 274).

Friar Manuel de Santa Luzia wrote *Nobiliarquia Trinitaria: Catalogo de varões illustres em letras, virtudes e nascimento, filhos por profissão da Ordem da Santissima Trindade da provincia de Portugal*, often quoted for Friar Jerónimo de São José regarding the biography of the friars and other illustrious persons who have distinguished themselves in the service of the Order in Portugal. It is, in fact, through Friar Jerónimo that we can learn that, due to various hostilities, Friar Manuel de Santa Luzia was arrested by the Tribunal do Santo Ofício on May 31th, 1769, and convicted to exile at the Quinta do Meio in Belém, where he died. His works and manuscripts were confiscated, namely a chronicle of the Order, in three volumes, entitled *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade de Portugal*, in which he described, in the first two books, the foundation of the various convents and in the third book the ransoms organised by the Portuguese Trinitarians (São José, 1794, vol. II, p. 498-500).

RANSOMS AND RELIGIOUS SUPPORT FROM CEUTA

Redeeming, providing freedom to those who had fallen into captivity due to different vicissitudes, took a leading role in the mentality of Portuguese society. Indeed, geography and the increase of sea travels, particularly from the 15th century onwards, significantly aggravated the risk of becoming prisoners of the enemy; this was an imminent danger. Soon, graces and indulgences granted by the papacy would spiritually benefit those who contributed to such charitable deeds. The ransom operations exemplified on earth the action of God as the redeemer of all the believers through faith. The Trinitarian friars personified this action by liberating

caram na Ordem em Portugal. É, aliás, através de frei Jerónimo que ficamos a saber que, por hostilidades várias, frei Manuel de Santa Luzia, foi preso pelo Tribunal do Santo Ofício a 31 de Maio de 1769, tendo sido degredado para a Quinta do Meio em Belém, onde veio a falecer. As suas obras e manuscritos foram confiscados nomeadamente uma crónica da Ordem, em três tomos, com o título *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade de Portugal*, na qual expunha nos dois primeiros livros a fundação dos diversos conventos e no terceiro os resgates organizados pelos trinitários portugueses (São José, 1794, vol. II, p. 498-500)

RESGATES E APOIO RELIGIOSO A PARTIR DE CEUTA

Resgatar, proporcionar a liberdade a quem por vicissitudes várias caíra no cativeiro, assumia um papel preponderante na mentalidade da sociedade portuguesa, que pela geografia e pelo incremento das viagens marítimas, nomeadamente a partir do século XV, tornou o risco de ficar prisioneiro do inimigo num perigo iminente. Cedo, graças e indulgências conferidas pelo papado, vão beneficiar espiritualmente quem contribuisse para acto tão caritativo. A acção de resgate exemplificava na terra a acção de Deus como redentor de todos os fiéis pela fé. Os frades trinitários personificavam essa acção dando liberdade aos cativos cristãos prisioneiros em territórios muçulmanos e, simultaneamente, evitando a apostasia e a conversão ao islamismo (Alberto, 2010, p. 37-39).

O exercício da redenção, interrompido em 1460 por D. Afonso V, anos em que os resgates estiveram na mão do rei, é reconstituído no âmbito das reformas religiosas do reinado de D. João III (São José, 1789, vol. I, p. 356-365). Altura em o padre frei Salvador de Melo, da Ordem de Cristo, nomeado para reformar da Ordem da Santíssima Trindade, envia os padres trinitários frei Roque do Espírito Santo e frei André Fogaça a Argel, onde resgataram cerca de trezentos portugueses que aí estavam cativos. Foi este resgate que terá influenciado D. Catarina, então regente por morte de D. João III, a repensar a acção dos trinitários e a enviar os mesmos padres redentores, três anos depois, novamente a Argel para novo resgate, onde libertaram "copioso numero" de cativos (São José, 1789, vol. I, p. 437-439).

Fruto do sucesso destas redensões, D. Catarina, agora como regente em nome de D. Sebastião, restituiu à Ordem da Santíssima Trindade a organização dos resgates. O contrato celebrado com a Ordem, datado de 16 de Maio de 1561, foi, posteriormente, confirmado pela bula do Papa Pio V *Quia Libenter* (São José, 1789, vol. I, p. 440-445).

Depois de noventa e sete anos, pelo tempo de vida de quatro monarcas, sem poder organizar qualquer resgate, os padres trinitários vêm restituído o seu

the captive Christian imprisoned in Muslim territories while at the same time preventing apostasy and conversion to Islam (Alberto, 2010, p. 37-39).

The practice of redeeming, interrupted in 1460 by King Afonso V and kept in the hands of the king for years, was reconstituted in the scope of the religious reforms carried out during the reign of King John III (São José, 1789, vol. I, p. 356-365), a time when Friar Salvador de Melo, of the Order of Christ, appointed to reform the Order of the Most Holy Trinity, sent the Trinitarian priests Friar Roque do Espírito Santo and Friar André Fogaça to Algiers, where they redeemed some 300 Portuguese who were imprisoned there. It was probably this ransom that influenced Dona Catarina, the regent, following the death of King João III, to rethink the action of the Trinitarians and to send the same redeemers, three years later, again to Algiers for another ransom, where they freed "copioso numero" of captives (São José, 1789, vol. I, p. 437-439).

As a result of the success of these ransoms, Dona Catarina, still the regent, only in the name of King Sebastião, restored the Order of the Most Holy Trinity to the organization of the ransoms. The contract signed with the Order, dated May 16th 1561, was later confirmed by Pope Pius V *Quia Libenter bull* (São José, 1789, vol. I, p. 440-445).

After ninety-seven years, spanning the life of four monarchs, without being able to organize any ransoms, the Trinitarian priests saw their mission reinstated. In 1565, Friar Roque do Espírito Santo, now in the company of Friar Manuel Nunes de Santa Maria, redeemed 230 captives in Fez and Tétouan. Beside the captives, they carried back a letter by which the Sharif of Fez asked Friar Roque to send him a number of goods, namely "pano roxo de Segóvia, e dez peças de rebostins da Índia muito finos, que sejam muitas varas, e assim mais huma mesa de madre-perola esmaltada e guarnecida" (São José, 1789, vol. I, p. 379 and 445-448). Three years later, the same priests returned to Fez, taking the requested goods and redeeming 496 captives, 296 of which from Ceuta (São José, 1789, vol. I, p. 448-450). By this time, Friar Roque do Espírito Santo became the confessor of King Sebastião, and, in this privileged position, with his deep knowledge of the North African Muslim reality, spoke to the monarch about the need for a convent in Ceuta to support the redemptions. The frequency and success of the ransoms led "a necessidade que a Religião tinha de ter alguma residência segura nos lugares de Africa, para dahi com mais cómodo se poder acodir com prompto remedio aos cativos" (São José 1789, vol. I, p. 380).

In order to organize the ransoms, the friars embarked to Ceuta with their goods and money (figure 2). Once there, they carried out some necessary procedures to enter the so-called kingdom of Fez, as they could not proceed directly to Tétouan. The authorization of the *capitão-geral* of Ceuta was required to leave

instituto. Em 1565, frei Roque do Espírito Santo, agora em companhia de frei Manuel Nunes de Santa Maria, resgatam 230 cativos em Fez e Tetuão. Juntamente com os cativos foram portadores de uma carta pela qual o xarife de Fez pedia a frei Roque que lhe enviasse um conjunto de bens nomeadamente "pano roxo de Segóvia, e dez peças de rebostins da Índia muito finos, que sejam muitas varas, e assim mais huma mesa de madre-perola esmaltada e guarnecida" (São José, 1789, vol. I, p. 379 e 445-448). Três anos mais tarde, voltam os mesmos padres, a Fez, levando os bens solicitados, e resgatando 496 cativos, sendo 296 a partir de Ceuta (São José, 1789, vol. I, p. 448-450). Por esta altura frei Roque do Espírito Santo é constituído confessor de D. Sebastião, e nesta posição privilegiada, muito conhecedor da realidade muçulmana norte africana, falou ao monarca na necessidade de um convento em Ceuta para apoio aos resgates. A sua frequência e sucesso levava "a necessidade que a Religião tinha de ter alguma residência segura nos lugares de Africa, para dahi com mais cómodo se poder acodir com prompto remedio aos cativos" (São José, 1789, vol. I, p. 380).

Para a organização dos resgates, os religiosos embarcavam para Ceuta com as suas mercadorias e dinheiro. Nesta praça realizavam alguns trâmites necessários para entrar no denominado reino de Fez, pois não podiam prosseguir directamente para Tetuão (figura 2). Era necessária autorização do capitão-geral de Ceuta para sair da praça e entrar em campo hostil e imprescindível, a solicitação de passaporte ou seguro através do governador de Tetuão, sem o qual os padres redentores seriam também tomados como prisioneiros.

Um convento em Ceuta facilitaria a organização dos resgates por ser um ponto de fixação da Ordem e por passar a ser um local onde se podiam reunir os cativos, e mesmo tratar as doenças de alguns, enquanto esperavam o embarque para Lisboa. Foram muitos os resgates verificados através de Ceuta

ciudad que, por su proximidade a Tetuán, se prestaba a ser el enlace entre los redentores y los amos de los esclavos. Tetuán fue, en los siglos XVI y XVII, el principal mercado, en el Mediterraneo occidental, para realizar esas transacciones y Ceuta la base desde donde partian los religiosos encargados de tan caritativa misión. (Gozalbes Busto, 1994, p. 90)

No resgate de 1557, o primeiro após a devolução da sua organização à Ordem da Santíssima Trindade, frei Roque do Espírito Santo e frei André Fogaça aguardaram em Ceuta a chegada do passaporte ou salvo-conduto do governador de Argel (Santa Luzia, 1776, p. 74). A possibilidade de se fixar em Ceuta, era assim fundamental na preparação dos resgates de cativos no Norte de África, e por outro lado permitia à Ordem da Santíssima Trindade reforçar a sua posição no universo religioso português.

the stronghold and enter a hostile. Moreover, it was absolutely necessary to obtain a passport or safe conduct through the governor of Tétouan, without which the redeemers would also be taken as prisoners.

A convent in Ceuta would facilitate the organization of ransoms, as this would be a permanent base of the Order and a place where the captives could be gathered, and their illnesses treated, while they were waiting for the departure to Lisbon. Many ransoms were carried out from Ceuta

a city that, because of its proximity to Tétouan, was adequate to serve as the link between the redeemers and the slaves' masters. In the 16th and 17th centuries, Tétouan was the main western Mediterranean market for these transactions and Ceuta was the base from which the friars in charge of such a charitable mission started. (Gozalbes Busto, 1994, p. 90)

In the 1557 ransom, the first after the return of the organization of redemptions to the Order of the Most Holy Trinity, Friar Roque do Espírito Santo and Friar André Fogaça waited in Ceuta for the arrival of the Governor of Algiers' passport or safe conduct (Santa Luzia, 1776, p. 74). The possibility of settling in Ceuta was thus fundamental in the preparation of the ransoms of captives in North Africa. On the other hand, it also allowed the Order of the Most Holy Trinity to strengthen its position in the Portuguese religious universe.

THE CONVENT OF SÃO TIAGO

No mais aprazível sitio, pois, desta célebre Cidade [Ceuta], junto à sua praça principal, edificou o ínclito Rei o Senhor D. João I no anno de 1416 este Convento, com o titulo do Apostolo Sant-lago, Patrono das Hespanhas, correndo sempre a sua fabrica por conta da Real Fazenda. Foi primeiramente habitado pelos Religiosos de S. Francisco da Observancia, e Provincia do Algarve, os quaes pelo espaço de 152 annos que o possuirão, fizeram nelle muito serviço a Deos, e viverão com muita religiosidade. (São José, 1789, vol. I, p. 451)

The Franciscans settled in Ceuta in the ancient Islamic madrasa, founding a convent under the devotion of the Apostle Saint James. In 1568, King Sebastião, aware of the advantage of the Trinitarian friars residing in African lands "para melhor cómodo dos resgates dos cativos e de os animarem no soffrimento" (São José, 1789, vol. I, p. 451), decided, with the permission of the Apostolic See, to send the friars of the Ordem de São Francisco da Observância from Ceuta and Tangiers back to Portugal, and deliver their convents to the Trinitarians (figure 3). The two religious houses were handed over to Friar Paulo Cabral, by then the Provincial of the Order of the Most Holy Trinity, and to the redeemer Friar Roque do Espírito Santo "para viverem em cada hum doze

O CONVENTO DE SÃO TIAGO

No mais aprazível sitio, pois, desta célebre Cidade [Ceuta], junto à sua praça principal, edificou o ínclito Rei o Senhor D. João I no anno de 1416 este Convento, com o titulo do Apostolo Sant-Iago, Patrono das Hespanhas, correndo sempre a sua fabrica por conta da Real Fazenda. Foi primeiramente habitado pelos Religiosos de S. Francisco da Observancia, e Provincia do Algarve, os quaes pelo espaço de 152 annos que o possuirão, fizeram nelle muito serviço a Deos, e viverão com muita religiosidade. (São José, 1789, vol. I, p. 451)

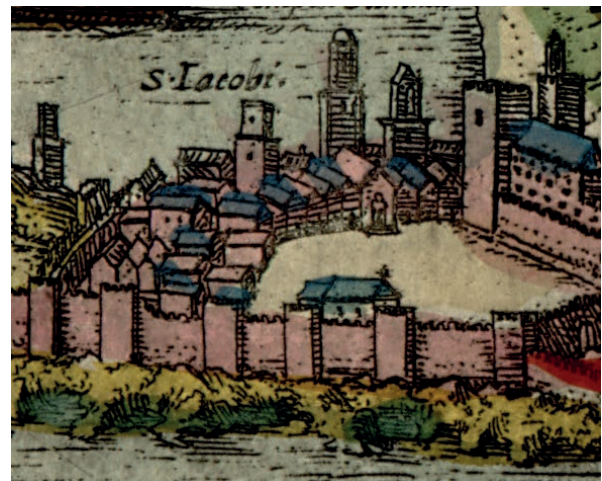
Os franciscanos estabeleceram-se em Ceuta na antiga madraça islâmica, fundando um convento sob devoção do apóstolo São Tiago. D. Sebastião, em 1568, ciente da vantagem de os religiosos trinitários residirem nas terras africanas “para melhor cómodo dos resgates dos cativos e de os animarem no soffrimento” (São José, 1789, vol. I, p. 451) determinou, com licença da Sé Apostólica, fazer sair de Ceuta e também de Tanger para o reino, os religiosos da Ordem de São Francisco da Observância e os seus conventos passarem para os trinitários (figura 3). As duas casas religiosas foram entregues ao Provincial da Ordem da Santíssima Trindade que então era o padre frei Paulo Cabral e ao padre redentor frei Roque do Espírito Santo “para viverem em cada hum doze religiosos” (São José, 1789, vol. I, p. 452). Ficaram muito reconhecidos e agradecidos aos padres da Observância pois, segundo o cronista, viviam descontentes naquelas praças norte africanas.

Nesse mesmo ano, de 1568, a 20 e 27 de Novembro, respectivamente, são emitidas provisões régias para o Senado e para o governador de Ceuta, informando da decisão de passar as casas religiosas de Ceuta e de Tanger, para a Ordem da Santíssima Trindade.

Aos Juizes e Vereadores de Ceuta. Eu ElRei vos envio muito saudar. Pelo muito que cumpria ao negocio do resgate dos cativos, em que os Padres da Ordem da Santissima Trindade entendem, e tem a cargo, por ser próprio da sua Ordem, encomendei ao Padre Commissario, e Padres da Ordem de S. Francisco da Observancia quisessem largar aos ditos Padres as casas que tem nessa Cidade, e na de Tangere, para dahi mais commodamente se empregarem nessa obra de tanto serviço de Deos Nosso Senhor, o que elles por esse respeito fôlgarão de fazer. E o Ministro Provincial envia huma obediência ao Padre Guardião do Mosteiro dessa Cidade, para entregar o dito Mosteiro aos Padres da Trindade, que o seu Provincial enviar. Pelo que vos encomendo muito que os ajaes por muito encomendados, e que em tudo o que tocar assim á entrega da dita casa, como á sua consolação, folgueis de os favorecer, o que vós muito agradecerei. Escrita em Lisboa aos 20 de Novembro de 1568. Rei. (São José, 1789, vol. I, p. 452)



2. Ceuta. © Georg Braun; Frans Hogenberg (1572) - *Civitates Orbis Terrarum. Coloniae*: apud Petrum à Brachel, vol. 1, 56 (Library of Congress <https://lcn.loc.gov/2008627031>)
Ceuta. © Georg Braun; Frans Hogenberg (1572) - *Civitates Orbis Terrarum. Coloniae*: apud Petrum à Brachel, vol. 1, 56 (Library of Congress <https://lcn.loc.gov/2008627031>)



3. Convento de São Tiago de Ceuta. © Georg Braun; Frans Hogenberg (1572) – *Civitates Orbis Terrarum. Coloniae*: apud Petrum à Brachel, vol. 1, 56 (pormenor) (Library of Congress <https://lcn.loc.gov/2008627031>)
Convent of São Tiago of Ceuta. © Georg Braun; Frans Hogenberg (1572) – *Civitates Orbis Terrarum. Coloniae*: apud Petrum à Brachel, vol. 1, 56 (detail) (Library of Congress <https://lcn.loc.gov/2008627031>)

religiosos" (São José, 1789, vol. I, p. 452). They were very grateful to the *Observância* friars because, according to the chronicler, they quite unhappy to live in those North African strongholds.

That same year, 1568, on November 20th and 27th, respectively, royal provisions were issued to the Senate and the Governor of Ceuta, informing of the decision of transferring the religious houses of Ceuta and Tangiers to the Order of the Most Holy Trinity.

Aos Juizes e Vereadores de Ceuta. Eu ElRei vos envio muito saudar. Pelo muito que cumpria ao negocio do resgate dos cativos, em que os Padres da Ordem da Santissima Trindade entendem, e tem a cargo, por ser próprio da sua Ordem, encomendei ao Padre

Eu ElRei faço saber a vós Capitão, Contador, e mais Officiaes da Cidade de Ceuta, que eu houve por serviço de Nosso Senhor, que a casa, e Mosteiro de Sant-Iago dessa Cidade, que até agora foi da Ordem de S. Francisco, ficasse, e fosse daqui em diante dos Ministros, e Padres da Ordem da Santissima Trindade, por estarem, e terem casa na dita Cidade, e dalli poderem melhor fazer os resgates de cativos, e cumprir nisso com a obrigação da sua Ordem, e profissão. Pelo que hei por bem que os ditos Ministros, e Padres da dita Ordem da Trindade hajão, e tenham em cada hum anno o soldo, e razão, e qualquer outra ordinaria, e esmola, que até agora houveram, e tinham nessa Cidade os ditos Padres de S. Francisco por minhas Provisões, desde o dia que forem entregues, e em posse da dita casa em diante, &. Domingos de Seixas a fez em Lisboa a 27 de Novembro de 1568. Gaspar Rabello a fez escrever. Rei. (São José, 1789, vol. I, p. 452)

Fruto destas provisões, os trinitários tomam posse do convento, a 7 de Janeiro de 1569, ficando como presidente o padre frei Manoel Nunes de Santa Maria, posteriormente eleito ministro, e levando como súbditos os padres frei Jorge de Barros e frei Dionísio. O convento foi-se provendo de mais religiosos, até ao número destinado. Ficou neste convento anexo ao lugar de prelado o título de Redentor, pela obrigação que tinham e com tanto empenho recomendada por frei Roque do Espírito Santo. Pela Bula *Pastoralis Officii*, o papa Gregório XIII, em 1574, confirmou a cedência dos conventos aos trinitários, conferindo privilégios especiais aos frades que neles estivessem. Por esta bula

todos os Religiosos Redemptores, pertencentes a esta Religião, e commummente a este Convento [Ceuta], aonde residião, passando ás terras da Barberia, podessem primeiramente levantar Altar portatil, celebrar antes da aurora, absolver aos cativos de todos os peccados, delictos, e crimes, por mais enormes que fossem, ainda reservados á Sé Apostolica pela Bulla da Cèa, heresia formal, relapso, e da desertação da Fé Catholica; e juntamente comunicar-lhes Indulgencia Plenaria todas as vezes que se confessassem, e commungassem; e todas quantas Indulgencias são concedidas pela Igreja. (São José, 1789, vol. I, p. 455)

Os padres trinitários “não só cuidavão nas Redempções, mas evangelizavão o povo, santificavão-no pelos Sacramentos, ensinavão-lhe a doutrina, e finalmente com o Latim lhe desterravão as trevas da ignorância, que predominavam o seu entendimento”. Com esta preocupação didáctica, ensinaram os religiosos e doutrinaram muitos catecúmenos “tanto mouros como judeus”, e se formaram muitos estudantes e outros se tornaram religiosos (São José, 1789, vol. I, p. 453).

Comissario, e Padres da Ordem de S. Francisco da Observancia quisessem largar aos ditos Padres as casas que tem nessa Cidade, e na de Tangere, para dahi mais commodamente se empregarem nessa obra de tanto serviço de Deos Nosso Senhor, o que elles por esse respeito fólgarão de fazer. E o Ministro Provincial envia huma obediência ao Padre Guardião do Mosteiro dessa Cidade, para entregar o dito Mosteiro aos Padres da Trindade, que o seu Provincial enviar. Pelo que vos encomendo muito que os ajaes por muito encomendados, e que em tudo o que tocar assim á entrega da dita casa, como á sua consolação, folgueis de os favorecer, o que vós muito agradecerei. Escrita em Lisboa aos 20 de Novembro de 1568. Rei. (São José, 1789, vol. I, p. 452)

Eu ElRei faço saber a vós Capitão, Contador, e mais Officiaes da Cidade de Ceuta, que eu houve por serviço de Nosso Senhor, que a casa, e Mosteiro de Sant-Iago dessa Cidade, que até agora foi da Ordem de S. Francisco, ficasse, e fosse daqui em diante dos Ministros, e Padres da Ordem da Santissima Trindade, por estarem, e terem casa na dita Cidade, e dalli poderem melhor fazer os resgates de cativos, e cumprir nisso com a obrigação da sua Ordem, e profissão. Pelo que hei por bem que os ditos Ministros, e Padres da dita Ordem da Trindade hajão, e tenham em cada hum anno o soldo, e razão, e qualquer outra ordinaria, e esmola, que até agora houveram, e tinham nessa Cidade os ditos Padres de S. Francisco por minhas Provisões, desde o dia que forem entregues, e em posse da dita casa em diante, &. Domingos de Seixas a fez em Lisboa a 27 de Novembro de 1568. Gaspar Rabello a fez escrever. Rei. (São José, 1789, vol. I, p. 452)

As a result of these royal provisons, of these provisions, the Trinitarians took possession of the convent on January 7th, 1569, with Friar Manoel Nunes de Santa Maria (who would later on be elected minister) as president and with Friar Jorge de Barros and Friar Dionisio as subjects. The convent subsequently received more brothers, up to the appointed number. The title of Redeemer remained attached to the Prelate's position in this convent, because of their obligations and which was recommended with so much commitment by Friar Roque do Espírito Santo. Through the *Pastoralis Officii* Bull, Pope Gregory XIII confirmed, in 1574, the transfer of the convents to the Trinitarians, conferring special privileges to the friars who were part of them. According to this bull,

todos os Religiosos Redemptores, pertencentes a esta Religião, e commummente a este Convento [Ceuta], aonde residião, passando ás terras da Barberia, podessem primeiramente levantar Altar portatil, celebrar antes da aurora, absolver aos cativos de todos os peccados, delictos, e crimes, por mais enormes que fossem, ainda reservados á Sé Apostolica pela Bulla da Cèa, heresia formal, relapso,

O CONVENTO TRINITÁRIO DE CEUTA

Actuando como porta para entrada nas terras muçulmanas, o Convento da Santíssima Trindade de Ceuta, constituiu o lugar de passagem tanto de padres redentores como dos cativos libertados nas viagens de e para o reino de Portugal. No resgate de 1570, os redentores frei Roque do Espírito Santo e frei Inácio Tavares, chegados a Ceuta, solicitaram a carta de seguro ou passaporte para se poderem deslocar a Marrocos. O passaporte do xarife Abdallah el-Ghalib segue a tipologia dos passados nesta época. Traduzido na crónica *Historia Chronologica da esclarecida Ordem da S.^{ma} Trindade* refere o seguinte:

Esta nossa carta he para os Alfaqueques, Fr. Roque, e Fr. Ignacio, e seus quatro criados. Gostarão deste nosso seguro, como de hum ahoa mui saborosa, e mui clara. Tomarão mui grande parte da sombra de seu amparo, E assim lhes dou licença para entenderem em o negocio, a que vem de resgatar cativos em todos os nossos Reinos; e para que os busquem em qualquer parte da nossa terra, aonde estiverem. Por livre de inconvenientes e erros, e faltas que outros tiverem feito, não serão eles detidos, nem impedidos. E lhes damos licença para poderem hir de hum lugar a outro em todos nossos Reinos, e que possam em qualquer Cidade nossa, aonde eles quiserem hir, acompanhados, e favorecidos em todos seus negocios, como he razão tratar a pessoas semelhantes; e serão tratados com bons tratamentos, e acatamentos em todos os negocios que tratarem, sem que nenhum lhes possa contradizer este nosso seguro; e cada vez que quiserem, poderão voltar a suas terras seguramente. Feita em Marrocos, mediado o terceiro quarto da Lua de Junho de 948. Mulley Abdalá Xarife Hasen. (São José, 1789, vol. I, p. 531)

Neste resgate, frei Roque do Espírito Santo e frei Inácio Tavares, libertaram 200 cativos que se recolheram em Ceuta para descansarem no convento até terem embarcação segura para navegarem para Lisboa, onde chegaram em 1571 (São José, 1789, vol. I, p. 533).

O Convento de Ceuta veio a facilitar a organização dos resgates por ser um ponto de fixação da Ordem e por passar a ser um local onde se podiam reunir os cativos e mesmo tratar as doenças de alguns, enquanto esperavam o embarque para Lisboa. Este espaço serviu também para receber os que tratavam das libertações de muçulmanos cativos pelos portugueses. Em 1633, "los caballeros moros que quedaron en Ceuta de rehenes mientras se hizo la redención en Tetuán, se hospedaron en casa de los Padres Trinitarios" (Gozalbes Busto, 1994, p. 98 citando o manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid, nº 3819, fl. 45).

Ao edifício do convento juntou-se outro que estava imediato, pertencente aos religiosos da Ordem de São Domingos, dedicado ao Espírito Santo. Os religiosos dominicanos abandonam este espaço por troca com convento trinitário de Tânger.

e da desertação da Fé Catholica; e juntamente comunicar-lhes Indulgencia Plenaria todas as vezes que se confessassem, e commungassem; e todas quantas Indulgencias são concedidas pela Igreja. (São José, 1789, vol. I, p. 455)

The Trinitarian priests "não só cuidavam nas Redempções, mas evangelizavam o povo, santificavam-no pelos Sacramentos, ensinavam-lhe a doutrina, e finalmente com o Latim lhe desterravam as trevas da ignorância, que predominavam o seu entendimento". With this concern for teaching, they taught the religious, indoctrinated many catechumens "tanto mouros como judeus"; many students trained and others became religious (São José, 1789, vol. I, p. 453).

THE TRINITY CONVENT OF CEUTA

Serving as a gateway into Muslim lands, the Convent of the Most Holy Trinity of Ceuta was the place of passage for both the redeemer priests and the liberated captives on their journeys to and from the kingdom of Portugal. In the 1570 ransom, the redeemers Friar Roque do Espírito Santo and Friar Inácio Tavares, upon arriving in Ceuta requested a letter of safe conduct or passport, in order to travel to Morocco. Sharif Abdallah el-Ghalib's passport follows the typology of the coeval safe conducts. Translated in the chronicle *Historia Chronologica da esclarecida Ordem da SS. Trindade*, it states the following:

Esta nossa carta he para os Alfaqueques, Fr. Roque, e Fr. Ignacio, e seus quatro criados. Gostarão deste nosso seguro, como de hum ahoa mui saborosa, e mui clara. Tomarão mui grande parte da sombra de seu amparo, E assim lhes dou licença para entenderem em o negocio, a que vem de resgatar cativos em todos os nossos Reinos; e para que os busquem em qualquer parte da nossa terra, aonde estiverem. Por livre de inconvenientes e erros, e faltas que outros tiverem feito, não serão eles detidos, nem impedidos. E lhes damos licença para poderem hir de hum lugar a outro em todos nossos Reinos, e que possam em qualquer Cidade nossa, aonde eles quiserem hir, acompanhados, e favorecidos em todos seus negocios, como he razão tratar a pessoas semelhantes; e serão tratados com bons tratamentos, e acatamentos em todos os negocios que tratarem, sem que nenhum lhes possa contradizer este nosso seguro; e cada vez que quiserem, poderão voltar a suas terras seguramente. Feita em Marrocos, mediado o terceiro quarto da Lua de Junho de 948. Mulley Abdalá Xarife Hasen. (São José, 1789, vol. I, p. 531)

In this ransom, Friar Roque do Espírito Santo and Friar Inácio Tavares freed 200 captives who gathered in Ceuta to rest in the convent until they had a safe vessel to sail to Lisbon, where they arrived in 1571 (São José, 1789, vol. I, p. 533).

O Convento Tânger, da evocação de Santo António, passara também da posse dos franciscanos para os trinitários em 1568. Tal como na praça de Ceuta, D. Sebastião doara a casa religiosa de Tanger "para estarem e terem casa na dita cidade, e dahi poderem melhor fazer os resgates dos cativos, e cumprir nisso com a obrigação da sua Ordem e profissão" (São José, 1789, vol. I, p. 554-555). Do rei dependia o sustento dos religiosos trinitários tal como o fazia com os franciscanos, com

18 moios de trigo do Alem-Tejo, ou anafil de Castella em cada hum anno, 8 botas de vinho de 30 almudes, pipa e meia de azeite, e outro tanto de vinagre, e 150\$000 em dinheiro, e a cada Padre 4\$000 de viatico quando fazião viagem. O mesmo tinham os Padres de Ceuta, ainda que ás vezes mal pago. (São José, 1789, vol. I, p. 554)

Apesar de, por este convento, se terem realizado muitos resgates, a situação geográfica da cidade não permitia tanto contacto com os muçulmanos como Ceuta. Frei Roque do Espírito Santo, agora como provincial da Ordem da Santíssima Trindade, depois de 6 anos na posse dos trinitários, defendeu junto do rei que seria melhor realizarem-se todos os resgates por Ceuta "e que se podia evitar o gasto da fazenda real, na ordinaria que costumava dar" (São José, 1789, vol. I, p. 554). Além disso tinha notícia que os padres de São Domingos que residiam no Convento do Espírito Santo de Ceuta, desejavam viver em Tânger, por isso pedia ao rei para que se trocassem os conventos "para ficar o de S. Tiago com mais largueza" (São José, 1789, vol. I, p. 555). Aceite a permuta, o rei escreve ao capitão-geral Rodrigo de Sousa de Carvalho a informar da troca e para que este providenciasse "embarcação para tudo o que for necessario em os navios da Armada, que estão, e servem no Estreito" (São José, 1789, vol. I, p. 556).

Trocaram-se os edifícios conventuais, passando o do Espírito Santo para o domínio da Trindade, alargando-se o de São Tiago. Ficou a sua igreja como anexa, e nela diziam sempre uma missa quotidiana "e no dia depois dos Finados, todos os Religiosos hião celebrar pelos defuntos, que se achavão sepultados naquela Igreja". Os restantes terrenos aforaram a várias pessoas, para acrescentamento do património do convento (São José, 1789, vol. I, p. 554).

Situado na Praça de África em torno da qual decorria toda a vida da cidade de Ceuta, o convento dos trinitários, dividia o espaço com o Palácio do Governador, a igreja de Nossa Senhora de África e com a catedral, onde os padres trinitários pregavam em presença do bispo por serem considerados excelentes oradores (São José, 1789, vol. I, p. 454) (figura 4).

Frei Jerónimo de São José descreve pormenorizada-mente a igreja e dependências conventuais, permitindo uma reconstituição do que seriam estes espaços:

The Convent of Ceuta facilitated the organization of the ransoms by providing a stable base for the Order and by becoming a place where the captives could be gathered and their diseases treated, while they waited for their departure to Lisbon. This space also served to receive those who dealt with the liberation of captive Muslims imprisoned by the Portuguese. In 1633, "the Moorish gentlemen who stayed in Ceuta as hostages while the ransom was carried out at Tétouan were hosted at the house of the Trinitarian friars" (Gozalbes Busto, 1994, p. 98 quoting a manuscript from the Biblioteca Nacional de Madrid, n.º 3819, fl. 45).

The convent's facilities eventually extended into the contiguous building, belonging to the friars from the Order of Saint Dominic and dedicated to the Holy Spirit. The Dominican friars exchanged this space in exchange for the Trinity Convent of Tangiers.

The Tangiers convent, dedicated to Saint Anthony, had also been transferred from the Franciscans to the Trinitarians in 1568. As in the stronghold of Ceuta, King Sebastião donated the Tangiers religious house "para estarem e terem casa na dita cidade, e dahi poderem melhor fazer os resgates dos cativos, e cumprir nisso com a obrigação da sua Ordem e profissão" (São José, 1789, vol. I, p. 554-555). The sustenance of the Trinitarian friars depended on the king. The Trinitarians, just like the Franciscan, were entitled to

18 moios de trigo do Alem-Tejo, ou anafil de Castella em cada hum anno, 8 botas de vinho de 30 almudes, pipa e meia de azeite, e outro tanto de vinagre, e 150\$000 em dinheiro, e a cada Padre 4\$000 de viatico quando fazião viagem. O mesmo tinham os Padres de Ceuta, ainda que ás vezes mal pago. (São José, 1789, vol. I, p. 554)

Despite the fact that many ransoms were carried out through this convent, the geographical situation of the city did not allow as much contact with the Muslims as Ceuta. Friar Roque do Espírito Santo, by now the provincial of the Order of the Most Holy Trinity, after six years in the possession of the Trinitarians, argued with the king that it would be better to carry out all the ransoms through Ceuta "e que se podia evitar o gasto da fazenda real, na ordinaria que costumava dar" (São José, 1789, vol. I, p. 554). He also had news that the friars of Saint Dominic who lived in the Convent of the Holy Spirit of Ceuta wished to live in Tangiers, so he asked the king to exchange the convents "para ficar o de S. Tiago com mais largueza" (São José, 1789, vol. I, p. 555). Accepting the swap, the king wrote to the *capitão-geral* Rodrigo de Sousa de Carvalho to inform him of the exchange and so that he would provide "embarcação para tudo o que for necessario em os navios da Armada, que estão, e servem no Estreito" (São José, 1789, vol. I, p. 556).

The conventual buildings were thus exchanged, the Holy Spirit convent was transferred to the Trinitarians

A sua Igreja he suficiente, e muito proporcionada, tanto no comprimento, e largura, como na altura: consta de hum só nave, com a Capella Mór, e dous Altares collateraes. O da Capella Mór he dedicado á Santissima Trindade, assim como os mais da Ordem, em que está collocado o sagrado deposito do Santissimo com a Imagem de N. Senhora dos Remedios, e de huma parte a de S. João Baptista, e da outra a de S. Nicoláo Bispo. Os collateraes são, hum de Santa Barbara, e o outro de Santa Luzia, cuja Imagem resgatou de Argel o V. Redemptor Fr. Roque, no anno de 1557. O tecto he forrado de madeira de bordo, e na mesma Igreja, ainda que com alguma separação se acha hum nobre Capella do seu orago, e Padroeiro Sant-Iago, para onde se entra por hum grande pateo, todo lageado, e com sua sisterna, cuja Capella dominão os Cavalleiros da Praça, congregados em Confraria, e celebrão no seu dia com notavel applauso, e grandeza, a sua festa.

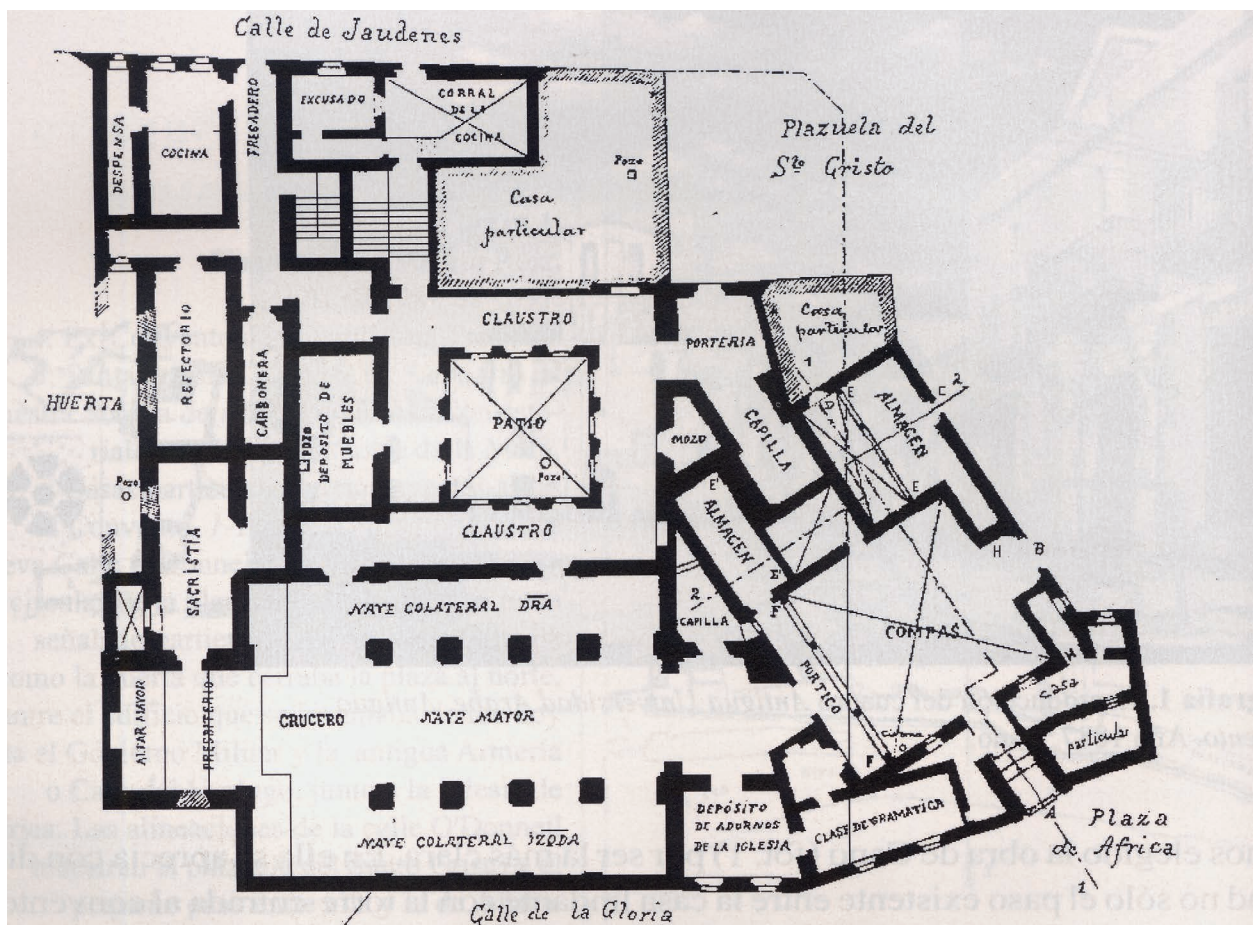
O edificio do Mosteiro era antigo, com oficinas pequenas, o Claustro era de tres arcos de alvenaria, por cada lanço, e no meio algumas arvores de espinho. Em hum dos lanços se enterravão os Religiosos, que no dito Convento fallecião, com seus leitreiros nas pedras, que declaravão os nomes, dos

and the Saint James convent was enlarged. Its church remained as an annexe, and there was always a daily mass "e no dia depois dos Finados, todos os Religiosos hião celebrar pelos defuntos, que se achavão sepultados naquela Igreja". The remaining plots of land were leased to several people to increase the convent's rents (São José, 1789, vol. I, p. 554).

Located at the Praça de África, around which all the life of the city of Ceuta took place, the convent of the Trinitarians shared this space with the Governor's Palace, the Church of Our Lady of Africa and with the cathedral, where the Trinitarian priests preached in the presence of the bishop because they were considered excellent speakers (São José, 1789, vol. I, p. 454) (figure 4).

Friar Jerónimo de São José describes the church and the conventual facilities in detail, allowing for a reconstitution of what these spaces would have been like:

A sua Igreja he suficiente, e muito proporcionada, tanto no comprimento, e largura, como na altura: consta de hum só nave, com a Capella Mór, e dous Altares collateraes. O da Capella Mór he dedicado á Santissima Trindade, assim como os mais da Ordem, em que está collocado o sagrado



4. Planta do Convento da S.^{ma} Trindade de Ceuta. © José Madrid Ruiz, 1891. Publicada por José Luís Gómez Barceló, *Nuevos dados para el estudio del Real Colegio, Convento e Iglesia de la Santísima Trinidad de Ceuta y la Madraza al-Yadida...*, p. 208. Ground plan of the Trinity Convent of Ceuta. © José Madrid Ruiz, 1891. Published by José Luís Gómez Barceló, *Nuevos dados para el estudio del Real Colegio, Convento e Iglesia de la Santísima Trinidad de Ceuta y la Madraza al-Yadida ...*, p. 208.

que nelle se sepultavam, entre os quaes se acha o grande Redemptor Fr. Payo de Lacerda, Fr. Diogo Ledo, e collocado na parede em lugar eminente, por autoridade do Ordinario, o Ven. P. Fr. Manoel Nunes, fallecido com opinião de santo. Tem tres dormitorios, e huma boa horta com dous póços de agua, para se regar, e para o serviço do Convento com suas arvores, e hum grande parreiral de singulares uvas, muito estimadas neste Reino, para o qual vierão por varias vezes, e lhe pozerão o nome de ceitãs, por serem de Ceuta. (São José, 1789, vol. I, p. 453)

O convento tinha cinco confrarias ou irmandades – do Santíssimo Nome de Maria, instituída pelo padre frei Estevão Correia, sendo ministro, no ano de 1635; a de Santa Bárbara; de Santa Luzia; de São João Baptista e de São Nicolau, a quem dedicavam com grande solenidade as suas festas. Para a celebração dos officios religiosos, os trinitários eram detentores de bons paramentos e as, necessárias, alfaia religiosas em prata. Os paramentos mais ricos foram doados pela rainha D. Catarina, que também ofereceu as relíquias de Santa Bárbara, de Santa Luzia e um pedaço da Cruz do Santo Lenho.

A capela que o convento tinha anexa, dos padres de São Domingos, foi cedida em 1595 para fundação da Irmandade da Misericórdia, instituída por Frei Roque do Espírito Santo “na qual se assentavam por Irmãos todos os cativos, e lhes mandou fazer tumba, e mais preparos para os seus enterros, de que se acham muito contentes e satisfeitos” (São José, 1789, vol. I, p. 501). Do mesmo modo fundou um hospital para se tratarem os cativos. A carta escrita à Misericórdia de Lisboa, de 28 de Abril 1582, é bem representativa do apoio que os religiosos solicitavam, escreve frei Inácio Tavares que

os enfermos são muitos aqui em Marrocos, e não tem outro remedio algum senão as esmolos que os outros cativos lhe fazem, que são quasi nada. Tenho escrito por vezes ao Provedor, e Meza da Misericordia os soccorrão com mezinhas e dinheiro para remediar tanta miséria como padecem. Devia V. R. de encomendar a algum Religioso caritativo que procurasse algumas cousas para remedio de suas necessidades, e encomendar-se nos púlpitos dos Mosteiros e Freguezias esmolos para eles, mormente cousas de medecinas, como ruibarbo, canafistola, muita salsa parrilha, conservas, ameixas passadas etc. (São José, 1789, vol. I, p. 501)

Este convento veio a revelar-se fundamental depois do desastre de Alcácer Quibir. Logo em 6 de Setembro de 1578, o Cardeal D. Henrique pede a frei Roque do Espírito Santo para tratar do resgate do corpo do rei D. Sebastião e de alguns fidalgos cativos (figura 5). O redentor trinitário solicita ao padre provincial da sua Ordem o envio para Ceuta de religiosos, para juntos com os do convento, se distribuíssem pelas terras norte africanas a consolar e a resgatar os cativos. Segundo o

deposito do Santissimo com a Imagem de N. Senhora dos Remedios, e de huma parte a de S. João Baptista, e da outra a de S. Nicoláo Bispo. Os collateraes são, hum de Santa Barbara, e o outro de Santa Luzia, cuja Imagem resgatou de Argel o V. Redemptor Fr. Roque, no anno de 1557. O tecto he forrado de madeira de bordo, e na mesma Igreja, ainda que com alguma separação se acha huma nobre Capella do seu orago, e Padroeiro Sant-Iago, para onde se entra por hum grande pateo, todo lageado, e com sua sisterna, cuja Capella dominão os Cavalleiros da Praça, congregados em Confraria, e celebrão no seu dia com notavel applauso, e grandeza, a sua festa.

O edificio do Mosteiro era antigo, com oficinas pequenas, o Claustro era de tres arcos de alvenaria, por cada lanço, e no meio algumas arvores de espinho. Em hum dos lanços se enterravão os Religiosos, que no dito Convento fallecião, com seus letreiros nas pedras, que declaravão os nomes, dos que nelle se sepultavam, entre os quaes se acha o grande Redemptor Fr. Payo de Lacerda, Fr. Diogo Ledo, e collocado na parede em lugar eminente, por autoridade do Ordinario, o Ven. P. Fr. Manoel Nunes, fallecido com opinião de santo. Tem tres dormitorios, e huma boa horta com dous póços de agua, para se regar, e para o serviço do Convento com suas arvores, e hum grande parreiral de singulares uvas, muito estimadas neste Reino, para o qual vierão por varias vezes, e lhe pozerão o nome de ceitãs, por serem de Ceuta. (São José, 1789, vol. I, p. 453)

The convent had five fraternities or brotherhoods: of the Most Holy Name of Mary, instituted by the priest Estevão Correia, being minister in 1635; of Santa Barbara; of Santa Luzia; of Saint John the Baptist and of Saint Nicholas, to whom they dedicated their feasts with great solemnity. For the celebration of the religious offices, the Trinitarians held good vestments and all the necessary silver liturgical implements. The richest vestments were donated by Queen Catarina, who also offered the relics of Santa Bárbara, Santa Luzia and a piece of the Cruz do Santo Lenho.

The adjoined chapel, belonging to the friars of Saint Dominic, was donated in 1595 to the Irmandade da Misericórdia, founded by Friar Roque do Espírito Santo “na qual se assentavam por Irmãos todos os cativos, e lhes mandou fazer tumba, e mais preparos para os seus enterros, de que se acham muito contentes e satisfeitos” (São José, 1789, vol. I, p. 501). Friar Roque also founded a hospital to treat the captives. The letter written to the Misericórdia de Lisboa, dated April 28th 1582, is quite representative of the support requested by the friars: Friar Inácio Tavares wrote that

os enfermos são muitos aqui em Marrocos, e não tem outro remedio algum senão as esmolos que os outros cativos lhe fazem, que são quasi



5. Convento da S.^{ma} Trindade e antiga universidade árabe de Ceuta.
© Cano, 1887. Colección José Luis Gómez Barceló
Trinity Convent and former Arab University of Ceuta.
© Cano, 1887. Colección José Luis Gómez Barceló

cronista frei Jerónimo de São José, baseando-se nos escritos dos seus antecessores, refere que eram cerca de 10 000 cativos que *urgia consolar e resgatar* (São José, 1789, vol. I, p. 476).

Do reino viajaram quinze frades que se juntaram aos que residiam em Ceuta. Partiram para as várias cidades, em grupos de dois, a fim de darem assistência aos cativos e tratar do seu resgate. Muitos deles foram mártires, nesta complexa função que lhes era exigida. Entre eles destacam-se o padre frei António de Alvito, que morreu preso em Alcácer Quibir, tal como o padre frei Manuel de Évora, depois de doze anos de cativo e o frei António de Alvito. O padre frei Agostinho de Meneses morreu preso em Fez, o padre frei Francisco do Turcifal em Tetuão, e o padre frei Inácio Tavares em Marraquexe (São José, vol. I, p. 466-482).

Logo em 1578, frei Roque do Espírito Santo juntamente com frei Inácio Tavares, frei Diogo Ledo e frei Francisco da Costa, moradores no convento de Ceuta, e Braz Alemão, cavaleiro da praça como língua, deslocaram-se a Alcácer Quibir para tratar do resgate do corpo de D. Sebastião. Este foi, cerimoniosamente, levado para o Convento da Trindade de Ceuta, ao contrário do que pretendia o bispo D. Manuel de Seabra que pretendia que fosse colocado na catedral. No convento foram realizadas exéquias durante 8 dias e a urna foi colocada na capela mor da igreja onde permaneceu até ser trasladada para Lisboa (São José, vol. I, p. 387-402, 540).

Frei Roque do Espírito Santo ficou conhecido como o *Apóstolo de África*, pelo seu papel caritativo nos resgates após a Batalha de Alcácer Quibir e como ministro e organizador do Convento da Trindade de Ceuta. Anos mais tarde, o provincial frei Manuel de Lemos iniciou, a 24 de Setembro de 1624, o processo para a beatificação de frei Roque, solicitando informações nos bispados onde o padre havia estado e fazendo diligências nas cortes, junto de arcebispos e governadores bem como solicitando informações aos religiosos que com ele conviveram. No Convento da Trindade de Santa-rém no seu retrato, estava este dístico:

nada. Tenho escrito por vezes ao Provedor, e Meza da Misericórdia os soccorão com mezinhas e dinheiro para remediar tanta miséria como padecem. Devia V. R. de encomendar a algum Religioso caritativo que procurasse algumas cousas para remedio de suas necessidades, e encomendar-se nos púlpitos dos Mosteiros e Freguezias esmolos para eles, mormente cousas de medecinas, como ruibarbo, canafistola, muita salsa parrilha, conservas, ameixas passadas etc. (São José, 1789, vol. I, p. 501)

This convent proved to be fundamental after the Ksar el-Kebir disaster. On September 6th 1578, Cardinal Dom Henrique asked Friar Roque do Espírito Santo to ransom the body of King Dom Sebastião and some captive noblemen (figure 5). The Trinitarian redeemer asked the provincial priest of his Order to send some friars to Ceuta, so that along with the friars from the convent they could be deployed in North Africa to comfort and redeem the captives. According to the chronicler Friar Jerónimo de São José, based on the writings of his predecessors, there were about 10 000 captives that urgently needed to be comforted and redeemed (São José, 1789, vol. I, p.476).

Fifteen friars travelled from Portugal to join those who lived in Ceuta. They left for the various cities in groups of two, in order to assist the captives and arrange for their ransom. Many of them became martyrs in this complex function that was required of them. Among them the priest Friar António de Alvito stands out; he died in prison in Ksar el-Kebir, as well as the priest Friar Manuel de Évora, after twelve years of captivity. Friar Agostinho de Meneses died in Fez, Friar Francisco do Turcifal in Tétouan, and Friar Ignacio Tavares in Marrakesh (São José, vol. I, p. 466-482).

In 1578, Friar Roque do Espírito Santo, along with Friar Inácio Tavares, Friar Diogo Ledo and Friar Francisco da Costa, residents of the convent of Ceuta, and Braz Alemão, a knight of the town, as a speaker, went to Ksar el-Kebir to ransom the body of King Dom Sebastião. The king's body was solemnly taken to the Trinity Convent of Ceuta, contrary to the wishes of Bishop Manuel de Seabra, who wanted it to be placed in the cathedral. The funeral was held in the convent for eight days and the urn was placed in the main chapel of the church where it remained until it was transferred to Lisbon (São José, vol. I, p. 387-402, 540).

Friar Roque do Espírito Santo became known as the Apostle of Africa, for his charitable role in the ransoms following the Battle of Ksar el-Kebir and as a minister and organizer of the Trinity Convent of Ceuta. Years later, on September 24th, 1624, the provincial Friar Manuel de Lemos began the process of beatification of Friar Roque, requesting information from the bishoprics where the priest had lived and addressing the parliament, the archbishops and governors, as

Padre Frei Roque do Espírito Santo, natural de Castello Branco, Provincial que foi quatro vezes desta Provincia, Vigario Geral della, Confessor de ElRei D. Sebastião, que por amor dos cativos rejeitou o Bispado de Ceuta, Lamego, Viseo, e o Arcebispado de Goa. Morreo em Lisboa no anno de 1590.

Com o tempo o convento foi-se deteriorando apesar do cuidado dos religiosos que o iam reparando. Como dependiam da Fazenda Real, suplicaram ao rei que o mandasse reedificar e simultaneamente "por caridade lhe acrescentasse a cômrua, para as despesas da hida, e vinda dos mesmos Religiosos, que erão grandes, pois a que tinham era somente para a sustentação, e essa ás vezes mal paga" (São José, 1789, vol. I, p. 454). O soberano mandou que se orçamentasse a obra de que havia necessidade. Depois de repetidos requerimentos, foram concedidos 500\$000, em 1626, para reparos "em quanto se não fazia de novo; que pelo motivo das necessidades do Reino se não fez" (São José, 1789, vol. I, p. 454) (figura 6).

O Convento esteve na posse da Província da Santíssima Trindade de Portugal entre 1569 até 1640 "que são 71 annos, pelo motivo de ficar Ceuta cativa de Castella" (São José, 1789, vol. I, p. 454). Com a saída dos religiosos portugueses, o convento manteve-se na posse da Ordem da Santíssima Trindade, primeiro ocupado pelos Religiosos Observantes, que o pos-suíram 40 anos, e depois pelos Religiosos Reformados de Espanha.

EM TERMOS DE CONCLUSÃO

Durante os quatro séculos que decorreram desde a conquista de Ceuta pelas tropas de D. João I, em 1415,

la vida de la ciudad gira en torno a uma plaza, la de Africa, y dentro de ella, son parte principal una serie de edificaciones civiles. Militares y eclesiásticas. De estas últimas, el convento de Santiago es, aún hoy, referencia esencial para la historia social, eclesial y artística de Ceuta. (Barceló, 1996, p. 197)

Apesar de diminutos vestígios que se podem ver hoje na cidade de Ceuta, o estudo desta casa religiosa é de extrema importância para a compreensão da presença portuguesa e para o estudo dos resgates de cativos que se foram processando ao longo dos anos (figuras 7 e 8). Os estudos de José Luis Gómez Barceló, cronista de Ceuta, são fundamentais para a reconstituição e compreensão desta casa religiosa. As inúmeras fontes de cita bem como todo o aporte fotográfico e cartográfico permitem reconstituir a história desta casa até á sua demolição (Barceló, 1998, p. 205-222).

well as requesting information from the friars who had known him. His portrait in the Trinity Convent of Santarém features the following inscription:

Padre Frei Roque do Espírito Santo, natural de Castello Branco, Provincial que foi quatro vezes desta Provincia, Vigario Geral della, Confessor de ElRei D. Sebastião, que por amor dos cativos rejeitou o Bispado de Ceuta, Lamego, Viseo, e o Arcebispado de Goa. Morreo em Lisboa no anno de 1590.

The convent deteriorated over time, despite the care of the friars who kept repairing it. As they depended on the Royal Treasury, they begged the king to have it rebuilt and at the same time, "por caridade lhe acrescentasse a cômrua, para as despesas da hida, e vinda dos mesmos Religiosos, que erão grandes, pois a que tinham era somente para a sustentação, e essa ás vezes mal paga" (São José, 1789, vol. I, p. 454). The sovereign requested a budget for the work that was needed. After repeated requests, a sum of \$500,000 was granted in 1626 for repairs "em quanto se não fazia de novo; que pelo motivo das necessidades do Reino se não fez" (São José, 1789, vol. I, p. 454) (figure 6).



6. Torre do Convento da S.^{ma} Trindade de Ceuta (finais do séc. XIX).
© Colección José Luis Gómez Barceló
The tower of the Trinity Convent of Ceuta (late 19th century).
© José Luis Gómez Barceló collection

Neste estudo debruçarmo-nos sobre o convento enquanto posse dos trinitários da Província de Portugal. Entre 1569 e 1640, este cenóbio marcou a presença portuguesa em Ceuta e consolidou a Ordem da Santíssima Trindade entre as instituições religiosas portuguesas. No entanto, a sua acção principal decorreu dos numerosos resgates de cativos sobretudo após a Batalha de Alcácer Quibir. O Convento da Trindade de Ceuta operou como centro organizativo de onde partiram os padres redentores e onde chegavam os resgatados para embarcar para Portugal. Funcionou como local onde dinheiro e mercadorias se juntavam, para os pagamentos dos resgates. E, sobretudo, foi panteão para o rei D. Sebastião, como ainda está na memória dos ceuties.



7. Vestígios arquitectónicos do antigo Convento da S.^{ma} Trindade de Ceuta, no gaveto entre o Paseo Alcalde Sanchez Prados e a Plaza Menahem Gabizón. © José Vicente, 2017
Architectural remains of the former Trinity Convent of Ceuta, at the corner of Paseo Alcalde Sanchez Prados and the Plaza Menahem Gabizón. © José Vicente, 2017



8. Vestígios arquitectónicos do antigo Convento da S.^{ma} Trindade de Ceuta, no gaveto entre o Paseo Alcalde Sanchez Prados e a Plaza Menahem Gabizón. © José Vicente, 2017
Architectural remains of the former Trinity Convent of Ceuta, at the corner of Paseo Alcalde Sanchez Prados and the Plaza Menahem Gabizón. © José Vicente, 2017

The Convent was in the possession of the Province of the Most Holy Trinity of Portugal from 1569 to 1640 "que são 71 annos, pelo motivo de ficar Ceuta cativa de Castella" (São José, 1789, vol. I, p. 454). With the departure of the Portuguese friars, the convent remained in the possession of the Order of the Most Holy Trinity, being firstly occupied by the Religiosos Observantes, who owned it for 40 years, and later by the Religiosos Reformados of Spain.

CONCLUDING REMARKS

During the four centuries since the conquest of Ceuta by the troops of King João I, in 1415,

the life of the city is centered around a square, the Africa square, which mainly features a series of civilian buildings. Military and ecclesiastical. Among the latter, the convent of Santiago is, even today, an essential reference for the social, ecclesial and artistic history of Ceuta. (Barceló, 1996, p. 197)

Despite the tiny vestiges that can be seen today in the city of Ceuta, the study of this religious house is of great importance for understanding the Portuguese presence and for the study of the ransoms of captives that have been carried out over the years (figures 7 and 8). The studies of José Luis Gómez Barceló, the chronicler of Ceuta, are fundamental for the reconstitution and understanding of this religious house. The countless sources he quotes from as well as all the photographic and cartographic contributions allow us to reconstruct the history of this house until its demolition (Barceló, 1998, p. 205-222).

In this study we approached the convent as the possession of the Trinitarians of the Province of Portugal. Between 1569 and 1640, this cenobium marked the Portuguese presence in Ceuta and consolidated the Order of the Most Holy Trinity among the Portuguese religious institutions. However, its main action concerned the numerous ransoms of captives, especially after the Battle of Ksar el-Kebir. The Trinity Convent of Ceuta operated as an organizing center from where the redeemer priests left and where the ransomed arrived to embark for Portugal. It served as a place where money and goods would be gathered for payment of the ransoms. And, above all, it was a pantheon for King Dom Sebastião, a fact that still remains in the memory of the inhabitants of Ceuta.

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

FONTES MANUSCRITAS MANUSCRIPT SOURCES

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Manuscritos da Livraria n.º 1968 – Fr. Bernardino de Santo António, *Segunda parte da História da Província da Santíssima Trindade do Resgate de Cativos em que se trata da vida e resgates dos Redentores Gerais que nela houve e resgates de cativos e obras dignas de memória que neles e em suas vidas se fizeram*

Manuscritos da Livraria n.º 2566 – Fr. Simão de Brito, *Incremento Trinitário e Tratado Cronológico da Terceira e Venerável Ordem da Redenção de Cativos, Ilustre Confraternidade do Sagrado Bentinho e Piedoso Congregação de Nossa Senhora do Remédio*

FONTES IMPRESSAS PRINTED SOURCES

CARDOSO, Jorge (1652-1744) – *Agiologo Lusitano dos Sanctos e Va- roens illustres em virtude do Reino de Portugal* Lisboa: Officina de Antonio Craesbeeck de Mello. 4 vols.

SANTA LUZIA, Fr. Manoel de (1766) – *Nobiliarquia Trinitaria, catalogo de varões illustres em letras, virtudes, e nascimento, filhos por profissão da Ordem da Santissima Trindade da Provincia de Portugal*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa.

SÃO JOSÉ, Fr. Jerónimo de (1789-1794) – *Historia chronologica da esclarecida Ordem da SS. Trindade, Redempção de Cativos, da Provincia de Portugal*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 2 vols.

ESTUDOS STUDIES

ALBERTO, E. (1994) – *As instituições de resgate de cativos em Portugal – sua estruturação e evolução no século XV*. 2 vols. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa.

ALBERTO, E. (2010) – *Um negócio piedoso: o resgate de cativos na época moderna*. Braga: Instituto de Ciências Sociais / Universidade do Minho. Tese de doutoramento em História Moderna.

ALBERTO, E. (2018) – *Entre a Cruz e o Crescente: o resgate de cativos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

ALONSO ROMO, E. J. (2014) - Trinitários em Portugal durante a Idade Moderna. In FRANCO, J. E.; ABREU, L. M. de, (eds.), *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo*. Vol. I. Prior Velho: Paulinas Editora, p. 347-362.

BLUTEAU, R. (1712-1728) - *Vocabulario Portuguez e Latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1718.

CÁMARA DEL RIO, M. (1996) – *Beneficiencia y asistencia social: La Santa y Real Hermandad, Hospital y Casa de Misericordia de Ceuta*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties.

CARMONA PORTILLO, A. (1996) – *Ceuta Española en el Antiguo Régimen. 1640 a 1800*. Ceuta: Consejería de Cultura.

GÓMEZ BARCELÓ, J. L. (2004) – Evolución urbana de Ceuta entre el siglo XVI y el XVIII. In CAMPOS MARTÍNEZ, J. M.ª; GUTIÉRREZ ÁLVAREZ, J. J.; RUIZ GARCIA, J. L.; VILLADA PAREDES, F. (eds.), *III Jornadas de Historia de Ceuta. Ceuta en los siglos XVII y XVIII*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties, p. 293-315.

GÓMEZ BARCELÓ, J. L. (1996) – La Iglesia de Ntra. Sra. De Gracia del Convento de Trinitarios Descalzos de Ceuta (1725-1835). *Cuadernos del Archivo Municipal de Ceuta*, 10. Ceuta: Ayuntamiento de Ceuta / Consejería de Cultura, p. 197-226.

GÓMEZ BARCELÓ, J. L. (1998) – Nuevos datos para el estudio del Real Colegio, Convento e Iglesia de la Santísima Trinidad de Ceuta y la Madraza al-Yadida: Los planos de José Madrid Ruiz y Salvador Navarro de la Cruz y un desapercibido alzado anónimo. In *Homenaje al Profesor Carlos Posac Mon*. Tomo II. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties, p. 205-222.

GOZALBES BUSTO, G. (1996) – Aspectos de la vida Ceuti en el siglo XVII. *Cuadernos del Archivo Municipal de Ceuta*, 10. Ceuta: Ayuntamiento de Ceuta / Consejería de Cultura, p. 75-118.

GOZALBES BUSTO, G. (1994) – Feliz epílogo de un rescate. *Cuadernos del Archivo Municipal de Ceuta*, 8. Ceuta: Archivo Municipal, p. 97 – 114.

HERNÁNDEZ GONZÁLES, S. (1997) – Aproximación al arte religioso en Ceuta; siglos XV al XVIII. *Cuadernos del Archivo Municipal de Ceuta*, 11. Ceuta: Archivo Municipal, p. 31- 106.

SILVA, F. Á. L. da (1996) – *Bibliografia dos Autores Trinitários Portugueses*. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa (Época Moderna).

SILVA, I. F. de (1862) – *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Tomo 7. Lisboa: Imprensa Nacional de Portugal.

SZMOLKA CLARES, J. (2004) – La iglesia de Ceuta tras su incorporación la Corona Castellana. In CAMPOS MARTÍNEZ, J. M.; GUTIÉRREZ ÁLVAREZ, J. J.; RUIZ GARCIA, J. L.; VILLADA PAREDES, F. (eds.), *III Jornadas de Historia de Ceuta. Ceuta en los siglos XVII y XVIII*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties, p. 213-250.

LA FUNCIÓN DE LAS TORRES O FUERTES EXTERIORES EN LA FORTIFICACIÓN DE LOS SIGLOS XVI Y XVII

EL NORTE DE ÁFRICA¹

ANTONIO BRAVO NIETO
UNED Melilla

SERGIO RAMÍREZ GONZÁLEZ
Universidad de Málaga

ON THE FUNCTION OF TOWERS OR DETACHED FORTS IN 16TH AND 17TH CENTURY FORTIFICATION

NORTH AFRICA¹

INTRODUCCIÓN

En el campo de investigación referente a la arquitectura militar e historia de las fortificaciones, la bibliografía se ha venido ocupando de los diferentes sistemas defensivos de ciudades y las obras asociadas a sus recintos fortificados, estableciendo una secuencia cronológica y evolución de tipologías que están actualmente bastante bien definidas. Sin embargo, dentro de este esquema no se ha subrayado suficientemente el papel que las fortificaciones exteriores (torres y fuertes) desempeñaron en la problemática general de la defensa de ciudades y territorios.

Uno de los capítulos mejor estudiados de este panorama es el de las torres litorales, cuyo papel de apoyo para la defensa de las costas españolas ya fue estudiado por la profesora Alicia Cámara (1990 y 1991) y más recientemente por otros investigadores (Menéndez Fueyo, 2002; Fornals Villalonga, 2003; Melchor Montserrat y Pardo Nacher, 2017). Se partía, en todos ellos, del estudio de una tipología de torre defensiva costera centrada en la vigilancia de los movimientos de las embarcaciones piratas y la seguridad de las personas a las que confería refugio, teniendo en cuenta la gran rapidez de los ataques y la urgencia de las actuaciones.

INTRODUCTION

The literature on military architecture and the history of fortifications has addressed the diverse defensive systems of cities and the works associated to their fortified enclosures, whose chronological sequence and typological evolution are quite well defined nowadays. However, the role of external fortifications (towers and forts) in the general subject area pertaining to the defence of cities and territories has not been sufficiently emphasized.

One of the best-studied chapters in this particular subject are coastal towers. Their support role in the defence of the Spanish coasts was already studied by Prof. Alicia Cámara (1990 and 1991) and, more recently, by other researchers as well (Menéndez Fueyo, 2002; Fornals Villalonga, 2003; Melchor Montserrat and Pardo Nacher, 2017). The starting point of all these authors was the study of a type of defensive coastal tower aimed at keeping watch over the movements of pirate ships and providing a safe refuge for the local people, given the quickness of the attacks and the need for urgent action.

1. Este artículo se ha elaborado en el marco del proyecto I+D *El dibujante ingeniero al servicio de la monarquía hispánica. Siglos XVI-XVIII: ciudad e ingeniería en el Mediterráneo*, ref. HAR2016-78098-P (AEI/FEDER, UE), financiado por la Agencia Estatal de Investigación (Ministerio de Economía, Industria y Competitividad) y el Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER).

1. This paper was written in the scope of the I+D project *El dibujante ingeniero al servicio de la monarquía hispánica. Siglos XVI-XVIII: ciudad e ingeniería en el Mediterráneo*, ref. HAR2016-78098-P (AEI/FEDER, UE), funded by the Agencia Estatal de Investigación (Ministerio de Economía, Industria y Competitividad) and the Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER).

Ciudades construidas en diferentes lugares, de características geográficas muy distintas, expuestas a ataques procedentes bien desde tierra o bien desde el mar, y que a fin de cuentas necesitaron de unos modelos variados de defensa y fortificación para su mantenimiento.

Durante varios siglos, y a lo largo de las costas norteafricanas, España desarrolló un imponente esfuerzo constructivo de cara a fortificar y defender unas fortalezas y ciudades que siempre contaron con un doble frente de peligro: el procedente del mar, materializado en las flotas turcas o piratas, y el de tierra, cuya presión se ejercía desde los poderes existentes en los territorios donde las ciudades costeras estaban emplazadas. Como espacio geoestratégico, el norte de África se convirtió en una extraordinaria zona de ensayo y puesta en práctica de modelos, ya que estaba permanentemente en guerra y eso permitía comprobar la efectividad de las cambiantes soluciones técnicas aplicadas.

Las fortalezas presentaron siempre puntos débiles en determinados sectores de su recinto fortificado, por lo que el atacante buscaba la forma de situarse frente a tales lugares para hacer la defensa menos efectiva y acabar doblegándolas, como así ocurrió en los distintos proyectos de asedio a Argel. Por su parte, y con vistas a ocupar el peñón de Vélez de la Gomera en 1564, la propia flota española tuvo que planear y materializar un gran desembarco en la costa cercana, plantando baterías artilleras para batir las defensas del Peñón desde tierra firme. No obstante, en otros casos los ataques se efectuaron exclusivamente desde tierra, valiendo como ejemplo lo acaecido en Melilla y en Orán.

Por una razón u otra, las fortalezas que España construye y refuerza en el norte de África contaron con estas torres y fuertes exteriores que desempeñaron un importante papel en su defensa. Su presencia no fue meramente auxiliar, sino que formaron parte imprescindible de un sistema defensivo que los necesitaba para cumplir la función encomendada.

En algunos casos las ciudades requirieron complementar su circuito de murallas como consecuencia de las adversas condiciones naturales del entorno geográfico, fundamentalmente la existencia de elevaciones del terreno o zonas desfiladas. El problema consistía en que muchas de aquellas urbes habían sido construidas en épocas pasadas con técnicas que se habían vuelto obsoletas, en tanto en cuanto los avances vertiginosos de la artillería (en alcance y efectividad) habían convertido antiguos emplazamientos seguros en zonas expuestas a los disparos de la artillería y a los asaltos. Trasladar las ciudades podía ser una opción (en algún momento del último tercio del siglo XVI se pensó, por ejemplo, en trasladar la fortaleza de Melilla de lugar), pero costos excesivos o la necesidad de su cercanía a puertos naturales impidieron que fuese una alternativa viable.

Cities were built in different places, with very diverse geographical features, exposed to attacks from both land and sea. Thus, cities required varied models of defence and fortification.

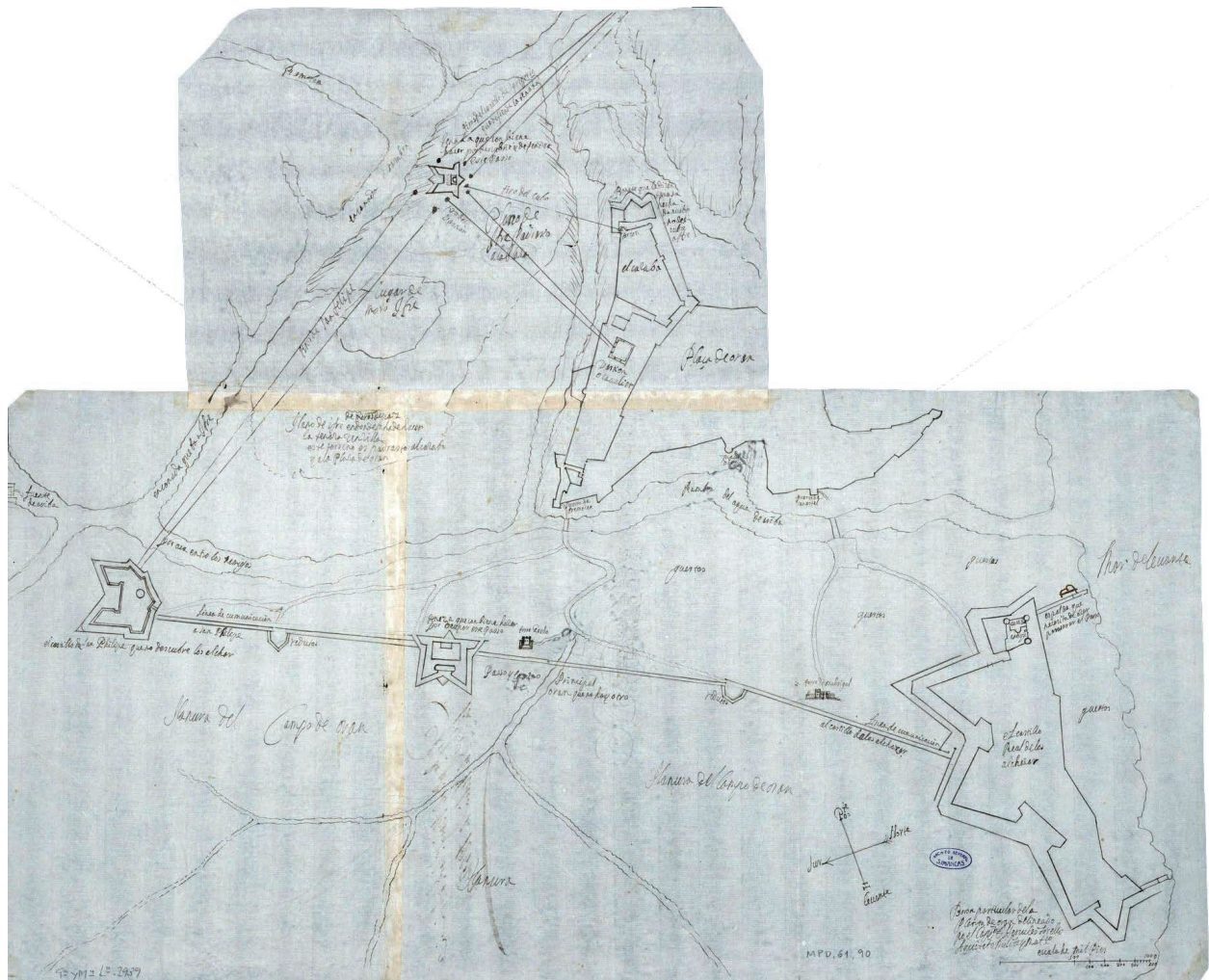
For several centuries, Spain undertook major construction efforts all along the North African coasts in order to fortify and defend a number of cities and fortresses, which always faced a double danger: from the sea, mostly from the Turkish and pirate fleets, and from inland, i.e. from the other powers that coexisted in the territories where the cities were located. North Africa, as a geostrategic space, became an extraordinary area for the testing and implementation of diverse fortification models, as it was permanently at war and thus provided opportunities to assess the effectiveness of the changing technical solutions.

Fortresses always had weak spots at certain sectors of their fortified enclosures. Therefore, attackers searched for ways to place themselves directly across those weak spots to undermine the defences and ultimately force the city to surrender, as in the case of the various projects to besiege Algiers. On the other hand, and with a view to occupying the Peñón de Vélez de la Gomera, in 1564, the Spanish fleet had to plan and carry out a major landing on the nearby coast and install artillery batteries to pound the Peñón's defences from dry land. Nonetheless, in other cases only land attacks were carried out, for example at Melilla and Oran.

For one reason or another, the fortresses built or reinforced by Spain in North Africa included towers and detached forts, which played a significant defensive role. Their presence was not just auxiliary; they were an essential part of a defensive system that needed them in order to fulfil its function.

In some cases, cities needed to complement their wall circuits due to the adverse natural conditions of their geographic settings, mainly due to the existence of heights or defilade areas. The problem was that many of the cities had been built in past times with techniques that had become obsolete due to the vertiginous development of artillery (both in terms of range and effectiveness) that converted formerly safe locations into zones exposed to artillery fire and assaults. Relocating the cities might have been an option (for example, at some point during the last third of the 16th century some consideration was given to the relocation of the Melilla fortress), but it was not a feasible alternative due to the excessive costs or the cities' proximity to natural harbours.

Therefore, cities required the construction of networks of detached forts in order to keep the enemies from approaching the wall circuits; at the same time, such networks also improved the control over the surrounding territory. This was the case of Oran, a city set in a valley surrounded by heights. Since the earlier stages of the Spanish occupation in the first years of the 16th century, the city required the construction of



1. Orán, línea de fuertes del flanco este-sureste, 1693. © Archivo General de Simancas, Mapas Plantas y Dibujos [AGS-MPD], 61,090.
Oran, line of forts of the east-southeast flank, 1693. © AGS-MPD, 61,090.

Por tanto, necesitaron de la construcción de una red de fuertes exteriores que evitaran el acercamiento de ejércitos enemigos a sus circuitos de murallas, al mismo tiempo que permitía controlar el territorio circundante. Este fue el caso de Orán, ciudad encajada en un valle rodeado de elevaciones y que, desde el primer momento de la ocupación española en los primeros años del siglo XVI, requirió la construcción de una serie de torres y fuertes que protegían varios de sus flancos, así como la zona de huertas y aguada. El extremo peligro exigió que desde la mitad del mismo siglo XVI y durante el XVII, estos primeros fuertes fueran transformados o ampliados siguiendo ya modelos de fortificación abaluartada y atenazada. Dicha red de fuertes fue la seña de identidad del sistema defensivo de Orán hasta mediados del siglo XIX y su construcción evitó que tuvieran que transformarse las viejas murallas de la ciudad (figura 1).

En Melilla el proceso fue bastante similar, aunque la importancia y envergadura de sus fuertes resultó mucho menor conforme al uso de una tipología más cercana a la idea de torre. La función que cumplieron en Melilla estuvo centrada asimismo en la protección de las huertas de extramuros y en poder fijar defensiva-

a series of towers and forts that protected several of its flanks as well as the vegetable gardens and water supply area. From the mid-16th century onwards and during the 17th century, the extreme danger triggered the transformation or enlargement of those earlier forts, already in accordance with bastioned and tenailed fortification models. The said network of forts was the hallmark of Orán's defensive system until the mid-19th century; its construction avoided the need to transform the city's old defensive walls (figure 1).

Melilla underwent a very similar process, even if the importance and the dimension of its forts were much lesser in result of the use of a particular typology, closer to the concept of a tower. The Melilla forts were similarly intended to protect the extramural vegetable gardens and to secure and defend the surrounding heights that endangered the population. Nevertheless, this defensive system was destroyed during the various sieges of Melilla throughout the last third of the 17th century. Thus, and unlike Orán, Melilla had to completely renovate its defensive perimeter, transforming the original ramparts – built using transition techniques – into several bastioned fronts, during the 17th century (figure 2).

mente las alturas circundantes que representaban un peligro para la población. Sin embargo, este sistema defensivo fue destruido durante los diferentes asedios que la fortaleza sufrió en el último tercio del siglo XVII, por lo que, a diferencia de Orán, Melilla tuvo que reformar totalmente su perímetro defensivo, transformando las primitivas murallas – realizadas con técnicas de Transición – en varios frentes abaluartados que se materializan ya en el siglo XVIII (figura 2).

El caso de Vélez de la Gomera resulta, en este sentido, de una gran significación. Para poder defender adecuadamente el Peñón, que podía ser batido con facilidad desde la costa, así como para proteger las huertas y aguada, se construyó un fuerte exterior situado en tierra firme. Cuando esta obra fue destruida en los primeros años del siglo XVIII la vida en el promontorio rocoso se hizo mucho más difícil al depender totalmente de los suministros (agua y alimentos) que le llegaban por barco.

Como ya hemos señalado con anterioridad, en otras ciudades el principal peligro consistía en la posibilidad de sufrir un desembarco en su territorio, por cuanto eran todas fortalezas portuarias. Sólidas defensas podían correr serios peligros si los atacantes conseguían desembarcar trenes de artillería y situarlos en las zonas más vulnerables de sus murallas. En una ciudad casi inexpugnable desde el mar gracias a sus baterías, como era el caso de Argel, los turcos tuvieron que enfrentarse a los desembarcos en su territorio que buscaban acercarse a las zonas más vulnerables de las murallas por la parte de tierra, razón por la que construyeron fuertes exteriores (figura 3).

En Ceuta, por su parte, el peso de la defensa se basaba en las murallas de su frente de Tierra, pese a que tuvo que afrontar también la fortificación del amplio perímetro costero que se desarrolla en torno a la península del Hacho, exigiendo en el siglo XVII la construcción de varios fuertes cuya función consistió en evitar posibles desembarcos que hubieran facilitado un ataque a la ciudad desde esta altura.

En el presente trabajo efectuaremos una relación de estas fortificaciones de acuerdo a su evolución tipológica: desde los sistemas de transición, hasta llegar a los modelos abaluartados y atenazados.

LOS MODELOS DE TRANSICIÓN

Torres en la costa atlántica

La primera obra defensiva que Castilla edifica en África fue una torre llamada de Santa Cruz de Mar Pequeña, al norte de la ciudad marroquí de Tarfaya. Se trataba de una obra realizada en piedra y que fue construida en 1474, persistiendo hasta 1524. Los restos que quedan actualmente de esta fortificación nos sitúan ante una torre cuadrangular, cuya tipología sigue modelos tardomedievales. La función era doble;

In this sense, the case of Vélez de la Gomera is quite meaningful. A detached fort was built on dry land in order to adequately defend the Peñón, which could easily be battered from the coast, and to protect the vegetable gardens and water supply area. When this fort was destroyed in the first years of the 17th century, life on this rocky promontory became much more difficult as it totally depended on the water and food supplies brought by ships.

As we mentioned before, in other cities the main danger was the possibility of enemy landings, as all those cities were port cities. Even strong defences might be seriously endangered if the attackers managed to land their trains of artillery and threaten the more vulnerable zones of the cities' defensive walls. The city of Algiers was almost unassailable from the sea, due to its artillery batteries. Thus, the Turks had to build a number of detached forts in order to deal with enemy landings aimed at approaching the more vulnerable zones of the walls from the land side (figure 3).

In the case of Ceuta, the defence was largely based on its land front ramparts, but its extensive coastal perimeter surrounding Mount Hacho had to be fortified as well. This required the construction of several forts during the 17th century, in order to avoid possible landings that would have enabled attacking the city from the Hacho heights.

This paper reviews a series of fortifications, according to their typological evolution: from the transitional systems to the bastioned and tenailed models.

THE TRANSITIONAL MODELS

Towers on the Atlantic coast

The first defensive work built by Castile in Africa was a tower called Santa Cruz de Mar Pequeña, located to the north of the Moroccan city of Tarfaya. This stone tower was built in 1474 and subsisted until 1524. Its present-day remains indicate a quadrangular tower of late medieval typology. The tower fulfilled a double function: on one hand it was an actual military possession in a continent over which Spain claimed certain expansion rights. On the other hand, the tower could also be used as a factory, with a view to possible commercial interchanges. Likewise, the royal tower of San Miguel de Asaca would have fulfilled similar functions; it was built in 1500, to the south of Sidi Ifni, and it was excavated by Jorge Onrubia and María del Cristo González (2018). Both towers belong to the strategic framework of the Crown of Castile in the African Atlantic region and are related to the existence of the Canary Islands and to an unstable relationship with the Portuguese presence in North Africa.

por un lado, hacer efectiva una posesión militar en un continente sobre el que se pretendía tener ciertos derechos de expansión y, por otro, cumplir la función de factoría ante posibles intercambios comerciales. El mismo empleo tendría la torre realenga de San Miguel de Asaca, construida en 1500 y situada al sur de Sidi Ifni, la cual ha sido excavada por Jorge Onrubia y María del Cristo González (2018). Ambas arquitecturas se sitúan en el marco estratégico de la corona de Castilla en la zona atlántica africana, en inestable relación con la presencia portuguesa y vinculadas a la existencia de las Islas Canarias.

El castillo de Rosalcazar

Ya en el siglo XVI, las primeras fortificaciones exteriores fueron construidas durante el periodo final de los Reyes Católicos y el reinado de Carlos V. Sus características nos sitúan ante obras que utilizaban como elemento básico el torreón hueco acasamatado, con varios niveles de tiro. En el fuerte de Rosalcazar de Orán se pone en práctica el torreón de planta circular, transformada en poligonal en el fuerte del Peñón de Argel.

Rosalcazar es considerado erróneamente en el imaginario popular oranés como un fuerte de origen merinida, aunque su fábrica hispana ya ha sido suficientemente documentada y no admite ninguna duda. Su desempeño no sería otro que defender una altura junto a la ciudad de Orán, protegiéndola de cualquier ataque por este flanco (figura 4).

Aunque Mármol y Carvajal (1573, fol. 194 v) señala que su autor fue el conde Pedro Navarro, José Javier de Castro (2004, p. 377) documenta que el rey Fernando ordenó en mayo de 1514 a Diego de Vera que se dirigiese a Orán para realizar varias fortificaciones, entre ellas el castillo de Rosalcazar. En octubre de 1514 se llevaron a cabo los desmontes y la mayor parte de las obras se materializaron entre 1514 y 1515 (4 888 526 de *maravedies*), decayendo ya en 1516 (99 971 *maravedies*) y 1517 (150 000 *maravedies*). El autor de la obra no fue otro que Diego de Vera, quien permaneció en Orán hasta marzo de 1515 dejando al cargo de la continuación de las obras al veedor Luis de Mexía.

Mármol y Carvajal (1573, fol. 194 v) describe este castillo formado por dos cubos redondos (en realidad son tres) y, entre ellos, un revellín de cal y canto terraplenado tan ancho que podían circular por él las carretas de la artillería, mientras que a su alrededor se disponía un foso de diez varas (8,4 m) de hondo y más de seis de ancho (5 m).

Se trata de un fuerte de planta cuadrangular que presenta dos torreones curvos en uno de sus frentes y uno en el contrario². Las características, la fábrica, el uso de torreones huecos dispuestos para albergar artillería, los



2. Fragmento de un plano: *La Piazza di Meligia vista dalla parte del mare*. 1670. *Atlas Medici de Lorenzo Possi*. © Sánchez Rubio et al., 2014
Detail of a plan: *La Piazza di Meligia vista dalla parte del mare*. 1670. *Atlas Medici de Lorenzo Possi*. © Sánchez Rubio et al., 2014



3. *Algieri fortificato l'anno 1579*. Plano de 1601 de Hendrik Van Schoel. *Algieri fortificato l'anno 1579*. A 1601 plan by Hendrik Van Schoel.

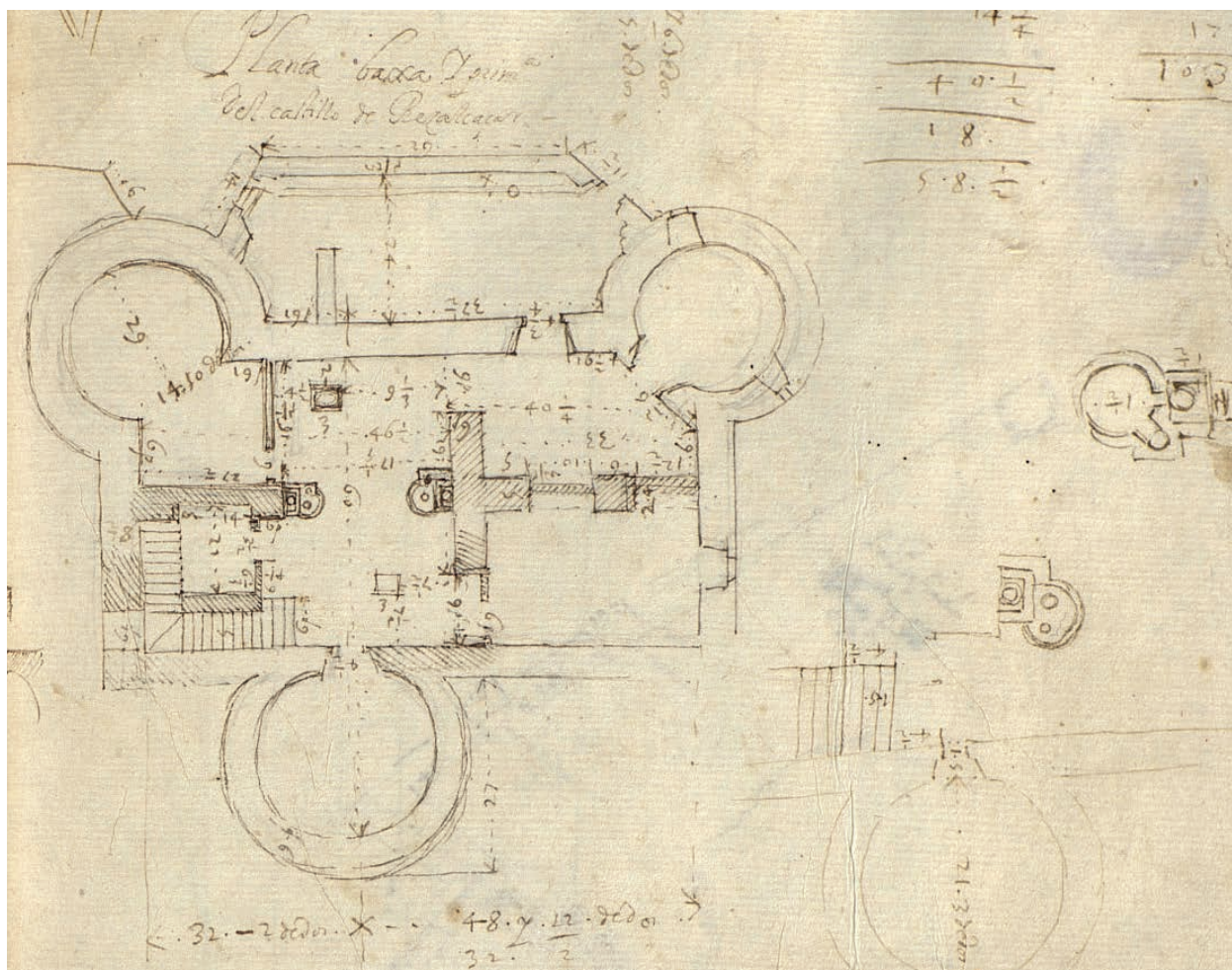
The castle of Rosalcazar

The first external fortifications were built during the final period of the reign of the Catholic Monarchs and throughout the reign of Charles V, in the 16th century. The characteristics of these works show that their basic element was the large hollow and casemated tower with several tiers of fire. The fort of Rosalcazar de Orán featured large round towers while the fort of the Algiers crag had large polygonal towers.

The popular imaginary of Oran wrongly pictures Rosalcazar as a fort of Marinid origin, even though the fact that the fort was built by the Spanish has already been sufficiently documented and is beyond any doubt. Its function was no other than the defence of a hill close to the city of Oran, in order to protect the city from any attacks on this flank (figure 4).

Even though Mármol y Carvajal (1573, fol. 194v.) points out that the fort was built by Count Pedro Navarro, José Javier de Castro (2004, p. 377) states that in May 1514 King Fernando ordered Diego de Vera onto Oran to build several fortifications, among which the castle of Rosalcazar. The ground levelling works took place in October 1514 and the construction was mostly carried out between 1514 and 1515 (4 888 526 *maravedis*), and also in 1516 (99 971 *maravedis*) and 1517 (150 000 *maravedis*). The fort was indeed built by Diego de Vera, who stayed in Oran until March 1515, leaving veedor Luis de Mexía in charge of the works.

2. Archivo Historico Nacional [AHN], Universidades, 713, n.º 78, 127 r.



4. Castillo de Rosalcazar, Orán. © Archivo Historico Nacional [AHN]. Universidades, 713, N.78-127r
Castel of Rosalcazar, Oran. © AHN. Universidades, 713, N.78-127r

frentes de tiro y flanqueos, y la disposición de sus elementos defensivos, confirman que esta arquitectura militar existente en la actualidad corresponde al fuerte de los primeros años del siglo XVI.

El fuerte del Peñón de Argel

Otra fortificación exterior de estos primeros años del siglo XVI es el fuerte del Peñón de Argel. Mármol y Carvajal (1573, fol. 216), adscribe su autoría a Diego de Vera. En esos momentos el papel de este personaje en el norte de África fue muy importante en calidad de máximo responsable de la artillería real.

Jerónimo Zurita (1570, p. 400) señala que por orden del rey Fernando en el mes de enero del año de 1516 se comenzó a poner en defensa el islote que estaba delante de la ciudad de Argel, construyéndose un castillo: "Entendiéndose en esto con tanta diligencia, por Diego Pérez de Vargas, que se puso en buena defensa el castillo: y el rey envió por capitán y alcaide dél a mosén Nicolás Quint: y residían en el puerto algunas naves de armada, para lo que tocaba a las obras de la fortaleza". Rafael Gutiérrez Cruz (1997, p. 266 a 268) desestima una posible autoría de Pedro Navarro sobre el fuerte y señala importantes aspectos

Mármol y Carvajal (1573, fol. 194 v.) describes a castle composed of two round towers (actually there are three), one to each side of a stonework ravelin, terrepleined and broad enough for the circulation of the artillery wagons and surrounded by a ditch, ten *varas* (8,4 m) deep and more than six *varas* (5 m) wide.

This is a quadrangular fort featuring three large round towers, two on one of its fronts and another one on the opposite front². Its characteristics and fabric and the use of large round towers for artillery, along with the fronts, flanks and the arrangement of its defensive elements confirm that the structure that still exists nowadays corresponds to the fort built during the first years of the 16th century.

The Peñón de Argel fort

The Peñón de Argel fort is yet another detached fort dating from the first years of the 16th century. Mármol y Carvajal (1573, fol. 216) states that it was built by Diego de Vera, who was indeed a quite relevant character in North Africa during this period and commanded the Royal Artillery.

2. Archivo Histórico Nacional [AHN], Universidades, 713, N.78, 127 r.

sobre la procedencia de los obreros que trabajaron en la construcción y de los materiales en ella utilizados, la mayor parte procedentes de las Islas Baleares. Por su parte, José Javier de Castro (2004, p. 377) señala que el rey Fernando aprobó la construcción en abril de 1515 y encargó la realización, que no su diseño, al maestro Pedro Cifre, quien trabajó con Ramiro López en Salses.

Este fuerte, construido extramuros a las murallas de Argel, era un padrastro que dominaba el puerto y la ciudad, por lo que su posesión se convirtió en un elemento fundamental de control de esta capital corsaria hasta que fue ocupado por los turcos en 1529.

Actualmente se admite como cierta la idea de que el castillo español fue casi totalmente destruido. Pero nada más lejos de lo que su análisis nos indica. Ali Khelassi (1985, p. 47-48 y 55-58) defiende esta teoría al señalar que cuando entre el 22 y 23 de mayo de 1529 Kheireddine "Barbarroja" bombardeó y asaltó el fuerte, lo mandó destruir al tiempo que ordenaba unir el islote donde se asentaba con tierra firme. E interpretando su total destrucción, señala que entre 1571 y 1574 Arab Ahmed hizo edificar el faro sobre una torre bautizada como Bordj el Fanar.

Por el contrario, los documentos revelan que se destruyeron diversas obras defensivas, aunque parecen aludir a murallas con merlones que existieron rodeando los perfiles rocosos del peñón en sí mismo, y en cuyo centro se situaba el fuerte. No resulta en absoluto lógico el destrozo de una obra tan esmerada y poderosa como la que nos ocupa y, sobre todo, cuando podía ser reaprovechada para reforzar las fortificaciones turcas de Argel.

El fuerte del Peñón de Argel es una fortaleza de cierta envergadura, que albergó una guarnición de entre 160 y 190 soldados. La amplitud de su fábrica se aprecia gracias a la prolijidad de los ataques que sufrió: en 1516 fueron varios miles de hombres los que intentaron asaltarla sin éxito; también, por el número de cañones que disparaban a través de sus cañoneras establecidas en varios niveles de tiro bajo, bóvedas y sobre su explanada (figura 5).

Debemos señalar al respecto que este fuerte persiste actualmente en su mayor parte, como un elemento histórico de la zona militar del puerto de Argel. Ali Khelassi (1985, p. 56-57) es el único que realiza una somera descripción de dicha arquitectura, escribiendo que se apoya sobre un asiento circular de 60 m y que cuenta con un foso de 5 m. Tiene forma poligonal de 12 lados, cada uno de 7 m en la zona alta de la explanada y 8 en el foso, puesto que su primer tramo presenta un cierto talud. En su interior se sitúan cuatro pisos o niveles, dispuestos para albergar artillería, y conserva algunos merlones curvos en la explanada superior. El esquema de su planta tiene una disposición radial, con un gran patio central.

Jerónimo Zurita (1570, p. 400) mentions that by order of King Fernando, the construction of a defensive castle on the islet facing the city of Algiers started on January 1516: *Entendióse en esto con tanta diligencia, por Diego Pérez de Vargas, que se puso en buena defensa el castillo: y el rey envió por capitán y alcaide dél a mosén Nicolás Quint: y residían en el puerto algunas naves de armada, para lo que tocaba a las obras de la fortaleza*. Rafael Gutiérrez Cruz (1997, p. 266 to 268) rejects the possibility that the fort would have been built by Pedro Navarro and highlights some important aspects concerning the origin of the materials and of the labourers who worked in the construction, mostly brought from the Balearic Islands. José Javier de Castro (2004, p. 377), for his part, states that King Fernando approved the construction in April 1515 and commissioned master Pedro Cifre, who had worked with Ramiro López at Salses, to execute the construction project, but not its design.

This fort, built outside the walls of Algiers, was a vantage point that dominated the harbour and the city. Thus, its possession became a fundamental element for the control of this corsair capital until it was occupied by the Turks in 1529.

Nowadays it is broadly assumed that the Spanish castle was almost completely destroyed. But its analysis indicates something very different. Ali Khelassi (1985, p. 47-48 and 55-58) defends the destruction theory and points out that when Kheireddine "Barbarossa" bombarded and assaulted the fort between May 22th and 23th 1529 he also ordered its destruction and the construction of a connection between the mainland and the islet where the fort stood. This author interprets these facts as evidence for complete destruction and further mentions that between 1571 and 1574 Arab Ahmed ordered the construction of a lighthouse on top of a tower called Bordj el Fanar.

On the contrary, the documents reveal that several defensive works were destroyed but this arguably refers to the crenelated ramparts that once surrounded the rocky outcrops of the *peñón* itself; the fort stood in the



5. El fuerte del Peñón de Argel, actual bordj el Fanar.
© Fotografía retocada por A. Bravo
The Peñón de Argel fort, presently called bordj el Fanar.
© Retouched photograph by A. Bravo

FORTIFICACIONES EXTERIORES DE LA SEGUNDA MITAD DEL XVI Y SIGLO XVII: LA PERVIVENCIA DE MODELOS TRADICIONALES EN TORRES Y FUERTES

Durante el reinado de Felipe II se continúan realizando avances fundamentales en la defensa de estas ciudades y espacios norteafricanos, todos ellos de un gran valor estratégico. En los casos que analizamos a continuación abordaremos aquellas torres y fuertes que no utilizan sistemas abaluartados ni atenazados, y mantienen el uso del torreón cuadrangular o cilíndrico como elemento de su defensa.

La Torre de la Laguna de Melilla

En el campo de las torres vigilantes destaca la que Giacomo Palearo Fratin proyectó para controlar la boca de la laguna de Melilla, la conocida como Mar Chica, una albufera junto a la citada ciudad (figura 6).

Se trata de una sólida torre cilíndrica de casi 20 m de alto y 28 de diámetro en su base, asentada sobre una planta cuadrangular que se eleva con muros ataludados y que constaba de tres niveles de bóvedas y uno superior, todos dotados de troneras para servicio artillero³. Fue pensada, en la entonces boca de entrada a la laguna, como medio para controlar el ingreso de la flota argelina o turca en su interior. Aunque comenzó a construirse, la base nunca llegó a finalizarse, ya que las posibilidades de abrir una nueva boca a la laguna por otro lugar eran muy factibles y, por tanto, hubiera quedado obsoleta en muy poco tiempo.

El fuerte de Tierra de Vélez de la Gomera

El menos conocido de esta serie es el fuerte de Tierra del Peñón de Vélez de la Gomera, construido por el gobernador Juan de Molina en 1575, y que desapareció en 1702 ante los ataques del sultán Moulay Zaidan (Bravo Nieto y Bellver Garrido, 2008, p. 13). Se trata de un fuerte de planta triangular que mostraba torreones cilíndricos huecos en sus vértices y estancias para varios usos.⁴ Su función consistía en controlar la llanura correspondiente a la desembocadura del río Badis, frente al Peñón, y permitir el control de las huertas que abastecían la fortaleza, así como poder hacer aguada sin peligro. Es uno de los fuertes más interesantes de todos los estudiados en este apartado, manteniendo una tipología muy cercana a los modelos de principios del siglo XVI (figura 7).

centre of these outcrops. It is not logical that such a powerful and carefully built work would be destroyed, above all because it could be reused to reinforce the Turkish fortifications of Algiers.

The Peñón de Argel fort was a sizeable fortress, which held a garrison of between 160 and 190 soldiers. Its strength can be judged by the number of attacks it suffered: in 1516 several thousand men tried to assault it without success; and also by the number of cannons that could fire through its gun ports, organized in several tiers of fire, in vaulted rooms and on the flat roof (figure 5).

It should also be referred that, broadly speaking, this fort still exists nowadays as an historical monument within the military zone of Algiers harbour. Ali Khelasi (1985, p. 56-57) is the only author who briefly describes the fort's architecture: it stands on a 60 m circular base and has a five meter ditch. The fort is a twelve-sided polygon; each side measures seven meters at the top and eight meters in the ditch, which is due to the fact that the bottom section is slightly sloped. Inside the fort there are four floors or tiers able to accommodate artillery; the flat roof still preserves some round merlons. The fort's ground plan shows a radial pattern with a large central courtyard.

EXTERNAL FORTIFICATIONS FROM THE SECOND HALF OF THE 16th AND THE 17th CENTURIES: THE SURVIVAL OF THE TRADITIONAL MODELS OF TOWERS AND FORTS

Fundamental advances in the defence of the North African cities and spaces, all of which had a significant strategic value, were also made during the reign of Felipe II. The cases that we shall analyse hereafter deal with the towers and forts where bastioned and tenailed systems were not used and the large quadrangular or circular towers were kept as defensive elements.

The Tower of the Laguna de Melilla

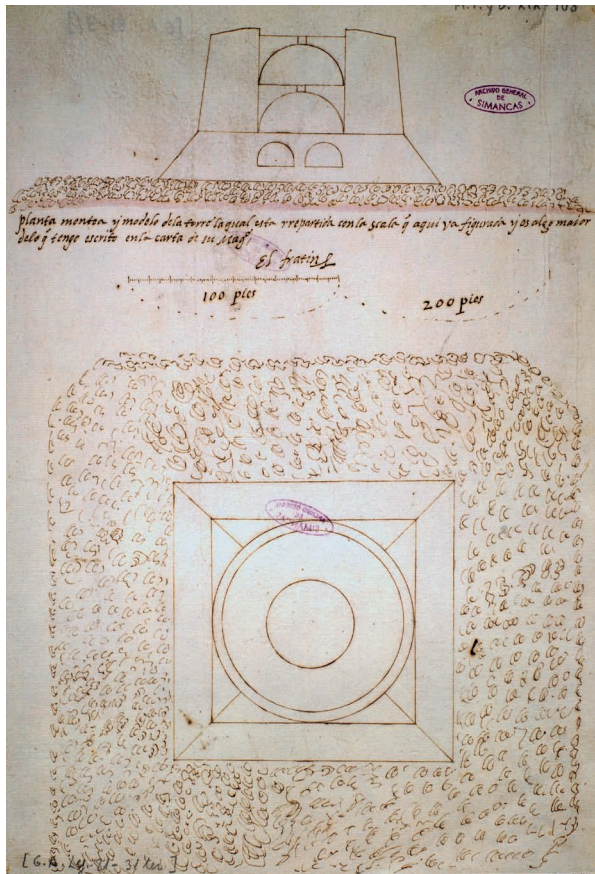
As far as watchtowers are concerned, the one designed by Giacomo Palearo Fratin is an outstanding example. This tower was meant to control the mouth of the *laguna de Melilla*, known as *Mar Chica*, a lagoon located in the vicinity of the city (figure 6).

Fratin designed a solid round tower, almost 20 m high and 28 m in diameter at the base, sitting on a quadrangular base with sloped walls. The tower featured three vaulted floors plus an upper one, all equipped with gun embrasures for the artillery³. It would be located at the mouth and entrance to the lagoon, and was meant

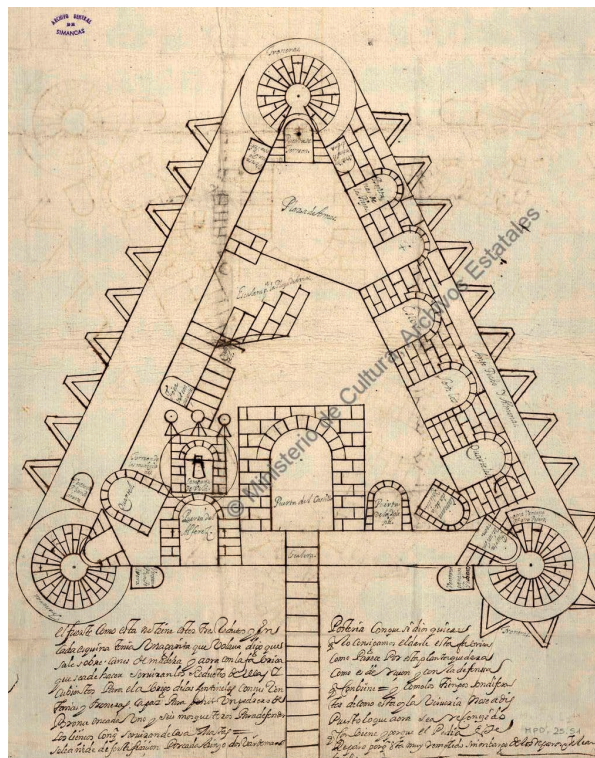
3. Planta, monte y modelo de la torre propuesta para defensa de la laguna de Melilla. Archivo General de Simancas, Mapas Plantas y Dibujos [AGS-MPD], MPD, 19, 108.

4. Dibujo del fuerte de tierra firme del Peñón de Vélez de la Gomera, AGS-MPD, 25, 051.

3. Planta, monte y modelo de la torre propuesta para defensa de la laguna de Melilla, Archivo General de Simancas, Mapas Plantas y Dibujos [AGS-MPD], MPD, 19, 108.



6. Planta, monte y modelo de la torre propuesta para defensa de la laguna de Melilla. © AGS-MPD, 19,108
Planta, monte y modelo de la torre propuesta para defensa de la laguna de Melilla. © AGS-MPD, 19,108



7. Dibujo del fuerte de tierra firme del Peñón de Vélez de la Gomera.
© AGS-MPD, 25, 051
Drawing of the fort of Peñón de Vélez de la Gomera.
© AGS-MPD, 25, 051

to control the access of the Turkish fleet to the lagoon. The base started to be built but was never finished because it was quite possible to open a new mouth and access to the lagoon elsewhere and therefore the tower would have become obsolete in a short time.

The land fort of Vélez de la Gomera

The least known fortification in this series is the land fort of the Peñón de Vélez de la Gomera, built by Governor Juan de Molina in 1575 and destroyed in 1702 when it was attacked by Sultan Moulay Zaidan (Bravo Nieto and Bellver Garrido, 2008, p. 13). This is a triangular fort with large round, hollow towers at its vertices and a number of rooms for diverse uses.⁴ Its function was controlling the lowlands of the Badis River mouth, facing the Peñón, and also the vegetable gardens that supplied the fortress, as well as securing the water sources. This is one of the most interesting forts among all the examples studied in this section, featuring a typology that followed the early 16th century models very closely (figure 7).

The detached forts of Melilla

On the other hand, the case of Melilla is really paradigmatic in terms of the role played by detached forts in the defence of the cities during the 16th and 17th centuries. The defensive walls of Melilla, mainly built during the first half of the 16th century, have always been defined as archaic by the engineers who visited them, even if they were perfectly adapted to their surroundings and functions. However, these walls could not ensure the control of the surrounding territory. Therefore, a line of detached forts had to be built (Morales Mendigutía, 1920).

There was a double need; on one hand, the need to protect the city's vegetable gardens, which were located outside the walls, in the valley and mouth of the Oro River; on the other hand, the need to establish a remote line of forts that enabled the control of the territory and kept the enemy from taking positions in front of the city walls.

The outworks were built by the city's master builders; the capacity and size of the forts was highly variable. In typological terms, these were quadrangular forts sometimes featuring cavaliers or raised inner platforms allowing for better control of the outer space. Flanking was a constant concern and some drawings show overhanging projections similar to machicolations to enfilade the ditches.

Considering the scarce number of artillery pieces used by the besiegers, mines were the main threat these forts had to face and the reason why several of

4. Dibujo del fuerte de tierra firme del Peñón de Vélez de la Gomera, AGS-MPD, 25, 051.

Fuertes exteriores de Melilla

Por otra parte, el caso de Melilla es realmente paradigmático en cuanto al papel que los fuertes exteriores van a cumplir en la defensa de una ciudad a lo largo de los siglos XVI y XVII. Las murallas de Melilla, construidas fundamentalmente durante la primera mitad del siglo XVI, siempre fueron definidas como arcaicas por los ingenieros que las visitaron, aunque perfectamente adaptadas a su entorno y función. Sin embargo, no podían asegurar el control del territorio circundante, por lo que se tuvo que construir una línea de fuertes exteriores (Morales Mendigutía, 1920).

Existió una doble necesidad; por un lado, proteger las huertas de la ciudad que se encontraban a extra-muros, en el valle y desembocadura del río de Oro; por otro, establecer una línea alejada de fuertes que permitiera controlar el territorio, en tanto en cuanto se impedía que el enemigo se situara delante de las mismas murallas.

Estas edificaciones fueron levantadas por los maestros de obras que estaban en la ciudad, y su capacidad y envergadura oscilaba bastante de unas a otras. Tipológicamente nos encontramos con fuertes de planta cuadrangular, que en algunos casos presentaban caballeros o plataformas interiores elevadas para controlar mejor el espacio exterior. Los problemas de flanco fueron una constante en ellas y en algunos dibujos aparecen cuerpos volados en los vértices, a modo de matacanes, que permitirían la enfilada del foso.

Su principal peligro ante la escasa artillería que el atacante pudo aportar a los asedios era la mina, que se convirtió en la verdadera pesadilla de estas fortificaciones y el motivo por el cual varios de ellos se perdieron irreversiblemente. Algunos de estos fuertes se destruyeron en momentos críticos de los asedios que el sultán Muley Ismail impuso a Melilla, pero se reedificaron en varias ocasiones intentado aplicarles reformas y nuevos mecanismos defensivos. Finalmente todos fueron demolidos a finales del siglo XVII.

Fuerte de la Huerta Grande de Melilla (figura 8). Construido por el gobernador Cristóbal de Abreu en 1534 para la defensa de las huertas de la plaza. También se le llamó de Santa Ana e inicialmente fue una sencilla torre que necesitó obras de reparación a lo largo del siglo XVI y, sobre todo, después del terremoto de 1660 cuando hubo que reedificarla. La imagen posterior del fuerte nos la muestra un dibujo de 1692⁵ que presenta una obra cuadrangular con un caballero interior más elevado y cuatro torreones cuadrangulares en los vértices. Su pérdida de efectividad se produce cuando el gobernador Bernabé Ramos de Miranda acomete la reforma definitiva de las murallas de la

them were irremediably lost. Some of the forts were destroyed during critical moments of the attacks against Melilla by Sultan Muley Ismail, but they were rebuilt and reformed several times and equipped with new defensive devices. All the forts were finally demolished by the end of the 17th century.

Fuerte de la Huerta Grande de Melilla (figure 8). Built by Governor Cristóbal de Abreu in 1534 to defend the vegetable gardens and also called Fort of Santa Ana. It began as a simple tower that required repair works throughout the 16th century and particularly after the 1660 earthquake, when it had to be rebuilt. A 1692 drawing shows a quadrangular fort with an inner cavalier and four large quadrangular towers at the vertices. Its effectiveness was lost when Governor Bernabé Ramos de Miranda undertook the final reform of the city's walls: if the fort was ever taken by enemy forces it could be used to attack the main fortress⁵. Therefore, it was blown up.

Fuerte de San Marcos. The Fort of San Marcos was built in the same area around 1575 and repaired in 1636 by *alcaide* Gabriel de Peñalosa. The August 5th 1660 earthquake left it in ruins and in September 24th 1660 the *alcaide* Pedro Velázquez y Angulo included this fort in his proposal for the repair of the detached forts, for which he requested the sum of 4.000 *ducados*, materials, skilled workers and the required labourers (Rodríguez Puget, 2007, p. 246-247). However, the fort's proximity to the city walls made its reconstruction impossible, as can be deduced from the fact that it is not shown in later plans.

Fuerte de San Pedro de la Albarrada (figure 9). This defensive outwork was built around 1581; its function was the surveillance of a *rambla* (a dry riverbed) that would allow enemy forces to dangerously approach the city walls. This was a stone masonry work, with a garrison of fifteen soldiers and a corporal, which could be increased in wartime. It was surrounded by an *albarrada* or dry-stone wall that could be garrisoned by the infantry. The fort was blown up and destroyed by accident in 1670 and rebuilt by Governor Francisco Osorio y Astorga within a month, taking advantage of the presence of the *Tercio de Frigiliana* (a pike and shot unit) in Melilla. A sum of 20.000 *ducados* was made available for the works required by this and other forts, including the forts of San Pedro, Santo Tomás and San Francisco (Rodríguez Puget, p. 253). On May 20th 1670 the *maestre de campo* (a high-ranking officer) had already rebuilt the fort of San Pedro, as shown in two drawings, a 1687 one from the Atlas Medici by Lorenzo Possi (2014), which shows a high tower with a quadrangular base and sentry boxes at the vertices, and a 1692⁶ one that shows a quadrangular fort with two large round

5. Planta de la fortificación y contornos de Melilla, 1692, AGS-MPD, 08, 253.

5. Planta de la fortificación y contornos de Melilla, 1692, AGS-MPD, 08, 253.

6. Planta de la fortificación y contornos de Melilla, 1692, AGS-MPD, 08, 253.

ciudad ante el peligro de que el enemigo se apodera-
ra de ella y la reutilizara en contra de la fortaleza. Por
esa razón se voló.

Fuerte de San Marcos. En la misma zona se construyó
el fuerte de San Marcos, edificado hacia el año 1575 y
reparado en 1636 por el alcaide Gabriel de Peñalosa.
El 5 de agosto de 1660, un temblor de tierra lo arruinó
y el 24 de septiembre del mismo año el alcaide Pedro
Velázquez y Angulo lo incluía en la propuesta de repa-
ración de los fuertes destacados, para cuyo objeto soli-
citó 4 000 *ducados*, materiales, oficiales y la gente que
fuere menester (Rodríguez Puget, 2007, p. 246-247).
Sin embargo, su cercanía a las murallas de la ciudad
impidió su reconstrucción tal como se colige de su
desaparición en los planos posteriores a esa fecha.

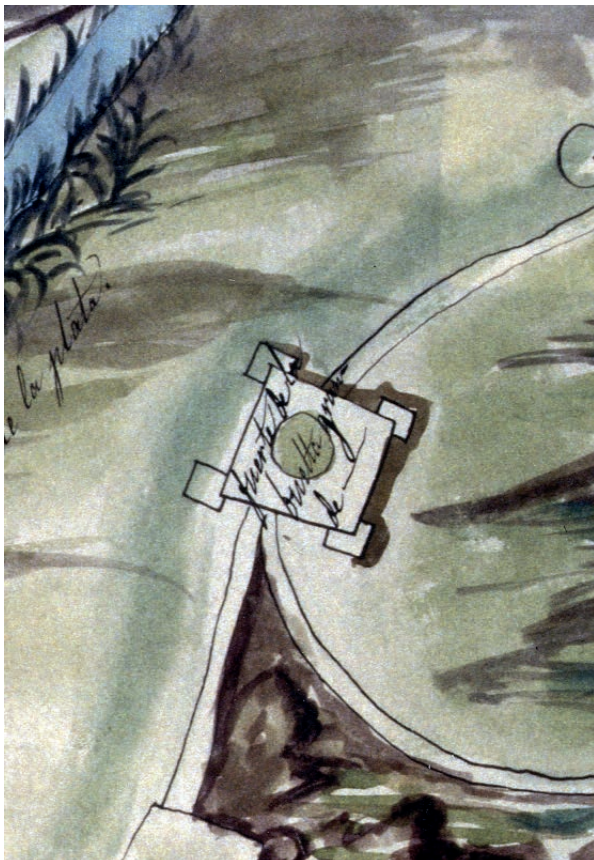
Fuerte de San Pedro de la Albarrada (figura 9). Construi-
do hacia 1581 se trataba de una obra defensiva, cuya
función era vigilar el inicio de una rambla que permitía
que el enemigo se acercara excesivamente a las mura-
llas. Obra de piedra y cal, su guarnición se componía de
quince soldados y un cabo, aunque podía ser mayor en
tiempos de guerra. Tenía en su alrededor una albarrada
o muro de piedra seca, donde se guarnecía la infante-
ría. Sufrió una voladura accidental y quedó arrasado en
1670, por lo que el gobernador Francisco Osorio y Astor-

towers on its main front, while its gorge features two
large square towers. In 1689 Bernabé Ramos de Miran-
da ordered its destruction because it could be taken by
the enemy and converted into an attacking position
against the city.

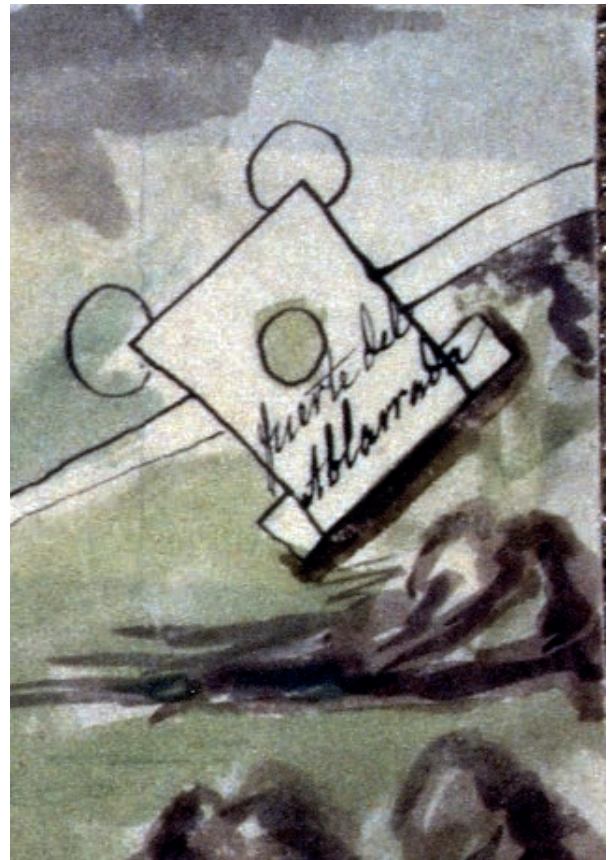
Fuerte de Santo Tomás de la Cantera (figure 10). This
fort defended the northern side of the city, in order to
keep the enemy from approaching the Cubo heights,
which completely dominated the fortress. There was
already a tower at this location in the 16th century, but
it was rebuilt in 1635 by *alcaide* Tomás Messia. This was
a stone masonry work with a guard of eight men and
a corporal, without artillery. It suffered some major
attacks and was lost in 1667; it was rebuilt by Governor
Osorio Astorga in 1670 and ultimately destroyed in
1689. Drawings show a quadrangular fort with a line
of fire and sentry boxes at the vertices, surrounded by
a polygonal tenailed wall that arguably results from a
17th century reform of the old tower.

Finally, the forts of San Lorenzo, San Francisco and
Santiago formed a defensive belt located further away
from the city.

Fuerte de San Lorenzo. This fort defended the beaches
on the left bank of the Oro River and thus one of the



8. Fuerte de la Huerta Grande en un fragmento de la planta de la
fortificación y contornos de Melilla, 1692. © AGS-MPD, 08, 253
Fort of Huerta Grande, detail of planta of the Fort of Huerta Grande,
detail of the plant of the fort and surroundings of Melilla, 1692.
© AGS-MPD, 08, 253



9. Fuerte de San Pedro de la Albarrada en un fragmento de la planta
de la fortificación y contornos de Melilla, 1692. © AGS-MPD, 08, 253
Fort of San Pedro de la Albarrada, detail of plant of the fort and
surroundings of Melilla, 1692. © AGS-MPD, 08, 253

ga lo reconstruyó en un mes aprovechando la presencia en Melilla del Tercio de Frigiliana. Para todo el programa de obras que se realizó en este y otros fuertes se pusieron a disposición 20.000 *ducados*, con los que también se realizaron obras en los fuertes de San Pedro, Santo Tomás y San Francisco (Rodríguez Puget, p. 253). El 20 de mayo de 1670, el maestre de campo ya había reedificado el fuerte de San Pedro tal y como se patentiza en dos dibujos, uno de 1687 correspondiente al Atlas Medici de Lorenzo Possi (2014), que nos muestra una alta torre de base cuadrangular y garitas en los vértices, y otro de 1692⁶ donde aparece con planta cuadrangular y dos torreones cilíndricos en el frente principal, mientras que en su gola exponía dos torreones de planta cuadrada. En 1689 Bernabé Ramos de Miranda ordenó volarlo por el peligro de que el enemigo se apoderara de él y se convirtiera en un lugar de ataque a la ciudad.

Fuerte de Santo Tomás de la Cantera (figura 10). Defendía el territorio de la zona norte de la ciudad, impidiendo que el atacante se acercara a la altura del Cubo desde el que se dominaba totalmente la fortaleza. En este lugar ya existía una torre en el siglo XVI, pero en 1635 se reconstruye por parte del alcaide Tomás Messia. Realizado en piedra y cal, no contaba con artillería y alojaba una guardia de ocho hombres y un cabo. Sufrió importantes ataques y se perdió en 1667, siendo reconstruido por el gobernador Osorio Astorga en 1670 y destruido definitivamente en 1689. Los dibujos muestran un fuerte cuadrangular con una línea de tiro y garitas en los vértices, aunque a su alrededor figura una obra formada por un muro de planta poligonal atenazada, que parece reflejar una reforma del siglo XVII sobre la vieja torre.

Por último, y formando un cinturón defensivo más alejado de la plaza, se situaban los fuertes de San Lorenzo, San Francisco y Santiago.

Fuerte de San Lorenzo. Defendía toda la zona de las playas en el margen izquierdo del río de Oro y, con ello, uno de los principales caminos que conectaban la ciudad con el reino de Fez. Este es el único fuerte exterior de Melilla del que se conserva un resto físico en el museo de la ciudad, en concreto la lápida tallada en piedra de su inauguración y que reza (figura 11):

Siendo Alcayde por la Majestad Real del Rey Don Felipe II el ilustre señor Antonio de Tejada se hizo esta torre, año 1583.

Pese a la inscripción que figuraba en la portada del fuerte es probable que existiera una torre anterior en el lugar, en época de Pedro Venegas de Córdoba. Después del terremoto de 1660 fue reconstruida, pese a que su fábrica continuó presentando deficiencias técnicas. De planta cuadrangular, desde su plaza de

main ways that connected the city with the Kingdom of Fez. The only material remain of the detached forts of Melilla kept at the city's museum belongs to this fort; it is a stone slab that bears the following inscription (figure 11):

Siendo Alcayde por la Majestad Real del Rey Don Felipe II el ilustre señor Antonio de Tejada se hizo esta torre, año 1583.

Despite this inscription that once stood on the fort's facade, a previous tower arguably existed at this location at the time of Pedro Venegas de Córdoba. This quadrangular fort was rebuilt after the 1660 earthquake but even so its structure still showed some technical deficiencies. The escarpments and the foothills could not be battered from the fort and therefore Governor José de Frías attempted to undertake its reform in 1677, without knowing that the fort would be lost to enemy attacks the following year. The garrison could vary between 30 and 40 men.

The last forts, San Francisco and Santiago, formed a defensive group to the northwest and were linked by a stone wall or *albarrada* (figure 12).

Fuerte de San Francisco. This was a stone masonry construction built in the early second half of the 17th century and garrisoned by 15 men and a corporal, even if it could hold more troops. It was rebuilt in several occasions, for example in 1661 by Governor Velázquez y Angulo and by Frías in 1670. However, it was mined by attackers in 1679 and finally demolished when it was besieged by Sultan Muley Ismail.

Fuerte de Santiago. The forts of San Francisco and Santiago formed a defensive system. The latter was built during the second half of the 16th century; this was a stone-and-mud construction that could hold a garrison of twenty men and a corporal. It was rebuilt in the 17th century with a quadrangular plan and using elements of stone masonry to consolidate its wall, with a thickness of two *varas*. Its reform was even proposed in 1677; the project included four diamond-shaped points at the vertices, which would involve the use of ténaille techniques. However, the fort was besieged, mined and ultimately destroyed in 1679.⁷

To conclude, we would point out that all the detached forts of Melilla were devastated before any major reform works could take place and thus before they could be transformed into larger fortifications. In result of their loss, the city had to undertake a complete reform of its wall perimeter, which triggered the construction of the second, third and fourth *recintos* (enclosures), which started by the end of the 17th century and was completed by the mid-18th century.

6. Planta de la fortificación y contornos de Melilla, 1692, AGS-MPD, 08, 253.

7. Fuerte de Santiago en el plano de fortificaciones de la plaza de Melilla, 1697. Instituto de Historia y Cultura Militar [IHCM]. Colección Aparici.

armas no se batía el pie de los estribos ni las escarpas, por lo que en 1677 el gobernador José de Frías intentó acometer su reforma sin saber que al año siguiente se perdería por ataques. Contaba con una guarnición que podía oscilar entre 30 y 40 personas de guardia.

Los últimos fuertes de San Francisco y Santiago formaban un conjunto defensivo hacia el noroeste y estuvieron unidos por un muro de piedra o albarrada (figura 12).

Fuerte de San Francisco. Construido en piedra y cal, pasada la mediación del siglo XVI, contaba con una guarnición de 15 hombres y un cabo, aun cuando su capacidad era mayor. Recibió varias reconstrucciones, como la realizada en 1661 por el gobernador Velázquez y Angulo, o la de Frías en 1670. Sin embargo, fue minado por los atacantes en 1679 y finalmente demolido por el empuje y asedio al que lo sometió el sultán Muley Ismail.

Fuerte de Santiago. Formaba sistema defensivo con el anterior fuerte de San Francisco y su edificación data de la segunda mitad del siglo XVI, estando construido de piedra y barro y permitiendo una guarnición de veinte hombres y un cabo. En el siglo XVII se reconstruyó mediante planta cuadrangular, utilizando un sistema de cajones de piedra y cal, para consolidar su muralla de dos varas de ancho. En 1677 se proponía incluso su reforma, proyectándose en sus vértices cuatro puntas de diamante, lo que implicaría el uso de técnicas atenazadas. Sin embargo, fue asediado y minado en 1679 con la consiguiente destrucción⁷.

Como conclusión podemos indicar que todos los fuertes exteriores de Melilla fueron devastados sin que realmente se llegaran a realizar obras de reforma importantes, que los transformaran en fortificaciones de mayor envergadura. Debido a su pérdida, la ciudad tuvo que asumir la reforma absoluta de su perímetro de murallas, dando lugar a la construcción de los recintos Segundo, Tercero y Cuarto que se ejecutaron desde finales del siglo XVII y que se concluyeron hacia la mitad del XVIII.

Primeras torres exteriores de Orán

La fortificación de la ciudad de Orán también exigió la construcción de una línea de fuertes exteriores que defendieran las principales alturas que rodean la urbe, lo que evitó que sus murallas, en parte obsoletas, tuvieran que ser reformadas. Existieron fundamentalmente dos líneas fortificadas, una al noroeste y otra al sureste de la ciudad.

El frente sur-sureste (con una distancia de 1 400 m) estaba defendido por unas obras exteriores que se iniciaron con el castillo de Rosalcazar y que continuó con la torre de Madrigal, la Torre Gorda y finalmente la torre de Todos los Santos.

7. Fuerte de Santiago en el plano fortificaciones de la plaza de Melilla, 1697. Instituto de Historia y Cultura Militar [IHCM]. Colección Aparici.



10. Fragmento del fuerte de Santo Tomás de la Cantera en *La Piazza di Meligia vista dalla parte del mare*. 1670. *Atlas Medici de Lorenzo Possi*. © Sánchez Rubio et al., 2014
Fort of Santo Tomás de la Cantera, detail of *La Piazza di Meligia vista dalla parte del mare*. 1670. *Atlas Medici de Lorenzo Possi*. © Sánchez Rubio et al., 2014



11. Lápida del fuerte de San Lorenzo. © Museo de Melilla
Stone slab from the Fuerte de San Lorenzo. © Museo de Melilla



12. Fragmento correspondiente a los fuertes de San Francisco y Santiago con su albarrada de piedra, en *La Piazza di Meligia vista dalla parte del mare*. 1670. *Atlas Medici de Lorenzo Possi*. © Sánchez Rubio et al., 2014
The forts of San Francisco and Santiago and their stone albarrada, detail of *La Piazza di Meligia vista dalla parte del mare*. 1670. *Atlas Medici de Lorenzo Possi*. © Sánchez Rubio et al., 2014

The first detached towers of Oran

The fortification of the city of Oran also required the construction of a line of detached forts to defend the main heights surrounding the city, which avoided having to reform the city's partially obsolete defensive walls. There were two fundamental fortified lines, one to the northwest and another to the south-southeast of the city.

The south-southeast front (with a length of 1 400 m) was defended by a number of outworks, which started with the Rosalcazar castle and were followed by the Madrigal tower, the Torre Gorda and finally the tower of Todos los Santos.



13. Vista actual del fuerte de Rosalcazar, con la ampliación ejecutada en esta época.
Present-day view of the Fuerte de Rosalcazar, showing the fort's enlargement.

El primer *castillo de Rosalcazar* (1514-1517) fue ampliado en varias ocasiones. Al primer fuerte de las tres torres se le adosó un baluarte en su frente sur, de planta rectangular. Por su frente este, se amplió con una obra que remataba en dos torreones curvos con un revellín. Actualmente se conservan el baluarte y uno de los torreones del ensanche (figura 13).

No obstante, las reformas y ampliaciones de este castillo fueron constantes a lo largo de todo el siglo XVI. Su enorme importancia estratégica determinó que se tuviera que adaptar a las nuevas técnicas de fortificación, lo que ejecutarían los ingenieros Juan Bautista Calvi, Juan Bautista Antonelli y Giacomo Palearo Fratin, como veremos en el capítulo siguiente.

La torre de *Todos los Santos* llevó el peso de buena parte de los ataques sufridos por Orán al proteger la parte más exterior y cercana a las fuentes de agua de la ciudad. Por esta razón, el conde de Alcaudete pensaba reformarlo en 1556 (Ruff, 1900, p. 170). Por su parte, Ignacio Bauer Landauer (s.f., p. 23), documenta que en abril de 1563 los turcos sitiaron Orán y consiguieron apoderarse de esta torre, confirmando que su reforma y aumento eran ya totalmente necesarios. Diego Suárez (1889), el soldado que escribió sobre Orán en la segunda mitad del siglo XVI, cita en varias ocasiones esta torre, de la que señala su situación sobre el valle donde estaban las huertas y cerca de la fuente grande (p. 92 y 152). Finalmente apuntaremos que existe un problema historiográfico en torno a la cronología de su transformación en el fuerte abaluartado de San Felipe, lo que analizaremos en el capítulo siguiente.

Conservamos un dibujo de la segunda mitad del siglo XVI, atribuido a Bautista Antonelli, donde se traza esta línea exterior fortificada: desde la muralla del fuerte de Rosalcazar, la Torre Madrigal y la Torre Gorda (ambas obras de planta cuadrangular que mantenían una factura más arcaica) hasta el fuerte de San Felipe (figura 14).

Diego Suárez (1889, p. 92 y 152) hace mención asimismo a estas dos torres intermedias, *la Torre Gorda* y *la Torre Madrigal*:

The original *castillo de Rosalcazar* (1514-1517) was enlarged in several occasions. The first fort featured three towers; its southern front was enlarged by means of an adorsed rectangular bastion. The eastern front was also enlarged and included two round towers with a ravelin. The bastion and one of the later towers still exist (figure 13).

Nevertheless, the reforms and extensions of this castle were a constant throughout the entire 16th century. Its huge strategic importance required its adaptation to the new fortification techniques, which would be executed by engineers Juan Bautista Calvi, Juan Bautista Antonelli y Giacomo Palearo Fratin, as we shall see in the following chapter.

The tower of *Todos los Santos* took the weight of a considerable part of the attacks against Oran, as it protected a more external part of the city, close to the water sources. For this reason, the Count of Alcaudete planned its reform in 1556 (Ruff, 1900, p. 170). Ignacio Bauer Landauer (n.d., p. 23), for his part, mentions that in April 1563 the Turks besieged Oran and succeeded in taking this tower, which confirmed that its reform and enlargement were indeed necessary. Diego Suárez (1889), the soldier who wrote about Oran in the second half of the 16th century, mentions this tower several times and points out its location, close to the big spring and overlooking the valley where the vegetable gardens were located (p. 92 and 152). Finally, there is a historiographical problem concerning the chronology of the transformation of the fort of San Felipe into a bastioned fort, which we shall analyse in the following chapter.

A drawing from the second half of the 16th century, attributed to Bautista Antonelli, shows the outer fortified line: from the wall of the Rosalcazar fort, the Torre Madrigal and the Torre Gorda (both of them quadrangular works of more archaic construction) to the fort of San Felipe (figure 14).

Diego Suárez (1889, p. 92 and 152) also mentions these two intermediate towers, the *Torre Gorda* and the *Torre Madrigal*:

Hay dos torres muy menesterosas que mandó derribar Don Alonso de Córdoba en primavera del año 1563 pero el maestre dijo que era necesario volver a levantarlas, y las hizo más convenientes (Suárez, 1889, p. 152 y 300); el maestre quiso hacer una torre en el sitio donde antes estaba la Torre Gorda, se derribó la primera en 1556, el maestre mandó hacerla cuadrada y maciza hasta la tercera parte de su altura, con un pequeño postigo que tenía la escala levadiza, como son las entradas de las torres de la costa meridional de España, costas de los reinos de Valencia, Murcia y Granada que sirven de guardas. (Suárez, 1889, p. 301)

An inscription dated the reconstruction works to the year 1570 (figures 15 and 16).



14. El frente sur-sureste de los fuertes exteriores de Orán en un fragmento de un dibujo. © AHN, Universidades, 713, 118 r
The south-southeast front of Oran's detached forts, detail of a drawing. © AHN, Universidades, 713, 118 r

Hay dos torres muy menesterosas que mandó derribar Don Alonso de Córdoba en primavera del año 1563 pero el maestre dijo que era necesario volver a levantarlas, y las hizo más convenientes (Suárez, 1889, p. 152 y 300); el maestre quiso hacer una torre en el sitio donde antes estaba la Torre Gorda, se derribó la primera en 1556, el maestre mandó hacerla cuadrada y maciza hasta la tercera parte de su altura, con un pequeño postigo que tenía la escala levadiza, como son las entradas de las torres de la costa meridional de España, costas de los reinos de Valencia, Murcia y Granada que sirven de guardas. (Suárez, 1889, p. 301)

De esta reconstrucción se conservaba una inscripción que databa las obras en 1570 (figura 15 y 16).

En un plano-dibujo de 1675 puede observarse la disparidad existente entre los cuatro fuertes que componían

A 1675 plan-drawing shows the disparity between the four forts that composed the system; the two towers mentioned above are still shown, shortly before their demolition. The Torre Gorda, for its part, is shown in a 1690 plan where one can observe its rectangular shape, surrounded by a small ditch, and a drawbridge with its covered way, ditch and glacis. Both towers became obsolete and were demolished as a result of the construction of the fort of San Andrés in the last years of the 17th century.

As far as the northwest front is concerned, there was a tower called *del Hacho* at the same location where the fort of San Gregorio was eventually built. Between 1559 and 1560 the Count of Alcaudete strengthened this tower with bastions and artillery; a 1567 document mentions the tower and its garrison of forty soldiers. It was demolished and the castle of San Gregorio was built in the same spot between 1588 and 1589.



15. Línea exterior de torres del frente sur-sureste, en el fragmento del diseño demostrativo del emplazamiento de la ciudad de Orán y de sus castillos, 1675. © AGS-MPD, 08,071
External line of towers of the south-southeast front, detail of drawing showing the settlement of the city of Oran and its castles, 1675.
© AGS-MPD, 08,071

el sistema y todavía se aprecian estas dos torres en su momento final. Por su parte, de la Torre Gorda contamos con un plano fechado en 1690 donde se dibuja su planta rectangular, un pequeño foso a su alrededor y un puente levadizo, con su camino cubierto, foso y glacis. Ambas obras fueron demolidas por resultar obsoletas debido a la construcción del fuerte de San Andrés en los últimos años del siglo XVII.

Por lo que respecta al otro frente, noroeste, en el lugar donde posteriormente se construyó el fuerte de San Gregorio, existía una torre llamada del Hacho. Entre 1559 y 1560 el Conde de Alcaudete la amplió de baluartes y artillería, y en un documento de 1567 es citada con una guarnición de 40 soldados. Fue demolida y en su lugar se levantó, entre 1588 y 1589, el castillo de San Gregorio.

Los fuertes costeros del Hacho, Ceuta

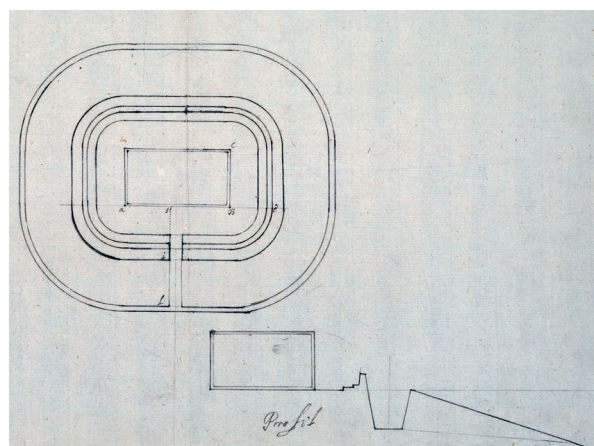
Las condiciones defensivas de Ceuta presentan una gran singularidad respecto al resto de fortalezas abordadas en este trabajo. La ciudad construida en un istmo presentaba un primer frente de murallas, denominado Frente de Tierra, que la defendía del campo enemigo y que databa del siglo XVI. A sus espaldas, se situaba la zona denominada Almina y finalmente el monte Hacho, elevación que formaba una península.

El peso de la defensa de la ciudad se asentaba en las murallas del Frente de Tierra, aun cuando todo el desarrollo del istmo y monte Hacho requirieron un plan defensivo para evitar posibles desembarcos. Por ello, comenzó a fortificarse la parte más baja del monte, amurallando en lo posible la zona de costa, aunque hasta el siglo XVII no conocemos la existencia de fuertes artilleros. En un plano de 1643⁸ no aparece reflejado ninguno, pero en el último decenio de este siglo se construyeron varios, todos ellos de planta cuadrangular y con su frente de ataque en forma curva. En un plano de 1717⁹ ya figuran los fuertes de San Amaro, Santa Catalina y Desnarigado¹⁰. Con ellos, se intentaba defender zonas expuestas de la península del Hacho (figura 17).

Todos estos fuertes fueron reformados o reconstruidos con posterioridad, siendo en el siglo XIX cuando adquieren su morfología actual.

Los fuertes exteriores de la ciudad de Argel

Acuciada durante el siglo XVI con el peligro de diferentes ataques, sobre todo por parte de la flota española, y en los siglos siguientes por otras potencias entre las que se volvía a encontrar España, junto a Francia e Inglaterra, Argel tuvo que dotarse desde muy pronto de fortificaciones exteriores. Conocemos algunas que se-



16. Diseño de la planta y perfil de la Torre Gorda de Orán, 1690.
© AGS-MPD, 15, 159
Drawing of plan and section of Torre Gorda in Oran, 1690.
© AGS-MPD, 15, 159

The coastal forts of Hacho, Ceuta

The defensive conditions of Ceuta's fortifications are quite unique when compared to the other fortresses included in this paper. The city is situated on an isthmus; its first wall front, the *Frente de Tierra* (lit.: land front), defended the city from the enemy field and dates from the 16th century. Behind the wall was a zone known as Almina and further back the Mount Hacho peninsula.

The *Frente de Tierra* ramparts carried the weight of the city's defence. Nevertheless, Mount Hacho and the entire isthmus required a defensive plan in order to avoid possible enemy landings. Thus, the lower part of the mount was fortified; the coastal area was walled wherever possible but there were no artillery fortifications until the 17th century. Indeed, none is shown on a 1643⁸ plan but several artillery forts were built during the last decade of the century; all forts featured a quadrangular plan and a rounded main front. A 1717⁹ plan already shows the forts of San Amaro, Santa Catalina and Desnarigado¹⁰, which were meant to defend the exposed areas of the Hacho peninsula (figure 17).

All these forts were eventually reformed or rebuilt; their present-day morphology dates from the 19th century.

The detached forts of the city of Algiers

During the 16th century the city of Algiers was under threat of being attacked, mainly by the Spanish fleet, and in the following centuries also by other powers, among which Spain, France and England. Thus, Algiers had an early need for external fortifications. Some

8. Plano de Ceuta, 1643, IHCM. Colección Aparici. APA, 7-44.

9. Plano de Zeuta y su almina, 1717. SGE. Cartoteca.

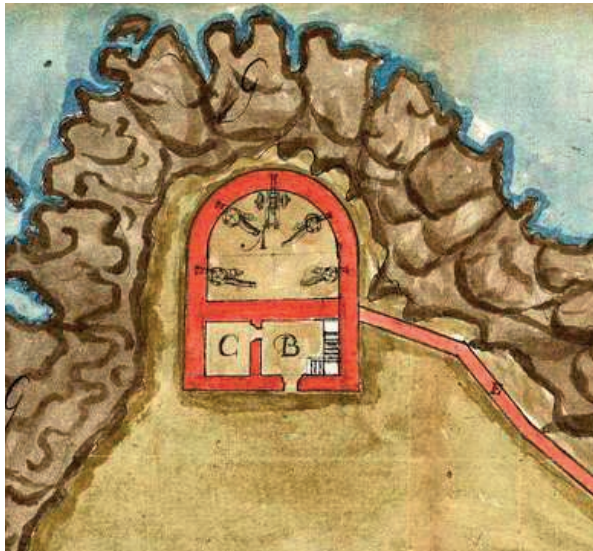
10. Planta del reduto y cara del Desnarigado... AGS-MPD. 61, o83.

8. Plano de Ceuta, 1643, IHCM. Colección Aparici. APA, 7-44.

9. Plano de Zeuta y su almina, 1717. SGE. Cartoteca.

10. Planta del reduto y cara del Desnarigado... AGS-MPD. 61, o83.

guían sistemas de fortificación más arcaizantes, como "la torre que está encima de la montañuela que ganaron los españoles"¹¹. Era una torre de planta circular con varios niveles de tiro, que documenta fray Diego de Haedo (1927, p. 40) como obra de Asan Baja Veneciano (renegado de origen griego), construida en 1545 en el mismo lugar donde el emperador Carlos había plantado su pabellón cuando intentó conquistar la ciudad en 1541 (figura 18).



17. El fuerte Desnarigado en un fragmento de la planta y reduto. © AGS, MPD, 61-083
The Desnarigado fort, detail of the plan and redoubt.
© AGS, MPD, 61-083

LOS FUERTES ATENAZADOS Y ABALUARTADOS, SEGUNDA MITAD DEL SIGLO XVI Y XVII. LOS CASOS DE ORÁN Y ARGEL

Si en Melilla, Ceuta o Vélez de la Gomera, el modelo de torre o fuerte se va a mantener intacto todo el tiempo que analizamos, en otros lugares, y debido a circunstancias especiales, se sustituye este modelo por fortificaciones de mayor capacidad y donde se utilizan abiertamente técnicas abaluartadas o atenazadas.

Fuerte San Salvador de Mazalquivir

En Mazalquivir los primeros proyectos realizados por Juan Bautista Calvi se basaron en reformar las murallas del pequeño núcleo urbano y en construir un fuerte en las alturas dominantes, llamado de San Salvador, formando ambos conjuntos una unidad defensiva. Pedro de Salazar (1570, capítulo 40 a 58) indica que se estaba construyendo cuando el ataque de los turcos de 1563 dejó en evidencia su debilidad, al ser asaltado y ocupado. Por ello, en las sucesivas reformas de Mazalquivir, la opción elegida por Juan Bautista Antonelli y los siguientes ingenieros que se

works were built according to more archaic fortification systems, like *la torre que está encima de la montañuela que ganaron los españoles*¹¹. This was a round tower with several tiers of fire that is mentioned by Fray Diego de Haedo (1927, p. 40), who attributes its construction to Asan Baja Veneciano (a renegade of Greek origin) in 1545, on the same location where Emperor Carlos had set up his pavilion when he attempted to conquer the city in 1541 (figure 18).



18. La primera torre de Asan Baja en un fragmento del plano en perspectiva de la ciudad de Argel, 1563. © AGS- MPD, 07,131
The first tower built by Asan Baja, , perspective view plan of the city of Algiers, 1563. © AGS- MPD, 07,131

THE TENAILLED AND BASTIONED FORTS, SECOND HALF OF THE 16th AND 17th CENTURIES. THE CASES OF ORAN AND ALGIERS

At Melilla, Ceuta or Vélez de la Gomera the tower or fort model remained unchanged during the entire period we are analysing here. But in other places, and due to particular circumstances, this model was replaced by larger fortifications in which bastioned and tenailed techniques were openly used.

Fort San Salvador de Mazalquivir

The first projects executed by Juan Bautista Calvi at Mazalquivir (Mers-el-Kébir) were the reform of the defensive walls of the small urban area and the construction of a fort (San Salvador) on the dominating heights, with the walls and the fort forming a joint defensive unit. Pedro de Salazar (1570, chapters 40 to 58) states that the fort was being built when the Turkish attacked in 1563, assaulting and taking the fort and thus showing its weakness. Therefore, during the successive reforms of Mazalquivir the choice of Juan Bautista Antonelli

11. Plano en perspectiva de la ciudad de Argel, 1563. AGS-MPD, 07,131.

11. Perspective view plan of the city of Algiers, 1563. AGS-MPD, 07,131.

ocuparon de la fortaleza se centraría en reformar totalmente sus murallas con los sistemas más modernos, al tiempo que dejaban de lado el apoyo de este fuerte descartado desde entonces.

Fuertes de Orán

Orán se constituiría como el lugar idóneo para comprobar la rápida evolución hacia modelos más complejos, habida cuenta de la importancia de la ciudad y su alto valor estratégico. Será, por tanto, en este emplazamiento donde se produzca una evolución de las fortificaciones exteriores apenas vista en otros lugares del norte de África, hasta el punto que las primeras torres fueron sustituidas rápidamente por fuertes de trazado abaluartado.

Ya en la segunda mitad del siglo XVI se transformaron algunos de sus fuertes exteriores con proyectos de prestigiosos ingenieros como Juan Bautista Calvi, Juan Bautista Antonelli o Giacomo Palearo Fratin (figura 19).

En el frente noroeste se realizó de nueva planta el fuerte de Santa Cruz, con proyecto del ingeniero Giacomo Palearo, quien también construye el de San Gregorio (que sustituía la anterior torre del Hacho), ambos siguiendo sistemas atenazados y distantes 500 m uno del otro. Con estas dos fortificaciones ya en el siglo XVI quedaba suficientemente defendida la ciudad por el referido flanco.

En cuanto al otro frente, el sur-sureste, el sistema arrancaba del *fuerte de Rosalcazar*, del mismo modo ampliado a lo largo del siglo XVI (sin destruir afortunadamente el fuerte primitivo). Diego Suárez (p. 152) señala que el maestre había mandado levantar un baluarte en Rosalcazar, y sitúa esta obra en 1562 (figura 20). Sin duda estos trabajos fueron consecuencia de la visita a Orán por parte de Juan Bautista Calvi, aunque posteriormente el fuerte fue reformado por Juan Bautista Antonelli, y su trazado y ampliación definitiva llevada a cabo por un ingeniero de la talla de Giacomo Palearo Fratin. En el siglo XVII, 1675, el ingeniero Pedro Maurel también planeó su transformación¹². Desde esta gran fortificación arrancaba la construcción de una nueva línea de defensa a finalizar en el *fuerte de San Felipe*.

Desde esta gran fortificación arrancaba la construcción de una nueva línea de defensa a finalizar en el *fuerte de San Felipe*.

Este último ofrece actualmente un problema de cronología: la sustitución de la torre de Todos los Santos por el fuerte de San Felipe. A favor de que debiéramos datarlo en la segunda mitad del siglo XVI se encuentra un dibujo del AHN¹³ (atribuido a Bautista Antonelli), en el que San Felipe aparece ya dibujado en sus líneas

and the other engineers who took over the works was to completely reform the ramparts using the more modern systems and ignoring the support of this fort, which was totally discarded ever since.

The forts of Oran

Oran was to become the ideal place to assess the rapid evolution towards more complex models, given the city's importance and high strategic value. Therefore, Oran witnessed an evolution of the external fortifications the likes of which were barely seen in other North African locations, to the point that its earlier towers were rapidly replaced by bastioned forts.

Some of Oran's detached forts were transformed as early as the second half of the 16th century; the transformation projects were commissioned to famous engineers like Juan Bautista Calvi, Juan Bautista Antonelli or Giacomo Palearo Fratin (figure 19).

On the northwest front, the fort of Santa Cruz was built from scratch by engineer Giacomo Palearo, who also built the San Gregorio fort (a replacement for the former Hacho tower). Both forts were built according to tenailed systems and were located 500 m apart. With these two fortifications the city was sufficiently defended on the northwest flank already in the 16th century.

As to the south-southeast front, the system started from the *fuerte de Rosalcazar*, similarly enlarged throughout the 16th century (fortunately enough without destroying the original fort). Diego Suárez (p. 152) refers that the *maestre* had ordered the construction of a bastion at Rosalcazar in 1562 (figure 20). These works were certainly a consequence of Juan Bautista Calvi's visit to Oran, even if the fort was subsequently reformed by Juan Bautista Antonelli. Actually, the fort was ultimately designed and enlarged by the outstanding engineer Giacomo Palearo Fratin. Engineer Pedro Maurel had also made plans for the fort's reconstruction in the 17th century (1675)¹². A new defensive line started at this large fortification and ended at the *fuerte de San Felipe*.

Nowadays there is a chronological issue with regard to this new defensive line: the replacement of the tower of Todos los Santos by the fort of San Felipe. An AHN¹³ drawing attributed to Bautista Antonelli already shows the fort's main lines and therefore supports dating its construction to the 16th century. This drawing was wrongly interpreted by Mikel de Epalza and Juan Bautista Vilar (1988) as representing the Madrigal tower (p. 306, number 369) (figure 21).

However, Diego Suárez (1889), the soldier who wrote about Oran in the second half of the 16th century, surprisingly does not mention the fort of San Felipe at all.

12. Planta del castillo de Rosalcazar, 1675. AGS-MPD, 16, 160.

13. AHN. Universidades, 713, N70, 118 r.

12. Plant of the castle of Rosalcazar, 1675. AGS-MPD, 16, 160.

13. AHN. Universidades, 713, N70, 118 r.

fundamentales. Mikel de Epalza y Juan Bautista Vilar (1988) interpretaron este dibujo de forma errónea, pensando que reflejaba la torre Madrigal (p. 306, número 369) (figura 21).

Empero, si acudimos a Diego Suárez (1889), el soldado que escribió sobre Orán en la segunda mitad del siglo XVI, no encontramos sorprendentemente ninguna referencia al fuerte de San Felipe. Creemos que una de las interpretaciones más precisas de la transformación en fuerte de la torre la señala Mohamed Amine Khelifa (2015), al indicar que el ingeniero Cristóbal de Rojas estuvo en 1611 en Orán para dirigir sus trabajos de fortificación. Fruto de esta actuación, en 1616 se produjeron importantes gastos de cara a fortificar el castillo de San Felipe, que ya por esos años contaba con capellán pese a que las obras no habían concluido alcanzado ya el año 1629.

Finalmente, todo el frente sur-sureste se reformó en el último tercio del siglo XVII; complementando a los fuertes de los vértices se construyó el castillo de San Andrés, con unión entre sí mediante una comunicación protegida y dotado de algunos reductos intermedios. En aquellos momentos, tanto la Torre Madrigal como la Torre Gorda perdieron su funcionalidad y desaparecieron.

El fuerte de San Andrés. La necesidad de levantar un nuevo fuerte en esta zona intermedia se constata ya en 1675, cuando Iñigo de Toledo Osorio propuso el modelo de un fuerte de planta pentagonal con cinco baluartes en sus vértices¹⁴.

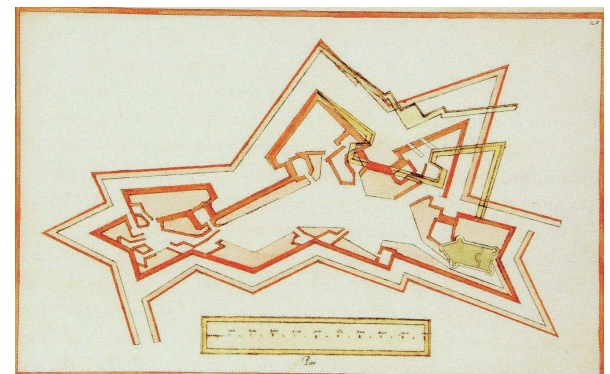
Pero en 1693 todavía no se había realizado, por lo que el ingeniero Hércules Torelli planteaba varios modelos para levantar el fuerte de San Andrés, en resúmenes cuentas origen directo de esta fortificación cuya finalidad era cerrar uno de los pasos fundamentales para acceder a Orán. En su primer modelo definía un "fuerte de segundo orden de arquitectura reforzada moderna", de planta rectangular con baluartes en sus vértices y revellín exterior defendiendo el sistema de caminos cubiertos. Sin embargo, finalmente realizó un segundo proyecto, un fuerte de planta cuadrangular con medio hornabeque en su frente principal y otros dos medios baluartes flanqueantes en la gola, contando igualmente con camino cubierto (figura 22).

El mismo ingeniero Torelli planteaba también otra fortificación similar en el sector suroeste, frente a las murallas de la Alcazaba, y que nunca se llevó a cabo.¹⁵

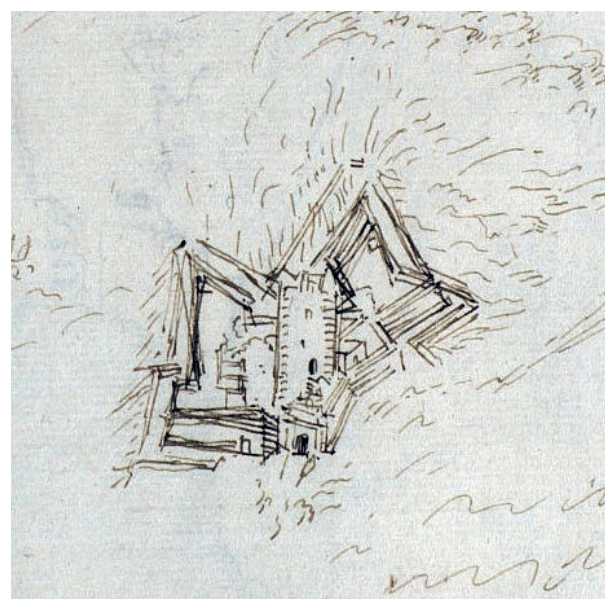
Por último, en la zona de altura dominante sobre el fuerte de Santa Cruz pensó realizarse un proyecto de



19. Línea exterior de torres del frente noroeste, en el fragmento del diseño demostrativo del emplazamiento de la ciudad de Orán y de sus castillos, 1675. ©AGS-MPD, o8,071
External line of towers of the northwest front, detail of drawing showing the settlement of the city of Orán and its castles, 1675. © AGS-MPD, o8,071



20. Fuerte de Rosalcazar, Leonardo Turriano, Alicia Cámara, 2010.
Fort of Rosalcazar, Leonardo Turriano, Alicia Cámara, 2010.



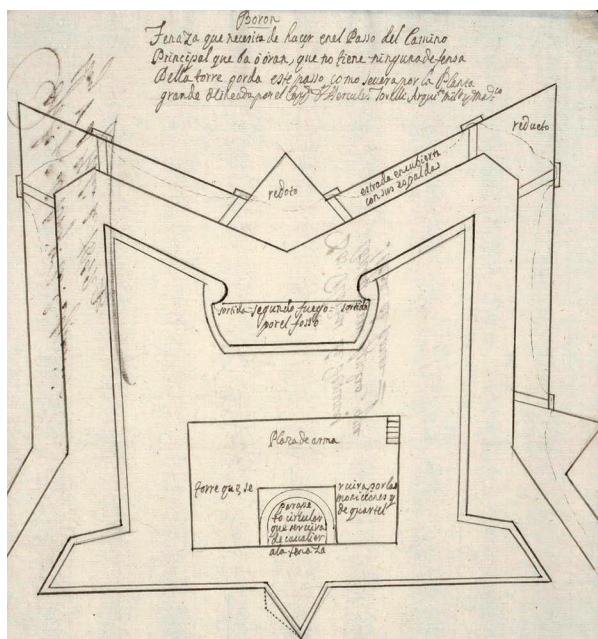
21. Fuerte de San Felipe en un dibujo del AHN. Universidades, 713, N70, 118 r.
The Fuerte de San Felipe as shown in a drawing from the AHN. Universidades, 713, N70, 118 r.

14. Planta y alzada de un fuerte que se proyectaba construir para defensa de la Plaza de Orán, 1675. AGS-MPD, o8, 071.

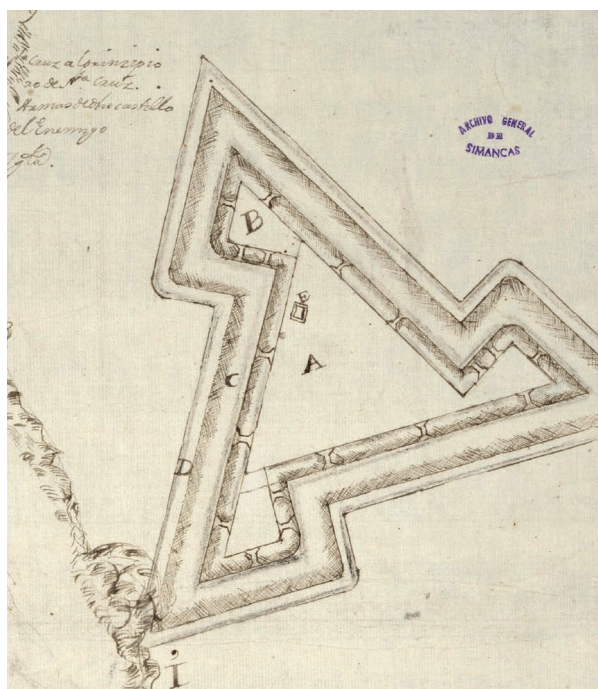
15. Boron de una tenaza zenzilla con dentro la Torre que necesita hacer en el plano de Ifre. 1693. Hercules Torelli, AGS. MPD. 61, o88.

fuerte que asumía la forma de un triángulo con medios baluartes en sus vértices. El proyecto, ejecutado por el ingeniero Pedro Maurel, databa de 1675 y no llegó nunca a llevarse a efecto (figura 23).

Concluiremos subrayando que todos los fuertes exteriores de Orán se transformaron y ampliaron durante el siglo XVIII, sobre todo a partir de 1732, aunque la base fundamental de sus defensas corresponde a los dos siglos anteriores.



22. Boron tenaza que necesita de hacer en el passo del camino principal que ba o Oran, 1693. © AGS-MPD, 61, 089
Boron tenaza que necesita de hacer en el passo del camino principal que ba o Oran, 1693. © AGS-MPD, 61, 089



23. Fuerte de la Meseta, fragmento de un dibujo, ingeniero Pedro Maurel, 1675 © AGS-MPD, 16, 159
Fort of Meseta, detail of a drawing, engineer Pedro Maurel, 1675 © AGS-MPD, 16, 159

We believe that one of the more precise interpretations concerning the replacement of the tower by a fort is Mohamed Amine Khelifa's (2015), as this author refers that engineer Cristóbal de Rojas was in Oran in 1611 to manage the fortification of the city. His endeavour resulted in a significant expenditure in 1616 in order to fortify the castle of San Felipe, which already had a chaplain by then even if its construction wasn't completed until 1629.

Finally, the entire south-southeast front was reformed during the last third of the 17th century. The castle of San Andrés was built to reinforce the forts located on the vertices; the castle and forts were interconnected by means of a series of protected ways and some intermediate redoubts. At this time, the Torre Madrigal and the Torre Gorda lost their functionality and ceased to exist.

The fort of San Andrés. The need for a new fort on this intermediate zone had already been acknowledged in 1675 when Iñigo de Toledo Osorio authored a proposal for a pentagonal fort with five bastions at its vertices¹⁴.

But in 1693 this fort was yet to be built, which led engineer Hércules Torelli to consider several projects for the construction of the fort of San Andrés; this was the direct origin of the fortification, which was meant to close one of the fundamental means of access to Oran. His first model was "a second-order fort of reinforced modern architecture", a rectangular fort with bastions at the vertices and a detached ravelin to defend the network of covered ways. But it was a second project that came to be built: a quadrangular fort with a demi-hornwork on its main front, two other flanking demi-bastions on the gorge and a covered way (figure 22).

The same engineer Torelli was also planning the construction of a similar fortification on the southwest sector, facing the Alcazaba walls, but this project was never executed¹⁵.

Finally, some consideration was also given to the construction of a fort on the heights dominating the fort of Santa Cruz. The 1675 project for a triangular fortification with demi-bastions at the vertices was authored by engineer Pedro Maurel but the fort was never built (figure 23).

We shall conclude by stressing the fact that all the detached forts of Oran were transformed and enlarged during the 17th century, mainly from 1732 onwards. But the fundamental base of the city's defences was built during the two previous centuries.

14. Planta y alzada de un fuerte que se proyectaba construir para defensa de la Plaza de Orán, 1675. AGS., MPD, 08, 071.

15. Boron de una tenaza zenzilla con dentro la Torre que necesita hacer en el plano de Ifre. 1693. Hercules Torelli, AGS-MPD. 61, 088.

Fuertes de Argel

Argel, ciudad custodiada por fuerzas otomanas, contaba con unas defensas marítimas bastante inexpugnables, si bien corría el riesgo de que un ejército consiguiera acercarse a la ciudad por tierra y, por ello, los turcos construyeron varios fuertes exteriores defensivos. En un plano de 1578 de Hendrik Van Schoel aparecen varias de estas fortificaciones, que seguían diferentes modelos y se situaban tanto al norte como al sur de la ciudad amurallada. En ellos vemos cómo los ingenieros otomanos utilizaron las mismas técnicas de fortificación imperantes en Europa, con modelos abaluartados y en tenaza (figura 24).

La mejor descripción de tales fortificaciones la realiza fray Diego de Haedo en su obra publicada en 1612, donde refleja el estado de la ciudad en la segunda mitad del siglo XVI. Haedo (1927, p. 38-43) señala que las murallas de Argel estaban dominadas desde varias alturas. Por esta razón, la defensa de la ciudad se asentaba en tres castillos o fuerzas que los turcos habían construido cerca de las murallas bajo la denominación de *Burgios*.

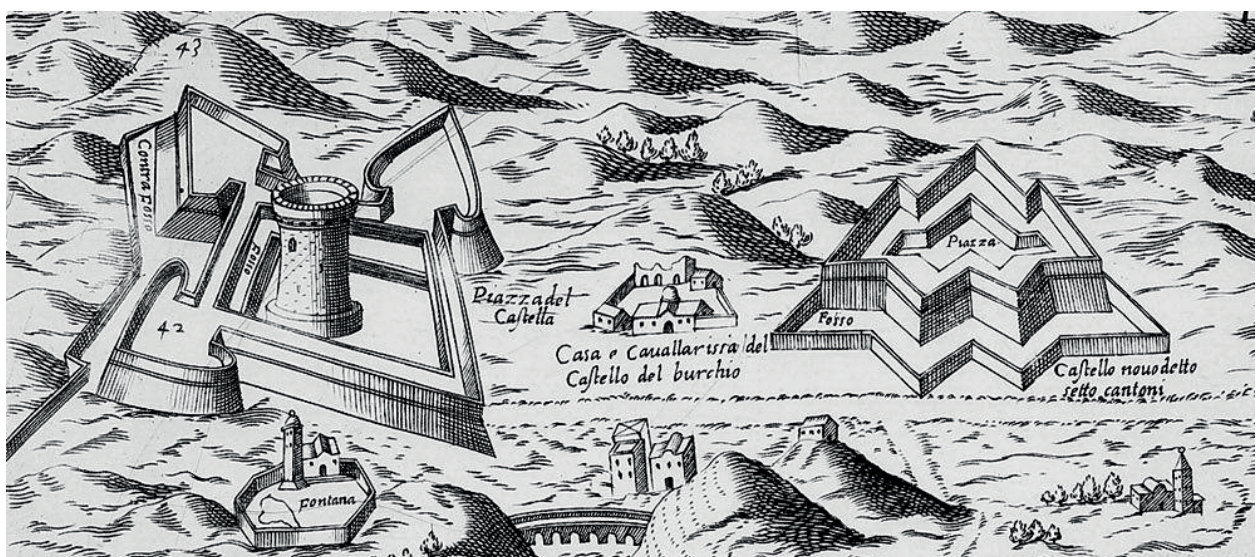
El primero es el castillo de Ochali, realizado en 1569 por el mismo Ochali, con la pretensión de defender la playa. Era un fuerte cuadrangular provisto de cuatro puntas con casamatas, troneras y cisterna, capaz de ocho piezas artilleras. El segundo lo realizó Mahamet Baja en 1568, siendo su ingeniero Mostafá Siciliano (un renegado). Su forma era de estrella de cinco puntas y, en sus esquinas, contaba con troneras al tiempo que se distinguía por estar contraminado. El tercer *burgio* fue una torre de planta circular, pero en 1579-1580 Asan Bajá construyó a su alrededor cuatro caballeros o bastiones. Y con esta forma fueron dibujados en 1619 por Cristóbal Lechuga (figuras 25 y 26).¹⁶

The forts of Algiers

Algiers was controlled by Ottoman forces and had rather unassailable maritime defences but it could be approached by an attacking army from the land side. Therefore, the Turks built several defensive detached forts. A 1578 plan by Hendrik Van Schoel shows a number of these fortifications, of various models and situated both to the north and to the south of the walled city. The example of these forts clearly shows that Ottoman engineers were using the same bastioned and tenailed fortification techniques being used in Europe (figure 24).

The best description of these fortifications can be found in Fray Diego de Haedo's 1612 work, which describes the condition of the city in the second half of the 16th century. Haedo (1927, p. 38-43) points out that the walls of Algiers were dominated from several heights. For this reason, the city's defence was based on three castles or *fuerzas* known as *Burgios*, built by the Turks and located close to the defensive walls.

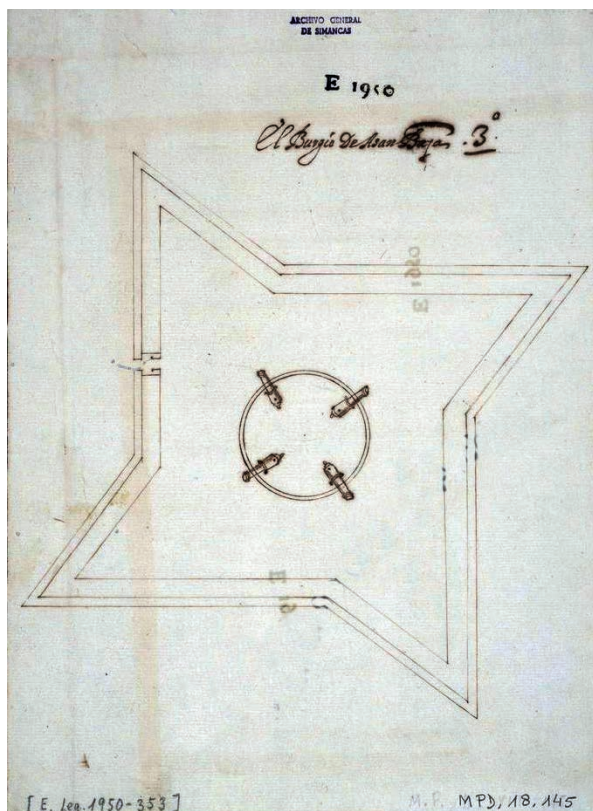
The first one is the castle of Ochali, built in 1569 by Ochali himself and aimed at defending the beach. This is a quadrangular fort featuring four points with casemates, gun embrasures and cistern that could hold eight artillery pieces. The second one was built by Mahamet Baja in 1568; his engineer was Mostafá Siciliano (a renegade). This was a five-point star-shaped fort with gun embrasures at the corners; it was an outstanding fort because it was countermined. The third *burgio* was a round tower but in 1579-1580 Asan Bajá had it surrounded by four cavaliers or bastions, shown in a 1619 drawing by Cristóbal Lechuga (figures 25 and 26).¹⁶



24. Fuertes exteriores de Argel, fragmento de un plano de 1578, de Hendrik Van Schoel.
The detached forts of Algiers, detail of a 1578 plan by Hendrik Van Schoel.

16. AGS-MPD, 18,143. 18- 144 y 18, 145.

16. AGS-MPD, 18,143. 18- 144 y 18, 145.



25. Planta de El Burgio de Asan Bajá en las afueras de Argel, 1619.
©AGS-MPD, 18, 145
Plant of El Burgio de Asan Bajá in the outskirts of Argel, 1619.
© AGS-MPD, 18, 145

CONCLUSIONES

Podemos concluir este recorrido sobre los diferentes fuertes y torres exteriores de las fortalezas y ciudades del norte de África, durante los siglos XVI y XVII, señalando algunas conclusiones importantes. Es evidente que hasta el momento no se ha tenido lo suficientemente en cuenta su papel, de ahí que no pueda obviarse que fueron realmente los elementos arquitectónicos que protegieron a las ciudades de ataques y asaltos durante casi dos siglos.

Se ha puesto mucho el acento en los sistemas defensivos de recintos, murallas y fortificaciones de ciudades, dejando en cierto modo de lado el hecho de que prácticamente ninguno de los espacios estudiados fue del todo suficiente por sí mismo. Esto implica que aunque la tipología de dichos fuertes tuviera su propia evolución, al mismo tiempo es imposible estudiarlos sin conocer realmente las fortificaciones de la ciudad a la que servían de complemento y, todo ello, estudiando las condiciones estratégicas del lugar donde los conjuntos se emplazaban.

Diremos que sus múltiples formas y modelos se adaptaron a las necesidades de cada lugar y que tales tipologías de torres exteriores, a extramuros, penetran totalmente en las experimentaciones de los siglos XVIII y XIX, siendo entonces uno de los puntos fundamentales de las nuevas teorías de defensa y fortificación.



26. Bordj Moulai Hassan en un dibujo de 1830. Carta postal.
The Bordj Moulai Hassan in an 1830 drawing. Postcard.

CONCLUSIONS

To sum up, some important conclusions may be drawn from this review of the detached forts and towers of North African cities during the 16th and 17th centuries. It is quite obvious that the role of the said fortifications has not been given enough consideration so far. Thus, one cannot rule out the possibility that these outworks were the architectural elements that really protected the cities from attacks and sieges for almost two centuries.

Much emphasis was placed on the cities' defensive systems (enclosures, ramparts and fortifications) while leaving somewhat aside the fact that practically none of these systems was sufficient by itself. This means that even though the typology of the studied forts did have its own evolution it is not possible to study them without really getting to know the fortifications of the city they were attached to and, moreover, without studying the strategic conditions of the locations where these defensive systems were situated.

Let us conclude then by saying that the forts' multiple forms and models were adapted to the needs of each location and that the typologies of the extramural, detached towers extend indeed into the 18th and 19th centuries experiments and were one of the key aspects of the new defence and fortification theories.

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

BAUER LANDAUER, Ignacio (n.d.) – *Papeles de mi archivo, Relaciones de África (Argel) recopiladas por Ignacio Bauer Landauer*. Tomo IV. Madrid: Editorial Ibero Africano Americana.

BRAVO NIETO, Antonio; BELLVER GARRIDO, Juan Antonio (2008) – *El Peñón de Vélez de la Gomera, historia cultura y sociedad en la España norteafricana*. Melilla: Fundación GASELEC.

CÁMARA, Alicia (1990-1991) – Las torres del litoral en el reinado de Felipe II: una arquitectura para la defensa del territorio I y II. *Espacio Tiempo y Forma, Serie VII Historia del Arte*, n.º 3 1990 and n.º 4 1991, p. 55-86 and 53-94.

CÁMARA, Alicia (2010) – Leonardo Turriano al servicio de la corona de Castilla. In CÁMARA, Alicia, MOREIRA, Rafael y VIGANO, Marino, *Leonardo Turriano ingeniero del Rey*. Fundación Juanelo Turriano.

CASTRO FERNÁNDEZ, José Javier de (2004) – Los ingenieros reales de los Reyes Católicos. Su nuevo sistema de fortificación. In VALDÉS SÁNCHEZ, Aurelio (coord.), *Artillería y fortificaciones en la Corona de Castilla durante el reinado de Isabel la Católica 1474-1504*, Ministerio de Defensa, Secretaría General Técnica, p. 320-383.

CASTRO FERNÁNDEZ, José Javier y CUADRADO BASAS, África (2012) – Las fortificaciones de la corona hispánica en el Mediterráneo durante los siglos XVI y XVII (1492-1700). *IV Congreso de Castellología*, Madrid: Asociación Española de Amigos de los Castillos, p. 57-74.

EPALZA, Mikel de; VILAR, Juan Bautista (1988) – *Planos y mapas hispánicos de Argelia siglos XVI-XVIII*, Madrid: Instituto Hispano Árabe de Cultura.

FORNALS VILLALONGA, Francisco (2003) – La defensa de Menorca en el momento de la paz de Amiens. Las torres costeras. In MORALES MOYA, Antonio (coord.) *1802, España entre dos siglos*, Vol. 2, p. 449-477.

GRAMMONT, H.D. De (1887) – *Histoire d'Alger sous la domination turque (1515-1830)*. Paris: Ernest Leroux.

GUTIÉRREZ CRUZ, Rafael (1997) – *Los presidios españoles del norte de África en tiempo de los Reyes Católicos*. Melilla: Consejería de Cultura.

HAEDO, Fray Diego de (1927) – *Topografía e historia general de Argel por el maestro Fray Diego de Haedo*. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles.

KHELASSI, Ali (1985) – *Constructions militaires ottomanes de la ville d'Alger*. Alger: Musée Central de l'Armée.

KHELIFA, Mohamed Amine (2015) – *Monarquía de España, ss XVI-XVIII: evolución cronológica del sistema defensivo de Orán y Mazalquivir*. Archivo de la frontera, Banco de Recursos Históricos.

MÁRMOLY CARVAJAL, Luis de (1573) – *Libro tercero y segundo volumen de la primera parte de la Descripción General de África*. Granada: Casa de Rene Rabut.

MELCHOR MONTSERRAT, José Manuel; PARDO NACHER, Cristian (2017) – Análisis de las fuentes documentales y cartográficas para el estudio de las torres defensivas costeras de la provincia de Castellón (España). In GONZÁLEZ AVILÉS, Angel Benigno (Coord.), *Defensive Architecture of the mediterranean: XV to XVIII centuries, Alacant: Universitat d'Alacant*, Vol. VI.

MENÉNDEZ FUEYO, José Luis (2002) – La red de torres para la defensa del litoral costero en la provincia de Alicante durante el siglo XVI: una propuesta de evolución cronotipológica. In FERNANDES, Isabel Cristina F. (coord), *Mil anos de fortificações na península ibérica e no Magreb (500-1500) Simposio internacional sobre 2000 Castelos*, Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela, p. 733-758.

MORALES MENDIGUTÍA, Gabriel de (1920) – *Efemérides y Curiosidades de Melilla*. Melilla: El Telegrama del Rif.

ONRUBIA PINTADO, Jorge; GONZÁLEZ MARRERO, María del Cristo (2018) – Las torres realengas de Gran Canaria y Berbería de Poniente (1478-1500): arqueología de una frontera, fronteras de la arqueología. *Vegueta. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia*, 18, p. 167-208.

RODRÍGUEZ PUGET, Joaquín (2007) – *Crónicas de una fortificación, siglos XVI-XVII, Melilla*. Melilla: Carmelo Martínez.

RUFF, Paul (1900) – *La domination espagnole à Oran, sous le gouvernement du comte d'Alcaudete (1534-1558)*. Paris: Ernst Leroux.

SALAZAR, Pedro de (1570) – *Hispania victrix: historia en la qual se cuentan muchas guerras succedidas entre christianos y infieles assi en mar como en tierra desde el año de mil y quinientos y quarenta y seys hasta el de sessenta y cinco: con las guerras acontecidas en la Berberia entre el Xarife y los reyes de Marruecos, Fez y Velez*. Medina del Campo: Vicente de Millis.

SÁNCHEZ RUBIO, Carlos; SÁNCHEZ RUBIO, Rocío; TESTÓN NÚÑEZ, Isabel (2014) – *El Atlas Medici de Lorenzo Possi, 1687*. 4. Gatos, 277 p.

SUÁREZ, Diego (1889) – *Historia del maestre último que fue de Montesa y de su hermano don Felipe de Borja*. Madrid: M. Tello.

ZURITA, Jerónimo (1570) – *Los cinco libros postreros de la Historia del rey don Hernando el Católico, de las empresas y ligas de Italia*. Tomo VI, Zaragoza.

NA OUTRA MARGEM DE ALCÁCER QUIBIR

A GUERRA DOS SÁDIDAS,
1546-1613

ON THE OPPOSITE BANK OF KSAR EL-KEBIR

THE SAADI WARS,
1546-1613

LUÍS COSTA E SOUSA

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Os escritos dos viajantes europeus no Marrocos do século XVI são uma fonte particularmente rica, mas a *Descripción* de Jorge de Henin destaca-se como um documento verdadeiramente excepcional pela forma como se articula com outros cronistas cristãos. Henin refere o resgate de António de Saldanha, autor da *Crónica de Almagor*, e o seu texto articula-se com a *Relación* de Diego de Torres e a *Descripción* de Mármol Carvajal, não só pelos temas abordados, mas também cronológica e geograficamente. Torres e Henin foram também *alfaques* ao serviço da coroa portuguesa – curiosa coincidência, ou não – e como se esta complementaridade não fosse, por si só, facto notável e fulcral para uma análise comparativa alargada, a *Descripción* inclui iconografia, verdadeira raridade na cronística da época. Fico, portanto, devedor da generosidade do Rui Loureiro e diligência do Luís Falcão Fonseca, tanto mais que finalmente será possível ensaiar a articulação entre as representações gráficas e descrições textuais servindo-me de material praticamente inédito. Este pequeno estudo pretende ser um ponto de partida, construído a partir dos textos de Henin, António de Saldanha, Juan Baptista, Mármol de Carvajal e Diego de Torres. Outra fonte de primeira água é o tratado de Marsigli *L'Etat Militaire de l'Empire Ottoman* (1732), fora desta cronologia, mas que consiste numa fonte incontornável para texto e iconografia.

BREVE PANORÂMICA SOBRE A “ESCOLA MILITAR” OTOMANA

O Mediterrâneo foi um dos palcos onde se desenrolou o confronto directo entre os dois grandes impérios do século XVI, a Espanha a Turquia. O controlo espanhol, que chegou a estender-se até Tripoli, recuou substancialmente; por meados do século Orão era o posto mais oriental, e nem a vitória de Lepanto (1571) ou a reconquista de Tunes (1573) lograram inverter a situação. Na periferia deste espaço, a presença portuguesa seguiu um percurso similar: de uma primeira fase

The writings of European travellers who journeyed to Morocco in the 16th century are a particularly rich source altogether but the *Descripción* by Jorge de Henin stands out as a truly exceptional document in view of how he combines with other Christian chroniclers. Henin mentions the ransom of António de Saldanha, the author of the *Crónica de Almagor*, and his text combines with the *Relación* by Diego de Torres and the *Descripción* by Mármol Carvajal, not just in terms of the addressed subjects but in geographical and chronological terms as well. Torres and Henin were also *alfaques* (redeemers) in the service of the Portuguese Crown, a curious – or perhaps not so curious – coincidence. Moreover, and as if this complementarity wasn't of itself a remarkable and critical fact for a comprehensive comparative analysis, the *Descripción* includes iconography, a true rarity among 16th-century chronicles. Thus, I owe Rui Loureiro for his generosity and Luís Falcão Fonseca for his diligence, and even more so because it will finally be possible to essay an approach that combines graphic representations and textual descriptions, using virtually unpublished material. This paper is meant to be a starting point, based upon texts by Henin, António de Saldanha, Juan Baptista, Mármol de Carvajal and Diego de Torres. Another first class source is Marsigli's treaty *L'Etat Militaire de l'Empire Ottoman* (1732), a chronological outlier but nevertheless an essential source both in terms of text and iconography.

A SHORT OVERVIEW OF THE OTTOMAN “MILITARY SCHOOL”

The Mediterranean was one of the scenarios where the direct confrontation between the two great empires of the 16th century, Spain and Turkey, took place. Spanish control of the region, which had reached out as far as Tripoli, was substantially reduced. By the middle of the century Oran was Spain's easternmost possession and not even the Lepanto victory (1571) or the reconquest of Tunis (1573) managed to reverse the situation. On

expansionista na primeira década, passou-se a uma situação defensiva, que a partir da segunda metade do século iria resumir-se à posse de Ceuta, Tânger e Mazagão.

O confronto entre Portugal e Marrocos foi contínuo, e fez-se maioritariamente de emboscadas e escaramuças. Outro tipo de confrontos ocorreu, cercos e batalhas campais, exigindo uma organização militar com cariz regular. É neste contexto que se tem analisado a crescente influência dos otomanos sobre as instituições militares sáidas, nomeadamente pelas investigações pioneiras de Dziubinsky e Cook Jr..

Os otomanos estabeleceram as bases do seu poder militar ao longo de mais de um século, que se convencionou ter decorrido entre 1300 e 1453, e desenvolveu-se em torno em três grandes grupos: os voluntários irregulares *akinci*, que serviam a troco de uma parte do saque; os *timariots*, obrigados a servir em troca de atribuição fundiária, o *timar*¹; e as tropas palacianas, também designadas por *kapu kulu*², ou seja, os servidores do palácio. Estes últimos eram recrutados pelo *devshirme*³, sistema introduzido por Murad I (1362-89) e Bayezid I (1389-1402)⁴, e compreendiam ainda os cavaleiros melhor equipados, os *sipahi*, e os artilheiros.

O APARELHO MILITAR SÁIDA

Os otomanos conseguiram estabelecer-se, ou impor a sua influência até Argel, naturalmente combatida a partir dos lugares de ocupação espanhola que aproveitaram a extensa linha de comunicações terrestre e marítima. No extremo mais ocidental, os soberanos oatássidas e depois os sáidas, tiraram partido da complexa situação política e militar para defender, com êxito, a sua autonomia. O facto de a autoridade da *Porta* ser contestada pelos soberanos do actual reino de Marrocos, tem levado a supor que a *otomanização* da sociedade – e em especial da máquina militar – não terá ocorrido senão em época tardia, por volta de 1576. Foi nesta altura que ocorreu uma guerra de sucessão cujas raízes recuam ao assassinato de Muhammad Shaiq (1555-7) por um dos seus guardas turcos. Sucedeu-lhe o filho Abdallah al-Ghalib, que ordenou o assassinato de todos os parentes que pudessem reclamar o trono, mas os três irmãos conseguiram escapar e colocar-se

1. "[...] For a timar of this value (6 000 aspers), service was required from the timariot himself plus a similarly armed horseman comparable to the european esquire and called a cebeli (a name derived from the Turkish cebe, in turn from the Mongol gebe, meaning a mail corselet) [...]" (Heath, 1982, p. 4). Uma organização de tipo feudal, portanto.

2. Usa-se a designação de Murphey.

3. Recolham-se um certo número de crianças e rapazes cristãos para serem educados na estrita obediência ao sultão (cf. Aksan e Murphey com Marsigli).

4. É neste último grupo que se encontravam os famosos *Yeniçeri* que marcaram o imaginário cristão da época, termo turco que significa "soldados novos".

the periphery of this space, the Portuguese presence followed a similar course: the early expansionist phase, during the first decade, was followed by a defensive situation, which would be reduced to the possession of Ceuta, Tangier and Mazagan during the second half of the century.

Portugal and Morocco were involved in continuous confrontations, mostly ambushes and skirmishes. Other types of confrontation, such as sieges and pitched battles, required a regular military organization. The growing Ottoman influence over the Saadi military institutions has been analysed in this scope, namely through the pioneering research of Dziubinsky and Cook Jr..

The Ottomans established the bases of their military power over a period of more than a century, between 1300 and 1453 by convention. This power was organized around three main groups: the irregular *akinci* volunteers, who received a share of the plunder; the *timariots*, who were forced to serve and received a fief, called *timar*¹; and the household troops, called *kapu kulu*², i.e. the palace servants. The latter were recruited by means of the *devshirme*³, a system introduced by Murad I (1362-89) and Bayezid I (1389-1402)⁴, and included the best-equipped cavalry, the *sipahi*, and the gunners.

THE SAADI MILITARY FORCES

The Ottomans managed to establish themselves or impose their influence as far as Algiers. This influence was naturally fought against from the Spanish possessions, taking advantage of their extensive line of maritime and terrestrial communications. At the westernmost end, the Wattasid and Saadi sovereigns took advantage of this complex political and military situation to successfully defend their autonomy. The fact that the authority of the *Porte* was challenged by the sovereigns of the present-day Kingdom of Morocco has led to the belief that the *ottomanization* of the society – and particularly the military forces – did not occur until a later stage, around 1576. A succession war was being fought by then; its roots date back to the assassination of Muhammad Shaiq (1555-57) at the hands of one of his Turkish guards. He was succeeded by his son Abdallah al-Ghalib, who ordered the assassination of all his relatives who could claim the throne, but his three

1. "[...] For a timar of this value (6 000 aspers), service was required from the timariot himself plus a similarly armed horseman comparable to the european esquire and called a cebeli (a name derived from the Turkish cebe, in turn from the Mongol gebe, meaning a mail corselet) [...]" (Heath, 1982, p. 4). Thus, a sort of feudal scheme.

2. According to Murphey's designation.

3. A certain number of Christian children and boys were picked to be brought up in strict obedience to the sultan (cf. Aksan and Murphey with Marsigli).

4. The latter group included the famous *Yeniçeri* who left a strong mark on the Christian imaginary of this period; this Turkish term means "new soldiers".

sob a protecção de Argel. Um deles, Abd al-Malik (*xarife* entre 1576-8), participou nas campanhas mais importantes do Mediterrâneo, Lepanto⁵ e o último cerco de Trípoli⁶. Acabou por seguir para Istambul onde estabeleceu uma estreita ligação com os turcos, que lhe valeu o nome com que ficou conhecido entre os cristãos: *Mulei Maluco*⁷.

Os sáidas possuíam um contingente militar permanente, a *makhazania*, constituído por soldados "que em paz e em guerra ganam siempre sueldo, e estan como en deposito para las guerras que se ofrecen" (Mesa, 1630, p. 59). O termo recua à época Almoadá⁸, e a etimologia sugere o governo central, ou a *guarda ou exército do sultão*⁹, mas em qualquer das situações, é clara a intenção de criar um corpo de soldados às ordens do *xarife* semelhante ao *kapu kulu* otomano.

Diego de Torres, contemporâneo do *xarife* Mohamed es-Shaik (1555-7), informa-nos que a *makhazania* era quase invariavelmente constituída por *turcos y renegados*¹⁰, portanto próxima da estrutura do corpo *kapu kulu*. Parece um desenvolvimento lógico, pela coincidência cronológica com a invasão otomana de Marrocos (1551-59), que culminou na conquista de Fez em 1554 (Cook Jr., 1994, p. 217-240). A luta entre o partido oatácida, apoiado pelos *turcos de Argel*, realçou a pertinência deste sistema militar. Segundo Torres, a "infantería la usan pocas vezes y la estiman poço" (Torres, 1984, p. 130), e de facto, as suas estimativas apontam uma clara preponderância para as tropas montadas. Todavia, por volta de 1553 – coincidindo, novamente, com a queda de Fez às mãos da coligação oatácida/argelina – o mesmo cronista revela uma alteração na proporção entre infantaria e cavalaria, favorável ao

brothers managed to escape and placed themselves under the protection of Algiers. One of them, Abd al-Malik (*xarife* between 1576 and 1578), participated in the more important Mediterranean campaigns, Lepanto⁵ and the last siege of Tripoli⁶. He eventually went to Istanbul where he established a close connection to the Turks that earned him the name under which he became known among the Christians: *Mulei Maluco*⁷.

The Saadi had a permanent military contingent, the *makhazania*, consisting of soldiers "que em paz e em guerra ganam siempre sueldo, e estan como en deposito para las guerras que se ofrecen" (Mesa, 1630, p. 59). The term dates back to the Almohad⁸ period and the etymology suggests the central government, or the *sultan's guard or army*⁹, but in any case there is a clear intention of creating a corps of soldiers at the orders of the *xarife*, not unlike the Ottoman *kapu kulu*.

Diego de Torres, a contemporary of *xarife* Mohammed ash-Sheikh (1555-57), mentions that the *makhazania* was almost invariably composed of *turcos y renegados*¹⁰, and therefore not dissimilar to the structure of the *kapu kulu* corps. This is a seemingly logical development, considering the chronological coincidence with the Ottoman invasion of Morocco (1551-59), which culminated in the conquest of Fez in 1554 (Cook Jr., 1994, p. 217-240). The Wattasid struggle, supported by the *Turks of Algiers*, highlighted the relevance of this military system. According to Torres, the "infantería la usan pocas vezes y la estiman poço" (Torres, 1984, p. 130); in fact, his estimates indicate a clear preponderance of mounted troops. However, around 1553 – and coinciding, once again, with the fall of Fez to the hands of the Wattasid-Algerian coalition – the same chronicler reveals a change in the proportion between infantry and cavalry, in favour of the foot

5. [...] *Se embarcou e achou em pessoa na batalha naval em que falava muitas vezes e dando-se muitos louvores do que aconselhara e fizera* [...] (Crónica de Almançor, 1997, p. 7-9).

6. [...] *La flote d'Alger comptant trente galiotes se mit en route avec quatre mille hommes de troupes comandes par le pach 'Oloûdj 'ali; et en même temps parti Moulay 'Abd el-Malik sur une frégate à dix-huit bancs de rameurs qui n'emportait que trente et quelques guerriers* (Fagnan, 1924, p. 395).

7. [...] *Que assim o chamam também os cristãos por ser muito esforçado de sua pessoa; e outros por ser tão humilde em seus requerimentos que lhe chamavam os turcos escravo – e uma e outra cousa quer dizer a tal palavra...* (Crónica de Almançor, p. 445). O Sultão Mawlây Abd el-Mâlik ficou conhecido por «Maluco» por ter permanecido vários anos em Istambul; o vocábulo, derivado de mamluk que significa «escravo, servo», era usado para designar os homens que se encontravam ao serviço dos Turcos [...] (Crónica de Almançor, 1997, p. 445).

8. O exército almoadá do séc. XII possuía um corpo profissional designado por *abid al-makhzan* (Nicolle, 2001, p. 24).

9. [...] *Mahazania, palavra da mesma raiz de makhzan que designava em Marrocos tudo o que estava ligado à corte ou ao poder do sultão ou às pessoas e instituições que eram pagas por ele ou pelo tesouro público* [...] (Crónica de Almançor, 1997, p. 511).

10. Torres refere os Turcos e renegados como fazendo parte da *guarda ou alcaldia*.

5. [...] *Se embarcou e achou em pessoa na batalha naval em que falava muitas vezes e dando-se muitos louvores do que aconselhara e fizera* [...] (Crónica de Almançor, 1997, p. 7-9).

6. [...] *La flote d'Alger comptant trente galiotes se mit en route avec quatre mille hommes de troupes comandes par le pach 'Oloûdj 'ali; et en même temps parti Moulay 'Abd el-Malik sur une frégate à dix-huit bancs de rameurs qui n'emportait que trente et quelques guerriers* (Fagnan, 1924, p. 395).

7. [...] *Que assim o chamam também os cristãos por ser muito esforçado de sua pessoa; e outros por ser tão humilde em seus requerimentos que lhe chamavam os turcos escravo – e uma e outra cousa quer dizer a tal palavra [...]* (Crónica de Almançor, p. 445). O Sultão Mawlây Abd el-Mâlik ficou conhecido por «Maluco» por ter permanecido vários anos em Istambul; o vocábulo, derivado de mamluk que significa «escravo, servo», era usado para designar os homens que se encontravam ao serviço dos Turcos [...] (Crónica de Almançor, 1997, p. 445).

8. The 12th century Almohad army included a professional corps called *abid al-makhzan* (Nicolle, 2001, p. 24).

9. [...] *Mahazania, palavra da mesma raiz de makhzan que designava em Marrocos tudo o que estava ligado à corte ou ao poder do sultão ou às pessoas e instituições que eram pagas por ele ou pelo tesouro público* [...] (Crónica de Almançor, 1997, p. 511).

10. Torres refers to the Turks and renegades as part of the *guarda or alcaldia*.

efectivo apeado¹¹. Outro aspecto não menos importante é a existência de outras tropas, os *Sufies*, *Fezis*¹², *Modéjares* e *Gazulas*¹³, que Torres apenas regista na batalha de Derna, que opôs o *xarife* ao rei de Fez (1546). Fica, portanto, a dúvida sobre se se trata de um procedimento habitual.

Foram os exércitos que es-Shaik levantou, em especial durante o período de expansão dinástica compreendido entre 1536-47, que apoiaram o processo de afirmação, ou melhor, da imposição do domínio Sádida em Marrocos (Cook Jr., 1994, p. 193-216). Épocas críticas exigem o sobredimensionamento do contingente militar, incluindo tropas que habitualmente poderiam estar afastadas das operações militares, por várias razões¹⁴. E de facto, conforme avançamos na cronologia, a abertura da *makhazania* a outros corpos de diversas origens – tanto étnicas como sociais – parece tornar-se, progressivamente, uma prática corrente. E será um dado adquirido já perto de Alcácer Quibir:

[...] *La principal fuerza de los reyes de Marruecos consiste en quatro partidas de soldados viejos, todos escopeteros, a quien ellos llaman Almagasenía, que se entiende hombres ordinarios de guerra, porque en todo o tiempo asisten, a la continua, en la guardia de la persona del Xarife* [...] (Oxeda, 1905, p. 19)

Sebastián de Mesa, cronista espanhol da época de Alcácer Quibir e da posterior União Ibérica, refere a origem muito diversa das tropas durante o reinado de Abd al-Malik: "[...] Elches, que así llaman a los renegados, andaluzes, a los Granadinos, Gazules, a los del reino de Sus, y açuagos ay unos moros forasteros [...]" (Mesa, 1630, p. 59)¹⁵.

Andaluzes ou (*Chel*) Granadinos

Desde a expulsão da península, os soldados andaluzes desempenharam um papel preponderante nos exércitos do Magrebe do primeiro quartel do século XVI. Segundo Mármol, existia em Fez uma oficina de metalurgia onde se fabricavam espadas, bestas, arcabuzes e

11. Embora sempre favorável ao contingente montado, varia de uma proporção entre 1:20 e 1:30 para 1:5 e 1:3 (Torres, 1984, p. 123-243).

12. "*Sufis*" e "*gazulas*" podem designar as mesmas tropas. (Torres, 1984, p. 139).

13. "*Fezis*" e "*modejares*" podem designar os mesmos soldados, os "*andaluzes*" (Torres, 1984, p. 142).

14. Uma razão apontada seria uma notória falta de vontade em entregar armas modernas a tropas de origens étnicas diversas, cuja lealdade ao sultão se esbatia em função das ligações tribais ou familiares.

15. [...] *Chamam os Mouros a esta Milícia Almaganera, dividida em renegados que eles chamam o Chel Grenadinos, que são os que na última conquista do Reino de Granada saíram dele, chamados lá Andaluze, e os Aveagos, ou Tarascos, que assim se chamam aos Turcos (Jornada de África Escrita por um Homem Africano, 2004, p. 26). [...] A soldadesca estava distinta por as suas nações: andaluzes, turcos, xarquis e arrenegados que entre si se chamam elches (Crónica de Almançor, 1997, p. 63).*

soldiers¹¹. Yet another and not less important aspect is the existence of other troops, the *Sufies*, *Fezis*¹², *Modéjares* and *Gazulas*¹³, which Torres only mentions in his account of the battle of Derna, a clash between the *xarife* and the King of Fez (1546). Therefore, it remains to be seen whether the presence of these troops was standard procedure.

The establishment, or rather, the imposition of the Saadi rule over Morocco (Cook Jr., 1994, p. 193-216) was supported by the armies raised by ash-Sheikh, particularly during the 1536-47 period of dynastic expansion. Critical periods require oversized military contingents, including troops that would not usually be involved in the military operations, due to a number of reasons¹⁴. Indeed, as one moves forward in time the inclusion of other corps of diverse origins – both in ethnic and social terms – in the *makhazania* seems to progressively become a usual practice. And it was taken for granted not long before Ksar el-Kebir:

[...] *La principal fuerza de los reyes de Marruecos consiste en quatro partidas de soldados viejos, todos escopeteros, a quien ellos llaman Almagasenía, que se entiende hombres ordinarios de guerra, porque en todo o tiempo asisten, a la continua, en la guardia de la persona del Xarife* [...] (Oxeda, 1905, p. 19)

Sebastián de Mesa, a Spanish chronicler from the period of Ksar el-Kebir and the following *União Ibérica*, mentions the very diverse origin of the troops during the reign of Abd al-Malik: "[...] Elches, que así llaman a los renegados, andaluzes, a los Granadinos, Gazules, a los del reino de Sus, y açuagos ay unos moros forasteros [...]"¹⁵.

The Andalusian or (*Chel*) Granadinos

Since their expulsion from the Iberian Peninsula, Andalusian soldiers played a preponderant part in the Maghrebian armies from the first quarter of the 16th century. According to Mármol, there was a metallurgy workshop in Fez where swords, crossbows, arquebuses

11. The proportion varies from 1:20 and 1:30 to 1:5 and 1:3, but always in favour of the mounted contingent. (Torres, 1984, p. 123-243).

12. "*Sufis*" and "*gazulas*" may refer to the same troops. (Torres, 1984, p. 139).

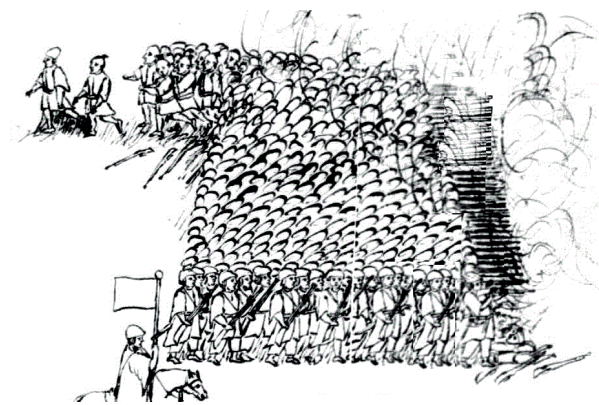
13. "*Fezis*" and "*modejares*" may refer to the same troops, i.e. the "*andaluzes*" (Torres, 1984, p. 142).

14. One such reason would be the notorious lack of willingness to supply modern weapons to troops from different ethnic origins, whose loyalty to the sultan was blurred by tribal or family connections.

15. [...] *Chamam os Mouros a esta Milícia Almaganera, dividida em renegados que eles chamam o Chel Grenadinos, que são os que na última conquista do Reino de Granada saíram dele, chamados lá Andaluze, e os Aveagos, ou Tarascos, que assim se chamam aos Turcos (Jornada de África Escrita por um Homem Africano, 2004, p. 26). [...] A soldadesca estava distinta por as suas nações: andaluzes, turcos, xarquis e arrenegados que entre si se chamam elches (Crónica de Almançor, 1997, p. 63).*

peças de artilharia, sob orientação de mestres *andaluzes* (García-Arenal, 1984). Diego de torres confirma este facto, e afirmou categoricamente que os artilheiros dos sultões oatássidas eram, exclusivamente, *andaluzes* (García-Arenal, 1984). Os *xarifes* sáidas, aproveitaram, naturalmente, o serviço destes homens. Al-Dugali, granadino, mais tarde corsário primeiro em Tetuão, depois em Salé, é o mais conhecido. Durante o reinado de do *xarife* al-Ghalib (1557-74), sugeriu a formação de um contingente de soldados *andaluzes* sob o seu comando (García-Arenal, 1984). Entre 1562-63 registou cerca de 14 000 *andaluzes* que serviriam mediante pagamento de soldo, integrados assim na *makhazania*. Estes soldados foram divididos em dois contingentes, parte alojado na planície ocidental de Marraquexe, enquanto outros tomaram aquartelamento em Fez (García-Arenal, 1984).

A progressiva proeminência dos *andaluzes* permitem-lhes ocupar cargos-chave na hierarquia do estado sáida. Tornaram-se um poder paralelo, capaz de abalar e mesmo decidir a própria sucessão do trono. Esta capacidade de intervenção ficou demonstrada quando o contingente da al-Dogali abandonou o partido de al-Mutawakkil durante a batalha de al-Rukn (1576) (García-Arenal, 1984). Al-Dugali, personagem fulcral no contexto político/militar de época, acabou por ser afastado do comando dos soldados *andaluzes* pouco antes da batalha de Alcácer Quibir (García-Arenal, 1984). Ficou retido em Marraquexe, mantido à guarda do filho de al-Malik, Muhammad al-Sayj, e foi executado após a batalha juntamente com o seu sobrinho al-Gurri, acusados de conspiração e envenenamento do sultão (García-Arenal, 1984). Assim, mau grado a sua importância militar, os *andaluzes* perdem o seu lugar dominante para os soldados *turcos*, e, sobretudo, para os *renegados* (García-Arenal, 1984).



1. Atiradores *andaluzes* e *renegados*, Jorge de Henin, *Descripción* (1614). © BNE, pormenor do segundo desenho
Riflemen: *andaluzes* and *renegados*, Jorge de Henin, *Descripción* (1614). © BNE, detail of the second drawing

Renegados e cristãos livres

Os cronistas cristãos asseguram que os *renegados* formam o principal pilar do exército sáida. São apontados como os soldados mais competentes, a par dos

and artillery pieces were made under the guidance of *Andalusian* masters (García-Arenal, 1984). Diego de Torres confirms this fact and categorically states that the gunners working for the Wattasid sultans were exclusively *andaluzes* (García-Arenal, 1984). Naturally, the Saadi *xarifes* took advantage of these men's service. The most renown was al-Dugali, a native of Granada, later to become a corsair, first in Tetouan and afterwards in Salé. During the reign of *xarife* al-Ghalib (1557-74), al-Dugali suggested the formation of a contingent of *andaluzes* soldiers under his command (García-Arenal, 1984). In 1562-63 he enlisted some 14 000 *andaluzes* who were to be paid for their services and were thus integrated in the *makhazania*. These soldiers were organized in two contingents; some were lodged in the western plains of Marrakesh while others were quartered at Fez (García-Arenal, 1984).

The progressive relevance of the *andaluzes* enabled them to occupy key positions on the hierarchy of the Saadi state. They became a parallel power, capable of shaking and even deciding the succession to the throne. Their capacity to intervene was demonstrated when the al-Dugali contingent abandoned al-Mutawakkil's side during the battle of al-Rukn (1576) (García-Arenal, 1984). Al-Dugali, a crucial character in the military and political context of this period, was eventually relieved from the command of the *andaluzes* soldiers shortly before the battle of Ksar el-Kebir (García-Arenal, 1984). He was held at Marrakesh, under the guard of al-Malik's son, Muhammad al-Sayj, and he was executed after the battle along with his nephew al-Gurri; both were charged with conspiracy and the poisoning of the sultan (García-Arenal, 1984). Thus, and despite their military importance, the *andaluzes* lost their dominant position to the *turcos* soldiers and, above all, to the *renegados* (García-Arenal, 1984).

Renegados and cristãos livres

Christian chroniclers assure that the *renegados* were the main pillar of the Saadi army. They were singled out as the more competent soldiers, along with the *andaluzes*, who were equally good in handling firearms (García-Arenal, 1984). Besides, they were part of the more restricted corps of the *makhazania*: both Andalusian and Turks integrated the *xarife*'s personal guard. The men in charge of the *xarife*'s safety necessarily had to be carefully chosen. Mohammad ash-Sheikh was murdered by two *turcos* serving in his guard, who were in the pay of the Ottomans, and Abd al-Malik was quite probably poisoned as a consequence of the conspiracy organized by the main *andaluzes* leaders. Therefore, among all the highly regarded soldiers serving the Saadi only the *renegados* seemed to deserve the *xarifes*' full trust, which arguably suggests an influence of the Ottoman recruitment system, the *devshirme*.

Thanks to the Christian chroniclers of Ksar el-Kebir, who offer valuable details concerning the organization of the Saadi army, the composition of Abd al-Malik's personal

andaluzes, dominando com igual mestria o manejo das armas de fogo (García-Arenal, 1984). Também fazem parte do corpo mais restrito da *makhazania*, integrando com os turcos, a guarda pessoal do *xarife*. Os homens encarregados da segurança do *xarife* tinham necessariamente que ser cuidadosamente escolhidos. Mohammad es-Shaiq foi assassinado por dois *turcos* da sua guarda a soldo dos otomanos, e Abd al-Malik terá sido, com grande probabilidade, envenenado em consequência da conjura urdida pelos principais chefes *andaluzes*. Assim, no conjunto de todos os soldados mais reputados que serviam os sáidas, apenas os *renegados* parecem merecer a plena confiança dos *xarifes*, o que parece sugerir a influência do sistema de recrutamento otomano, o *devshirme*.

Reportando-nos aos cronistas cristãos de Alcácer Quibir, pródigos em avançar preciosos detalhes sobre a organização do exército sáida, sabemos qual a constituição da guarda pessoal de Abd al-Malik, “duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros que eram de sua guarda ordinária” (*Jornada a África*, 1978, p. 103)¹⁶. É António de Saldanha que nos dá a prova mais forte da *otomanização*, porque afinal tratava-se de proporcionar a segurança do círculo mais fechado do *xarife*. Este cronista, observador privilegiado e informado, referindo-se à enorme quantidade de cativos resultante da batalha de Alcácer Quibir informa-nos que al-Mansur deu ordem para “[...] buscar todos os moços que se acharam na batalha d’el-rei D. Sebastião de quinze anos pêra baixo, e os mandou circuncidar e vestir à mourisca e ordenando-lhes muitas vantagens” (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 27). Este contingente que totalizava “dous mil e quinhentos cristãos cativos” ficou repartido entre a cidade de Fez (300) e Marraquexe (2.200), para o “servirem das portas adentro e confiar deles sua pessoa” (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 33). É também Saldanha que nos relata a crescente confiança depositada nos *renegados*: “[...] arrenegados portugueses e espanhóis que iam em grande crescimento, e estes ia o xarife acariciando muito” (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). Pelo estatuto de convertidos ao Islão, sem outras lealdades tribais ou familiares, era do seu interesse – para não dizer, sobrevivência – dedicarem-se ao serviço do *xarife* (García-Arenal, 1988).

No início do século XVI entram em cena os *cristãos livres*. Ficamos a saber pelo *Memorial* de Jorge de Henin que não se trata de europeus convertidos ao Islão, mas de corsários, ou aventureiros que chegam na sequência de negociação entre os governantes sáidas e vários reinos da Europa. São, portanto, verdadeiros mercenários, como era aliás vulgar na Europa. Estes homens guardavam os seus hábitos ocidentais, nomeadamente vestiam-se à europeia. Geralmente tinham a seu cargo a artilharia, como podemos ver nas representações de Henin, mas também combatiam

guard is well kown: “duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros que eram de sua guarda ordinária” (*Jornada a África*, 1978, p. 103)¹⁶. António de Saldanha has supplied the strongest evidence for *ottomanization*; after all, this whole matter was about the safety of the *xarife*’s inner circle. Saldanha, a chronicler and a privileged and well-informed observer, refers to the enormous amount of captives taken after the battle of Ksar el-Kebir and mentions that al-Mansur gave orders to “[...] buscar todos os moços que se acharam na batalha d’el-rei D. Sebastião de quinze anos pêra baixo, e os mandou circuncidar e vestir à mourisca e ordenando-lhes muitas vantagens” (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 27). This contingent totalled “dous mil e quinhentos cristãos cativos” and was divided between the cities of Fez (300) and Marrakesh (2 200), to “servirem das portas adentro e confiar deles sua pessoa” (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 33). Saldanha also refers to the growing confidence placed in the *renegados*: “[...] arrenegados portugueses e espanhóis que iam em grande crescimento, e estes ia o xarife acariciando muito” (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). Given their status as Islam converts and their lack of tribal or family loyalties, it was in their best interest – not to mention their survival – to be in the service of the *xarife* (García-Arenal, 1988).

The *cristãos livres* make their appearance in the beginning of the 16th century. According to the *Memorial* by Jorge de Henin, these were not European converts to Islam but rather corsairs or adventurers who arrived in result of negotiations between the Saadi rulers and several European kingdoms. These are, therefore, true mercenaries, as was usual in Europe by then. Such men kept their occidental habits and their European garments. They were generally in charge of the artillery, as can be seen on Henin’s depictions, but also fought with firearms. Thus, they are not dissimilar to the *renegados* and *turcos* that served the various Saadi leaders during a particularly critical period of the history of the Saadi dynasty, remarkably classified by Dias Farinha as a time of “confrangedora desordem política, civil e militar” (*Crónica de Almançor*, 1997, p. XXI).

Gazulas, Igezulen, or Ibudraren

The *Gazulas* or *Igezulen*, also known as *Ibudraren* (Dziubinsky, 1972), were Berbers from the *Ilalen* tribe, recruited from southern Morocco, in the Anti-Atlas zone (Berthier, 1985). This tribe formed a larger confederation whose territory extended as far as the province of Haha, in the Atlantic extremity of the High Atlas.

[...] Juntaram-se dois mil soldados guazules que por outro nome se chamam budreiros, moradores numas serras que ficam à parte do sul nas costas de Tradante, homens de pouca experiência e sem esperanças para a guerra [...]. (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 47)

16. Oxeda refere outra composição para a guarda, *hasta 100 turcos y otros tantos renegados, de los de su guarda hordinaria, todos escopeteros* (Oxeda, 1905, p. 604).

16. Oxeda mentions another composition of the guard, *hasta 100 turcos y otros tantos renegados, de los de su guarda hordinaria, todos escopeteros* (Oxeda, 1905, p. 604).

com armas de fogo. Encontram-se, portanto, a par dos *renegados* e *turcos* que servem os vários chefes sápidos durante um período particularmente crítico da história desta dinastia, e que Dias Farinha classificou de forma notável como de “confrangedora de sordem política, civil e militar” (*Crónica de Almançor*, 1997, p. XXI).

Gazulas, Igezulen, ou Ibudraren

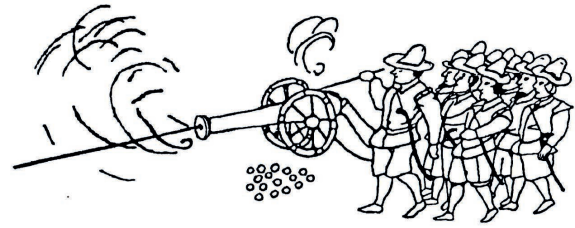
Os *Gazulas*, *Igezulen*, também chamados *Ibudraren* (Dziubinsky, 1972) eram bereberes da tribo *Ilalen* recrutados no sul de Marrocos, na zona do Anti-atlas (Berthier, 1985). Esta tribo formava uma confederação mais extensa, cujo território se estendia até à província de Haha, na extremidade atlântica do Alto Atlas.

[...] *Juntaram-se dois mil soldados guazules que por outro nome se chamam budreiros, moradores numas serras que ficam à parte do sul nas costas de Tradante, homens de pouca experiência e sem esperanças para a guerra [...].* (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 47)

Falar destes soldados é referir as tensões étnico/sociais entre as “quatro partidas de soldados” referidas por Oxeda. Quando o irmão de Abd al-Malik, o futuro *Almansor*, sofreu uma emboscada na região de Tarudante em Julho de 1576, terá combatido contra os *gazulas*. Soldados deste mesmo grupo étnico ocuparam a primeira linha em Alcácer Quibir ao lado dos *andaluzes*, em quem, entretanto, já não se depositava a mesma confiança. A importância dos *gazulas* pode ter decrescido em virtude da “pouca experiência e sem esperanças para a guerra”, mas também pela desconfiança gerada pelo apoio prestado a al-Mutawakkil. Talvez por essa razão os cronistas da segunda metade do século, Saldanha e Henin, apenas nomeiam *andaluzes*, *renegados* e *xarquias*; as restantes *partidas* como os *gazulas*, parecem estar contemplados na designação genérica de *alarves* (Henin, 1997, p. 69), em quem não se depositava demasiadas *esperanças*.

Turcos, azuagos e xarquias

Os *azuagos* pertenciam a uma das tribos da Cabília, originários da região de Bougia, e que no século XVI ocupariam uma região que, grosso modo, se estendia de Fez até Tunes (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). Serviam como mercenários no reino de Argel, e operavam regularmente com os *janízeros* da guarnição na recolha dos tributos – as *garramas*¹⁷. Torres não fala destes soldados, mas poderiam encontrar-se referidos como *turcos*. Curiosamente, é um cronista português que nos fornece uma importante pista a este propósito, ao descrever o exército com que Abd al-Malik regressou ao Norte de África, em finais de 1575, para retomar o



2. Artilheiros cristãos livres, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.
Guns: cristãos livres, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

One cannot speak about these soldiers without mentioning the ethnic and social tensions between the “quatro partidas de soldados” referred to by Oxeda. When Abd al-Malik’s brother, the future *Almansor*, was ambushed in the region of Taroudant in July 1576 he was probably fighting the *gazulas*. Soldiers from this ethnic group were in the first line at Ksar el-Kebir, side by side with the *andaluzes* who, in the meanwhile, were not so trusted anymore. The importance of the *gazulas* may have decreased in view of their “pouca experiência e sem esperanças para a guerra” but also due to the mistrust originated by the support given to al-Mutawakkil. This could be the reason why the chroniclers from the second half of the century, Saldanha and Henin, only mention the *andaluzes*, *renegados* and *xarquias*; all the other *partidas*, like the *gazulas*, seem to be included under the generic denomination of *alarves* (Henin, 1997, p. 69), from whom not much was expected.

Turcos, azuagos and xarquias

The *azuagos* belonged to one of the tribes from Kabylia, from the region of Bejaïa, which in the 16th century occupied a region that extended, in broad terms, from Fez to Tunis (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). They served as mercenaries in the kingdom of Algiers and operated regularly alongside the garrison’s *janízeros*, collecting tribute – the *garramas*¹⁷. Torres does not mention these soldiers but they might have been referred to as *turcos*. Curiously enough, a Portuguese chronicler provides an important clue when he describes Abd al-Malik’s army at the time of the latter’s return to North Africa, by the end of 1575, to retake the throne (Garcia-Arenal, 1988). His army was essentially composed of troops coming from Algiers, “quatro mil turcos atiradores práticos e muito exercitados”, out of a total of “nove mil soldados turcos, os mais xorquis, os outros azuagos, e dois mil de cavalo” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44). Therefore, these were not just troops from the regular garrison of Algiers but also mercenaries who regularly served the Algerian – “[...] mouros azuagos e xartaquins,

17. [...] *S’ajouent des Maures amis et vassaux appelés azuagos, qui vont lever la garrama en compagnie des Turcs [...]* (Mascarenhas, 1993, p. 103).

17. [...] *S’ajouent des Maures amis et vassaux appelés azuagos, qui vont lever la garrama en compagnie des Turcs [...]* (Mascarenhas, 1993, p. 103).

trono (Garcia-Arenal, 1988). Este era, essencialmente, constituído por tropas provenientes de Argel, “quatro mil turcos atiradores práticos e muito exercitados”, de um total de “nove mil soldados turcos, os mais xorquis, os outros azuagos, e dois mil de cavalo” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44). Não se tratava, portanto, apenas de tropas da guarnição regular de Argel, mas também de mercenários que serviam regularmente os argelinos – “[...] mouros azuagos e xartaquins, que habitam as terras de Tremecen e confins de Argel, gente guerreira e de muito valor nas armas [...]” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44).

Pouco tempo depois da batalha de Alcácer Quibir, em 1581, os *azuagos* de Marraquexe revoltaram-se alegando a falta de pagamento do soldo. Serão chacinados vários milhares – Mendonça estima que a quase totalidade (Mendonça, 1904, v. 2, p. 49-50) – pelos *andaluzes*, *turcos* e *xarquias*. De facto, depois da chacina de Marraquexe, não encontramos referência à utilização destes soldados pelos sáidas. Situação idêntica passou-se com os *xarquias*¹⁸, outros soldados mercenários provenientes de Argel, desta vez da região que se estende desta cidade até Tunes. Cerca de quatro anos depois da revolta dos *Azuagos* novas insurreições estalaram, mas a situação pareceu estabilizar-se. Uma década decorrida e teve lugar nova rebelião. Em 1593, Mulei alk-Nasr, irmão do derrotado de Alcácer Quibir al-Mutawakkil, regressou do exílio em Espanha (García-Arenal, 2009). Reuniu um pequeno exército e refugiou-se na serra de Dubdub, perto do Pinhão de Velez (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 507-511). Seguiu-se o confronto com as tropas do *xarife*, durante o qual os *xarquis* desertaram para al-Nasr (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 211). Por outro episódio ocorrido em 1610, durante as guerras civis que desmembraram o reino sáida constatamos que esta lealdade instável parece ser uma característica dos *xarquias* (Henin, 1997, p. 105-106).

Segundo os cronistas europeus, os *turcos* – juntamente com os *renegados* – eram uma parte essencial dos exércitos sáidas. Como vimos, os mercenários *azuagos* e *xarquias* estão contemplados naquela designação, tal como os *janizeros* da guarnição de Argel. Os *turcos* passaram a ser parte permanente da *makhazania*, e a crer nos cronistas magrebinos al-Zayyani e al-Fistali, durante o reinado de Abd al-Malik os *azuagos* chegaram a integrar este corpo¹⁹.

A utilização de termos da hierarquia militar otomana é mais uma evidência da influência militar da *Porta*. O primeiro exemplo inequívoco é a guarda de Abd al-Malik em Alcácer Quibir. Consistia em “cinquenta turcos seus moços de estribeira” (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103), nomeados com termos militares *otomanizados*: “Piques y Sulaques, que sierven de lacaios”

18. *Xarquis*, *xorquis* ou *xaracas*.

19. Esta situação recua ao reinado de es-Shaiq (Torres, 1984).



3. Mouro da Tunísia, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).
Tunisian Moor, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).



4. Janízeros, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.

Janízeros, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

que habitam as terras de Tremecen e confins de Argel, gente guerreira e de muito valor nas armas [...]” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44).

Shortly after the battle of Ksar el-Kebir, in 1581, the *azuagos* from Marrakesh revolted, allegedly due to the lack of payment. Several thousand were massacred – nearly all, according to Mendonça’s estimate (Mendonça,



5. *Peiq*, Nicolas de Nicolay, *Les quatre premieres livres dès navigations...* (1567).
Peiq, Nicolas de Nicolay, *Les quatre premieres livres dès navigations...* (1567).

(Oxeda, 1905, p. 603), que correspondem aos *peiq* e *solaq* da guarda dos sultões otomanos. Pelos desenhos de Jorge de Henin podemos confirmar que o próprio vestuário era copiado dos figurinos otomanos.

Outro costume importado da Turquia era a utilização do *parasol*, o "pavilhão de brocado" descrito por vários cronistas²⁰, e que seria levado por "dos hombres de a pie" (Oxeda, 1905, p. 603). Este fazia parte de um conjunto que incluía um estrado de madeira – *palanquim*:

[...] *Estava el tirano assentado en médio del pavellón, en un estrado debaxo de madera a manera de tarima cerrado de todas partes, de suerte que nadie le podia ver ni herir si no llegava por delante, y en la mano tenía un terciado y una cota de mallazarina bestida debaxo de la marlota [...]* (Torres, 1944, p. 135)

20. O autor da *Jornada del-rei D. Sebastião...*, Oxeda e Henin, por exemplo.



6. *Solaq*, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).
Solaq, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).

1904, vol. 2, p. 49-50) – by the *andaluzes*, *turcos* and *xarquias*. In fact, after the Marrakesh slaughter there are no further references to the use of these troops by the Saadi. A similar situation involved the *xarquias*¹⁸, who were also mercenaries coming from Algiers, only this time they came from the region that extends between that city and Tunis. Some four years after the *Azuagos* revolt there were new insurrections but the situation seemed to be stabilizing. Yet, a decade later a new rebellion took place. In 1593 Mulei al-Nasr, the brother of al-Mutawakkil, the Ksar el-Kebir looser, returned from his exile in Spain (García-Arenal, 2009). He gathered a small army and took refuge in the Dubdub hills, close to the *Peñón de Vélez* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 507-511). A confrontation with the *xarife's* troops followed, during which the *xarquias* deserted and sided with al-Nasr (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 211). And another episode that took place in 1610, during the civil wars that dismembered the Saadi Kingdom, further shows that such an unstable loyalty seems to have been characteristic of the *xarquias* (Henin, 1997, p. 105-106).

According to European chroniclers, the *turcos* – along with the *renegados* – were an essential part of the Saadi armies. As we saw before, the *azuagos* and *xarquias* mercenaries are included in that denomination, just like the *janízeros* from the Algiers garrison. The Turks became a permanent part of the *makhazania* and, according to the Maghrebian chroniclers al-Zayyani and al-Fishtali, during the reign of Abd al-Malik the *azuagos* were also part of the same corps¹⁹.

18. *Xarquís*, *xorquís* ou *xaracas*.

19. The situation dates back to the reign of ash-Sheikh (Torres, 1984).

Encontramos uma breve referência ao "andor" – Oxeda, cronista da batalha, fala de "andas" (Oxeda, 1905, p. 609) que Abd al-Malik utilizou para se exibir às tropas antes da batalha de Alcácer Quibir (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103). O *xarife* estava gravemente doente, provavelmente envenenado, e por isso teria feito a viagem desde Salé – altura em que se agravou a sua condição – numa "liteira" (*Lettre du medecin juif...*, 1905, p. 315, Mendonça, 1904, v. 1, p. 68).

Gente de cavalo

Os contingentes a cavalo sádidas dividem-se em dois grandes grupos, um integrado na *makhazania*, e outro – o mais numeroso – de carácter feudal. O primeiro compreendia fundamentalmente os atiradores montados. Desde a primeira década de Quinhentos que os arqueiros montados desapareceram dos contingentes magrebinos (Cook Jr., 1994, p. 151), mas as primeiras referências aos *tiradores de a cavallo* com novo tipo de armamento datam de c. 1545²¹. Oxeda, chama-lhes *espaquis*²², Saldanha *spahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31) e *espahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 33), variações do termo otomano – *sipahi* – que designa a cavalaria regular *kapu kulu*. Se bem que não tem um paralelo directo em termos de armamento, pois no caso otomano consistem em cavalaria couraçada, trata-se do mesmo tipo de recrutamento assalariado.

Os arcabuzeiros montados eram comuns entre os europeus, como os *hervuelos* espanhóis, os *argoulets* franceses ou os pistoleiros – *reiters* – alemães (Oman, 1987). Talvez por essa razão, os *espaquis* sádidas eram constituídos por *renegados* e *andaluzes*²³, mais acostumados



7. O pavilhão de brocado de Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.

The pavilhão de brocado of Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

The use of terms taken from the Ottoman military hierarchy is yet another proof of the *Porte's* military influence. The first unambiguous example is Abd al-Malik's guard at Ksar el-Kebir. It consisted of "cinquenta turcos seus moços de estribeira" (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103), which are referred to using *ottomanized* military terms: "Piques y Sulaques, que sierven de lacaios" (Oxeda, 1905, p. 603), which correspond to the *peik* and *solak* from the guard of the Ottoman sultans. Judging from Jorge de Henin's drawings, it can be stated that the outfit itself was copied from the Ottoman garments.

Another custom imported from Turkey was the use of the *parasol*, the "pavilhão de brocado" described by several chroniclers²⁰, which would be carried by "dos hombres de a pie" (Oxeda, 1905, p. 603). This was part of a set that included a wooden structure – the *palanquin*:

[...] Estava el tirano assentado en médio del pavellón, en un estrado debaxo de madera a manera de tarima cerrado de todas partes, de suerte que nadie le podia ver ni herir si no llegava por delante, y en la mano tenía un terciado y una cota de mall jazarina bestida debaxo de la marlota [...] (Torres, 1944, p. 135)

There is a brief reference to the "andor" – Oxeda, the chronicler of the battle, mentions the "andas" (Oxeda, 1905, p. 609) used by Abd al-Malik to show himself to the troops before the battle of Ksar el-Kebir (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103). The *xarife* was seriously ill, probably poisoned, and thus had travelled from Salé – where his condition worsened – on a "litter" (*Lettre du medecin juif...*, 1905, p. 315, Mendonça, 1904, vol. 1, p. 68).

Gente de cavalo

The Saadi mounted contingents can be divided in two major groups, one of them integrated in the *makhazania* while the other – the most numerous – had a feudal character. The first group was mostly composed of mounted riflemen. Since the first decade of the 16th century the mounted archers disappeared from the Maghrebian contingents (Cook Jr., 1994, p. 151), but the first references to the *tiradores de a cavallo* bearing a new type of weapons date from around 1545²¹. Oxeda calls them *espaquis*²², Saldanha refers to *spahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31) and *espahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 33), all of these being variants of the Ottoman term – *sipahi* –, which designates the regular *kapu kulu* cavalry. Even though there isn't a direct parallel in terms of armament, because in the Ottoman case this is armoured cavalry, it is the same type of salaried military service.

21. [...] Traía mil tiradores de a cavallo (Torres, 1984, p. 138).

22. [...] *Espaquis, que llaman a sus escopeteros de a cavallo* [...] (Oxeda, 1905, p. 604).

23. [...] *Dois mil arcabuzeiros a cavalo, a maior parte renegades* (Conestaggio, 2017, p. 69).

20. The author of the *Jornada del-rei D. Sebastião...*, Oxeda and Henin, for example.

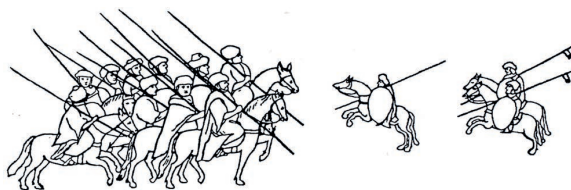
21. [...] Traía mil tiradores de a cavallo (Torres, 1984, p. 138).

22. [...] *Espaquis, que llaman a sus escopeteros de a cavallo* [...] (Oxeda, 1905, p. 604).

com as práticas da guerra europeia. Saldanha atribui um número substancial destes cavaleiros nas *makhazania* de Fez e Marraquexe (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31). Estes contingentes continuam a fazer parte dos exércitos sáidas na época das lutas civis do início do século XVII: em 1607 ainda ascendem a 2 000. A crescente dificuldade em recrutar soldados (Henin, 1997, p. 88) parece coincidir com a ausência de qualquer menção aos atiradores montados. Curiosamente, ao mesmo tempo ocorre uma quebra significativa na qualidade da pólvora fabricada em Marrocos (Henin, 1997, p. 77), de tal modo que em 1609 se combate com pólvora importada da Europa²⁴. Uma realidade confrangedora para um reino que desde 1549 possuía instalações para este efeito em Marraquexe (Dziubinsky, 1972, p. 71; *Crónica de Almanzor*, 1997, p. 81-83).

<i>Makhazania</i>	<i>Spahis</i>	<i>Renegados, andaluzes, turcos, azuagos e xarquis</i>
Fez, finais de 1578	1 000	14 000
Marraquexe, início de 1579	2 000	16 500

A grande maioria da cavalaria sáida organizava-se de forma semelhante ao sistema de recrutamento dos *timariots* otomanos: "están ordinariamente repartidos por las comarcas, y no ganan sueldo, sino solamente mantenimientos, quando andan en la guerra [...]" (Oxeda, 1905, p. 20). Eram, portanto, forças recrutadas apenas para a guerra, a partir de regiões específicas – *comarcas* – certamente abastecidos pelos representantes locais do *xarife* (Carvajal, 1951). No segundo quartel do século XVI levantavam-se, principalmente, na "provincia de Temecena²⁵, y la de tierra de Fez", com particular incidência para o "reyno de Tunez" (Carvajal, 1951). Dividia-se em três grandes contingentes provenientes de três regiões distintas: "los reynos de Fez de Marruecos", e da parte "Oriental desde el reyno de Tremecen" (Carvajal, 1951) – lugar de origem dos *azuagos*, como vimos atrás.



8. Cavalaria sáida, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.
Saadi cavalry, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

Mounted arquebusiers were common in Europe, for example the Spanish *herreruelos*, the French *argoulets* or the German pistoliers – the *reiters* – (Oman, 1987). This is perhaps the reason why the Saadi *espaquis* units were composed of *andaluzes* and *renegados*²³, more familiar with the European war practices. According to Saldanha's estimates, there was a substantial number of such cavalymen in the Fez and Marrakesh *makhazania* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31). These contingents were still part of the Saadi armies during the early 17th century civil disorders: up to 2 000 in 1607. The growing difficulties in the recruitment of soldiers (Henin, 1997, p. 77) seem to be coincident with the absence of any mentions to mounted riflemen. Curiously enough, at the same time there was a significant decrease in the quality of the powder made in Morocco (Henin, 1997, p. 88), to such an extent that in 1609 the powder was imported from Europe²⁴. An appalling reality for a kingdom that possessed production facilities in Marrakesh since 1549 (Dziubinsky, 1972, p. 71; *Crónica de Almansor*, 1997, p. 81-83).

<i>Makhazania</i>	<i>Spahis</i>	<i>Renegados, andaluzes, turcos, azuagos, xarquis</i>
Fez, late 1578	1 000	14 000
Marrakesh, early 1579	2 000	16 500

The vast majority of the Saadi cavalry's organization was similar to the recruitment system of the Ottoman *timariots*: "están ordinariamente repartidos por las comarcas, y no ganan sueldo, sino solamente mantenimientos, quando andan en la guerra [...]" (Oxeda, 1905, p. 20). These were, therefore, forces recruited solely for the war, in specific regions – *comarcas* – and arguably provided for by the *xarife*'s local representatives (Carvajal, 1951). During the second quarter of the 16th century these troops were mostly raised in the "provincia de Temecena²⁵, y la tierra de Fez", and particularly in the "reyno de Tunez" (Carvajal, 1951). They were divided in three major contingents, from three different regions: "los reynos de Fez de Marruecos", and "Oriental desde el reyno de Tremecen" (Carvajal, 1951), the place of origin of the *azuagos*, as mentioned before.



9. Espadas argelinas.
Algerian swords.

24. [...] *Com pólvora cristianesca* [...] (Henin, 199, p. 93).

25. *O reyno de Tremecen* (Carvajal, 1951).

23. [...] *Dois mil arcabuzeiros a cavalo, a maior parte renegados* (Conestaggio, 2017, p. 69).

24. [...] *Com pólvora cristianesca* [...] (Henin, 199, p. 93).

25. *O reyno de Tremecen* (Carvajal, 1951).

Estes homens equipavam-se ligeiramente; segundo Oxeda apenas possuíam “*aparencia*” de cavalaria: “no levan otra roupa sino un alquice, o manta, y sus espuelas y lança” (Oxeda, 1905, p. 26) ²⁶. Trata-se da cavalaria ligeira de tradição árabe, mas o facto de não utilizarem protecção corporal – “tanpoco si les da mucho por cotas ni capacetes, porque para rebolver com aquelas lanças les dona embaraço” (Carvajal, 1951, p. 43) – não lhes diminuía o valor militar. De facto, estes cavaleiros extremamente versáteis combatiam simulando a fuga para, inesperadamente, voltar ao combate:

Muchas veces son más peligrosos quando van huyendo que quando cometen, porque si vêm al enemigo cerca haren la lança sobre el braço esquerdo y le alcançan [...] su manera de pelear es muy diferente de otras naciones, porque no guardan ordenança, acometen por muchas partes al enemigo, y se le haller flaco por algun lado, se juntan y executan en mucho breve la victoria. Y se los acometen a ellos, aunque estan juntos, se derraman a un cabo y outro y se buelben a a tentar por todas as partes muchas y diversas vezes [...] (Carvajal, 1951, p. 43)

As armas com que se equipavam eram, em primeiro lugar, “lanças muy largas de quarenta y cinco o cinquenta palmos com dos hierros, y com entradas hieren por delante y por detrás”, ideais para executar estas retiradas dissimuladas: o grande comprimento e os “*ferros*” nas extremidades tanto serviriam para ferir o inimigo na frente, como para atingir os que surgissem pela retaguarda.

Os cavaleiros recrutados “en la parte occidental donde son los reynos de Fez de Marruecos” deveria estar melhor equipados. Usavam protecções corporais, “cotas de malha y capacetes”, “[...] gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas” (Torres, 1984, p. 142). A verdade é que não temos qualquer fonte iconográfica que permita identificar a tipologia. A única informação é a alusão a “una cota de malla jazarina bestida debaxo de la marlota [...]” (Torres, 1984, p. 135). Fica a dúvida sobre a expressão *jazarina*. Este termo de origem argelina (Torres, 1984, p. 135) tanto pode referir a origem árabe da armadura como pode ter proveniência otomana, dado o vínculo de Argel à autoridade – e influência – da *Porta*. As lanças eram curtas, “de veynte y cinco palmos” e possuíam “adargas de ante, y destas tienen muchas muy buenas” (Carvajal, 1951, p. 43), mais adequadas à cargas e combate corpo-a-corpo. Quanto às – *cristianescas* – tanto podem designar as tradicionais *nimchas* de Marrocos, com lâmina fabricada na Europa, ainda que ligeiramente curva, ou *flissa* de origen argelina de lâmina direita.

Neste contingente ainda se encontrava outro tipo da cavalaria, mais próxima da tradição árabe andalusa, os

These men were lightly equipped. According to Oxeda they only had an “appearance” of cavalry: “no levan otra roupa sino un alquice, o manta, y sus espuelas y lança” (Oxeda, 1905, p. 26) ²⁶. This was light cavalry of Arabian tradition, but the fact of not using body protection – “tanpoco si les da mucho por cotas ni capacetes, porque para rebolver com aquelas lanças les dona embaraço” (Carvajal, 1951, p. 43) – did not diminish their military worth:

Muchas veces son más peligrosos quando van huyendo que quando cometen, porque si vêm al enemigo cerca haren la lança sobre el braço esquerdo y le alcançan [...] su manera de pelear es muy diferente de otras naciones, porque no guardan ordenança, acometen por muchas partes al enemigo, y se le haller flaco por algun lado, se juntan y executan en mucho breve la victoria. Y se los acometen a ellos, aunque estan juntos, se derraman a un cabo y outro y se buelben a a tentar por todas as partes muchas y diversas vezes [...] (Carvajal, 1951, p. 43)

The weapons they were equipped with were, primarily, “lanças muy largas de quarenta y cinco o cinquenta palmos com dos hierros, y com entradas hieren por delante y por detrás”, which were ideal to perform feigned withdrawals: the great length and the hierros (lit.: iron tips/points) on both extremities enabled wounding a frontal attacker as much as striking enemies coming from behind.

The cavalrymen recruited “en la parte occidental donde son los reynos de Fez de Marruecos” would be better equipped. They wore body protection, “cotas de malha y capacetes”, “[...] gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas” (Torres, 1984, p. 142). The truth is we do not have any iconographic sources to support an identification of the typology. The only available information is the reference to “una cota de malla jazarina bestida debaxo de la marlota [...]” (Torres, 1984, p. 135). It is not clear what *jazarina* means. This term of Algerian (Torres, 1984, p. 135) origin may be related to the Arab origins of the armour but it may also have an Ottoman origin, considering that Algiers was tied to the authority – and influence – of the *Porte*. The spears were short, “de veynte y cinco palmos” and had “adargas de ante, y destas tienen muchas muy buenas” (Carvajal, 1951, p. 43), and were more suited to charges and hand-to-hand combat. As to the – *cristianescas* – the term may refer to the traditional Moroccan *nimchas* with European-made, even if slightly curved blades, or to the straight-bladed *flissa* of Algerian origin.

This contingent included yet another type of cavalry, closer to the Arab Andalusian tradition, the *ginetes*, as can be deduced from Mármol Carvajal’s statement:

26. Esta descrição confirma-se na *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.

26. This description is confirmed by the *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.



10. Espada marroquina *Nimcha*.
Nimcha Moroccan sword.

"*ginetes*". É o que se pode deduzir da afirmação de Már-mol Carvajal: "[...] algunos de a cavallo acostumbran tracer en las peles seys o siete lancuelas como dardos, para arrojar [...]" (Carvajal, 1951, p. 43). É, aliás, uma modalidade vulgarizada nos reinos cristãos peninsulares, tal como nos *presídios* portugueses de Marrocos (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987). Se atendermos ao que Oxeda nos relata, "de todo este numero, la decima parte se pude llamar cavalleria" (Oxeda, 1905, p. 593), concluímos que os "*ginetes*" e os cavalos da "parte Oriental de Fez" somavam a fatia mais numerosa do contingente montado sádida. Contudo, é difícil de discernir qual a sua real dimensão. Apenas nos podemos socorrer dos cronistas cristãos, tendo em consideração a dificuldade em estimar o efectivo de tipo de cavalaria que combatia de forma tão dispersa, sobretudo quando comparada com as formações compactas dos europeus.

	Cavalaria	Infantaria
1542 ²⁷ Rei de Fez	30 000	800 <i>turcos</i> e <i>renegados</i>
<i>Xarife</i>	30 000	1 800 <i>turcos</i> , <i>renegados</i> e árabes
1545 ²⁸ Rei de Fez	18 000	700 <i>turcos</i> de Argel
1547 ²⁹	9-10 000	5 000?
1553 ³⁰	30 000	10-12 000
1575 ³¹ Abd al-Malik	1 000	4 000 <i>turcos</i> , 5 000 <i>azuagos</i> e <i>xarquias</i>
1576 ³² Rei de Fez	50 000	30 000
1578 ³³ <i>makhazania</i> <i>Marraquexe</i>	1 000 <i>sipahis</i>	2 500 <i>andaluzes</i> e <i>renegados</i>

A desproporção entre tropas a pé e montadas pode ter sido, de facto, uma realidade – ainda que sem uma disparidade tão vincada – mesmo se a pouca relevância da infantaria atribuída por Torres resultar no

27. Torres, 1984, p. 138.

28. Carvajal, 1951, p. 254.

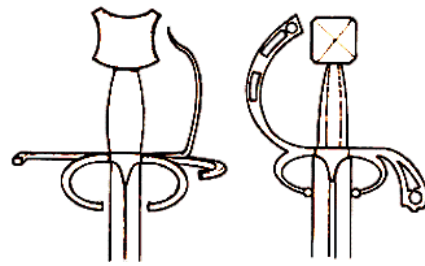
29. Torres, 1984, p. 237.

30. Torres, 1984, p. 243.

31. Torres, 1984, p. 243.

32. *Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44.

33. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 18.



11. Guardas espada de influência europeia.
European-styled sword guards.

"[...] algunos de a cavallo acostumbran tracer en las peles seys o siete lancuelas como dardos, para arrojar [...]" (Carvajal, 1951, p. 43). Actually, this was a commonplace modality in the peninsular Christian kingdoms as well as in the Portuguese Moroccan *presídios* (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987). Taking into consideration Oxeda's account, "de todo este numero, la decima parte se pude llamar cavalleria" (Oxeda, 1905, p. 593), one may conclude that the "*ginetes*" and the horses from the "parte Oriental de Fez" were the largest part of the Saadi mounted contingent. However, its real dimension is difficult to ascertain. We can only have recourse to the Christian chroniclers, bearing in mind the difficulties involved in estimating the numbers of a type of cavalry that fought in dispersed formations, particularly when compared to the compact formations of the Europeans.

	Cavalry	Infantry
1542 ²⁷ King of Fez	30 000	800 <i>turcos</i> and <i>renegados</i>
<i>Xarife</i>	30 000	1 800 <i>turcos</i> , <i>renegados</i> and arabs
1545 ²⁸ King of Fez	18 000	700 <i>turcos</i> from Algiers
1547 ²⁹	9-10 000	5 000?
1553 ³⁰	30 000	10-12 000
1575 ³¹ Abd al-Malik	1 000	4 000 <i>turcos</i> , 5 000 <i>azuagos</i> and <i>xarquias</i>
1576 ³² King of Fez	50 000	30 000
1578 ³³ <i>makhazania</i> <i>Marrakesh</i>	1 000 <i>sipahis</i>	2 500 <i>andaluzes</i> and <i>renegados</i>

The disproportion between foot and mounted troops may indeed have been real – even if the disparity was not so strong – despite the fact that Torres attaches little relevance to infantry and thus arguably

27. Torres, 1984, p. 138.

28. Carvajal, 1951, p. 254.

29. Torres, 1984, p. 237.

30. Torres, 1984, p. 243.

31. Torres, 1984, p. 243.

32. *Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44.

33. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 18.

subdimensionamento do efectivo apeado. É possível que este facto decorra de o poder militar sáida se encontrar numa fase formativa. Porque conforme nos aproximamos do último quartel do século XVI, a proporção parece aproximar-se de uma quase paridade. O exército que Abd al-Malik levou a Alcácer Quibir parece estar próximo de um equilíbrio: cerca de 22 000 cavalos e 21 000 soldados apeado³⁴, evolução que parece confirmar-se nos anos seguintes.

	Cavalaria	Infantaria
1581 ³⁵ Marraxe	5-6 000	16 000
1592 ³⁶	20 000	18 000 <i>turcos</i> , <i>renegados</i> e <i>xarquis</i>
³⁷	5 000	4 000
³⁸	10 000	8 000

Durante a época de Jorge de Henin a tendência da primeira metade do século sofre uma inversão. Os exércitos que surgem durante as guerras civis passam a contar maioritariamente com tropas apeadas, às quais se juntam os contingentes de *aventureiros* – mercenários – cristãos já referidos, *ingleses*, *flamencos* y *franceses* (Henin, 1997, p. 56).

	Infantaria	Cavalaria
1607 ³⁹	4 000	8 000
1609 ⁴⁰	1 500	7 000
<i>Makhzania</i> Marraxe ⁴¹	500	4 000
1610 ⁴²	800	4 000
1610-12 <i>Makhzania Fez</i> ⁴³	500	2 000
⁴⁴	150	500
⁴⁵	1 500	6 000
⁴⁶	3 000	2 000
⁴⁷	2 000	5 000
1612 Marabout army ⁴⁸	1 500	2 500 + 6 000 <i>alarves</i>

34. Estimating the Muslim forces at the battle of Alcácer Quibir still remains an open issue as far as the cavalry contingent is concerned. The starting point is the total mentioned in this *document ottoman*, upon which the estimates of the various chroniclers are based (El Moudden, 1993).

35. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 57.

36. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 207.

37. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 221.

38. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 277.

39. Henin, 1997, p. 71.

40. Henin, 1997, p. 82.

41. Henin, 1997, p. 85.

42. Henin, 1997, p. 89.

43. Henin, 1997, p. 99.

underestimates the numbers of foot soldiers. It is possible that this results from the fact that the Saadi military power was still building up. As a matter of fact, closer to the last quarter of the 16th century the proportion seems to reach a near parity. The army Abd al-Malik took to Ksar el-Kebir seems to be close to a balance: about 22 000 horse and 21 000 foot³⁴; this evolution seems to be confirmed in the following years.

	Cavality	Infantry
1581 ³⁵ Marrakesh	5-6 000	16 000
1592 ³⁶	20 000	18 000 <i>turcos</i> , <i>renegados</i> and <i>xarquis</i>
³⁷	5 000	4 000
³⁸	10 000	8 000

During the time of Jorge de Henin, the tendency from the first half of the century is inverted. The armies arising during the civil wars were mostly composed of foot soldiers, along with the aforementioned contingents of Christian *adventurers* – mercenaries –, *ingleses*, *flamencos* y *franceses* (Henin, 1997, p. 56).

	Infantry	Cavalry
1607 ³⁹	4 000	8 000
1609 ⁴⁰	1 500	7 000
<i>Makhzania</i> Marrakesh ⁴¹	500	4 000
1610 ⁴²	800	4 000
1610-12 <i>Makhzania Fez</i> ⁴³	500	2 000
⁴⁴	150	500
⁴⁵	1 500	6 000
⁴⁶	3 000	2 000
⁴⁷	2 000	5 000
1612 Marabout army ⁴⁸	1 500	2 500 + 6 000 <i>alarves</i>

34. Estimating the Muslim forces at the battle of Ksar el-Kebir still remains an open issue as far as the cavalry contingent is concerned. The starting point is the total mentioned in this *document ottoman*, upon which the estimates of the various chroniclers are based (El Moudden, 1993).

35. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 57.

36. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 207.

37. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 221.

38. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 277.

39. Henin, 1997, p. 71.

40. Henin, 1997, p. 82.

41. Henin, 1997, p. 85.

42. Henin, 1997, p. 89.

43. Henin, 1997, p. 99.

44. Henin, 1997, p. 110.

Os alarves, e a gente de Roma

Por fim, há que falar dos chamados *alarves*, que se juntavam aos exércitos com um único propósito: o saque. Não eram soldados, porque não recebiam qualquer soldo, e não se tratava de um contingente levantado por um qualquer governador regional. São homens que se juntam às colunas militares na mira de se apoderarem de uma porção dos despojos. A sua lealdade é das mais flutuantes, e por essa razão não são bem acolhidos por um comandante experiente. Abd al-Malik, que em 1576 conseguiu uma importantíssima vitória pela mudança de campo dos *andaluzes*, estava ciente da facilidade com que os humores dos *alarves* se podiam alterar. E de facto foram os voluntários das *cabildas* nas imediações do campo de batalha que, na altura em se desenhava a derrota dos exército de Abd al-Malik, saquearam a bagagem dos próprios correlegionários de fé⁴⁹. Os cronistas cristãos conhecem bem esta realidade, em especial os veteranos do dia 4 de Agosto de 1578, despojados por centenas – milhares – de homens “mal vestidos e pior armados, gente vil e de pouco ânimo” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27). É a “gente de Roma” de que fala Luís de Oxeda, “que assi llaman a los soldados de de novo se levantan para las guerras que se les offreçen [...] los qualles no sirven entre los demas, sino de bulto” (Oxeda, 1905, p. 593), e que outro cronista descreve como “gente de bestas e azagaia e outras armas ordinárias a seu modo, e costume” (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 83).

ORDEM DE BATALHA

A “escola militar” da Turquia é fundamental para analisar as várias ordens de batalha do exército sávida ao longo do século XVI. Podemos mesmo dizer que é a configuração *em meia-lua* que, antes de mais, que os cronistas apontam como a principal influência otomana: “le horden Turquesca, como este dia dio, haciendo de toda la su gente a pie un esquadron lunado, o semilunar” (Oxeda, 1905, p. 603). Como se organizava então o dispositivo militar otomano?

O núcleo consistia no sultão, que ocupava centro do dispositivo, rodeado pelos contingentes *kapu kulu*, ou seja, as tropas que recebiam soldo. A infantaria dobrava-se a partir do posto de comando, as tendas do sultão; os *yeniçeri* no meio, a artilharia numa posição fortificada, e os *sipahi* dispostos em duas alas (Aksan, 1999, p. 147-175). Os restantes contingentes

The alarves and the gente de Roma

Finally, the so-called *alarves* must be mentioned as well, people who joined the armies with a single purpose: plunder. They were not soldiers because they did not receive any pay and this was not a contingent raised by any regional governor. These men joined the military columns hoping to seize a share of the spoils of war. They were not welcome by experienced commanders due to their shifting loyalties. Abd al-Malik, who achieved an extremely important victory in 1576 thanks to the fact that the *andaluzes* changed sides, was well aware of how easily the moods of the *alarves* could be changed. In fact, the *cabildas* volunteers that were close to the battlefield were the ones who plundered the baggage of their own coreligionists when Abd al-Malik’s army seemed to be facing defeat⁴⁹. Christian chroniclers knew this for a fact, particularly the August 4th 1578 veterans who were despoiled by hundreds – thousands – of men who were “mal vestidos e pior armados, gente vil e de pouco ânimo” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27). This is the “gente de Roma” mentioned by Luís de Oxeda, “que assi llaman a los soldados de de novo se levantan para las guerras que se les offreçen [...] los qualles no sirven entre los demas, sino de bulto” (Oxeda, 1905, p. 593), and described by another chronicler as “gente de bestas e azagaia e outras armas ordinárias a seu modo, e costume” (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 83).

ORDER OF BATTLE

The Turkish “military school” must be taken into account in order to analyse the various orders of battle of the Saadi army during the 16th century. It can even be said that, above all, the *half-moon* formation is pinpointed by the chroniclers as the main Ottoman influence: “le horden Turquesca, como este dia dio, haciendo de toda la su gente a pie un esquadron lunado, o semilunar” (Oxeda, 1905, p. 603). So, how was the Ottoman battle array organized?

The core was the sultan, situated in the centre of the array and surrounded by the *kapu kulu* contingents, i.e. the salaried troops. Infantry was deployed on both sides of the command post, the sultan’s tents; the *yeniçeri* in the middle, the artillery in a fortified position and the *sipahi* deployed in two wings (Aksan, 1999, p. 147-175). The remainder of the contingents were deployed from this central position: the great masses of *timariots* manoeuvred on the army’s flanks with the

44. Henin, 1997, p. 110.

45. Henin, 1997, p. 113.

46. Henin, 1997, p. 114.

47. Henin, 1997, p. 134.

48. Henin, 1997, p. 138.

49. “[...] Foi azo de que os Alarves, gente sem fé e sem ânimo, saqueando a bagagem, fugiram levando a nova de Maluc ficava vencido [...]” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 30).

45. Henin, 1997, p. 113.

46. Henin, 1997, p. 114.

47. Henin, 1997, p. 134.

48. Henin, 1997, p. 138.

49. “[...] Foi azo de que os Alarves, gente sem fé e sem ânimo, saqueando a bagagem, fugiram levando a nova de Maluc ficava vencido [...]” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 30).

desdobravam-se a partir desta posição central: as grandes massas de *timariots* evoluíam nos flancos do exército com o objectivo de cercar o adversário; na frente, parte das tropas irregulares lançava os primeiros assaltos de forma a provocar uma investida menos articulada ou mais irreflectida; na retaguarda, a restante parte do contingente irregular guardava a retaguarda e a bagagem.

[...] *Ahead of them ranged akinci light cavalry, whose task was to draw the enemy towards the azaps. They in turn would absorb his charge, then move aside to allow the artillery and janissaries to open fire. Finally, the flanking sipahis would attack and, where possible, surround the foe [...].*
(Nicolle, 1988, p. 7)

A partir de algumas das batalhas que tiveram lugar durante a ascensão e consolidação do poder dos Sádidas, veremos como foi plasmado este modelo militar no espaço geográfico do Magrebe Ocidental.

Oued Derna (1545)

Esta batalha teve lugar durante as lutas entre oatóssidas e sádidas (1541-45) (Cook Jr., 1994, p. 200-208). O encontro segue-se uma série de encontros feridos nas faldas do Alto Atlas, na zona de Marraquexe, "*en el camino real que va de Marruecos a Tarudante*"⁵⁰. Os sádidas puseram em campo um dispositivo *semilunar*, formatura diferente daquela utilizada na primeira vitória sobre os seus rivais, a batalha de Abu Aqba (1536). Os oatóssidas, sucessivamente derrotados nas batalhas que precederam Derna, receberam poucos dias antes um importante reforço de *renegados* e *turcos* provenientes de Argel. Contudo a ordem de batalha seguiu um esquema bastante simples, quase decalcado dos dispositivos medievais: um corpo central numeroso, flanqueado por outros dois com menor dimensão.

O exército do *xarife* estava dividido em sete *esquadrones*, desdobrados de maneira a que *todos juntos formavam una media luna, y en las dos puntas*, na retaguarda por detrás da artilharia, estava a cavalaria mais escolhida: "cinco mil de a cavallo, gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas". Em frente dos canhões, "entre los dos cuernos ivan todos los escopeteros de a cavallo, Turcos y renegados y Gazules" (Torres, 1984, p. 142).

Estamos em presença de dois dispositivos bem diferentes, um algo arcaico, outro de influência otomana. A guerra que Muhammad al-Shaiq moveu contra os otomanos de Argel (1551-59) pode lançar algumas luzes interessantes. Torres descreve o efeito das armas de fogo argelinas sobre a cavalaria sádida: "los cavallos

purpose of surrounding the foe; up front, a part of the irregular troops launched the first assaults in order to provoke a less ordered or more impetuous enemy onrush; on the rear, the remainder of the irregular contingent protected the rearguard and the baggage.

[...] *Ahead of them ranged akinci light cavalry, whose task was to draw the enemy towards the azaps. They in turn would absorb his charge, then move aside to allow the artillery and janissaries to open fire. Finally, the flanking sipahis would attack and, where possible, surround the foe [...].*
(Nicolle, 1988, p. 7)

By looking into some of the battles that took place during the rise and consolidation of the Saadi power, we shall see how this military scheme was applied to the Western Maghreb geographical space.

Oued Derna (1545)

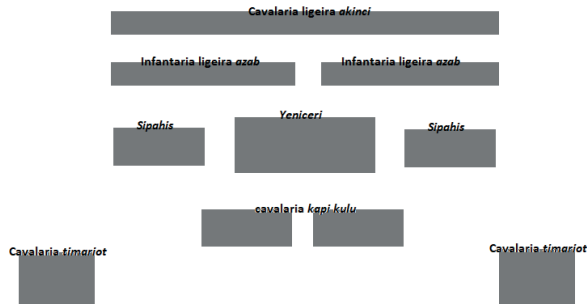
This battle took place during the struggles between the Wattasid and the Saadi (1541-45) (Cook Jr., 1994, p. 200-208). This engagement followed a series of clashes on the foothills of the High Atlas, in the Marrakesh region, "*en el camino real que va de Marruecos a Tarudante*"⁵⁰. The Saadi fielded a *half-moon* formation, different from the battle array used in their first victory over their rivals, in the battle of Abu Aqba (1536). The Wattasid, successively defeated in the battles preceding Derna, had received considerable reinforcements a few days before: *renegados* and *turcos* from Algiers. However, their order of battle followed a rather simple scheme, quite similar to the medieval arrays: a numerous central corps flanked by two smaller ones.

The *xarife's* army was divided into seven "esquadrones deployed in such a way that todos juntos formavam una media luna, y en las dos puntas"; on the rearguard and behind the artillery was the best cavalry: "cinco mil de a cavallo, gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas." Ahead of the cannons, "entre los dos cuernos ivan todos los escopeteros de a cavallo, Turcos y renegados y Gazules" (Torres, 1984, p. 142).

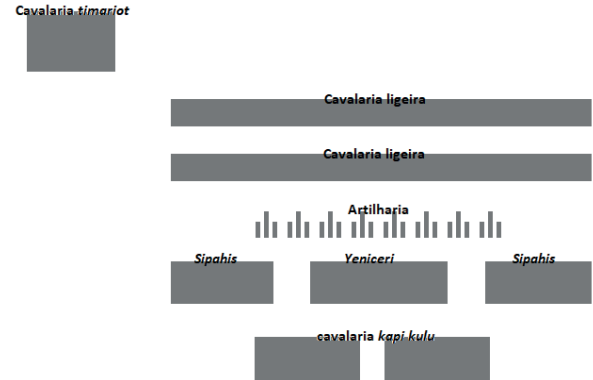
Thus, two quite different battle arrays, one somewhat archaic and the other showing Ottoman influence. The war waged by Muhammad ash-Sheikh against the Algiers Ottomans (1551-59) may shed some light on the matter. Torres described the effects of the Algerian firearms against the Saadi cavalry: "los cavallos com el estruendo de los arcabuzes andavan tan alterados que no eran los dueños señores dellos" (Torres, 1984, p. 225). This is a curious remark because, as Cook Jr. rightly mentions (Cook Jr., 1994, p. 220), the arquebuses were already commonplace in Morocco. Perhaps the Saadi had to face

50. [...] *Vino a esperar al ermano en un paso de los Montes a las vertientes diellos, hazia al Norte y a la parte de Marruecos* (Torres, 1984, p. 123).

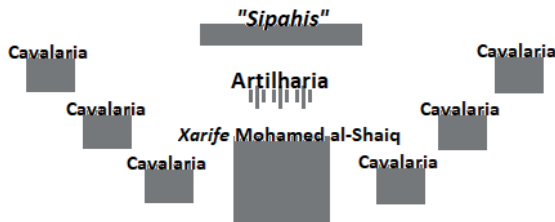
50. [...] *Vino a esperar al ermano en un paso de los Montes a las vertientes diellos, hazia al Norte y a la parte de Marrueco* (Torres, 1984, p. 123).



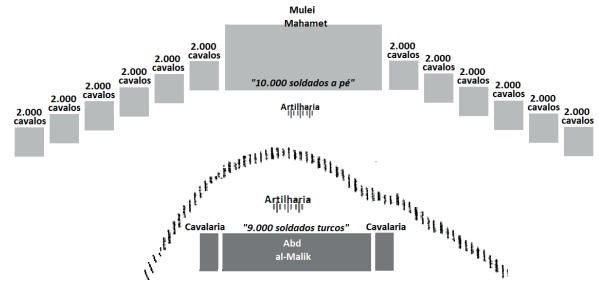
12. Ordem de batalha otomana, meados do século XV
(segundo Ian Heath, 1982).
Ottoman battle array, mid-15th century
(according to Ian Heath, 1982).



13. Ordem de batalha otomana na batalha
de Mohács (1526) segundo Oman, 1987.
Ottoman battle array at the battle
of Mohács (1526) according to Oman, 1987.



14. Ordem de batalha na batalha de Oued Derna (1545),
segundo A. Dziubinsky, 1970.
Battle array at the battle of Oued Derna (1545),
according to A. Dziubinsky, 1970.



15. Batalha de ar-Rukn (16 de Março de 1576).
Battle of ar-Rukn (March 16th 1576).

com el estrurndo de los arcabuzes andavan tan alterados que no eran los dueños señores dellos" (Torres, 1984, p. 225). Curiosa indicação porque, como Cook Jr. bem notou (Cook Jr., 1994, p. 220), porque os arcabuzes já estavam vulgarizados em Marrocos. Podemos suspeitar que os sáidas tiveram de enfrentar grandes massas de atiradores, que desenvolviam um tipo de fogo contínuo à semelhança dos *yaniçeri* otomanos⁵¹.

Ar-Rukn e Khaynuqa-r-Rayhan, 16 Março e 14 Julho 1576⁵²

Na batalha de ar-Rukhn, perto de Fez⁵³ temos novamente formaturas bastantes diferentes, embora um cronista lhes atribua a mesma filiação: "segundo costume dos turcos" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44-45). O exército oatácida, claramente mais numeroso – cerca de 24 000 cavalos e 10 000 soldados

great masses of riflemen who were able to keep some type of continuous fire, like the Ottoman *yaniçeri*⁵¹.

Ar-Rukn and Khaynuqa-r-Rayhan, March 16th and July 14th, 1576⁵²

At the battle of ar-Rukhn, near Fez⁵³, there were again very different formations, to which a chronicler attributes the same filiation: "segundo costume dos turcos" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44-45). The Wattasid army, with a clear numerical superiority – about 24 000 horse, 10 000 foot and 35 cannons (Baptista, 1986, p. 92) –, deployed in a *half-moon* formation with the infantry on the centre "em nove fileiras" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 5). Abd al-Malik occupied the top of a hill and deployed the infantry in a compact formation, aiming at striking a devastating attack to cause and support

51. We also know that the Janissaries preferred several rows of deep formations and achieved a continuous barrage off ire by rotating rows forward (Uyar e Erickson, 2009, p. 42-43).

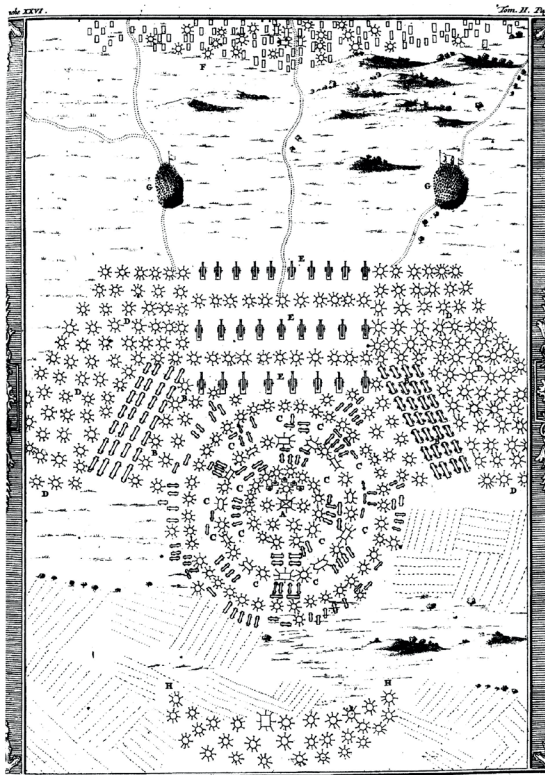
52. Segundo Garcia-Arenal, 2009, a batalha teve lugar a 17 de Março de 1576; Dziubinsky, 1970, refere 29 de Junho do mesmo ano (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44).

53. [...] Em Ourrochum, sete legoas de Fez (Cruz, v. 1, 1903, p. 109).

51. We also know that the Janissaries preferred several rows of deep formations and achieved a continuous barrage of fire by rotating rows forward (Uyar and Erickson, 2009, p. 42-43).

52. According to Garcia-Arenal, 2009, the battle took place on March 17th, 1576; Dziubinsky, 1970, refers to June 29th of the same year (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44).

53. [...] Em Ourrochum, sete legoas de Fez (Cruz, v. 1, 1903, p. 109).



16. Exército otomano em marcha, diagrama de Marsigli (1732).
Ottoman army on the march, diagram by Marsigli (1732).

a pé e 35 canhões (Baptista, 1986, p. 92) – desdobrou-se em forma *semilunar*, a infantaria ao centro repartida “em nove fileiras” (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 5). Abd al-Malik ocupou o topo de uma colina, e organizou a infantaria numa formatura compacta com a intenção de desferir um ataque fulminante para provocar e apoiar a deserção – previamente acordada – dos 2 000 *andaluzes* de al-Dogali: “um só corpo de infantaria quadrangular, mais ancho por frente que grosso nem comprido por lados” (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 45).

Na batalha que se seguiu, Khaynuqa-r-Rayhan, Abd al-Malik dividiu o exército em cinco esquadrões. Juan Batista descreve um dispositivo “en triangulo”; de facto, mais à frente, refere um destes *esquadrões* – *comandado* “sobrino suyo llamado Muley Nasçar” – em posição avançada, “mas adelante” (Batista, 1986, p. 104). Provavelmente trata-se de um dispositivo de marcha, transposto para ordem de batalha, como podemos ver no notável esquema de Marsigli.

Alcácer Quibir, 4 de Agosto de 1578

A derrota de al-Mutawakkil em Ar-Rukn e Khaynuqa-r-Rayhan foi completa mas não definitiva. Refugiado no Atlas, auxiliado pelos morábitos sufis da confraria *Yazulyya*, antigos apoiantes dos sáidas, foi novamente vencido em vários encontros desde Outubro de 1576 e o verão de 1577 (García-Arenal, 1984, p. 194). A entrega de Arzila em Julho de 1577

the – previously agreed – desertion of al-Dugali’s 2 000 *andaluzes*: “um só corpo de infantaria quadrangular, mais ancho por frente que grosso nem comprido por lados” (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 45).

In the following battle, Khaynuqa-r-Rayhan, Abd al-Malik divided his army into five *esquadrões*. Juan Batista describes an array “en triangulo” and, further on, refers to one of these *esquadrões* – under the command of a “sobrino suyo llamado Muley Nasçar” – in an advanced position, “mas adelante” (Batista, 1986, p. 104). This is probably a marching order transposed into the battle order, as can be seen on Marsigli’s remarkable scheme.

Ksar el-Kebir, August 4th, 1578

Al-Mutawakkil’s defeats at Ar-Rukn and Khaynuqa-r-Rayhan were complete but not final. He took refuge in the Atlas, with the help of Sufi marabouts from the *Yazulyya* fraternity, the former supporters of the Saadi, but was beaten again in several encounters between October 1576 and the summer of 1577 (García-Arenal, 1984, p. 194). The handover of Asilah in July 1577 precipitated the Portuguese involvement. Despite al-Mutawakkil’s misfortunes, the simple fact that he was ready to return to the fight, and now benefitting from the support of the Portuguese king, meant that the final result was uncertain. Once again, Al-Dugali would be at the core of the events, under suspicion of instigating a conspiracy involving some of the main *alcaldes*, al-Gurri, Zarkun and Ridwan⁵⁴. Abd al-Malik ended up being poisoned shortly before reuniting with his brother Ahmad, in Salé, and in the day before the battle measures were still being enforced to keep the troops from deserting or, even worse, changing sides as happened two years before at er-Rukn (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 22).

When Dom Sebastião landed at Asilah, abd al-Malik was in the region of Taroudant to deal with a revolt. He was accompanied by the troops from the Marrakesh *makhazaniya*, 2 500 *andaluzes* and *renegados* riflemen, 1 000 *sipahis*, and 14 000 horse and was joined in Salé by the 13 000 riflemen (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987) and 15 000 horse (Cruz, 1903, vol. 2, p. 44) recruited by his brother Ahmad (al-Mansur, after his victory at the battle of Ksar el-Kebir) in the region of Fez.

Military forces

The battle of Ksar el-Kebir is described in numerous sources, many of which were written by veterans. However, it is difficult to combine the huge amount of often contradictory details referred to by the chroniclers. Realizing the actual numbers of the Saadi army is the main problem. The union of the territory under a single government enabled pooling

54. On the subject of this conspiracy, see García-Arenal, 1984, p. 198-200.

precipitou a entrada em cena dos portugueses. Apesar dos desaires sofridos por al-Mutawakkil, o simples facto que se encontrar pronto para voltar à luta, e agora usufruindo do apoio do rei português, mantinha a incerteza no desfecho final. Al-Dogali, uma vez mais, iria encontrar-se no centro dos acontecimentos, suspeito de promover uma conjura onde encontramos os nomes de alguns dos principais *alcaldes*, al-Gurri, Zarkun e Ridwan⁵⁴. Abd al-Malik acabou por ser envenenado pouco antes de se reunir com o irmão Ahmad, Salé, e na véspera do dia da batalha ainda se impunham medidas para prevenir as tropas de desertar ou pior, trocar de partido como havia sucedido dois anos antes em er-Rukn (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 22).

Quando D. Sebastião desembarcou em Arzila, Abd al-Malik encontrava na região de Tarudante, onde persistia um núcleo de revolta. Seguiam com ele as tropas da *makhazaniya* de Marraquexe, 2 500 atiradores *andaluzes e renegados* e 1 000 *sipahis*, mais 14 000 cavalos. Em Salé reuniu-se com os 13 000 atiradores (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987) e 15 000 cavalos (Cruz, 1903, v. 2, p. 44) que Ahmad, seu irmão (o futuro Almalsur, por vencer a batalha de Alcácer Quibir) havia recrutado na região de Fez.

Efectivos

A batalha de Alcácer Quibir está descrita em numerosas fontes, muitas delas escritas por veteranos. Porém, é difícil conciliar a enorme quantidade de detalhes avançados pelos cronistas, muitas vezes contraditórios entre si. Perceber quais os efectivos reais do exército sávida consiste no principal problema. A união do território sob um único governo permitiu juntar os recursos do sul e norte de Marrocos. O exército de Abd al-Malik possuía, portanto, um elevado número de tropas “regulares” e, mais que isso, experimentadas por décadas de guerras. É impossível assegurar qual o efectivo total do exército, pois as fontes são discordantes. A estimativa mais realista parece ser de D. Duarte de Meneses (*Relação de Duarte de Meneses*, 1905) que aponta um total de 38 000 homens (10 000 a pé e 18 000 a cavalo)⁵⁵.

<i>Makhazania</i>	Comandante	Efectivo
Atiradores a pé, <i>renegados</i>	<i>Mahomet Tabâ</i> ou <i>Uchaali</i> ⁵⁶	2 500
Atiradores a pé, <i>turcos</i>		1 000

54. A propósito desta conjura, v. Garcia-Arenal, 1984, p. 198-200.

55. No documento dirigido ao Beylerbey de Argel já referido, estimam-se as forças de Abd al-Malik em 40-50 000 homens (El Moudden, 1993); para Conestaggio seriam 11 500 homens a pé e 25 000 a cavalo.

56. Mendonça, 1904.

57. *Azaneserin na Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007; *Guali segundo Mendonça*, 193.

the resources from the south and north of Morocco. Therefore, Abd al-Malik’s army had a considerable number of “regular” troops and, even more important, troops that had experienced decades of wars. It is impossible to ascertain the total numbers of the army, due to the discordant accounts of the various sources. Dom Duarte de Meneses’s estimate (*Relação de Duarte de Meneses*, 1905) seems to be the more realistic one: a total of 38 000 men (10 000 foot and 18 000 horse)⁵⁵.

<i>Makhazania</i>	Commander	Force
Foot riflemen, <i>renegados</i>	<i>Mahomet Tabâ</i> or <i>Uchaali</i> ⁵⁶	2 500
Foot riflemen, <i>turcos</i>		1 000
Foot riflemen, <i>andaluzes</i>	<i>Azaneserin</i> or <i>Guali</i> ⁵⁷	3 000
Foot riflemen, <i>azuagos</i>	<i>Bahamut and Hasem Suero</i> ⁵⁸	4 000
Foot riflemen, <i>gazulas</i>	<i>Guifer</i> ⁵⁹	3-4 500
Foot riflemen, <i>xarquias</i>		1 000
Mounted riflemen, <i>sipahis</i>	<i>Hozen</i> or <i>Osarin de Raguse</i>	2-3 000
Volunteers, <i>alarves</i>		
<i>Sharif's</i> guard	Ridwan (Reduão)	
Foot riflemen and halberdiers, <i>renegados</i>		200
<i>turcos</i>		50
Baggage	<i>Açarian, Hazen</i> or <i>Hacercon</i> ⁶⁰	
Other contingents		
Cavalry, <i>cavaleria del Algarbe</i>	Ahmad, the <i>xarife's</i> brother	10 000 ⁶¹
Heavy cavalry, <i>selected</i>		1 000
Cavalry, <i>Sus</i>	Muhammad Zarqun	10 000 ⁶²
Heavy cavalry, <i>selected</i>		1 000
Volunteers, <i>alarves</i>		

55. According to the aforementioned document addressed to the Beylerbey of Algiers, Abd al-Malik’s forces were an estimated 40-50,000 men (El Moudden, 1993); Conestaggio refers to 11 500 foot and 25 000 horse.

56. Mendonça, 1904.

57. *Azaneserin na Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007; *Guali segundo Mendonça*, 193.

58. *Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978; *Cacime, Hacen y Abrahen* segundo outros cronistas.

59. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.

60. [...] *Que pusesse buena guarda en el Almahala, que assi llaman a sus tiendas y bagajes* [...] (Mesa, 1630, p. 68-68v).

61. The difficulties in estimating their numbers have already been addressed.

62. See previous note.

Atiradores a pé, <i>andaluzes</i>	<i>Azaneserin</i> ou <i>Guali</i> ⁵⁷	3 000
Atiradores a pé, <i>azuagos</i>	<i>Bahamut e Hasem Suero</i> ⁵⁸	4 000
Atiradores a pé, <i>gazulas</i>	<i>Guifer</i> ⁵⁹	3-4 500
Atiradores a pé, <i>xarquias</i>		1 000
Atiradores montados, <i>sipahis</i>	<i>Hozen</i> ou <i>Osarin de Raguse</i>	2-3 000
Voluntários, <i>alarves</i>		
Guarda do <i>xarife</i>	Ridwan (Redução)	
Atiradores e alabardeiros a pé, <i>renegados</i>		200
<i>turcos</i>		50
Bagagem	<i>Açarian, Hazen</i> ou <i>Hacercon</i> ⁶⁰	
Outros contingentes		
Cavalaria, <i>caballeria del Algarbe</i>	Ahmad, irmão do <i>xarife</i>	10 000 ⁶¹
Cavalos pesados, <i>escolhidos</i>		1 000
Cavalaria, <i>Sus</i>	Muhammad Zarqun	10 000 ⁶²
Cavalos pesados, <i>escolhidos</i>		1 000
Voluntários, <i>alarves</i>		

O local da batalha

A batalha terá tido lugar em *douar* Suaken, sítio onde se ergue um pequeno morábito onde estaria a liteira de Abd al-Malik. Podemos identificar alguns dos acidentes topográficos descritos pelos cronistas mais credíveis⁶³. O mais importante seria uma colina onde se desenvolve a actual povoação: "[...] conquanto aquele campo é chão, todavia tem nesta parte um modo de quebrada que desce de uma topetada de pouca subida [...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191).

Este "cabeço" (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 105) encontrava-se entre os dois exércitos: "[...] onde os mouros de manifesto ficavam cobertos, por estar o seu exército prantado em forma de curva". Portanto, a colina impedia os cristãos de vislumbrar todo o dispositivo inimigo" [...] e como eram tantos que apareciam por todas as partes, via-se grande multidão deles mais ao longe além da quebrada encoberta, que tinha o baixo do vale que ficava no meio, por

58. *Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978; *Cacime, Hacen y Abrahen* segundo outros cronistas.

59. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.

60. [...] *Que pusesse buena guarda en el Almahala, que assi llaman a sus tiendas y bagajes* [...] (Mesa, 1630, p. 68-68v).

61. A dificuldade em estimar este efectivo já foi abordada.

62. Ver nota anterior.

63. Como o exército sávida estava parcialmente encoberto, os soldados da frente tiveram dificuldade em perceber a configuração.

The site of the battle

The battle probably took place at *douar* Suaken, the site of a small marabout where Abd al-Malik's litter was probably situated. Some topographic features are identifiable, as described by the more reliable chroniclers⁶³. The most outstanding feature was a hill, where the present-day village stands: "[...] conquanto aquele campo é chão, todavia tem nesta parte um modo de quebrada que desce de uma topetada de pouca subida [...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191).

This "cabeço" (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 105) was situated between the two armies: "[...] onde os mouros de manifesto ficavam cobertos, por estar o seu exército prantado em forma de curva". Therefore, the hill was hiding a part of the enemy battle array from the Christians" [...] e como eram tantos que apareciam por todas as partes, via-se grande multidão deles mais ao longe além da quebrada encoberta, que tinha o baixo do vale que ficava no meio, por onde os que nos estavam mais chegados não eram divisados do nosso campo[...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191). The artillery was placed on the top of this height and camouflaged, in order to hide the guns from the foe: "[...] as peças cobertas com ramos [...]"⁶⁴. This was a variant of the Ottoman practice of concealing the artillery behind a first line of troops⁶⁵. The chroniclers agree on the number of guns, between 22 and 24⁶⁶, and yet another three out of *quatro peças de artilharia grossas* cast at Salé and belonging to Ahmad's contingent. It was one of these bombards that gave the signal to start the battle⁶⁷.

Battle order

The substantial numbers of Abd al-Malik's army enabled a battle array that closely followed the classical Ottoman formation, more than at any other occasion during the Saadi period. Still, it is difficult to unravel the exact battle order from among the mishmash of details referred to by the chroniclers.

The generic description "lunado, o semilunar, que laman [...]", is related to the "orden Turquesca" (Oxeda, 1905, p. 603). The Ottoman battle array was centered in the sultan's position and this is where Abd al-Malik placed a "praça de quarenta passos em quadra"⁶⁸, with

63. As the Saadi army was partially concealed, it was difficult for the front-line soldiers to perceive the configuration.

64. [...] *Pareciam montinhos de um mato baixo de tamgueiras, que há por aquele campo del ongo do rio, de uma rama espinhosa, de modo de carrapatos* [...] (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 192).

65. Mohammad Cheik used the same stratagem in the battle of *oued Dema*.

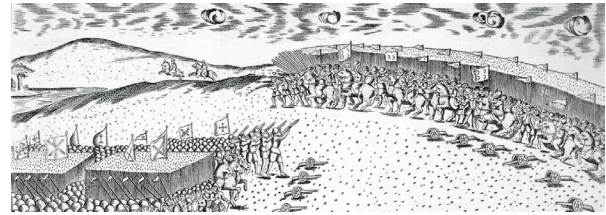
66. Forty cannon according to Mendonça.

67. The "bombarda grande" (Oxeda, 1905, p. 606).

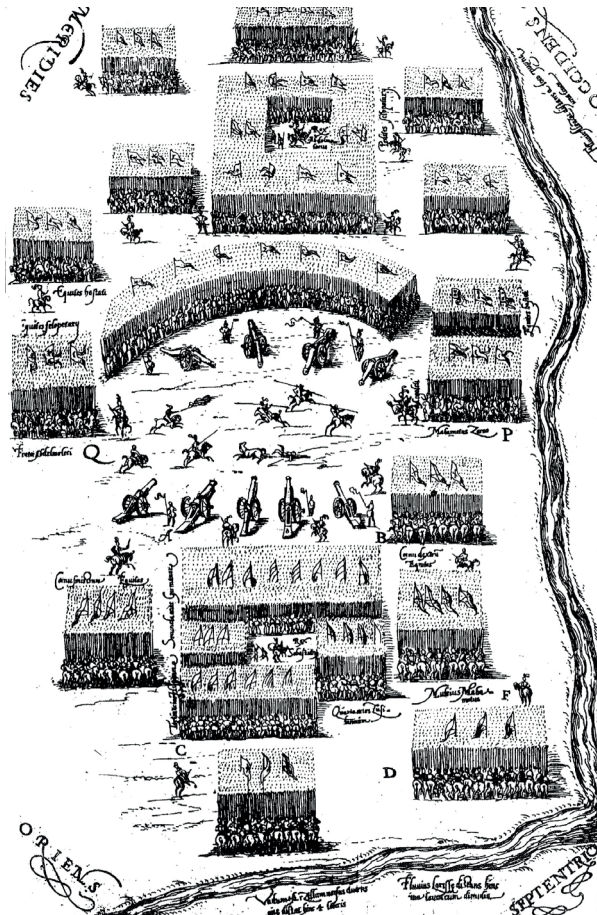
68. [...] *Un disposition inspirée de celle d'un champ nomade (douar) don't la defense était constituée par cês tents tenant d'une A l'autre* (Dziubinsky, 1972, p. 74).



17. O local da batalha de Alcácer Quibir, 2015.
The site of the battle of Ksar el-Kebir, 2015.



19. Batalha de Alcácer Quibir (pormenor),
Miguel Leitão de Andrada (1629).
Battle of Ksar el-Kebir (detail),
Miguel Leitão de Andrada (1629).



18. Batalha de Alcácer Quibir, Frei Luís Nietto (1578).
Battle of Ksar el-Kebir, Frei Luís Nietto (1578).

onde os que nos estavam mais chegados não eram divisados do nosso campo [...]” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191). A artilharia foi colocada no topo desta elevação, camuflada para esconder os canhões da vista do adversário: “[...] as peças cobertas com ramos [...]”⁶⁴. Esta era uma variante da prática otomana de encobrir a artilharia com uma primeira linha de tropas⁶⁵. Os cronistas são concordantes quanto

64. [...] Pareciam montinhos de um mato baixo de tamrqueiras, que há por aquele campo del ongo do rio, de uma rama espinhosa, de modo de carrapatos [...]” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 192).

65. Mohammad Cheik utilizou o mesmo estratagema na batalha do oued Derna.

his personal guard of “cinquenta turcos seus moços de estribeira, e de duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros, que eram de sua guarda ordinária [...]”⁶⁹.

The best soldiers were grouped around this position, the *renegados* on the left and the *azuagos* on the right. The other *mazaganiya* contingents were deployed ahead, on the flanks – “nas espaldas” (Oxeda, 1905, p. 604). The infantry was again deployed in massive *esquadrões*⁷⁰, possibly in the same “forma quadrada” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27) used at ar-Rukn. About 1 000 *cavalos escolhidos*⁷¹, deployed “um tanto adiante em forma de meia-lua [...]” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27), were meant to provide “socorro de los de a pie, que sirven o que a nosotros las mangas en los esquadrones” (Mesa, 1630, p. 69).

The “morisma de Roma” was concentrated on the rearguard, “desde estos a dentro” (Mesa, 1630, p. 69). The detachment commanded by “Mahamet Hacercon que ya lo havian llamado de la rache” (Oxeda, 1905, p. 605) was situated here as well. Thus, it was this contingent that defended, without success, the baggage from being plundered when victory seemed to lie with the Christians⁷². “[...] algunos 3 o 4.000 alarves, y passaron por nuestras tiendas, y empesaron a robar, diciendo que veniamos rotos [...]” (*Lettre d’un Medecin Juif ...*, 1905, p. 321). The army’s front line consisted of *xarquias* and

69. Twelve horsemen carried *doze bandeiras de cores diferentes, e uns cabos de cavalos insignias turquescas que ele muito estimava*. (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 103).

70. It is virtually impossible to know how these *esquadrões* were organized. Sebastian de Mesa, a later chronicler whose work is based upon evidence from various testimonies, states that *cada nacion caminava por si en hileras, de cinco en cinco* (p. 69); he is probably referring to 300 y a 400 *lanças* (p. 60) under the command of each *alcaide*, something similar to the Ottoman *ortas* (but six times superior in number). Assuming these columns were 5 soldiers wide and 60-80 deep it is possible to extrapolate the configuration of each contingent: the 3 000 *andaluzes*, for example, would consist of 10 such groups, 5 soldiers wide and 60 deep (should the total be 300 spears). As interesting as this exercise can be, it suffers from an almost complete lack of available information.

71. Arguably heavy cavalry, wearing chainmail, helmet and shield.

72. [...] Desejavam mais roubar que combater, em vendo nos primeiros encontros alguns mouros por se em fugida, arremeteram a guarda da bagagem e roubaram tudo della o que acharam (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 104).

ao número de peças, entre 22 e 24⁶⁶. Juntavam-se ainda três de *quatro peças de artilharia grossas* fundidas em Salé, depois de se reunir ao contingente de Ahmad. Foi uma destas bombardas que deu o sinal para iniciar a batalha⁶⁷.

Ordem de batalha

Os efectivos substanciais à disposição de Abd al-Malik permitiram-lhe ensaiar o dispositivo de combate que, no conjunto da cronologia sávida, mais se aproxima da formatura otomana clássica. Contudo, é difícil destringir qual a configuração da ordem de batalha por entre a amálgama de detalhes avançadas pelos cronistas.

A descrição genérica “lunado, o semilunar, que la-man [...]”, está associada com a “orden Turquesca” (Oxeda, 1905, p. 603). O dispositivo otomano centrava-se na posição do sultão, e é nesta posição que Abd al-Malik fez uma “praça de quarenta passos em quadra”⁶⁸, com a guarda pessoal de “cinquenta turcos seus moços de estribeira, e de duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros, que eram de sua guarda ordinária [...]”⁶⁹.

Os melhores soldados agrupavam-se em torno desta posição, os *renegados* na esquerda e os *azuagos* na direita. Os outros contingentes da *mazaganiya* desdobravam-se na frente, pelos flancos – “nas espaldas” (Oxeda, 1905, p. 604). A infantaria seguia formada em *esquadrões* maciços⁷⁰, talvez na mesma “forma quadrada” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27) de ar-Rukn. Cerca de 1 000 *caballos escolhidos*⁷¹, que estacionavam “um tanto adiante em forma de meia-lua [...]” (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27), destinados a dar “socorro de los de a pie, que sirven o que a nosotros las mangas en los esquadrones” (Mesa, 1630, p. 69).

66. Quarenta canhões segundo Mendonça.

67. Uma “bombarda grande” (Oxeda, 1905, p. 606).

68. [...] *Un disposition inspirée de celle d’un champ nomade (douer don’t la defense était constituée par ces tents tenant d’une A l’autre* (Dziubinsky, 1972, p. 74).

69. Doze cavaleiros levavam *doze bandeiras de cores diferentes, e uns cabos de cavalos insígnias turquescas que ele muito estimava*. (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 103).

70. É praticamente impossível saber como se organizavam estes *esquadrões*. Sebastian de Mesa, cronista posterior à batalha, mas que se baseia em dados de vários testemunhos diz que *cada nacion caminava por si en hileras, de cinco en cinco* (p. 69); deve referir-se *300 ya 400 lanças* (p. 60) que cada *alcaide* comandava, algo semelhante às *ortas* dos otomanos (embora de efectivo seis vezes superior). Supondo que se tratavam de colunas com cinco soldados de frente e 60/80 de profundidade, podemos extrapolar a configuração de cada contingente: os 3 000 *andaluzes*, por exemplo, seriam constituídos por dez destes grupos como 50 soldados de frente por 60 de profundidade (no caso de se tratar de 300 lanças). Este exercício, embora interessante, peca pela quase inexistência de informação disponível.

71. Depreende-se que se tratava de cavalaria pesada, com cotas de malha, capacete e escudo.

mounted riflemen, “sobresalientes en vanguadia [...] de los que dicen en cadena, porque van 15 ou 20 a la hila compartidos, unos tras otros por toda la frente, que son los primeros que acometen” (Mesa, 1603, p. 69v). The engraving by Andrada suggests that the *sipahis* were intercalated among the first-line soldiers.

Most of the cavalry was distributed upon two large wings, aiming to bypass and surround the enemy array, – “veniendo en forma circular, a tomar en medio los Cristianos” – by maneuvering out of firearm range – “desviadas de la ofensa de nuestra artilleria” (Oxeda, 1905, p. 604): “[...] tanto que o exército del-Rei se começou a ir apartando da ribeira para o campo largo, começaram eles também a estender-se caminhando por diante com as pontas do exército ao redor do nosso[...].” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191). These great masses of cavalry were divided into small *esquadrões* – “la levavan en tropas” (Oxeda, 1905, p. 604) –, as seen at oued Derna, for example. Thus, the formula used at Ksar el-Kebir closely followed the Ottoman tactical scheme.

Tondibi, February 13, 1591⁷³

Al-Mansur’s first concern was providing the expedition with a transport train that allowed it to face an extraordinarily demanding itinerary. This he did by gathering some “mil hombres para gobernar camellos, ocho mil camelos y mil caballos de carga” (Corral Jam, 2000, p. 467), “pera os soldados poderem com comodidade passar os desertos [...]” (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165). Even if these numbers may appear to be an exaggeration, they nevertheless show the importance of the pack-animals that accompanied this army, small as it might be. Another curious aspect of the expedition’s logistics is the load of “mucha cantidad de bizcocho” (Corral Jam, 2000, p. 459), a common foodstuff of the European soldiers, but one not referred to by the Islamic sources. The command of the expedition was given to *pasha* Djoudar, an Adulusian, along with ten other officers, four of which were *renegados* (Corral Jam, 2000, p. 459) – one of these *alcaldes* was Mahamet Zarco, a commander who influenced the victorious outcome of Ksar el-Kebir (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165).

The expedition’s numbers were relatively scarce, about 5,000 men, not counting the auxiliary personnel, “otros mil hombres que llebaban de servicio” (Corral Jam, 2000, p. 467). The troops were *makhazania*, “Dos mill atiradores de a pie, elches y andaluzes y moros de nacion de los principales que el tiene, Quinientos escopeteros de a caballo, les mejores de aquí” (Corral Jam, 2000, p. 467), and many were probably Ksar el-Kebir

73. Garcia-Arenal, (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 105). The date is still uncertain. The main source on the Songhay military campaign is the *Relacion de l’Anonime Espagnol* attributed to Baltazar Polo (Corral Jam, 2000, p. 77).

A “morisma de Roma” concentrou-se na retaguarda, “desde estos a dentro” (Mesa, 1630, p. 69). Era aqui que se encontrava o destacamento comandado por “Mahamet Hacercon que ya lo havian lamado de lara-che” (Oxeda, 1905, p. 605). Assim sendo, foi este contingente que defendeu, sem sucesso, as bagagens da pilhagem quando a vitória pareceu inclinar-se para os cristãos⁷²: “[...] algunos 3 o 4 000 alarves, y passaron por nuestras tiendas, y empearon a robar, diziendo que veniamos rotos [...]” (*Lettre d’un Medecin Juif ...*, 1905, p. 321). Na frente do exército estavam os *xarquias* e os atiradores montados, “sobresalientes en vanguadia [...] de los que dicen en cadena, porque van 15 ou 20 a la hila compartidos, unos tras otros por toda la frente, que son los primeros que acometen” (Mesa, 1603, p. 69v). A gravura de Andrada sugere que os *sipahis* se intercalavam entre os soldados da frente.

A maior parte da cavalaria distribuía-se em duas grandes alas, cujo objectivo era contornar e cercar o dispositivo inimigo, – “veniendo en forma circular, a tomar en medio los Cristianos” – executando um largo movimento fora do alcance das armas de fogo – “desviadas de la ofensa de nuestra artilleria” (Oxeda, 1905, p. 604): “[...] tanto que o exército del-Rei se começou a ir apartando da ribeira para o campo largo, começaram eles também a estender-se caminhando por diante com as pontas do exército ao redor do nosso [...]” (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191). Estas grandes massas de cavalaria estavam divididas em pequenos esquadrões – “la levavan en tropas” (Oxeda, 1905, p. 604) – como vimos acontecer em oued Derna, por exemplo. Alcácer Quibir foi, portanto, uma formulação muito próxima do esquema tático otomano.

Tondibi, 13 de Fevereiro 1591⁷³

A primeira preocupação de al-Mansur foi dotar a expedição com um trem de transporte que possibilitasse enfrentar um itinerário extraordinariamente exigente. Reuniram-se cerca de “mil hombres para gobernar camellos, ocho mil camelos y mil caballos de carga” (Corral Jam, 2000, p. 467), “pera os soldados poderem com comodidade passar os desertos [...]” (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165). Embora pareçam números exagerados, demonstram a importância dos animais de carga para acompanhar este exército, mesmo que de pequena dimensão. Outro aspecto curioso da logística da expedição é o transporte de “muchas cantidad de bizcocho” (Corral Jam, 2000, p. 459), alimento comum dos soldados europeus mas que não se encontra referido em fontes islâmicas. O comando da expedição

veterans. Djoudar also had “mil e quinientas lanças alarves, buena gente”, and “setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas” (Corral Jam, 2000, p. 467) – certainly from the more restricted corps of the sultan’s own guard.

The combat array took into consideration both the topography and the enemy’s numerical superiority. Djoudar took advantage of the proximity of the Niger River, which he “tomo por espaldas [...] porque los enemigos no le pudiesen rodear” (Corral Jam, 2000, p. 462). He deployed two esquadrões on the vanguard, the “Renegados a mano derecha, y a los Andaluces la izquierda” (Corral Jam, 2000, p. 462). The *pasha*’s command post was on the centre, *con la demás gente* (Corral Jam, 2000, p. 462): the “setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas”, a selected contingent of cavalry and, probably, the artillery. The baggage was left on the rear, and “muchas parte de la caballeria por guarda”. The chroniclers of the battle do not mention the position of the *sipahis*, but considering the examples from other battles – oued Derna, Ar-Rukn, Ksar el-Kebir –, they were probably deployed on the vanguard.

Mars al-Ramad (November 14th)⁷⁴ 1606⁷⁵

The civil war that followed the death of al-Mansur in August 1603 (Garcia-Arenal, 2009, p. 137) disintegrated the kingdom. The *xarife*’s three sons, Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Mawlay Zidan (*Mulei Zidão*) and Mawlay al-Shaykh (*Muley Abdala*, *Mulei Xequé*) (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 721), were the protagonists of the first phase. This initial cycle was closed by the battle of al-Ramad, in 1606, between the forces of *Mulei Buferes* and *Muley Abdala*.

Mulei Buferes fielded 12 000 infantry soldiers, “la mayor parte soldados viejos”, 4 000 *lança e adarga* (Henin, 1997, p. 55) horse and 15 cannons. The army of *Muley Abdala* was less numerous, with 5 000 foot, 1 000 horse and 16 cannons, but included 180 European mercenaries – curiously enough, Henin speaks of *corsairs* – *ingleses, flamencos y franceses* (Henin, 1997, p. 56). Infantry was now predominant over the mounted troops and both adversaries were assisted by *renegade* officers.

Mulei Buferes’s troops, which totalled some 16 000 soldiers, were deployed in a three-line formation. The vanguard was under the command of *alcaide Hamete ben Mansor Corito*, the *batalha* was commanded by the Tondibi veteran *pasha* Djoudar and the rearguard was under the command of *pasha* Suleiman⁷⁶. *Mulei Buferes* was situated between the two last lines, accompanied by his guard, under the command of *alcaide Ali*

72. [...] Desejavam mais roubar que combater, em vendo nos primeiros encontros alguns mouros por se em fugida, arremeteram a guarda da bagagem e roubaram tudo della o que acharam (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 104).

73. Garcia-Arenal, (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 105). A data é ainda um dado incerto. A principal fonte sobre a campanha militar do Songhay é a *Relacion de l’Anonime Espagnol* atribuída a Baltazar Polo (Corral Jam, 2000, p. 77).

74. Henin, 1997, p. 56.

75. *Conflict and conquest in the Islamic World*, 2011, p. 601.

76. Another *renegado* was Spanish, born in Cordoba (Mendonça, 1904, vol.2, p. 79).

foi entregue ao *pasha* Djoudar, andaluz, com outros dez oficiais dos quais quatro eram *renegados* (Es-Sadi, 1981) – um destes *alcaldes* era Mahamet Zarco, comandante influente no desfecho vitorioso em Alcácer Quibir (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165).

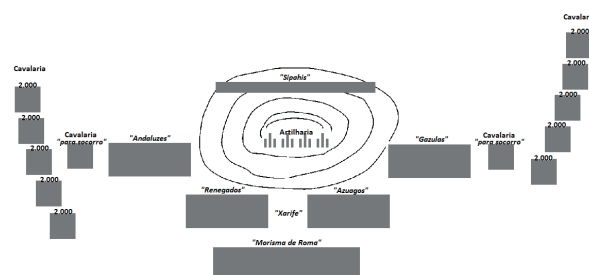
O efectivo era relativamente escasso, cerca de 5 000 homens, fora o pessoal auxiliar, "otros mil hombres que llebaban de servicio" (Corral Jam, 2000, p. 467). Tratava-se de soldados da *makhazania*, "Dos mill atiradores de a pie, elches y andaluces y moros de de nacion de los principales que el tiene, Quinientos escopeteros de a caballo, les mejores de aquí" (Corral Jam, 2000, p. 467), e muitos deles seriam veteranos de Alcácer. Djoudar contava ainda com "mil e quinientas lanças alarves, buena gente", e "setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas" (Corral Jam, 2000, p. 467) – certamente do corpo mais restrito da guarda pessoal do sultão.

O dispositivo de combate levou em consideração a superioridade numérica do inimigo e a topografia. Djoudar aproveitou a proximidade do rio Niger, que "tomo por espaldas [...] porque los enemigos no le pudiesen rodear" (Corral Jam, 2000, p. 462). Na *vanguardia* colocou dois *esquadrões*, os "Renegados a mano derecha, y a los Andaluces la izquierda" (Corral Jam, 2000, p. 462) O *pasha* fez o seu posto de comando no meio, *con la demás gente* (Corral Jam, 2000, p. 462) – os cerca de "setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas", um contingente escolhido de cavalaria e, provavelmente, a artilharia. A bagagem ficou na retaguarda, e "muchacha parte de la caballeria por guarda". Os cronistas da batalha omitiram a posição dos *sipahis*, mas se atendermos à prática noutras batalhas – oued Derna, Ar-Rukn, Alcácer Quibir – devem ter sido desdobrados pela vanguarda.

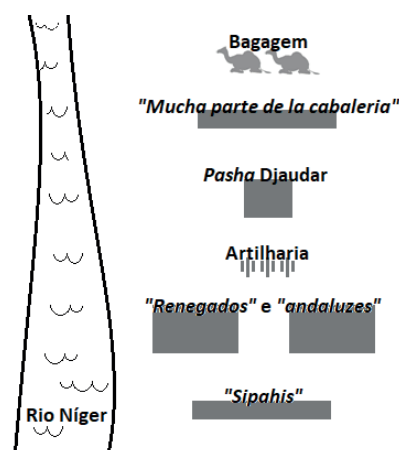
Mars al-Ramad (14 Novembro)⁷⁴ 1606⁷⁵

A guerra civil que se seguiu à morte de al-Mansor em Agosto 1603 (Garcia-Arenal, 2009, p. 137) desintegrou o reino. A primeira fase foi protagonizada pelos três filhos do *xarife*, Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Mawlay Zidan (*Mulei Zidão*) e Mawlay al-Shaykh (*Muley Abdala*, *Mulei Xeque*) (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 721). A batalha de al-Ramad, que em 1606 colocou frente a frente *Mulei Buferes* com *Muley Abdala*, fechou este ciclo inicial.

Mulei Buferes trazia 12 000 soldados de infantaria, "la mayor parte soldados viejos", 4 000 cavalos de *lança e adarga* (Henin, 1997, p. 55), e 15 canhões. O exército de *Muley Abdala* era menos numeroso, com 5 000 homens a pé, 1 000 cavaleiros e 16 canhões, mas contava com 180 mercenários – é curioso notar que Henin fala em *corsarios* europeus – *ingleses, flamencos y franceses*



20. Ordem de batalha sáida em Alcácer Quibir.
Saadi battle array at Ksar el-Kebir.



21. Batalha de Tondibi (1591).
Battle of Tondibi (1591).

*Zarcón Malloquín*⁷⁷. The artillery was deployed on the rearguard of the *batalha* and was supposed to deliver impromptu fire between the ranks of the front-line soldiers, which didn't actually happen⁷⁸. Another interesting fact is the corps of 1 000 cavalrymen that was meant to flank the enemy lines and fall upon the baggage; this manoeuvre also did not work, due to the fire from the enemy cannon, manned by the European.

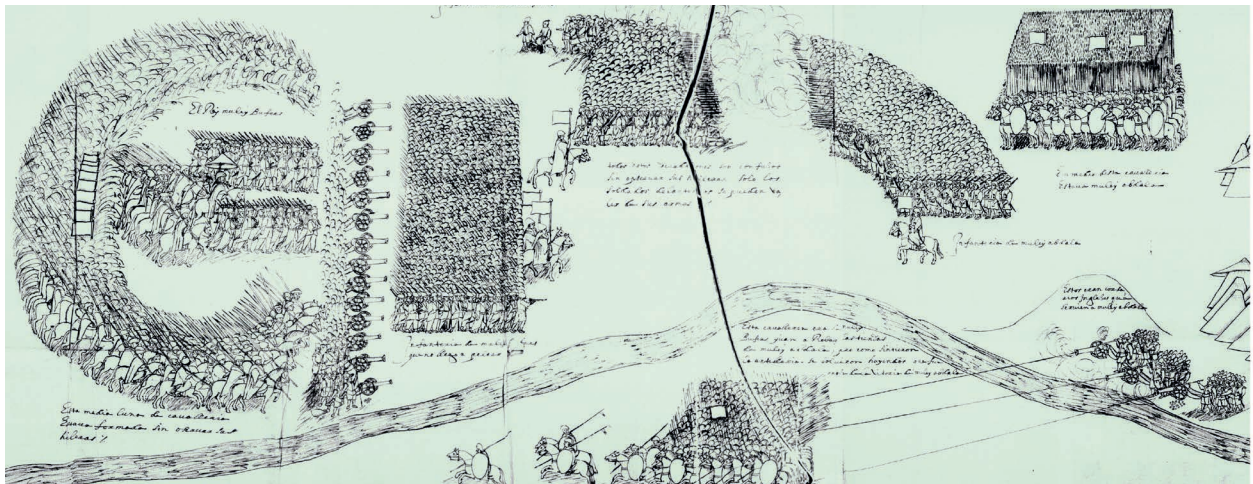
The left side of *Muley Abdala's* army rested on "un gran arroyo de água" (Henin, 1997, p. 56), in order to protect the flanks and avoid being surrounded. This battle array was much different from the one adopted by *Mulei Buferes* and much simpler. It consisted of two *esquadrões*, the first with the infantry under the command of *alcaldes* Hamu ben Seleme (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 99) and Ali Titauni (Henin, 1997, p. 57), while the cavalry was commanded by *alcaide Abdala Ras*; the artillery and the Christians were under the command of *alcaide Rageb*, *leonês renegado* (Henin, 1997, p. 57). Against all expectations, *Abdala* prevailed.

74. Henin, 1997, p. 56.

75. *Conflict and conquest in the Islamic World*, 2011, p. 601.

77. Henin, 1997, p. 56. This could be Mamet Zarcán (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 720).

78. [...] *Los soldados no supieron guardar ni observar el orden: se metieron todos delante de la artillería y muy cerrados, de manera que [the artillery] no fué de provecho* (Henin, 1997, p. 56).



22. Batalha de Mars al-Ramad (14 de Novembro de 1606), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), BNE, segundo desenho.
Battle of Mars al-Ramad (November 14th 1606), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), BNE, second drawing.

(Henin, 1997, p. 56). Predominava agora a infantaria sobre o efectivo montado, e os dois adversários eram coadjuvados por oficiais *renegados*.

As tropas de *Mulei Buferes*, cujo efectivo rondava os 16 000 soldados, adoptaram uma formatura em três linhas distintas. A vanguarda era comandada pelo *alcaide Hamete ben Mansor Corito*, a batalha pelo veterano de Tondibi *pasha* Djaudar, e a retaguarda pelo *pasha* Solimão⁷⁶; *Mulei Buferes* seguia entre as duas últimas linhas, acompanhado pela sua guarda às ordens do *alcaide Ali Zarcón Malloquín*⁷⁷. A artilharia ficou na retaguarda da batalha, e deveria disparar de improviso através das fileiras dos soldados na frente, o que de facto não aconteceu⁷⁸. Outro dado interessante é o corpo de 1 000 cavaleiros que deveria flanquear as linhas inimigas e cair sobre a bagagem; esta movimentação também não resultou devido ao fogo dos canhões inimigos, servidos pelos europeus.

O exército de *Muley Abdala* encostou o lado esquerdo a "un gran arroyo de água" (Henin, 1997, p. 56), com a intenção de proteger os flancos e evitar o cerco. O dispositivo era muito diferente do de *Mulei Buferes* e bastante mais simples. Compunha-se de dois esquadrões, o primeiro com a infantaria às ordens dos *alcaldes* Hamu bem Seleme (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 99) e Ali Titauni (Henin, 1997, p. 57), e a cavalaria comandada pelo *alcaide Abdala Ras*; a artilharia e os cristãos pelo *alcaide Rageb*, *leonês renegado* (Henin, 1997, p. 57). Contrariando as expectativas, foi *Abdala* quem levou a melhor.

76. Outro *renegado* era espanhol, natural de Córdova (Mendonça, 1904, v. 2, p. 79).

77. Henin, 1997, p. 56. Talvez seja Mamet Zarcán (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 720).

78. [...] *Los soldados no supieron guardar ni observar el orden: se metieron todos delante de la artillería y muy cerrados, de manera que [a artilharia] no fué de provecho* (Henin, 1997, p. 56).

CONCLUSION

"[...] In many respects, Morocco's entire sixteenth century was a prolonged military revolution [...]" (Cook Jr., 1994); the lengthy rise of the Saadi, from the first quarter of the 16th century onwards, was accompanied by the progressive introduction of new means and methods of warfare, which, after all, transforms the *revolution* into the notion of *evolution*. The use of firearms proliferated among the Moroccan populations; the weapons were introduced in the country in various ways, from illegal sales to the arrival of the *andaluzes*, who brought along the European technological novelties, and to the *renegados*' entry into service. And even if the Ottomans played a doubtful part, mainly when their westward progress in the Mediterranean clashed with the autonomous living of the peoples from the occidental extremity of the Maghreb, the influence of a victorious military battlefield practice was naturally adopted – and adapted.

The battles analysed herein share some common elements with what is referred to as the *classic Ottoman array*. The chroniclers offer the most obvious filiation, as they unanimously assess the origins of the *orden turquesca* associated to the *lunada* or half-moon formation. This was the battle array of the Saadi army in the battles of Ar-Rukn and Khaynuqar-Rayhan, Alcácer Quibir and Mars al-Ramad: a linear array with the flanks reinforced by troop formations situated in advanced positions, as can be seen on the Ottoman miniatures of the battles of Mohács (1526) and Mezőkeresztes (1596); hence the confusion when referring to several lines and, at the same time, to the semicircular form.

The creation of a core of permanent troops – the *makhazania* –, salaried, experienced and equipped with modern weaponry is yet another example of the Ottoman influence in the Saadi armies. Besides, the more militarily effective troops, the *andaluzes* and

CONCLUSÃO

"[...] In many respects, Morocco's entire sixteenth century was a prolonged military revolution [...]" (Cook Jr., 1994); a longa ascensão dos Sádidas, desde o primeiro quartel do século XVI, foi acompanhada pela progressiva introdução de novos meios e métodos de fazer a guerra, o que, afinal, transforma a *revolução* na noção de *evolução*. Proliferaram as armas de fogo entre as populações de Marrocos, introduzidas no país por diversas vias desde a venda ilegal ou a chegada dos *andaluzes*, que trazem as novidades tecnológicas da Europa, e a entrada ao serviço de *renegados*. E mesmo que os otomanos tenham desempenhado um papel equívoco, sobretudo quando a progressão pelo Mediterrâneo entrou em conflito com a vivência autónoma dos povos da ponta ocidental do Magrebe, a influência de uma prática militar vitoriosa no campo de batalha foi naturalmente adoptada – e adaptada.

As batalhas que se analisaram têm elementos comuns com o que se designa por dispositivo *clássico* otomano. A filiação mais óbvia colhe-se nos cronistas, unânimes ao avaliar a origem da *ordem turquesca* que associam à formatura *lunada*. Esta é configuração do exército sádida nas batalhas de Ar-Rukn e Khaynuqa-r-Rayhan, Alcácer Quibir e Mars al-Ramad. Trata-se de um dispositivo linear cujos flancos são reforçados com formações de tropas em posição mais avançada, como podemos ver nas iluminuras otomanas da batalha de Mohács (1526) e de Mezökeresztes (1596); e daí a frequente confusão quando se fala em várias linhas e, ao mesmo tempo, da forma semi-circular.

A criação de um núcleo de tropas permanentes – a *makhazania* – pagas, experimentadas, e equipadas com as armas modernas, é outro reflexo da influência otomana nos exércitos sádidas. Também as tropas mais militarmente mais competentes, os *andaluzes*, mas sobretudo os *renegados* cristãos, se podem equiparar aos *yeniçeri* de origem europeia. A própria evolução do contingente militar sádida atribui um peso crescente às tropas apeadas: a realidade da época de es-Shaiq é, de facto, bem diversa do tempo da expedição ao Songhai.

Mas se a principal força do exército sádida residia na *makhazania*, era também aqui que residia a sua maior debilidade. Os soldados oriundos do Norte de África asseguravam uma lealdade muito limitada; as tensões eram constantes, sobretudo devido à crescente preponderância dos *renegados* e *turcos* sobre os restantes contingentes. Porém, foi a desintegração dos recursos militares numa miríade de batalhas que consumiu e minou qualquer possibilidade de reconstrução do *estado sádida* (Cook Jr., 1994).

particularly the Christian *renegados*, are equitable to the *yeniçeri* of European origin. The evolution of the Saadi military contingent attributes a growing relevance to the foot soldiers: the reality from the times of ash-Sheikh is very different indeed from the times of the Songhai expedition.

But if the main force of the Saadi army was the *makhazania*, then it was also its greatest weakness. The loyalty of the North African soldiers was very limited; tensions were a constant, mostly due to the growing preponderance of the *renegados* and *turcos* over the other contingents. However, it was the disintegration of the military resources over a myriad of battles that consumed and undermined any possibilities of reconstructing the *Saadi state* (Cook Jr., 1994).

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

ABUN-NASR, Jamil M. (1987) – *A History of the Maghrib in the Islamic Period*. Cambridge: Cambridge University Press.

ÁGOSTON, Gábor (2005) – *Guns for the Sultan. Military Power and the Weapons Industry in the Ottoman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.

AKSAN, Virginia (1999) – Ottoman War and Warfare. In BLACK, Jeremy, ed., *War in the Early Modern World 1450-1815*, Exeter: UCL. p. 147-175.

ANTOCHE, Emanuel Constantin (2004) – Les expéditions de Nicopolis (1396) et de Varna (1444): une comparaison. *Annals of the University «Dunărea de Jos»*, t. III, fasc. 19. Galați: UDJ, p. 47-78.

ANDRADA, Miguel Leitão de (1993) – *Miscelânea*. Lisboa: INCM.

Anónimo (1987) – *Crónica do xarife Mulei Mahamet e d'el-Rei D. Sebastião*. Rio de Mouro: Europress.

Anónimo (2004) – *Jornada de África del Rei D. Sebastião Escrita por um Homem Africano*. Lisboa: Livro Aberto.

Anónimo (1978) – *Jornada del-rei dom Sebastião a África/Crónica de dom Henrique*. Lisboa: INCM.

Anónimo (1905) – *Relacion de le capitfe italien*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.* 1.^a série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 662-669.

Anónimo (1905) – *Relação do captivo português*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.*, 1.^a série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 654-60.

Anónimo (1904) – *Lettre d'un Medecin Juif a son Frère*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.*, 1.^a série, Inglaterra, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 312-21.

AUBIGNÉ, Agripa (1905) – *Relacion de Agripa D'Aubigné*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.*, 1.^a série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 628-48.

BERTHIER, Pierre (1984) – *La bataille de l'oued El-Makkazem, ditte bataille des trois Rôis (4 Aout 1578)*. Paris: CNRS.

BOVILL, E. W. (1968) – *The Golden Trade of the Moors*. Londres: Oxford Press.

BRAUDEL, Fernand (1995) – *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, v. 2. Lisboa: D. Quixote.

CASTRIES, Henri de (1923) – *La conquête du Soudan par el Mansour (1591)*. *Hespéris*, t. 3. Casablanca: FLSH.

CONESTAGGIO, Jeronimo de Franchi (2017) – *História da União de Portugal à Coroa de Castela*. Lisboa: Althum.com.

COOK JR., Weston F. (1994) – *The Hundred Years War for Morocco: Gunpowder and the Military Revolution in Early Modern Muslim World*. Boulder: Westview Press.

CORRAL JAM, José (2000) – *Ciudades de las Caravanas, Itenerarios de Arquitectura Antigua de Mauritania 1978-1981*. Granada: Fundación el legado Andalusi.

CRUZ, Frei Bernardo (1903) – *Chronica D'El Rei D. Sebastião*. Lisboa: Scriptorio.

DZUBINSKY, A. (1972) – L'Armee et la flotte de guerre marocaines á l'époque de lees sultans de la dynastie saadienne. *Hesperis-Tamuda*, v. XIII. Casablanca: FLSH.

EL-OUFRANI, Mohammed Esseghir (1889) – *Nozhet-Elhâdi. Histoire de la Dynastie Saadienne au Maroc (1511-1670)*. Paris: Ernest Ledoux.

ES-SA'DI, Abderrahman Ben Abdallah Ben (1981) – *Tarikh Es-Soudan*. Paris: E. Leroux.

FAGNAN, E. (1924) – *Extraits inédites relatifs du Maghreb*. Argel: Jules Carbonel.

FARINHA, Dias (1983) – *Os Xarifes de Marrocos*. Lisboa: Estampa.

FARINHA, Dias (1999) – *Os Portugueses em Marrocos*. Lisboa: Instituto Camões.

GARCÍA-ARENAL, Mercedes (1984) – Los andalusíes en el ejército sa'di: un intento de golpe de estado contra Ahmad al-mansur al-dahabi (1578). *Al-AQantara*, v. 5. Madrid: CSIC.

GARCIA-ARENAL, Mercedes (1988) – Vidas ejemplares: Sa'id Ibn Faray al-Dugali, (m. 987/1579), un granadino en Marruecos. In GARCÍA-ARENAL, M.; VIGUERA, M., eds., *Relaciones de la Península Ibérica com el Magreb siglos XIII-XVI*, Actas del Coloquio. Madrid: IHAC.

GARCIA-ARENAL, Mercedes (2009) – *Ahmad al-Mansur. The Beginnings of Modern Morocco*. Oxford: Oneworld.

HEATH, Ian (1984) – *Armies of the Middle Ages*, v. 2. Sussex: WRG.

HENIN, Jorge de (1997) – *Descripción de los reinos de Marruecos*, Casablanca, IEA.

HESS, Andrew C. (1978) – *The forgotten Frontier. A History of the sixteenth-Century Ibero-African Frontier*. Chicago: University Press of Chicago.

KHALDUN, Ibn (1967) – *The Muqaddimah*, v. 2. London: Routledge.

L'Art des chevaleires en pays d'Islam. Collection de la Fursiyya Foudation (2007) – Milano: Skira.

LOPES, David (s/d) *A expansão em Marrocos*. Lisboa: Caminho.

MÁRMOL CARVAJAL, Luís de (1573) – *Primera parte de la Descripcion general de Affrica*. Granada: Rene Rabut.

MARSIGLI, Comte de (1732) – *L'Etat Militaire de l'Empire Ottoman*. Hague: Pietro Grosse.

MASCARENHAS, João (1993) – *Eslave à Alger*. Paris: Chandeigne.

MENDONÇA, Jerónimo de (1904) – *Jornada a África*, v. 1. Lisboa: Scriptorio.

MENESES, D. Duarte de (1905) – *Relação de D. Duarte de Meneses*. In CASTRIES ; H., *S.I.H.M.*, 1.^a série, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 649-53.

MURPHEY, Roads (1999) – *Ottoman Warfare 1500-1700*. London: UCL Press.

NICOLAY, Nicolas de (2015) – *Les quatre premiers livres des navigations et pérégrinations orientales*. France: Editons Chapitre.com.

NICOLLE, David (2001) – *The Moors and the Islamic West 7th-15th Centuries AD*. London: Osprey.

NICOLLE, David (1995) – *The Janissaries*. London: Osprey.

NICOLLE, David (1983) – *Armies of the Ottoman Turks 1300-1774*. London: Osprey.

NIETTO, frei Luís (1905) – *Relación de las guerras de Berbería e del sucesso y muerte del Rey D. Sebastián*, In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.* 1.^a série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 437-505.

OLIVEIRA, Vítor Amaral de (2002) – *Sebástica, Bibliografia Geral sobre D. Sebastião*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade.

OMAN, Charles (1991) – *Art of War in the Middle Ages*, v. 2 (1278-1485). London: Greenhill Books.

OMAN, Charles (1987) – *Art of War in the sixteen Century*. London: Greenhill.

OXEDA, Luís de (1905) – *Relacion de la batalla de el-Ksar el Kebir*, in *Les sources inédites pour l'histoire du Maroc*, In CASTRIES, H., ed., S.I.H.M. 1.ª série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 575-627.

PLUMMER III, Comer 82015) – *The roads to Ruin. The War for Morocco in the Sixteenth Century*. Wroclaw: Lulu.

RAINERO, R. (1966) – La Bataille de Tondibi et la Conquête Marocaine de l'Empire Songhay. *Geneva-Africa*, v. 5, n.º 2. Paris: La Haye, p. 217-47.

RODRIGUEZ AMAYA, Esteban (1948) – *Una Relación Desconocida de la Expedición á Africa Del Rey Don Sebastián*. Lisboa: Bertrand.

SALDANHA, António (1997) – *Crónica de Almançor*. Lisboa: IICT.

SMITH, Robert S. (1976) – *Warfare and Diplomacy in Pre-Colonial West Africa*. Norwich: Methuen & Co.

SOUSA, Luís Costa e (2008) – *A Arte na Guerra. A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos*. Lisboa: Tribuna.

SOUSA, Luís Costa e (2009) – *Alcácer Quibir 1578. Visão ou Delírio de um Rei?* Lisboa: Tribuna.

SOUSA, Luís Costa e (2017) – Revisitar a Batalha de Alcácer Quibir. *E-Strategica*, nº 1. Murcia: AIHM.

TORRES, Diego (1984) – *Relación del Origen y suceso de los Xarifes y del estado de los Reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*. Madrid: Siglo Veintiuno.

TERRASSE, Henri (1950) – *Histoire du Maroc*. Casablanca: Éditions Atlantides.

THORNTON, John K. (1999) – *Warfare in Atlantic Africa 1500-1800*. London: UCL.

UYAR, Mesut and ERICKSON, Edward J. (2009) – *A Military history of the Ottomans. From Osman to Atatürk*. Santa Barbara, ABC-CLIO.

VALENSI, Lucette (1996) – *Fábulas de Memória: a gloriosa batalha dos 3 reis*. Porto: Asa.

VECELLI, Cesare (2008) – *The Clothing of the Renaissance World*. London: Thames and Hudson.

VELOSO, Queirós (1945) – *D. Sebastião 1554-1578*. Lisboa: E. N. P.

YAHYA, Dahiru (1981) – *Morocco in the sixteenth Century: Problems and Patterns in African Foreign Policy*. Bristol: Humanities Press.

Este livro constitui-se como uma colectânea de estudos decorrentes do projecto de investigação «Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do “Algarve de Além-Mar” (séculos XV a XVII)». Aborda a presença portuguesa nesta região do Magrebe entre o Estreito de Gibraltar e o rio Cebu, uma área estratégica na ligação histórica entre o Mediterrâneo e o Atlântico, a Europa e África. Considera uma perspectiva comparativa com os estabelecimentos espanhóis coevos nesta zona, sem deixar de olhar a realidades prévias à intervenção ibérica.

This book is a collection of studies arising from and/or related to subjects addressed in the scope of the research project *Spaces and lifestyles of the Portuguese period in North Africa: cities and towns of the “Overseas Gharb” (15th to 17th centuries)*. It focuses on the Portuguese presence in the Maghreb, between the Strait of Gibraltar and the Cebu River, a strategic region that served as a link between the Mediterranean and the Atlantic, but also between Europe and Africa, throughout history. A comparative perspective on the coeval Spanish establishments in the region was deemed essential, as well as considering its realities prior to the Iberian interventions.